

# A HISTÓRIA EM NOTÍCIA



VOLUME II  
1551-1575










# A HISTÓRIA EM NOTÍCIA

"Da Descoberta do Brasil aos nossos dias"

VOLUME II  
1551 - 1575

1962  
EDITORA GB RIO LTDA.  
R. Primeiro de Março, 22 - 2.º And. — Tel.: 31-2297  
RIO DE JANEIRO (GB)



Direção e supervisão  
AMARAL NETTO

Assessoria histórica  
GUSTAVO BARROSO  
e  
JAYME COELHO

Redação  
CLÁUDIO SOARES  
RUBEM DE AZEVEDO LIMA  
ZUENIR CARLOS VENTURA

Revisão  
GABRIEL CHAVES DE MELO

Paginação  
WALDYR FIGUEIREDO

Impressão: ARTES GRÁFICAS GOMES DE SOUZA S. A. — R. Luiz Câmara, 535 — Rio

*Reservados todos os direitos de reprodução ou adaptação de textos*

# Contando a História

## ...e a História continua

1551-1575. Segundo volume de A HISTÓRIA EM NOTÍCIA. Vinte e oito números de O BRASIL EM JORNAL já publicados. Segundo degrau da escada jornalística que nos levará à publicação de uma inédita enciclopédia histórica.

Ele é atingido quando, ao mesmo tempo, lançamos, em discos e na televisão, O REPÓRTER DA HISTÓRIA, adaptação de O BRASIL EM JORNAL, que completa assim um verdadeiro ciclo revolucionário no ensino da História do Brasil e do Mundo.

Como dissemos na apresentação do Volume I, "um marco no ensino às crianças e no aprimoramento do grau de cultura dos adultos, educando e divertindo a ambos."

Dia a dia, engrandecemos a nossa biblioteca e aprofundamos a pesquisa de dados nas melhores fontes nacionais e estrangeiras. Da tentativa que parecia ser nos seus primeiros números, O BRASIL EM JORNAL é hoje uma realidade e uma afirmação de que é possível fazer algo de novo e de revolucionário no terreno cultural, com a compreensão dos leitores brasileiros.

Autoridades educacionais, mestres, intelectuais, professores e alunos de todos os graus aplaudiram com entusiasmo esta iniciativa, que conseguiu um recorde de penetração com o Volume I.

Aqui está, agora, o segundo volume com as reportagens, crônicas, notícias e gravuras sobre o período de 1551 a 1575.

O nosso muito obrigado a todos quantos compreenderam, aplaudiram e apoiaram este empreendimento, que, acima de tudo, se destina a dar a cada um, seja qual for o seu grau de cultura, uma medida exata de como viveram os homens e de como se sucederam os fatos, desde o Descobrimento do Brasil até os nossos dias, dentro da mais moderna técnica jornalística.

Tivemos e teremos sempre em mente a frase de Albert Camus: "O jornalista é o historiador do momento."

O EDITOR.

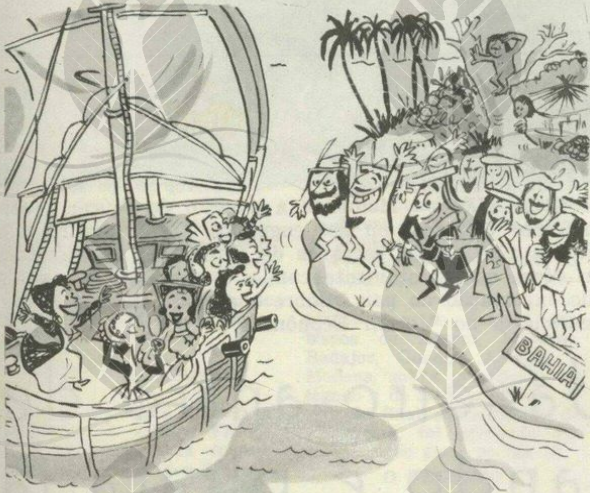




# RIO DE JANEIRO, ANTRO DE CONTRABANDO E PIRATARIA

Em entrevista exclusiva a O BRASIL EM JORNAL, o governador Tomé de Sousa confirma sua carta a D. João III no sentido de que não permanecerá no Brasil "nem um dia além do fim do seu mandato" que expira a 7 de janeiro do próximo ano.

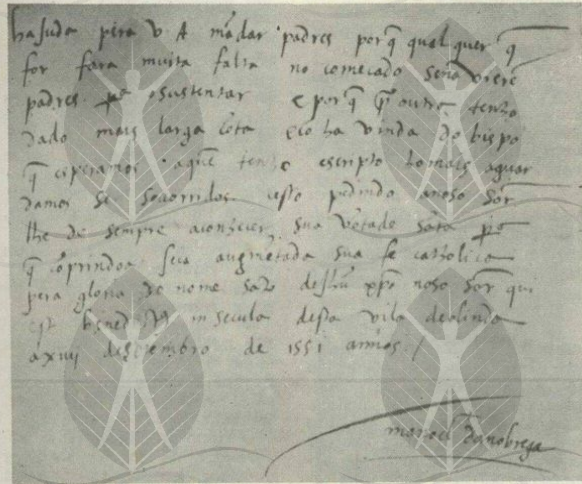
As importantes declarações de Tomé de Sousa que, inclusive, abordam incisivamente o problema do Rio de Janeiro, vão publicadas na página 2 desta edição.



## "PERNAMBUCO ESTÁ QUE É PECADO SÓ"

Com permissão especial de Manuel da Nóbrega, O BRASIL EM JORNAL reproduz a última página da carta que aquele jesuíta em missão nas terras brasileiras enviou ao rei D. João III. A assinatura de Nóbrega, pela primeira vez, em furo mundial, é reproduzida num órgão de imprensa.

Ela endossa graves e causticantes críticas à situação moral da capitania de Pernambuco, críticas essas que o jesuíta repetiu para O BRASIL EM JORNAL em entrevista que vai publicada na página 2.



## Devem continuar as torturas?

Recentes livros publicados na Europa dão conta detalhada dos suplícios e torturas a que são submetidos tanto os presos comuns como os políticos.

Esses livros estão provocando intensos debates entre os que são favoráveis e os que são contrários à utilização desses métodos terríveis para obter confissões.

Em reportagem publicada na página 3 apresentamos um resumo descritivo dos suplícios catalogados nos livros em causa.

## ESCOLHIDO BISPO PARA O BRASIL

Roma, 25, fevereiro, 1551 (Do correspondente)

Oficialmente, hoje, o papa Júlio III designou o bispo para o Brasil, atendendo a pedidos do rei português, D. João III.

O escolhido para esta importante missão é D. Pedro Fernandes Sardinha, português natural de Évora e que fez seus estudos em Paris.

O assunto estava sendo objeto de debates desde julho do ano passado.

# Portuguêsas vieram casar no Brasil

Salvador, dezembro, 1551 (Do correspondente)

Com gente e material para o prosseguimento das obras desta cidade, acaba de chegar de Portugal uma esquadra sob o comando de Antônio de Oliveira.

Uma notícia causou alvoroço na Bahia: a bordo de um dos navios, vinha um contingente de moças casadouras. A população masculina, entusiasmada, foi vê-las desembarcar.

As moças, algumas nobres órfãs de Lisboa, foram mandadas com reco-

mendações especiais da rainha de Portugal, D. Catarina, para que o governador Tomé de Sousa as casasse com gente distinta.

Nos navios também vieram escravos negros da África e alguns rapazes órfãos que aqui vão se radicar.

## O Brasil em Jornal

1551 N.º 15	"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"	Comum: Cr\$ 10,00 Aéreo: Cr\$ 12,00 Atrasado: Cr\$ 15,00
Diretor: AMARAL NETTO	Assesores: GUSTAVO BARROSO JAYME COELHO	Redator-chefe: CLAUDIO SOARES

## Terremoto em Lisboa

Lisboa, 1551 (Do correspondente) — URGENTE

Um tremor de terra abalou os alicerces desta cidade cuja população, em pânico, saiu para as ruas, que se fendiam à sua passagem.

Nas igrejas, o povo rezou em altas vozes, e muitos templos, cheios de fiéis, desabaram, fazendo centenas de vítimas.

Após o terremoto, uma chuva torrencial caiu sobre a cidade, impossibilitando o socorro aos feridos.

Cálculos feitos por este correspondente avaliam em 2 mil, pelo menos, o número de mortos na catástrofe. Passado o temporal, já com o povo mais calmo,



Lisboa — Tóda ela tremeu

córreram-se as ruínas em busca dos desaparecidos. As autoridades recelam, agora, uma epidemia de graves conseqüências.

Nas ruas, o número de crianças abandonadas e de esmoleres é enorme.

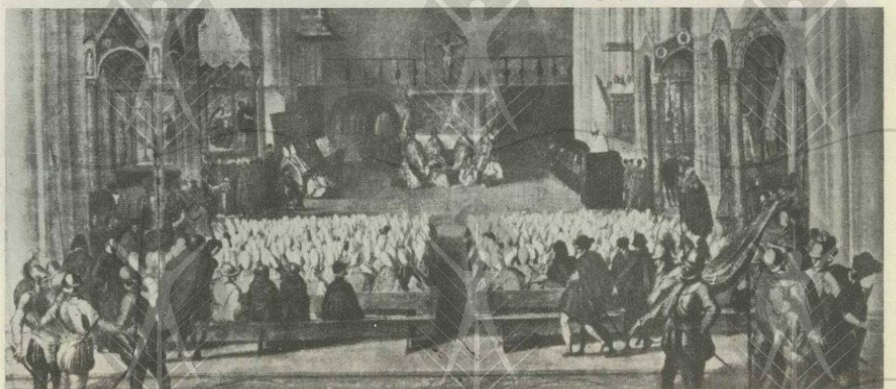
O rei D. João III determinou que fossem mandados a esta cidade todos os gêneros alimentícios de que a população precisa. Muitos navios rumam para Lisboa com trigo e azeite para os desabrigados.

## REABERTO GRANDE CONCÍLIO DA IGREJA

No dia 1º de setembro deste ano da graça de 1551, foi reaberto novamente em Trento, o grande Concílio da Igreja. Nosso enviado especial ao magno concílio, Antônio Melledonne, enviou-nos completo noticiário do acontecimento. A Sagrada Eucaristia e a Extrema Unção são dos mais importantes pontos de debates e decisões.

Sobre o transcendental acontecimento, publicamos na página 3 a reportagem enviada especialmente para O BRASIL EM JORNAL por Antônio Melledonne.

Devemos ao grande pintor Ticiano a reprodução da sessão de reinstalação do Concílio como se vê na gravura que estampamos.



# "PERNAMBUCO ESTÁ QUE É PECADO SÓ"

Olinda, 14, setembro, 1551 (Do correspondente)

Pecados em Pernambuco não são maiores que os de outros lugares do Brasil, mas são mais velhos e mais difíceis de extirpar que todos eles juntos, apesar do virtuosíssimo capitão Duarte Coelho.

A revelação foi-nos feita hoje pelo jesuíta Manuel da Nóbrega, ora em viagem de inspeção pelo Nordeste do país.

Segundo Nóbrega, os clérigos desta terra têm mais offício de demônio que de sacerdotes.

«O mau exemplo, disse-nos Nóbrega, e os péssimos costumes dos religiosos (há exceções, felizmente) contrariam as doutrinas de Cristo. O pior é que eles nos querem mal porque os contrariamos.» Manuel da Nóbrega faz uma sugestão ao rei, por nosso intermédio: «Tire-se a Duarte Coelho a jurisdição sobre Per-

nambuco. Nada tenho contra o capitão, que considero uma pessoa íntegra. Apenas acho que ele não está mais em idade de comandar.»

## MULHERES E CRIANÇAS

O jesuíta relata algumas irregularidades que teve oportunidade de constatar em sua viagem de inspeção:

«Muitas índias e crianças jamais tinham dado atenção às pregações de nossos antecessores. Quanto a isso já demos remédio. As filhas de cristãos serão confinadas para que não pequem mais. Sobre a infância abandonada, já há um plano de ação: estamos construindo um colégio aqui mesmo em Olinda, onde os meninos e meninas possam fazer seu aprendizado em bases cristãs.»

Mas Nóbrega enumera as dificuldades com que luta: os jesuítas (muito respeitados aqui) são insuficientes e os próprios cristãos criam grandes embaraços à obra evangelizadora.

«Gente de relêvo na sociedade pernambucana, que vivia irregularmente com mulheres índias, foi intimada a contrair matrimônio e não nos obedece. Eles alegam que isto lhes acarretaria a perda de uma escrava. A mesma alegação é feita quando cogitamos de casar os indígenas.»

Nóbrega conclui suas declarações revelando que o sertão de Pernambuco está cheio de cristãos que vivem como selvagens e faz um apelo ao rei D. João III: mande mais jesuítas para o Brasil.



**MELHORA O AÇÚCAR BRASILEIRO** — Melhorou a posição do açúcar brasileiro em Londres. No flagrante colhido num dos engenhos que se multiplicam por todo o país vêem-se índios e já alguns escravos da Guiné que se misturam nos afazeres da fabricação desse que, juntamente com o pau-brasil, é o mais importante produto de exportação do país. Sobre o assunto publicamos noticiário no "Jornal Econômico".

## Rio de Janeiro antro de contrabando e pirataria

Salvador, 18, julho, 1551 (Do correspondente)

Cansado e saudosos de sua família, em Portugal, o governador-geral do Brasil, sr. Tomé de Sousa, solicitou, hoje, ao rei D. João III, demissão irrevogável de seu cargo.

Tomé de Sousa encerra seu tempo de serviço em 7 de janeiro próximo. Escrevendo ao soberano português, ele lembra que vai completar os três anos de atividade no governo e faz um apelo: «nem mais um dia!»

### O QUE SE FEZ

Falando a O BRASIL EM JORNAL, o governador confirmou-nos a notícia após escrever a D. João III e historiou seus dois anos e meio à frente do governo.

## BRÁS CUBAS VAI RECEBER RENDAS DO REI

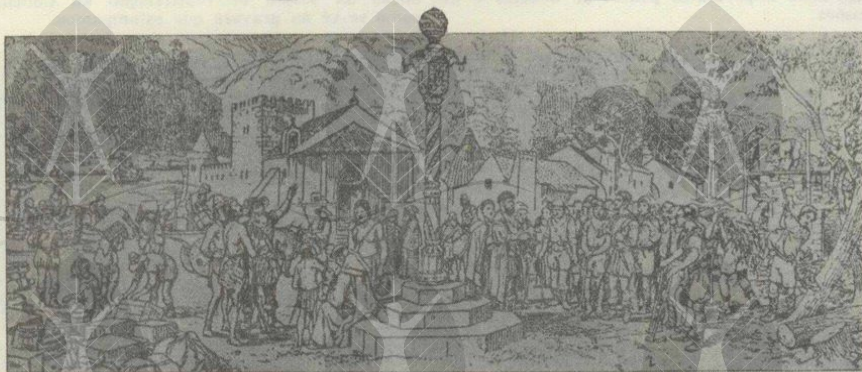
São Vicente, 1º, julho, 1551 (Do correspondente)

Com a participação (2%) em todos os direitos a serem recolhidos para o erário português, acaba de ser nomeado para o posto de provedor e contador das rendas desta capitania o sr. Brás Cubas.

A nomeação foi feita no mês passado, em Almeirim (Portugal), pelo próprio rei D. João III.

Nesta cidade informa-se que o governador do Brasil, sr. Tomé de Sousa, já recebeu instruções para dar posse ao novo funcionário da coroa portuguesa.

Brás Cubas é um vulto bastante conhecido e acatado no Sul do país, mercê de sua atividade incessante em favor do progresso da colônia. Em sua fôlha de serviço já consta mesmo a fundação de uma cidade (Santos). A nomeação foi bem recebida aqui.



SAO VICENTE — Flagrante do centro da vila

— Correu-se o litoral como se pôde, à falta de recursos — declarou-nos. As obras na capital do país estão quase todas concluídas. O gado foi introduzido racionalmente no Brasil. As coisas de religião marcham para desfecho feliz, em virtude dos religiosos que comigo trouxe. Esta é minha fôlha de serviços.

O governador lembra-nos o incidente com o capitão Cristóvão Cabral, quando teve de lhe tirar o comando do navio:

«Pareceu-me que Cabral abandonou Pero de Góis. Tinha de puni-lo. Outro ato de força a que fui obrigado, e muito me custou executá-lo, foi a morte de uns selvagens insubordinados.»

### ECONOMIA

Na carta, Tomé de Sousa recomenda ao rei D. João III, para o progresso do Brasil, uma providência que considera importante: extinção de cargos.

«Cargos como os de provedor-mor, almoxarife e capitão-do-mar podem perfeitamente ser extintos com vantagens para o erário e para o governo, disse-nos ele.

E explicou-nos:

«A pasta da Fazenda ficaria a cargo do ouvidor. Sempre seria mais bem obedecido quem fiscalizasse as arrecadações com poderes de justiça. Quanto ao tesoureiro, acredito que ele também possa exercer o posto de almoxarife de armazéns, porque é tudo uma tarefa só. Capitão-do-mar é desnecessário, pois, quando se precisasse de alguém que corresse o litoral, algum elemento de confiança seria comissionado no posto. Tais dispensas, continuou o governador, acarretariam uma economia de milhares de cruzados.»

### FRANCESES

O governador chama a atenção do repórter para um dos mais sérios problemas do país: o contrabando e a pirataria.

«Nosso comandante de Marinha, sr. Pero de Góis, já lhe deve ter contado as dificuldades por que passou para varrer os franceses dos mares brasileiros. Dificuldades insuperáveis... De regresso a esta cidade, Góis trouxe-me dois franceses, agentes entre os

índios. Eu devia enforcá-los imediatamente. Só não o fiz porque ambos podem prestar-me algum serviço: um é intérprete e outro é ferreiro, profissão de que precisamos muito no Brasil. Agora, os dois, que não custam um centil ao Estado, servem-me na Capital.»

O governador interrompe sua explicação para atender a um despacho. Depois, com um gesto de desalento, ao lembrar-se do ponto em que ficara, acrescenta:

«O Rio de Janeiro é um antro de contrabando e pirataria, bem nas nossas barbas!...»

### OURO PARA O REI

Uma das grandes preocupações de seu governo é a procura das minas de ouro no Brasil. O governador menciona várias tentativas já feitas nesse sentido:

«Em novembro passado mandei um navio a pesquisar pelo interior dos rios. Até agora não tive notícias dele, diz-nos.

A crença de Tomé de Sousa nas riquezas minerais do Brasil é extraordinária e ele no-la comunica:

«Esperemos em Deus que Ele nos praza dar outro país como o Peru a D. João III. Porque Brasil é Peru são uma coisa só. O que há por lá deve, também, existir aqui.

O rumo da exposição do governador se encaminha para o setor econômico de sua administração. Ele nos confirma nosso furo do número anterior: realmente mandou trazer gado das ilhas portuguesas para o Brasil.

### MOTIVOS DA DEMISSÃO

Tomé de Sousa passa a justificar o pedido que encaminhou ao rei D. João III:

«Tenho em Portugal minha mulher já bastante idosa e uma filha solteira que requerem meus cuidados. Embora, sem falsa modestia, reconheça os méritos de meu trabalho, os motivos que alego para minha dispensa ao término dos três anos regulamentares, são de muito peso. Acredito que o rei me atenderá. Trata-se mesmo de caridade e diante disso Sua Majestade cederá a meus argumentos.»

# Reaberto grande Concílio da Igreja

Trento, 25, novembro, 1551  
(De António Melledonne).

«Reabrimos o concílio e declaramos que ele procederá aos atos ulteriores». Com estas palavras, pronunciadas no dia 1º de maio último, o legado, depois que todos os participantes concordaram (com um «placet»), reiniciou os trabalhos conciliares, que completam sua quarta sessão.

A 11ª sessão, a primeira desta segunda fase, foi apenas formal. A ela compareceram, além dos três presidentes e do cardeal da cidade, quatro arcebispos, dez bispos (seis espanhóis), quatro doutores espanhóis, um tridentino e dois alemães. Nenhum francês compareceu, e, no banco dos embalsadores, só Francisco de Toledo estava sentado, representando o imperador.

## SOBRE A EUCHARISTIA

Sob a atmosfera carregada pelo conflito com a França (veja detalhes nesta mesma página), foi aberta a 12ª sessão, no dia 1º de setembro, com a presença de sete arcebispos, 26 bispos, 25 teólogos

menores, além dos três presidentes e do cardeal Madruzzo.

Na quinta-feira, 3, um exemplo dos artigos sobre o sacramento da Eucaristia, tirados dos livros de Lutero, foi remetido a todos os teólogos, fixando-se o dia 8 para deliberar-se sobre o assunto.

Os primeiros a falar foram os jesuítas Jacques Laynez, um dos fundadores da Companhia de Jesus, e Afonso Salmeron, enviados especiais do Papa. Ficou decidido, por sugestão do legado, que nesta sessão, como na anterior, não se discutiriam problemas controversos, limitando-se à questão da defesa da fé católica contra as opiniões heréticas.

A comissão encarregada da redação dos cânones foi composta dos arcebispos de Mayence e de Sassari, dos bispos de Agram, Bitombo, Badajoz, Guadix, Astorga e Modena, sob a presidência do legado e de seus assessores. A redação final, sob a direção de Lippomani, foi aprovada em congregação geral no dia 10.

## O DECRETO

No dia 11 de outubro, foi aberta a 13ª sessão, com o ce-

rimonial de costume. Havia no momento, 40 teólogos nesta cidade. O importante decreto sobre a Eucaristia foi redigido em oito capítulos, precedidos de um grande preâmbulo. Os títulos dos capítulos indicam o conteúdo. O primeiro, por exemplo, chama-se: «Da presença real de N. S. Jesus Cristo no Santo Sacramento da Eucaristia». Em seguida, vêm os 11 cânones, que têm por objetivo combater as heresias contra a Eucaristia. O primeiro cânone é intitulado: «Na Eucaristia, o Cristo está realmente presente».

A este decreto dogmático, foi acrescentado, conforme a prática do concílio, um decreto de reforma do poder dos bispos, a respeito da luta contra os abusos. O objetivo desta legislação é dar à autoridade episcopal toda a força, sem, no entanto, privar os clérigos menores das garantias de justiça a que têm direito. O concílio achou que devia continuar com a mesma matéria na sessão seguinte, marcada para hoje.

## A EXTREMA-UNÇÃO

Após a promulgação dos decretos citados, o legado Crescenzi propôs ao exame dos teólogos consultores doze artigos sobre o sacramento da Penitência e quatro sobre a Extrema-Unção. Os primeiros contêm erros comuns nas obras de Lutero, Calvino, Melancthon e Zwingli. É claro que as opiniões dos chefes da revolução protestante são igualmente criticadas.

Entre os oradores desta movimentada sessão, destacam-se, Laynez, Ruard Tapper, Cano e Pelargus. As sessões iam, às vezes, das três da tarde às três da madrugada. Já no dia 5 deste, os resultados dos estudos eram submetidos aos participantes, em congregação geral. No dia 15 de novembro os debates foram encerrados e uma comissão foi nomeada para formular a doutrina e os cânones. No dia 23 tudo estava pronto para a sessão de hoje, que é a 14ª do concílio e a quarta da segunda fase.

O decreto dogmático comporta, depois de um preâmbulo, uma exposição em nove capítulos, seguidos de 15 cânones sobre a Penitência e quatro sobre a Extrema-Unção.

O decreto de reforma desta sessão é uma continuação do promulgado na sessão anterior. Trata-se ainda do dever dos bispos em matéria de reforma dos abusos. Está precedido de um preâmbulo e formado de 14 capítulos.

O preâmbulo formula com grande clareza as condições necessárias para uma reforma profunda das massas católicas. Segundo um dos oradores, estas condições resumem-se na

fórmula: «tal clero, tal povo».

E esclareceu: «Como pode um bispo reprimir o povo, pregar a virtude e corrigir os vícios, se não dá o exemplo de uma vida irrepreensível? Para que o clero esteja à altura de sua missão, é indispensável que o contrôlo episcopal se exerça rigorosamente.

A função própria dos bispos — concluiu — é reprimir todos os vícios».

Depois do preâmbulo, vêm os capítulos que tratam da administração nas ordens, do exercício das «pontificalia», do abandono das roupas clericais etc.

## Criminosos anistiados no Brasil

Almeirim (Portugal), 6, agosto, 1551 (Do correspondente)

Todos os crimes cometidos no Brasil (exceto em algumas categorias) foram perdoados pelo rei de Portugal, D. João III.

Os crimes não compreendidos na anistia concedida são os seguintes: heresia, traição, moeda falsa ou assassinio de cristão.

## EM SOCIEDADE

Para evitar contrariedades com o governador de Pernambuco, sr. Duarte Coelho, o governador-geral do Brasil, sr. Tomé de Sousa, vetou a viagem de Cardoso de Barrós àquela capitania. Tomé receia as ciúmadadas de Coelho, que goza de grande prestígio junto de D. João III.

★

Uma notícia vinda de Portugal, em meados deste ano, surpreendeu-nos: o espanhol Filipe Guillen, radicado no Brasil, foi feito cavaleiro da ordem de Cristo. Vai receber, portanto, 50 mil réis de pensão.

Guillen, todavia, já teve de fugir de Portugal em virtude de uma fúscatrua contra o erário. Além da honra que acaba de receber, outra foi-lhe concedida no Brasil: agora, ele é provedor da fazenda de Pôrto Seguro.

★

Dizem, na Índia, que, após as homenagens prestadas a D. João de Castro, nunca houve manifestação popular tão entusiástica quanto a que foi feita ao sr. Afonso de Noronha, recebido em Goa sob petalas

de flores e palmas. O ex-capitão de Ceuta, agora no governo daquela colônia, foi cantado e versegado à larga.

★

Fomos os primeiros a saber e somos os primeiros a informar: Tomé de Sousa, o governador do Brasil, foi feito, no dia 27 de fevereiro, membro do Conselho real português.

★

Um crítico literário diz-nos outro dia:

«O público aristocrático e mundano quer, cada vez mais, romances sentimentais. O público burguês, terra-a-terra, reclama romances realistas. Os velhos romances de cavalaria passaram de moda.»

★

Uma pessoa de sociedade em Paris queixou-se, há tempos, da dificuldade em conseguir médicos. Outro dia, numa roda de amigos, repetia suas queixas. Quando soube que na capital de França só há 72 esculápios para os 300 mil parisienses, não conteve um comentário mordaz:

«Interessante, parece que nós temos mais doenças francesas que médicos.»

## DEMISSIONÁRIO CONSTRUTOR DA NOVA CAPITAL

Salvador, 15, agosto, 1551 (Do correspondente)

Pedindo ao rei dispensa de continuar no Brasil após o término de seu prazo regulamentar, o construtor Luís Dias comunicou, hoje, a D. João III o estado das obras públicas nesta cidade: «tudo adiantado».

Dias, que dá ao rei notícias detalhadas das fortificações mandadas construir pelo governo português, alega como razão para sua dispensa, os mesmos motivos de Tomé de Sousa, também demissionário.

Diz o construtor que já não é criança e tem em Portugal mulher também bastante idosa à sua espera. Além disso, no ponto em que deixou hoje suas tarefas, considera-se desnecessário à obra de construção na capital do país.

Sobre as obras públicas, informa Dias: «já há dois balautes completamente prontos nesta capital (um em Ribeira de Góis e outro em Santa Cruz); a cadeia pública também já está terminada, idem idem as instalações para armazéns e alfândega, casa de audiências e conselho.»



TORTURAS

Confissão é o objetivo. Na gravura, reproduzida de um dos livros saídos ultimamente, três acusados por crimes comuns, políticos ou religiosos, sofrem suplicios diferentes para confessar.

## Devem continuar as torturas?

Paris, 1551 (Do correspondente)

Foi pôsto à venda o livro de J. Millaeus «Praxis criminis persequendi», com ilustrações admiravelmente gravadas em madeira. Essa obra erudita descreve todos os sistemas de tortura legalmente empregados pelos juizes para obterem a confissão dos acusados. Essas torturas se dividem em três graus: ordinária, média e extraordinária, cuja aplicação depende da espécie do crime cometido e do empedernimento do criminoso.

No primeiro grau se compreendem a suspensão do corpo, com pesos nos pés, que os italianos denominam veglia, a administração de grande quantidade de água por um funil pôsto na boca do paciente e a imposição do borzeguim com quatro cunhas para apertar as pernas. No segundo grau, o borzeguim leva seis cunhas, apertá-se um polegar com ta-

bras de madeira e torcem-se os braços atrás das costas. No terceiro grau, põem-se oito cunhas no borzeguim, apertam-se os dois polegares e submetem-se o réu à estrapada ou suspensão em uma polé com grandes pesos nos pés, elevando-se o paciente e deixando-o cair com a maior violência. Também é pôsto no potro ou cavalete sobre uma quina cortante, com os pés e mãos esticados por meio de cordas enroladas em molinetes.

## OUTRO LIVRO

O livro de Millaeus descreve somente as torturas que, de acordo com a lei, são aplicadas regularmente. Há, no entanto, muitos outros suplicios em voga em vários lugares, que vêm minuciosamente descritos em outra obra notável, o «Practicque et Enchiridion des Causes Criminelles», que corre mundo desde 1544, da autoria de J. Damhondère.

Essas obras estão servindo de base a inúmeras polémicas sobre a manutenção ou suspensão dessas práticas, por muitos criminalistas consideradas bárbaras. A Igreja, de longa data, as vem combatendo com afinco, como contrárias tanto à lei humana quanto à lei divina. Já no longínquo ano de 866, há mais de seiscentos anos, na sua famosa Carta aos Búlgaros, o Santo Padre Nicolau I condenava as torturas, considerando que toda confissão deve ser voluntária e não forçada, podendo pelo temor e dores do suplicio um inocente declarar-se culpado do que não praticou, ou sofrer, se for resistente, até as últimas, sem nada confessar. Em ambos os casos, o juiz se verá sobrecarregado de iniquidade.

A questão da abolição da tortura judiciária, está assim lançada à arena da discussão. Há muitos entendidos na matéria que têm esperanças de a verem derogada sem muita tardança.

# A paz étnica

Para facilitar a solução do problema do povoamento e aproveitamento de região tão dilatada como o Brasil, cuja costa corre desde o Mar Doce de Pinzon até a ilha de Xerimerim, que os nossos batizaram como ilha dos Patos e os castelhanos crismaram ultimamente em Santa Catarina, e cuja largura interior ninguém conhece, a Providência Divina pôs em contato com os portugueses as nações de índios chamados tupis. São os menos bárbaros que se encontram por estas paragens e só estão adstritos ao vício de comer gente como prática ritual, ao contrário dos demais povos, por eles rotulados como tapuias ou contrários, que se alimentam, com prazer, de carne humana. Estes tupis dominam positivamente os litórais, falam uma língua que muitos dos outros entendem e se considera por isso geral, são de trato mais ameno e de pazes mais fáceis. Finalmente, embora chamem uns aos outros de vizinhos, de avós, de pais ou de filhos, conservam entre as diversas tribos rivalidades terríveis e inimizadas pertinazes. Desta sorte, torna-se menos difícil a questão de conduzir essa numerosa indiada, não só politicamente como ao próprio grêmio da Santa Madre Igreja, aproveitando as dissensões reinantes entre ela, o que evita o grave perigo de sua reunião contra os esparsos e ainda fracos núcleos de população colonizadora.

É tradição portuguesa desde o achado ou descobrimento da terra do Brasil a preferência pelo espiritual sobre o material. Na carta que escreveu ao glorioso Rei D. Manuel, noticiando o dito achado, encareceu o escrivão Pero Vaz de Caminha o dever de salvar êsses pagãos acima de qualquer cuidado por gemas ou metais preciosos. O mesmo conselho deu o professor Diogo de Gouveia a El-Rei D. João III, quando lhe assoprou a divisão do país em capitânias. Idêntico espírito se contém dentro das instruções que o benemérito Conde da Castanheira lavrou para o Governador-Geral Tomé de Souza e Sua Majestade se dignou de aprovar. Todavia, a vocação apostolar não impede que, do ponto de vista governativo, se encarem as realidades da matéria. E estas nos ensinam não ser possível o menor vencer o maior sem dividi-lo.

Ora, como assentar as bases duma colonização eficiente, dum povoamento seguro da costa e dos dilatados sertões, sem o apoio, para guia dos caminhos, ensinamento das coisas, trabalhos de arroteamento, derrota dos bárbaros contrários, lavrança das terras, exploração das minas, das gentes nativas? Catequizá-las é ação para longo tempo, de resultados morosos e nem sempre alentadores, que se tem de prosseguir e se prosseguirá; mas as necessidades do momento requerem de urgência outros meios. A pequena população de Portugal e suas ilhas não bastam à formação do seu império nas partes do Oriente, da África e do Brasil, não podendo, por isso, o Reino despejar grande número de colonos ou soldados para se impor pelas armas em impérvios territórios dominados pelas mais diversas e resistentes hordas selvagens. Assim sendo, manda a boa política que se façam alianças com os naturais de melhor parecer e acolhida, aproveitando as suas malquerenças para os separar e, uns atrás dos outros, quebradas as resistências, trazê-los à civilização e fundi-los pela cristianização e a mestiçagem. Assim se criará no futuro, quando houver a aglutinação definitiva, uma verdadeira paz étnica. Só então se compreenderá a grande obra realizada pelo povo português, de tão escassa proporção em face das legiões de bárbaros que foi chamado a civilizar.

No Brasil, esta ingente tarefa tem a abrir-lhe caminho os desacordos que lavram no seio da raça tupi. Isto não quer dizer que durmamos à sombra de desmesurada confiança em tais dissídios. Devemos estar sempre alerta, pois, dum momento para outro, o que é vulgar entre os gentios, dá-lhes uma veneta como vulgarmente se diz, e se alçam em guerra, movidos de seus instintos canibalescos e predatórios, causando sangrentas surpresas e obrigando a repulsas violentas que nem sempre de todos os escarmentam.

Não estamos livres de sucessos dessa ordem. Um homem avisado vale por dois.

## CARTAS DOS LEITORES

### NÃO DEU TERRAS...

«No número 6, pág. 2, dêsse conceituado jornal, na reportagem sobre «Excomunhão para os fumantes» (tópico: «Esubulho em São Vicente»), minha pessoa foi indevidamente envolvida numa cessão de terras no Brasil. O repórter disse, a certa altura, que «a mulher de Martim Afonso de Sousa, d. Isabel Gamboa, cedeu as terras...»

Ora, logo vi tratar-se de um engano. Quem fez a cessão foi d. Ana Pimentel, mulher de meu cunhado Martim. Eu, meu caro repórter, não podia ceder-las por dois motivos: primeiro, as terras não eram minhas; segundo, porque, àquele tempo, era casada com Pero Lopes, que Deus haja.

Isabel Gamboa

Rua do Outeiro, Lisboa, Portugal.»

## A MODA COMO ELA É



## RABELAIS CURA DE MEUDON

Paris, 1551 (Do correspondente)

A paróquia de Meudon tem novo cura: mestre François Rabelais, o consagrado escritor das obras hoje universalmente conhecidas «Gargântua» e «Pantagruel».

A fama e reputação literárias de Rabelais proporcionaram-lhe protetores (os Montmorency, Guise, Du Bellay e até mesmo Diana de Poitiers, favorita do rei Henrique II) importantes na corte, que agora o presentearam com o cargo de cura. Devem ter-se lembrado, talvez, de que Rabelais foi educado pelos franciscanos e tomara mesmo o hábito dessa ordem religiosa, abandonando-o depois pela carreira de médico, na qual se manteve obscuramente até que suas obras literárias o projetaram no mundo das letras e no mais alto meio social da França.

## JORNAL ECONÔMICO

### UM CRUZADO POR MÊS

Salário de quem evangeliza: um cruzado por mês. Esta informação é colhida diretamente da folha de pagamento dos jesuítas ora em exercício no Brasil (Nóbrega, Navarro e outros).

Mas o pior, ao que verificamos, é que nem sempre o pagamento é feito em dinheiro. Muitas vezes Nóbrega e seus 5 companheiros recebem seus vencimentos em ferro ou gêneros alimentícios.

### AÇUCAR

O açúcar brasileiro, safra de 1551, está sendo cotado em Londres à razão de 10,08, tendo melhorado em relação à última cifra.

Tal cotação leva em conta o valor da arrôba do produto em grama-ouro.

### 10 MIL ESCRAVOS

Lisboa, 3, dezembro, 1551 (Do correspondente)

Quase dez por cento da população desta cidade é constituída de escravos. Tal fato é informado agora, segundo estatísticas de Cristóvão Rodrigues, servicial do arcebispo desta cidade, D. Fernando de Meneses.

Segundo a mesma fonte, a população de Lisboa é de aproximadamente 100 mil habitantes. O número de escravos é de 9.950.

Damos agora aos nossos leitores (aos homens, principalmente) o que há presentemente de mais usado em chapéus para cavalheiros. São quatro os modelos:

1. Chapéu de feltro negro com o gorro interno de galés de ouro, sobre fundo rosado. Leva pérolas e plumas brancas.
2. Gorro de veludo negro, guarnecido de ouro.
3. Casquete de veludo, também negro, com guarnição de ouro e pluma branca.
4. Outro gorro de veludo negro, adornado de ouro e penas brancas de avestruz.

Como podem ver os que gostam de vestir-se bem, há absoluto predomínio do veludo negro e do ouro e plumas brancas (como adorno) nos chapéus masculinos.

## ESPORTES

BRIGA DE GALO É ESPORTE — Na longínqua ilha de Java, uma das diversões prediletas dos selvagens é a briga de galo.

No flagrante o leitor pode avaliar o que isso seja. Os javaneses criam os galos especialmente para as brigas e, em cada encontro, grandes apostas são feitas. Ao final, o vencido tem um destino inglório: o caldeirão.



## MÚSICA

### PALESTRINA

Roma, 1551 (Do correspondente)



Sua Santidade o papa Júlio III acaba de nomear para mestre da capela Júlia, da igreja de São Pedro, o musicista Giovanni Palestrina. Como compositor, Palestrina vem obtendo sucesso, já tendo, também, ocupado o cargo de organista da igreja de Santo Agapito, para o qual foi nomeado em 1544.

### PORTUGUES GANHOU

Roma, dezembro, 1551 (Do correspondente)

Uma discussão sobre o gênero musical a que pertence uma determinada composição agitou a Itália: dois musicistas famosos (Vicente Lusitano, português, e Nicolau Vicentino, italiano) levaram sua teima a julgamento e o português acabou vencendo, mas não convencendo.

Tolentino, em defesa de sua opinião vencida, acaba de publicar um alentado volume. Um dos juizes da curiosa disputa saiu a campo e escreveu, também, a defesa da opinião de Lusitano. Mas os partidários do

músico italiano (à frente o cardinal Hipólito) proibiram a edição da obra, que se conserva manuscrita.

Lusitano está escrevendo um livro já com título: «Facillima e novíssima introdução de canto figurado, contraponto simples e em concerto, com regras gerais para fazer fugas diferentes sobre o canto firme a duas, três e quatro vozes, e composições, proporções, gênero dialônico, cromático e ex-harmônico.»

## O BRASIL EM JORNAL

EDITORA REFORMA S/A  
R. México, 119, 12º and.  
grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807  
SEDE PRÓPRIA  
End. Teleg. REFORMA  
RIO DE JANEIRO

Secretários  
RUBEM AZEVEDO LIMA  
ZUENIR CARLOS VENTURA

Paginação  
WALDYR FIGUEIREDO  
Ilustração  
ADAIL

Revisão  
GABRIEL CHAVES DE MELO  
Promoção  
TITO S. CAVALCANTI

SUCURSAL EM S. PAULO  
Pr. das Bandeiras, 40, 9º and.  
Tel.: 33-6647

ASSINATURAS (ANUAIS)  
24 Nos. SIMPLS. Cr\$ 240,00  
24 Nos. AÉREA Cr\$ 300,00

# Fortaleza guardada por pombos

Repórter de O BRASIL EM JORNAL visita o maior pombal da França

Vareneville-sur-Mer (10 quilômetros de Dieppe, Normândia), 1551 (Exclusivo para O BRASIL EM JORNAL)

Existe nesta cidade uma fortaleza onde nenhum assaltante conseguiu entrar, embora guardada apenas por pombos. Isto pela simples razão de que a gigantesca torre de aspecto hélico não passa de um pacífico pombal; o mais perfeito de toda a França.

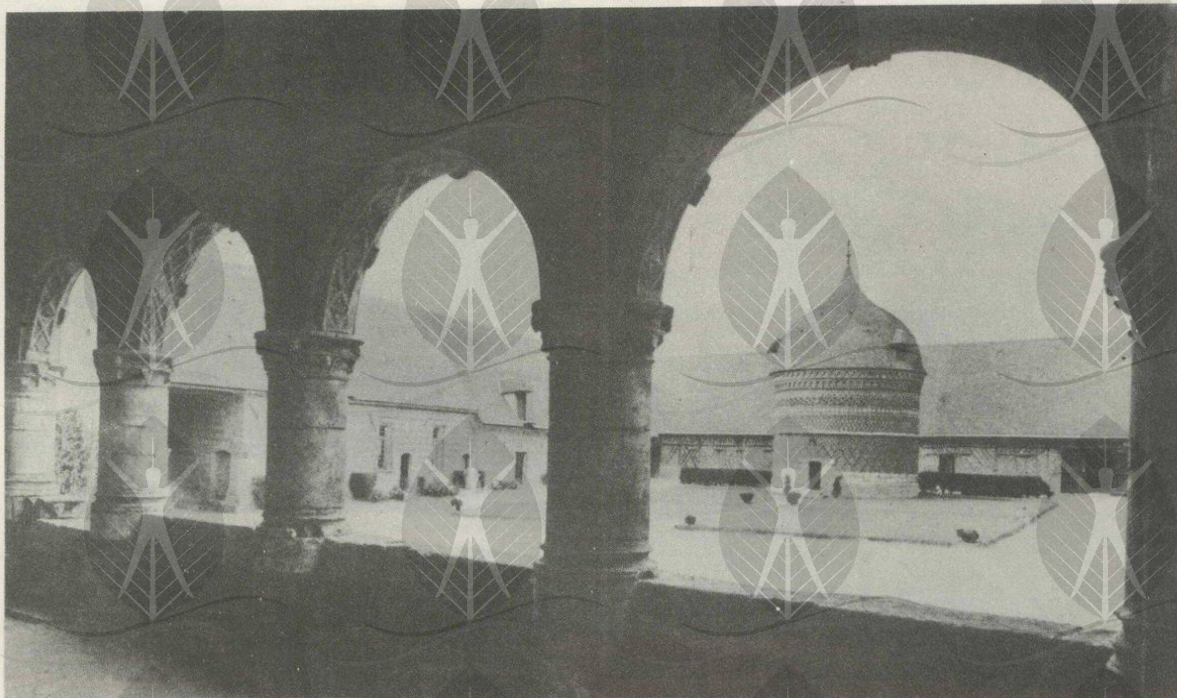
Há quatro anos, esse pombal de pedra e tijolo ergue-se no centro de um solar, construído por um homem que foi quase rei. Seu nome é João Ango e sua figura é uma das mais extraordinárias que nos tempos conheceram. Riquíssimo armador e protetor das letras e das artes, mantinha com Francisco I íntimas relações de amizade. Quando os portugueses aprisionaram, sem motivo, um de seus barcos, ele bloqueou o porto de Lisboa com sua própria frota e exigiu do rei português um embaixador para negociar a paz em França.

Pois é este homem, outrora poderoso e feliz, que acaba de morrer na miséria. O BRASIL EM JORNAL, querendo prestar-lhe uma homenagem, destacou um repórter para visitar o pombal de Ango e mostrar aos nossos leitores a beleza da singular construção.

## O COLORIDO

O Solar de Ango, espécie de castelo e de fazenda, é um retângulo que tem em volta o prédio de habitação sóbrio e elegante, coberto de pequenas telhas planas.

A policromia dos materiais, obtida pela mistura de elementos naturais como são a argila



O pombal fica no pátio da residência de Ango, formando um conjunto arquitetônico que é uma verdadeira obra-prima

arenosa e o sílex, empresta aos diversos corpos da construção uma austera beleza, que agrada a vista e o espírito.

Ango soube escapar às extravagâncias de mau gosto dos novos-ricos. Seu solar não é um castelo opulento onde a magnificência ofusca a rusticidade normanda. Ele se inscreve, sem destoar, na tradição rural da Normândia, como a expressão mais perfeita.

## INFLUENCIA ITALIANA

Apesar dessas características, o arquiteto Ango não desconhecia as sutilezas da arte italiana. Assim é que o corpo central do edifício, marcado por um Renascimento um pouco tardio, comporta uma galeria de arcadas abobadadas que repousam sobre colunas encimadas por medalhões à antiga. É o tributo à moda do nosso tempo.

As janelas assimétricas, atendendo às comodidades internas da construção, revelam, no entanto, a velha concepção funcional da Idade Média.

## O POMBAL

Sempre coroado de uma auréola de pombos brancos, o pombal do solar se impõe ao olhar do visitante. Pode-se dizer que a Normândia é a terra dos pombais. E o de Ango, concebido em forma circular, resume e simboliza todos os outros.

Há no centro do pombal uma grande viga vertical e girante, com uma travessa, à qual está presa uma escada que permite chegar aos buracos, onde recolhe-se (às vezes) um pombinho para a cassarola...

## OS MOSAICOS

Impressionante é a policromia deste útil e maravilhoso pombal. Sobre um embasamento construído de longas pedras começa o encantador jogo de mosaico em que se casam com habilidade os tijolos e as pedras reunidos em losangos de vários tamanhos. A triplice fileira de buracos se confunde com o «décor», quando no começo da cobertura as telhas vêm bordar duas frisões que simulam frâgeis matacões.

Uma flecha de cumeeira domina a enorme cúpula coberta

de telhas, sobre as quais saem com energia duas sóbrias lucarnas. Nenhum aderço inútil destrói a unidade plástica desta obra-prima.

Procuramos saber a origem desta policromia de pedra e tijolo; alguns informantes falaram em influência holandesa transmitida pelos huguenotes,

já que a conjugação dos dois materiais fora praticada não só pelos normandos, como também pelos arquitetos do centro da França.

Seja qual for a influência, o fato é que o pombal de Ango é uma maravilha, de que as fotos publicadas dão apenas a idéia.

## LOIOLA APRESENTOU PEDIDO DE DEMISSÃO

Rcma, 1551 (Do correspondente)

Neste mesmo ano em que o Papa abre o Colégio Romano e o confia aos jesuítas, Inácio de Loiola submete as Constituições aos professores reunidos nesta cidade e apresenta sua demissão de Geral.

Além do Colégio Romano, que fica situado ao pé do Capitólio, a Companhia ganhou um colégio em Viena, fundado pelo padre Le Jay à frente de onze companheiros. Outros estabelecimentos de ensino foram também criados em Florença, Nápoles, Ferrara, Burgos, Medina del Campo e Cochim. Enquanto isso, em Paris são lançadas as bases do colégio Clermont, pelo bispo Guillaume Duprat, segundo filho do cardeal do mesmo nome.

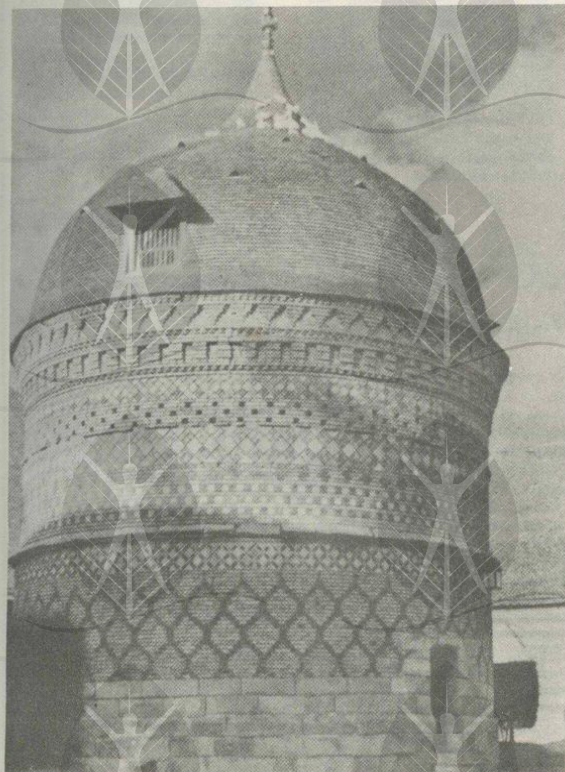
## MISSA DE BÓRGIA

Mas nesse ano tão movimentado para os jesuítas, o acontecimento mais importante, na opinião de muitos, é a primeira missa de Francisco Bórgia, que acaba de ser ordenado.

Bórgia, que de 1539 a 1543 foi vice-rei da Catalunha e duque de Gândia em 43, fez no dia 2 de junho de 1546 o voto de entrar para a Companhia porque havia perdido sua esposa Eleonora de Castro com quem viveu em feliz união durante 17 anos. Seguiu durante um mês os métodos de Loiola, preconizados nos Exercícios.

No dia 2 de fevereiro de 1548 fez profissão na Companhia, mas por uma dispensa especial do Papa, havia permanecido até o ano passado em suas altas funções, a fim de poder assegurar o futuro de seus oito filhos: cinco meninos e três meninas.

Ele pertence a uma das mais importantes famílias da Espanha.



Este é o imponente pombal, em pedra e tijolo coloridos, que o ilustre navegador Ango mandou construir no centro de seu solar de Vareneville

# BANDO DE DEGREDADOS PROVOCA CONFLITOS

Salvador, julho, 1551 (Do correspondente, URGENTE)

Sem licença do governador Tomé de Sousa, um bando de degredados e mulheres de má fama abandonou esta cidade e foi homiziar-se num acampamento de índios inimigos dos colonizadores.

Segundo o próprio governador, trata-se de 40 péssimos elementos que dificultarão as relações entre portugueses e índios.

Para pacificar os índios amigos do governo, Tomé de Sousa enviou no seu encalço o capitão-de-mar, sr. Pero de Góis. Os fugitivos, sabedores da providência, atacaram os agrupamentos de índios pacíficos e destruíram suas cabanas.

Nessas escaramuças, foram feitos três prisioneiros: dois homens e uma mulher, que foram imediatamente executados.

## Fernando sucederá a Carlos V



FERNANDO

Sucederá Carlos V

Augsburgo, 9, março, 1551 (Do correspondente)

Foi celebrado hoje, nesta cidade, um pacto de família entre os Habsburgos, para regular o problema da sucessão imperial. Segundo o pacto, Fernando será o sucessor de Carlos V e Filipe será rei de Roma. Depois da morte de Fernando, o império ficará com Filipe e a dignidade de rei de Roma com Maximiliano, filho de Fernando.

Observadores políticos consideram esse plano, para a constituição alemã, como uma crise só comparável à que provocou o plano do império hereditário, concebido por Henrique VI.

A coroa imperial fica, assim, hereditariamente vinculada à casa dos Habsburgos, e a alta aristocracia permanece excluída de toda influência na eleição do imperador.

## KNOX É O CAPELÃO DA CÔRTE

Londres, 1551 (Do correspondente)

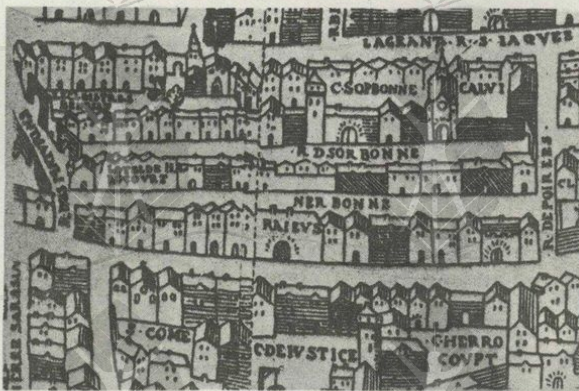
João Knox, que há dois anos vem pregando a Reforma nesta cidade, foi nomeado capelão da corte. Como O BRASIL EM JORNAL noticiou, Knox estava preso no castelo de Santo André pelas forças francesas, quando, por interferência do governo inglês, sua prisão foi relaxada em 1549.

Em seguida, passou para esta capital, onde, com a proteção de Cranmer, vem procurando radicalizar a reforma da Igreja.

## PARIS SÔBRE PAPEL

Com um dos principais centros culturais da Europa e uma corte de justiça bastante movimentada, assim é Paris.

O flagrante exclusivo para O BRASIL EM JORNAL, mostra a Sorbonne, sua rua, no coração de Paris, e a corte de justiça, no primeiro plano. A cidade está, por ordem do rei Henrique II, toda ela sendo levantada, por hábeis topógrafos. A capital francesa, vista assim, sem seu povo alegre, é apenas a sombra de um burgo. Mas, a qualquer hora, com ou sem aulas, este quarteirão, que aparece deserto na gravura, é um formigueiro humano.



## LIVROS E AUTORES

### FESTIVAL

Paris, 1551 (Do correspondente)

O melhor livro que descreve o festival de Ruão, comemorativo da visita dos reis de França àquela cidade, cuja notícia vai publicada em outro local desta edição, é atribuído a Maurício Séve.

Trata-se de um opúsculo que, a par da maneira minuciosa com que descreve a grandiosa festa, tem um dos títulos mais pitorescos que temos conhecido. Ele é:

«C'est la déduction du sumptueux ordre plaisantz spectacles e magnifiques théatres dessés et exhibés par les citoiens de Rouen ville métropolitaine du pays de Normandie, et la sacré maiesté du Tréschristian Roy de France, Henry second leur souverais Seigneur, et à trésilustre dame, ma Dame Katharine de Medicis, la Roynne son espouse, lors de leur triumpant ioyeux et nouvel aduenement en icelle ville, qui fut es jours de mercredy e iedy premier et second jours d'octobre, mil cinq cens cinquante. Et pour plus expresse intelligence de ce tant excellent triumphe, les figures et pourtraicts des principaux ornements d'iceluy y sont apposez chascun en son lieu comme l'on purra veoir par le discours de l'histoire».

### LANÇAMENTO

Um editor português, cujo nome ignoramos, teria mostrado desejo de editar uma interessante obra: «Criação do mundo e mandamentos de fé em idioma dos índios brasileiros». Segundo nos informaram, o padre Aspilcueta Navarro,

ora no Brasil, já teria mesmo traduzido tais peças. Resta saber se o Pe. Navarro concorda com a iniciativa.

### PEIXES

Pierre Belon, médico e naturalista francês, a quem Henrique II concedeu uma pensão de 200 escudos (vide O BRASIL EM JORNAL, número anterior), publicou este ano um livro muito interessante sobre peixes e golfinhos. É a primeira obra de História Natural que trata de animais marinhos. O livro vem obtendo sucesso.

### ANIMAIS

Obra importantíssima veio à luz: a «Historia animalium», do erudito alemão Conrad Gesner, já conhecido pelo catálogo de todas as obras em latim, grego e hebraico, que publicou em 1545.

Na «Historia animalium», de Gesner, cujo primeiro volume apareceu este ano, o reino animal é classificado segundo o sistema criado por Aristóteles. Trata-se de uma segura compilação, que o autor enriqueceu com contribuições originais, dado seu vasto saber. Cada espécie animal é mostrada por uma gravura em madeira, o que dá vida e movimento à parte ilustrada da obra, revelando o artista gravador grande habilidade.

### ASTRONOMIA

Roberto Recorde lançou este ano sua obra «Castle

of Knowledge» («Castelo de Conhecimento»), sobre astronomia. Trata-se de mais um estudo matemático, com base na monumental «De Revolutionibus», com que Nicolau Copérnico modificou as concepções até então aceitas pelos cientistas.

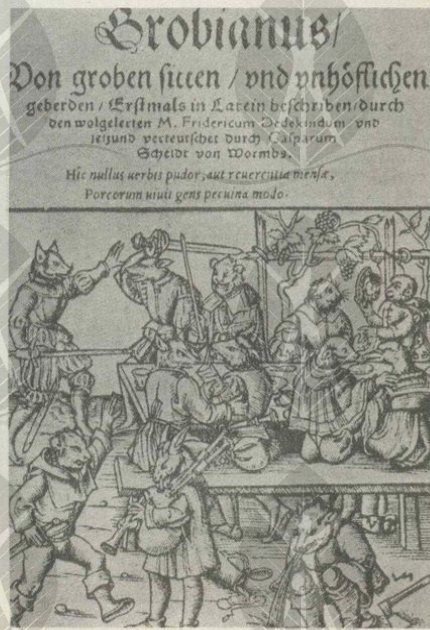
### TABUAS

Foram publicadas este ano, pelo astrônomo e seguidor de Copérnico, Erasmo Reinhold, novas tábuas astronômicas, denominadas prutênicas ou prussianas. Essas tábuas estão sendo consideradas pelos cientistas como superiores às chamadas alfonsinas, anteriormente adotadas.

### COSTUMES

«Grobianus» — eis o nome da obra satírica do poeta alemão Frederico Dedekind, que constitui verdadeiro tratado de costumes. Dedekind procura no seu original tratado criticar as aquisições, manias e vícios da sociedade, elogiando-os excessiva e irônica-mente.

É da capa da primeira edição a gravura que reproduzimos.



## PUBLICADO EDITO DE CHATEAUBRIANT

Chateaubriant, 27, junho, 1551 (Do correspondente)

Henrique II publicou, hoje, nesta cidade, um edito que coordena todas as medidas para a defesa da fé católica contra os protestantes e procura conciliar a ação, quase sempre discordante, das jurisdições laica e eclesiástica.

O edito renova e confirma todas as severas disposições anteriores contra os reformadores, os impressores e os mercadores de livros ou estampas. Além disso, manda retirar das funções municipais, judiciárias e das Universidades qualquer pessoa suspeita. Toda a comunicação com Gênova foi também suprimida.

## PINTURA

Antuérpia, 1551 (Do correspondente)

A corporação dos pintores desta cidade decidiu eleger seu membro o jovem Pierre Brueghel (21 anos), dado o sucesso que vêm obtendo seus quadros.

Brueghel chegou a esta cidade aos quinze anos e seu primeiro mestre de pintura foi Pierre Coecke van Aest, discípulo de Bernard van Orley, que trouxe para cá a influência da arte italiana.

### «ODES»

Sau à luz o quinto livro das «Odes», de Pierre Ronsard. A obra do jovem poeta (27 anos) foi iniciada no ano passado, quando foram publicados os quatro primeiros livros.

Ronsard é, hoje, um dos principais favoritos dos nobres, só se ombreado com mestre François Rabelais na preferência dos grandes da corte de Henrique II. O aparecimento das «Odes» foi registrado pelo O BRASIL EM JORNAL, em seu número anterior, quando noticiamos que Ronsard já estava consagrado literariamente, sendo mesmo considerado como o «Príncipe dos Poetas Franceses».

# TROPAS FRANCESAS JÁ LUTAM NA ITÁLIA

Paris, 1551 (Do correspondente)

Enquanto algumas batalhas já se travaram em volta do castelo de Arpement, perto de Saint-Miniel, Henrique II faz grandes preparativos financeiros para a guerra contra o imperador: taxas sobre as ci-

dades, empréstimos ao clero, criações de ofícios são algumas das providências.

Para que o rei possa comandar a grande armada (calcula-se 36 mil combatentes), Catarina foi proclamada regente da França. Está, assim, o país envolvido novamente em

conflito com a Itália. Informes do palácio real anunciam que Henrique II quer mesmo reservar Parma ao filho de Paulo III, Otávio Farnésio.

## MANIFESTO DO REI

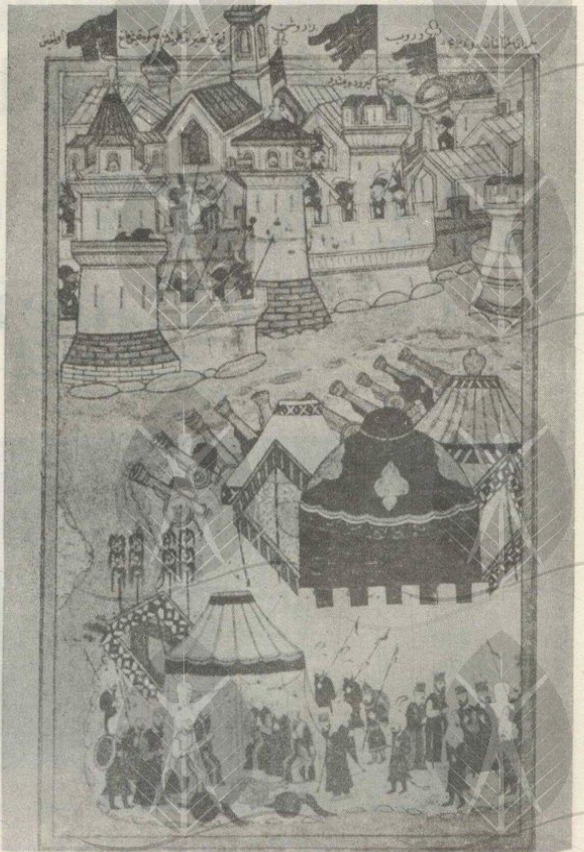
Paris, 3, fevereiro (Do correspondente)

Acaba de ser impresso em Margburgo um manifesto datado de Fontainebleau, em que Henrique II toma por símbolo o boné frígio entre os punhais de Bruto e por divisa: «Libertas. Henricus II, Francorum rex, vindex libertatis germanicae et principum captivorum» (Liberdade, Henrique II, rei da França, defensor da liberdade germânica e dos príncipes prisioneiros).

## ALIANÇA

Além da aliança dos príncipes alemães, Henrique II conseguiu o apoio do sultão Solimão e a ajuda dos corsários barbarescos contra os genoveses. Anuncia-se que tropas do rei já entraram em Gorze e marcham sobre a cidade de Metz.

Está assim declarada a guerra entre os exércitos reais, comandados pelos marechais de Brissac e de Termes, e as tropas imperiais que apóiam os contingentes pontificais.



Solimão é o novo aliado de Henrique II. Espera-se que as tropas do sultão confirmem, agora, a eficiência demonstrada em batalhas do passado como o cerco de Belgrado que a gravura reproduz.

## ENSINO

### PRIMEIRO PROFESSOR DE MATEMÁTICA

Paris, 1551 (Do correspondente)



O Colégio de França, fundado por Francisco I, tem agora seu primeiro professor de matemática:

o filósofo e humanista francês Pierre la Ramée (ou Petrus Ramus, seu pseudônimo latino), indicado para a cadeira pelo cardeal de Lorena.

Petrus Ramus é filho de um nobre arruinado e conseguiu superar todas as dificuldades, trabalhando de dia e estudando de noite, até conseguir fazer-se receber, no colégio de Navarra, como mestre em artes.

Seus trabalhos filosóficos são hoje conhecidos, tendo Ramus publicado este ano o seu «Aristotelicae animadversiones», em que contesta os conceitos de Aristóteles.

### ABJURAÇÃO E LIBERDADE

Lisboa, 22, setembro, 1551 (Do correspondente)

Um dos mestres portugueses de Coimbra, preso desde agosto do ano passado num cárcere desta cidade, sob a acusação de heresia, acaba de ser pôsto em liberdade.

O beneficiário da medida

é Diogo de Teive, que foi hoje cientificado, lacônicamente, de que pode «ir em paz».

A propósito recordamos que, em 13 de agosto último, após um ano de prisão, este mestre e seu colega Jorge Bucanan foram autorizados a sair de suas celas. O cardeal D. Henrique, irmão do rei D. João III, sob pressão de admiradores dos mestres coimbrãos, resolveu conceder-lhes liberdade vigiada.

A decisão de hoje deve ser estendida a Bucanan e a João da Costa, ainda presos.

Nos fins de julho último, os três abjuraram suas crenças, consideradas heréticas, e cumpriram pena de prisão.

### UNIVERSIDADES AMERICANAS

Valadolid, 21, setembro, 1551 (Do correspondente)

«Criamos, fundamos e constituímos, na cidade de Lima, do reino do Peru, e na cidade de México, da Nova Espanha, universidades e estudos gerais». Estes os dizeres principais da cédula (lei) imperial, datada de hoje, do imperador Carlos V, de grande importância para a vida intelectual da América.

Tanto a Nova Espanha (México) como o Peru estão gozando dias de maior tranquilidade e devem receber com júbilo a determinação de Carlos V, que dará certamente grande impulso ao ensino ainda incipiente nas terras longínquas da América.

# Anne de Montmorency, Duque e Par

Paris, 1551 (Do correspondente)

Três anos após ter reprimido brutalmente a revolta de Bordéus, Anne de Montmorency recebe de Henrique II a dignidade de par de França e o título de duque, atingindo, neste momento, o máximo de poder, apesar da oposição dos Guises.

Com o fracasso das negociações de 1541, a propósito do ducado de Milão, Montmorency caiu em desgraça definitiva ante Francisco I. Retirou-se, então, para suas possessões de Chantilly e se aplicou em conquistar a simpatia de Henrique II.

## PRESTÍGIO

Quando, em 1547, Henrique II recebeu a coroa, Montmo-



rency foi logo reintegrado no poder, opondo-se a todas as guerras, tanto as da Itália, como as da Alemanha. Daí para cá o seu prestígio só tem crescido.

Seus adversários dizem, no entanto, que ele não é grande general nem hábil político como se apregoa. O seu prestígio passado e atual deve-se mais à nobreza de sua estirpe e às suas fabulosas riquezas. Seja como for, o fato é que sua importância no governo de Francisco I, por exemplo, não pode ser desprezada.

## O PORQUE DO NOME

Filho de Guilherme, barão de Montmorency, Anne nasceu em Chantilly, a 12 de novembro de 1483. Recebeu o nome feminino por causa de sua madrinha, Anne de Bretanha.

Educado muito sumariamente, já aos 19 anos participava das guerras da Itália. Distinguiu-se na batalha de Ravenna (1512) e logo na de Marignano (1515). Seu nome começou a adquirir certa projeção durante os primeiros anos do governo de Francisco I, de cuja mãe, Luísa de Sabóia, seu pai Guilherme era cavaleiro de honra.

Em 1531, com a morte do pai, Montmorency tornou-se o homem mais poderoso da França. Depois de um período de desgraça política, voltou a ser favorecido pela sorte, com a terceira guerra entre Francisco I e Carlos V. Em 1536 derrotava os espanhóis em Narbona e em 37 reconquistava o Piemonte, feito que lhe valeu

em 38 a espada de condestável da França.

Mas, apesar desses sucessos bélicos, Montmorency manteve desde então a política de colaboração com Carlos V. Foi o fracasso das negociações com o imperador que o lançou no ostracismo, do qual livrou-o Henrique II ao subir ao trono.

## S. TIAGO E AVIZ PARA PORTUGAL

Lisboa, 30, dezembro, 1551 (Do correspondente)

A administração dos mestres de S. Tiago e Aviz, concedida ao rei D. João III no ano passado, pelo papa Júlio III, foi confirmada, hoje, e estendida perpetuamente a seus herdeiros.

Esta é a segunda decisão religiosa do ano com relação a este país. Em maio, Sua Santidade deu o Priorado do Crato a D. Antônio, filho do infante D. Luís. Ambas as medidas repercutiram favoravelmente nesta cidade.

A propósito recordamos as missões portuguesas junto à Santa Sé, em fevereiro e agosto últimos. Tais concessões são atribuídas àquelas embaixadas, que, inclusive, ofertaram a Júlio III em nome de Portugal, um valioso diamante.

# Portugal quer devolução de navios

## CONSTRUIU IGREJA E REZOU A MISSA

Espírito Santo, 25, julho, 1551 (Do correspondente)

Numa capelinha por ele mesmo construída, o padre Afonso Brás rezou hoje sua primeira missa para o povo desta cidade.

Brás e o irmão Simão Gonçalves para cá embarcaram há apenas quatro meses. Vieram de Porto Seguro com a incumbência de evangelizar e fundar uma casa para os indígenas do Espírito Santo.

A capela, consagrada a Santiago, estava repleta de índios, que, pela primeira vez, assistiram ao santo sacrifício da missa.

Lisboa, 22, setembro, 1551 (Do correspondente)

A despeito das proibições do rei de França, Henrique II, os danos feitos por piratas franceses à coroa portuguesa, na pessoa de seus súditos, são considerados de grande monta.

Tal verificação teria motivado, hoje, a decisão de D. João III: os navios de Portugal assaltados por piratas têm de ser devolvidos custe o que custar. Neste sentido foram baixadas severas instruções ao sr. Brás de Alvide, embaixador português em Paris, para que se entenda com a chancelaria francesa.

A notícia, logo que divulgada, agradou aos comerciantes que se dedicam ao tráfico marítimo. Para eles, o ato de D. João III esclarece a situação: Henrique II proíbe a pirataria, por parte de seus súditos, mas não muito.

# Óleo fervendo ou água fresca para curar ferimentos?

## 200 MIL RÉIS CUSTARAM GUERRILHAS NO BRASIL

Lisboa, 4, dezembro, 1551 (Do correspondente)

Quanto se gastou no combate aos índios em São Vicente (em 1549) é o que o rei D. João III quer saber, hoje, do governador do Brasil, sr. Tomé de Sousa.

Até o momento, foram baixadas duas ordens neste sentido. A primeira, de junho último, manda pagar aos moradores de São Vicente cerca de 1.800 cruzados da fazenda real, contando que tais pessoas concluíam as obras da fortaleza da Bertioga.

O segundo decreto manda verificar se realmente Brás Cubas gastou nas guerrilhas os duzentos mil réis que agora quer receber.

Da chancelaria nos informaram que, se Tomé de Sousa apurar a despesa alegada por Cubas, o pagamento será feito imediatamente.

Em Santos, Brás Cubas, interpelado pelo povo, garantiu que, depois de comprovados os gastos com as guerrilhas, o rei autorizará as indenizações que considerar justas.

Noutro setor, também realizou descobertas, como, por exemplo, a de canais que comunicam o útero com os ovários femininos.

No campo da patologia, vários progressos se fizeram. O estudo da sífilis e a descoberta de que se trata de uma enfermidade contagiosa, permitiu aos homens certa tranquilidade. Neste setor destacamos João Bithencourt Fracastoro e o alemão Hutten, que descreveu o mal e o curou com pau-santo (galaco). Gruenpeck, também alemão, fez aplicação de nova técnica: cirurgia, com arsênico, ouro e mercúrio. Fernel, na França, como clínico, ganhou reputação extraordinária só com uma cura: a de Diana de Poitiers.

Mas os grandes progressos foram obtidos mesmo no campo da cirurgia, em virtude de uma invenção diabólica: as armas de fogo. O número de feridos de guerra preocupou os cientistas do mundo inteiro.

Ferri, um italiano, publicou, há pouco, sua técnica para curar feridas de arma de fogo: segundo ele, tais ferimentos estão envenenados e o melhor meio de combatê-los é aplicar azeite quente. Outro contemporâneo seu, Vigo, refutou-o imediatamente. «Tal sistema, disse Vigo, é bárbaro». Sua técnica consiste em, quando possível, fazer a ligação cirúrgica dos ferimentos.



SIFILIS

Cama e «pau-santo» receita revolucionária. Na gravura um médico assiste o doente, enquanto familiares partem a madeira, aquecem água e pesam ingredientes.

Que fez a Medicina, até agora, pelo bem-estar da humanidade?

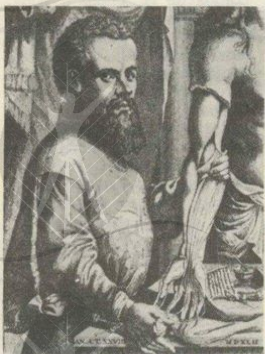
A indagação não é nossa. É do homem da rua que, perturbado pelas disputas entre médicos (cada qual querendo ser o melhor), deseja saber cada vez mais sobre as enfermidades.

O BRASIL EM JORNAL, após levantamento feito nos principais centros científicos de todo o mundo, traz a resposta, quanto possível completa, à curiosidade de seus leitores.

### REVOLUÇÕES

Um dos principais acontecimentos científicos foi a publicação, há quase dez anos, do grande trabalho de Vesálio sobre o corpo humano.

Em que pésem as refutações feitas inclusive por Eustáquio, sua obra é um marco na história da Medicina. Todos ficaram conhecendo um pouco do próprio corpo e mesmo os leigos passaram a discutir, como coisa natural, sobre ossos da bacia, peito etc. Suas pesquisas no campo da dissecação impulsionaram a Medicina através do desconhecimento e a cirurgia fez extraordinários progressos.



VESALIO

«Descobriu» o corpo humano aos 29 anos.

Mas o corpo humano guarda segredos que vão sendo descobertos lentamente. Na Itália, Eustáquio estudou a estrutura do ouvido e dos dentes e revelou a existência, no interior do ouvido, de um canal importantíssimo para a audição.

Outro italiano, Ingrassia, descobriu novos mistérios no ouvido: dentre os vários ossos ali existentes, ele verificou que há um minúsculo, em forma de estribo. Ingrassia, admirador de Vesálio, fez, também, uma afirmativa que chocou os meios médicos: alguns dos ossos descritos por Galeno nunca pertenceram ao homem, mas ao macaco.

Miguel Servet revelou a circulação pulmonar. A continuação dos estudos neste setor levará a Medicina a novas e sensacionais descobertas, ao que se diz.

Falópio, para muitos um dos maiores cientistas deste século, também trouxe sua contribuição ao conhecimento do corpo humano. O ouvido atraíu-o e, nele, Falópio descobriu a corda do tímpano, nervo responsável pela audição, segundo o cientista.

### CORPO

Vesálio nos apresenta assim.



FERNEL

Consagrado: curou Diana de Poitiers

Miguel Angelo Biondo, de Veneza, recusa um e outro processo. «Para ferida, água limpa», esta a sua receita. O alemão Wurtz combate a terapêutica da cauterização e dos emplastros. Um jovem médico francês de 35 anos, recém-nomeado para cirurgião do exército, Ambrose Paré, tem seus métodos próprios para curar feridas e para consertar ossos quebrados: higiene, cirurgia e terapêutica adequada.

Na Ásia, um português, Garcia Orta, está curando úlceras e outras enfermidades, exclusivamente com ervas. Cesalpino e Mattioli, dois italianos, preconizam a volta à simplicidade e recomendam, para se ter saúde, um bom jardim em casa. «A cura de todas as enfermidades, dizem, está na Botânica.»

### RETIFICAÇÃO

Na 8ª página do número 13, por um erro de montagem, publicamos um belo quadro de Sodoma como se fosse o «Santa Catarina» quando, na verdade, se trata do «São Sebastião». Pedimos desculpas aos nossos leitores pelo lapso cometido.



### ARQUITETURA

Florença, 1551 (Do correspondente)

O arquiteto florentino Giovanni Batista del Tasso terminou este ano sua obra, iniciada em 1547: a Loja do Mercado Novo.

É do esplêndido trabalho de del Tasso a gravura que estamos.

### COLUNA MILITAR

Os venezianos e os genoveses estão armando as tripulações de suas galeras com um novo tipo de partazana ou cônica, que chamam de roncoña. Difere das precedentes pelas maiores dimensões da choupa fina e pontuda, e por ter os pequenos cutelos ou orelhas voltados para baixo, em forma de gancho.

As roncoñas são, assim, uma arma de haste, que serve ao mesmo tempo de croque para puxar as cordoalhas, encostar os barcos e rasgar as velas nas abordagens. Seu emprego está sendo aconselhado pelos técnicos em armamento para os soldados de marinha de todas as nações que têm galeras no Mediterrâneo.

### TAPEÇARIA

Exemplo de progresso no artesanato europeu é o que nos ocorre ao examinar a gravura que estamos. Até há bem pouco tempo, tais tapeçarias vinham do Oriente próximo, mas agora, diante do grau de progresso a que chegou a indústria europeia, o povo está dando preferência às confecções mais baratas e tão bem feitas como as asiáticas. No flagrante, a tapeçaria de Bruxelas representa a Justiça, puxada por dois unicórnios. É uma peça de alto custo, apesar de tudo, mas que já agora apresenta possibilidades de um dia vir a ser enfilete na casa dos menos aquinhoados. O tapete reproduzido mede 3,50 x 5,25.





# TRAMADA NA FRANÇA INVASÃO DO BRASIL



Um vice-almirante — Durand de Villegagnon — o autor do audacioso plano

Paris, dezembro, 1553 (Do correspondente) — URGENTE

Com absoluta exclusividade, podemos informar que um ousado plano de conquista do Brasil para a coroa francesa, foi levado ao conhecimento do cardeal de Lorena e do almirante Coligny que o teriam, em princípio, aprovado.

O autor do projeto, Nicolau Durand de Villegagnon, é um marujo de renome, de grande bravura e capacidade, tendo sido, inclusive o autor do rapto da princesinha Maria Stuart, por ele trazida para a França, apesar da severa vigilância da Coroa Inglesa.

Villegagnon conta 45 anos e tem instrução superior, já tendo brilhado nesta côrte entre latinistas e helenistas. Na sua fôlha de serviços constam lutas com os mouros de Argel e com os turcos na Hungria. Dirigiu as obras defensivas em Brest e foi feito vice-almirante da Bretanha, pôsto que deixou em virtude de atrito com subordinados.

O plano de conquista do Brasil foi elaborado por êle depois de estreitos contactos com corsários franceses frequentadores daquelas plagas.

Este correspondente pode informar em absoluta primeira mão que depende apenas de uma palavra de Henrique II a constituição e a partida para o Brasil de uma frota sob o comando do vice-almirante Durand de Villegagnon.

## LISBOA DESCONHECE

Lisboa, 31, dezembro, 1553 (Do correspondente)

As autoridades portuguesas desconhecem ou não dão crédito à possibilidade de uma ação de conquista da sua colônia brasileira. Também do Brasil nenhuma notícia a respeito foi recebida aqui.

## QUEM VIVER VERÁ

Quem viver verá. Este é o título do Editorial da página 4. Ele já estava redigido e composto quando recebemos o sensacional despacho de nosso correspondente em Paris. Chamamos a atenção dos leitores para êsse editorial no qual afirmamos que as terras do Brasil estão «a desafiar cobiças que nos darão grandes dores de cabeça no futuro».

E o futuro, antes mesmo do que esperávamos, aí está. O plano de conquista, cuja existência divulgamos em primeira mão, embora desconhecido em Lisboa e completamente ignorado no Brasil, é uma realidade.

Se os serviços secretos não funcionam e as chancelarias não tomaram conhecimento do audacioso plano francês, O BRASIL EM JORNAL, na sua missão de bem informar o público, dá conta do que apurou na capital gaulesa, no momento justo em que grave crise abala o governo português no Brasil.

E diante disto, não temos mais do que repetir o que dizemos em editorial:

— Quem viver verá.

# o Brasil em Jornal

1552 N.º 16	"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"	Comum: Cr\$ 10,00 Aéreo: Cr\$ 12,00 Atrasado: Cr\$ 15,00
Diretor: AMARAL NETTO	Assessores: GUSTAVO BARROSO JAYME COELHO	Redator-chefe: CLAUDIO SOARES

# Duarte da Costa novo Governador

Nesta edição os leitores vão encontrar completo noticiário sobre a situação brasileira. A nomeação do primeiro bispo e a chegada do novo governador, Duarte da Costa, assim como os primeiros atos de ambos e sua repercussão, são relatados com inteira veracidade pelos nossos correspondentes e sucursais.

A despedida de Tomé de Sousa e os gravíssimos acontecimentos que estão agitando a capital brasileira na Bahia e cujos principais personagens são o novo governador e o bispo, constituem matéria de importância desta edição.

## DESCOBERTO OUTRO MAR

Arkhangelsk, 1553 (Do correspondente)

O navegador Inglês Richard Chancellor, piloto de um dos três navios que procuravam o caminho da China pelo nordeste, conseguiu chegar a estas paragens, depois de ter reconhecido o mar Branco. O chefe da expedição, Hugh Willoughby, morreu de frio antes de aqui aportar. Esta expedição é um exemplo típico de uma tendência muito em voga: a das sociedades que se formam para desbravar os mares e estabelecer comércio de várias espécies; são os «mercadores aventureiros».

Esta descoberta possibilita a ligação direta Rússia-Inglaterra pelo mar Branco.

## CASAMENTO COM AÇÚCAR

João Ramalho, o português com mais de 40 anos de Brasil, quer casar-se com a índia Potira. Para isso pediu a interferência de Manuel da Nóbrega, uma vez que Ramalho tem um sério problema a enfrentar: é casado em Portugal, embora tenha certeza de que sua mulher já morreu. Potira (flor), também chamada Bartira (na gravura), tem vários filhos de Ramalho, e seu pai é o famoso cacique de Piratininga, Martim Afonso Tibiricá. Apuramos que Nóbrega escreveu para Portugal a fim de confirmar a morte da primeira mulher do pioneiro e, desta forma, permitir o novo casamento.

João Ramalho vai pagar todas as despesas de habilitação matrimonial com Potira em sacos de açúcar do seu engenho.



Num extraordinário esforço de reportagem, reproduzimos em trabalho do correspondente em Paris, um retrato do vice-almirante e candidato a conquistador do Brasil, sr. Nicolau Durand de Villegagnon, desenho executado quando êle esperava a vez de ser atendido na ante-sala do cardeal de Lorena.

## MORRE EDUARDO VI:

# Pela primeira vez uma mulher no trono inglês

Pela primeira vez em sua milenar existência, a Inglaterra tem a governá-la uma mulher: Maria Tudor, filha de Henrique VIII e Catarina de Aragão.

Maria, cuja vida tem sido seguida passo a passo pelo correspondente de O BRASIL EM JORNAL, em despachos que sucessivamente vimos publicando, enfrentou desde o seu nascimento as situações mais difíceis e vexatórias mas se manteve sempre absolutamente fiel à Igreja Católica Romana.

A morte de seu meio-irmão, Eduardo VI, coloca-a, agora, no trono da Inglaterra. As consequências desse fato não se farão demorar e são fáceis de prever. Católica fervorosa, Maria Tudor assume o governo de uma nação

que há tantos anos vem sendo dominada pelo espírito da rebelião e do divórcio total da Igreja de Roma.

Graves acontecimentos são esperados e previstos em virtude da completa reviravolta que está sofrendo a Inglaterra, passando das mãos dos fanáticos da Igreja Anglicana, criada por Henrique VIII, pai de Maria Tudor, para as suas delicadas mas enérgicas mãos de católica romana fervorosa.

A morte de Eduardo VI, o metéorico reinado de 20 dias de Lady Jane Gray, assim como a coroação de Maria Tudor e seus primeiros atos reais, estão detalhadamente noticiados na reportagem da página 5.



MARIA

A Igreja de Roma retorna ao trono da Inglaterra



EDUARDO

Sexto do nome; 6 anos de reinado e 16' de vida, segundo rei inglês morto nos últimos 6 anos

# POBRE BRASIL!...



Abrimos nossas colunas para acolher com honra insigne um artigo escrito especialmente para O BRASIL EM JORNAL pelo bravo e combativo jesuíta Manuel da Nóbrega.

Seu verbo candente, sua crítica corajosa e seu estilo inusitado tocam a sensibilidade e atingem o coração do gentio. Aqui está o artigo de Manuel da Nóbrega.

Vai, Tomé de Sousa... Obrigame Nosso Senhor a dizer o muito que temo vir outro que destrua o pouco que se fez aqui, até agora. De quantos de Portugal para cá vieram, nenhum teve amor à terra senão ele. O que todos queremos é fazer em proveito próprio, ainda que seja à custa do país.

Com os contrastes que tem, não crelo que o Brasil fóra avante se tivera outro governador...

Melhor terra do mundo, é, ainda assim, pouco favorecida de Nosso Senhor devido a seus pecados. Os homens, comumente, não têm respeito senão a seus interesses e ao rei, mas para Cristo não sobra respeito algum.

Já cansamos de clamar. Os que nos haviam de ouvir dos cristãos já nos ouviram.

Os senhores... uns dizem que não há senão viver à vontade neste mundo, que no outro a alma não sente; outros, que nós não sabemos o que dizemos e que eles, sim, falam a verdade.

Vituperam-nos, para nos desacreditar com o gentio. O bispo não é letrado e seus padres não edificam nada. Antes, aqui faziamos tudo de graça e agora vem outro modo de proceder. O povo, ao ver que lhe levam seu dinheiro, odeia o bispo e seus visitantes. A evitar pecados, por certo, nenhum deles veio cá...

Índios reclamam liberdade e vêm a nós como a país. Por falta de justiça, muitos estão cativos. Disse isto pessoalmente ao governador, que, porque muitos de seus conselheiros têm também escravos, foi de parecer que não se devia tocar no assunto para não prejudicar a ninguém.

A terra é pobre ainda... Urge remediar a situação mandando para cá moradores que lhe queiram bem, em vez de oficiais que só visam a seus ordenados e a acabar o seu tempo. Não têm afecção ao país e não trabalham para o favorecer. Isto é o geral, pósto que haja entre todos alguns que fujam à regra.

A cobice é o mau exemplo têm prejudicado tudo e vêm causando ódio e rancor nos corações, contra os cristãos.

Por amor do Senhor, que cesse já o mau costume de mandar a estas partes de infiéis o rebatimento como eu. O que importa é fazer-se cá uma casa de palha onde se ensine a doutrina a dez mocos em vez de em Portugal se construírem colégios suntuosos.

# ARTE DA COSTA NOVO GOVERNADOR

Salvador, 13, julho, 1553 (Do correspondente)

Com 260 pessoas em quatro navios, chegou, hoje, a esta cidade, o novo governador do Brasil, sr. Duarte da Costa. Ele vem ganhando 400 mil réis anuais, o dôbro do seu antecessor, Tomé de Sousa.

Após o desembarque nesta cidade, a nova autoridade, recebida, pessoalmente, por Tomé de Sousa, foi empossada nos paços da cidade.

Ao contrário do que pretendiam Nóbrega e outras pessoas gradas, Duarte da Costa, que é casado, não veio com sua mulher. Em sua companhia veio o filho Alvaro.

## JESUITAS PARA CONSTRUÇÃO

Com o governador, chegou também uma equipe de jesuítas, exatamente sete. Recorda-se que, em declarações a O BRASIL EM JORNAL, Nóbrega mostrou a necessidade que havia de novos companheiros para a obra educativa-religiosa que a Igreja está empreendendo no Brasil. Entre os recém-chegados, desta e da m-se Lúcia da Grã que foi reitor do colégio de Coimbra, José de Anchieta, Ambrósio Pires e Brás Lourenço, que convervou com a reportagem sobre a viagem, que considerou muito boa.

## VAI EMBORA

Tomé de Sousa, o governador exonerado a pedido, declarou-nos, após a solenidade da posse do sr. Duarte da Costa, que irá para Portugal imediatamente.

Considera que cumpriu perfeitamente a missão de que foi incumbido e vai juntar-se à família, que há quase 4 anos não vê. Falando ao repórter enumerou as providências que tomou em relação ao país, na recente viagem que empreendeu ao Sul.

— «Está proibida a penetração de estrangeiros pelo sul do país. Estive em São Vicente e soube da situação dos espanhóis no

Paraguai. A cidade de Assunção, ao que me parece, está no limite das terras portuguesas. Quanto a isso, pedi providências aos cosmógrafos reais. Trata-se de uma região que pode ser rica em ouro e convém preservá-la.

## RIO MARAVILHA

O governador fala-nos, a seguir, de sua estada no Rio de Janeiro e diz que considera aquela parte do país uma das coisas mais bonitas que viu. All teve ocasião de ver celebrados alguns atos religiosos, pelo padre Nóbrega. Os selvagens maracajás são amigos dos portugueses e os receberam bem.

Em São Vicente e outras capitâncias teve até de mandar endireitar certas ruas, traçadas ao léu. Para o ex-governador, contudo, a grande jóia portuguesa no Brasil é a capitania do Espírito Santo, que ele considera malbaratada pelo descaço do colonizador.

— «O Rio de Janeiro me impressionou tanto que mandei fazer dele um esboço para mostrá-lo ao rei. O ideal seria que se construísse ali uma povoação honrada e boa, porque em toda a costa, os franceses são figuras, habitualíssimas.

## RAMALHO, ANDARILHO

O governador passa a falar de outro assunto. São Vicente, afirmou-nos, é o ponto mais adiantado da colonização portuguesa no Brasil. Santos tem ótimo porto de mar.

No interior, de frente das cidades a que acabava de se referir, Tomé de Sousa providenciou a fortificação da vila de Santo André, onde mandou que os habitantes se juntassem, sob o comando de João Ramalho.

— «Este homem, continuou, é um português natural de Coimbra e a quem Martin Afonso de

Sousa já encontrou quando cá veio. Tem filhos e netos em tanta quantidade que até perdeu a conta. Soube que, diariamente, antes de jantar, ele caminhava mais de 9 léguas, a pé.

## OURO, MAIS QUENTE

O governador está cansado com a recepção ao novo mandatário e quer ver encerrada a entrevista. Nós, todavia, o forçamos a continuar. Queremos informações sobre a busca de ouro em todo o país. Tomé de Sousa diz-nos que até é um assunto sobre o qual gostaria de não falar.

— «Fiz mesmo a promessa de não tocar mais nisso, enquanto a descoberta não se concretizasse. Infelizmente, em minha gestão, apesar de ter quase certeza de que existe ouro no Brasil, e os indícios se vêm acumulando, não tive boa sorte. Mas uma coisa é certa: estamos, hoje, mais próximos do ouro que ontem.

Levantando-se e despedindo-se de nós, Tomé de Sousa presta um último esclarecimento:

— «Olhe, diga em seu jornal que eu proibi a entrada dos jesuítas pelo serião adentro por me parecer que não seria justo que eles se expusessem inutilmente. Sei que ficaram chocados com a proibição, mas eu também, que sempre lhes quis bem, não sofri menos com o ser obrigado a agir desta forma.»

## ARQUITETURA

Paris, 1552 (Do correspondente)

O grande rei Francisco I terá um túmulo digno de seu nome e de sua imortedoura memória: Henrique II encarregou o arquiteto real Philibert de l'Orme de elaborar o plano do monumento, que será erguido na igreja de São Denis. O nome de de l'Orme já constitui certeza de que a obra em projeto será das maiores da arquitetura francesa da atualidade.

Conseguimos apurar que foram convidados a colaborar no túmulo de Francisco I vários escultores, entre eles Pedro Bontemps, Germano Pilon, Ambrósio Perret e outros.

# Construtor, médico, capitão e contador

Salvador, 17, janeiro, 1552 (Do correspondente)

Importante doação foi hoje feita a Simão da Gama, pelo governador Tomé de Sousa: terras, que vão da ponta do rio Pirajá até a propriedade de Afonso Torres, foram-lhe ajuizadas com a cláusula de ele as aproveitar convenientemente.

Segundo o decreto de doação, Gama é obrigado a construir moendas onde houver água para engenhos, no prazo de três anos.

## NOVO CONSTRUTOR

Com o salário de 20 mil reais por ano, foi nomeado, hoje, para chefe das construções no Brasil o arquiteto Pedro de Carvalhal.

O decreto que o nomeia foi dado a conhecer hoje e, segundo ele, o nomeado deverá prestar juramento de bem servir ao rei, antes de seguir para o Brasil.

Carvalhal irá substituir, na Bahia o mestre construtor Luis Dias, que há tempos encaminhou ao rei um pedido de exoneração.

## CAPITÃO PARA ILHEUS

Ilhéus, 1552 (Do correspondente)

Porque o capitão desta capitania não se desincumbia a contento da coroa portuguesa, o governador Tomé de Sousa, ora de passagem por aqui, em viagem de inspeção, resolveu demiti-lo.

Em seu lugar foi nomeado João Gonçalves Drumond, fidalgo de cota de armas, natural da Madeira. Além desta providência, Tomé determinou que se construísse em torno da cidade uma cerca de proteção. Se fortificassem os engenhos.

## D. JOÃO III PERDE MÃO DA RAINHA PARA CARLOS V

Londres, 14, dezembro, 1553 (Do correspondente)

O embaixador português na Inglaterra, sr. Lourenço Pires, deu por encerradas, hoje, suas gestões para obter o casamento do infante português D. Luis com a rainha Maria, da Inglaterra.

O imperador Carlos V, mais rápido, conseguiu a mão da princesa para seu filho o príncipe Filipe. Em seu comando, o rei D. João, Lourenço diz que o imperador, além de ter mais diplomatas com tal objetivo (quatro embaixadores), gozava de posição mais favorável, já que na corte da Inglaterra o viam como verdadeiro protetor do trono.

## nomeados no Brasil

### CUBAS CONTADOR

Lisboa, 4, fevereiro, 1553 (Do correspondente)

Com 6 mil reais anuais de vencimentos, Brás Cubas, nomeado em 1551 provedor e contador do rei em São Vicente, foi hoje confirmado em seu cargo.

O rei D. João III autorizou o nomeado a receber, doravante, tal vencimento dos direitos que arrecadar.

### PELOURINHO EM STO. ANDRÉ

Santo André, 8, abril, 1553 (Do correspondente)

Diante de todo o povo desta vila, o governador-geral do Brasil, sr. Tomé de Sousa, inaugurou, hoje, pelourinho no centro da cidade.

Após o ato solene, o governador nomeou alcaide-mor da nova cidade o português João Ramalho, há muito radicado aqui.

### GOIS VENDEU CASA

Salvador, 6, maio, 1553 (Do correspondente)

A casa mais bonita e mais bem construída desta cidade foi adquirida, no ano passado, para morada do bispo D. Pedro Sardinha. Ela pertencia a Pero de Gois, capitão-do-mar do Brasil, e foi vendida por 80 mil réis.

A primeira prestação que tinha sido estipulada em 40 mil réis, foi paga em julho do ano passado. Hoje, liquidou-se o débito com o vendedor, que recebeu os restantes 40 mil réis que lhe faltavam.

Segundo peritos em operações imobiliárias, o preço por que foi arrematada a residência do bispo é mais que compensador para seu vendedor.

### NOVO MEDICO

Salvador, 14, julho, 1553 (Do correspondente)

Com seu pajem vestido a caráter, chegou, ontem, a esta cidade, o novo médico para o Brasil, dr. Jorge Fernandes.

Fernandes, que vem substituir seu colega Jorge Valadares, cujo tempo de serviço já expirou, disse-nos que é bastante amigo do rei D. João III e a isso atribui sua nomeação, por três anos.

Jorge Fernandes foi nomeado com o salário de 60 mil réis anuais. Valadares, a quem ele veio substituir, ganhava apenas 2 mil réis mensais e mais 400 réis de ajuda de custo.

Além desta melhoria de salário, o novo médico obteve do rei o favor de ter um pajem à sua disposição, com ordenados pagos pelo erário.

Pessoas que lhe são mais chegadas fizeram a O BRASIL EM JORNAL interessantes revelações: o médico, ao que nos disseram, é pessoa muito rica. Trouxe para a Bahia toda sua fortuna: mais de mil cruzados em dinheiro e todos os seus móveis de casa.

### MORREU TOURINHO

Lisboa, 10, outubro, 1553 (Do correspondente)

Morreu, hoje, nesta cidade, o homem que, designado para capitão de Porto Seguro, foi preso por intriga de seus comandados e processado aqui como herege.

Pero do Campo Tourinho, o fundador de Porto Seguro, respondeu valentemente aos insultos de que foi vítima mas não alcançou, pelo menos plenamente, a reabilitação. Estêve preso em cárceres de Lisboa e jamais voltou ao Brasil.

Sua morte, naturalmente, terá fundas repercussões no Brasil, para cujo progresso contribuiu eficazmente.

### COELHO EM LISBOA

Lisboa, dezembro, 1553 (Do correspondente)

Chegaram a esta cidade, vindos do Brasil, o governador de Pernambuco, sr. Duarte Coelho, e seus filhos Duarte e Jorge.

Sobre a vinda de Duarte, murmurava-se aqui que tal fato se deve a seu descontentamento com o atual estado de coisas no Brasil, com as autoridades recém-nomeadas para o governo-geral do país a quererem imiscuir-se nos negócios internos de Pernambuco.

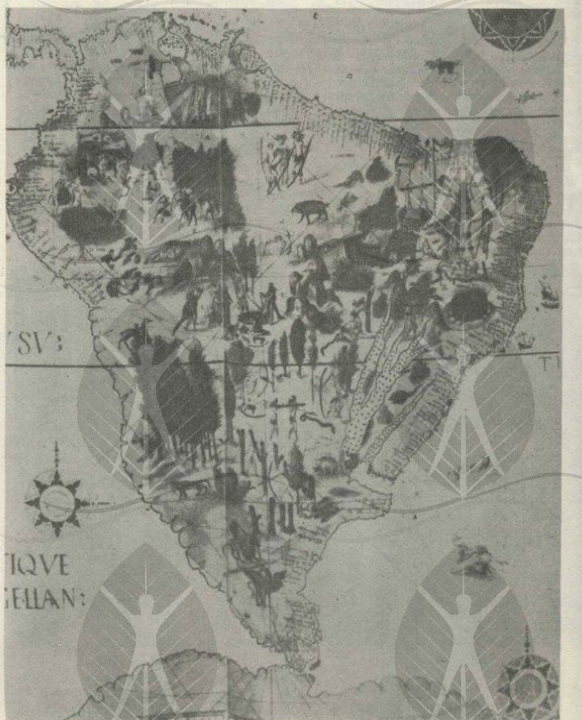
Seus dois filhos, assegura-se por outro lado, vieram para estudar em universidades portuguesas.

Duarte Coelho, que já procurou um contato com o rei D. João III, é um dos capitães mais prósperos do Brasil, em que põem algumas queixas que já fez às restrições impostas pela coroa ao livre-comércio.

Seu estado de saúde não é bom e, por isso, os que não concordam com a explicação de que ele veio para queixar-se, dizem que seu objetivo em Portugal é reencontrar a saúde perdida.

## NOVO MAPA

O padre e sábio francês Pedro Desceliers, cura da cidade de Arques (autoridade reconhecida em matemática, geografia, cartografia e hidrografia) publicou neste ano de 1553 o seu mapa-mundi, cuja parte relativa à América do Sul reproduzimos para nossos leitores.



# BISPO, JESUÍTAS E GOVERNADOR EM GRAVES DESENTENDIMENTOS

## EM SOCIEDADE

O grande pintor Lucas Cranach fixou em quadro, este ano de 1553, uma crítica maliciosa ao que se vem repetindo em larga escala na alta sociedade. O quadro, que reproduzimos em primeira mão nesta coluna, apresenta um velho burguês tentando conquistar uma das moças que borboleteiam pelos salões elegantes.

Cranach, com finura admirável, representou nesse quadro uma situação que vem sendo o assunto do dia em todas as rodas, principalmente as populares que glosam as fraquezas, a levandade e a amoralidade dos meios elegantes. Trata-se da exploração que as referidas moças fazem quando cortejadas por velhos burgueses, nobres ou capitalistas. Fingem que lhe aceitam a corte para, enquanto isso, surruiar-lhes a bolsa...

Quando da apresentação do quadro, os comentários foram os mais diversos. Tanto à personagem encarnada pelo velho como à representada pela moça, foram emprestados nomes de pessoas muito conhecidas na sociedade...

A crítica artística de Cranach, que vem de falecer, é de fato audaciosa mas inegavelmente muito oportuna e, artisticamente, admirável.



cupa muito mais as mulheres da sociedade: saber se, com a chegada de Reginaldo Pole, renascerá aquela grande paixão juvenil que ardeu no seu e no coração da rainha... Pole, segundo intimos da família real, foi o grande amor de Maria Tudor.

Em Londres, no meio de toda a agitação deste meado de 53, em que um rei morre aos 17 anos, uma rainha governa por dias, para ceder lugar a outra, cabeças rolam pelo chão — uma coisa preo-

De Bruxelas, neste fim de ano de 1553, chegou carta do embaixador Lourenço Pires, que foi à Inglaterra para sugerir à filha de Henrique VIII seu casamento com o infante português D. Luis. Ao que ele informa, aquele era o partido que Carlos V queria para seu filho Filipe, em vez de Maria, a infanta portuguesa que morreu de parto há 8 anos.

Pau (França), 14, dezembro, 1553 (Do correspondente)

O reino de Navarra está em festas com o nascimento, hoje, 14 de dezembro de 1553, em Pau, do príncipezinho Henrique, filho da rainha Joana d'Albret e de Antônio de Bourbon, rei de Navarra. No flagrante que reproduzimos está fixado o momento em que o novo príncipe era mostrado à corte de Navarra.

O acontecimento está sendo festivamente comemorado por todos os navarreses.



## Grande médico queimado vivo

Genebra, 27, outubro, 1553 (Do enviado especial)

A intolerância e a brutalidade com que os calvinistas encaram os problemas religiosos ceifaram mais uma vida preciosa: acusado de herético, o humanista e médico Miguel Servet, glória da cultura mundial, foi hoje queimado vivo.

A multidão acompanhou a execução do ilustre sábio, que demorou duas horas para morrer, em meio aos mais inacreditáveis sofrimentos.

### ANTECEDENTES

«Se vier para aqui, por pouco que valha minha autoridade, não deixarei que saia vivo» — estas as duras palavras do próprio Calvino, referindo-se, anos passados, a Miguel Servet, diante da impressão desfavorável que lhe causara

o livro do sábio espanhol «Christianismi Restitutio». O fanatismo calvinista não perdoou Servet, que pagou na fogueira sua ousadia de se opor aos princípios doutrinários do senhor de Genebra.

Independente dos seus conhecimentos teológicos, Servet destacou-se também em vários outros setores da inteligência, o que lhe valeu largo conceito nos meios intelectuais contemporâneos. A obra de Ptolomeu (Geografia) foi por ele comentada e editada, causando impressão favorável e dando-lhe sólida reputação de humanista.

Seu maior destaque, entretanto, foi no terreno da medicina, por ter, na sua «Christianismi restitutio», assentado os princípios essenciais da circulação pulmonar, demonstrando, contra a opinião atualmente dominante, que o san-

gue que é expulso do coração a ele volta pelas veias pulmonares, como notificamos em edição anterior.



SERVET

Glória escrita com cinzas

Salvador, agosto, 1552 (Do correspondente)

Porque já algumas desinteligências surgiram entre o novo Bispo do Brasil, D. Sardinha, e os jesuítas, uma série de consultas sobre assuntos religiosos-filosóficos acaba de ser encaminhada a Roma.

Os jesuítas vinham usando no processo de catequese dos índios sistema bastante elástico. Assim é que os selvagens frequentavam as igrejas despídos, cantavam missa ao som de maracas e faziam confissão mediante intérprete. O procedimento que objetiva trazer o gentio mais facilmente ao seio religioso, não pareceu curial à autoridade clerical no Brasil, que chegou mesmo a repreender o superior jesuíta, padre Nóbrega.

Agora, para dirimir dúvidas, Nóbrega pede que de Roma lhe esclareçam, além dos pontos controvertidos pelo bispo, outros mais.

Seu requerimento pede solução para: 1) os índios podem confessar por intérprete?; 2) podem os selvagens ouvir missa de mistura com os cristãos?; 3) os instrumentos indígenas podem ser usados no culto divino?; 4) podem eles batizar-se nus?; 5) é lícita a guerra para cativá-los?

Nóbrega é antiescravagista e tal posição lhe

vale a antipatia de muitos colonos ambiciosos.

## GRAVES DESAVENÇAS

Salvador, 31, dezembro, 1553 (Do correspondente)

Em fontes extra-oficiais revelou-se hoje que a situação nesta cidade é considerada tensa entre as principais autoridades do país.

Algumas desinteligências teriam ocorrido entre o bispo Sardinha e o governador Duarte da Costa. Revelou-se também que já se formaram partidos entre os que são contra o bispo e contra o governador.

O motivo da desarmonia seria, ao que se diz, o comportamento do filho do governador, D. Alvaro.

## CÔRSEGA É DA FRANÇA

Paris, setembro, 1553 (Do correspondente)

Uma expedição comandada pelo marechal de Termes e com apoio conjunto das galeras do príncipe de Salerno e da frota turca, tomou a Córsega aos genoveses, colocando a ilha, pela primeira vez na história, sob o domínio francês.

A tomada, que durou apenas um mês, é considerada pelos políticos como o fato mais importante, depois da ocupação dos Três Bispos, para a consolidação do prestígio de Henrique II na Itália.

## Guerra diplomática por causa do Brasil

Lisboa, dezembro, 1552 (Do correspondente)

Uma violenta representação foi encaminhada ao rei de França, Henrique II, pelo governo português.

A nota diplomática, ao que se informa, versa sobre matéria de direito de navegação e, nela, o rei de Portugal, D. João III verbera o procedimento dúbio do governo de França.

O embaixador português em Paris, ao entregar o protesto de seu país, fez, mesmo, referência a alguns encontros entre a esquadra de Portugal e corsários franceses ao largo da ilha da Madeira, em abril último.

### PORTUGAL x ESPANHA

Lisboa, dezembro, 1553 (Do correspondente)

Reclamações recíprocas se fazem, presentemente, entre Portugal e Espanha. Os dois países se julgam com os mesmos direitos sobre a região en-

tre Assunção e o interior brasileiro limítrofe.

O embaixador português na Espanha, sr. João Rodrigues Correia, fez entrega de uma nota de protesto contra a penetração dos espanhóis por terras brasileiras até Assunção. Simultaneamente, a embaixada espanhola em Portugal protestou contra os maus tratamentos dispensados pelo governo brasileiro a seus súditos no sul do Brasil.

## 60 NOVOS TRIBUNAIS NA FRANÇA

Paris, janeiro, 1553 (Do correspondente)

Henrique II ordenou a criação de 60 tribunais com nove juizes cada, em vários baillados e senescalias, provocando protestos dos parlamentos, que não vêm com bons olhos tribunais inferiores a eles tornarem-se juizes em última instância, para alguns casos.

# Quem viver verá

Dá que pensar a insistência das nações estrangeiras em freqüentar a costa do Brasil, buscando prolongados contatos com as populações indígenas. São os franceses os mais teimosos nesse afincio. Não se cansam os armadores da Normandia e da Bretanha de enviar os seus navios aos pontos mais desguarnecidos do litoral brasileiro, onde se acobertam nas abras, enseadas e embocaduras de rios, carregando o pau de tinta que o gentio lhes fornece a trôco de bugigangas e vivendo com o mesmo à mercê de tudo lhe facilitarem, com manifesto menosprezo da salvação de suas almas, pintados de genipapo, usando tangas e cocares, bebendo cauim e até, segundo há notícia, participando de seus horrendos festins de carne humana. Tudo para os atrair, agradar, lisonjear. Desde os primeiros tempos do achado desta costa, a freqüentam êsses franceses, apesar das diversas expedições vindas do Reino para expulsá-los. De nada valeu o exemplo dado pelas repressões de Cristovam Jaques e de Pero Lopes de Sousa. Eles nunca cessaram o seu contrabando, ora no Maranhão e no Mocuripe, ora na Paraíba e no Rio Real, ora no Cabo Frio e na ilha de Xerimerim, dos Patos ou de Santa Catarina.

Temos a impressão de que, mais dia, menos dia, escolherão os franceses um ponto litorâneo até hoje em abandono e que lhes seja propício por várias circunstâncias, a fim de nêle estabelecerem uma base de colonização efetiva. Teremos, então, de enfrentar o grave problema de sua expulsão, sob pena de não só perdermos a terra ocupada como de permitir uma cunha que impedirá a unidade, tão difícil de manter, do território do Brasil. Aqui ficam estas nossas palavras como uma espécie de aviso às autoridades a quem incumbe zelar pelo patrimônio ultramarino de Portugal.

Caem-nos da pena tais considerações ante a notícia do encontro na ilha de Santa Catarina, onde, há tempos, desembarcou e permaneceu como em casa própria, o famoso Adelantado espanhol Alvaro Nuñez Cabeça de Vaca, dos restos duma outra expedição castelhana, a de Diogo de Sanabria, chefiados pelo Capitão João de Salazar. Desde 1550 ali se achavam êsses espanhóis, em comunhão com os índios da Laguna do Imboacu. Havia entre êles mulheres, mesmo damas de prol. Realizaram matrimônios. Nasceram filhos. Foi quase uma colônia que nasceu. Se não fôra o propósito em que todos se encontravam de alcançar de qualquer forma a vila de Assunção, no Paraguai, poderiam ali ter fundado um estabelecimento duradouro com grave detrimento para o futuro do Brasil português.

Estamos escrevendo estas linhas com o intuito de alertar o Governo-Geral para o perigo de ficarem ao mais completo desamparo certos sítios do litoral, verdadeiramente convidativos para as ambições estrangeiras. Urge que o povoamento do Brasil avance de Cananéia e Iguape para o sul, de modo a que no mais breve tempo possível se ocupe a ilha de Santa Catarina. Urge, também, que se ponha a mão na esplêndida baía de Niterói, cujo remanso e posição poderão atrair os franceses, useiros e vezeiros na freqüência ao Cabo Frio. E urge ainda lançar os olhos para a parte setentrional da costa, do cabo de S. Roque à foz do rio das Amazonas ou Maranhão, pouquíssimo freqüentada pelos nossos navegadores, onde, segundo parece, depois do naufrágio da expedição de Aires da Cunha e do malôgro da aventura de D. Luís de Melo, não surgiu mais nenhuma vela portuguesa. Essa porção do território do Brasil, onde se incluíam as duzentas e tantas léguas das capitânicas de Fernando Álvares de Andrade, Aires da Cunha e João de Barros, é um verdadeiro res nullius, a desafiar cobiças que nos darão grandes dores de cabeça no futuro.

Quem viver verá.

Está causando furor e muitos comentários a nova linha que os costureiros franceses lançaram para os vestidos e que deram o nome de «cone».

Trata-se de uma saia de cânhamo engomado, tendo em baixo um arco de vime para

lhe dar o aspecto de um cone. Esta saia é presa a um corpete sem mangas, acolchoado e modelado com escamas de baleia, que transforma o busto em outro cone. As mangas são amplas, mas presas nos punhos.



## MORRE CRANACH



Weimar (Alemanha), 16, outubro, 1553 (Do correspondente)

A arte sofreu hoje grande perda com a morte, nesta cidade, de uma das mais altas expressões da pintura alemã de nossos dias — Lucas Cranach, o velho.

O extraordinário pintor faleceu aos 81 anos e era natural de Cranach, na Alta Francônia. Estudou desenho e pintura com seu pai, tendo se estabelecido em Witemberg, onde levou vida próspera, cercado de consideração e protegido pelo eleitor da Saxônia, Frederico, o Sábio. Cranach, cujo retrato reproduzimos, deixou vários quadros de importância, tendo sido o retratista de Martinho Lutero, e de sua família. Como retratista, Cranach legou obras verdadeiramente maravilhosas; pela sua força e fidelidade.

Cranach foi um entusiasta do luteranismo, pondo seu pincel a serviço da propaganda reformista, exaltando seus partidários em algumas realizações e ridicularizando seus adversários em outras.

Deixou um filho, também pintor de grande talento, nascido em Weimar em 1515, com o mesmo nome do pai e, consequentemente, chamado Lucas Cranach, o Jovem.

## Brasil já tem bispo

Salvador, 22, junho, 1552 (Do correspondente)

Sob aclamação popular, chegou hoje a esta cidade o primeiro bispo do Brasil, D. Pedro Fernandes Sardinha.

S. Exa. Reverendíssima trouxe clérigos de missa, sinos, alfaias e vestes necessárias ao serviço da Igreja.

Sardinha é natural de Évora, onde nasceu por volta de 1495. É filho de Gil Fernandes Sardinha e Lourença Fernandes. Lecionou nas universidades de Paris e Salamanca. Já esteve na Índia, onde foi provisor e vigário-geral. Conta que, em 1548, viu morrer o governador D. João de Castro e que até assinou as disposições de última vontade deste. Como professor, ensinou a Inácio de Loyola. Dizem que é ótimo pregador.

## MUDANÇAS

Mal chegado à Bahia, D. Pedro quis saber o estado das coisas da Igreja. Ao lhe contarem que os índios participavam das missas, de mistura com os cristãos, franziu o cenho.

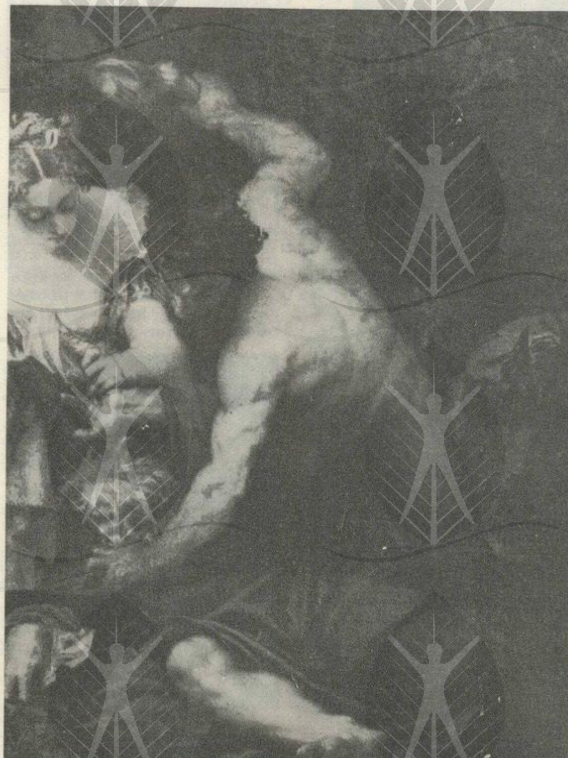
Em declarações a O BRASIL EM JORNAL, afirmou que pretende, logo que possível, introduzir algumas modificações no rito religioso e acabar com o que considerou herético.

## DOIS QUADROS



Paulo Caliari (Veronese), o consagrado pintor, concluiu dois belíssimos quadros, muito elogiados pela crítica: "A Tentação de Santo Antônio" (1552) e "Júpiter fulminando os crimes" (1553), os quais, por gentileza do autor, reproduzimos nesta coluna.

Notável, principalmente, a perspectiva emprestada ao quadro de Júpiter que é o reproduzido em oval



## O BRASIL EM JORNAL

EDITORA REFORMA S/A  
R. México, 119, 12º and.  
grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807

SEDE PRÓPRIA  
End. Teleg. REFORMA  
RIO DE JANEIRO

Secretários  
RUBEM AZEVEDO LIMA  
ZUENIR CARLOS VENTURA

Paginção  
WALDYR FIGUEIREDO

Ilustração  
ADAIL

Revisão  
GABRIEL CHAVES DE MELO

Promoção  
TITO S. CAVALCANTI

SUCURSAL EM S. PAULO  
Pr. das Bandeiras, 40, 9º and.  
Tel.: 33-6647

ASSINATURAS (ANUAIS)  
24 Nos. SIMPLÉS... Cr\$ 240,00  
24 Nos. ABREA... Cr\$ 300,00

## MORRE EDUARDO VI:

# Pela primeira vez uma mulher no trono inglês

Greenwich, 6, julho, 1553 (Do correspondente)

Com 16 anos e 9 meses, dos quais 6 anos de reinado, morreu hoje nesta cidade, Eduardo VI, único filho varão de Henrique VIII, com sua terceira esposa Jayne Seymour, e o segundo rei que a Inglaterra perde em 6 anos.

Ao nascer, os médicos deram poucos anos de vida a Eduardo, que, embora débil, pôde receber uma boa educação humanística, pois, aos 13 anos, já lia Aristóteles no original e traduzia Cícero para o grego.

### VIOLENTO E FANÁTICO

A morte prematura de Eduardo VI interrompe uma grande carreira. «Uma carreira — segundo pessoa do palácio — como só poderia realizar um jovem doentio, violento, duro, obstinado e fanático».

Na verdade, o jovem rei era uma exceção ao temperamento mais ou menos tolerante, aberto e magnânimo dos Tudor.

Eduardo VI recebeu a coroa no dia 28 de janeiro de 1547 e todo o seu governo foi assinalado pela violenta rivalidade dos principais personagens do reino, que disputavam entre si o poder. O menino-rei seguiu essas lutas com indiferença, deixando ir para o cadafalso os que ficavam vencidos.

Quando no dia 22 de janeiro do ano passado, o duque de Somerset, o Protetor, foi executado por felonía, o rei anotou no seu diário: «O duque de Somerset teve a cabeça cortada hoje, entre as oito e as nove da manhã... ambição, vaidade, avidez; ele quis fazer-se senhor.»

### RAINHA POR 9 DIAS

Londres, 3, agosto, 1553 (Do correspondente)

Antes de morrer, Eduardo VI foi convencido pelo homem que dominava sua vontade — Northumberland — a assinar o testamento em favor de Lady Jane Grey. A bela duquesa de 16 anos recusou a princípio, mas acabou aceitando a coroa. Uma coroa que usou somente nove dias, pois logo que Maria Tudor soube da manobra de Northumberland para afastá-la da sucessão, reuniu um exército e entrou hoje nesta cidade.

### VIVA RAINHA MARIA

A entrada da nova rainha foi triunfal. Veio conduzida por seus partidários, tendo ao lado sua irmã Elisabeth. Londres acendeu fogueiras de festa para recebê-la; os condados lhe ofereceram tropas; o Conselho, espavorido com o que fizera, mandou um arauto e quatro trombeteiros à cidade para proclamá-la rainha. O próprio Northumberland, sabendo dos acontecimentos, agitou o chapéu no ar e bradou: «Viva a rainha Maria».

### POLE NOMEADO

Londres, 6, agosto, 1553 (Do correspondente)

A pedido da rainha, o Papa Júlio III nomeou hoje o cardeal Reginaldo Pole para legado pontifício na Inglaterra. Pole, que é filho da condessa de Salisbury, preceptora de Maria, foi companheiro de infância da soberana.

### VOLTA AO PAPISMO

Londres, dezembro, 1553 (Do correspondente)

Maria e os católicos que a

cercam querem imediatamente a reconciliação da Inglaterra com Roma e, para isso, a rainha vem desenvolvendo grande atividade, tendo entrado em entendimentos com Júlio III.

Maria já conseguiu o restabelecimento dos «Seis Artigos» (promulgados em 1539), decretando a morte de quem negar a transubstanciação, a necessidade da confissão e do celibato dos padres. Além disso, aboliu todas as leis religiosas do reino precedente e depôs os bispos protestantes.

Com a restauração dos bispos católicos, Gardner, bispo de Winchester, foi nomeado chanceler, enquanto, no dia 22 de agosto, Northumberland era executado.

### PROPOSTA DE CASAMENTO

Chegou-nos a notícia de que Carlos V aconselhou seu filho Filipe a pedir a mão da nova rainha, renunciando a qualquer princesa portuguesa. A mesma fonte informa que Filipe deve ostentar o título de rei da Inglaterra, mas não intervir no governo nem suceder a Maria no caso de morte.

### APREENSÃO

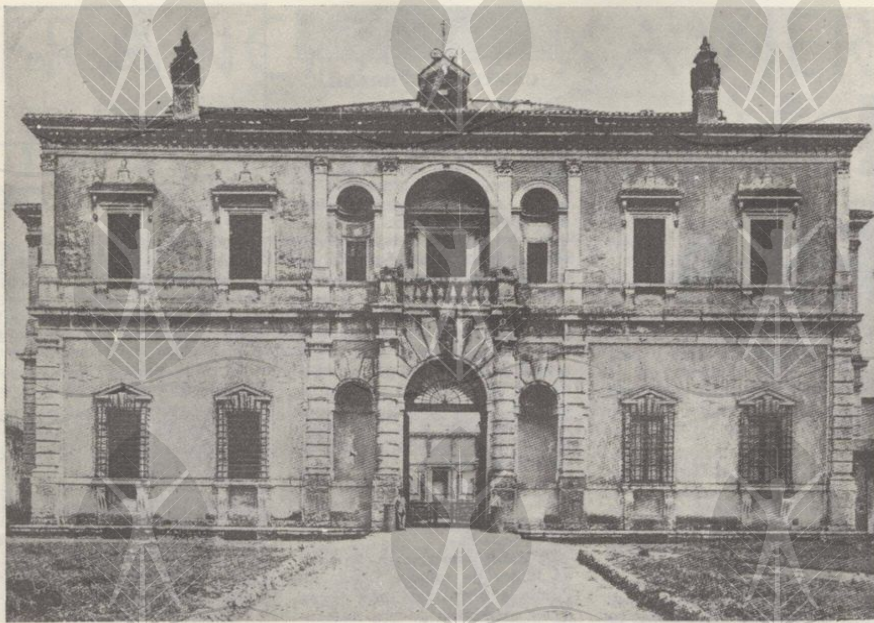
Certos círculos políticos estão muito apreensivos com a volta ao papismo. Acha-los que essa mesma maioria que conserva a nostalgia das velhas cerimônias e deseja um regresso ao nacional-catolicismo do rei Henrique, guarda grande ódio a Roma.

De modo particular, os adquirentes de bens eclesiásticos, classe rica e poderosa, receiam um ato de submissão ao Papa, ao mesmo tempo que os pais casados temem um retrocesso à antiga fé, pois isso os obrigaria a escolher entre seus curatos e suas mulheres.

## JORNAL ECONÔMICO

As rendas da alfândega de São Vicente, durante o ano de 1553, apresentaram um superavit animador, com relação a outros anos. Segundo as autoridades, o acréscimo de 100 cruzados na arrecadação de direitos se deve, principalmente, à entrada de espanhóis pela região e ao seu comércio com o Paraguai.

Salário de capitão no Brasil: 24 mil réis anuais. O dado, que recolhemos em livros do governador-geral do Brasil, sr. Tomé de Sousa, se refere à nomeação e confirmação de Estevão Lopes, capitão de ribeira.



Esta é a fachada da «Villa» do papa Júlio III, em Via Flaminia, Roma

# UM REPÓRTER NA "VILLA" PAPAL

Via Flaminia, Roma, 1553 (Do enviado especial)

De chinelos e em roupas casuais, o papa Júlio III recebeu em sua «Villa» o repórter de O BRASIL EM JORNAL, juntamente com alguns cardeais e outros convidados.

Fui à casa pontifícia com um convite forjado, e tive um

momento de grande embarço quando, depois de receber-me, o Santo Padre olhou-me fixamente e perguntou: «De onde nos conhecemos?»

É que ajudei Antônio Melle-donne (correspondente de O BRASIL EM JORNAL) a fazer a cobertura da eleição papal, e foi a mim, com exclusividade, que Júlio III revelou o nome que ia adotar. Mas a chegada providencial de um convidado impediu que o Papa descobrisse o embuste. Que Sua Santidade, ao ler esta reportagem, perdoe o expediente que este repórter usou.

### RENASCIMENTO DOMINA

A «Villa» do papa Júlio III não tem nenhum elemento religioso ou clerical. Sua planta, a distribuição das salas no edifício, o lugar de breves residências, o pátio com jardim, a gruta ao fundo são inteiramente de linhas modernas. A fachada é simples, quase severa, sem nada que anuncie o que vamos encontrar lá dentro. O portão, construído com grandes silhares, tendo nos flancos colunas dóricas e dois nichos, é o único elemento exterior que denuncia ser esta a casa de um grande senhor

### O «HORTUS CONCLUSUS»

Passado o portão, encontramos um pátio semicircular, ao

lado do jardim, o «hortus conclusus» ou jardim fechado, sem vista para o exterior. As paredes laterais são decoradas com colunas jônicas que fazem o efeito de bambolinas para o pano de fundo, que é o mirador sobre o pátio inferior.

Neste pátio, chamado ninfeu, ficamos a maior parte do dia, por ser ele baixo e fresco.

### A GRUTA DO BANHO

Mais em baixo ainda, subterrâneo, está o banho, gruta agradabilíssima de onde cai, gotejando, a água fria e pura de um manancial. Estas duas partes — ninfeu e gruta — têm um outro atrativo especial: o silêncio; não chega aí o barulho do jardim superior.

O estilo, muito simples, dos muros do jardim, continua no ninfeu. Mas o mirador, que separa o jardim do ninfeu, é um modelo de pura graça.

### OS CONSTRUTORES

Vignola e Ammannati são os responsáveis pela construção da casa de Júlio III.

O primeiro construiu a parte da entrada e o segundo, a interna. Ammannati, aliás, se apresenta em um aspecto mais amável e ligeiro. Utiliza mais o estuque do que a pedra, e o mármore está reservado para as partes que podem sofrer desgaste excessivo.



Neste flagrante vemos o pátio semicircular interno da «Villa» papal, com os jardins no centro.

## TEATRO

### SACRIFÍCIO

Lausanne, 1552 (Do correspondente)

Teodoro Bêze lançou este ano sua peça «Abraão sacrificando», tragédia em versos franceses. A peça está sendo considerada como uma sobrevivência do teatro medieval. É uma pregação: exorta os espectadores a sacrificar tudo que os prende ao mundo, inclusive suas ligações com a família, a fim de se entregarem inteiramente ao verdadeiro Deus.

### JOVEM AUTOR

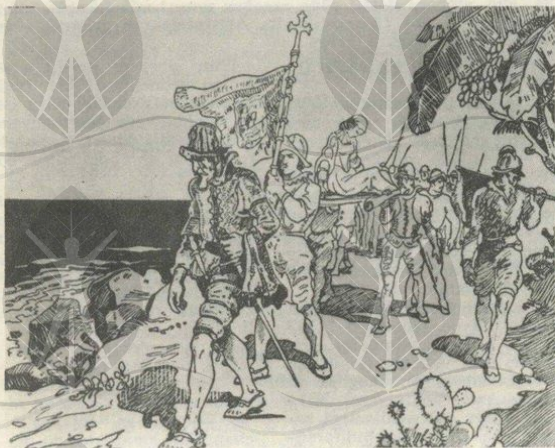
Paris, 1553 (Do correspondente)

Um jovem (21 anos) autor e ator, Etienne Jodelle, obteve estrondoso sucesso com a representação, no colégio de Boncourt, de sua peça «Cleópatra cativa». As comemorações do êxito de Jodelle tiveram a participação de figuras conhecidas das artes e das letras, entre elas Ronsard e Jean-Antoine Baif, grandes poetas.

A peça já era conhecida e fora representada, no ano passado, juntamente com outra, também de Jodelle, «Eugênia», interpretada pelo autor e vários poetas seus amigos.

A peça «Cleópatra cativa» vem despertando viva animosidade não só entre católicos como também nos meios protestantes e, particularmente, de outro conhecido autor teatral, Teodoro Bêze.

# ODISSÉIA PORTUGUÊSA NA ÁFRICA



D. LEONOR

A heroína conduzida nos ombros dos companheiros de odisséia

Lourenço Marques, África, 29, dezembro, 1552 (Do correspondente)

Sem dizer palavra e sem derramar uma lágrima, o capitão Manuel de Sousa enterrou nas areias de uma praia ao sul desta localidade, a mulher e o filho, mortos de fome.

Sousa, que comandava o galeão «São João», enlouqueceu em virtude das situações dramáticas que teve de enfrentar após o naufrágio de seu navio, há oito meses.

O «São João» vinha da Índia, de onde partira em princípios de fevereiro, com mais de 500 passageiros e grande carga de pimenta e arroz. Em meados de março, quando se aproximava do Cabo da Boa Esperança, uma tempestade fortíssima desmantelou a embarcação.

Sem o leme e sem os mastros, arrancados pelo temporal, o galeão vagou alguns dias ao sabor das ondas. A bordo, o desespero tomou conta de todos.

Durante mais de dez dias o navio ainda resistiu. O piloto André Vaz aconselhou que se tentasse a aproximação do litoral. Ao amanhecer a tempestade, uma baleeira foi lançada ao mar para explorar as costas, não muito afastadas, enquanto o «São João» deitava âncora. Uma segunda baleeira levou para a terra o comandante Manuel de Sousa, sua mulher, D. Leonor, os filhos do casal e mais umas 30 pessoas.

A bordo do «São João» ficaram mais de 500 pessoas, entre portugueses e escravos, que resolveram soltar a âncora, para que o navio se aproximasse do litoral. Com a violência das ondas, o navio partiu-se em dois. Os que puderam, agarraram-se aos caixotes, para salvar-se.

No outro dia, mais de 100 cadáveres deram à praia.

Por perto havia sinais de água e os sobreviventes tinham conseguido salvar algumas caixas de arroz.

Depois de 10 dias, num morro próximo apareceram alguns africanos, com uma vaca. Os sobreviventes tentaram comprar o animal em troca de pregos. Outro grupo de africanos, aparecido em seguida, fez que as negociações falhassem. Durante noites e noi-

tes o próprio capitão ficava de sentinela. A frente, Manuel de qualquer ataque por parte dos selvagens. Os mantimentos estavam a acabar e se decidiu partir em busca do rio Lourenço Marques.

## TIGRES E COBRAS

Em julho, o grupo se pôs em marcha. A frente, Manuel de Sousa e André Vaz, com 80 homens. D. Leonor, já um pouco debilitada, seguiu num estrado carregado por escravos. Na retaguarda, após a escravidão e o pessoal do mar, ia Pantaleão de Sá, cunhado do comandante, com 200 sobreviventes.

Caminharam por mais de um mês, comendo apenas arroz e nem sempre tendo o que beber. Alguns, já desesperados, deitavam-se por terra e deixavam-se ficar.

Um filho de Manuel de Sousa desapareceu. O menino não foi encontrado e o pai quase enlouqueceu. Ofereceu prêmio a quem fosse buscá-lo, mas todos se recusaram. O piloto André Vaz lembrou que, naquele instante, já os tigres o teriam devorado e desistiu-se da busca.

Daí para a frente, aumentaram os perigos. Vez por outra

os sobreviventes eram assaltados por africanos. Diariamente, três ou quatro pessoas, no grupo da retaguarda, eram devoradas por tigres.

Após 3 meses de marchas forçadas, já com grandes perdas, o bando chegou a uma região dominada por um rei-zete negro. As esperanças de salvação renasceram. O rei estava em guerra com um outro potentado e solicitou o auxílio dos portugueses.

Sousa designou Pantaleão e mais vinte soldados para o ajudarem. Os portugueses tomaram ao outro potentado mais de 20 cabeças de gado.

A despeito da informação do rei que os abrigara, os sobreviventes resolveram continuar a caminhada. Para isso, conseguiram embarcações com que pretendiam atravessar um rio.

## PRESOS

Atravessado o rio, outra dificuldade os esperava: uma multidão de africanos, aparentando amizade, cercou-os. Os sobreviventes contaram-lhes sua odisséia, por intermédio de escravos.

Foram conduzidos a um potentado, que se propôs a ajudá-los, desde que eles entregassem as armas.

Em conselho, considerou-se suspeita a proposta. Mas o capitão, já alucinado, verberou a opinião dos companheiros.

«Por certo, disse ele, os selvagens temem que os ataquemos com nossas armas. Proponho que as abandonemos.»

D. Leonor foi de parecer contrário:

«Se lhes entregamos as armas, afirmou, estamos todos perdidos.»

As armas foram entregues aos selvagens e estes, senhores da situação, fizeram nova imposição:

«Que todos se separassem! No lugar não havia mantimentos para tanta gente.»

Assim foi feito. Em seguida, os selvagens caíram sobre os bandos dispersos, assaltando-os. O grupo de Manuel de Sousa também foi atacado. Os africanos tiraram-lhes as roupas, mas, quando quiseram despojar D. Leonor, esta resistiu a unidades. Inteiramente despida, ela se lançou ao chão, cobriu-se de areia e com seus cabelos. A André Vaz, o capitão recomendou que se fosse. Ele, Sousa, morreria ali com a mulher e os filhos. Neste transe, ficaram ainda alguns dias, inteiramente nus, todos. D. Leonor e os meninos, cada vez mais fracos, não resistiram muito tempo.

Hoje, quando Sousa voltava do mato, aonde fora buscar alguma coisa para alimentá-los, encontrou as escravas em prantos. D. Leonor e uma das crianças acabavam de morrer.

O capitão sentou-se diante de seus cadáveres, com a cabeça entre as mãos, e ali ficou a olhá-los por mais de meia hora. Depois, silenciosamente, enterrou-os ele mesmo.

## CANTOR NO BRASIL

Salvador, 12, julho,

Mesmo sem órgão para as lições e apesar de na cidade já existir mestre de canto, foi proposta, hoje, a nomeação de outro professor de música, pelo bispo D. Pedro.

A escolha do bispo recaiu sobre Francisco das Vacas, amigo de um cantor da capela real e aventureiro no Brasil.

Em conversa com a reportagem, adiantou D. Pedro que seu protegido tem boas falas e muito jeito para pôr em ordem o ofício divino em Salvador. A única dificuldade para sua nomeação é a existência de um outro mestre de capela, que veio com o bispo. Mas este, informou D. Pedro, não está contente com o Brasil, apesar de ganhar 20 mil reais de ordenado.

A Bahia não tem órgão para as lições de música, mas, segundo o bispo, isto não chega a ser obstáculo para a nomeação de Vacas.

«Os órgãos virão... disse-nos. Se lhe dermos o arce-diago de Salvador (Vacas exigiu uma prebenda para lecionar) ele ficará entre nós.

## Escudeiro inocentado

Lisboa, 1553 (Do correspondente)

Acusado de ter ferido um criado do rei D. João III, mas porque se propôs a servir na Índia, um jovem escudeiro, cego de uma vista, foi indultado e ainda vai ganhar 2 mil e 400 réis.

Os personagens da curiosa história são Luís Vaz de Camões, português, solteiro, morador na Mouraria, e Gonçalo Vaz, português, zelador dos arreios do rei.

Por motivos ignorados, Camões deu em Gonçalo um golpe de espada, sem maiores consequências. Processado, o agressor foi condenado a pagar ao ofendido a multa de 4 mil réis, para obter perdão.

Agora, para livrar-se da pena, Camões ofereceu-se para servir na Índia. Sua proposta foi aceita e ele em breve embarcará para aquela parte, com o salário de 2 mil e 400 réis.

## EXPANSÃO RUSSA NA ÁSIA

Kazan, 1552 (Do enviado especial)

Aproveitando a decadência dos principados tártaros do Volga, o exército de Ivan IV se apoderou desta cidade, depois de um cerco em que sua artilharia, apoiada por canhões estrangeiros, fez maravilhas

contra as flechas dos arqueiros tártaros.

A tomada de Kazan entusiasmou o povo, que vê no acontecimento o fim dos saqueadores mongóis e finlandeses e a abertura da bacia do Volga à colonização agrícola. Em suma, é a Rússia chegando aos confins da Ásia.

## Desaparece cosmógrafo germânico

Basiléia, 1552 (Do correspondente)

Sebastião Munster, teólogo e cosmógrafo alemão, nascido em Ingelheim em 1849, faleceu este ano nesta cidade. Munster foi professor de teologia e de hebraico na Universidade de Heidelberg, e, mais tarde, lecionou matemática em Basel.

Sua obra mais importante, que o situa entre os maiores cientistas e estudiosos de geografia de nosso tempo, é a «Cosmographia Universalis», primeira descrição, detalhada do mundo em língua alemã. Munster a publicou em 1544.



A gravura (feita em madeira) que reproduzimos está na «Cosmographia Universalis», editada em 1544 pelo seu autor Sebastião Munster. Por ela os leitores poderão aquilatar das lendas que cercam os conhecimentos de geografia da atualidade. São monstros marinhos e terrestres que povoam os mares e terras ainda não suficientemente conhecidos, segundo os geógrafos contemporâneos.

# FRANCISCO XAVIER NÃO EXISTE MAIS

Sanchan, 3, dezembro, 1552 (Do correspondente)

Esgotado pela fadiga e privações, morreu hoje nesta ilha Francisco Xavier, um dos maiores colaboradores de Inácio de Loyola na Companhia de Jesus e o representante máximo do espírito missionário católico.

Francisco Xavier, cujo corpo será trasladado para Goa, veio para cá depois da rebelião do capitão Alvaro de Ataíde em Malaca. Sua intenção era passar ao continente, para converter os chineses, pois achava que só assim sua missão na Ásia estaria cumprida.

Filho de João de Jassu e de Maria de Azpicuelta, Francisco nasceu no castelo de Xavier, em Navarra, no dia 7 de abril de 1506. Sua juventude foi cheia de dificuldades. Na guerra provocada por Fernando, o Católico, para anexar Navarra à Espanha, em 1512, seu pai perdeu as possessões, por ser adepto da dinastia dos Albret.

Morto João de Jassu em 1515, Francisco foi educado por sua piedosa mãe, até que em 1525 mudou-se para Paris, a fim de completar os estudos. Frequentou o colégio de Santa Bárbara, onde se destacou pela sua incorruptível castidade.

Em 1530 obteve o título de licenciado em Artes, ao mesmo tempo que lhe foi confiada uma cátedra no colégio de Beauvais. Desta época data a amizade com Loiola. Atraído por sua forte personalidade e comungando com os mesmos ideais, em particular no propósito de evangelizar os infiéis, Francisco prestou com ele o juramento de passar à Terra Santa ou de pôr-se à disposição do Papado, em 15 de agosto de 1534.

Com o objetivo de preparar-se para seu futuro trabalho, dedicou-se durante dois anos ao estudo da Teologia. Em novembro de 1536 partiu para Veneza com esperança de embarcar para a Palestina. Nessa cidade foi ordenado sacerdote e celebrou a primeira missa no dia 24 de junho de 1537, depois de uma fervorosa preparação espiritual.

Dificultada a empresa do evangelizador entre os muçulmanos, Francisco Xavier passa a Roma, em 1538, onde colaborou com Loiola nos trabalhos preparatórios da constituição da ordem. Esta não havia ainda recebido a aprovação, quando o ardor de Francisco o leva a cruzar os mares em direção à longínqua Índia. No dia 15 de março de 1540, formulou por escrito seus votos de obediência, pobreza e cas-

tidade, partindo no dia seguinte, revestido, por Paulo III, da dignidade de legado apostólico.

## A CONQUISTA

Tendo embarcado em Lisboa, chegou a Goa, na Índia, a 6 de maio de 1542. Imediatamente começou o seu trabalho de conquista pacífica dos infiéis. Sua voz foi ouvida em Goa, na Pesqueira, em Trancovor e em Cochim. Em seguida, pregou no Ceilão e, em setembro de 1545, partiu para as Molucas, visitando Amboina e Ternate. Depois de uma estada de dois anos nas ilhas das Espécias, regressou à Índia em 1548, mas já com o propósito de passar aos poderosos reinos de que ouvira falar nas Molucas, rumo ao Japão.

Levava consigo nesta viagem, além dos dois companheiros jesuítas e três japoneses, o repórter de O BRA-

SIL EM JORNAL, que fez toda a cobertura da célebre jornada.

Francisco Xavier pregou no Japão até o mês passado, fundando comunidades cristãs em Kagoshima, Hirado, Yamaguchi e Rungo, apesar da guerra civil que devastou o país e da oposição dos bonzos. Deixou o Japão consolado por dois mil adeptos que florescem naquelas terras.

## A CARTA DE LOIOLA

Roma, 1553 (Do correspondente) — Ignorando a morte de Francisco Xavier, Inácio de Loyola escreveu-lhe uma carta pedindo que viesse a esta cidade, pois queria lhe confiar o governo da Companhia de Jesus.

Loiola, apesar do abalo que provocou a morte do amigo, continuava em grande atividade, tendo nomeado provinciais para a Sicília e o Brasil, além de estabelecer um noviciado em Lisboa e abrir um colégio em Córdoba.

Preocupado, também, com a salvação da Alemanha e da Inglaterra, aconselhou aos padres celebrar missa, pelo menos uma vez por ano, para a conversão desses dois grandes países.



XAVIER

Soldado de Jesus, comandante de almas

## ENSINO

Falando de São Vicente, onde se encontra, há algum tempo, o padre Manuel da Nóbrega informa-nos que o colé-

gio dos Meninos de Jesus, daquela vila, inaugurado em fevereiro de 1553, já tem até professor de latim, na pessoa de um gramático de Coimbra, desterrado para o Brasil. O jesuíta não nos fornece, contudo, o nome deste latinista pioneiro nas terras brasileiras.

## LIVROS E AUTORES

Com a morte, este ano, (1553) do cientista inglês Eduardo Wotton, perde a zoologia um dos seus maiores nomes. É de Wotton a obra, publicada no ano passado, considerada importante nos estudos de história natural — «De differentiis animalium». Faltam-nos maiores detalhes sobre a vida do illustre cientista inglês.

\*

Pedro Ronsard, «O Príncipe dos Poetas Franceses», como é chamado pela sua merecida glória literária, iniciou a publicação de seus livros de sonetos, que intitulou «Amôres». O primeiro desses livros, que agora é apresentado, Ronsard dedicou-o a Cassandra Salvati.

jovem por quem se apaixonou numa viagem que fez a Blois, quando tinha apenas 20 anos.

\*

O frade dominicano Bartolomeu de Las Casas publicou este ano sua obra, tida como monumental pela crítica: «História Geral das Índias».

Las Casas defende, em seu livro, o princípio de que somente é legítimo evangelizar pacificamente os indígenas e que aqueles que os despojaram de seus bens devem devolvê-los, se querem salvar suas próprias almas. O autor, já cognominado o «apóstolo dos índios», acusa, com cores vivas, as violências e a rapacidade dos espanhóis conquistadores e colonizadores.

## Inaugurado colégio germânico

Roma, 28, outubro, 1552 (Do correspondente)

Com grande solenidade, festas e discursos em latim, foi inaugurado hoje, dia dos apóstolos Simão e Judas, na presença de altas autoridades e do clero em geral, o Seminário ou Colégio Germânico desta cidade.

O discurso inaugural, em latim, foi pronunciado por Ribaneira que, embora não seja ainda padre, foi chamado de Sicília para ensinar retórica no novo estabelecimento. O regulamento do colégio, que foi totalmente estabelecido por Loiola sem modelo anterior, está destinado a ser imitado, pois é um monumento de prudência, sabedoria e equilíbrio.

A primeira idéia foi do cardeal Morone que, quando esteve na Alemanha, viu que as vocações à vida sacerdotal estavam desaparecendo daquele país e o clero ameaçado de extinção total, com os virulentos ataques dos dissidentes.

Era preciso encontrar um remédio urgente. Veio-lhe então a idéia de recrutar jovens alemães e instruí-los em Roma. Procurou quem lhe pudesse ajudar e foi guiado ao homem mais capaz para isso: Inácio de Loyola, que aprovou calorosamente o projeto e pôs à disposição de Morone seu Instituto e tudo que estivesse ao seu alcance.

Em seguida, Morone comunicou-se com os colegas do Sacro-Colégio, Alvarez de Toledo, Carpi, Cervini e, com este último, foi ao Papa, que aprovou com entusiasmo a iniciativa, prometeu apoio e disse mesmo que já havia pensado em coisa parecida.

## LOIOLA EXPLICA

Com a mesma solicitude com que atende sempre a O BRASIL EM JORNAL, Inácio de Loyola nos disse:

«Os jovens, depois de escolhidos, virão para o Colégio sob a proteção do Soberano Pontífice, de cinco cardeais e sob a orientação da nossa Companhia. Desta maneira, não lhes faltará nada do que é necessário para alimentação, vestimenta, alojamento e livros.

«Aqueles que se sobressaírem — continuou — na ciência e na virtude retornarão à Alemanha com benefícios ecle-

siásticos. Todos os amigos de Deus, que têm sede de salvação da Alemanha, acham que o meio humano mais eficaz para sustentar a religião naquele país é enviar o maior número possível de homens temperados na Fé e firmes na coragem para, por meio da palavra de Deus e das lições públicas, retirar o véu de ignorância e de vícios que cobre os olhos de seus compatriotas».

Loiola informou ainda que os homens doutos e piedosos retirados da Companhia de Jesus devem ser, sempre que possível, da Alemanha ou, pelo menos, dos lugares vizinhos.

«Os alunos do colégio encontrarão mestres que lhes darão um conhecimento profundo das letras latinas, gregas e hebraicas. Os que já estudaram as humanidades serão instruídos na Lógica, na Física e nas outras ciências superiores e enfim na Teologia, por meio de lições públicas e exercícios seguidos», terminou o geral da Companhia de Jesus.

## MEDICINA

Caffi (Verona), 1553 (Do correspondente)

Jerônimo Fracastor, humanista, astrônomo e, sobretudo, médico famoso, faleceu nesta cidade, provavelmente aos 75 anos de idade, grande parte dos quais dedicada inteiramente aos estudos científicos.

Fracastor é conhecido principalmente pelas pesquisas feitas sobre doenças contagiosas, sendo hoje célebre seu poema (foi também bom poeta) didático «Syphilis sive gallicus morbus» — «A sífilis ou o mal francês» — que publicou em 1530, já existindo várias edições, atualmente.

A sífilis, um dos grandes males da atualidade, teve em Fracastor seu maior adversário, sendo inúmeros os trabalhos e estudos que o grande cientista realizou sobre o assunto, reunidos no livro «Tratado de contágio e de doenças contagiosas», saído à luz em 1546.

Entre seus outros trabalhos de vulto figuram os cálculos das latitudes e longitudes das terras americanas, feitos pouco depois das descobertas de Cristóvão Colombo.

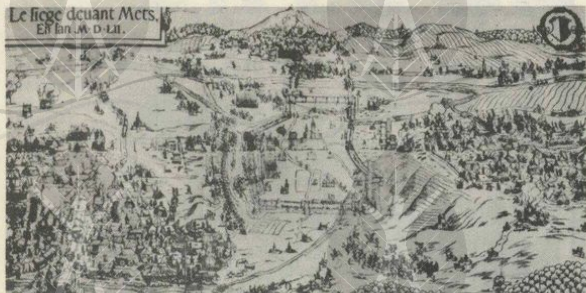
## COLUNA MILITAR



Sabe-se que o sultão da Turquia determinou recentemente que o uskuf, gorro militar alto com um pano pendente atrás, seja reservado, de ora em diante, aos oficiais da milícia dos janízaros, criada, há um século, por Maomé II, o conquistador de Constantinopla.

O altun-uskuf, que é o mesmo gorro com uma guarnição de metal dourado, será privativo dos oficiais superiores da referida milícia.

# Franceses, alemães e italianos nos campos de batalha



3 meses de resistência heróica.

## ALIANÇA COM FRANCESES DERROTOU O IMPERADOR

Chambord, 15, janeiro, 1552 (Do enviado especial)

Por um tratado assinado hoje, o rei da França ajudará a salvar a «liberdade alemã», na guerra contra o imperador, recebendo em troca o direito de ocupar, além de Chambrai, as cidades episcopais de Verdun, Toul, Metz e «outras cidades do império que não falam alemão».

Este pacto é resultado da reunião de 22 de maio último em Torgau, entre Maurício de Saxônia, Guilherme de Hesse, Hans de Custrin e João Alberto de Mecklembourg.

### Ocupadas Verdun e Toul

Joinville, 1552 (Do enviado especial) — As tropas francesas reunidas nesta cidade, sob o duplo comando do condestável de Montmorency e do duque de Guise, avançaram e tomaram sem dificuldades Verdun e Toul.



«Liberdade. Defensor da liberdade italiana e germânica. 1552.» São as palavras gravadas, por ordem de Henrique II, na medalha comemorativa da tomada de Metz.

### TAMBÉM METZ

Metz, 10, abril, 1552 (Do enviado especial) — Sem dar um tiro, Montmorency entrou hoje nesta cidade, enquanto Maurício de Saxônia, partindo de Erfurt, com 25 mil homens, tomou Augsburg no dia 5 deste, restaurando o conselho da cidade e o culto luterano.

### CARLOS V QUER PAZ

Metz, 18, abril, 1552 (Do enviado especial) — Carlos V recorreu ao seu irmão Fernando, suplicando-lhe para ser o mediador entre ele e Maurício, que exigiu as seguintes condições: 1 — liberação ime-

diata das possessões de seu sogro; 2 — paz vantajosa para a França; 3 — anistia completa para os aliados; 4 — correção dos abusos da corte imperial; 5 — conselho nacional para regulamentar os negócios religiosos da Alemanha, sem o Papa. Sem responder a essas condições exorbitantes, Fernando solicitou armistício, que ficou prometido para uma reunião a 26 de maio em Passau.

### IMPERADOR FUGIU

Reutte, 19, maio, 1552 (Do enviado especial) — Depois de botar em fuga as tropas imperiais, Maurício por pouco prendia pessoalmente Carlos V, que, com crise de gôta, atravessou o Brenner, às 21 horas de hoje, carregado em uma liteira e debaixo de violenta tempestade.

### TREGUA DE PASSAU

Passau, 2, agosto, 1552 (Do enviado especial) — Temendo uma reviravolta na situação, principalmente depois da resistência de Francfort, Maurício apressou as negociações da tregua, que acabou sendo assinada hoje.

### TERMINOU O CERCIO

Metz, janeiro, 1553 (Do enviado especial) — Não resistindo aos rigores do inverno, a armada imperial — para humilhação de Carlos V — levantou o cerco que vinha sendo feito a esta cidade, desde outubro do ano passado.

O cerco fôra confiado ao duque de Alba, para aproveitar a fraca guarnição deixada nesta cidade pelo duque de Guise. Entretanto, nem a presença do imperador no meio das tropas, nem os 35 mil infantantes, 8 mil cavaleiros e 150 canhões, foram suficientes para romper a «fraca guarnição» francesa.

Roma, 29, abril, 1552 (Do correspondente)

Com a aprovação do Sacro Colégio e depois de informar ao imperador Carlos V que não podia continuar a guerra, o Papa assinou hoje uma tregua com Henrique II. O repórter de O BRASIL EM JORNAL, que assistiu ao ato de assinatura, conseguiu permissão para publicar as condições, que são: 1ª) Parma ficará com Otávio Farnésio; 2ª) Suspensão por dois anos de todas as censuras do Papa contra Otávio; 3ª) O cardeal Farnésio e seu irmão Orsilio receberão o ducado de Castro, que possuíam sob Paulo III; 4ª) o rei da França está pronto a se entender com o Santo

## FERIMENTOS MATARAM MAURÍCIO DE SAXÔNIA

Alemanha, 11, julho, 1553 (Do correspondente)

Morreu hoje, vítima das feridas recebidas na batalha de Sieverhausen contra o margrave de Brandeburgo, Maurício de Saxônia, o homem que em 32 anos de vida conseguiu, entre outras coisas, assegurar o triunfo do protestantismo na Alemanha, a anulação da autoridade imperial e o êxito da linha albertina da casa dos Wettin.

No ano passado mesmo, quando Carlos V quis submeter os príncipes alemães à sua autoridade absoluta, Maurício voltou-se contra ele e formou uma liga de príncipes, concluindo com Henrique II o tratado de Chambord, segundo o qual sacrificava à França os bispos de Metz, Toul e Verdun.

### SURPREENDEU O IMPERADOR

Foi ele, ainda, que no ano passado surpreendeu e quase fez prisioneiro o imperador em Innsbruck, arrancando do regente Fernando o Tratado de Passau (2 de agosto), que concede liberdade aos luteranos e consolida o poder dos príncipes na Alemanha.

Recorda-se que, em 1544, ele lutava contra a França e dois anos depois assinava com

Carlos V o Tratado secreto de Ratisbonne, para, no ano seguinte, marchar contra os príncipes protestantes.

### POLÍTICA REALISTA

Os adversários de Maurício (e até amigos) consideram-no um personagem sinistro e tortuoso, sendo chamado por muitos de traidor. Na verdade, para lograr tanto sucesso, adotou uma política realista, prescindindo de toda consideração teológica e da palavra empenhada.

### FOI CATÓLICO

Filho primogênito do duque Henrique de Saxônia, nasceu Maurício no dia 21 de março de 1521 em Freiberg e até os 16 anos foi educado na religião católica. Depois, o eleitor João Frederico de Saxônia instruiu-o no luteranismo e, em 1539, Maurício declarava-se protestante convicto.

Três anos depois, participou do exército imperial que lutou contra os turcos e a França. No momento de decidir-se na luta entre Carlos V e a liga de Smalkade, passou para o lado imperial.

Fêz um tratado com Fernando que, além de lhe dar o direito de ocupar as possessões da linha Ernestina, concedia-lhe o eleitorado de Saxônia no dia 4 de junho de 1547.



### BATALHA

Aqui Maurício foi ferido de morte.

## HENRIQUE II E O PAPA ESTÃO EM PAZ

Padre sobre as questões religiosas.

A paz pedida por Júlio III era esperada e até desejada nesta cidade. Os cardeais Morone e Crescenzi a desaconselhavam e à medida que as operações se desenvolviam, via-se quanto eles tinham razão.

Quando os franceses apareceram na Itália com Paulo de Thernes, depois com Pierre Strozzi e finalmente com o marechal Brissac, a situação se tornou difícil e, a 4 de dezembro do ano passado, Júlio III pedia paz.

### «FRANÇA!»

Siena, 26, julho, 1552 (URGENTE) — Aos gritos de «França, vitória e liberdade», o povo ex-

pulsou a guarnição imperial e prepara os planos de um ataque contra o imperador.

### CARTA DE TOURNON

«Sr., o Papa está reconciliado com V. A., Siena lhe é agradecida e o duque de Florença não será seu inimigo, nem favorecerá seus inimigos. Parece-me que V. A. deve ser grata a Deus uma vez que os negócios de V. A. na Itália estão, no presente, em ótimo estado».

Este trecho, que com exclusividade publicamos, pertence à carta que o cardeal enviou a Henrique II, depois de ter colocado Siena sob a proteção do rei e ter assinado um tratado de neutralidade com o duque de Florença, Cosme de Médicis.



### RABELAIS

«Viver... viver... viver...»

## A MORTE COLHEU AMANTE DA VIDA

Paris, 9, abril, 1553 (Do correspondente)

A França e o mundo choram a perda de uma de suas maiores glórias literárias: morreu, hoje, nesta capital, o escritor Francisco Rabelais, autor das obras imortais «Gargântua» e «Pantagruel».

O grande escritor nasceu em Touraine, nos últimos dias do século passado.

Rabelais foi educado por monges franciscanos, onde permaneceu quinze anos, chegando a adotar o hábito. Abandonou a carreira religiosa para tornar-se médico, profissão que exerceu com interesse e dedicação.

Tornou-se conhecido com o aparecimento de suas obras magistrais — o primeiro livro de Pantagruel (1532), logo seguido de Gargântua (1535) dos quais se conhecem 4 volumes. O 5º não foi ainda publicado.

A obra de Rabelais foi escrita mais como um divertimento do que como preocupação literária. Nela ele conta a vida dos três gigantes, Grandgousier, Gargântua e Pantagruel, reis de um país que a imaginação do escritor colocou perto de sua cidade natal, Touraine, junto a Chinon, na França.

Um só princípio, na opinião da crítica, domina toda sua obra: o amor integral à vida, sob qualquer de suas formas, sejam elas intelectuais ou mesmo animais. Daí decorrem a pedagogia de Rabelais (o homem tem o direito e mesmo o dever de desenvolver ao extremo todas as faculdades de seu espírito e de seu corpo) e a sua moral, que está expressa no pantagruismo, que consiste em satisfazer o homem todas as exigências da natureza. Rabelais revela em sua obra impressionante energia, representando sempre as formas em movimento.

A crítica fez-se, em algumas ocasiões, feroz com o escritor e ainda mesmo neste ano a Sorbonne (faculdade de teologia) combateu acerbamente a obra de Rabelais, apoiada pelo próprio Parlamento francês. Seus protetores poderosos, porém, cedo fizeram abortar as medidas contra Rabelais, se bem tenha corrido a notícia de que fôra emitida ordem de prisão, só evitada pela sua morte, ocorrida em circunstâncias que a reportagem não conseguiu apurar.

## CONCÍLIO NOVAMENTE SUSPENSO

Trento, 28, abril, 1552 (De Antônio Melchiorre, enviado especial de O BRASIL EM JORNAL)

Apesar do protesto de doze prelados espanhóis, que ameaçaram ficar na cidade, os cardeais aceitaram a sugestão do Papa e suspenderam hoje o concílio que vinha sendo realizado aqui desde o dia 1º de maio do ano passado.

O que apressou a suspensão foi a tomada de Augsburg, no dia 5 deste, mas já a princípio de março o imperador, em carta a sua irmã Maria da Hungria, advertia que os «eleitores estariam mais seguros em casa do que no concílio».

O concílio, este ano, só realizou uma sessão, a 15ª, a 25 de janeiro, discutindo-se o Sacramento do Casamento. Adiarão-se os pontos de doutrina vitais, referentes à comunhão, à missa e à ordenação, para a reunião que acabou não havendo.



EXTRA

# Tropas francesas ocuparam o Rio

Rio de Janeiro, 10, novembro, 1555 (Urgente)

De dois navios artilhados e uma chalupa de mantimentos, 600 homens da expedição sob o comando de Nicolau Villegagnon desembarcaram, hoje, nesta baía do Rio de Janeiro, para edificar um império francês.

Na praia, os tupinambás, avisados da chegada, gritavam com alegria, tendo oferecido aos franceses um banquete sobre o chão tapetado de flôres e plantas perfumadas.

Um a um, foram abraçados pelos índios, que se mantiveram alegres, mas silenciosos durante o almoço, segundo seus hábitos. Ao final, Villegagnon, levantando sua taça de cauim, saudou a confraternização de franceses e brasileiros. Um ancião tupinambá respondeu-lhe em duas palavras: "Sêde bem-vindos!"

Após o almoço os invasores descansaram dos quatro meses de viagem, através do Oceano. Tornou-se assim o Rio de Janeiro fiel súdito de Henri-que II.

(Na pág. 2, novos detalhes)



COLIGNY

Ocupou o Rio sem sair da França

GOVERNADOR

X

SOLDADO - POETA

Índia, 1555

— É descer muito!...

Este foi o comentário geral no palácio do governo quando se tornou pública a desinteligência surgida entre o governador Francisco Barreto e um apagado soldado português das tropas aqui estacionadas.

Todos criticam o governador, mais ainda pela gravidade dos atritos com um simples soldado sem eira nem beira.

O militar português que causou toda essa onda tem a mania de fazer versos e atende — segundo apuramos — pelo nome de Luís de Camões.



**TERROR DOS MARES BRASILEIROS** — Cunhambébe, o terrível chefe índio das costas meridionais do Brasil, é o grande flagelo à navegação portuguesa na região. Outros chefes prestam-lhe obediência incontestemente. Nas horas de perigo, ele é o primeiro a expor-se. Não tem medo da artilharia e contam que possui armas que tirou aos inimigos. Uma das coisas de que se orgulha é de ter devorado, já, centenas de adversários. É amigo dos franceses que frequentam o Brasil e deu a Thevet, franciscano que acompanha Villegagnon, um tapace de presente.

## GRAVÍSSIMA A SITUAÇÃO DO GOVERNO BRASILEIRO

No momento mesmo em que os franceses ocupam, em meio a flôres e festas, o Rio de Janeiro, governador e bispo do Brasil se desentendem séria e gravissimamente em Salvador.

O conflito entre o chefe do Poder e o supremo dirigente da Igreja no Brasil, adquire aspectos sobremaneira alarmantes. A população baiana está em pânico entre três grupos que se digladiam: um favorável ao governador, outro ao bispo e um terceiro contrário aos dois.

Sobre esses acontecimentos de conseqüências imprevisíveis, publicamos na página 3 detalhada reportagem do nosso correspondente em Salvador.

## o Brasil em Jornal

1554/5 N.º 17	"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"	Comum: Cr\$ 10,00 Aéreo: Cr\$ 12,00 Atrasado: Cr\$ 15,00
Director: AMARAL NETTO	Assessores: GUSTAVO BARROSO JAYME COELHO	Redator-chefe: CLAUDIO SOARES

## Três papas em dois meses!

MORRERAM JÚLIO III E MARCELO II, SUBINDO PAULO IV AO TRONO PONTIFICAL

Roma, 23, maio, 1555 (Do correspondente)

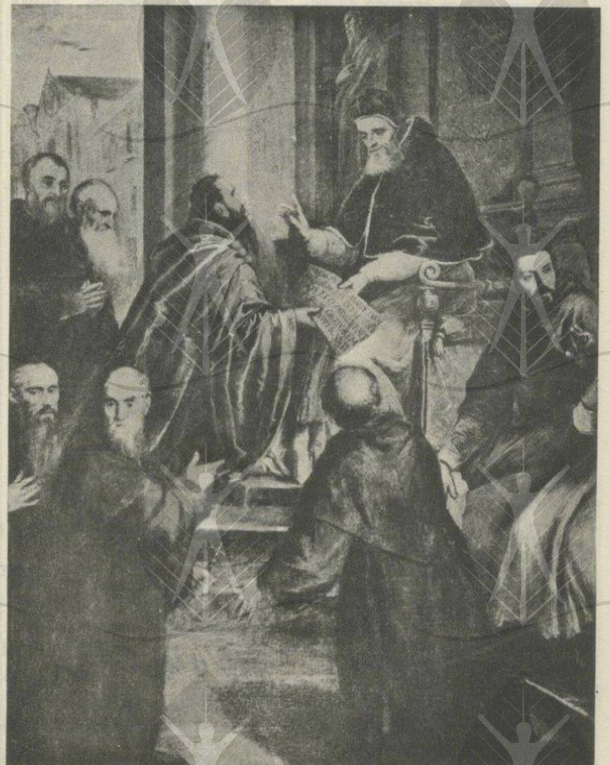
Depois da morte sucessiva de Júlio III e Marcelo II e com a presença de 45 cardeais, na segunda eleição realizada este ano, Giampietro Carafa, de 79 anos, foi escolhido hoje, por unanimidade, para ocupar a mais alta hierarquia da Igreja, derrotando as pretensões de Hipólito de Este, que mais uma vez queria o pósto.

Antes da eleição de Paulo IV (nome que o cardeal eleito adotou), três cardeais foram cogitados sucessivamente: Pole, Puy e Bertano. O primeiro foi logo cortado por estar em Londres, ao segundo, que já parecia eleito, opôs-se Bertano, que, no entanto, não aceitou. Foi quando o cardeal Farnésio gritou: «Elejamos, então, o venerável deão do Sacro Colégio, que é muito digno do pontificado».

Na página 6 publicamos completo noticiário sobre a morte de Júlio III e Marcelo II, de acôrdo com os despachos recebidos de nossos correspondentes anteriormente ao que registrou a eleição de Paulo IV.

## NÚMERO 16

Nosso número anterior, o 16, se refere aos anos de 1552/3 e não apenas 1552.



PAULO IV

Terceiro ocupante do trono de S. Pedro em apenas dois meses

## Feiticeiras queimadas na fogueira

Alemanha, outubro, 1555 (Do correspondente)

Com um retrato do diabo sobre o peito, as roupas impregnadas de enxofre, cinco mulheres endemoninhadas foram queimadas vivas, diante de uma multidão incapaz de comover-se.

Em volta da fogueira, armada em praça pública, vendedores ambulantes apregoavam suas mercadorias. Os agentes policiais deram cumprimento a seu ofício sob os gritos da população.

Em menos de uma hora, as mulheres estavam torradas. Um observador do festim diabólico disse-nos que, pelo menos na Alemanha, a caça às feiticeiras é uma indústria rendosa. Os perseguidores de feiticeiras ganham fortunas em sua profissão e são gente de poder temibilíssimo.



FOGUEIRA HUMANA — Uma indústria rendosa

# TROPAS FRANCESAS OCUPARAM O RIO!

Enquanto marinheiros e soldados ressonam, este enviado lembra o muito que se teve de fazer para alcançar-se a extraordinária vitória desta tarde.

Villegagnon obteve do rei Henrique II, além dos navios necessários para a empresa, o auxílio de 10 mil libras.

Marinheiros e soldados foram recrutados nas prisões de Paris, mas muitos preferiram a morte, a que já estavam condenados, à aventura de uma guerra em ultramar. Os navios, por duas vezes, largaram de portos franceses e por duas vezes voltaram, devido ao mau tempo. Muitos julgaram que a conquista não era da vontade de Deus e desertaram.

A vontade férrea do comandante e o apoio de uns poucos gentis-homens haviam, contudo, de trazer a França ao Brasil.

## DE TUDO A BORDO

Entre a malta de criminosos de que se compõe a equipagem e o pequeno grupo de cavaleiros que a comandam, um fato se destaca: franceses não têm preconceito de religião.

Ao lado de católicos como Bois-le-Comte (sobrinho do comandante) e André Thevet, frade franciscano, figuram protestantes confessos como Villegagnon, Barré, Chapelle e Boissy.

Por trás do empreendimento hoje vitorioso está o almirante Coligny, também protestante.

## MISSA

Rio de Janeiro, 11, novembro 1555 (Do enviado especial)

Com toda a tripulação atenta às palavras do pregador, o frade André Thevet disse hoje missa com cerimonial católico, embora o número de protestantes na esquadra de conquista seja bastante elevado.

Os índios amigos dos franceses ouviram-na com a mesma atenção. Após o cerimonial, Villegagnon determinou a seus comandados que se abstivessem de manter relações com os indígenas, a fim de preservar a disciplina entre a soldadesca.

O comandante percorreu a baía, à procura de um local

para a ereção de um forte e acabou optando por uma ilha, junto ao desagudouro de um riacho.

O fortim, segundo o pensamento de Villegagnon, receberá o nome de Coligny, como homenagem a quem tanto auxiliou para que o poderio francês se estendesse através do Oceano.

## DESCONTENTAMENTO

Rio de Janeiro, 31, dezembro, 1555 — (Do enviado especial)

Após 50 dias no Brasil, soldados, marinheiros e gentis-homens começam a ficar descontentes sob o comando de Villegagnon.

A razão dos primeiros atritos poderia ser explicada pela ordem de os brancos não comerciarem com os índios para que «a devassidão destes não corrompa o moral dos ocupantes» — segundo ponto de vista do comandante.

Outra fonte pretende que a causa dos aborrecimentos seriam as dissensões entre os grupos católicos e protestantes.

A propósito, sabe-se que dois católicos de nomeada, Thevet e Bois-le-Comte, regressarão à França. O lugar-tenente de Villegagnon, Barré, confirmou-nos a ida de ambos, mas disse-nos que as razões não são inamistosas: Thevet veio como observador, já observou bastante e pretende escrever livro sobre os índios. Bois vai levá-lo e solicitar, em França, novos reforços para o prosseguimento da conquista.

# PERSEU E A CABEÇA DE MEDUSA

Florença, 27, abril, 1554 (Do correspondente)

Confirmando o que O BRASIL EM JORNAL havia informado em números anteriores, Benevenuto Cellini, o grande escultor e cinzelador, inaugurou hoje, na praça da Signoria, uma das suas obras-primas: o «Perseu», estátua que realizou para Cosme de Médicis e cujos trabalhos iniciara cerca de dez anos atrás.

O duque Cosme acompanhou com interesse desusado o trabalho de Cellini, comparecendo quase diariamente ao «atelier» e oficina do artista. O «Perseu» de Cellini foi realização de inaudito esforço, custando-lhe noites e noites de insônia e trabalho intenso. Muitas vezes viu-se ele forçado a interromper sua obra para cinzelar jóias para a duquesa ou para reconstituir estátuas antigas.

Eis as palavras do artista para o repórter, referindo-se ao seu trabalho: «Depois que deixei esfriar o bronze dois dias, comecei a descobrir a estátua e o primeiro que tirei foi o molde da cabeça de Medusa, que saíu perfeita; igualmente saíu boníssima a testa de Perseu. Foi uma verdadeira maravilha que não haja faltado metal para nenhuma das partes. Parece um milagre.»



## LIVROS E AUTORES

### PEIXES

O eminente zoólogo Guilherme Bondelet, uma das principais figuras da pesquisa científica deste século XVI, publicou (1554) sua «História natural dos peixes», em que descreve grande número de peixes marinhos e de água doce e outros seres aquáticos. O livro do sábio de Montpellier tem seu texto ilustrado de excelentes gravuras em madeira.

### MORRE POETISA

Veneza, 1554 (Do correspondente)

A poesia petrarquista italiana perdeu um dos seus bons valores, com a morte, este ano, nesta cidade, da poetisa Gaspara Stampa, pertencente à academia Pellegrini. Seus versos sempre revelaram fina cultura, se bem careçam de originalidade. São famosos seus sonetos apaixonados e ternos, inspirados no seu amor pelo conde Collalto di Collalto.

### TRATADO

O humanista e teólogo francês, Sebastião Castellion, professor de gregos na Universidade de Basileia desde 1553, lançou este ano (1554) o seu «De haerectis» (Tratado dos heréticos), escrito em latim e em francês, sob o pseudônimo de Martin Belle. Em sua obra Castellion revela certa tolerância religiosa. «Nado que trabalhou, há anos atrás, em Genebra, ao pé de Calvino, do qual divergiu em assuntos religiosos, passando a residir em Basileia.»

### CABECA DE VACA

Uma ótima indicação bibliográfica para nossos leitores: as incríveis façanhas de um dos mais famosos e temerários capitanes espanhóis na América, Nuñez Cabeza de Vaca — foram reunidas em livro, publicado pelo secretário do capitão, Pero Hernandez. As viagens de Cabeza de Vaca à Flórida e ao Rio da Prata, nesta última já como adelantado e governador, constam do «Naufragios y Comentarios», assinado pelo grande aventureiro espanhol, de quem O BRASIL EM JORNAL se ocupou várias vezes.

### REFORMA

Uma história fundada em documentos, que servirá como fonte inestimável para o estudo da Reforma, saiu este ano (1555), de autoria do historiador alemão Jean Phillip, conhecido por Sleidanus. É a primeira obra do gênero e chama-se «De statu religionis et republicae Carolo V Caesare commentarii». Sleidanus prestou serviços a Francisco I, mas deixou a França por haver abraçado o protestantismo.

### MEDICINA

Os estudiosos de medicina estão de parabéns: todos os trabalhos médicos e práticos escritos por Jerônimo Fracastoro, o famoso cientista e homem de letras italiano falecido em Capri, em 1553 (O BRASIL EM JORNAL noticiou sua morte) foram reunidos num livro sob o título «Opera omnia».

### RESPOSTA

O líder calvinista Teodoro de Bèze publicou este ano (1554) o seu «De haerectis a civili magistratu puniendis», em que defende a intolerância religiosa de Calvino e procura justificar a execução do humanista Miguel Servet, punido com a morte por heresia. A tese do livro constitui resposta ao tratado publicado neste mesmo ano por Sebastião Castellion, antigo adepto e hoje adversário do calvinismo. A polémica está empolgando os meios intelectuais e religiosos europeus.

### HISTÓRIA

A literatura americana está enriquecida com o aparecimento (1555) de livro notável: a «Historia del descubrimiento y conquista del Perú», de Agustín de Zárate, contemporâneo dos principais acontecimentos ocorridos na América (foi testemunha da revolução de Gonzalo Pizarro). Trata-se de obra riquíssima em movimento, plano e estilo.

### AVES

Pedro Bellon vem de publicar (1555) sua obra principal, que versa sobre zoologia das aves, das mais importantes dos últimos tempos, no terreno da história natural. Bellon, de quem já temos nos ocupado, mereceu até pensão de Henrique II, pelo seu reconhecido mérito como zoólogo e humanista. Seu livro, agora sábio, contém uma notável estampa (a primeira no gênero) em que são mostradas as semelhanças entre os esqueletos do homem e das aves.

### POETISA

Luisa Labé, a poetisa francesa, que se fez notar como amazona e esgrimista, não é só bela de físico e de atitudes de grande dama: são também belos seus versos de amor, que formam entre os mais notáveis da língua francesa. Em boa hora, Luisa lembrou-se em reunir-nos em livro, que publicou este ano (1555), com o nome de «Sonetos».



# Fundado no sertão colégio jesuíta

São Paulo de Piratininga, 25, janeiro, 1554 — (Do correspondente)

Diante de uma casa pobre e estreita, de uns 10 metros de comprimento e 7 de largo, feita de barro e coberta de telhas, na colina entre dois ribeiros (Tamanuaté e Anhangabaú), os jesuítas rezaram hoje missa solene, dando por fundado um colégio para os meninos da região. O oficiante foi o padre Paiva.

O local, que foi escolhido para sede do estabelecimento pelo padre Manuel da Nóbrega, em fins do ano passado, fica próximo à vila de Santo André e, junto mesmo ao baracão-colégio, estão acampados os índios amigos de Tibiriçá.

Em declarações ao nosso enviado, Manuel da Nóbrega informou que a escolha da região se deveu a motivos religiosos, econômicos e topográficos.

Os meninos que estudavam em São Vicente estavam longe dos seus pais, que só com muita dificuldade podiam visitá-los. O local onde está o novo colégio é muito propício à criação de gado e é ótimo ponto de escala para muitas tribos de índios.

Mas o principal motivo para a interiorização do colégio é manter os índios convertidos isolados dos homens brancos.

Antes de escolher o local, Nóbrega entrevistou-se com João Ramalho e conquistou a

amizade de Tibiriçá e de Caubi, outro chefe índio já bastante conhecido dos portugueses.

## OS PIONEIROS

Entre os religiosos que aqui estão, destacamos o padre Manuel de Paiva e o irmão José de Anchieta, este contando apenas 19 anos de idade, e o padre Afonso Brás.

Tibiriçá, em pessoa, foi um dos que mais trabalharam na construção do barraco.

O nome do novo estabelecimento, inaugurado no dia da conversão de São Paulo, provavelmente será mesmo «São Paulo de Piratininga», em homenagem ao santo e ao lugar.

## MAIS CASAS

São Paulo, 30, dezembro, 1554 (Do correspondente)

Porque a casa em que funciona o colégio dos jesuítas serve ao mesmo tempo de enfermaria, dormitório, refeitório, cozinha e despensa, resolveu-se, agora, iniciar a construção de outro prédio.

Diariamente, alunos e jesuítas (índios também) trabalham na construção. O padre Afonso Brás, vindo do Espírito Santo, traça os planos, lava a madeira com sua enxó e carrega cestos de terra e água, como os demais.

Calcula-se que em breve o anexo já poderá abrigar mais alunos e jesuítas.

## ATRITOS

São Paulo, 31, dezembro, 1554 (Do correspondente)

Um sério desentendimento teve início, inesperadamente, nesta cidade, entre os padres e os moradores leigos.

O irmão José de Anchieta revelou-nos, hoje, que os índios daqui são de natureza indômita e mais parecem feras, o que, disse-nos, «não é de espantar, dada a maldade dos próprios cristãos aqui residentes».

Ao que parece, a causa do atrito estaria mesmo na transformação do aldeamento provisório em colégio de padres.

João Ramalho, apesar das gestões feitas pelos sacerdotes para que ele se case com a índia Bartira, parece que considera uma usurpação de sua autoridade de alcaide e guarda-mor do campo, a presença de padres em Piratininga.

## ESPAÑA ESPIONA PORTUGAL

Lisboa, 1554 (Do correspondente)

Esta cidade fervilha de espíes espanhóis, interessados em saber até que ponto os portugueses evoluíram em suas pesquisas sobre o ouro brasileiro.

A contra-espionagem apurou que os agentes de Espanha enviaram para seu país uma relação de todas as embarcações que os portugueses têm em serviço no Brasil.

# GRAVÍSSIMA A SITUAÇÃO DO GOVERNO BRASILEIRO

Salvador, 31, dezembro, 1555  
(Do correspondente)

Com o povo nas ruas, discutindo e brigando por seus favoritos, toda a cidade praticamente parou diante da maior crise interna já surgida no país: o atrito entre o governador Duarte da Costa e o bispo D. Pedro Sardinha.

A disputa entre ambos, a princípio disfarçada, começou há dois anos, em consequência do comportamento irreverente do filho do governador, Álvaro da Costa.

Para o bispo, o moço Álvaro é um autêntico flagelo: as moças da cidade não podem ter sossego enquanto ele continuar em Salvador. Para o governador, o bispo é uma língua ferida e que tem contribuído para o desassossego de todo o país com suas murmuraciones.

A opinião pública, pelas figuras mais representativas, está dividida em três partidos: os pró-bispo, os pró-governador e os que são contra ambos.

Em maio deste ano, quando os índios resolveram atacar a cidade, a população pensou que as diferenças entre o governador e o bispo seriam superadas.

Nessa ocasião, o próprio Álvaro da Costa teve papel saliente no combate aos selvagens. Sua figura se projetou, quando ele bateu, sucessivamente, os rebeldes. Mas a guerra foi de curta duração. Em meado de junho, um dos cabecilhas indígenas, o chefe Tubarão, humilhou-se ante o governador e o conflito acabou com a vitória das forças leais, sob o comando de Álvaro.

Outra vez o disse-me-disse-tomou conta da cidade.

## BISPO MANDA ESPANCAR

O governador e seu filho dão a seguinte versão para o início das desinteligências:

Em dezembro do ano passado, D. Sardinha, por motivo fútil, mandou o clérigo Fernão Pires espancar um pobre diabo (Silvestre Rodrigues). Alvaro e o ouvidor Borges acudiram ao infeliz e ouviram, ainda, o clérigo vangloriar-se de seu gesto. Imediatamente, Pires foi preso. No dia seguinte, o jesuíta Luis da Grã avisou ao governador do perigo que este corria de ser excomungado pelo bispo. Segundo o jesuíta, Duarte da Costa deveria ter entregue o clérigo ao bispo D. Sardinha. Diante das explicações, Duarte pôs o prisioneiro à disposição do bispo e foi sumariamente absolvido por D. Sardinha, com a obrigação de contribuir com donativos para a igreja. O incidente parecia encerrado, mas o bispo, ao receber o prisioneiro, mandou instaurar inquérito. Resultado: o agredido (Silvestre) perdoou o agressor e ainda disse que falara mal do bispo por ordem de Álvaro da Costa.

## DEVASSOS

A explicação do bispo é totalmente diferente da do governador e seu filho. Conta ele que em novembro de 53, em conversa particular com Duarte da Costa, pediu providências quanto ao comportamento de Álvaro. Dêle colheu O BRASIL EM JORNAL o seguinte depoimento:

«Em companhia de gente sem princípios, o filho do governador promovia arruaças e ofendia a Deus. No dia de Todos os Santos, preguei sobre tal abuso. Alvaro, por vingança, promoveu motins contra mim. Francisco das Vacas, a quem eu dera o cargo de chefe do coro da igreja, e Gomes Ribeiro fizeram-me graves ofensas. Quis prendê-lo e o governador não permitiu. Em seguida, pai e filho tentaram aprisionar um clérigo meu amigo. Infelizmente, estas coisas acontecem em plena capital do país...»

## ESCRIVÃO PRESO

Com a agitação em torno da disputa, muita gente foi presa, várias autoridades foram destituídas de suas funções e o povo se sente inseguro.

Rodrigo de Freitas, por exemplo, acusado de malversação dos dinheiros públicos, foi demitido do cargo de escrivão de contas da cidade e posto a ferros.

Para Rodrigo, sua prisão se deve às intrigas e à necessidade que Duarte tem de colocar seus amigos em postos-chave da administração pública. Em seu lugar foi nomeado um criado do governador Duarte da Costa. No momento, ele, Rodrigo, responde a processo por crime de responsabilidade.

A O BRASIL EM JORNAL, o acusado disse que todo o processo é uma farsa e que se querem mesmo esclarecer o assunto devem deixá-lo falar em juízo, em vez de o manterem preso.

«Dizem que pagarei despesas indevidamente. Pois sabem que não posso, de modo algum, ser responsabilizado por tais erros. Não houve suborno nem eu agi maliciosamente. A administração é que está à matroca.»

Ainda de agitação na cidade se avoluma a cada instante. As pessoas de um partido ou de outro sentem-se em perigo. O médico Jorge da Costa, entretanto, é contra o bispo e contra o governador e seu filho, mas, mesmo assim, e talvez por isso mesmo, sofre ameaça dos dois lados.

Em junho, quando todos sabiam de sua opinião sobre a cidade, tentaram matá-lo. E Jorge quem nos conta:

«Quando eu me preparava para dormir presentei vultos no quintal de minha casa. Eram o filho do governador, Alvaro, e seu amigo Fernão Vaz. Ambos carregavam enorme pedregulho e se aproximavam de minha janela, furtivamente. Al chegando, atiraram-me a pedra sobre a cama e eu só pela graça de Deus não morri. Levantei-me e dei-me ao trabalho de pesar o pedregulho: 13 quilos! No dia seguinte, fui, incontinentemente, queixar-me ao governador. Qual não foi meu

pasmo... Duarte da Costa riue-se de mim, dizendo: «Não ligue para isso não... Vai ver que foi um limão que lhe atiraram...»

O médico resume-nos o seu ponto-de-vista sobre a contenda: «Duarte é controlado por seu filho de maus costumes e o bispo, por suas qualidades, é capaz de despovar um reino, quanto mais uma cidade pobre.»

## MINISTRO DESTITUIDO

Acusado de não dar a devida atenção aos bens da Fazenda, o governador Duarte da Costa destituiu de suas funções o ministro Antônio Cardoso de Barros.

Cardoso incorporou-se imediatamente aos descontentes e pôs-se ao lado do bispo D. Fernandes. Sua destituição, segundo Duarte, deve-se a ter o ministro cuidado apenas de seus bens (dizem que ele é riquíssimo). Na nota de exoneração, afirmou o governador:

«Homem que tem engheno e junta dinheiro, nesta terra, é muito prejudicial ao serviço do rei. Muitas vezes eu mesmo tive de fazer de governador e de ministro da Fazenda em virtude do descaso de Cardoso. Quando não tinha tempo, era meu filho quem se desincumbia de tão difícil tarefa. Cardoso, chamado às falas, não se emendou. Tive de substituí-lo, com vantagem, pois Pero Borges, que ora acumula as funções de ministro da Justiça e da Fazenda, não ganha ordenado pelo novo cargo.»

## COUTINHO, VEXADO

Outra vítima das desinteligências é o capitão do Espírito Santo, Sr. Vasco Fernandes Coutinho. Coutinho, que já fora acusado de tentar bandear-se para os franceses, estava em Pernambuco e chegou a Salvador inesperadamente. Contou que em Olinda, quando o bispo ali esteve, de passagem, sofreu os maiores vexames.

Em entrevista com o governador Duarte da Costa, disse ainda que, em Pernambuco, só porque fumava, fora excomungado, de mistura com gente da pior espécie, e teve cassado o direito de, na igreja, sentar-se em cadeira de honra.

Porque o governador lhe deu hospitalidade, o bispo, do púlpito, denunciou o que considerou conchavo contra a dignidade da Igreja.

## CAPITÃO DO MAR, CONTRA DUARTE

O sucessor de Pero de Góis na defesa das fronteiras marítimas do Brasil, Sr. Francisco Portocarrero, faz pesadas acusações ao governador. Diz ele que, antes, no tempo de Tomé de Sousa, o país estava, ao menos, livre de demandas como as de agora.

Portocarrero atribui a maior parcela de culpa ao governador «que não governa».

Outro vulto de destaque nesta cidade, o capitão Simão da Gama, contou que, quando aqui chegou, antes da guerra contra os índios, a situação já era tensa. O bispo e o governador não se falavam. Ele mesmo procurou reconciliá-los, o que só conseguiu por pouco tempo.

Simão não se pronunciou quanto a quem considera culpado pelos desmandos no país.

## FUGIRIAM TODOS

Invocando os jesuítas, a quem julga auxiliares insubstituíveis, o governador Duarte da Costa re-

sumiu, para o BRASIL EM JORNAL, o estado das coisas.

«Soube que D. Fernandes se queixou ao rei de que meu filho não se porta convenientemente. Quanto a isso, eu mesmo me apressei a dizer ao soberano algumas verdades. D. João, parece, deu crédito às palavras do bispo e disse-me que só não punia Alvaro em atenção a mim.

«Antes da guerra com os índios, estive para mandar Alvaro de volta para Portugal, a fim de que ele se explicasse pessoalmente. Mas o povo pediu-me que o não enviasse.

«Tive uma conversa com o bispo, a quem fui visitar em

companhia de Luis da Grã, e pedi-lhe que deixasse de criar casos. Sobre o propalado motim de clérigos, nada sei. Fosso apenas dizer que D. Fernandes tantas tem feito, que, se os padres pudessem, fugiriam mesmo a nado para Portugal...»

## SEM COMENTÁRIO

Procurado por nosso correspondente no Brasil, para opinar sobre os graves acontecimentos no país, o padre Luis da Grã esquivou-se com firmeza. Disse-nos apenas que o assunto escapa a sua alcada e que tem mais com que se ocupar.

## Valdivia torturado e morto

Tucapel (Chile), 1554 (Do correspondente)

Pedro de Valdivia, um dos melhores conquistadores castelhanos em ação nestas Índias Ocidentais, e capitão-geral do Chile, sucumbiu, no ano passado, numa guerrilha em que tentava dominar uma rebelião dos índios araucânicos.

Os espanhóis (cerca de 50) foram surpreendidos pela táctica indígena, que consistiu em lançar contra seus inimigos ondas de guerreiros, uma após outra, descansando a que se retirava, para voltar novamente à carga.

Sabe-se, agora, que esta maneira de combater foi adotada por iniciativa da principal personagem nessa inesperada vitória dos índios sobre um dos maiores soldados espanhóis, que era Valdivia. Trata-se de Lautaro (Filipe é o seu nome espanhol), jovem índio araucânico, que vivia entre os espanhóis e que, presume-se, tenha demoradamente estudado os hábitos de seus protetores e seu modo de combater, levando aos seus irmãos de raça preciosos ensinamentos, que lhe valeram essa estrondosa vitória.

## MORTE HORRIVEL

Santiago, 1554

Notícias aqui chegadas do campo de batalha detalham a

maneira espantosamente cruel com que foi sacrificado o capitão Pedro de Valdivia. Apesar de não termos ainda confirmação, sabe-se que Valdivia teve seu corpo lentamente cortado aos pedaços, suplicio que durou três dias. Outras fontes asseguram, ainda, que os ferozes araucânicos teriam cortado os braços de Valdivia e os devorado na frente da própria vítima, horrorizada e esvaindo-se em sangue.

Reina profunda consternação pelo sacrifício de Valdivia. Com seu desaparecimento perdeu a Espanha e a América um grande vulto, renomado em seus feitos guerreiros e, também, largamente considerado como administrador.

Velho companheiro de Francisco Pizarro (era conterrâneo, pois nasceu na Extremadura), serviu Valdivia sob seu comando, tendo recebido ordem de conquistar e colonizar o Chile, fundando, em 1541, esta cidade de Santiago. Valdivia, se bem que amigo e protegido dos Pizarros, não concordou com a revolução pregada por Gonzalo Pizarro, tendo acompanhado ao Peru para tomar parte na reação contra o chefe revolucionário, participando de atividades militares, ao lado de Pedro de la Gasca, pacificador do país após a vitória e execução de Gonzalo.



## MOTIVO

Exploração e maus tratos rebelaram os índios.

## VOLUME ENCADERNADO

Está à venda o I Volume de «A História em Notícias», luxuosa e mente encadernado com capa e contracapa em cores, contendo os primeiros 14 números de O BRASIL EM JORNAL.

No Volume II, a ser editado em março vindouro, será incluído um Índice Remissivo completo dos dois volumes.

Como a tiragem do Volume I de «A História em Notícias» — em modelo que será rigorosamente obedecido em todas as futuras encadernações dos demais volumes — é reduzida, os interessados devem fazer sua encomenda o mais breve possível. Cada volume custa Cr\$ 300,00 para os não assinantes e Cr\$ 240,00 para os assinantes.

Para encomendas via aérea remeter mais Cr\$ 50,00. Todas as encomendas são atendidas em embalagem perfeita e seguem sob registro postal.

Faca hoje mesmo o seu pedido do Volume I de «A História em Notícias»

E não esqueça de que se você é assinante tem o desconto especial de 20%, ou seja, de Cr\$ 60,00, podendo adquirir o volume pelo preço líquido de Cr\$ 240,00.

## DEVORADOS DOIS JESUÍTAS

Cananéia, 30, setembro, 1554  
(Do correspondente)

Atacados por selvagens desta região, morreram dois sacerdotes que tinham vindo aqui para catequizá-los. São eles Pedro Correia e João de Sousa.

Em fins do mês passado, os dois, em companhia de um leigo

de São Vicente, mostraram desejo de contribuir para a evangelização dos índios de Cananéia.

Com licença de seus superiores, partiram para cá cheios de planos. Os índios, porém, negaram-se a ouvi-los e os sacrificaram. Ambos teriam sido devorados, informa-se.

# Direito ou fôrça?

A invasão francesa do Brasil apanha Portugal às voltas com o desmoronar de seu império africano, exausto por uma expansão sem limites.

Naturalmente, Portugal irá apresentar seus títulos contra a ocupação: o tratado de Tordesilhas e sua ratificação posterior.

Por estes documentos e muitos outros anteriores, a soberania portuguesa, bem ou mal, é inconteste ante os interesses dos conquistadores. Mas já vimos o que eles valem para os poderosos: Francisco I não lhes deu maior crédito — quis ver o testamento de Adão que autorizava a partilha papal...

Apesar de católico e reconhecendo a autoridade espiritual do Papa, o soberano francês negava-lhe poderes para a distribuição de terras. A teoria dos reis de Portugal e Espanha, respondia com a de que só considerava válida a ocupação permanente. Neste espírito, foram preparados os esbultos de Cartier e Roberval, no hemisfério norte.

Henrique II, retomando a doutrina de seu pai, julga-se à vontade para investir sobre o Brasil. Mas, cabe uma pergunta: os franceses duvidam realmente de que os portugueses, que já investiram fortunas em dinheiro e em vidas humanas em sua empresa sul-americana, ocupam o país?

De boa-fé não se pode responder afirmativamente.

Escolhida uma região desértica, entre os pontos populacionais de Salvador e São Vicente, eles desfecharam, agora, o golpe de fôrça. O Rio de Janeiro, onde há pouco estiveram Tomé de Sousa e Nóbrega, nas melhores relações com os índios, é, portanto, um ponto não ocupado, na opinião dos franceses.

Infelizmente, as nações mais fortes, ou que se julgam tal, guiam-se antes por seus interesses do que por atos legais. O único poder sobre o desvario dos reis, o da Igreja Romana, sofre, outra vez, um golpe mortal.

É provável que isso signifique a guerra. Mas o que as armas vierem a decidir não valerá mais do que os títulos, bons ou maus, estabelecidos em nome de princípios espirituais.

Vencerá o mais forte, mas não, talvez, a causa mais justa.

## MÚSICA

### CEGO ESCRIBE

Sevilha, 1554 (Do correspondente)

Confirma-se este ano notícia anteriormente dada pelo O BRASIL EM JORNAL: o músico (cego) espanhol Miguel de Fuenllana publicou sua obra «Orphenica Lyra» (em linguagem italiana) para viola, com ou sem canto, e acompanhada de algumas composições para guitarra.

Nas transcrições que figuram no seu livro há trechos de Vasquez e de Pedro Guerrero, além de obras de Josquin e de compositores flamengos como Lupus, Gombert, Arcadelt e Willaert.

### “CHANTRE”

Roma, 1554 (Do correspondente)

Quebrando a tradição, o papa Júlio III nomeou um leigo para o cargo de «chantre» (diretor dos

coros) da Capela Sistina. O cargo, até então reservado exclusivamente a sacerdotes, foi outorgado a Giovanni Pierluigi da Palestrina, eminente autor de música religiosa católica.

Palestrina foi agraciado com tão elevado cargo por haver dedicado à Sua Santidade a série de composições que publicou recentemente. Além de leigo, Palestrina é casado e tem filhos.

### CANTOS HUNGAROS

Hungria, 1554 (Do correspondente)

A música húngara, até agora quase que limitada aos cantos gregorianos, começa, com as composições do musicista Tinody, a sofrer a influência da música popular, dando novo sentido às criações dos artistas húngaros e justificando a reputação que tem a Hungria como um dos mais intensos centros musicais europeus desde a Idade Média.



## Morreu capitão

### de Pernambuco

Lisboa, 1554

Morreu, nesta cidade, o capitão Duarte Coelho, que aqui se encontrava para entender-se com o rei D. João III sobre questões ligadas à capitania de Pernambuco.

Em sua companhia estavam os dois filhos, que vieram a Portugal para estudar. Sua mulher, D. Brites de Albuquerque, está no Brasil, à testa dos negócios do marido, juntamente com seu irmão Jerônimo.

Na Corte, quando se soube da morte de Coelho, por intermédio de um parente do extinto, o monarca português, D. João III, não teve ânimo para dizer mais que três palavras, que definem a alta conta em que ele era tido em Portugal: «Muito bom cavaleiro!»

O que foi a ação de Duarte Coelho em Pernambuco pode ser demonstrado pelo estado em que se encontra aquela capitania, a mais progressista, segundo os observadores imparciais, apesar das queixas constantes do seu administrador.



## DECORAÇÃO

A arte da cerâmica francesa apresenta, neste século XVI, obras bellissimas, principalmente as chamadas faianças da cidade de Oiron, das quais reproduzimos para nossos leitores um lindo jarro de curiosa cerâmica incrustada, cujos motivos parecem inspirados em desenhos semelhantes aos usados em encadernações de livros. Vê-se, neste jarro, como ornamento, o braço (três crescentes entrelaçados) de Diana de Poitiers, favorita de Henrique II.

## A MODA COMO ELA É

Os homens elegantes estão começando a usar (conforme ditam os figurinistas espanhóis, que são os donos atuais da moda) este tipo de casaco com mangas colantes de brocado de seda e bordados, debruado e forrado com arminho. Um detalhe de um «chic» extraordinário: a gola está ornada de pérolas, que descem também pela frente do rico casaco.

## MEDICINA

### Ciência de luto: Morreu Sylvius

Paris, 13, janeiro, 1555 (Do correspondente)

Acompanhado de todos os doutores da Universidade de Paris, com suas imponentes becas vermelhas, foi sepultado no cemitério dos escolares pobres o cientista Jacques Dubois, mais conhecido pelo nome latino de Sylvius, a quem a ciência deve os primeiros estudos importantes sobre anatomia.

Sylvius desaparece aos 77 anos (nasceu em Amiens, em 1478) e foi uma das mais interessantes figuras deste século, pelo seu alto valor e pelas suas excentricidades, dentre as quais uma desmedida avarice. Do seu dinheiro, que deve ser muito, nada se sabe.

Ao lado do cientista existia em Sylvius o fino letrado, cultor apaixonado do latim, que falava com pureza inigualável, além de traduzir com correção o grego e o hebreu. Mesmo sem ser doutor, dava aulas públicas de anatomia e de patologia, com maior auditório que a própria Sorbonne. Foram muitos os cargos de importância ocupados pelo ilustre morto, que, ao desaparecer, exercia o alto posto (desde 1550) de professor do colégio real.

Deve-se a Sylvius, principalmente, a primeira descrição minuciosa da estrutura do cérebro e o estudo do sistema venoso através da injeção de cera nas veias do cadáver ainda quente. O BRASIL EM JORNAL associa-se ao pesar universal pela morte do grande cientista, ao qual, aliás, teve oportunidade de se referir por diversas vezes, em números anteriores.

## ENSINO

### UNIVERSIDADE

Alemanha, 1554 (Do correspondente)

A cidade de Dillingen, na Baviera, está em festas com a fundação de sua primeira universidade. O ato revestiu-se da solenidade de praxe, já estando as autoridades empenhadas na escolha de professores capazes para o início, o mais breve possível, do ensino no novo estabelecimento.

### BAIANOS ESTUDAM

Cêra de 24 mamelucos e índios estão, no momento, cursando o colégio dos jesuítas da Bahia. Mas uma informação causou desalento nesta cidade: o padre Luis da Grã, recém-chegado de Portugal, trouxe instruções para não se ocupar muito dos meninos.

Agora, acabam de chegar aqui mais uns vinte meninos, que, dada a falta de espaço, serão distribuídos por outras capitâneas.

## Desaparece botânico

Hornbach (Alemanha), 1554 (Do correspondente)

A ciência perdeu este ano um dos seus conhecidos nomes: o botânico Jerônimo Bock (seu pseudônimo é Tragus), considerado um dos pais da História Natural. O grande mérito de Tragus foi quase que praticamente dispensar as gravuras em suas obras de botânica pela fiel e perfeita descrição em seus textos.

## SUCESSO DO CATECISMO DE CANÍSIO

Vienna, agosto, 1555

Já saiu a segunda edição do livro do padre Canísio: «Suma da Doutrina Cristã, apresentada por perguntas e respostas e publicada pela primeira vez, para uso da infância cristã — por ordem e autoridade de Sua Magestade o Rei dos Romanos, da Hungria, da Boêmia, arquiduque de Austríia».

A primeira edição saiu em abril deste ano, com uma tiragem de 4 mil exemplares, que se esgotaram logo. Uma das singularidades da obra está em que é um catecismo para crianças, mas escrito em latim. Há respostas que ocupam até cinco páginas. As margens das folhas estão, por pedido expresso do rei Fernando, cheias de referências aos escritos dos padres.

Canísio trabalhou no catecismo desde 1552, quando aqui chegou.

### O BRASIL EM JORNAL

EDITORA REFORMA S/A  
R. México, 119, 12º and.  
grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807

SEDE PRÓPRIA  
End. Teleg. REFORMA  
RIO DE JANEIRO

Secretários  
RUBEM AZEVEDO LIMA  
ZUENIR CARLOS VENTURA

Paginação  
WALDYR FIGUEIREDO

Ilustração  
ADAIL

Revisão  
GABRIEL CHAVES DE MELO

Promoção  
TITO S. CAVALCANTI

SUCURSAL EM S. PAULO  
Pr. das Bandeiras, 40, 9º and.  
Tel.: 33-6647

ASSINATURAS (ANUAIS)  
24 Nos. SIMPLES... Cr\$ 240,00  
24 Nos. AÉREA... Cr\$ 300,00

# Rainha por 9 dias morre sob o cutelo

## JANE EM TRÊS TEMPOS

Nestes sensacionais flagrantes, apresentamos aos leitores três fases marcantes da curta vida da infortunada Jane Grey, que foi rainha da Inglaterra 9 dias e teve agora sua cabeça decepada, aos 17 anos.

No primeiro vemos Jane quando estudava sob as vistas de sir Roger Ascham; na segunda o momento culminante de sua vida, a oferta pelos nobres protestantes, da coroa real colocada a seus pés e, finalmente, no terceiro, o momento exato em que sua linda cabeceira era colocada sobre o cepo, enquanto o carrasco se prepara para o golpe do machado.



Londres, 12, fevereiro, 1554 (Do correspondente)

"Quando me elevaram ao trono, via por trás dêle o cadafalso. Sou culpada de fraqueza, mas nunca de ambição", disse hoje a O BRASIL EM JORNAL, pouco antes de morrer, lady Jane Grey, a bela que foi rainha por nove dias.

Além de Jane, foram executados seu marido, seu pai (duque de Suffolk), sir Thomas Carew e sir Thomas Wyatt, que encabeçaram uma rebelião, logo que souberam da pretensão de Maria casar-se com Filipe. Jane suportou a morte com sangue frio e grandeza de ânimo.

Jane Grey nasceu em 1537, no palácio de Bradgate, onde passou os seus primeiros anos. Era neta de Maria, irmã de Henrique VIII, e prima de Eduardo VI, por quem tinha grande afeição.

O sábio Elmer ensinou-lhe o grego e o hebraico, o que ela preferia às partidas mais animadas de caça, passando grande parte de seu tempo entregue aos estudos. A sir Roger Ascham, secretário de Eduardo VI e preceptor de Elisabeth, Jane deveu muito também de sua formação cultural.

Como noticiamos no número anterior e segundo se depreende de suas deradeiras palavras, Jane foi levada ao trono não por sua vontade, mas pelo desejo de seu sogro, Northumberland, de conservar o governo a todo custo. Já o casamento da bela lady com Guildford fazia parte do plano do duque de continuar mantendo em suas mãos as rédeas do reino.

## EM SOCIEDADE

### Ramalho não pode casar com Bartira: sua mulher está viva em Portugal

Gente chegada do Chile elogia muito a beleza de D. Inês Suarez, mulher do capitão Rodrigo, companheiro de Pedro de Valdivia. Dizem mesmo que D. Inês leva vida de soldado e é capaz de acertar um alvo a cem metros de distância. Existe até quem afirme que o coração do próprio Valdivia agora morto, estaria na alça de mira da grande atiradora...

Pelo pórtico do maravilhoso Castelo de Anet (Delorme o construiu), muita gente importante tem passado ultimamente, a procurar os favores e a proteção da verdadeira rainha de França, Diana de Poitiers. Os comentários fervilham, nem sempre favoráveis à hábil preferida do rei, que manda como nunca, apesar de tudo. Enquanto isso, Catarina de Médicis, a rainha de direito, parece esperar a sua vez...

As pessoas vivem hoje mais sossegadas em São Paulo, graças à significativa redução dos escândalos, pela ação moralizadora do Padre Nóbrega, que chegou mesmo a dizer: «A verdade prevaleceu: podemos gozar a tranquilidade do Senhor».

João de Salazar, espanhol radicado no Brasil, casou-se em São Paulo com mulher espanhola, sobrevivente do naufrágio da esquadra de Senabria (Isabel Contreras). A senhora Salazar queixa-se muito do Brasil, apesar da pensão que o governador Tomé de Sousa mandou lhe dar...

A nova geração recordou, através das reminiscências dos mais velhos, a história patética da rainha Joana, a Louca, a que enlouqueceu de amor por seu marido, Filipe, o Belo. Arreple os cabelos sabendo que a rainha louca mandava desenterrar, periodicamente, seu marido, para beijá-lo. Recordar-se hoje a história macabra de Joana, a Louca por ter ela morrido

este ano aos 76 anos, fato que mereceu de O BRASIL EM JORNAL uma completa reportagem publicada neste número.

A côrte da Inglaterra ficou fortemente impressionada com a maneira decidida e com o sangue frio com que a rainha (nove dias, apenas) Jane Grey subiu ao cadafalso, confessando sua culpa, mais dos outros do que dela mesma.

Uma notícia escandalizou o Brasil: Ramalho queria casar-se, religiosamente, com Bartira. Solicitou os bons ofícios de Nóbrega para que o casamento se consumasse. Isto foi o que informamos aos nossos leitores, em primeira mão. Agora, a nota que gerou mal-estar: a mulher de Ramalho ainda é viva e o casamento não se realizará mais.

O bispo D. Sardinha, do Brasil, não vê com bons olhos os processos missionários usados pelos jesuítas. Acha que os companheiros do Pe. Nóbrega não devem cantar os hinos cristãos com árias e instrumentos pagãos. Reparou que até os meninos índios que frequentam a escola têm seus cabelos cortados à moda da terra, o que também desaprova.

Comenta-se muito em Londres o que já é chamado de «casamento do século». Para muitos, Maria Tudor casou com Filipe de Espanha apenas para satisfazer o seu orgulho de solteirona, porque, dizem os mexericos, ela gosta mesmo é de Pole; outros, no entanto, juram que é amor de verdade, «amor de 36 anos»...

## COLUNA MILITAR



Tem-se notícia de que o Xá da Pérsia, na reforma que acaba de fazer nas tropas turcomanas a seu serviço, criou um corpo especial de zambureques, soldados montados em camelos, portadores duma colubrina de mão, que dão fogo, estando ela presa a uma espécie de escudo de couro e metal que cobre a primeira corcova da montaria.

## STADEN ESCAPOU POR SER ALEMÃO

Honfleur, 20, fevereiro, 1555 (Do correspondente)

Ferido numa luta entre os brancos (portuguêses e franceses), chegou hoje a este pórtico da Normândia o aventureiro alemão Hans Staden, que esteve mais de dez meses entre a vida e a morte, prisioneiro de índios brasileiros.

Staden declarou à reportagem de O BRASIL EM JORNAL que, por não ser português, escapou de ser devorado pelos canibais de Ubatuba.

Ele estava de serviço em Bertioiga, a convite do ex-governador Tomé de Sousa, quando, num passeio por perto do fortim onde era artilheiro, foi aprisionado pelos índios.

Revelou-nos o aventureiro que os índios do Brasil estão divididos entre portuguêses e franceses. Por infelicidade, os que o aprisionaram eram favoráveis aos franceses e ele pensou que não escaparia da aventura.

Staden tudo fez para convencer que era alemão. Enquanto estava preso, apareceu um mercador francês que se negou a ajudá-lo e, pelo contrário, recomendou aos selvagens que o devorassem.

Só a fé em Deus pôde salvá-lo. Staden conta-nos que, quando estava próxima a data de sua execução, certos acontecimentos, como a doença de chefes índios, vieram em seu auxílio.

Os selvagens atribuíram os maus fados ao desejo de devorá-lo e Staden foi sendo poupado. Participou, então, de uma expedição de guerrilha, juntamente com o chefe Cunhambebe.

### VIU SACRIFICIOS

Uma das coisas que mais o impressionaram foi o sacrifício de prisioneiros. Quando se tratava de selvagem inimigo, o prisioneiro mostrava, na hora da morte, um estoicismo admirável. Insultava os que o iam matar e dizia-lhes que, assim como o matavam, êle já abatera centenas de adversários.

Mas, declarou-nos Staden, pude ver a morte de alguns portuguêses, a quem tentei confortar. É um espetáculo danresco! Amarram o prisioneiro pela cintura, mordem-no, ofendem-no, provocam-no e, afinal, abatem-no com certo golpe no crânio. Depois vêm os preparativos para devorá-lo. Confesso que, apesar de homem já acostumado a tudo assistir, não pude suportar êsse espetáculo.

Staden despede-se da reportagem dizendo que foi salvo por um navio francês e que, após seu resgate, quase foi morto por portuguêses que perseguiram sua embarcação para afundá-la. Ele agora pretende escrever um livro sobre as estranhas aventuras que viveu.

# MARIA E FILIPE ESTÃO CASADOS

Londres, 25, julho, 1554 (Do correspondente)

Depois de um rápido noivado, que provocou protestos, rebeliões e muitas mortes, casaram-se hoje, nesta cidade, a rainha da Inglaterra Maria Tudor e o príncipe espanhol Filipe, filho do imperador Carlos V.

Não só o povo reagiu contra o casamento. O próprio Parlamento relutou muito e, ao aceitá-lo, fez como medida de precaução as seguintes recomendações: Filipe deverá respeitar as leis do país; no caso de morte da rainha, não terá direito à coroa; se nascer um filho este herdará simultaneamente o trono da Inglaterra, da Borgonha e dos Países-Baixos; finalmente, Filipe não poderá arrastar o país às suas guerras com a França.

Logo após a cerimônia, o embaixador da Espanha, Renard, comentava com amigos: «Quando lhe fiz a proposta de casamento, ela se pôs a rir; não uma, mas várias vezes, lançando-me um olhar significativo de que a proposta lhe era muito agradável».

E mais: «Ela jurou que nunca sentira o agulhão daquilo a que se chama amor, nem caíra em pensamento de volúpia, e que jamais pensara em casamento, senão depois que aprovou a Deus elevá-la à Coroa e que aquilo que ela fizesse seria contra a sua própria afeição, pelo respeito à coisa pública».

A rainha travou com seus ministros uma tremenda luta para conseguir o casamento, sem falar na reação pública. Quando os embaixadores enviados por Carlos V chegaram a Londres, foram bombardeados com bolas de neve pelos garotos. Nas ruas brincava-se de «casamento da

rainha» e o menino que representava o noivo era «enforcado».

Mas tudo isso cessou quando Filipe desfilou pelas ruas da cidade, com um imenso

comboio de ouro extraído das minas americanas. Vendo todos esses barris depositados na Torre, os mercadores diziam: «pelo menos esse não vem roubar-nos».

## TRÊS PAPAS EM DOIS MESES!

Roma, 1, maio, 1555 (Do correspondente)

A Igreja sofreu um tremendo golpe, com a perda, em pouco mais de um mês, de dois Papas: Júlio III, morto no dia 22 de março, e seu sucessor Marcelo II, que faleceu às primeiras horas de hoje, após um breve pontificado de 21 dias.

Júlio III morreu em consequência de um violento ataque de gôta, doença que, como os leitores de O BRASIL EM JORNAL sabem, o atacava com freqüência. Já Marcelo II teve morte quase repentina, pois foi atacado de apoplexia, ontem, e pela madrugada de hoje não tinha mais vida.

Júlio III caiu doente no dia 12 e no dia 21 não havia mais esperanças, embora ele, não pressentisse a gravidade do mal. Quando lhe sugeriram colocar os negócios em ordem e fazer do seu irmão Balduino cardeal, respondeu: «Há tempo».

No dia seguinte, os cardeais o cercaram e Jean Pierre Carafa lhe perguntou suas últimas vontades; se queria, por exemplo, que a bula sobre a reforma do conclave fosse publicada e observada. Não recebeu resposta. Carafa pediu, então, uma bênção. O doente tentou um esforço, mas não conseguiu fazer o sinal da cruz. Finalmente, no sábado, com paralisia total, morreu aquele que foi Júlio III durante cinco anos, um mês e 16 dias.

### PAPA POR 21 DIAS

Marcelo Cervini foi o cardeal escolhido por unanimidade para substituir Júlio III, e na manhã de 9 de abril era conduzido por Madruzzo e Carafa, de sua cela, para a capela Paulina. No momento em que soava o Angelus, Cervini pronunciou o tradicional: «Acceptamus».

Havia no conclave 37 cardeais e a opinião unânime se resumia nestas palavras: é preciso um Papa santo; nada de intervenção de príncipes na escolha.

O grupo francês tinha como candidato Hipólito de Esté, cardeal de Ferrara. Carafa, no entanto, após a esta candidatura a que acabou vitoriosa. Dos 21 dias de pontificado, em apenas dez Marcelo gozou de perfeita saúde.

### BIOGRAFIA DE MARCELO II

Segundo autoridades eclesiásticas, Marcelo seria um

Papa de tendências reformadoras, esperando-se dele um bom governo. Sua biografia, apesar de curta, é muito interessante, no sentido de ter sido ele um dos cardeais que informaram a recuperação da Igreja.

Nascido em Motesano, nas Marcas, no dia 6 de maio de 1501, Marcelo Cervini de Montepulciano recebeu uma educação esmerada em humanidades. Durante um ano de viagens a Roma, conquistou a simpatia do cardeal Alexandre Farnésio que, quando Papa (Paulo III), lhe confiou a educação de seu sobrinho Alexandre, muito cedo feito cardeal secretário de Estado.

Ordenado sacerdote e designado bispo de Nicastrò, em 1539, no dia 18 de dezembro deste mesmo ano, viu premiados seus méritos com a concessão do capelo cardinalício.

Como cardeal, exerceu várias legações junto a Carlos V. Em 1545, atuou e se destacou como legado pontifício nas primeiras sessões do Concílio de Trento, exercendo também a presidência. Não foi o substituto de Paulo III, por oposição formal do imperador. Durante o pontificado de Júlio III, pôde demonstrar suas aptidões nos cargos de bibliotecário apostólico e presidente da Comissão de Reforma.

### DADOS BIOGRÁFICOS DE JÚLIO III

João Maria de Ciochi del Monte que, como chefe supremo da Igreja, tomou o nome de Júlio III, já foi em várias oportunidades focalizado por nós. Quando de sua eleição para Papa, a melhor cobertura jornalística foi — segundo ele mesmo — a de O BRASIL EM JORNAL. Amigo nosso, mesmo antes de investido da suprema dignidade, juntamos o nosso pesar ao de todo o mundo católico, que nesta hora chora a sua morte.

Júlio III nasceu em Roma no dia 10 de setembro de 1487, sendo eleito e sagrado Papa em 1550. Bispo de Siponto (1512), de Pavia (1520), cardeal (1536), defendeu como legado no Concílio de Trento, em 1545, os interesses do Papa.

Foi ele quem, em 1550, reuniu de novo o concílio e suspendeu dois anos depois. Aliado de Carlos V contra Henrique II, fez a paz em 1553. Confirmou os estatutos dos jesuítas e os autorizou a fundar em Roma o Colégio Romano e o Colégio Germânico.

Um dos seus últimos atos foi a absolvição à Inglaterra, por intermédio de Reginaldo Pole.



D. JOANA

## Portugal em festa: nasceu um herdeiro

Lisboa, 20, janeiro, 1554 (Do correspondente)

O desejado, o príncipe com que todos os portugueses sonhavam, nasceu, hoje, nesta cidade e, ao se espalhar a notícia, o júbilo em todo o país foi extraordinário.

Nas ruas de Lisboa, a população grita a plenos pulmões: «Portugal tem herdeiro!» «Viva o príncipe!»

O próprio rei D. João III vibrou com a notícia de que sua nora lhe dera um neto homem. As perspectivas para o país eram sombrias. Há 18 dias, após uma enfermidade rápida, morreu o príncipe João Manuel, último herdeiro de D. João III. Para que sua mulher, a princesa espanhola D. Joana, filha de Carlos V e portanto sobrinha de Catarina, a atual rainha de Portugal, não tivesse um parto acidentado, a notícia da morte do príncipe foi mantida em segredo. Hoje, D. Joana deu à luz um varão e está passando bem.

Da chancelaria nos comunicaram que só agora ela saberá que é viúva. O recém-nascido, ao que se informa, chamar-se-á Sebastião, em homenagem ao santo do dia em que nasceu.

## Inglaterra retorna ao seio papal

Londres, 3, janeiro, 1555 (Do correspondente)



LATIMER  
Ideal em fogo

Diante dos soberanos e das duas Câmaras ajoelhados, o legado pontifício Reginaldo Pole pronunciou hoje, em inglês, a fórmula solene de absolvição papal à Inglaterra, promovendo a reconciliação do reino com Roma.

Foram também revogados todos os estatutos e leis publicados desde Henrique VIII, contra a Santa Sé e a Igreja. Já no dia 11 de novembro do ano passado, Júlio III autorizara Pole a não exigir a restituição dos bens eclesiásticos, dizendo que «o que não podia ser vendido, pode ser dado para salvar tantas almas».

O cardeal Pole chegou a esta cidade em fins do ano passado, sendo recebido triun-

falmente em Whitehall por Maria e Filipe, que disseram ser ele o «escolhido pela Providência para essa missão».

No dia 28 de novembro, diante das duas Câmaras, ele expôs o objetivo de sua legação. No dia 30, o Parlamento suplicava a Maria e Filipe para solicitarem, por intermédio de Pole, a reconciliação do reino com Roma.

### PERSEGUIÇÕES

Londres, 18, dezembro, 1555 (Do correspondente)

Foi discutida e votada hoje, por unanimidade, pelos Comuns, uma lei que põe em vigor a velha legislação de Ricardo II, Henrique IV e Henrique V contra a heresia. Este ato poderá agravar mais o movimento que se formou contra os protestantes, desde que se fez a reconciliação.

As primeiras vítimas da reação católica foram os pregadores presos sob Eduardo

VI que, sem admitir as medidas religiosas do último reino, protestam, no entanto, contra a reconciliação com Roma. Pole, que os teria tratado com docura, confiou o julgamento a uma comissão onde figuravam Bonner e Gardiner que, sem piedade, proclamaram várias sentenças de morte.

De tôdas as execuções (e são muitas), a mais dramática foi a do velho pregador protestante Latimer que, com Ridley, foi queimado em Oxford. Teria podido facilmente salvar a vida abjurando, mas quando se abriu a discussão com os doutores, que precedia sempre o suplicio, respondeu que lera os Evangelhos sem néles encontrar a missa.

«Ficai absolutamente tranqüilo, Master Ridley — disse ao companheiro — pois acenderemos hoje na Inglaterra, com a graça de Deus, uma tal tocha que nunca mais se apagará».

# Esquadra portuguesa tragada pelas águas



GALEAO  
O mar foi mais forte

## Russos e ingleses iniciam relações

Londres, fevereiro, 1555 (Do correspondente)

Pedindo o envio ao Kremlin de alguns conselheiros e prometendo livre comércio na Rússia para os mercadores britânicos, Ivan IV, o Terrível, mandou uma carta à coroa inglesa pelo navegador Richard Chancellor, que acaba de regressar de sua tentativa de atingir o continente americano pelo nordeste.

«Recebi o seu fiel servidor Richard e os companheiros, que viram a nossa majestade e os nossos olhos», diz a carta que marca o início das relações da Inglaterra com a Rússia.

Richard Chancellor partiu desta cidade há dois anos, com uma esquadra composta de três veleiros, sem saber para onde ia, pois «a carta de recomendação dada por Eduardo VI era dirigida a todos os reis, príncipes e senhores, a todos os juizes da terra, aos seus oficiais e a quem quer que possuísse alguma autoridade no mundo habitado».

Conta Chancellor que nas costas da Lapônia uma tempestade dispersou os três barcos, indo ele parar nos Estados do czar. Os que viviam junto ao mar nunca tinham visto navios europeus e a surpresa foi grande. A notícia chegou ao Kremlin e Ivan ordenou que «lhe enviassem os estrangeiros».

Em outubro de 1553 Chancellor chegava a Moscou, sen-

do acolhido com alegria. Traduziu-se, então, em russo a carta de Eduardo VI, da qual trouxe ele resposta.

### «MOSCOVY COMPANY»

Londres, 1555 (Do correspondente)

Como consequência da política de aproximação, acaba de ser criada a «Moscovy Company» que, segundo informações, gozará de múltiplos privilégios, entre os quais, o de traficar até as extremidades da Rússia e mesmo além, em Boukhara e na Pérsia. Em compensação, diz-se que Ivan espera um acordo militar e político contra a Polônia.

## CAIU SIENA

Siena, 17, abril, 1555 (Do enviado especial)

Após um cerco de quase um ano, onde o heroísmo dos habitantes, principalmente das mulheres, foi notável, esta cidade não resistiu mais à pressão e caiu em mãos dos imperiais.

A revolta que começou no ano passado, tinha como objetivo garantir a independência de Siena. Blaise de Montluc comandava a defesa e o cerco foi logo a seguir à derrota de Marciano, no dia 2 de agosto do ano passado. Siena está, assim, à mercê de Cosme de Médicis, que a conquistou.

Pará, 11, novembro, 1554 (Do correspondente)

Quase toda uma esquadra portuguesa foi tragada pelo mar à entrada de um porto nesta região. Cerca de 3 naus e 2 caravelas, com mais de 300 homens da equipagem desapareceram como que por milagre, sem deixar vestígio.

A esquadra, que era comandada por Luis de Melo da Silva, se destinava à ocupação do Maranhão. Seu comandante havia solicitado ao rei D. João III uma capitania aqui.

Fontes chegadas ao almirantado espanhol dão conta de que do desastre apenas escapou o pessoal de uma nau e de uma chalupa.

### SALVOS

São Domingos, janeiro, 1555 (Do correspondente)

Quase mortos de fome e de cansaço, chegaram a esta possessão espanhola sobreviventes da esquadra portuguesa que naufragou à entrada do Pará.

Apenas um navio e uma chalupa puderam salvar-se. Entre os que escaparam estão o comandante Luis de Melo e João Rodrigues Palha, figura de destaque nos meios governamentais de Portugal.

Melo, ao que se disse, voltará incontinenti para Portugal, enquanto Palha continua no propósito de ir para o Brasil.

## SUFOCADA REBELIÃO INDÍGENA

Salvador, 10, junho, 1555 (Do correspondente)

Os índios desta cidade foram inteiramente batidos pelas forças portuguesas sob o comando do filho do governador-geral do Brasil, sr. Alvaro da Costa.

Em 26 do mês de maio último, ocorreu um levante nos subúrbios desta cidade. Os índios atacaram fazendas de colonos em Itapua, fizeram prisioneiros e carregaram todo o gado que acharam.

Em outros pontos da cidade, aproveitando-se da desarmonia entre o governador e o bispo, outros ataques tiveram lugar.

O governador destacou seu filho como comandante das tropas e este organizou, às pressas, uma milícia para enfrentar os sublevados. Antônio Cardoso foi cercado em seu engenho. Alvaro da Costa, com 200 infantas e alguma gente de cavalo, foi em seu auxílio e levantou o cerco. No dia 4 de junho, o capitão Costa atacou os índios em suas aldeias. O medo dos indígenas foi tamanho que eles resolveram pedir paz.

Duarte da Costa, em declarações a O BRASIL EM JORNAL, disse que não faltava mais calma para que lhe suceder. Estava empenhado em fazer cumprir as leis do reino com relação ao luxo excessivo da população, tinha de encerrar o problema do atrito surgido com o bispo e agora ocorreu-lhe ter de enfrentar a sublevação dos índios.

«Felizmente, disse, tudo acabou bem».

## ARTE

Vêm obtendo sucesso aqui em Londres como em toda a Europa as medalhas comemorativas executadas pelo gravador J. da Trezzo, retratando personagens ilustres de nossa época. Reproduzimos a medalha de Maria Tudor, rainha da Inglaterra, neste ano de 1554.



★

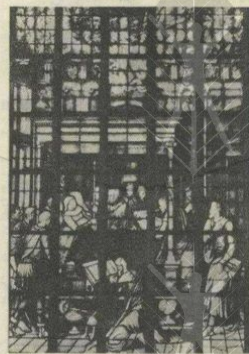
Sebastião Serlio, arquiteto (para alguns mediocre) e autor de obras que se tornaram conhecidas, faleceu no ano passado, 1554, em Fontainebleau. Serlio é o autor do livro muito conhecido entre os especialistas, os «Princípios de Geometria e de Perspectiva», do qual já estão publicados vários tomos.

Simple compiler dos arquitetos contemporâneos, Serlio foi realmente frus-



trado em suas realizações, não tendo conseguido, ao que se diz, terminar nenhum edifício confiado à sua realização. Mesmo assim, graças aos livros que escreveu, Serlio alcançou destaque, ocupando cargos importantes, como, por exemplo, o que obteve por favor real de Francisco I, rei de França: o de pintor e arquiteto para os edifícios e construções em Fontainebleau.

Reproduzimos para nossos leitores a capa da edição (1555) do terceiro livro dos «Princípios», de Serlio.



É do pintor holandês Pedro Aertsen (também chamado Pedro Comprido, pela sua alta estatura) este bellissimo vitral, que reproduzimos para nossos leitores. Representa um detalhe do «Sono da Santa Virgem», terminado este ano (1555) em Amsterdam.

Roma, 1555

Notícias da localidade de Caprarola informam que foi iniciada este ano a construção do monumental palácio da família Farnésio, à qual pertenceu o papa Paulo III. O plano da obra é de autoria do renomado arquiteto Giacomo Barozio, apelidado Vignola, nome da cidade em que nasceu, perto de Bolonha.



O BRASIL EM JORNAL já havia noticiado, em 1550, a apresentação do plano de Vignola ao cardeal Alexandre Farnésio, chefe da grande família. Ao que tudo indica, a obra de Vignola formará entre as maiores realizações arquitetônicas da atualidade, não só pelo nome de quem assina a planta da construção, como também pelo empenho em que está Alexandre Farnésio em ver concluído seu velho sonho, que é o palácio de Caprarola.

★

O gênio inextinguível de Miguel Angelo na escultura, seu domínio favorito, presenteou o mundo das artes com mais uma obra-prima: «A deposição do Cristo», em que trabalhou desde 1553, em Roma, onde se acha há mais de 20 anos.



# Morreu Joana, "a que enlouqueceu por amor..."



**FILIFE, «O BELO»**  
 Nem depois de morto escapou ao amor de Joana.

**Valadoli, 11, abril, 1555 (Exclusivo de O BRASIL EM JORNAL)**

Depois de 50 anos de verdadeira morte em vida, pois durante este tempo a loucura a afastou do mundo, Joana, a infeliz rainha de Castela, mãe do imperador Carlos V e esposa de Filipe, o Belo, morreu hoje no castelo de Tordesilhas, onde estava encerrada desde 1509.

A vida de Joana é uma das mais comovedoras histórias de amor que o mundo já conheceu e mostra até que ponto pode chegar uma mulher, quando ama perdidamente sem ser correspondida.

Nascida no dia 6 de novembro de 1479, Joana foi, segundo os testemunhos da época, «a mais bela criança que os pais poderiam desejar». Com

sua pele rosada e os olhos estranhamente verdes e nipoñicos, mostrou desde cedo uma inteligência privilegiada, dedicando-se com igual prazer aos estudos e às artes. Conversava com os príncipes da Igreja em latim; expressava-se em versos com perfeição e tocava guitarra como ninguém, na corte. Em breve, tornou-se o ideal dos príncipes.

Aos onze anos, seus pais, Fernando e Isabel, os Reis Católicos, anunciaram que haviam encontrado o seu príncipe na pessoa de Filipe, O Belo.

## UM MUNDO DE FELICIDADE

A 21 de outubro de 1496, realizava-se o casamento e em 1502, para aumentar a sua felicidade, era reconhecida herdeira dos reinos de Castela e Aragão. Parecia, então, que um mundo de felicidade a aguardava.

Mas, no fim desse mesmo ano, Filipe, vindo à terra de sua esposa, logo se aborrece e sente saudades de sua misteriosa Flandres. Deixa Joana na Espanha e parte. De temperamento ardente e ciumento, mistura de sangue aragones e castelão, a princesa desconfiou que o seu marido voltava para os prazeres e antiqos amôres.

## DOLOROSA DECEPÇÃO

Temendo o seu mutismo, sua falta de sono e apetite, sua tristeza crônica, os pais resolveram atender ao pedido de Joana e deixam que ela parta em busca do marido. Chegando à corte de Filipe, encontrou o seu lugar tomado por uma bela loura, sobre quem, aproveitando a ausência de Filipe, descarregou toda sua violência espanhola. Este, quando soube do incidente, impôs à sua esposa grande humilhação. Apareceram, então, os primeiros sintomas de alienação mental.

Em 1504, Filipe desembarca em La Coruña, porque Isabel havia morrido e, impondose logo ao sogro, consegue ser aclamado rei de Castela em detrimento do testamento de Isabel. Em seguida, quis encarcerar a esposa, como de mente, e encarcerar-se sozinho da regência. Mas as cortes de Valadoli juraram fidelidade à rainha.

## A FASE AGUDA

A fase aguda da doença de Joana começaria, no entanto,

no dia 25 de setembro de 1506, data da morte de Filipe. Desde esse momento ela passa a usar vestidos de cores vivas e a visitar com frequência o túmulo do marido. De repente, resolve andar como uma mendiga. Um dia, sob o espanto dos que assistiam, manda abrir o túmulo e com sofreguidão beija os lábios e acaricia os cabelos do cadáver. Este episódio volta a se repetir todas as semanas. Como o clero e a nobreza protestassem, exige que o corpo do seu marido seja trasladado para Granada.



**JOANA**  
 Quando no auge de sua estranha beleza, com os primeiros sinais de loucura a toldar-lhe a frente.

## QUASE MEIO SÉCULO ENCARCERADA

No Natal de 1506, ela inicia uma peregrinação, que se torna famosa. Durante uma penosa viagem pelos campos de Castela, em que um cortejo de padres acompanha com cantos fúnebres, Joana por várias vezes fez abrir o caixão e repetiu as patéticas e repugnantes cenas de amor.

Fernando de Aragão, reposto no trono, teve que resignar-se a encarcerar a filha no palácio de Tordesilhas, em agosto de 1509, onde ela viveu até hoje, sob a vigilância do marquês de Dinia e de seu filho. O terrível amor de Joana, em 8 anos de casamento, lhe deu dois filhos e quatro filhas.

## "GOVERNAR PERNAMBUCO DÁ PREJUÍZO"

**Olinda, 28, agosto, 1555 (Do correspondente)**

Governar Pernambuco dá prejuízo (grande), tira a saúde e é posto que só se aceita em razão de muita amizade ou para se salvar um parente necessitado.

Quem pensa assim é o sr. Jerônimo de Albuquerque, ora à testa do governo.

Jerônimo é irmão da mulher de Duarte, D. Brites e, hoje, falando a O BRASIL EM JORNAL, disse que perdeu quase todas as suas economias, tentando melhorar a situação de Pernambuco: duas fazendas suas, no interior, foram destruídas pelas mãos índias. Sua saúde já não é boa e ele só aceitou substituir Duarte por amizade à irmã.

Jerônimo vai pedir ao rei que dê investidura a um seu amigo no posto de arrendatário de certos engenhos. Está também propenso a largar tudo para cuidar do que é seu.

## MORREU "PADRE VOADOR"

**Brasil, 30, junho, 1554**

Com um crucifixo alçado e recusando-se terminantemente a abandonar o navio que afundava, morreu, hoje, o padre Leonardo Nunes, a quem os índios chamavam de «Padre Voador».

Nunes ia para a Europa, com mensagem especial para Inácio de Loyola. Ao seu embarque, os chefes indígenas choraram e insistiram para que ele levasse seus filhos, a fim de que os meninos estudassem em Portugal. O padre não pôde atendê-los, em virtude de uma proibição nesse sentido.

Em razão de sua grande atividade no Brasil, Nunes era chamado pelos índios de «Padre Voador». Aparecia no sertão, corria os campos, infatigavelmente. Surgia quando menos se esperava.

Em São Paulo, teve sério incidente com João Ramalho. Quando, num belo dia, o padre Nunes se preparava para dizer missa, apareceu Ramalho na igreja e o sacerdote o expulsou do templo.

«Rua! — disse ele — Os santos mistérios não podem ser celebrados na presença de pecadores excomungados».

Ramalho retirou-se em companhia dos filhos, que prometeram vingança.

Sobreviventes do naufrágio informaram-nos que a bordo seguia, clandestino, um indiozinho brasileiro, que se negou a abandonar o padre Nunes. O menino morreu.

## NOVO GOVERNADOR

**Goa, 7, junho, 1555 (Do correspondente)**

A Índia, a partir de hoje, tem novo governador: Francisco Barreto. Ontem, após a morte de Pedro Mascarenhas, já seu nome estava escolhido para governar o país.

Mascarenhas, que ficou apenas nove meses na chefia do governo, deu provas de alto espírito público, mas o ódio dos nacionais contra os portugueses dificultou-lhe o sobremodo o exercício do poder. A divisão entre católicos e não-católicos é o grande problema.

Barreto, que hoje assumiu seu posto, terá de enfrentar não só este problema como o da disputa do trono de Bidjapur. O partido que foi apoiado pelos portugueses terá maiores chances de alcançá-lo, mas o que for preterido se tornará inimigo temível. Não se sabe quais os planos do novo governador.

## TERRORISMO CALVINISTA

**Genebra, junho, 1555**

Um clima de terror invadiu esta cidade desde o dia 16 do mês passado, quando Calvino, depois de conseguir maioria no Conselho, abortou a revolta que seus adversários tramavam contra ele.

Diversos processos de alta traição foram instaurados, ao curso dos quais, o reformador, com excessivo rigor e desumanidade, aplicou penas de tortura, morte e exílio. François-Daniel Berthelier, irmão do defensor de Servet, morreu no patíbulo.

## PROTESTANTES E CATÓLICOS FIZERAM ACÔRDO

**Augsburgo, 3, outubro, 1555 (Do correspondente)**

Depois de sete meses de discussão, em que, por várias vezes, católicos e reformistas ameaçaram romper a Dieta, foi finalmente assinado hoje um tratado de paz que é, na opinião dos observadores, o fracasso definitivo de todos os esforços de Carlos V para manter no Império a unidade religiosa.

A reunião tinha como principal objetivo estabelecer na Alemanha um modo eficaz de paz e direito, sendo as questões religiosa e territorial as temas fundamentais de discussão. Fernando recebeu do imperador o encargo de firmar o acôrdo sem sacrifício da Igreja.

O texto do tratado reconhece oficialmente a existência do protestantismo na Alemanha e não admite liberdade religiosa dos indivíduos. Só o Estado é livre de escolher entre as duas confissões: católica e protestante. Príncipes e cidades aderem à doutrina de Roma ou de Wittenberg. O imperador admite isso e lhes concede o direito de organizar as igrejas e de praticar o culto. Mas, no interior do Estado, o cidadão simples deve seguir a religião do príncipe ou do magistrado: «Cujus regio, ejus religio».

Uma cláusula especial, o «reservatum ecclesiasticum», regula a questão da secularização, segundo o princípio que Carlos V, no ano passado, impusera à Inglaterra. Assim é que todo beneficiário eclesiástico, se adotar a Reforma, terá que restituir à Igreja romana os bens que dependem do cargo. É essa a única conquista dos católicos nesta Dieta.

## VIGÁRIO-GERAL PARA O BRASIL

**Lisboa, 17, setembro, 1555 (Do correspondente)**

Atendendo à solicitação de Nóbrega, ora no Brasil, o rei de Portugal nomeou, hoje, para o cargo de Vigário-Geral naquele país, o bacharel em Teologia e Cânones, Francisco Fernandes Fernandes, que deverá seguir para o Brasil com a máxima brevidade, leva instruções do rei D. João III para ajudar em tudo aos jesuítas que se dedicam a catequizar os selvagens brasileiros.

## CARLOS V DEU A FILIPE OS PAÍSES-BAIXOS

**Londres, 22, outubro, 1555**

O imperador Carlos V mandou chamar seu filho Filipe nesta cidade e lhe entregou hoje a soberania dos Países-Baixos.

Uma figura de projeção no Império garantiu-nos que isto representa o princípio da abdicação, pois Carlos V está muito cansado e aborrecido, desejando abandonar tudo e viver em sossego.

As principais causas apontadas para a possível renúncia são: derrota de Innsbruck, queda de Metz e a paz recém-assinada em Augsburgo.

## FREDERICO "O MAGNÂNIMO" NÃO EXISTE MAIS



**JOÃO FREDERICO**  
 «O Magnânimo», teve sempre uma espada na mão.

**Weimar, Alemanha, 3, março, 1554 (Do correspondente)**

Um dos homens que mais lutaram pela causa de Lutero na Alemanha morreu, hoje, nesta cidade: é ele João Frederico, Eleitor de Saxônia, também chamado o Magnânimo, pelas suas virtudes.

Condenado à morte por rebeldia, teve, com a capitulação de Wittenberg, em 1547, a pena comutada para prisão perpétua. Mas depois de cinco anos de cativeiro, cumpridos com grande dignidade, João Frederico foi libertado pelos príncipes alemães.

Sua intervenção nos assuntos religiosos e políticos da Alemanha data de 1532.

## A BATALHA QUE NÃO HOUE

Na reportagem publicada nesta mesma página, no nº 14, sob os títulos «Uma Reportagem especial» — «Dos remos do Mediterrâneo às velas do Atlântico», o autor, nosso redator especializado em assuntos marítimos, cometeu grave engano quando afirmou: — «Foram elas (as galeras), pela sua superioridade em armamento, que decidiram a vitória de Lepanto em que D. João da Austria venceu os turcos e lhes arrancou a hegemonia naval no Mediterrâneo».

O absurdo é evidente. Mesmo porque, até este ano de 1555, ninguém ouviu ainda falar que tivesse havido qualquer batalha naval de vulto em Lepanto... Da mesma forma, até agora, para desgraça dos cristãos, os turcos continuam sendo os detentores da hegemonia do Mediterrâneo...

Portanto, não houve a «vitória de Lepanto», simplesmente porque não houve batalha em Lepanto. Nem nenhuma D. João venceu os turcos, uma vez que não houve nem batalha nem vitória...

Pedimos desculpas aos nossos leitores por esse lapso da nossa redação, lapso devido naturalmente a alguma confusão de nomes e fatos no momento em que era redigida a reportagem.

Ao mesmo tempo fazemos votos para que um dia, em Lepanto ou em outro qualquer lugar, as froças cristãs consigam mesmo roubar aos turcos a tão falada hegemonia do Mediterrâneo. Que o nosso delirante redator tenha nas veias algum sangue de profeta, é o que O BRASIL EM JORNAL deseja, quando registra suas mais humildes desculpas pelo erro cometido.



# PESTE NO RIO!

## V CENTENÁRIO DE LADY GODIVA



Londres, 1557

Completa agora cinco séculos o heróico feito de uma dama da nobreza da Inglaterra: Lady Godiva, mulher de Leofrico, conde de Chester. Tantos anos são passados que o fato tomou aspecto de lenda. Em 1057 Lady Godiva implorou ao seu marido a atenuação dos pesados impostos que esmagavam Coventry. O conde retrucou que concordaria, mas com uma condição: a de que Lady Godiva atravessasse toda a cidade completamente nua, montada em seu cavalo. A virtuosa dama aceitou o desafio e a população de Coventry, comovida, trancou-se em suas casas, deixando-a atravessar as ruas apenas vestida com a sua longa e bela cabeleira, com seu cavalo conduzido por uma religiosa, como mostra a gravura que reproduzimos para nossos leitores. Ninguém a contemplou.



**+ , - , =**

Londres, 1557

O matemático e físico inglês Robert Recorde publicou este ano mais uma obra notável, «Whetstone of Witte» («Pedra de afilar o espírito»), em que usa, pela primeira vez, o sinal (=) para significar igualdade. O autor informa que assim agiu «por não haver coisas mais iguais» que duas linhas paralelas.

Essa é uma nova e importantíssima contribuição à matemática, que se faz ainda mais notável por ter sido o mesmo Recorde o inventor de dois outros sinais: mais (+) e menos (-), que o autor lançou em seu livro «Grounde of Arts», aparecido em 1540, sendo uma das primeiras obras sobre aritmética publicadas em inglês.

Já mortos 800 brasileiros vítimas de estranha enfermidade — O vice-almirante Villegagnon enfrenta terrível crise na sua «Henriville» — Completa cobertura jornalística dos acontecimentos da «França Antártica»

O BRASIL EM JORNAL divulga em primeira mão inédito mapa do Rio de Janeiro — agora Henriville — ocupado pelos franceses. Na pequena ilha assinalada dentro da baía, desenrola-se um tremendo drama. Questões religiosas entre protestantes e católicos; revolta dos índios; motins na tropa; peste entre os brasileiros e a presença de cinco francesinhas casaduras, constituem o centro da sensacional reportagem que divulgamos neste número na pág. 2

## o Brasil em Jornal

1556/7 N.º 18	"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"	Comum: Cr\$ 10,00 Aéreo: Cr\$ 12,00 Atrasado: Cr\$ 15,00
Director: AMARAL NETTO	Assessores: GUSTAVO BARROSO JAYME COELHO	Redator-chefe: CLAUDIO SOARES

## MORREU CARAMURU DEIXANDO 13 FILHOS



Um dia, seus feitos serão cantados em prosa e verso. Caramuru. Seu nome mesmo antes da sua morte já era uma lenda. O Brasil e Portugal devem-lhe muito. Devem-lhe tanto ou mais que os treze filhos que sobreviveram a ele. É a reportagem da morte desse herói que conseguimos ler legendário em vida que publicamos acidentalmente na página 2 desta edição.

## D. JOÃO III MORREU CARLOS V ABDICOU

Nesta edição damos conta de dois importantes acontecimentos: a morte de D. João III, rei de Portugal e a abdicação do Imperador Carlos V, do Santo Império Romano Germânico. O luto e a dor enchem de tristeza as ruas de Lisboa. E ainda mais que o luto e a dor, a intranquilidade, o receio e até mesmo a revolta surda do povo diante da entrega do trono lusitano a uma espanhola: a rainha mãe, d. Catarina, irmã de Carlos V e regente até a maioridade do príncipe herdeiro — agora rei nominal — d. Sebastião. Os leitores encontrarão neste número de O BRASIL EM JORNAL, pormenorizadas reportagens sobre os dois acontecimentos.

## “Botou água no leite?” —Deporta para o Brasil

Lisboa, 2, janeiro, 1557

Do mexerico puro e simples, passando pela rixa com ferimentos, pelo porte de armas proibidas e pela água no leite até o roubo de dinheiros públicos, 50 delitos cometidos em Portugal podem deportar o delinqüente para o Brasil, que é, por lei, depois da pena de morte, a punição mais severa.

A reportagem de O BRASIL EM JORNAL, compunha a legislação penal portuguesa, anotou as seguintes contravenções:

- 1) cortar árvores frutíferas (com prejuízos

superiores a 30 cruzados, a pena é de degrêdo para o Brasil);

2) fazer barulho noturno, quebrando portas ou fechando-as, de brincadeira, pelo lado de fora;

3) ter arcabuz de menos de 4 palmos de cano (a punição para os escravos é a morte; para os peões, chicote e galés; para as pessoas de maior qualidade: degrêdo para o Brasil);

4) pedir socorro, em brigas etc., sem gritar «aquí d'el-rei!» (degrêdo de cinco anos)

5) pôr água no leite;

6) fazer mexerico ou dar crédito a ele;

7) marido perdoar adultério;

8) falsificar moeda selo etc.

## BISPO DEVORADO PELOS ÍNDIOS

Na costa de Pernambuco os caetés trucidaram e devoraram o primeiro bispo do Brasil e seus acompanhantes. D. Sardinha que se dirigia para Portugal para dar contas ao rei de grave desentendimento surgido entre ele e Duarte da Costa, morreu de joelhos, rezando. A gravura reproduz a reconstrução do martírio, de acordo com os melhores informes. Esses dramáticos acontecimentos assim como a chegada e a posse do novo governador do Brasil, sr. Mem de Sá, constituem matéria de excepcional importância divulgada em reportagem da nossa cursal da Bahia, na página 2.



MORREU  
CARAMURU  
DEIXANDO  
13 FILHOS

Vila Perelra, Bahia, 5, outubro, 1557

Diogo Álvares Correia, o «Caramuru», um dos primeiros elementos brancos a se fixar no Brasil, morreu hoje, cercado por sua mulher, filhos e netos.

Seu corpo, em câmara ardente, foi velado por autoridades locais e familiares. O féretro sairá amanhã para a igreja do Colégio dos Jesuítas de Salvador.

O extinto prestou altos serviços aos portugueses durante o tempo que aqui viveu. Numa das edições anteriores referimo-nos a uma carta que o rei de Portugal, D. João III, lhe escreveu, recomendando-lhe auxiliar o governador Tomé de Sousa.

Casado com a índia Catarina Paraguaçu, deixou 13 filhos e filhas: Madalena (casada com Afonso Rodrigues), Felipa Alvares (com Paulo Dias Adorno), Ana (com Custódio Dias Correia), Apolônia (com João de Figueiredo Mascarenhas), Grácia (com Antônio Gil), Isabel Alvares (com Francisco Rodrigues), Catarina (com Gaspar Dias), Gaspar Alvares (com Maria Rabelo), Helena (com João Luis), Beatriz Alvares (com Antônio Vaz), Marcos Alvares, Diogo e Manuel Alvares.

Em seu testamento, Caramuru doou metade de sua terça aos jesuítas.

Bispo devorado pelos índios

Salvador, 28, dezembro, 1557 (Da Sucursal)

Franceses no Rio de Janeiro, a morte do bispo e substituição do governador, este é o balanço dos atritos entre Duarte da Costa e D. Pedro Sardinha, no momento em que Mem de Sá desembarca nesta cidade, para assumir o governo.

O novo governador, que traz em sua companhia o filho Fernão e o sobrinho Estácio, ambos rapazolas, foi nomeado para o cargo em 23 de julho do ano passado, pelo então rei D. João III. Só em abril deste ano, todavia, Mem de Sá pôde vir para o Brasil. Sua viagem, cheia de dificuldades, durou oito meses.



MEM DE SÁ

Disciplinar brasileiros para expulsar franceses.

Em junho do ano passado, a situação era tensa entre o bispo e o governador Duarte da Costa. D. Sardinha resolveu ir a Portugal, para melhor entender-se com D. João III. Embarcou na «Ajuda», com o ex-provedor da Fazenda, sr. Antônio Cardoso de Barros, mulheres e crianças.

Depois de poucos dias no mar, o navio foi colhido por uma tempestade que o impeliu para as costas de Pernambuco. Ali, contra os rochedos do Iloroti, o «Ajuda» se desfez. Os naufragos atracaram-se aos botes, procurando salvar-se. Escandidos sob as árvores, os selvagens da tribo dos caetés os esperavam. Sardinha, como os sobreviventes do nau-

Henriville (Rio de Janeiro), dezembro, 1557 (Do enviado especial)

Com outro nome, o forte de defesa quase acabado, e apesar de uma questão religiosa «sui generis», e da sublevação contra Villegagnon, o Rio de Janeiro, agora com 5 francezinhas casadouras, é, de fato, a capital da França Antártica.

Em 7 de março deste ano, novos reforços colonizadores chegaram a esta cidade, em três navios: «Grand Roberge», «Petite Roberge» e «Rosée».

A esquadra, sob o comando de Bois-le-Comte, sobrinho de Villegagnon, encontrou a cidadela da Ilha Serigipe (Coligny) quase desmantelada, em virtude das contendas entre comandante e comandados.

MOTIM

Em fevereiro do ano passado, o descontentamento dos colonos, no isolamento do forte que se construiu, ocasionou sério conflito. Um intérprete normando amotinou a soldadesca. Villegagnon proibiu-lhe as relações com a selvagem, a menos que se casasse com ela. O intérprete rebelou-se e planejou eliminar seu chefe. Quando, todavia, ele e três companheiros tentaram convencer a guarda escocesa do comandante, um soldado denunciou a conspiração a Nicolau Barré.

Os revoltosos estavam em dúvida sobre quem matariam Villegagnon. Um, sugeriu que se fi-

zesse o fortim voar pelos ares, atando-se fogo ao paiol. A proposta foi recusada, por envolver o sacrifício de inocentes. Discutiu-se, então, entre o punhal e o veneno. Nesta fase, a trama foi descoberta.

Simultaneamente, os índios amigos, que construíam o forte, foram atacados por estranha enfermidade. Cerca de 800 morreram antes que a medicina francesa lhes pudesse valer.

Os selvagens atribuíram seus males à maneira tiranizante com que Villegagnon os tratava. Centenas deles fugiram para o continente, onde já estavam alguns franceses. Por momentos, temeu-se uma rebelião dos indígenas. O forte foi posto de sobreaviso.

A ilha Coligny viveu horas dramáticas, ante a expectativa do ataque, sem água e sem gêneros alimentícios. O descontentamento voltou a dominar. Graves acusações surgiram, então, contra a probidade de Villegagnon. Diz-se que ele recebeu dinheiro do rei Henrique II, para aplicar nas obras defensivas da nova colônia e usar esse dinheiro em benefício próprio.

«Na mesa do comandante, afirma-se abertamente, nunca falta boa comida, embora os soldados passem fome e até sede».

No auge destes acontecimentos, Villegagnon decidiu que seu sobrinho, Bois-le-Comte, fosse a Europa, a fim de trazer reforços urgentes. Com ele seguiu o monge franciscano André Thevet.

Comte foi o portador de cartas para as autoridades francesas e, especialmente, para Calvino, antigo discípulo de Villegagnon.

Na cidade, antes do embarque, murmurava-se que trizer reforços escrevendo tais cartas, dava provas de sua hesitação, já que ele, pessoalmente, sempre parecera defender a pureza da fé cristã. Em sua bagagem havia livros de doutrina católica e argumentos para a Santa Missa. O monge reformista e o apelo a um protestante descontenta os colonos católicos, embora minoritários.

Os mais exaltados consideraram o pedido como tração ao rei, católico, e ao cardeal de Lorena. Alguns atribuíram ao regresso de Thevet a mudança de atitude de Villegagnon, que fugia aos seus votos, como cavaleiro de Malta.

O destacamento chegado na esquadra de reforço é quase que exclusivamente constituído de protestantes. Seu chefe espiritual é Philippe de Corguilleray, amigo de Coligny, que se pôs, desde 1549, ao abrigo do prestígio de Calvino em Genebra.

Dois dos pregadores que com ele vieram, Pedro Richier e Guilherme Chartier, estavam também foragidos em Genebra, em consequência das lutas religiosas. Villegagnon pintou com tais cores a situação da França Antártica que convenceu os mais pessimistas. Seu único pedido a Calvino era de que lhe enviassem religiosos, sim, mas artesãos para as necessidades de Henriville. Assim veio um grupo de missionários operários, formado de João de Lery e Nicolau Carneau (sapateiros), Pedro Bordon (tornelero), Mathieu Verneuil, Tiago Rousseau e Martin David (marceneiros), João du Bordes (aqueleiro), Alexandre Lafon (costureiro), Nicola Denis, Nicolau Raviquet e João Gardien.

Cinco francezinhas solteiras, sob o controle de uma matrona, foram mandadas na mesma esquadra para casar no Brasil.

BARBARIDADES

Este enviado pôde conversar com João de Lery, o missionário protestante de 23 anos, logo após seu desembarque em Henriville. Lery fez-nos um relato impressionante das barbaridades praticadas durante a travessia do Atlântico, contra um inocente navio mercante português.

«Nós já havíamos feito algumas presas, antes de detormos a caravela portuguesa, sem combate. O capitão foi obrigado a nos acompanhar, sob a vigilância de nossos canhões. Bois-le-Comte, contudo, prometeu dar-lhe liberdade caso aprisionassem outra embarcação. Isso foi o que aconteceu, no Natal de 1556. Os portugueses tomaram uma caravela espanhola e no-la entregaram. Ali, sobreveio o pior: nossos marujos cumpriram a promessa de libertar os portugueses (com quem, aliás, não estamos em guerra), mas de maneira crudelíssima. Misturaram espanhóis e portugueses no mesmo barco, não lhes deixaram nem biscoitos nem viveres, rasgaram-lhes as velas e lhes tiraram o batel com que poderiam aproximar-se de terra. Acredito, concluiu Lery, que teria sido melhor matá-los ao invés de os deixar ao sabor das ondas.»

PAI E IRMAO

Para Richier e Chartier, os dois pregadores que aqui chegaram a 7 de março do ano passado, Villegagnon, logo que os viu, portou-se como pai e irmão. Isso, nos primeiros dias.

Eles explicam-se: «Pai, porque nos abraçou como a seus filhos, e alimentou-nos e acolheu-nos; irmão, porque, conosco, invocou nosso Pai Celeste, Deus.»

Richier adianta-nos, ainda, que, no próprio dia da chegada, o comandante fez-lhos pregar publicamente a palavra de Deus. Para Villegagnon, os recém- vindos trouxeram cartas de Calvino, que o deixaram muito satisfeito. O comandante esclareceu a Lery que se sentia abandonado dos companheiros e estava passando por sérias dificuldades. Não tinha viveres e os selvagens que o cercavam eram descontentes e desumanos, ignorantes e desonestos, mais parecendo animais que homens. Os brancos, estes só se preocupavam com os instintos.

Villegagnon leu, em conselho, as cartas de Calvino e respondeu-lhe dando conta da situação. Para os colonos mais sensatos, o comportamento do comandante se não significava inclinação definitiva para a Reforma, pelo menos demonstrava uma tolerância mais que suspeita.

Tal impressão foi sobremente reforçada com uma resposta que

Villegagnon deu ao sr. Corguilleray: «Estamos aqui para estabelecer um reino para os pobres fiéis perseguidos na França, Espanha e alhures e a fim de que eles possam servir a Deus segundo a sua vontade.»

COMEÇAM ATRITOS

Na festa de Pentecostes deste ano começaram as primeiras desinteligências por motivos religiosos. O navio «Rosée», com Nicolau Carneau, tinha voltado à França com resposta de Villegagnon para Calvino.

Durante a solenidade, devia celebrar-se a Ceia. Alguém suscitou a dúvida: o vinho a ser usado podia ser misturado à água? Villegagnon, recorrendo à doutrina dos concílios, entendia que sim. Richier, afirmando que a hipótese não estava prevista nas escrituras, achava que não. A dúvida não tardou a degenerar em verdadeiro conflito.

A aparência de boas relações entre Villegagnon e os protestantes desfez-se. Nos bastidores, afirmavam, agora, os reformados, Villegagnon os estava abandonando. Todavia, os mais serenos sugeriram uma solução para a contenda: seria ouvido o próprio Calvino, em Genebra, para dirimir a dúvida.

Em junho, os navios, «Grande» e «Petite Roberge» estavam de volta prontas para a viagem até a Europa em busca de uma resposta conciliadora.

Entretanto, a situação, na ilha, agravava-se. Richier passou a reclamar abertamente contra o comandante e a Santa Ceia só pôde ser celebrada às escondidas. Os reformados, fechando a questão em torno de Richier, consideraram Villegagnon indigno como chefe e passaram a desatatar-lhe as ordens.

No momento, enquanto não vem resposta de Calvino, os reformados estão sendo sabotados de todos os modos. Villegagnon decidiu cortar-lhe os gêneros alimentícios, de modo que as dificuldades por que passam são enormes: de um lado os índios descontentes; de outro, embora remota ameaça, são os canhões portugueses.

Está a situação do ex-Rio de Janeiro, agora Henriville, em homenagem ao rei Henrique II: em mãos francesas, mas fracionalmente por questúnculas.

MÚSICA



ções com as quais obteve enorme reputação. No ano passado, em Bruxelas, Di Lassus compôs seus primeiros madrigais a quatro vozes, que muito impressionaram o duque Alberto.

Nuremberg, 1556

O médico, compositor e editor de música Georg Forster, que chegou a esta cidade em 1539, vem desenvolvendo uma grande atividade musical, tendo acabado este ano uma vasta antologia de aliteros polifônicos (cinco livros de «Teutsche Liedlein»), de motetes e de salmos.

O próprio Forster, que exerce também a medicina nesta cidade, pratica estes gêneros num estilo tradicional e conservador.

Uma outra notícia nos chega de Nuremberg, mas esta triste: acaba de falecer o impressor de música André Formschneider, cujo sobrenome (quer dizer gravador) foi-lhe atribuído por causa de sua profissão.

Sua atividade como tipógrafo musical parece ter começado em 1527 e suas publicações, que vão de 1532 a 1555, compreendem obras célebres, como as de arte relativas à música instrumental, uma parte das obras de H. Fluck e de L. Senfl, o «Choralis Constantinus» de Isaac etc.

Munich, 1556

O duque Alberto II nomeou mestre de sua capela o compositor belga Orlando di Lassus, um dos maiores e mais fecundos musicistas de nossa época. Di Lassus, cuja obra musical, juntamente com a de Palestrina, é do mais alto valor, já se fez conhecido em diversos países (Itália, França e Inglaterra); por onde andou nos últimos anos, a serviço de governantes que lhe encomendaram composi-

# CHEFE ANGLICANO QUEIMADO VIVO



**CRAMER**  
Coragem nas chamas

Londres, 21, março, 1556

As perseguições religiosas na Inglaterra fizeram hoje mais uma vítima, lançando à fogueira Thomas Cramer, cuja responsabilidade histórica é tão grande quanto a de Henrique VIII, pois, se este desencadeou o cisma inglês, Cramer o impôs à maioria dos católicos.

Cramer era o último Thomas vivo, dos três que tiveram participação destacada no reinado de Henrique VIII: os outros dois foram Morus e Cromwell, sendo que este e Cramer são considerados responsáveis pela implantação da reforma protestante na Inglaterra.

O apoio de Cramer aos divórcios de Henrique VIII, inclusive anulando os casamentos do rei com Catarina de Aragão, Ana Bolena e Ana de Clèves, valeram-lhe numerosos privilégios, entre os quais sua elevação ao primado da Inglaterra.

Nascido em Aslacton (Nottinghamshire) no dia 2 de julho de 1489, sua educação foi confiada a um dos mais severos mestres do lugar. Depois de revelar em Cambridge sua capacidade intelectual, sendo professor de um dos colégios universitários, Cramer casou-se. Não tendo sido feliz resolveu tomar ordens sagradas em 1523 e se doutorou em Direito Canônico.

A carreira do obscuro professor do Colégio de Jesus de Cambridge alterou-se em 1529 por uma simples resposta. Obrigado por causa de uma epidemia a refugiar-se em Waltham, entrevistou-se com os secretários do rei, Gardner e Fox, que lhe pediram sua opinião sobre o divórcio pretendido por Henrique VIII. Cramer disse que não era preciso recorrer a Roma, para obtê-lo. Esta resposta fez sua fortuna. Henrique VIII aceitou sua opinião e lhe deu vários benefícios.

Cramer defendeu sua doutrina nas universidades de Oxford e Cambridge, em Roma e até na corte imperial de Carlos V, na Alemanha, onde se contaminou das idéias de Osiandro, o reformador de Nuremberg, com cuja sobrinha casou-se em 1532. Apesar do sacrilégio, aceitou o arcebispado de Canterbury e as bulas de confirmação papal no dia 30 de março de 1533.

Durante os reinados de Henrique VIII e Eduardo VI, Cramer trabalhou com intensidade para dar um conteúdo dogmático ao cisma inglês,

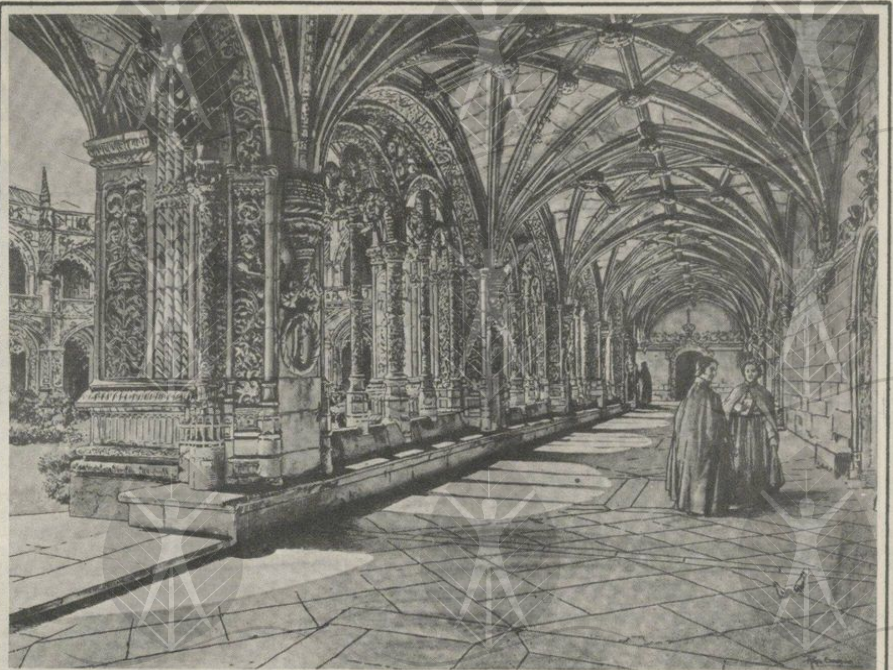
com o objetivo de tornar impossível uma aproximação com Roma. O nome de Cramer se vincula à difusão da Bíblia em língua inglesa, ao «Bishop's book» (1537) e ao «King's book» (1547); ao «Book of Common Prayer» de 1549 e aos «42 artigos da Fé» de 1552.

A morte de Eduardo VI e o advento de Maria Tudor significaram o fim da carreira de Cramer, que queria a elevação de Jane Gray ao trono. Encarcerado na Torre de Londres a partir de 14 de setembro de 1553, foi excomungado pelo Papa no ano passado por sua persistência no erro.

## VOLTOU ATRAS

A rainha católica havia prometido poupar-lhe a vida se ele abjurasse a Igreja que criou. Cramer cedeu, mas, logo após a abjuração, soube que seria queimado de qualquer maneira.

Foi então que, recuperando a coragem, voltou atrás da abjuração e demonstrou grande coragem ao ser amarrado ao poste em que foi incinerado. Tinha 68 anos.



## ARQUITETURA

**CONFUSÃO E CONTINUIDADE** — Uma das obras mais heterodoxas da escultura portuguesa de nossos dias é, sem dúvida, o monumento comemorativo à descoberta do caminho marítimo para a Índia: o Mosteiro dos Jerônimos. Isto se explica, contudo. Sua construção foi iniciada no reinado de D. Manuel e continuou até bem pouco tempo, sendo concluído sob o reinado de D. João III, recém-falecido. Os estilos se cruzam, se misturam, chamando a atenção dos conhecedores. De qualquer modo, é um monumento que honra os dois reis.

# PLEITO FRAUDADO PARA ELEGER AMIGOS DO GOVÉRNO

Salvador, 18, dezembro, 1556  
(Do correspondente)

**Corrupção eleitoral, perseguição aos inimigos políticos, dissolução de costumes e absolutismo** — são alguns itens de que vereadores e juizes desta cidade acusam o governador-geral Duarte da Costa, seu filho Alvaro e o ministro da Fazenda e Justiça, sr. Pero Borges.

Magistrados e representantes do povo, dizendo que só os mantinha vivos a esperança de que D. João III tomasse conhecimento das irregularidades para saná-las, dirigiram, hoje, ao rei, tremendo libelo contra o governador, seu filho e a mão-forte do regime.

Os denunciantes, srs. Simão da Gama, Francisco Portocarrero, João Galvão, Vicente Dias, Pedro Figueira e Damião Lopes revelam que Duarte, Alvaro e Borges festejaram, acintosamente, a morte do bispo e de seus acompanhantes, às mãos dos caetés.

O bispo, além de suas queixas pessoais, era portador de uma representação da cidade de Salvador contra os desmandos governamentais.

Na denúncia, vereadores e juizes chamam a atenção do rei para as eleições que se vão realizar proximoamente em Salvador.

Duarte da Costa, senhor absoluto de todos os poderes, favorecerá a eleição de seus apaniguados, a fim de encobrir os abusos passados. «Os eleitos, dizem os queixosos, muito provavelmente não darão conta do que se passa no Brasil,

como também escreverão ao rei palavras de elogio ao governo».

Outro tópico da denúncia previne o rei da atitude de alguns oficiais da câmara de Salvador, capazes de tudo para agradar a seu protetor. «Tais oficiais (os denunciantes citam seus nomes) obtêm favores à custa do erário e estão sujeitos ao governador».

A representação contra Duarte, Alvaro e Pero Borges é acompanhada do traslado de um auto efetuado por vereadores e juizes de 1555, em que alguns dos fatos escandalosos praticados pelos acusados estão perfeitamente configurados.

## PROBLEMAS ACABARAM PARA ÊLE

Veneza, 1557 (Do correspondente)

Uma das mais interessantes personalidades dos meios científicos e matemáticos morreu nesta cidade: trata-se de Nicolau Fantana, mais conhecido pelo apelido de Tartaglia (Caço), que lhe ficou pelo ferimento que recebeu na cabeça quando da invasão da Itália pelas tropas de Francisco I, em 1512.

São muitas as obras sobre matemática deixadas por Tartaglia, principalmente a sua «Nova ciência», em que enumera nova lei de física (1537). Tornou-se conhecido, de início, pela sua excentricidade de, dada sua situação de penúria, estudar nos cemitérios. O BRASIL EM JORNAL registra, em seu número seis, o célebre duelo travado por Tartaglia com outro matemático Flore, em que as armas não foram espadas ou pistolas, mas equações incompletas de terceiro grau. Tartaglia venceu facilmente seu antagonista.



# Carlos V abdicou!

Bruxelas, 16, janeiro, 1556

Recordando com orgulho suas vitórias e sua vida de cavaleiro errante através dos reinos dispersos, Carlos V, em lágrimas, abdicou às coroas da Espanha, com suas colônias americanas, e da Itália, em favor de seu filho Filipe, a quem já havia entregue a dos Países-Baixos, o ano passado. A coroa imperial foi reservada para seu irmão Fernando.

Carlos V pretende retirar-se agora para um lugar onde possa descansar, pois sua saúde vem preocupando seus familiares e amigos, que temem até que ele seja atacado da mesma doença de sua mãe Joana, a louca.

A gravura, que só o esforço do nosso correspondente tornou possível, reproduz o momento exato em que Carlos V deixa o recinto e recebe as reverências dos presentes. Junto ao trono vê-se o novo rei Filipe II, recebendo cumprimentos, e, mais ao fundo, Maria, irmã de Carlos V.

A assistência, composta de representantes dos Estados ge-

rais e da ordem de Toison, chorou quando o imperador transmitiu ao filho as suas funções.

Juntamente com Francisco I e Henrique VIII, Carlos V formou o trio dos maiores soberanos da primeira metade deste século.



O futuro imperador Fernando I, numa gravura de Lautensack, especial para O BRASIL EM JORNAL

# Polícia internacional

A invasão francesa no Brasil aí está, para mostrar a todos, até onde vai a incompreensão e a desarmonia entre as nações. Seus aspectos ilegais nós já os revelamos e não é a eles que pretendemos voltar, agora.

Há algum tempo, o embaixador português no Vaticano entabulou negociações para que se criasse uma força de defesa dos domínios católicos em todo o mundo. Mas as gestões, sob a crítica de que se tratava de um acôrdo prejudicial à soberania do país, foram esquecidas. É para este ponto que pedimos a atenção do leitor: o Papa, autoridade espiritual, passaria a ter o poder de decidir, materialmente, tôdas as questões internacionais que significassem ameaça à fé religiosa.

Não vamos, aqui, discutir o aspecto moral e filosófico de cada religião de per si, a fim de optar por uma delas. Nossas convicções talvez não interessassem ao leitor. Apenas, e isso é incontestável nos entendimentos entre Portugal e a Santa Sé, lançou-se uma semente que os homens de boa-vontade deviam fazer germinar.

Fique cada um com sua religião. A guerra, pelo simples desejo de se impor uma doutrina, qualquer que seja, boa ou má, foi, é e sempre será uma iniquidade.

A boa inteligência dos interesses humanos pode custar, mas acaba prevalecendo ao final.

No caso do Brasil, argumenta-se que, além do aspecto anti-social da luta que os franceses moveram aos portugueses, há outro perigo mais grave: os invasores introduziram no país suas dúvidas religiosas, suas angústias, suas inseguranças. Os índios estavam sendo catequizados à Fé de Cristo. Agora, com os reformados em suas fronteiras, possivelmente farão, também, as mesmas indagações que intranquilizam os protestantes. Antes mesmo de terem alguma religião, necessária, hão de fazer a escolha entre as que lhes propõem os homens civilizados.

Este é o argumento dos mais ciosos em fazer que os selvagens possam incorporar-se, pela crença em Deus, à família universal.

Mas não é tudo para nós. O que os homens deviam aproveitar, nesse momento crucial, é o germe de uma idéia, para porem-se de acôrdo.

Pelos perigos que representa, pelos sacrificios que exige e pelas misérias que acrescenta, a guerra tem de ser proibida, inclusive pela própria força. Como alcançar isso, se o Papa já não consegue, com seu poder, fazer que os homens se entendam? Como, portanto, pacificar a humanidade? A nosso ver, só acolhendo a idéia portuguesa: criando-se uma força de polícia, integrada por tôdas as nações católicas e protestantes, grandes e pequenas, e prestigiada pela obediência de cada uma às decisões coletivas. Sem isso, guerra sempre será guerra. Nós poderemos combatê-la, mas nunca teremos esperança de vê-la desaparecer como o pesadelo de uma época em que os homens temiam a Deus, mas não acreditavam muito na generosidade e no poder divinos.

# Expansão russa

Moscú, 1556

A Rússia prossegue com seu plano de expansão, tendo conseguido, depois de quatro anos da tomada de Kazan, apoderar-se de Astrakan, dominando, assim, todo o curso do Volga e abrindo caminho em direção a este e sudeste.

É portanto uma época decisiva para a história da formação territorial do país. Sua superfície cresce em grandes proporções e, enquanto o Cáspio já foi atingido, mais ao norte os russos aproximam-se do Ural.

## A MODA COMO ELA É



## CHANTAGEM ESTÁ DE LUTO: MORREU ARETINO

Veneza, 21, outubro, 1556

A honra e a reputação dos homens e das mulheres da Itália já podem descansar tranqüilas: morreu, hoje, nesta cidade, Pedro Aretino, o mais temido e adulado dos críticos e jornalistas de nossa época.

Aretino, pelo ímpeto de sua pena e falta de escrúpulos em sua maneira de agir, tornou-se, com proteção dos grandes (que mais o temiam do que estimavam), a mais poderosa personalidade dos meios artísticos e intelectuais italianos.

Formou com o pintor Ticiano e o escultor Sansovino, um triunvirato que há um quarto de século, vinha exercendo verdadeira ditadura nas artes e nas letras venezianas e de outras cidades.

O poeta da chantagem e publicista insolente, «O Infame» como alguns o chamavam, morreu aos 64 anos, longo tempo para quem sempre quis viver perigosamente. Tudo tentou, sendo considerado bom poeta e pintor de razoáveis recursos. As injúrias, calúnias e ofensas ímorais, algumas chegando à mais baixa obscenidade, foram o seu forte e valeram-lhe a expulsão de vários lugares, inclusive da própria Roma. Os poderosos o temiam e disputavam, dando-lhe a garantia de que precisou para manter uma vida de licenciosidade e luxo até o fim de seus dias.

Um dos poucos homens que enfrentou o glososo Aretino, como noticiamos em número anterior, foi o grande escultor e pintor Miguel Angelo.

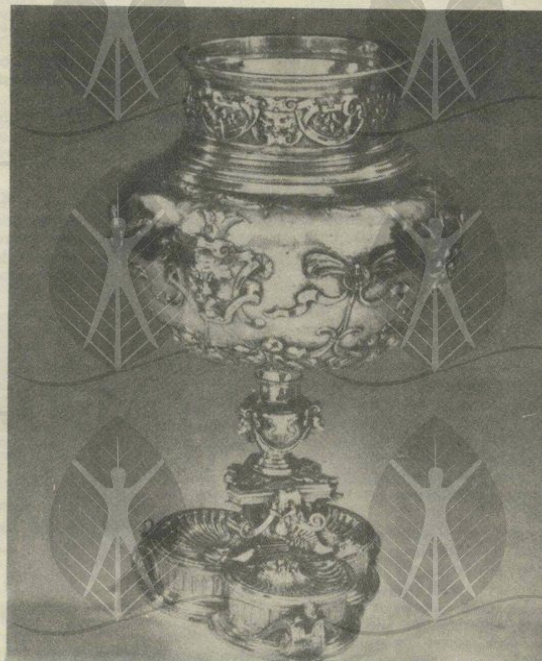
## ÊSTE É O INIMIGO

Não só os franceses preocupam os portugueses em sua missão de ocupar e colonizar o Brasil. Um outro inimigo existe, inimigo terrível já apontado por Manuel da Nóbrega em edição anterior de O BRASIL EM JORNAL.

É dêsse inimigo que reproduzimos hoje uma composição do nosso desenhista da sucursal de Salvador, tal qual ele viu a ação da terrível saúva sobre o Brasil.



## DECORAÇÃO



Apresentamos aos nossos leitores um dos mais importantes componentes de uma mesa bem posta, de gente de boa estirpe e bom-gosto — o saleiro.

Peça de importante papel, é geralmente colocada em frente ao chefe da mesa e serve como marco na colocação dos convidados, segundo sua importância. Tem o saleiro sua história, constituindo, na antigüidade, oferenda aos deuses gregos e romanos, o que explica terem sido sempre isentados nas proibições de emprêgo de metais preciosos, para determinados fins. A semelhança exterior do sal com o perigoso arsênico faz com que os grandes-senhores guardem seus saleiros sob sete chaves.

O exemplar que reproduzimos é do melhor estilo renascentista e, pelo luxo e exuberante riqueza com que foi feito, deveria mesmo ser considerado mais um recipiente para a guarda de um produto precioso do que um simples equalizador de paladares...

## O REINADO DE LADY JANE

Como um jornal que é, O BRASIL EM JORNAL está sujeito aos erros comuns a todos os jornais. Sempre que localizados esses erros, fazemos a sua retificação com a maior urgência possível. Um leitor do Brasil nos escreveu sobre o noticiário a respeito de Lady Jane Gray, a meteórica rainha da Inglaterra. De fato, dissemos na primeira página do n° 16: «...o meteórico reinado de 20 dias de Lady Jane Gray...», enquanto, na página 5, afirmávamos: «...Rainha por 9 dias — ...Uma coroa que usou somente nove dias...».

O leitor brasileiro pergunta: afinal, foram vinte ou nove dias? E nós nos apressamos a responder: 9 dias e não 20, como erradamente saiu na primeira página.

## O BRASIL EM JORNAL

EDITORA REFORMA S/A  
R. México, 119, 12° and.  
grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6897

SEDE PRÓPRIA  
End. Teleg. REFORMA  
RIO DE JANEIRO

Secretários  
RUBEM AZEVEDO LIMA  
ZUENIR CARLOS VENTURA

Paginação  
WALDYR FIGUEIREDO

Ilustração  
ADAIL

Revisão  
GABRIEL CHAVES DE MELO

SUCURSAL EM S. PAULO  
Pr. das Bandeiras, 40, 9° and.  
Tel.: 33-6647

ASSINATURAS (ANUAIS)  
24 Nos. SIMPLES... Cr\$ 240,00  
24 Nos. AÉREA... Cr\$ 300,00

# PAZ À ÚLTIMA HORA SALVOU ROMA E O PAPA

## MORREU OVIEDO

Espanha, 1557 (Do correspondente)

O geógrafo e naturalista da América, Gonzalo Fernandez Oviedo, morreu este ano. É sensível a perda para as letras espanholas e americanas por ter sido Oviedo autor de obras de extraordinário valor científico, independente do seu aspecto filosófico e político.

Sua contribuição à geografia, com a descrição minuciosa da natureza americana, é inestimável. Na parte política e social de seu «Sumário de la natural História de las Indias» (1526) e de sua «História general y natural de las Indias» (1549), complementação da primeira, procurou também o grande escritor, justificar a política imperial de Carlos V, defendendo o conquistador espanhol e fazendo dele o instrumento do imperador para a criação de um vasto império católico e universal.

## RONSARD

Pierre Ronsard publicou este ano (1557) o terceiro livro de seus «Amôres», agora dedicado a Helena, dama-de-honra de Catarina de Médicis. São os chamados «Sonetos para Helena», que a crítica recebeu com elogios, talvez desnecessários por já estar o grande poeta consagrado como um dos maiores vultos da literatura contemporânea.

## DOCTRINA

É de autoria do escritor Matias Flacius Illyricus a obra «Catalogus testium veritatis». Trata-se de catalogação de todas as obras e doutrinas que, antes de Lutero, se manifestam em defesa de uma doutrina evangélica e contrária à Igreja Católica.»

Roma, 7, setembro, 1556 (Do correspondente de guerra nas linhas de frente)

Depois de reiteradas ordens de Filipe II, novo rei da Espanha, o duque de Alba, que não queria guerrear contra o Papa, deixou Nápoles, à frente de 12 mil homens, e marcha sobre esta cidade. Roma está em pânico com a notícia da guerra.

A chegada do cardeal Carafa, vindo hoje de França com 1.500 infantas e 300 mil escudos, trouxe um certo alento ao Papa, mas durou pouco, pois quando foram passadas em revista as forças papais, verificou-se que dos 17 mil recrutados, apenas nove mil se apresentaram.

## ANAGNI CAIU

Roma, 15, setembro, 1556 — Os imperiais avançaram e Anagni caiu hoje em suas mãos. Um partido pela paz se formou, mas o Papa, que pensava em negociação, desistiu da idéia, ao saber das condições do duque de Alba. Paulo IV, para dar o exemplo, determinou aos monges trabalhar nas fortificações e nas trincheiras em volta da cidade.

## OSTIA CERCADO

Roma, 18, novembro, 1556 — Um pouco de ânimo havia invadido a cidade com a entrada de Montluc com 300 infantas assalariados, na maior parte luteranos. O Papa humilhado viu chegar os defensores que são inimigos da missa e dos ritos católicos. Este acontecimento foi logo ofuscado pela notícia de que o porto de Ostia estava cercado desde o dia 8. Carlo Carafa recomendou a paz, mas o Papa não concordou.

## TREGUAS DE 40 DIAS

Roma, 30, novembro, 1556 — Carlo Carafa e o duque de Alba se encontraram em uma ilha do Tigre, perto de Ostia, no dia 24 e, no dia 27, em consistório secreto, ficou estabelecida uma trégua de 40 dias a terminar a 9 de janeiro próximo. Carafa, fazendo duplo jôgo, disse aos franceses que

procurava ganhar tempo para aguardar a sua chegada. Ao duque de Alba ofereceu a paz, na esperança de que Filipe, de Siena a sua família, a título de principado independente.

## FRANÇA ENTRA NA GUERRA

Roma, 18, fevereiro, 1557 — O Papa conseguiu, por intermédio de seu enviado Jules Orsini, que Henrique II declarasse guerra a Filipe, rompendo assim a trégua de cinco anos assinada em Vaucelles a 3 de fevereiro do ano passado. Oficialmente não existia guerra entre França e Espanha, já que a ajuda francesa ao Papa consistia, por um artifício diplomático, em operações privadas. A guerra foi declarada na Itália e em Flandres, depois de terminados os 40 dias da última trégua, no dia 8 de janeiro.

Já no dia 10, Laurent Strozzi retomava Ostia, depois Tivoli, Vivocaro e os portos pontificais. Mais animado, o Papa formou ontem um tribunal eclesiástico encarregado de julgar o imperador e seu filho por «felonia e rebelião contra o pontífice e a Sé Apostólica». Mas na manhã de hoje, quando o tribunal se reuniu, todos os juizes foram unânimes em suspender o processo.

## GUISE CHEGOU

Roma, 2, março, 1557 — Um fato veio modificar hoje a face

dos acontecimentos. O cardeal Carafa, que havia deixado Veneza no dia 12 de janeiro e encontrado as tropas francesas de socorro na estrada, fez sua entrada nesta cidade com Francisco de Guise. Abandonou, assim, seu duplo jôgo e decidiu-se marchar com a França. Guise foi recebido como um salvador.

As coisas, no entanto, não melhoraram, pois Carlo Carafa não encontrou a mesma situação que tinha antes de partir. Seus irmãos, enciumados, passaram a persegui-lo. O duque de Guise, por sua vez, não conseguiu tomar Civitella, apesar do cerco de quase um mês.

## DERROTA DE SAINT-QUENTIN

Roma, 27, agosto, 1557 — Estourou como uma bomba nesta cidade a notícia da fragorosa derrota dos franceses em Saint-Quentin, no dia 10. O fracasso foi total: Montmorency foi feito prisioneiro, Saint-Quentin cercado e até a França está em perigo. Francisco de Guise comunicou ao Papa que recebeu ordem do rei para regressar e defender o país de uma invasão.

O duque de Alba está junto aos muros de Roma, com 15 mil infantas e dois mil cavalos, com escadas para assalto e todas as máquinas de guerra. Felizmente o cardeal Carafa colocou a cidade em estado de defesa. Diz-se aqui que o duque de Alba é capaz de recuar diante da catástrofe que pode provocar na Cidade Santa.

## ASSINADA A PAZ

Cavi (próximo a Palestrina), 13, setembro, 1557 — O cardeal Carafa transportou-se

para conferenciar aqui com o duque de Alba no dia 8, tendo no dia seguinte enviado mensagem ao Papa, que acabou assinando a paz hoje. O BRASIL EM JORNAL conseguiu descobrir um acordo secreto assinado entre o cardeal Carafa e Filipe II, segundo o qual Paliano ficaria à disposição do rei da Espanha, mas João Carafa receberia uma indenização conveniente.

## ENTRADA SOLENE

Roma, 20, setembro, 1557 — O duque de Alba fez na noite de ontem sua entrada triunfal nesta cidade, tributando homenagens (por ordem de Filipe) a Paulo IV e solicitando reconciliação da Santa Sé com a Espanha. O Papa o recebeu muito bem, retribuindo as amabilidades.

## SOLDADO-POETA EXILADO EM MACAU



## BARRETO

Exilou o soldado Camões

Macau, China, 1556

O soldado-poeta, motivo de alguns escândalos em Goa, em virtude de suas desinteligências com o governador português da Índia, sr. Francisco Barreto, chegou a esta cidade para cumprir a pena de exílio.

Trata-se, como já divulgamos em números anteriores, de Luis de Camões, um môço de aproximadamente 30 anos de idade.

Camões, que veio para servir numa feitoria portuguesa aqui existente, escreveu em Goa alguns versos satirizando as malversações de dinheiros públicos por parte de Barreto, o que desagradou ao governador. Revelou-se também que o poeta-soldado é indivíduo dado a certas aventuras amorosas e, por isso, já passou por maus momentos em Portugal. Fala-se mesmo que ele, ainda rapazola, escreveu em Lisboa versos de amor dedicados a Catarina de Ataíde, irmã do favorito do rei D. João III, sr. António de Ataíde.

## JORNAL ECONÔMICO

### A EUROPA EM BANCARROTA

Os meios econômicos estão assustados com a grave crise financeira que surgiu na Europa e cujas consequências são de extensão imprevisível. A situação foi criada pela guerra, pois os soberanos foram obrigados a pedir emprestadas grandes somas e agora não podem pagá-las.

Os Habsburgos da Espanha, que apresentaram um déficit de cerca de 20 milhões de ducados, entraram em bancarrota. Foram suspensos os pagamentos e proibida a exportação de ouro, em especial a dos 750 mil ducados que os banqueiros Fuggers esperavam em Antuérpia. Os juros, de 10% e 14% contra rendas do Estado, passaram para 5%. Até o fato de as tropas imperiais não terem entrado em Paris tem como causa a precária situação financeira do império.

O rei da França, por sua vez, após a derrota de Saint-Quentin, só pôde pagar uma parte dos juros das importâncias que pedira emprestado. Todas as casas bancárias estão abaladas. Notícias da Antuérpia e da Alemanha do Sul informam que as falências estão se multiplicando.

### BAHIA

Entre impostos de pescado, plantio de algodão e mandioca, aproveitamento do açúcar etc., os rendimentos da coroa portuguesa na Bahia sobem a 80 mil cruzados por ano.

A produção de açúcar nesta capitania é de cerca de 150 arrôbas anuais, vendidas a um cruzado a arrôba.



«PAU BRASIL» — Riqueza em corte e transporte

# Portugal perde rei e ganha uma regente

Lisboa, 12, junho, 1557 — URGENTE

mo no caso da inquisição oficial.

## SESSÃO HISTÓRICA

Lisboa, 14, junho, 1557 — (URGENTE)

Reunidos no Paço da cidade, o cardeal D. Henrique, irmão

de D. João III, a rainha D. Catarina, os sobrinhos do ex-rei, os duques de Aveiro e Bragança, o arcebispo de Lisboa, os vedores da Fazenda, o secretário de Estado (Pedro de Alcáçova Carneiro) e outras autoridades, ficou acertado o rumo a se tomar na sucessão do trono.

Embora D. João III não tivesse deixado testamento, o secretário de Estado declarou que havia, em poder do chanceler-mor, dr. Gaspar de Carvalho, apontamentos da última vontade do monarca.

Segundo tais apontamentos, a regência seria entregue a D. Catarina com a audiência dos três vereadores de Lisboa.

Os vereadores foram ouvidos, ontem, e discordaram. Assentou-se de consultar o Senado de Lisboa, hoje.

A sessão foi presidida pela rainha, que pediu ao cardeal D. Henrique que esclarecesse os presentes sobre os motivos da reunião.

Foi lida a declaração atribuída a D. João III, mandando que a regência fosse entregue a D. Catarina, enquanto o príncipezinho Sebastião não completar 20 anos.

Tomando a palavra, D. Catarina pediu que o cardeal D. Henrique a ajudasse a satisfazer a vontade do rei, o que, segundo o secretário Pedro de Alcáçova Carneiro, era mesmo o desejo de D. João III.

«Pois se esta foi a vontade de meu irmão, declarou o cardeal, e se isso servir para a grandeza de Portugal e de Deus, eu procurarei ajudar na maneira que puder».

Aparentemente, fala-se, não houve grande desinteligência pelo fato de o poder passar às mãos da rainha que é espanhola. Mas só aparentemente, pois, na opinião dos entendidos, é provável que surjam inúmeras questões até que prevaleça a vontade da ala nacionalista, liderada pelo próprio cardeal D. Henrique, inimigo dos espanhóis.

Por duas vezes Portugal correu perigo de anexação à Espanha: uma, quando morreu D. Fernando, em 1383, e o poder esteve para ser entregue à princesa Beatriz, casada com o rei espanhol D. João I; outra, quando o rei português, D. Duarte, morto em 1438, passou a regência à rainha viúva, a princesa de Aragão, D. Leonor. Para o povo, a regência, entregue à espanholicíssima D. Catarina, não é de bom augúrio.

Hoje, sábado, esta cidade amanheceu em prantos: morreu o rei D. João III, depois de 36 anos de reinado, e pouco mais de 55 de idade.

Há tempos, o monarca, sentindo-se cansado e neurastênico, transferiu todos os poderes à rainha, D. Catarina, que era, ultimamente quem governava de fato.

Ontem, por volta de meia-noite, D. João III sentiu-se mal. A rainha, pressentindo o pior, só teve tempo de chamar um sacerdote para seus últimos momentos. Pouco depois de meia-noite, cercado pela família, o rei expirou plácida-

D. João III, a quem coube tomar medidas importantíssimas na defesa de seus vastos domínios, desapareceu num momento crucial para o país: o Brasil está ameaçado pela dominação francesa e por um cisma religioso, que ele era tão cioso em reprimir.

O rei morto, que tinha como divisa a Cruz de Cristo sobre um penhasco de cinco pontas com a legenda «in hoc signo vinces», foi um fiel servidor da Igreja, embora, algumas vezes, devesse ter lutado para obter do Papa medidas que julgou indispensáveis para reinar, co-

## Morreu Cartier

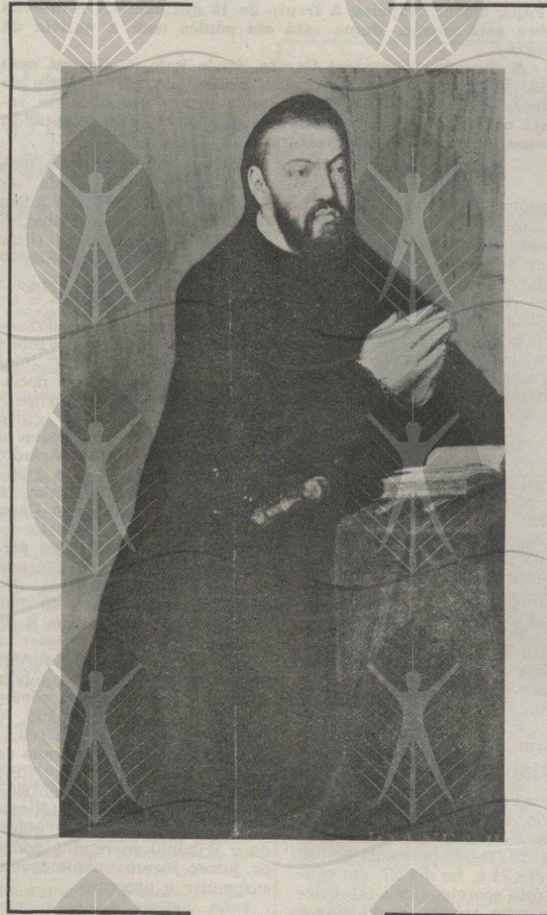
Saint Malo, 1557 (Do correspondente)

Já sexagenário, morreu nesta cidade o navegador francês Jacques Cartier, conhecido pelas viagens que fez ao Canadá, no reinado de Francisco I, com o fito de descobrir ouro e uma passagem no norte da América que permitisse a navegação para o Oriente.

Foram três as viagens de Cartier. Na primeira (1534) indicado pelo conselheiro do rei, La Veneur, para o comando da expedição, Cartier atingiu a região que denominou Nova França, após penosa viagem de 137 dias. Tomou posse da nova terra em nome do rei de França. Na segunda, (1535) Cartier conseguiu navegar pelo rio S. Lourenço, em busca do «cobre vermelho» (ouro), na região que os índios denominavam Sanguenay. Batizou com o nome de Mont Real a região de Hochelaga (nome indígena) não tendo, no entanto, descoberto ouro.

A última expedição em que tomou parte (1540) foi comandada por Jean François de la Rocque, senhor de Roberval, aventureiro que gozava de prestígio junto a Francisco I. Coube a Cartier lugar secundário no comando da expedição (capitão e piloto-mestre), apesar de sua reconhecida experiência no assunto. Redundou em verdadeiro fracasso essa nova tentativa de colonização do Canadá pelo governo francês. Os remanescentes, localizados na cidade de France-Roy-Sur-Prime, fundada por Roberval, foram repatriados, a mando de Francisco I, em 1543. De Cartier, que voltara antes, nada se soube desde então, exceto a sua morte, que estamos agora registrando.

O BRASIL EM JORNAL acompanhou passo a passo a carreira do famoso capitão.



D. JOÃO III  
Rei morto, regente posta

## EM SOCIEDADE

Cellini esteve em maus lençóis por ocasião da feitura da sua obra-prima — O Perseu — da qual publicamos noticiário e gravura na edição anterior. Este colunista procurando interpretar os motivos das declarações de Benevenuto Cellini ao O BRASIL EM JORNAL, apurou coisas gravíssimas.

Os leitores recordam que o gênio do cinzel, doublé de criminoso confesso, referindo-se ao término da obra disse: — «Foi uma verdadeira maravilha que não haja faltado metal para nenhuma das partes. Parece um milagre».

E sabem porque disse isso Cellini? Simplesmente porque — apuramos — tendo recebido do nobre Cosme de Médicis dinheiro para comprar do melhor metal que pudesse conseguir para a execução da obra, se apropriou da maior parte desse dinheiro e, com o pouco restante, adquiriu o pior metal que havia em Florença...

Com isso ganhava uma fortuna. No entanto, o tiro saiu pela culatra, uma vez que, quando a obra estava quase terminada, começou a enfermar. ... Cellini apavorado com as consequências do seu ato vendeu então tudo que tinha, tomou dinheiro dos amigos, surriprou o que pôde de pessoas ricas de suas relações e, com

o produto, comprou o excelente metal de que precisava.

Por isso, quando falou a O BRASIL EM JORNAL, qualificou de milagre o fato de ter esse metal bastado para concluir a verdadeira obra, o segundo e monumental Perseu...

Parece que o gênio do cinzel não tem jeito mesmo...

Henrique II e sua favorita Diana de Poitiers tiveram uma séria desinteligência, que só foi contornada graças à habilidade da favorita e ao amor do rei. Esta notícia e os detalhes que vamos dar receberão os desmentidos de praxe, mas respondemos pela sua veracidade, pois foi um dos personagens envolvidos no incidente quem nos contou.

Diana e os Gulses estavam contra a paz de Vaucelles, pois queriam a continuação de uma guerra da qual esperavam glória e proveito. Ela mesma se encarregou de exigir do rei o rompimento do pacto e, como não conseguisse, ameaçou: — Esteja seguro que durante muitos dias você não verá meu rosto», e saiu batendo a porta.

Henrique II, então, para espalhar próspero a graciosa baronesa Nicole de Savigny,

que, aliás, ficou muito honrada com a escolha.

Mas Diana, prevenida pela sua polícia secreta, voltou às pressas e com algumas palavras e um sorriso fez com que o rei até lhe pedisse desculpas. Pazes feitas, ela tratou então de conseguir o seu objetivo. O resultado todos sabem: a paz de Vaucelles foi rompida...

Na solenidade de abdicação de Carlos V, em Bruxelas, o cardeal de Granvelle teve que falar em nome de Filipe II. Motivo: o novo rei só fala espanhol.

A viúva Caramuru, sra. Catarina Correia, «né» Paragaturo, surpreendeu a todos, no sepultamento de seu marido: ela não conhece uma única palavra em português, apesar de ter sido casada com Diogo Álvares por muitos anos. Segundo os que compareceram às exéquias de Caramuru, a numerosa prole do valioso auxiliar dos colonos também mal fala o português.

Um soneto vindo da Índia causou grande mal-estar em Portugal. Seu autor é o poeta-soldado Luis de Camões, que já tem figurado no noticiário policial de vários jornais. O soneto, muito bonito, para muitos foi inspirado pela sra.

Catarina de Ataíde, já que na dedicatória o poeta pôs seu nome em anagrama: «Natércia». Nosso correspondente na Ásia pode, todavia, informar que não é nada disso: a musa do poeta foi uma chinezinha já morta, Dinamene.

Quando, em dezembro último, se concretizou a ida da infanta portuguesa D. Maria para a Espanha, o povo se exacerbou e chegou a preocupar os poderes da regente Catarina.

D. Maria, filha de D. Manuel de Portugal com a princesa espanhola D. Leonor, nasceu portuguesa, criou-se em Portugal e logo que seu pai morreu nutria mais a sua mãe, que voltara para a Espanha. Antes, dizia-se que D. João III não queria que sua meia-irmã voltasse à companhia da mãe para não ter de desembolsar 400 mil dobras de ouro, seu dote.

A princesinha, para deixar o país, teve de jurar que voltaria breve.

Sobre o envio de cinco franquezinhas, para casar-se no Rio de Janeiro (agora Henriville) disse-nos um comerciante francês recém-chegado daquela cidade: «Antes, não havia mulheres e os homens zangavam-se. Agora, pelo que vi, apesar das 5 mças, a confusão aumentou. Os solteiros da capital reclamam: a mandar apenas cinco

noivas era melhor não mandar nenhuma.»

Quem casar com as filhas do cientista português Pedro Nunes terá bom emprego oferecido pelo rei de Portugal.

A notícia foi divulgada oficialmente e logo despertou enorme curiosidade. Nunes tem duas filhas já ultrapassando a idade de casar e o soberano português, em vista dos bons serviços prestados pelo cientista ao país, intercedeu como Cupido. Assim, baixou, agora, em 1557, um decreto fixando as regalias para os que quiserem habilitar-se ao casamento com as solteiras.

Uma conhecida autoridade em acontecimentos mundanos disse-nos, contudo, que, apesar da ajuda real, as filhas de Pedro Nunes devem continuar solteiras. Trata-se, explicou-nos ele, de pessoas de comportamento escandaloso na corte e e homens de bons princípios dificilmente trocarão sua liberdade por um emprego de futuro, mas com um casamento desvantajoso de contrapés.

Um musicista ilustre, de Paris, dizia-nos, outro dia, que leu o livro que Vicente Lusitano lançou em 1553, em Fátima. Comentário do nosso amigo: «O livro é muito bom, mas eu sempre me esqueço de seu título que — é só o que guardo — se compõe de 38 palavras.»

# Companhia de Jesus perde grande chefe

Roma, 31, julho, 1556

Exatamente às 6,45 de hoje, na presença do padre Madrid e do mestre André Frusius, morreu o homem cuja obra foi o maior instrumento de ação da Igreja católica, até nesses dias: Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus e salvador da fé católica, tão ameaçada ultimamente.

Loyola caiu doente no dia 1º deste mês, mas ninguém atribuiu gravidade ao mal. Ontem, ele anunciou que ia morrer e os médicos não acreditaram. Seu grande consolo foi poder ver o êxito de sua obra, que já conta com 101 casas repartidas em 12 províncias e cerca de 1.500 discípulos espalhados por quase todos os continentes.

Há 15 anos vinha dirigindo a sua Companhia de Jesus, cuja fundação custou-lhe os maiores sacrifícios, quase sempre não compreendidos.

A sua vida foi uma incansável luta contra a heresia, encaminhando vocações e catequizando infelizes. Nasceu em Loyola, em fins de 1491, Inácio era filho de Beltrán Yáñez de Oñaz e de Maria Sáenz de Licona. De sua raça vasca, herdou o fervor pessoal, o ímpeto religioso e a visão universal.

Em seus primeiros anos foi paleiro na corte do Rei Católico, tendo em seguida, na casa de João Velázquez de Cuéllar, contador-maior dos reis, recebido educação para as armas. Ferido em Pamplona, no dia 20 de maio de 1521, começou a ler e meditar no leito de doente, sobre a vida de Cristo e dos santos. Começou então uma nova carreira que o levaria ao posto mais alto da Companhia de Jesus.

Sob a influência da mística dominicana e num ambiente de meditação e arrependimento, começou e escreveu em Manresa e Montserrat, os «Exercícios Espirituais», o livro mais importante do catolicismo, segundo opinião unânime.

Fracassado o projeto de missão entre os maometanos, depois da viagem a Jerusalém, Loyola baseou seu programa no ativismo da alma. O Santo Ofício, temendo suas atividades, denunciou-o em Alcalá como «alumbrado». Foi detido em Salamanca e, quando o proibiram de ensinar, passou à França para completar sua formação teológica na Sorbonne. Ao lado de seus estudos nos colégios de Montagu e de Sainte-Barbe, continuava seu trabalho de proselitista e da organização de um pequeno cenáculo religioso. A atração de sua poderosa personalidade e a prática dos «Exercícios» reuniram ao seu redor seis colegas que com ele fundaram a primeira célula da futura «Societas» católica.

No dia 15 de maio de 1534, na capela de São Dionísio, em Montmartre, propuseram-se a cumprir o programa básico: conversão dos muçulmanos e prática das virtudes monásticas. Se fosse impossível passar a Jerusalém, pôr-se-iam ao serviço do Papado.

Depois de voltar à Espanha, foi para Roma, onde entrou em contato com o cardeal Carafa, a quem expôs o desejo de formar uma ordem independente, a «Societas Iesu», para defesa da



LOYOLA

Agora, na companhia de Jesus...

Igreja ameaçada pelo protestantismo, cuja agressão ele julgava mais perigosa do que a do Islam.

O exemplo que ele e seus companheiros deram por ocasião da fome que se abateu sobre a cidade, atraiu a simpatia de todos. Depois de um ano e meio de ordenado, celebrou a sua primeira missa no dia 25 de dezembro de 1538. A 24 de junho de 1539, Loyola resumiu em cinco artigos os propósitos essenciais da ordem que acabava de fundar, os quais foram aprovados oralmente a 3 de setembro do mesmo ano e, mais tarde, a 27 de setembro de 1540 pela bula «Regimini militantis Ecclesiae», sobre a qual falamos (como sempre o fizemos sobre tudo que se refere à Companhia de Jesus) no número 7.

## LAYNEZ, GERAL

Roma, agosto, 1556 (Do correspondente) — Diego Laynez, um

dos companheiros de Loyola na fundação da Companhia de Jesus, foi encarregado de recolher a gloriosa herança do jesuíta recém-falecido. Assim, até que se proceda a nova eleição, o espanhol Laynez é o novo geral da Companhia.

## OS LUSOS GANHAM CIDADE CHINESA

Macau, China, 1557

Depois de muita hesitação, as autoridades chinesas desta cidade consentiram que os portugueses aqui se instalassem para fundar uma cidade à européia, com fortim e feitorias.

O acordo entre portugueses e chineses se deu em virtude de atos ousados do pirata oriental Chan-Silau virem dificultando a navegação ao largo dos mares chineses. As autoridades permitiram a fixação dos mercadores lusos com a condição de que estes eliminassem o fusteiro.

Ao que se informa, o estabelecimento português na ilha Gaosam virá incrementar sobre modo as trocas comerciais entre Oriente e Ocidente.

A Cidade do Santo Nome de Deus de Macau será tipicamente comercial.

## PROTESTANTISMO ESCOCÊS

Escócia, 3, dezembro, 1557

Os protestantes empenharam-se em um «Conforme» para procurar, sem reserva nem hesitação, o triunfo do Evangelho. Eles adotaram o Prayerbook de 1552.

## FILIPA E NÃO FILIPE

O nome da mãe de Cláudio de Lorena, duque de Guise, é Filipa e não Filipe, como saiu publicado na matéria «Envenenado o Duque de Guise», do número 14 de O BRASIL EM JORNAL.

## COLUNA MILITAR

### LÂMINAS DE SOLINGEN

Entram em grande voga, presentemente, as espadas de origem alemã, denominadas rapieiras, de lâminas longas e finas, apropriadas aos golpes de ponta. Seus copos variados não diferem dos das espadas comuns. As melhores dessas armas se fabricam em Solingen.

## Não quis ser rajá morreu enfermeiro

Lisboa, 11, março, 1557

O homem que não quis ser rajá e que foi chamado, por seu extraordinário zelo da cristão, o «Apóstolo das Molucas», morreu hoje, miseravelmente, nesta cidade.

Antônio Galvão, escritor, navegador e colonizador português, passou sua mocidade na Índia, onde nasceu. Filho do cronista oficial de Portugal, sr. Duarte Galvão, foi, ao mesmo tempo, soldado e missionário. Por serviços prestados ao império, nomearam-no governador das Molucas em 1536.

Venceu inúmeros rezeltes locais, consagrou-se à reorganização civil das ilhas e ajudou a desenvolver a agricultura e a di-

fundir a doutrina católica. Os habitantes de Ternate ofereceram-lhe o título de rajá, mas ele não o aceitou.

Em 1540, voltou a Portugal, coberto de renome. D. João III não lhe deu maiores atenções e Galvão teve de empregar-se como enfermeiro num hospital de Lisboa.

Durante as horas de descanso dedicou-se a contar a história dos feitos de seus compatriotas através do mundo. Escreveu um «Tratado dos diversos e desvalerados caminhos... por onde a pimenta e especiaria vieram da Índia às nossas partes» e uma «História das Molucas».

Seu executor testamentário disse-nos que tudo fará para publicar os livros de Galvão.

## PINTURA

### TINTORETO

Veneza, 1556 (Do correspondente)

Veneza exulta com a arte maravilhosa de seus grandes mestres de pintura, que não cessam de apresentar uma série estupenda de obras notadamente Ticiano, Veronês e Tintoreto.

Agora é Tintoreto (Jacó Robusti) quem entusiasma a crítica e o bom-gosto venezianos com seu «Apresentação de Maria ao Templo», do qual damos um detalhe aos nossos leitores.



### NOVO TRIUNFO

Veneza, 1556 (Do correspondente)

Paulo Veronês, que ainda não completou 30 anos, terminou mais um dos seus maravilhosos quadros, em que reafirma sua reputação de mestre consagrado pela unanimidade da crítica. A nova obra de Veronês é «O triunfo de Maroqueus», que reproduzimos para nossos leitores.



### VERONÊS GANHA CONCURSO

Veneza, 1556 (Do correspondente)

Um interessante concurso de pintura realizou-se nesta cidade, entre seis jovens artistas escolhidos para decorar os salões da biblioteca dirigida pelo famoso escultor Sansovino e destinada a guardar os preciosos manuscritos gregos legados a esta Sereníssima República pelo cardeal Besaronio.

Os juizes deram a vitória ao genial jovem Paulo Veronês, já consagrado pelo seu extraordinário talento artístico, e cujos quadros principais vimos reproduzindo para nossos leitores. No juri, além de Sansovino, figurou o grande mestre da pintura de nossos dias, Ticiano. O prêmio foi um colar de ouro, colocado ao pescoço do vencedor pelo próprio Ticiano.



VERONÊS

Auto-retrato a caçador

## KNOX OUTRA VEZ EM GENEBRA



Genebra, julho, 1556

Fugindo às perseguições que lhe movem os católicos da Escócia, onde há dois anos vinha pregando e organizando comunidades calvinistas, João Knox chegou a esta cidade.

Na gravura reproduzimos um aspecto total da cidade governada com pulso de ferro por Calvino.

# Complô espanhol contra Portugal

Lisboa, 12, outubro, 1557 — (Exclusivo)

Uma intriga bem urdida, envolvendo reis, rainhas, princesas e outros figurões, está pondo em perigo a soberania de Portugal e seus domínios em ultramar.

Embora os principais acontecimentos se passem em Lisboa, os cordões que movem os personagens da trama estão sendo manejados de Yuste, local onde se encontra o ex-imperador Carlos V, afastado do trono espanhol, mas em grande atividade, atrás dos bastidores.

Os repórteres de O BRASIL EM JORNAL, depois de interceptarem a correspondência entre o ex-imperador e seu agente secreto em Lisboa, podem, agora, em primeira mão e com absoluta exclusividade, revelar a existência de fatos gravíssimos: Carlos V quer unir Portugal à Espanha e para isso não poupará esforços.

Após a morte do rei de Portugal, D. João III, o horizonte político na península anuviou-se completamente. Por trás das cortinas, a rainha regente, D. Catarina, faz o jogo de seu irmão Carlos V. O novo soberano português, um menino de apenas 3 anos de idade, não goza de boa saúde. O ex-imperador acha viável e oportuno preparar o caminho para uma solução espanhola para os problemas dinásticos de Portugal.

D. Sebastião, a quem coube o trono, é o último herdeiro masculino em linha reta de D. João III. Do lado espanhol existem Filipe II, ora no trono da Espanha, e o filho desta com a infanta portuguesa. A morte do menino-rei deixaria Portugal à mercê de dominação estrangeira.

O imperador Carlos V, na emergência, resolveu enviar a Portugal um agente secreto, o sr. Francisco de Borja. Foi combinado até o sistema cifrado que ambos usariam em sua correspondência. Assim, para não despertar suspeitas, Portugal e Castela se denominariam, respectivamente, Perpignan e Milão. Os personagens se chamariam Micer Agustino (Carlos V), Santiago de Madri (Filipe II), Catarina Diez (a rainha viúva Catarina), Sebastião Diez (o menino-rei), João Diez (o falecido rei D. João III), Carrilho Sanchez (o cardeal D. Henrique, tio-avô do rei Sebastião), Maria Sanchez (a infanta Maria, filha do último casamento de D. Manuel),



CATARINA REGENTE

Futuro sombrio para Portugal

João Alvarez (embaixador da Espanha em Portugal), Francisco Alvarez (embaixador da França em Portugal) e Pedro Sanchez, o agente secreto de Carlos V. O agente secreto avistou-se com a rainha regente, pondo-a a par das maquinações. Na carta

em que avisa ao ex-imperador do que se passou no encontro com a rainha, Borja diz que ela estava muito satisfeita com o interesse do irmão pelas coisas de Portugal. Chegou mesmo a pedir que a orientasse em suas ações.

## Princesa engana exército e foge com duas filhas

Roma, 1557

Joana de Aragão, a princesa cuja beleza os poetas não cansaram de exaltar, (veja a nossa edição de 1547, seção Em Sociedade), mostrou que possui uma outra qualidade excepcional: a coragem.

Mantida como refém pelas tropas francesas duran-

te a recente guerra entre França e Espanha, Joana, aproveitando a trégua, burlou a vigilância dos guardas e saiu de Roma com suas duas filhas, a pé, fingindo que ia passear nos arredores.

Caminhou até que a sentinela da porta da cidade a perdeu de vista. Montou, então, a cavalo com as filhas e partiu em direção ao campo onde se encontrava o duque de Alba, que a recebeu com alegria e surpresa. O general espanhol só encontrou uma justificativa para sua bravura: ela tinha sido conduzida pelo amor maternal.

Em seguida, como a idade das meninas não permitia que elas ficassem no campo de guerra, o duque de Alba mandou que levassem Joana e as crianças para um lugar seguro, escoltadas por um esquadrão de cavaleiros que o general espanhol deu «samente por honra — como ele mesmo frisou — e não por necessidade».



## INQUISIÇÃO NA FRANÇA

Paris, 24, julho, 1557

Henrique II publicou hoje um edito, chamado de Complègne, que estabelece a Inquisição na França, tendo em vista «as heresias e falsas doutrinas que pululam», como disse em carta datada de 13 de fevereiro, a seu embaixador Odet de Selve, encarregando-o de pedir permissão ao Papa.

No dia 25 de abril, Paulo IV já conferia o título de grandes inquisidores em França aos três cardeais que fazem parte do conselho real: Bourbon, Lorraine e Châtillon. Este último é irmão de Coligny e de Andelot, que foram secretamente conquistados ao calvinismo. A atitude do rei surpreendeu a todos, pois já havia recusado, pelo menos, duas propostas nesse sentido: a do nuncio em Paris, Gualtério, logo após a trégua de Vaucelles, e a do cardeal Carafa quando, no verão passado, veio ultimar a aliança contra a Espanha. A resposta de Henrique II ao desejo do Papa de estabelecer a Inquisição foi então: «Os Estados de meu reino não querem receber, aprovar ou observar a Inquisição».

O edito de Complègne entrega a juizes eclesásticos o que era confiado aos juizes civis, ao mesmo tempo que lhes tira o direito de escolha da pena, pois só há uma: morte, «sem que nossos juizes possam moderá-la», segundo estabelece o parágrafo 4 do edito.

## MORREU QUARTA ESPÓSA DE HENRIQUE VIII

Chelsea, Inglaterra, 28, julho, 1557

A única das seis esposas de Henrique VIII que ainda estava viva faleceu hoje. Era a princesa Ana de Clèves, a quarta da galeria do Barba Azul, cujo casamento foi anulado depois de oito meses. Na época O BRASIL EM JORNAL realizou completa cobertura do caso.

Bondosa, mas sem projeção, só o acaso elevou a princesa de Clèves ao primeiro plano da História, quando, aos 24 anos, recebeu — ela que só vivia entregue à costura e ao bordado — a grande notícia: Henrique VIII, viúvo de Jane Seymour, queria a sua mão. Tudo se deveu ao chanceler Cromwell que via no casamento uma garantia política para ganhar à Inglaterra o apoio dos protestantes alemães. O contrato matrimonial foi firmado no dia 24 de setembro de 1539.

A nova rainha passou então à Inglaterra e desembarcou em Rochester no dia 1º de janeiro de 1540.



Ana de Clèves: das esposas de Henrique VIII, a que mais viveu

Desde esse momento começaram as providências para livrar-se o rei da «importuna». Henrique diz que o casamento não foi consumado e no dia 9 de setembro de 1540 é declarado nulo por um ato do parlamento. Sem pesar, Ana retirou-se para Richmond e viveu na Inglaterra o resto de seus dias.

## ESPAÑA PERDE GENERAL

Valadoll, 15, novembro, 1557

Os exércitos espanhóis, desde hoje, não contarão mais com um dos seus grandes generais: Ferrante Gonzaga, morto depois de ter participado de numerosas e decisivas batalhas, entre as quais a de Saint-Quentin.

Gonzaga, temperamento belicoso, já aos 20 anos destacava-se no famoso saque de Roma. Três anos depois, em 1530, tomava a chefia das forças coligadas que renderam Florença e em 1535 participava da empresa contra Tunís e das invasões da França em 1536 e 44. O imperador premiou-o com o vice-reinado da Sicília, que exerceu de 1536 a 46, com o título de conde de Guastalla (3 de outubro de 1539) e com a tutela de seu irmão Guilherme.

Com a morte do marquês del Vasto, governador do ducado de Milão, Carlos V confiou a Gonzaga o governo do importante território, onde passou oito anos sem, no entanto, confirmar as esperanças nele depositadas. Empenhou-se em guerra pouco honrosa contra Pedro Luís Farnésio, duque de Parma e Piacência, e com intrigas provocou o seu assassinio, em 1547.



Na guerra entre o imperador e Henrique II teve pouca sorte e acabou tendo que ir a Bruxelas responder, frente a Carlos V, às acusações que lhe eram feitas. Não obtendo a ratificação do vice-reinado milanês, Ferrante Gonzaga retirou-se no ano retrasado para suas terras de Guascalla que regou com acerto.

## Católicos e protestantes em conferência

Worms, 6, dezembro, 1557 (Do enviado especial)

«O Senhor não quis que o congresso fôsse totalmente em vão, pois serviu para mostrar a concórdia que reina entre católicos, ao contrário dos nossos adversários. Podemos constatar, também, como é desprezível a autoridade dos inimigos da Igreja».

Com essas palavras, o padre Canisio procurou resumir para o enviado de O BRASIL EM JORNAL o resultado do Colóquio que desde o dia 11 de setembro funcionava aqui e que tinha como objetivo, além de tratar das guerras contra os turcos, dar oportunidade a católicos e protestantes de discutirem os seus problemas.

### OS DEBATES

Logo na primeira sessão, Melancthon, chefe dos teólogos protestantes, disse: «Nós rejeitamos todas as heresias, mas antes de tudo as declões impias do pretense concílio de Trento». Canisio, um dos encarregados pelo rei Fernando, a defender o ponto de vista católico, tomou a palavra nas duas últimas reuniões, a quinta e a sexta, para protestar contra o que classificou de injúrias em lugar de argumentos, dos protestantes.

Mostrou como as discussões não teriam finalidade, se cada um seguisse o seu próprio sentimento, mesmo apoiando-se na Bíblia, pois cada um a interpretava a seu modo. O chefe dos teólogos católicos, Helling, acusou os luteranos de condenarem com os católicos os erros de Zwíngli, Calvino, Hircius e outros. Isto lançou a discórdia no campo adversário, porque alguns pactuavam com os sacramentários.

Só os teólogos de Saxônia e Brunswick consentiram em condenar os que Helling citara. Melancthon disse, então, que só o luteranismo puro e o catolicismo eram legais na Alemanha, e excluiu os luteranos da assembleia. A partida desses teólogos impediu a continuação do Colóquio.

## NÓBREGA MUITO DOENTE

Salvador, agosto, 1557 (Do correspondente)

Botando sangue pela boca e febril, diariamente, Manuel da Nóbrega, o jesuíta ora servindo nesta cidade, tem passado a maior parte do tempo preso ao leito.

Nóbrega declarou-nos que não sabe a que atribuir sua doença. Há tempos esteve bastante resfriado e chegou a encomendar remédios de Portugal. Mas sentiu-se melhor e se esqueceu de tratar-se.

Agora bastante enfêrmo, vale-se dos serviços profissionais do dr. Jorge Fernandes, inutilmente. «Ora, afirmo-nos ele, dizem que é vela partida, ora que é do peito e que também pode ser da cabeça. Seja o que for, o que mais sinto é que a febre me vai gastando aos poucos».



# FÔRÇA EXPEDICIONÁRIA EXPULSARÁ FRANCESES DO RIO DE JANEIRO

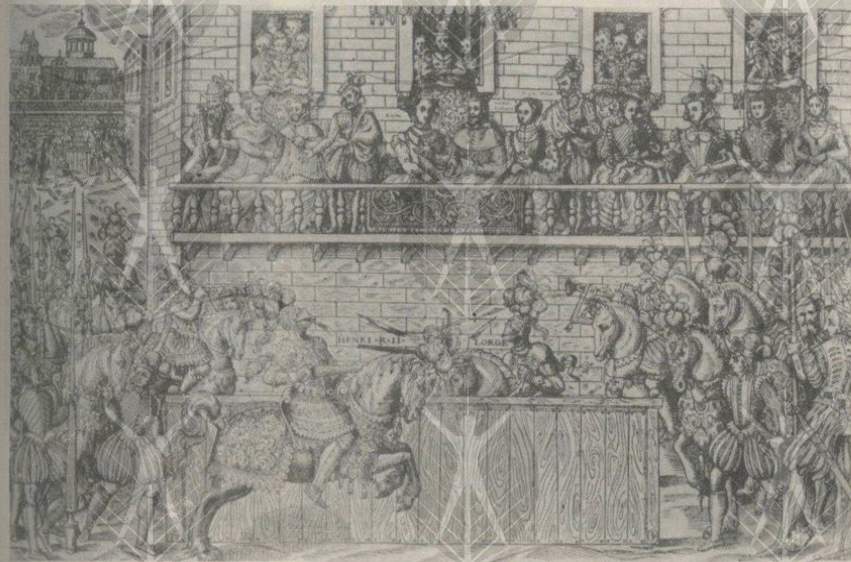
É A GUERRA!

Com esquadra e soldados, Portugal, agora, está pronto para expulsar os franceses do Rio de Janeiro. O reforço trazido pelo almirante Bartolomeu Cunha significa que teremos guerra. Uma força expedicionária partirá a qualquer momento rumo ao Rio de Janeiro para dali fazer sair os franceses. O BRASIL EM JORNAL terá, a bordo da esquadra, um correspondente de guerra. Na página 2 publicamos detalhada reportagem.



## Rei de França encontra morte em hora marcada

A mais completa reportagem sobre o terrível acontecimento que enlutou os franceses — Profecias de Gauric e Nostradamus haviam previsto a morte de Henrique II com estranha e absoluta precisão



Sensacional flagrante colhido no momento exato em que se dava a tremenda tragédia que roubou a vida ao rei de França, Henrique II. A estupidez do acidente foi fixada para a História pelas testemunhas de vista, Tortorel e Perissin. A lança do capitão Montgomery, senhor de Lorge, enterra-se na cabeça do soberano, partindo-se em três pedaços. Para penetrar no capacete, a ponta da lança levantou a viseira do rei que estava mal presa.

A família real, os nobres, assim como a favorita Diana de Poitiers a tudo assistem do alto do balcão. Foi um momento de estupor geral. Embora tão gravemente atingido Henrique II ainda se manteve sobre o cavalo até o outro lado da pista, onde tombou nos braços de alguns súditos, dizendo: — «Estou morto!».

Na reportagem detalhada que publicamos na página 7 damos conta da tragédia que abalou a França, assim como das estranhas e incrivelmente certas profecias que antecederam o infausto acontecimento.

Salvador, 31. dezembro, 1559

Os índios se devoravam uns aos outros por causa dos próprios brancos, que os queriam escravizar — esta a sensacional declaração de uma das maiores autoridades em assuntos brasileiros, o padre Manuel da Nóbrega.

A propósito da questão, Nóbrega escreveu ao ex-governador Tomé de Sousa, seu amigo particular, dando conta do que está fazendo Mem de Sá, à frente do governo: os índios estão sendo agrupados em acampamentos à volta das cidades, para que se alcance mais rapidamente sua integração.

## o Brasil em Jornal

1558/9 N.º 19	"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"	Comum: Cr\$ 10,00 Aéreo: Cr\$ 12,00 Atrasado: Cr\$ 15,00
Diretor: AMARAL NETTO	Assessores: GUSTAVO BARROSO JAYME COELHO	Redator-chefe: CLAUDIO SOARES

### Elizabeth I nova rainha da Inglaterra

Aos 25 anos, Elizabeth — «Bess», como é chamada na corte inglesa — substitui sua meia-irmã no trono. A filha de Ana Bolena e Henrique VIII é a segunda mulher — se não contarmos o meteórico reinado de Jane Gray — que coloca na cabeça a coroa real britânica.

Sobre a morte de Maria — «A sanguinária», para alguns — e a sucessão, publicamos reportagem na página 3.

### NO IMPÉRIO QUE CRIOU, O SOL NUNCA SE DEITA

Na paz de um mosteiro — Yuste — na Estremadura, Espanha, acaba de falecer um dos maiores soberanos deste século: Carlos I de Espanha, V do Santo Império Romano Germânico. Sobre a morte desse homem que tão grande extensão de terras dominou divulgamos notícia detalhada na página 2. Os leitores de O BRASIL EM JORNAL que se familiarizaram com o imperador Carlos V pela permanente cobertura que demos à sua vida pública, encontrarão nesta edição um registro à altura da importância desse personagem em cujos domínios «de tão extensos que são, o sol nunca se deita...»



### O SOLDADO POETA GANHA CURADORIA

Macau, 1558

O soldado e poeta Luis de Camões, a quem já nos referimos em números anteriores, foi nomeado para importante cargo público nesta cidade.

Doravante, além das musas e das espadas, que ele nem sempre só usou em guerras, terá a seu cargo os interesses de ausentes, orfãos e defuntos.

«Esta inovação — é o padre Manuel da Nóbrega quem diz — desagradou aos colonos. É fácil perceber os motivos dos descontentes. Com o aldeamento, os selvagens estarão a coberto de capturas. Na certa, faltarão escravos para seus negócios».

Noutra carta, Nóbrega sugere a criação de inspetores de índios para se acabar de vez com os abusos dos brancos. Com a decisão de proibir o canibalismo, espera o jesuíta que a melhoria das relações entre brancos e selvagens facilite o progresso do país.

PROIBIDO  
CANIBALISMO

# FÔRÇA EXPEDICIONÁRIA EXPULSARÁ FRANCESES DO RIO DE JANEIRO

Salvador, dezembro, 1559 (Da sucursal)

Já conhecendo, por espíões, o poderio dos franceses alojados no Rio de Janeiro, o governador Mem de Sá aprontou o corpo expedicionário que tentará expulsá-los do país.

Esta cidade está em pé-de-guerra: os homens válidos, compreendendo, afinal, a extensão do perigo, decidiram alistar-se. O governador escreveu a São Vicente, ameaçada também pelas penetrações dos invasores, pedindo reforços. O plano de ação já está preparado. Provavelmente, quando a esquadra com as forças desta cidade chegar ao Rio de Janeiro, lá estarão os reforços de São Paulo.

O embarque das tropas é mantido em sigilo para não prejudicar as operações, mas acredita-se que ele não ocorra antes de 2 semanas.

O repórter, abordando Mem de Sá, obteve a pormenorização de todos os acontecimentos brasileiros, desde a chegada do governador.

Ele tomou posse do governo em 3 de janeiro do ano passado, após o retiro espiritual de uma semana no colégio dos jesuítas.

O Brasil, afirma, principalmente a Bahia, enfrentava uma série de problemas. O pior eram as constantes demandas judiciais e a jogatina desenfreada.

Bastava ver a alegria de Pero Borges (provedor da justiça) quando, já acostumado às questões diárias no fóro, um belo dia não teve reclamação alguma a atender.

«Oriental esforços para acabar com os rancores entre colonos e penso que o conseguirei. Quanto aos jogos de cartas, pelo menos não tenho sabido de mais irregularidades. Se o povo continua jogando é às escondidas.»

## INDÍOS: MUITA LUTA

Mem de Sá perdeu um filho no combate aos índios do Espírito Santo mas acabou triunfando sobre um dos mais sérios problemas do país: a animosidade entre selvagens e colonos. Perguntamos-lhe como conseguira tão bons resultados e ele esclarece, em poucas palavras:

«Pulso de ferro! Tudo tem de ser feito à força, pois os índios não conhecem a piedade evangélica. Fazemos-lhes o bem através do terror.»

Sobre as lutas que teve de enfrentar, Mem de Sá recorda as mais sérias. Uma, a do Espírito Santo, em abril do ano passado, custou-lhe o sacrifício do filho, Fernão de Sá.

«Devia ter ido em pessoa ao Espírito Santo para socorrer os colonos. Mas a população de Salvador não permitiu que eu embarcasse e decidi enviar Fernão, com 5 navios. A esquadra partiu para a cidade onde se encontrava Vasco Fernandes e não encontrou mais os índios. Resolveu-se, então, fazer uma sortida aos acampamentos dos selvagens. A tropa desembarcou e atacou-os. Um contra-ataque dos

índios mostrou aos nossos os perigos em que estavam metidos. Meu filho sustentou a retirada da tropa e pagou com a vida a salvação dos companheiros, que o abandonaram. Em consequência, sugeri à rainha Catarina a aquisição da capitania, em virtude da idade avançada de Vasco Fernandes. De qualquer modo, e apesar do alto preço pago, o Espírito Santo ficou livre dos índios incômodos.

Na região da Bahia, houve também combates contra os selvagens. O governador explicou que baixou instruções para coibir a antropofagia. Um chefe da ilha Cururupeba desobedeceu às determinações de Mem de Sá e foi preso por Vasco Rodrigues de Caldas. Agora, recém-saído da prisão, o cacique é um grande amigo dos colonos. Caldas fez duas sortidas contra os índios e submeteu-os todos.

## OBRAS E FRANCESES

O governador está empenhado em concluir as obras da igreja da Sé, em Salvador, e já terminou um engenho mandado construir por conta do Estado. Por outro lado, em carta à rainha Catarina, deu conta das dificuldades que terá de vencer para expulsar os franceses e fazer progredir a colonização.

D. Catarina recebeu seu relatório e providenciou para que a Câmara de Vereadores de Salvador e os procuradores da cidade dessem toda a assistência possível aos jesuítas, auxiliares eficientíssimos da obra de recuperação encetada por Mem de Sá. Quanto aos franceses, a regente enviou grande reforço ao governador. Em novembro deste ano, chegou aqui a esquadra comandada por Bartolomeu de Vasconcelos, com homens e munições. Agora, em dezembro, outro auxílio valioso foi recebido do reino: chegou o guia espiritual da colônia, o novo bispo do Brasil, D. Pedro Leitão.

E Mem de Sá explica:

«A esquadra ficará às minhas ordens para expulsar os invasores. O bispo já está em franca atividade. Por seu

intermédio, reunimos os jesuítas e índios dispostos à luta».

A nossa pergunta de como pretendia expulsar os gauleses (se com bloqueio ou por ataques frontais), negou-se a responder, sob pretexto de que a tática a ser adotada é «segredo de Estado». Esclareceu, todavia, que, por espíões e índios amigos, no sul do Brasil, já sabe mais ou menos com quantos soldados contam os franceses: aproximadamente 800 homens. Concluindo, disse que o ataque, de qualquer forma, deverá ocorrer no começo do próximo ano, pois que as penetrações francesas ameaçam até o núcleo de São Vicente.

# No império que criou o sol nunca se deita

Yuste, 21, setembro, 1558

O homem que durante 40 anos dominou o cenário político da Europa, como um novo César, lutando para manter a universalidade e unidade da Igreja e do Império, já não existe mais. Seu nome, porém, ficará na História como símbolo de bravo cavaleiro, político excepcional, católico de convicções arraigadas e grande imperador.

Carlos I da Espanha e V da Alemanha representou, por si só a primeira metade de nosso século. Se o seu reinado não foi unicamente de sucessos — explicam os observadores — deve-se isso às guerras que manteve contra quase toda a Europa.

## JUNTO COM O BRASIL

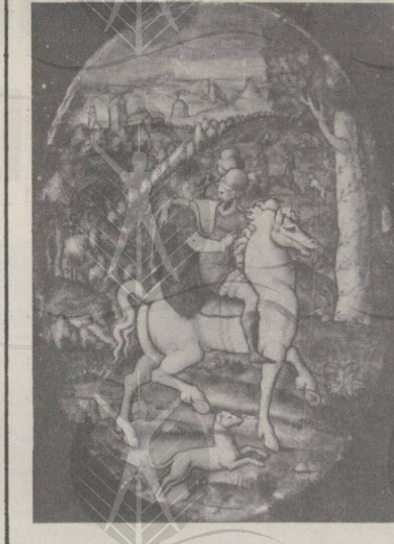
Carlos V nasceu em Gante no dia 24 de fevereiro do mesmo ano em que o Brasil foi descoberto. O fato de ter crescido em ambiente impregnado de humanismo, influenciou muito sua formação, pois embora fosse do tipo conservador, mostrou sempre profunda visão, variedade cosmopolita e um certo matiz de tolerância para toda classe de idéias.

Em 1506, ao morrer seu pai, Filipe entrou na posse da herança borgonhesa, procedente de sua avó Maria. Doze anos mais tarde, depois da morte de Fernando, o Católico, era elevado à dignidade real em Castela e Aragão junto com sua mãe, Joana, a Louca. Neste mesmo ano (1518), a morte de Maximiliano I, seu avô paterno, lhe dava as possessões dos Habsburgos na Alemanha e o direito de pretender a coroa imperial.

Se a herança borgonhesa lhe entregava a espada e a política antifrancesa de Carlos, o Temeário, a herança espanhola lhe dava um império jamais visto.

No outono de 1517, quando veio para a Espanha assumir a herança de seus avós, era um rapaz submetido à influência dos no-

## DECORAÇÃO



Leonardo Limosin, artista de Limoges (berço de grandes esmaltadores), chamado, pela sua merecida reputação, à corte de Francisco I, é autor de muitas obras de incalculável valor, como a que reproduzimos para nossos leitores: um retrato equestre de Henrique II e Diana de Poitiers em esmalte, de forma ovalada. Nota-se na arte de Limosin maior inclinação para motivos profanos, ao contrário de seus colegas que preferem assuntos religiosos.

bres flamengos de sua intimidade. Logo seu interesse se concentra na sucessão imperial da Alemanha. Enquanto em Castela estourava a sublevação das Comunidades (1520), Carlos recebe a coroa do Império em Aquisgran no dia 23 de outubro de 1520.

Não tinha ainda 21 anos quando enfrenta Lutero e o movimento «evangelista» na dieta de Worms (1521). Nos anos seguintes alguns fatos fogem ao controle do César: sublevação dos cavaleiros e dos camponeses na Alemanha, progresso do luteranismo e dos grandes príncipes, iliquidação das guerras da Itália. A própria vitória de Pávia (1525), que consolida o poder da Espanha na Itália setentrional, não é atribuída à intervenção especial de Carlos V, bem como o saque de Roma em 1527, pois nesse momento desconhecia a situação dos seus exércitos.

Através desses notáveis acontecimentos políticos, Carlos temperou seu espírito. Em 1528 expressava em Madrid uma concepção imperial própria, sem qualquer influência de seus conselheiros nem do chanceler Gattinara. A partir deste momento o imperador, que já se hispanizou, vai hispanizar a Europa, dando-lhe o espírito de cruzada contra os infiéis e os hereges, e o estímulo para lutar pelo restabelecimento da unidade cristã e imperial.

A 24 de fevereiro de 1530 é coroado solenemente em Bolonha pelo Papa Clemente VII, seu antigo adversário. Este ato estabelece uma divisão na vida de Carlos V, pois a partir de agora o César vai agir por conta própria. O império que recebeu era uma sombra. Carlos, então, vai percorrer a Europa e o norte da África. Ele mesmo dirige as operações que expulsam os turcos das proximidades de Viena em 1532; é ele quem preside à tomada da Goleta em 1535. Também é Carlos que chefia as tropas que

invadem Provença em 1536, quando da terceira guerra contra Francisco I; quem sufoca a rebelião de Gante em 1540; quem anula os ataques do duque de Clèves em 1544 e firma com Francisco I a paz de Crepy (18 de setembro de 1544).

A vitória de Mühberg (24 de abril de 1547) e a Dieta de Augsburg (1548) assinalam o momento culminante de seu poder na Europa. É este o Carlos V arrogante que nos apresenta Ticiano, na gravura que estampamos.



CARLOS V

Quando brilhava tanto quanto o sol

## A DECADÊNCIA

Em seguida, vem a debilitação de sua obra e de sua pessoa, pois está esgotado e doente. Além disso, as novas correntes históricas vão se impondo aos poucos: a França favorece o jogo dos príncipes alemães, protestantes ou católicos (tratado de Chambord, 1552), e o imperador tem que fugir uma noite de Innsbruck, para não cair em poder de Maurício de Saxônia. Em agosto de 1552 tem que assinar o tratado de Passau, que arruína sua obra na Alemanha; em 1553 está imponente para forçar Metz, de quem as tropas francesas se apoderaram.

Mas a maior amargura de sua vida é a liberdade religiosa que se concede aos protestantes na Dieta de Augsburg de 1555. E então reconhece que para defender a Igreja católica e consolidar a idéia imperial, precisa-se de outro homem e outra política. Este é o principal motivo de sua abdicção.

Em fevereiro do ano passado se retirou para o mosteiro de Yuste na Extremadura, de onde ainda pôde contemplar o triunfo das armas espanholas em Saint-Quentin e o início de uma nova época histórica.



YUSTE

Na paz deste mosteiro, entre montanhas e bosques, Carlos V encerrou sua agitada vida

## COLUNA MILITAR ADAGAS

As adagas levantinas ainda estão sendo usadas substituindo as antigas misericórdias e mãos-esquerdas. Distinguem-se dessas por serem mais curtas, com as lâminas ligeiramente curvilineas. Em lugar de maçã, rematam o punho duas semiesferas de metal um tanto afastadas. Essas armas vêm de Veneza.

Por causa da disposição do remate do punho, estão sendo chamadas na Espanha de adagas-de-orejas. Em Portugal são conhecidas como adagas-de-orelhas. Sua origem é masárbica.

# Elizabeth I, nova rainha da Inglaterra

Londres, 17, novembro, 1558

«Se abrirem meu coração, verão escrito nêlo um nome: Calais» — Estas palavras ditas por Maria Tudor agonizante provam que a derrota de janeiro foi uma das maiores mágoas desta rainha que morreu hoje, odiada pelo povo, desprezada pelo marido e atormentada pela falta de um filho.

Seus 42 anos de vida e seus cinco de reinado tiveram como objetivo supremo a restauração do catolicismo na Inglaterra. Para isso, como rainha, se apolou nas grandes massas católicas do campo, em particular na classe dos proprietários livres, os «Yeomen». Não soube, porém, apreçar o poder nascente e a força de oposição dos burgueses das cidades do sul.

Por esse motivo sua obra de restauração católica fracassou, sob vários aspectos. As opiniões sobre Maria vão de um extremo ao outro: observadores protestantes acusam-na de crueldade; já os católicos acham que ela merece respeito pela nobreza e santidade de seus propósitos.

## JUVENTUDE INFELIZ

Desde cedo o pesar na vida de Maria o agravou de que foi objeto sua mãe e a tristeza em que viveu a maior parte de sua juventude. Nascida em Greenwich no dia 18 de fevereiro de 1516, seu pai logo a considerou como um pião no jogo de sua política internacional. Sucessivamente a prometeu ao delfim da França, Henrique II (1518), ao imperador Carlos V (1521) e ao duque de Orleans (1527).

Quando seus pais se divorciaram, Maria seguiu sua mãe na desgraça. Em 1532 foi separada dela e educada junto a sua irmã Elizabeth. A terna jovem teve que sofrer os rigores de Ana Bolena e a animosidade de Henrique VIII. Tantos foram os sofrimentos, que ela estêve à morte em 1535, mas depois de vários anos de luta, admitiu sua condição de filha ilegítima e a supremacia de Henrique VIII sobre a Igreja.

## «A SANGUINARIA»

Os primeiros atos do governo de Maria indicaram logo a direção de seus propósitos: Cramer foi encarcerado e Gardiner nomeado lord-chanceler. Embora seu governo desejasse a restauração rápida do catolicismo, a rainha, influenciada por Carlos V, não queria adotar nenhuma medida que provocasse a guerra civil. A conjuração de Tomas Wyatt, que ameaçou seriamente o trono, não teve maiores consequências que algumas execuções.

## CATEAU-CAMBRÉSIS

### MARCO DE PAZ

Cateau-Cambrésis, 3, abril, 1559

A reconciliação entre os Valois e os Habsburgos está finalmente feita, graças ao tratado assinado hoje, segundo o qual, os dois príncipes impelidos pelo mesmo zelo e sincera vontade se comprometem a promover a paz e dão a esta paz, que põe fim às guerras na Itália, um caráter de Santa Aliança para combater a heresia.

Estavam presentes os plenipotenciários de Henrique II, de Elizabeth e de Filipe II. Ficou estabelecido que França e Espanha restituirão reciprocamente suas recentes conquistas. Assim é que Henrique II renuncia definitivamente a Milão, perde Thionville, Mariemburgo e Montmedy, mas fica com Saint-Quentin, Ham, Le Catelet, e com Calais durante oito anos, ao fim dos quais poderá restituir ou pagar o preço de 500 mil escudos.

ram 300 defensores do anglicanismo, o que lhe valeu o triste epíteto de «sanguinária».

## ELIZABETH A SUCESSORA

A sucessora de Maria é sua irmã por parte de pai, Elizabeth, filha de Ana Bolena. Embora tivesse sido considerada ilegítima quando sua mãe morreu no patíbulo, o Parlamento aprovou uma lei, depois da morte de Joana Seymour, colocando Elizabeth na linha de sucessão.

A nova rainha tem 25 anos de idade. Segundo elementos a ela ligados, Elizabeth sente-se profundamente inglesa, apesar da influência renascentista e italianizante de seus tutores. Do ponto de vista religioso, diz-se que é cética. Apenas acredita na necessidade de uma igreja uniforme e centralizada, para coadjuvar a ação do Estado, mas não pensa em voltar ao passado (principalmente ao tempo de seu pai).



Pouco depois, no dia 25 de julho de 1554, Maria Tudor casava-se com Filipe, para quem, muito mais jovem que ela, concebeu seu único amor.

Filipe não interveio em nenhuma das futuras medidas de repressão, pelo contrário, aconselhou prudência.

Quando Filipe se ausentou, depois de restabelecida a velha legislação contra os hereges, Maria deixou-se levar pela violência. Nesta época morreu

## ODISSÉIA FRANCESA:

# Papagaios, macacos, ratos e velas devorados com sofreguidão

Paris, dezembro, 1559

Na sua roupa mais alegre e acompanhado de meia centena de índios que trouxe do Brasil, reapareceu na corte, inesperadamente, o capitão Nicolau Durand de Villegagnon, fundador de um reino francês na América e de que ele, segundo seus inimigos, queria ser o rei.

Villegagnon evitou qualquer pronunciamento sobre sua conduta à frente do governo na ilha Coligny mas frisou que não desistia de seu projeto e haveria de voltar ao Brasil, com gente capaz.

Em seguida, avistou-se com a rainha Maria Stuart, a quem o liga velha amizade: Villegagnon foi quem a raptou da Escócia para a França.

## PERDEU PRESTÍGIO

Villegagnon, antigo colega de colégio de Calvino, chegou a contar, em certa fase de seus projetos, com a inteira solidariedade do líder protestante em Genebra.

Assim, a seu pedido, Calvino enviou-lhe um grupo de protestantes para o ajudar na catequese dos selvagens brasileiros. O capitão, todavia, desaveio-se com os protestantes por uma questão dogmática (vinho com água). Chartier, um dos missionários, voltou à Europa apressadamente para consultar Calvino sobre a dúvida e aproveitou a oportunidade para fazer sérias acusações ao comandante francês. Mas, ao que parece, o guia protestante não lhe deu ouvidos, tal a confiança que depositava em Villegagnon. Pelo contrário, Chartier foi chamado de «excitado» e suas acusações, de «sonhos de um doente».

Em meados de 1558, todavia, os depoimentos de outros protestantes recém-chegados, puseram a questão a limpo. Os esclarecimentos do austero sr. de Corguilleray levaram Calvino a considerar Villegagnon traidor da causa protestante.

## CAPITÃO MANDOU MATAR!

Um dos missionários chegados no ano passado, Jean de Léry, contou a nosso repórter o que foi a odisséia dos protestantes no Brasil, desde o início das desinteligências com Villegagnon.

«Após a questão do vinho, talvez por influência do clima tropical, começou Léry, as relações entre os nossos companheiros e Villegagnon se azedaram. O capitão é um homem de gênio intratável e nós resolvemos trocar a ilha de Coligny pelo continente. Ai, nós pregamos aos selvagens e os preparamos para a catequese. Se não fora a revolta do comandante contra a religião reformada, muitos frutos nós teríamos colhido».

O missionário explica-nos como não suportando mais as intrigas de Villegagnon, os refugiados decidiram voltar à França.

«Um navio normando, o «Jaques», que fazia carga de macacos, papagaios e pau-brasil, aceitou trazer-nos, por 500 libras. Villegagnon não só deu permissão para a viagem como se rejubilou quando embarcamos. Basta lembrar que ele, que tem seis ternos, um de cada cor, botou, na despedida o de cores mais berrantes, para nos dar a entender sua alegria.»

Léry rememora o que foi a viagem, a bordo do «Jaques»:

«O navio, já muito velho, mal saiu de Henriville (Rio de Janeiro) começou a fazer água. Um grupo dos nossos, diante do perigo de continuar viagem, teve a infeliz idéia de voltar ao porto. Assim, Jean de Bordel, Mathieu Verneuil, Pierre Bourdon e mais dois, cujos nomes não me ocorrem, desembarcaram de fato. O que lhes aconteceu — nós só agora o sabemos — foi uma ignomínia. Villegagnon pensou que eles tivessem voltado para tramar algum motim e os submeteu a julgamento, sob a acusação de hereges. Bordel, Verneuil e Bourdon foram condenados à morte. Os outros dois a trabalhos forçados.»

## NEM PAPAGAIO ESCAPOU

«O «Jaques» gastou vinte semanas na travessia Brasil-Europa, prosseguiu Léry. Os mantimentos acabaram em meio ao oceano e tivemos de nos valer dos macacos e papagaios que tínhamos a bordo para não morrer de fome. Até um papagaio que estava reservado para o almirante Coligny acabou sendo comido como um manjar divino. Depois, todos caçamos os ratos de bordo para não morrer. Um artilheiro do navio chegou a comer as tripas, cruas, de um papagaio, mas, dias depois morreu de inanição. As gotas de chuva eram recolhidas avidamente. Neste transe, comemos até sapatos, velas de sêbo e o próprio pau-brasil».

O comandante do «Jaques» trazia um cofre contendo cartas de Villegagnon para as autoridades do primeiro porto francês em que entrassem. Por sorte, conclui Léry, o juiz de Blavet era nosso correligionário. Nas cartas, Villegagnon pedia nossa prisão, acusando-nos das maiores torpezas.

## FICOU BOIS-LE-COMTE

A reportagem de O BRASIL EM JORNAL apurou, junto aos que regressaram de Henriville, que o comando da colônia ficou entregue ao sobrinho de Villegagnon, sr. Bois-le-Comte, com plenos poderes.

O comandante Nicolau Villegagnon, informa-se por outro lado, está a par dos planos portugueses de recuperação da zona em poder dos franceses. Sua vinda apressada à França é interpretada por alguns como sinal de fuga ao perigo.

Na chancelaria, todavia, não se soube esclarecer as razões do regresso de Villegagnon. Alguém se limitou a sugerir uma hipótese: Villegagnon, espírito afeito a discussões, quer explicar-se diante de Calvino. Na certa, ele se empenhará em polémicas, concluiu nosso informante.

## JESUITAS DISCORDAM

Curioso, com relação a Villegagnon, é o que pensam a seu respeito os jesuitas de França e Portugal. Enquanto os franceses o consideram digno de toda a confiança (até se prontificaram a ajudá-lo se ele quiser voltar ao Brasil), seus irmãos portugueses, à frente de todos o padre Nóbrega, o tratam como um reles herege.

# O luto do Brasil

O Brasil ainda está de luto. Verdaderamente de luto. Desde junho de 1557 quando faleceu em Lisboa El Rei D. João III. Em outubro, morreu na Bahia Diogo Álvares, o Caramuru. Desapareceram, assim, duas grandes testemunhas dos primeiros passos da futura e vastíssima terra que os navios de Pedro Álvares Cabral encontraram na derrota da Índia. E testemunhas que tiveram notável atuação para o seu desenvolvimento: um como seu primeiro administrador, outro como seu primeiro povoador.

Pouco tempo depois do achado do Brasil, desapareceria do seio dos vivos D. Manuel, o Venturoso, a quem o destino reservara a glória de colher os ricos frutos da experiência marítima dos portugueses, iniciada em Sagres pelo glorioso infante D. Henrique. Coube, pois, a D. João III, seu sucessor, tomar as primeiras providências de caráter administrativo para aproveitamento da terra de Santa Cruz, em cuja imensa e êrma costa os corsários franceses enxameavam. É ele quem dá carta de governo a Martim Afonso de Sousa e lhe fornece o armamento naval e os poderes necessários para que trace objetivamente o primeiro contorno da colônia nascente e, nas proximidades do ponto nevrálgico meridional, diante da frequência dos espanhóis, plante a primeira vila, S. Vicente. Depois, em face das penúrias do erário, sonhando interessar na sua obra colonizadora, os cabedais privados, divide o Brasil em capitânias e escolhe, nem sempre com felicidade, os seus donatários. E, afinal, ante o malôgro dessa medida não insiste em mantê-la, inteligentemente a revoga e, em seu lugar, toma outra absolutamente contrária, a criação do Governo Geral com sua sede na nova cidade do Salvador, a qual elimina a descentralização das donatárias e centraliza os poderes civis e militares do Estado do Brasil, peça inteira que substitui da noite para o dia a fragmentação anterior, num Governo Geral devidamente prestigiado. Esse grande ato é a certidão de nascimento do Brasil-político.

Caramuru, naufragado na costa baiana aí por 1510, salva-se milagrosamente e consegue a amizade dos selvagens, unindo-se a uma das suas mulheres. De então por diante se torna o fiel da paz e aliança entre os brancos e os aborígenes, ao mesmo tempo que inicia, com os filhos que vai tendo, o povoamento do território pela mestiçagem. As expedições lusas de policiamento da costa ou de início da colonização encontram o seu apoio seguro e fiel. O primeiro Governador Geral ao desembarcar cai-lhe nos braços acolhedores. É o patriarca da luso-tupinidade, o criador do Brasil-social sem preconceitos de raça e de cor.

Além de criadores, foram essas duas grandes figuras veneráveis testemunhas do amanhecer da terra brasileira para o seu grande destino lusocristão. O Brasil, portanto, em frente de seus túmulos, tinha mesmo de vestir-se de pesado luto.

## MORREM OS DOIS CRISTIANOS ESCANDINAVOS

Estocolmo, dezembro, 1559

A Escandinávia perdeu este ano nada menos que dois reis: Cristiano II, que reinou sobre Dinamarca, Noruega e Sécúcia até 1523, quando foi deposto por Gustavo Vasa, e Cristiano III que, de 1534 até agora, foi o soberano da Dinamarca e Noruega.

Homem culto e bom político, Cristiano II tornou-se famoso, no entanto, pela sua crueldade, responsável pela sua queda do poder e pelo tristemente famoso «Banho de Sangue de Estocolmo». Mas sua importância na história dos países nórdicos é de-



vida a três fatos registrados durante o seu reinado: introdução da reforma luterana; intento de conservar o império danês na Escandinávia e no Báltico, e tentativa de implantar o absolutismo monárquico em seu país.

Doze anos depois da deposição de Cristiano II, e sucedendo a Frederico de Holstein aliado de Vasa na revolta, Cristiano III foi proclamado rei (1534) da Dinamarca e da Noruega, países que ele teve que conquistar dos partidários de seu homônimo. Sua coroação só foi possível depois de ele ter assinado uma capitulação em favor da nobreza, em 1537.

O ato seu que teve maior repercussão foi a introdução da Reforma em todos os Estados do reino. Sucede-lhe no trono Frederico II, seu filho.



Como seu pai, Francisco I, que muitas vezes ditou pessoalmente a moda, o rei Henrique II introduziu em França o uso da meia de tricô de seda ou de lã, para homens. Ninguém mais é visto usando as antigas meias de pano.

As novas meias tornam mais distintos quem as usam, pois são colantes às pernas, mostrando melhor suas formas. Para contrastar com essas meias colantes (que chegam até acima dos joelhos) os homens estão usando calções (ou culotes) bufantes, bem armados, muitas vezes recheados de crina para melhor efeito e conservação de seu feito.

Na gravura, um modêlo.

Catarina de Medicis, por seu turno, tem feito aparições maravilhosas na Corte tentando competir

## A MODA COMO ELA É



com sua grande rival, Diana de Poitiers. Os vestidos da rainha, agora viúva e regente, têm sido espetaculares.

O colunista de O BRASIL EM JORNAL em Paris colheu o magnífico flagrante que é também um registro da moda para jovens, como o que a rainha tem ao seu lado.

Notem o vestido de Catarina. É uma maravilha de elevadíssimo custo. Em duas cores, azul turquesa e rosa, completado por uma gargantilha aberta e tendo em volta das mangas elegante mantilha de peles.

O mais importante nesse vestido é que ele é todo bordado a fio de ouro com pérolas e pedras preciosas.

## MEDICINA

### O DRAMA DE VESALIO

Alemanha, 1559 (Do correspondente)

Embora seja geralmente considerada como magistral a obra do anatomista André Vesálio («De humani corporis fabrica») impressa em 1543, o livro vem sofrendo violenta oposição dos galenistas, o que forçou Vesálio a queimar suas notas e desenhos e viajar para a Alemanha, para ser médico do imperador Carlos V.

Seu sucesso, no entanto, foi tão grande que nova edição da «Fabrica» saiu em 1555, dando oportunidade a Vesálio a que introduzisse consideráveis melhoramentos na obra, principalmente reafirmando sua convicção na descrença da circulação do sangue pelo septo cardíaco.

Notícias da cidade de Pádua informam que Vesálio vem tendo grandes seguidores de sua teoria, notadamente Servetus e, agora, Realduo Columbus, que vem de declarar publicamente que admite como certa a circulação do sangue nos pulmões.

### DESAPARECE FERNEL

Paris, 1558



João Fernel, médico e matemático dos mais notáveis de nosso tempo, faleceu nesta cidade, aproximadamente aos 64 anos de idade.

Fernel era conhecido por ser o médico de Diana de Poitiers e, conseqüentemente, gozar dos favores do rei Henrique, a quem curou de certa febre. Atribui-se a Fernel, também, como médico, haver cessado a esterilidade da rainha Catarina de Medicis, tendo sido ele o parteiro de seu décimo filho.

Nascido em Clermont-en-Beauvais, provavelmente em 1494, Fernel foi mandado estudar em Paris, onde se doutorou em medicina em 1530, iniciando-se no exercício da profissão em 1534, quando logo adquiriu grande reputação. Espírito altamente especulativo, Fernel interessou-se também por outros estudos, notadamente matemática e astronomia.

Foi Fernel quem mediu, de maneira inteligente e prática, a distância entre Paris e Amiens (1525), contando as voltas dadas pelas rodas da carruagem durante o percurso. Depois mediu escrupulosamente o perímetro das rodas e multiplicou por este valor o número de evoluções feitas por elas, achando 40,040 quilômetros.

São muitas as obras deixadas pelo ilustre cientista.



Como nesse caricaturista viu a odisséia dos franceses na viagem de volta do Brasil. (Ler «Força expedicionária expulsará franceses do Rio de Janeiro».)

## HERANÇA DE CARAMURU GERA DISSENÇÕES

Salvador, novembro, 1559

Uma questão sobre a herança de Caramuru ameaça as boas relações entre jesuítas e sacerdotes de outras ordens.

O inventário de Diogo Alvarez corre no fóro desta cidade e, para ser homologado, depende, ao que parece, da assinatura de um clérigo da Sé de Salvador. Caramuru, grande amigo dos jesuítas, deixou a estes a metade de sua terra.

Embora já tenha havido apêlo ao Vigário-geral, padre Francisco Fernandes, até agora o documento está pendente no fóro. O escrívão do feito informou-nos que pairam acusações contra a autenticidade do instrumento com que Caramuru fez o legado à Companhia. Mas uma fonte ligada à Igreja, e portanto insuspeita, adiantou-nos que o documento é verdadeiro e que há má-vontade dos clérigos em despachá-lo.

O BRASIL EM JORNAL  
EDITORA REFORMA S/A  
R. México, 119, 12º and.  
grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807  
SEDE PRÓPRIA  
End. Teleg. REFORMA  
RIO DE JANEIRO

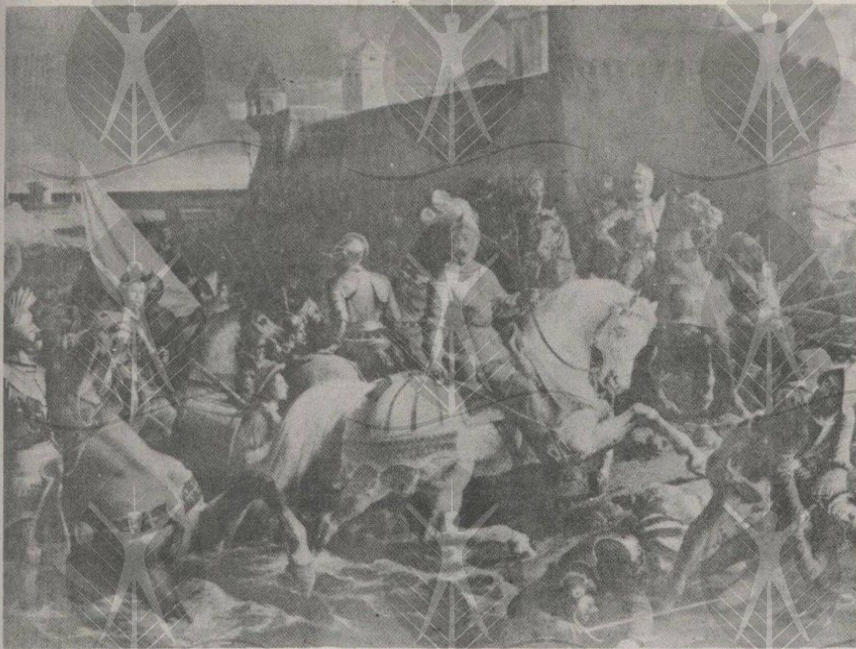
Secretários  
RUBEM AZEVEDO LIMA  
ZUENIR CARLOS VENTURA

Paginación  
WALDYR FIGUEIREDO

Ilustración  
ADAIL  
Revisão  
GABRIEL CHAVES DE MELO

SUCURSAL EM S. PAULO  
Pr. das Bandeiras, 40, 9º and.  
Tel.: 33-6647

ASSINATURAS (ANUAIS)  
24 Nos. SIMPLES... Cr\$ 240,00  
24 Nos. AÉREA... Cr\$ 300,00



# Depois de dois séculos França recupera Calais

Paris, 6, janeiro, 1558

O povo francês pôde, finalmente hoje, cantar, pular e se abraçar nas ruas: Calais, onde os ingleses estavam estabelecidos há dois séculos, caiu em poder da França.

A vitória deveu-se a um golpe de audácia de Francisco de Lorena, duque de Guise, que marchou sobre Calais, cercou-a e, depois de árdua batalha, conseguiu expulsar definitivamente os ingleses da França, salvando assim a Coroa gaulesa. Francisco de Lorena está sendo considerado pelo povo como um herói nacional.

Na gravura estampamos um flagrante do cerco, no momento exato em que, sob o comando do duque de Guise, as tropas francesas, transpondo as águas, entravam na cidade.

Portugal  
conquista  
cidade hindu:  
Damão

Goa, Índia, março, 1559

Após estrondosa vitória em Damão, regressou a esta cidade o vice-rei da Índia, D. Constantino de Bragança. Soldados portugueses que com ele regressaram foram recebidos sob aclamações, pela população civil.

A conquista de Damão é considerada aqui da mais alta importância estratégica. Recordar-se, aliás, que a cidade tinha sido entregue ao antecessor de Constantino, sr. Francisco Barreto, pacificamente, pelo rei da Cambaia.

Tempos depois, contudo, Cide Bofatá rebelou-se contra a cessão da cidade e retomou-a.

Barreto já entregara o governo e o próprio vice-rei se decidiu a reocupá-la.

Soldados que regressaram de Damão explicaram a O BRASIL EM JORNAL um gesto do vice-rei, após a vitória.

«Os indígenas abandonaram a cidade e D. Constantino mandou lançar pregão pelas aldeias vizinhas, oferecendo vantagens e regalias aos que quisessem habitá-la. Muitos voltaram, satisfeitos.»

D. Constantino é irmão do duque de Bragança e primeiro homem de sangue realmente ilustre no governo da Índia.

## VITÓRIA É VITÓRIA, POR CAUSA DA VITÓRIA

Vitória (ex-Vila Nova), 8, setembro, 1558

Hoje, uma vitória obtida sobre os índios motivou, além de festas públicas, a mudança do próprio nome da cidade.

Diogo de Moura, que escapou ao desastre de Cricaré, em 22 de maio último, quando os selvagens puseram as pequenas forças portuguesas em fuga, conseguiu retumbante êxito.

Cercado em Vila Nova, resistiu quanto pôde e acabou

decidindo-se pelo ataque. A surpresa da investida deve ter sido fator decisivo no resultado final da guerrilha que lhe moviam os índios.

Os selvagens foram batidos, os chefes se humilharam e Diogo de Moura mudou o nome de Vila Nova para **Vitória**.

## Príncipes casam-se aos 15 anos

Paris, 19, abril, 1558 (Do correspondente)

Os Valois unem-se hoje aos Stuart: Maria, da Escócia, e o delfim Francisco, filho dos reis da França e herdeiro da coroa, casaram-se hoje. São duas crianças que se consorciaram: ambas com quinze anos feitos.

Em 1543, com menos de um ano de idade, Maria foi prometida em casamento ao então príncipe Eduardo, filho de Henrique VIII. Os escoceses levantaram-se em protesto, pois tal casamento submetteria a Escócia católica à Inglaterra anglicana, o que não acontece agora, quando se unem, através das casas reais governantes, duas nações católicas: França e Escócia.



## MÚSICA

### ACOMPANHANTES

Os instrumentos acompanhantes do momento são a espineta, a lira de braço, a guitarra e, como sempre, o alaúde.

### ARIA

Estão se tornando muito populares composições instrumentais ou vocais chamadas de «árias». Elas contêm um certo número de frases encaçadas com regularidade e simetria, representando uma unidade de conceito e tonalidade.

As árias, que começam a se fazer notar nesta segunda metade do século, vão sendo lançadas na Europa pelos cantores acompanhados de alaúdes. Os que não gostam afirmam: — «Essa tal de ária não passa de exibicionismo dos poetas e dos que têm cordas vocais privilegiadas.»

### A MAIS VELHA

A harpa é, talvez, o mais antigo instrumento musical de que se tem notícia. Sabe-se, com certeza, que ela já era usada em sua forma rudimentar em Tebas no século XVIII antes de Cristo.

Hoje esse maravilhoso instrumento conta até com 25 cordas, mas ainda se encontram muitas que não possuem mais de 15.

### OS BAILES

Os bailes estão alcançando grande sucesso popular. Diz-se mesmo, na Inglaterra, que o motivo maior da sua «conversão» são as suas «festas e alegrias públicas». Os bailes já estão se tornando motivo obrigatório nos espetáculos teatrais europeus.

### ACADEMIAS

Sob o nome de Academia, têm surgido na Europa, principalmente na Itália, grupos seletos de eruditos e homens de letras que emprestam à música em suas reuniões, extraordinária importância.

«Academia» é termo originário dos Jardins de Academo, perto de Atenas, onde se reuniam os discípulos de Platão.

As modernas academias têm adotado nomes singulares, anotando-se entre as muitas italianas as Academias del Gelati, del Eccitati e del Immobile. Elas estão sempre a patrocinar concertos para os quais são convidadas as pessoas mais destacadas.

Em Veneza, neste ano de 1558, a já conceituada Academia da Fama, conta com o concurso de grandes nomes como Zarlino e Andrea Gabrieli.

### «BAIXA DANÇA»

A sociedade repele o que considera e chama «baixa dança». Trata-se dos ballados populares nos quais se verificam saltos em compassos ternários marcados em tambor. Até mesmo a atração popular por esse tipo de divertimento vai diminuindo à proporção que os anos passam.

### MÚSICA

O musicista Jean Mullaard terminou este ano (1558), em Paris, onde, aliás, produziu quase todas suas obras, três missas e um credo, composições muito apreciadas, como sempre acontece com respeito a Mullaard. Trata-se de um dos compositores mais fecundos da música francesa da atualidade.

## BATISMO RESSUSCITA CRIANÇA

Salvador, 5, julho, 1559

Um indiozinho dado como morto, nesta cidade, foi salvo pelo batismo, de ser sepultado — esta a sensacional revelação que hoje fez, a O BRASIL EM JORNAL, uma das testemunhas presenciais do acontecimento, o padre Pires.

«Os pais da criança, revelou-nos Pires, choravam em volta do «cadáver». Um parente resolveu chamar-nos para que o batizássemos e o enterrássemos cristamente. Pois bem: mal o batizamos, o me-

nino abriu os olhos e pôs-se a balbuciar algumas palavras ininteligíveis. Os presentes se espantaram muito com o que aconteceu, mas ficaram edificadas com a força do batismo». O índio está em perfeitas condições e até já voltou ao colégio em que estudava.

## “O TERRÍVEL” CONTINUA

Moscú, 1559

Ivan IV, o Terrível, continuando seu sonho de dominação, tomou Narva e iniciou uma guerra contra a Suécia pela posse da Livônia.

A guerra, que estourou o ano passado, tomou proporções de conflito europeu e nesse pouco tempo já se nota a incapacidade da Livônia, fragmentada e feudal, de resistir ao império russo.

## MORRE MATEMÁTICO

Annaberg (Alemanha), 1559 (Do correspondente)

A matemática alemã sofreu pesada perda com a morte, este ano, do sábio Adão Riese, ocorrida nesta cidade. Riese, que desapareceu aos 70 anos, era mais conhecido como calculador e suas numerosas obras foram muito difundidas em toda a Alemanha. Entre as obras de Riese destacamos «O Livro das contas», escrito em alemão.

## ESTÁCIO DE SÁ COMANDA GALÉ

Lisboa, dezembro, 1559

Estácio de Sá, um menino ainda, sobrinho do governador do Brasil, sr. Mem de Sá, foi nomeado, em novembro último, capitão da galé Concelção.

O posto não é lá muito cobiçado. O ordenado, sim: 2 mil réis por mês mais ajuda de custo de 500 réis.

# MORTO PAULO IV ELEITO PIO IV

# Casamento da Paz

A vida do Sumo Pontífice que desaparece aos 83 anos

Roma, 18, agosto, 1559

Exatamente às 21 horas de hoje, depois de recomendar com insistência a Igreja aos cardeais e pedir o acabamento da basílica de São Pedro, Paulo IV — 83 anos de vida e três de pontificado — fraco e sem querer alisar-se de seu último suspiro. Horas antes havia desmaiado de fraqueza.

Tão severo para ele como para os outros, Paulo IV observou sempre os jejuns que se impunha. Mesmo nos últimos dias de vida, recusou-se obstinadamente a romper a abstinência, para tomar os alimentos julgados indispensáveis pelos médicos. Seu sobrinho Alfonso Carafa insistiu, em vão.

Os últimos meses de Paulo IV foram todos ocupados com a reforma da Igreja. Empenhou-se principalmente para fazer observar a residência dos bispos e expulsar de Roma grande parte do excessivo número de prelados que existiam na cidade. E conseguiu, pois, em fevereiro de 1556, havia nada menos de 113 bispos e agora só os que servem na Santa Sé (cerca de 12) permanecem na cidade.

Para execução das medidas, no dia 6 de março, convocara todos os bispos presentes na cidade para um consistório secreto, durante o qual promulgou uma bula ordenando aos que não tinham função oficial em Roma deixar a cidade em um mês, sob pena de deposição.

Paulo IV trabalhou pela causa que escolheu até não ter mais forças. Se se pode reprovar os excessos de severidade, como no caso do cardeal Medici, que ele fez perseguir pela Inquisição e jogar na prisão, não se pode negar uma verdadeira paixão pelo bem da Igreja, que ele conduziu à restauração perfeita da disciplina eclesiástica.

Trento, 26, dezembro, 1559 (De Antônio Mellebone, enviado especial de O BRASIL EM JORNAL)

Após três meses de muita discussão e surpresa, os conclavistas reunidos nesta cidade, desde o dia 5 de setembro, elegeram na noite de hoje o substituto de Paulo IV. Graças a Carlo Carafa e à influência do embaixador de Florença, a escolha recaiu sobre Jean-Ange de Médici, segundo fontes oficiais, nesta eleição não houve nenhuma preocupação política, já que desde o tratado de Cateau-Cambresis a França renunciara às suas pretensões na Itália e Filipe II declarou que queria um papa digno. Logo após os trabalhos escrutiniais apareceram três grupos: o espanhol, disposto de 17 sufrágios; o grupo francês, com 16, e o grupo Carafa, composto dos cardeais nomeados por Paulo IV e contando com 13 votos. A este partido pertencia Alexandre Farnésio.

## A «CAPITULAÇÃO»

Um dos acontecimentos mais importantes do início do conclave foi a «capitulação», lida no dia 8 de setembro. Ela figura em primeiro plano a reforma da Igreja universal e da Cúria romana.

A duração excepcional da reunião foi devida, em parte, à atitude do embaixador Vargas e à lentidão, mais ou menos calculada de Filipe II em dar a palavra de ordem. Houve durante semanas escrutínios puramente formais, «escrutínios de honra», como foram chamados.

Finalmente nos dias 11 e 19 de novembro chegaram instruções que agitam o conclave. Filipe recomendava que impedissem a eleição de Hercule Gonzaga, um dos candidatos. Carafa aproveitou a ocasião para reclamar, em troca dos 17 sufrágios de que dispunha, o título ducal. Neste momento Carafa era solicitado pela Espanha e pela França. O povo lá fora impaciente já ameaçava a ordem e temia-se perturbações. Os escrutínios continuavam com surpresas de ambos os lados. Gonzaga e Carpi lutavam, mas um dia acidentado que Pacheco ganharia, pois obtivera 27 dos 30 votos de que necessitava para receber a tiara. Finalmente a luta se reduziu a dois nomes: Cesi e o vencedor Medici, que agora como Papa chama-se Pio IV.

## VIDA DE PAULO IV

Toda a vida de Giampietro foi posta ao serviço da Igreja. Nascido a 28 de junho de 1478, sua vocação foi sempre a vida eclesiástica e a Igreja seu maior entusiasmo.

Sacerdote em 1484, foi nomeado camareiro pontifício em 1492 e em 1503 era bispo de Chieti. Desempenhou uma legação na corte de Fernando, o Católico, em Nápoles (1506) e outra na corte de Henrique VIII da Inglaterra. Sua atividade diocesana foi extraordinária, tanto em Chieti como no arcebispado de Brindisi (1517-1520).

Desde 1516, pertencia ao Oratório do Amor Divino, criado em Roma sob sua direção e a de Gaetano Thiene. Em 1524, renunciou à sua dignidade episcopal para se dedicar à nova ordem, da qual foi o primeiro superior. O saque de Roma levou a Veneza os membros do Oratório. Nesta cidade, onde se havia introduzido o luteranismo, Carafa sentiu logo a gravidade do mal e dirigiu um amplo relatório a Clemente VI, expondo seu sistema para combater os progressos da heresia protestante. Figurava nele a reorganização do Santo Ofício à base do modelo da inquisição espanhola.

Nomeado cardeal por Paulo III no dia 25 de dezembro de 1536, Carafa foi o membro mais destacado do grupo intransigente da Cúria pontifícia. Tomou parte em várias comissões que prepararam a obra da Reforma Católica, interveio na instituição da Companhia de Jesus e foi o propagandista acérrimo da Inquisição romana, que logrou ver aprovada em 1542. Ele próprio dirigiu e foi membro destacado da congregação cardinalícia encarregada de seu governo.

Os que reclamavam a restauração do catolicismo, em todo seu rigor, estavam certos de que teria sentado ao trono de São Pedro um bom representante. Porque este homem alto e delgado, rápido de andar, todo nervos, ainda conservava o fogo da juventude.

Assim como na vida diária não se submetia a nenhuma regra e freqüentemente dormia de dia e estudava de noite (e ali do criado chamado N. Paulo IV em tudo se deixava levar pelo impulso do momento. Mas esses impulsos obedeciam a um ponto de vista formado durante toda a vida e convertido em segunda natureza. Na verdade, Giampietro parecia não conhecer outro dever, nem outra ocupação que o estabelecimento da velha fé em seu esplendor antigo.

## Matrimônio une França à Espanha



FILIPPE II  
3º casamento real  
Paris, 22, março, 1559 (Do enviado especial)

Uma menina de apenas 14 anos, Isabel de Valois, filha mais velha do rei de França, Henrique II, casou-se hoje, no oratório do palácio do Louvre, com o poderoso monarca (33 anos) de Espanha, Filipe II. Representou-o o rei Filipe na cerimônia seu amigo e conselheiro duque de Alba.

Cumpra-se, assim, uma das cláusulas do tratado de Cateau Cambresis, de que damos nota em separado nesta mesma edição. Este é o terceiro casamento do rei de Espanha, tendo sido suas duas esposas anteriores a princesa Maria Manuela de Portugal e Maria Tudor, de Inglaterra. O que mais se comenta nas altas rodas é que Isabel fora prometida ao infante don Carlos, filho do rei com quem agora se casa. As necessidades diplomáticas decidiram em contrário, e agora essa moçinha ornará sua cabeça com a mais importante coroa de nossos tempos.



ISABEL  
Nova companheira de Filipe

## POVO QUIS IMPEDIR SEPULTAMENTO DE JESUÍTA

Salvador, 25, dezembro, 1558

Morreu nesta cidade, após rápida enfermidade, o primeiro mestre de noviços no Brasil, o jesuíta João Gonçalves, e seu corpo só à força pôde ser sepultado: o povo não o queria

Paris, (Palácio real de Tournele), junho, 1559 (Do enviado especial)

Margarida de França, irmã do rei Henrique II, casou-se com Emmanuel Philibert, duque de Sabóia e famoso cabo-de-guerra de Filipe II. A cerimônia contou com a presença de toda a corte e foi realizada sob a inspiração do próprio rei Henrique, atendendo a imposições diplomáticas decorrentes do tratado de Cateau-Cambresis, celebrado este ano.

Além da cláusula que estipula o casamento, outra determina que seja devolvido o ducado de Sabóia (em poder dos franceses desde Francisco I) ao seu legítimo soberano. O noivo, Emmanuel Philibert de Sabóia, já se fez notar como um dos mais competentes generais da atualidade, tendo ficado registrada nos anais da história militar da Europa sua grande vitória em Saint

Quentin, contra os exércitos franceses do condestável Montmorency (10 de agosto de 1557) noticiada pelo O BRASIL EM JORNAL em número anterior.

## COMENTARIOS

O casamento não agradou a grande parte dos franceses, porque Margarida levava como dote o Piemonte e a Savóia.

«Nós perdemos duas belas províncias por causa de uma princesa de 36 anos apaixonada», diz o povo.

Os soldados franceses em serviço no Piemonte, furiosos de deixarem um país onde levavam vida cômoda, exprimiram seu descontentamento em linguagem mais viva e menos cerimoniosa. Os versos, as músicas, os ditos de crítica dos militares dariam para formar um livro que faria corar qualquer um, se fosse permitida a publicação.

permitir e, enquanto estêve êle exposto à visitação, na Sé, beijava-lhe os pés respeitosa-mente.

A morte de Gonçalves ocorreu na noite de 20 para 21. O padre Manuel da Nóbrega,

inconsolável, dizia que «tinha perdido um pai».

«Gonçalves me descausava e fazia dormir meu sono quieto, porque tomava todos os meus trabalhos sobre si: êle era meu exemplo.»

## EM SOCIEDADE

recia mesmo que se havia voltado aos tempos de Lourenço, o Magnífico, de inimitável pompa e brilho.

As altas rodas sociais de Roma, Paris e, agora, Florença estão em sobressalto: Cellini, o gênio do cinzel, vai escrever suas memórias e corre a notícia de que vai contar tudo o que sabe e o que viu, não só sobre sua própria vida como sobre as de muitas pessoas importantes... Será uma obra temerária, digna de Areliano, se Cellini, gênio transviado, contar mesmo toda a verdade.

O padre Luis Gonçalves Câmara foi afinal escolhido como preceptor do principzinho herdeiro, D. Sebastião de Portugal. A disputa em torno do cargo agitou Portugal. Ao que se informa, a escolha do jesuíta se deveu à intervenção da camareira-mor, D. Joana de Eca, sua tia.

Outro fato que motivou alguns atritos na corte foi o título que se deu à criadagem (nobre) do príncipe: «sumilheres de cortina». Alega-se que o nome é imitado da corte espanhola e o povo é positivamente contrário às influências estrangeiras em Portugal.

Um casamento secreto abalou Lisboa: o do duque de Bragança, D. Teodósio, com a sobrinha do duque de Aveiro. Teodósio enviuvou no ano passado e revelou à rainha D. Catarina sua intenção de tornar a casar-se. Catarina discordou e êle resolveu desobedecer. A uma hora da madrugada do dia 3 de setembro último, casou-se secretamente. Resultado: a rainha intimou o casal a se retirar da corte. O duque de Aveiro foi exilado para Palma e o pai da noiva, Luis de Lencastre, foi mandado para Tomar. Nos meios sociais comenta-se que a soberana está agindo sem tato. A união das duas famílias (Bragança e Aveiro) acabaria com a claudicante mais próxima de uma pela outra. A menos, esta a

opinião unânime, que a própria rainha esteja interessada na desunião da nobreza de Portugal.



Por êste magnífico portal, a estas horas, deve ter passado Diana de Foitiers numa disfarçada fuga, para escapar à desfora de Catarina de Médicis e outros inimigos de menor vulto...

Esse verdadeiro monumento que é fachada principal do Castelo de Anet que Henrique II mandou construir para sua grande favorita constituir-se, sem dívida, na porta do exílio a que fatalmente está condenada Diana para o resto de sua vida. O castelo foi construído por Philibert Delorme e é uma verdadeira obra-prima, digna do incomensurável prestígio da preferida do falecido rei.

Diana de Foitiers está agora com 60 anos e poderá — se Catarina, a rainha-mãe, não resolver levar muito longe sua vingança — viver o resto de seus dias nesse maravilhoso palácio, cuja fachada por si só dá uma idéia do que se encontra lá dentro. Assim, como num conto de fadas — se não houver pesadelo — Diana, a que conseguiu ser favorita em idade tão avançada, vai guardar por trás desses artísticos muros o segredo da sua imortal beleza...

# REI DE FRANÇA ENCONTRA MORTE EM HORA MARCADA

Paris, 30, junho, 1559 (Ur-gente)

«Estou morto!» — gritou o rei Henrique II caindo do cavalo nos braços dos escudeiros, depois de ser atingido no olho esquerdo pela lança do capitão Montgomery, durante o torneio comemorativo da paz de Cateau-Cambrésis e do casamento de sua irmã, a princesa Margarida.

Na tribuna de honra, a rainha e o delfim desmaiaram, enquanto o tumulto do povo impediu que se ouvisse o grito de Diana de Poitiers. O rei, coberto de sangue, foi conduzido para o palácio de Tournelles.

## A MORTE

Paris, 10, julho, 1559 — Não resistindo ao ferimento, Henrique II morreu às 13 horas de hoje, depois de 10 dias de lenta e terrível agonia. Houve, a princípio, esperança de que o rei pudesse salvar-se, mas no dia 4 a febre tomou conta dele e no dia 8 estava desenganado. Os dois grandes médicos, Paré e Vesálio (este último enviado às pressas por Filipe II), fizeram tudo para salvar-lhe a vida. Quatro prisioneiros foram sacrificados, para que em seus cadáveres fosse ensaiada a operação que seria tentada no crânio do rei. Depois de ferir cada um dos quatro cadáveres no mesmo local em que fora ferido o rei, Paré e os outros médicos chegaram à conclusão de que não adiantaria operá-lo.

## O TORNEIO

A liça para o torneio foi armada na rua mais larga de Paris — a Saint-Antoine —



## FRANCISCO NO TRONO

Reims, 18, setembro, 1559 (Do enviado especial) — A França tem novo rei — Francisco II, sagrado hoje nesta cidade, juntamente com sua mulher Maria Stuart. O delfim assume a responsabilidade da coroa por morte de seu pai, Henrique II.

Francisco II tem apenas 16 anos, pois nasceu em Fontainebleau a 19 de janeiro de 1543. Franzino, sempre doente e, principalmente, pouco inteligente, tudo indica que o novo monarca venha a ser influenciado por mentes mais poderosas, como os Guise (duques de Lorena), tios de sua mulher Maria Stuart.

A situação é de expectativa em toda a França, uma vez que, com a morte do rei Henrique, caem em desgraça duas personalidades marcantes pelo prestígio na corte: Montmorency e Diana de Poitiers, esta a grande favorita e ardente paixão do rei agora falecido.

em frente ao palácio de Tournelles. Eram 10 horas da manhã e o calor do dia 30 de junho estava sufocante. Henrique II já havia combatido com os duques de Sabóia e de Guise, e, apesar das insistentes súplicas da rainha, fez questão de se bater com o capitão de sua guarda escocesa, Gabriel Montgomery.

Neste momento, o marechal de Vieilleville dirigiu-se ao rei e o aconselhou a descansar, advertindo: «Eu juro por Deus, Sire, que há mais de três noites venho sonhando que acontecerá alguma desgraça hoje». Como resposta:



HENRIQUE II

Uma lança fechou-lhe os olhos

Henrique II ordenou a Vieilleville que o armasse embora isso fosse função do Grande Escudeiro Boissy.

«Sire, suspirou o marechal, jamais fiz uma coisa tão a contragosto como esta». O rei, impaciente, largou-o, sem ver que a correia que prendia a viseira não estava afivelada.

## O CHOQUE FATAL

Insensível às súplicas da rainha, surdo aos apelos de seus servidores, Henrique II sobe na sela do seu cavalo turco, chamado «Desgraça», presente do duque de Sabóia. Lança em riste, ele parte contra Montgomery. Sobre a barreira que os separa, aparecem os bustos cobertos de armas brilhantes e as faces envoltas em máscaras de aço. Trombetas e clarins soam e fanfarram ensurdecedoramente. Os combatentes se chocam, quebram as lanças, cambaleiam, se equilibram e chegam às extremidades da liça.

O rei apanha uma lança nova, mas Montgomery — não se sabe porque — continua com a sua quebrada. De novo os cavalos são lançados a galope. Os grandes penachos negros e brancos (côres de Diana) tremulam em cima do capacete real e sobre a cabeça do «Desgraça». Estranhamente as fanfarras emudecem. E é em meio a um silêncio extraordinário que o segundo choque se dá, e que a lança quebrada de Montgomery, levan-

tando a viseira de Henrique, penetra-lhe no olho esquerdo. Mesmo assim, ele continua só-

bre o cavalo até a extremidade da liça onde finalmente caiu sob o peso da armadura.

## O REI MORTO

O rei agora morto era o segundo filho de Francisco I e de Cláudia de Orleans e nasceu a 31 de março de 1519, em Saint-Germain-en-Laye. Foi a morte de seu irmão mais velho, o príncipe herdeiro (delfim) Francisco (1536), que lhe abriu o acesso do trono da França, que ocupou em abril de 1547.

Henrique era casado com Catarina de Médicis, filha de Lourenço II e sobrinha do Papa Clemente VII. O casamento celebrou-se em 28 de outubro de 1533. Séco no tratamento, era o rei falecido de espírito mediocre, deixando-se dominar, ainda mais que seu pai Francisco I, por seus interesses íntimos, sendo seus principais sentimentos a amizade pelo seu valido Montmorency e o grande amor, que manteve intacto por toda a vida, pela sua favorita Diana de Poitiers, sendo de todos sabido o papel secundário ocupado na corte pela rainha.

Alto, espadado, Henrique era amante de esportes violentos, inclinação que acabou por lhe custar a vida. De certa maneira, se bem lhe tenha faltado o brilho do seu pai, cuidou com interesse dos negócios do Estado, mantendo a luta diplomática contra seus tradicionais adversários, Carlos V e a Inglaterra.

Internamente, consolidou o poder absoluto de sua autoridade real. Instalou em 1552 os presidenciais. Financeiramente, não conseguiu estancar o «defleito».

Enquanto reinou, Henrique manteve posição firme contra Reforma. Ainda no dia 2 de

junho assinou em Ecouen um edito que «extermina a heresia na França», e um mês antes de morrer comparecia, acompanhado do cardeal de Lorena, de Montmorency e do duque de Guise, ao Parlamento para assistir aos debates e, provavelmente, ver a reação que provocou o edito.

Durante a sessão, Anne de Bourg, Dufour, Viole, de Porta, Fummée, todos etidos como suspeitos, denunciaram os abusos romanos, reclamaram um concílio livre, a abolição da pena de morte em matéria religiosa e um prazo de seis meses aos protestantes para se converterem. Resultado: Henrique mandou-os para a Bastilha.

## OS FILHOS DE HENRIQUE II

Henrique II e Catarina de Médicis, depois de nove anos de casamento estéril, tiveram dez filhos, dos quais a maioria ainda está viva. Eis a prole real:

Francisco — nascido em 1543, é o sucessor de seu pai.

Isabel — nascida no dia 2 de abril de 1545 e que é hoje esposa de Filipe II da Espanha.

Cláudia — nascida, como sua irmã, em Fontainebleau, no dia 12 de novembro de 1547.

Carlos Maximiliano — nascido a 27 de junho de 1550.

Eduardo-Alexandre — nascido a 20 de setembro de 1551.

Margarida — nascida no dia 14 de maio de 1553.

Francisco-Hércules — nascido no dia 18 de março de 1554.

Vitória e Joana — nascidas ambas no dia 24 de junho de 1556, em Fontainebleau, tendo morrido logo depois.

## CONSTERNAÇÃO GERAL

A morte de Henrique II provocou a consternação dos católicos de todo o mundo. Apesar da confusão do dia, conseguimos ouvir algumas pessoas sobre a morte do grande monarca.

O jesuíta Canisio disse a O BRASIL EM JORNAL: «Não se pode dizer quanto os católicos de Augsburg e da Baviera sentem a morte imprevisível do rei Henrique».

Um homem do povo dizia para outro, quando este repórter passava: «50 % dos súditos do reino são luteranos. Quando aparece um rei para queimar um número infinito destes inocentes, morre. Isto é muito triste».

Enquanto os Guise e os Bourbons altercavam nos corredores do palácio sobre a distribuição dos poderes, o futuro rei Francisco II, sensível e doentio menino de 15 anos e 5 meses, teve este desabafo

para o repórter de O BRASIL EM JORNAL: «Meu Deus, como posso viver, se meu pai está morto?!». Dizia isso aos gritos e batendo com a cabeça na parede.

O enviado de Veneza, Tiepolo, parece que ficou mais impressionado com a continuação do processo contra os heréticos do que com a morte do rei, pois nos disse:

«É uma coisa surpreendente que, queimando-se uma pessoa em cada semana, não se consegue extinguir o fogo da heresia; ao contrário, ele aumenta cada dia».

Um homem, sabendo o que queríamos, adiantou-se e nos disse, sem querer revelar o nome: «Esse desastre veio vingar suas prisões e torturas, pois as opiniões devem ser livres e não fundadas por um rei. Deus castigou-o pela mão daquele ministro que ajudou a fazer estas prisões».

## Os astros previram morte de Henrique!

Os que assistiram ao trágico torneio viram a máscara de pânico que envolvia o rosto da rainha desde que ela apareceu pela manhã na tribuna de honra. Sabia-se quanto Catarina temia este esporte de que tanto gostava seu real marido. Já em 1550 registrávamos sua apreensão (e de Diana) pela mania que o rei tinha pelas justas.

Tudo este temor da rainha começou em 1542, quando o seu astrólogo predileto, Lucas Gauric, disse que «o delfim chegaria certamente ao poder real, que seu advento ao trono seria marcado por um duelo sensacional e que um outro duelo poria fim a seu reinado, ao mesmo tempo que à sua vida».

Como a primeira parte da profecia realizou-se, com o duelo de Jarnac, disputado no princípio do reino, Catarina sentiu pavor ao ver os preparativos deste torneio. Principalmente porque se lembrava que Gauric acrescentara que se deveria: «evitar todo combate singular em campo fechado, sobretudo quando o rei estivesse com cerca de 41 anos, porque nessa época ele estaria ameaçado de um ferimento na cabeça que podia provocar rapidamente a cegueira ou a morte».

É bom frisar que Henrique II morre aos 41 anos e três meses.

## TAMBÉM NOSTRADAMUS

Mas não só Gauric previu a morte do rei com riqueza de detalhes. Também Nostradamus deixou um depoimento que pela precisão das previsões impressiona até aos mais céticos. Se não, vejamos: na 35ª estrofe do primeiro livro de suas «Centúrias», publicado em 1555, lê-se:

«O jovem leão o velho sobrepujará,  
Em campo bélico em singular duelo,  
Dentro do elmo de ouro seus olhos vazará,  
Dois lances, mais um e depois morrer morte cruéis».

E na estrofe 55ª do terceiro livro da mesma obra vemos:

«No ano em que um olho na França reinar  
A Corte ficará em lastimável tumulto:  
O Grande de Blois seu amigo matará,  
O reino pôsto em mal e dupla dúvida».

## OS GUISE NO PODER

Paris, dezembro, 1559

Os solenes funerais do rei ainda não haviam saído quando, pode-se dizer, os negócios da França passaram para as mãos dos Guise. As primeiras providências deste senhores foram o retorno do chanceler Olivier e a demissão do cardeal Bertrand da guarda dos selos, cargo que ocupou durante o reinado de Henrique II.

Por outro lado, o condestável Montmorency e a rainha Catarina foram afastados do governo. O primeiro sob o pretexto da guarda do corpo do rei extinto; a segunda porque está de luto.

Francisco do Guise, em seguida, retirou do condestável o cargo de «grand-maitre» que lhe dava o controle de todo o palácio real e as chaves de todos os gabinetes e salas do rei, bem como a disposição das guardas.

Este cargo Guise reservou para si mesmo.

Impôs-se também a Coligny a opção entre os dois governos que detinha: He-de-France e Picardia. Esta última, abandonada, foi entregue não a Condé, irmão de António de Bourbon, que a reclamava, mas a Brissac, num evidente jogo de aproximação.

Mas o fato que maior repercussão está tendo, pelas consequências que provocará, é a severa política de repressão dos Guise. O descontentamento é evidente e as reuniões e movimentos de revolta se multiplicam a cada dia.

Se ainda não estourou uma rebelião é porque o prudente Coligny preconiza primeiro a aproximação com os protestantes exasperados pela perseguição. Podemos garantir, também, que Calvino não está alheio a estes fatos.



## AGONIA DE UM REI

Depois de ferido, Henrique II foi conduzido para o seu quarto do palácio de Tournelles, onde, ao lado de altas personalidades da Corte, um repórter de O BRASIL EM JORNAL esteve presente nos 10 dias de agonia do rei.

O flagrante feito momentos antes da morte fixa o rei, com a cabeça entaxada, recostado no leito. Ao lado esquerdo da cama, o cardeal de Lorena tem a mão aberta sobre o peito; a rainha Catarina de Médicis, soluçando, com as mãos juntas, está rodeada por quatro filhos.

A direita os guardas do quarto, e em volta da mesa os médicos (entre eles Paré). Tomam as últimas e inúteis providências para tentar salvar o rei.

LIVROS  
E  
PUBLICAÇÕES

Dois livros sobre o Brasil, aparecidos no ano de 1557, estão fazendo sucesso de vendagem. São eles: «Viagens pelo Brasil», de Hans Staden, e «Singularidades da França Antártica», de André de Thevet. Ambos os autores conheceram bem o país, de modo que os leitores encontrarão muitos subsídios interessantes sobre os hábitos dos brasileiros.

A Corte e os melos intelectuais franceses reavivaram sua admiração pela rainha de Navarra, Margarida, com a publicação póstuma, este ano, de uma de suas mais importantes obras: «O Heptameron».

Margarida de Navarra, a mais completa figura feminina da renascença francesa e, quicá, de toda a Europa, morreu em 1549. O BRASIL EM JORNAL honrou-se em várias vezes se ocupar da ilustre dama, registrando o aparecimento de suas obras e fazendo-lhe o necrológio, cercado de elogios que realmente merecia.

O «Heptameron» deveria ter sido, conforme desejou Margarida, um novo «Decameron», obra magistral de Boccaccio. Mas não lhe foi possível terminá-lo dada a grande dor por que passou com a morte (1547) de seu irmão Francisco II, rei da França, a quem Margarida dedicava profunda e leal amizade.

Joachim Du Bellay, jovem (33 anos) poeta francês que aqui se encontra, publicou este ano duas importantes obras: «As antiguidades de Roma», que escreveu sob a forte impressão que lhe causaram as tradições históricas e os monumentos desta cidade, e «Jogos Rústicos».

É de um português, Jorge de Montemayor, a obra saída este ano (1559) em castelhano: «Diana», já considerada pela crítica como obra-prima da novela pastoril espanhola.

A obra consta de sete partes, em que se encontram verso e prosa, sendo os versos inferiores à prosa. Os versos curtos são considerados superiores aos de forma italiana.

O humanista e teólogo reformista Matias Flaccius é dos principais autores da «Centurias de Magdeburgo», publicada este ano (1559). Trata-se de obra importante pois constitui a história eclesiástica luterana, inestimável fonte de informações para os estudiosos dos fatos religiosos.

Foi lançada este ano (1559) a tradução para o francês de uma das mais importantes obras da literatura clássica: a «Vida dos homens ilustres», do filósofo grego Plutarco. O tradutor é um antigo protegido de Margarida de Navarra e se chama Jacques Amyot. Sua tradução situa-se como uma das mais destacadas realizações da literatura francesa neste século XVI.

O jurista francês Francisco Hotman, de vasta erudição e conceito, convertido ao protestantismo, publicou este ano (1559) mais uma obra de vulto: «Jurisconsultus». O antigo professor de direito já lançou muitas obras jurídicas, dentre as quais a sua «De statu primitivae Ecclesiae», em 1553.

O escritor calvinista polonês Nicolau Rej, um dos mais importantes da literatura do norte da Europa, acaba de publicar este ano (1558) obra de grande valor e de larga aceitação pela crítica. É a «Justa imagem da vida do homem honesto».

O poeta português António Ferreira, confirmando furo de O BRASIL EM JORNAL em seu número anterior, terminou este ano (1558), sua tragédia «Castro» (Inês de Castro) em que canta os amores do príncipe Pedro de Portugal com a plebéia Inês de Castro. Ferreira revela nessa obra seu empenho em adaptar o classicismo ao espírito e às tradições de sua terra, Portugal.

# Preces acabaram com a sêca

Salvador, 25, maio, 1559

Hoje, dia de Corpus-Christi, índios e colonos da capital do país saíram às ruas para pedir, com orações e ladainhas, um pouco de chuva na região.

Há vários meses não chove na Bahia e os gêneros alimentícios praticamente se esgotaram em todos os depósitos públicos. Nos arredores da cidade, os campos estão ressequidos. O gado, atingido pela sêca, sofreu grandes baixas.

A aflição do povo aumentou quando inúmeros sacerdotes caíram doentes misteriosamente.

As preces públicas deram resultado: à noite caiu um temporal sobre a cidade; índios e homens brancos, sob a chuva, festejaram-o que chamaram dádiva de Deus.

## JORNAL ECONÔMICO

### FLANDRES

Nosso informante de Flandres manda dizer-nos que, neste ano de 1559, o governo português conseguiu, ali, um levantamento de 900 mil cruzados, para satisfazer alguns credores mais exigentes.

A situação econômica de Portugal, como se vê, não é boa. Agora mesmo, acaba de conseguir da Santa Sé uma bula que lhe permitirá arrecadar, anualmente, 50 mil cruzados dos bens da Igreja.

### HAMBURGO

Um importante passo para maior desenvolvimento econômico de Hamburgo — um dos principais entrepostos comerciais de toda a Alemanha, por sua invejável situação geográfica, à margem direita do rio Elba — foi dado pelos negociantes e autoridades locais, com a fundação da

Bólsa de Mercadorias e Letras. Muito se espera do novo órgão regulador dos negócios da cidade.

### RENDAS BAIANAS

Rendas portuguesas na Bahia podem ser consideradas boas. Informou uma fonte abalizada que, além da criação miúda, com 120 mil réis, o pescado e a mandioca (130 mil réis) e o açúcar (150 cruzados), novos produtos não tardarão a contribuir para um superávit de todas as despesas.

### IMPORTAÇÃO DE ESCRAVOS

Lisboa, 29, março, 1559

Senhores de engenho no Brasil, mediante certidão do governador, poderão, doravante, importar até 120 escravos do Congo, pagando o terço dos direitos alfandegá-

rios, em vez de metade — esta a importante lei hoje assinada pela rainha regente, D. Catarina.

Após a assinatura real, a chancelaria providenciou, com a máxima rapidez, sua entrada em vigor. O autógrafo da lei foi encaminhado ao capitão da ilha de São Tomé, na África, bem como se fez comunicado ao atual governador do Brasil, sr. Mem de Sá.

Para os economistas, a facilidade da importação de escravos pelo Brasil dará grande impulso a sua agricultura incipiente.

### ABONO

Para uma classe que realmente produz, quer educando, quer trabalhando, o governador do Brasil assinou portaria concedendo o abono pessoal de 3 mil réis em dinheiro e 12 cruzados em ferramentas, anualmente. Os beneficiários da medida são os jesuítas.

## O SUPLÍCIO DE ANNE DU BOURG



Paris, 23, dezembro, 1559

Este dramático flagrante mostra aos leitores, em todos os comoventes detalhes, o suplício imposto ao conselheiro-clérigo do Parlamento, Anne du Bourg, um dos muitos protestantes sacrificados depois do Edito de Ecouen.

Anne foi conduzido à praça de Saint-Jean-en-Grève pela carrêta que se vê ao pé do patíbulo, ao lado do carrasco que retesa a corda. Ele mesmo fez questão de tirar a roupa e, em camisa, foi suspenso pelo pescoço.

Neste momento, a fogueira, que já está acesa sob o corpo de Anne, recebe um feixe de lenha trazido rapidamente por um homem.

O interesse do povo é um outro aspecto bem focalizado pela gravura; um popular que não encontrou lugar nem nas janelas superlotadas, nem no meio da compacta multidão, subiu em uma cruz e, abraçado a ela, se diverte com o espetáculo.

Anne du Bourg, cujas cinzas foram lançadas ao Sena, foi condenado porque, na assembléia das diversas Câmaras, depois de defender os protestantes, disse que seria odioso aplicar aos inocentes a pena que devia ser reservada aos adúlteros, dos quais a própria corte oferecia exemplo.

O falecido Henrique II estava presente à assembléia.

## ARTE



O estilo firme e preciso do magnífico pintor real François Clouet deu-nos mais uma bellissima obra — o retrato de Cristina da Dinamarca, duquesa de Lorena. A arte de Clouet, um dos artistas da atualidade que mais produzem, se aprimora nas miniaturas e desenhos.



Florença, 1558

João Bologna, artista flamengo radicado nesta cidade há quinze anos, já, portanto, considerado florentino por sua arte, foi designado adido como escultor junto à corte dos Médicis, por determinação do grão-duque Cosme I, que governa esta cidade.

É mais uma notável figura da arte contemporânea enriquecendo a poderosa corte dos Médicis, que já conta entre seus protegidos com Benvenuto Cellini.

### NACIONALISMO ARTÍSTICO

«Vossa Magestade, ante o prazer e o deleite que lhe proporcionam o entretenimento de tão excelentes artistas de vossa nação, não terá necessidade de recorrer aos estrangeiros». Estas são palavras da dedicatória feita pelo artista Jacques Du Cerceau em seu «Livro de Arquitetura», saído à luz este ano (1559). O livro é oferecido ao rei Henrique II.

Esta afirmação de Du Cerceau confirma o consenso geral de que a França, sob Henrique II, tem sido servida de grandes artistas, como, por exemplo, Philibert Delorme e Jean Goujon, que conseguiram libertar-se de seus modelos, criando obras originais, capazes de enfrentar sem medo as produções italianas de nossa época.

## BRASIL TEM NOVO BISPO

Salvador, 9, dezembro, 1559

Chegou, hoje, a esta cidade, o novo bispo do Brasil, D. Pedro Leitão.

Em companhia de D. Pedro, que veio substituir o bispo Sardinha, tragicamente morto pelos índios, como noticiamos, chegaram sete jesuítas.

A vinda da mais alta autoridade eclesiástica agradou a todos. Na Companhia de Jesus (Colégio) comentava-se que era mesmo disto que os homens brancos estavam precisando, a fim de não estorvarem o trabalho do governador Mem de Sá.

Após o desembarque dos religiosos, o bispo foi recebido em audiência pelas autoridades da cidade. Ao que se diz, S. Exa. Revma. empenhar-se-á na expulsão dos hereses franceses, ora no sul do país.

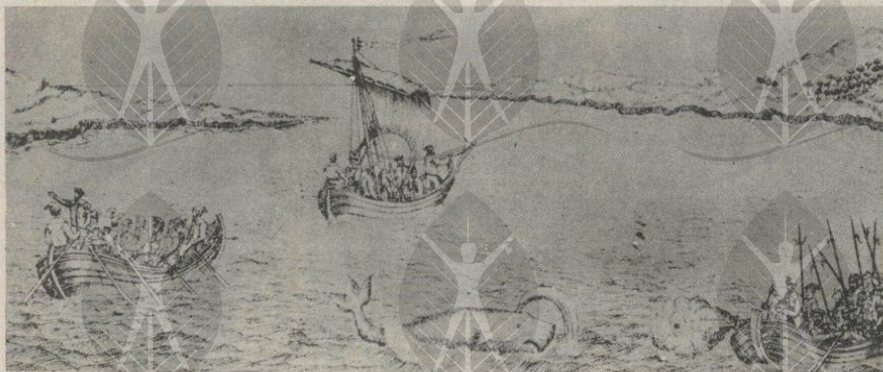
D. Pedro foi confirmado neste posto, por bula do papa Paulo IV, em março do ano passado.



# FRANCESES EXPULSOS DO RIO

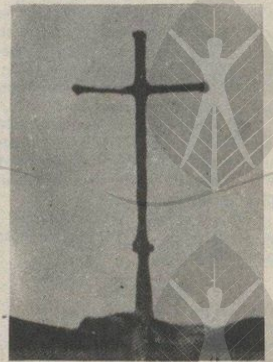
Nosso enviado especial junto à esquadra de Men de Sá, em sensacional e completa reportagem, dá conta dos acontecimentos sucedidos no Rio, quando brasileiros e portugueses expulsaram os ocupantes franceses.

Essa reportagem vai publicada na página 2 desta edição.



Patrulha — Barcos portugueses em patrulhamento próximo ao Rio.

## A PRIMEIRA CRUZ



Esta é a primeira cruz que apareceu no Brasil. Trata-se da cruz procesional que presidiu à primeira missa rezada em terras brasileiras.

## o Brasil em Jornal

1560/ N.º 20	"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"	Comum: Cr\$ 10,00 Aéreo: Cr\$ 12,00 Atasado: Cr\$ 15,00
Director: AMARAL NETTO	Assessores: GUSTAVO BARROSO JAYME COELHO	Redator-chefe: CLAUDIO SOARES

## ESPÍRITO DE SAGRES AINDA VIVE

Lisboa, 13, novembro, 1560  
(Do correspondente)

Em breve nota, embora, queremos aqui salientar a importância da data de hoje — 13 de novembro — em que Portugal e o mundo celebram o centenário da morte de um dos mais notáveis vultos da humanidade; o infante D. Henrique, tão justamente cognominado o Navegador.

Seu espantoso espírito de observação e seus vastos conhecimentos (para a época) da ciência náutica e da geografia, escassos então, permitiram-lhe realizar obra de importância impar na História. Foi principalmente sob seu co-

mando e larga visão que saíram da Escola de Sagres — escola que idealizou, criou e dirigiu — os indômitos aventureiros lusos, que cruzaram o Mar Tenebroso e o interior da África, descobrindo para Portugal novas terras e novas civilizações.

Quinto filho de D. João I, fundador da Casa de Aviz, e de d. Felipa de Lancaster, nasceu Henrique na cidade do Pôrto, em 24 de março de 1394. Foi cuidadosamente educado. Participou arduosamente da tomada da cidadela árabe de Ceuta (norte da África) e, pela sua coragem, foi armado cavaleiro e depois feito duque de Coimbra e senhor de Covilhã.

É com Bartolomeu Perestrelo (que mais tarde seria sogro de Colombo) que se inicia — descoberta da ilha de Pôrto Santo — a série de descobrimentos portugueses que culminariam com a chegada, em 1498, de Gama à Índia — fecho de ouro da maravilhosa aventura sonhada pelo grande Infante.

Henrique faleceu em Sagres, no dia 13 de novembro de 1460. Tinha, portanto, 66 anos. No ano seguinte seu corpo foi trasladado para o mosteiro da Bataiha, por determinação de seu sobrinho e herdeiro, o infante D. Fernando. O mestre de Sagres lá repousa, agora, tranquilo de haver cumprido a missão a que se propusera: alargar os horizontes do mundo de seu tempo.



D. HENRIQUE  
Aumentou o mundo

## Vício de índios chega à França

Paris, 1560 (Do correspondente)

Uma novidade se apresenta agora aos franceses: chegaram à França três pés da conhecida planta chamada em Portugal de petum, que é nada mais nada menos que o fumo, tão censurado e tão apreciado vício, tomado de nossos amigos, os índios americanos.

O autor da façanha da introdução do tabaco na França — façanha que reputamos temerária, pois até ameaça de excomunhão já pesou sobre fumantes — é o jovem diplomata João Nicot, embaixador de Sua Majestade Francisco II em Portugal. Correndo o risco de uma censura, Nicot enviou da capital portuguesa os três pés de petum, destinados à rainha Catarina de Médicis e ao cardeal de Lorena.

Dependerá dessas duas altas personalidades da Corte o destino do original presente do móço diplomata: esquecimento ou difusão da terrível e tentadora planta. Esperemos...

## INFECCÃO NO OUVIDO MATA REI FRANCISCO



A França acaba de perder outro rei. Francisco II não sobreviveu muito tempo a seu pai. Sobre a morte do jovem soberano, publicamos reportagem na página 5.

Na gravura o rei morto.

## Armas e dinheiro para São Paulo

São Paulo de Piratininga, 20, maio, 1561

Armas para esta cidade se defender e verbas para fortificá-la, eis o que pediram hoje, à rainha de Portugal, d. Catarina, os vereadores da Câmara de São Paulo e os moradores na cidade.

Numa carta acabada de assinar por dois membros da Câmara, São Paulo conta os incidentes que culminaram com uma campanha contra os índios inimigos dos colonos.

Os combatentes foram reunidos às pressas, muitos brancos se recusaram a combater os atacantes e os próprios voluntários índios viram-se do que chamaram a covardia dos brancos.

Os sítiantes de São Paulo foram completamente batidos e os paulistas perderam apenas dois soldados.

Jorge Moreira e João Alves, os vereadores paulistas, fazem, além do relato da breve campanha, um apelo «sul generis»: mandem degredados para São Paulo, mas que não sejam ladrões. Nessas condições, dizem os apellantes, a cidade se povoará pelo casamento dos novos brancos com as mestiças que aqui existem.

# FRANCESES EXPULSOS DO RIO

Rio de Janeiro, 17, março, 1560 (Do enviado especial)

«Da parte de Deus, de vosso rei e do meu, peço-vos que largueis a terra alheia onde estais e vos ídes em paz, sem experimentar os danos que sucederão da guerra». Com este ultimato, o governador do Brasil, sr. Men de Sá, fez um último esforço para recuperar sem combate o forte que os franceses, comandados por Bois-le-Comte, ocupavam na ilha de Colligny.

A resposta do comandante francês, todavia, desesperançou Men de Sá: Bois-le-Comte, dizendo que cumpria ordens de seu tio Villegagnon, assegurou-lhe que defenderia a fortaleza mesmo com o sacrifício de sua vida e da de seus companheiros.

Em seguida, para marcar sua determinação, ordenou que os artilheiros do forte despejassem uma carga de fogo sobre os sitiados.

## SURPRESA

Anteontem, baldados os esforços pacificadores de Men de Sá, ficou decidido o ataque em massa à fortaleza. Estávamos aqui desde o dia 21 de fevereiro e o governador aguardou, antes do assalto decisivo, a vinda de reforços que pedira a S. Vicente.

Sob o fogo da artilharia e dos arcabuzeiros franceses, nossos soldados desembarcaram na ilha ocupada, onde, sob a proteção do fogo das naus, aguardaram a chegada dos canhões que bombardeariam o forte.

Ontem, sábado, um grupo de que faziam parte, entre outros, o mestiço Manuel Coutinho e Afonso Martins Diabo, penetraram na fortaleza Colligny e ocupou os paióis de pólvora do inimigo.

Esta foi a primeira vitória, mas, ainda assim, estávamos longe de contar com o que aconteceu durante esta madrugada. Os franceses, sem água e sem pólvora, abandonaram suas posições, desaparecendo como por encanto no litoral fronteiro à ilha.

## MISSA SOLENE E DESTRUÍÇÃO

Hoje, domingo, tomamos posse solene do forte abandonado. Enquanto as autoridades o percorriam, Men de Sá fez um balanço das baixas dos adversários: 114 prisioneiros, além de grande número de escravos e de mortos.

Mais de mil índios, bons espingardeiros, lutaram ombro a ombro com os franceses. O número de fugitivos é calculado em 80.

Após o exame do forte e

como não tivéssemos gente para ocupá-lo, Men de Sá decidiu arrasá-lo. A artilharia abandonada pelos franceses, toda ela de boa qualidade, foi recolhida aos nossos navios.

Em seguida, a soldadesca silenciosa acompanhou a missa de ação de graças pela vitória. O próprio Men de Sá, com os joelhos no chão que acabara de reconquistar para seu país, fez suas preces misturado aos soldados.

## FRANCÊS DIZ QUE AJUDOU

Luis da Costa, meirinho de Men de Sá, relatou a este enviado um estranho encontro em Ilhéus. Entre os colonos daquela região, a esquadra portuguesa descobriu um francês, que veio ao Brasil para juntar-se a Villegagnon. Trata-se de Jean de Cointa, mais conhecido como João de Bolés.

Cointa, que agora está conosco no Rio, disse a Luis da Costa que aqui esteve, pela primeira vez, em março de 1557. Logo que chegou, Villegagnon fê-lo confessar publicamente sua fé, antes de comungar. Abjurou o papismo e casou-se, em maio do mesmo ano, com uma jovem, parenta de um Laroquete de Ruão, que com ele viajara para o Brasil.

Durante sua estada com Villegagnon, o senhor de Bolés,

que se intitula doutor pela Sorbonne, promoveu várias discussões sobre a doutrina calvinista. Com isso, acabou incompatibilizando-se com Villegagnon e os próprios companheiros.

Em Ilhéus, Bolés informou a Men de Sá das dissensões que lavravam entre os antigos companheiros e adiantou, ainda, que Villegagnon deixara o Rio, rumo à França.

Agora, segundo ainda Luis da Costa, Bolés está dizendo aos quatro ventos que foi sua adesão aos portugueses que encurtou a guerra. Pretende ele que sua delação sobre certas particularidades do forte tenha sido fator decisivo na vitória final.

## ESTÁCIO PARA PORTUGAL

A fim de levar a notícia da estrondosa vitória que as tropas portuguesas acabaram de obter, parte para Portugal o sobrinho do governador, o jovem Estácio de Sá.

Men de Sá, já sem mais o que fazer aqui, resolveu prolongar sua viagem até São Vicente, onde, consta, os índios estão em pé de guerra.

Sebastião Alvares, que testemunhou, a nosso lado, o desenrolar da batalha pela posse da ilha, contou-nos que a chegada das naus portuguesas, defronte da Guanabara, deveria ocorrer em segredo. Mas houve um erro de cálculo, e os navios, que penetrariam a enseada de madrugada, foram ressentidos de manhãzinha quando passavam a barra.

Manuel da Nóbrega, jesuíta já bastante conhecido de nossos leitores, lamentou que se não pudesse colonizar a região do Rio de Janeiro, por falta de gente.

## EM S. VICENTE

São Vicente, abril, 1560 (Do enviado especial)

Recebidos com as maiores manifestações de entusiasmo, os vencedores dos franceses aqui chegaram, com nova missão de guerra.

Após o regozijo da população, Men de Sá foi informado da gravidade da situação: os índios inimigos ameaçam a cidade e o governador decidiu agir como na Bahia, destruindo os inimigos a ferro e fogo. Assim, já uma poderosa expedição está sendo armada com esta finalidade. O jesuíta José Anchieta será seu guia.

Também a pedido dos moradores, resolveu o governador transferir a vila de Piratininga para junto das casas de Jesuítas em São Paulo. Outra medida assentada por Men de Sá é o envio, breve, de uma expedição em busca de ouro, pelo sertão. Seus comandantes seriam Brás Cubas e Luis Martins, um especialista em mineração, recém-chegado de Portugal.

Com o Rio de Janeiro recuperado, Piratininga mudada para perto de São Paulo e os

índios próximos de serem subjugados, Men de Sá considera finda sua missão no sul do país.

Os navios que combateram os franceses foram totalmente postos em condições de navegar e o governador decidiu seu rápido regresso a Salvador. O padre Nóbrega ficará em São Vicente. Sua saúde não é boa e ele considera o clima sulino mais propício.

Em conversa com este enviado, Nóbrega despediu-se de seus amigos na Bahia e recomendou que informássemos a Portugal que ele aqui ficaria para o que a Companhia de Jesus decidisse. Numa última palavra, disse-nos ainda quanto considerava importante a vitória obtida no Rio:

«Após a conquista, corri a fortaleza e nela só encontrei livros heréticos. Isto dispensa comentários.»



IVAN IV

## DOIS GRANDES EXILADOS DA RÚSSIA

Moscou, dezembro, 1560

Punindo com exílio dois dos seus mais antigos e fiéis auxiliares — o capelão da Côte, Silvestre, e o encarregado de receber as queixas do povo, Alexis Adachef — Ivan IV, o Terrível, deu agora a maior demonstração de força, como «azar de todas as Rússias».

Rumores na Côte dão como causa da punição as suspeitas de que os dois auxiliares teriam assassinado a esposa do czar, falecida este ano. Sabe-se com segurança que um outro motivo, muito anterior, também contribuiu para a atitude de Ivan: o fato de Silvestre e Adachef terem escolhido, contrariando a vontade do soberano, o sobrinho e não o filho do czar, para seu sucessor, quando Ivan IV esteve à morte.

Silvestre foi exilado e Adachef nomeado governador de Dorpat, o que também significa exílio, por se tratar de um lugar longínquo e de acesso difícil.

## Com quase 100 anos, morre rei dos mares

Gênova, 25, novembro, 1560

Com 94 anos e uma considerável bagagem de feitos mili-

tares, morreu hoje o «Libertador e Pai da Pátria», como era chamado Andrea Dória, um

dos maiores almirantes do nosso século.

Apesar da idade, Andrea foi quem, ainda este ano, preparou a expedição que devia atacar a ilha de Gelves, tendo, também, anos antes (1553-55), salvado a Córsega das ambições francesas.

Filho de uma das mais ilustres famílias italianas, Andrea teve o seu nome ligado às empresas de Carlos V nas lutas contra a França e os turcos, e ao sistema de equilíbrio político que estabeleceu na Itália.

As suas primeiras façanhas, tanto em terra como no mar, tornaram-no um dos mais destacados cabos de guerra, valendo-lhe a admiração de Gonçalo de Córdova, que se empenhou para alistá-lo no serviço da Espanha.

A sua admirável vitória de Pianosa (1519) sobre os turcos levou ao mais alto grau a sua reputação, tendo Francisco I lhe dado o comando de sua armada (1524). As tropas do imperador da Alemanha foram derrotadas por toda a parte, Gênova tomada e os franceses alcançaram o domínio sobre o Mediterrâneo. Mas em 1528, Dória, descontente, passou ao serviço de Carlos V, a quem desde então serviu, recebendo em paga as maiores honrarias. Senhor onipotente de Gênova, onde organizou o regime aristocrático, vencedor por toda parte dos franceses e dos turcos, Andrea Dória é considerado o verdadeiro rei do mar.



ANDREA DÓRIA

94 anos: Grande em terra e na água

# Dinheiro e trigo compraram Pôrto Seguro

Pôrto Seguro, dezembro, 1560

Por um padrão de juro de 12 mil e 500 réis e mais dois moinhos de trigo, a capitania de Pôrto Seguro passou a novo dono.

A sucessora de Pero do Campo, d. Leonor do Campo, vendeu-a ao duque de Aveiro, recebendo no ato da venda a quantia de 600 mil réis. Em consequência da passagem a novo proprietário, o provedor Filipe de Guillen foi substituído pelo escudeiro João Gonçalves Frade, elemento de confiança do duque.

## CONFUSÃO RELIGIOSA

Fontainebleau, agosto, 1560

«Para deliberação sobre os remédios julgados necessários contra a confusão religiosa», os Guise, sentindo a necessidade de apelar para a opinião pública, convocaram uma assembleia de governadores de províncias e cavaleiros de Saint-Michel, que foi aberta no dia 21 deste mês, nesta cidade.

Coligny apresentou requerimento em nome dos protestantes, pedindo para construir templos e exercer livremente sua religião. Francisco de Guise, em resposta, disse que a proposição não conseguiria assinaturas, mas Coligny garantiu arrancar 10 mil. Neste caso, replicou Guise, conseguiremos 100 mil assinaturas em sentido contrário.

Enquanto se realizava esta assembleia, começou uma guerra de panfletos, o primeiro dos quais chama-se «Carta ao Tigre da França». O cardeal de Lorena, não conseguindo descobrir o autor, mandou matar o impressor e o livreiro.

## MORREU MELANCHTON

Wittemberg, 20, abril, 1560

Felipe Schwarzzerd, que por um costume que se vem vulgarizando bastante entre os humanistas alemães, adotou a tradução grega de seu sobrenome («terra negra») para pseudônimo, transformando-o em Melanchton, faleceu ontem nesta cidade.

Foi ele, sem dúvida alguma, um dos maiores teóricos da Reforma e a marca de sua inteligência está na obra que deixou, embora alguns literaristas vezes extremados o acusem de ter transgido e tentado conciliações. Suas principais obras são: «Locum communes theologici» (Lugares comuns teológicos), e a famosa «Confissão de Augsburg», («Confessio augustana»).

Seu espírito foi sempre marcado por um grande conservadorismo, acerca do qual se contam fatos pitorescos. Um deles é que Melanchton, aristotélico intransigente, convidado diversas vezes por partidários de Copérnico para examinar o céu através de modernos telescópios, negou-se a fazê-lo, para não se ver na contingência de ter de negar qualquer parte das teorias de Aristóteles sobre astronomia, ele que sempre declarou que as de Copérnico são impias, contrárias à Escritura e que deveriam mesmo ser proibidas por todos os magistrados...

Se, na parte moral, teve sua vida comprometida pela vergonhosa concessão que, com Lutero, fez para autorizar a bigamia de Felipe de Hesse, na parte humanista é, incontestavelmente, figura de grande destaque, principalmente pelo seu trabalho de reestruturação da Universidade desta cidade, o que lhe valeu o título de «Preceptor da Alemanha».

Ao que se fala, muitos moradores, descontentes com a situação de abandono em que está a capitania, pretendem mudar-se para lugares mais prósperos.

Por outro lado, um novo perigo ameaça Pôrto Seguro: índios conhecidos como «aimorés», que não sabem nadar, mas são grandes corredores, perseguem os colonos por simples gula.

Conta-se que entre brancos e escravos negros preferem os negros, a quem chamam «macacos do chão».

## ARTE

### MORTO BANDINELLI

Florença, 1560 (Do correspondente)

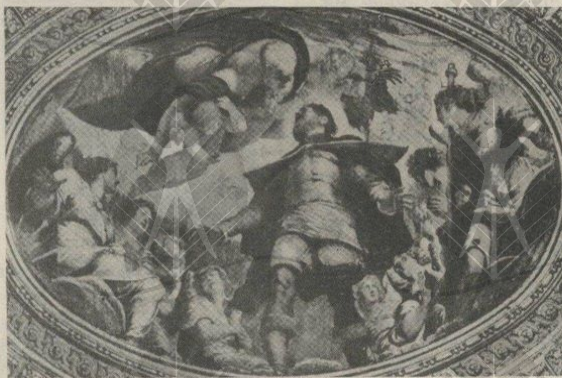
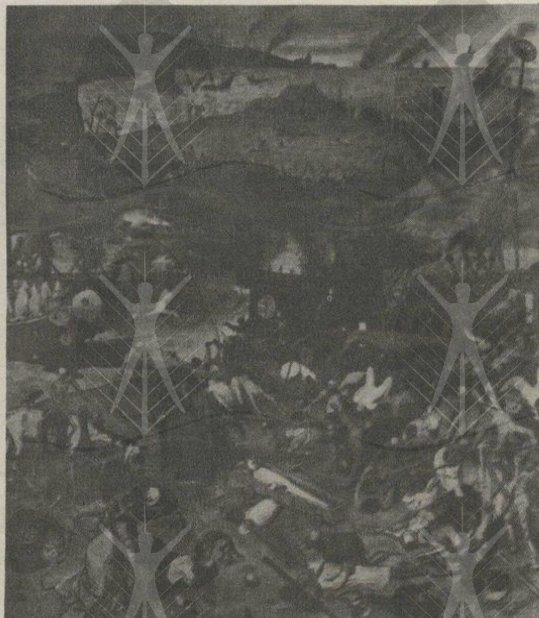
A escultura italiana está de luto, com a morte, este ano, de uma das suas maiores figuras: Baccio Bandinelli.

O artista desaparece aos 67 anos. Era natural desta cidade de Florença, onde morreu. Sua obra é vasta e importante e Bandinelli é justamente considerado pela crítica como um dos maiores valores da escultura contemporânea. Maior querido de muitos, pelo seu comportamento altaneiro e orgulhoso, Bandinelli produziu inúmeras obras, dentre elas se destacando o busto em mármore de Cosme I e uma Vênus, de bronze. Trabalhou durante certo tempo para o papa Leão X, grande protetor das artes. É igualmente famoso o seu «São Pedro», na catedral desta cidade. As obras de Bandinelli destacam-se pela amplitude de seu estilo, bem como pela força de expressão que imprimiu em tudo que fez.

### «TRIUNFO DA MORTE»

Flandres, 1560 (Do correspondente)

Jan Brueghel, já renomado como pintor, deu-nos este ano mais um quadro importante: «Triunfo da Morte» que reproduzimos para nossos leitores. As obras do grande artista flamengo representam, realmente, a luta do espírito gótico contra a sedução do italianismo, moda de nossos dias. Mas, ao julgamento da crítica, Brueghel já demonstra capacidade para conciliar, em sua arte, essas duas tendências.



### A GLORIFICAÇÃO

Veneza, 1560 (Do correspondente)

Jacó Robusti, o grande Tintoretto, apresentou este ano uma de suas obras-primas: a «Glorificação de São Roque», pintada num oval, no teto da capela da confraria de São Roque, nesta cidade.

Segundo conseguiu apurar nossa reportagem, Tintoretto lançou mão de inteligente recurso para obter a encomenda, tendo sido escolhido entre os diversos pintores que concorreram à execução da obra. Secretamente, procurou as medidas exatas do oval e, enquanto os outros pintores faziam desenhos preliminares para a obra, Tintoretto, com grande rapidez, fez a pintura e a colocou no espaço a ela reservado pelos confrades de São Roque. No dia da apresentação, o grande pintor (no momento em que os demais concorrentes apresentavam seus desenhos) descerrou o pano que encobria a «Glorificação», apresentando-a já pronta aos religiosos espantados.

Ao alto, reprodução da maravilhosa «Glorificação de São Roque».



### «BODAS DE CANÁ»

Veneza, 1561 (Do correspondente)

Outra vez o extraordinário Tintoretto enriquece a arte italiana com soberba realização, que só seu gênio incomparável pode criar. Noticiamos já sua «Glorificação de São Roque», terminada no ano passado. Este ano (1561), apresenta ao julgamento da crítica mais uma obra-prima: «As Bodas de Caná», que submetemos ao bom-gosto de nossos leitores, através do detalhe que reproduzimos.

JESUÍTAS:  
Ensinam português aprendem tupi

Segundo o padre Rui Pereira, os cursos dos colégios jesuítas no Brasil têm grande aceitação, por parte do povo.

Por um lado, os sacerdotes ensinam aos indiozinhos o idioma português, mas, após as aulas, eles mesmos aprendem o idioma tupi.

A estas lições, os estudantes dão o nome de «aulas de grego». A finalidade do aprendizado do tupi é aplicá-lo na catequese dos selvagens.

## RENUNCIOU CAPITÃO DO ESPÍRITO SANTO

Espírito Santo, 1560

Colonos desta cidade, com suas mulheres e filhos, dirigiram ao governador do Brasil, sr. Men de Sá, veemente apelo no sentido de que ele cuide da capitania.

Men de Sá, que já por aqui passara, quando a caminho do Sul, estava a par da situação. O donatário Vasco Fernandes Coutinho apresentara-lhe mesmo um pedido de renúncia.

Segundo o próprio governador nos declarou, os três filhos de Vasco, todos eles imberbes, tinham o posto de capitães. Men de Sá é de opinião que o poder deve ser entregue a gente capaz e honesta. O apelo do povo foi imediatamente aceito. Os colonos elegeram Belchior de Azevedo para o comando da capitania e o governador limitou-se a homologar a escolha.

### MORRE CAPITÃO

Espírito Santo, novembro, 1561 (Urgente)

Faleceu nesta cidade o antigo capitão Vasco Fernandes Coutinho. Valente capitão na Índia, Vasco falhou no Brasil. Aplicou quase todos os seus recursos na colonização, viu-se envolvido em inúmeras intrigas e morreu pobre.

## PROCURADORES PARA ÍNDIOS

Lisboa, 11, maio, 1560 (Do correspondente)

A fim de proteger os índios que foram libertados e sob o influxo da Mesa de Consciência da Corte, o governo português promulgou, hoje, o novo regimento dos mamosteiros (procuradores) dos cativos.

A lei agora posta em vigor visa a assegurar que os índios livres não sejam escravizados pela astúcia dos colonos e fixa a atribuição dos procuradores, que foram nomeados para diferentes capitanias.

# Teimosia de môsca

Está correndo por todo o Brasil a alvissareira nova de haver o ínclito Governador-Geral Men de Sá expulso os franceses do Rio de Janeiro, depois de tomar e arrasar as suas fortificações nas ilhas daquela magnífica baía. Terminada a ação militar, regressou o vencedor à cidade do Salvador e, ali chegando, depois de visitar S. Vicente e o Espírito Santo, escreveu a El-Rei, dando-lhe parte dos sucessos e insistindo na necessidade de se colonizar as paragens da Guanabara e de Niterói, fundando em tão excelente pórtio uma cidade que definisse de vez e defendesse os direitos de posse da coroa portuguesa. Chamou-lhe mesmo cidade salvadora, como salvadora da unidade brasileira fôra a do Salvador, estabelecida por Tomé de Sousa.

A alegria causada pela notícia da vitória impede, de certo modo, o saber-se que a maioria dos franceses expulsos de Sergipe se refugiou do lado de Niterói, no seio das tribos de seus fiéis aliados, os tamoiós. Não queremos representar o papel de Cassandra a fazer tristes vaticínios; mas, conhecedores desse fato, que a carta do Governador-Geral victorioso revela de certo modo ao soberano, insistindo na fundação duma cidade no local, podemos asseverar que os franceses, passado o perigo e ausentes os portugueses, voltarão a se fortificar onde anteriormente se encontravam, obrigando o govêrno a nova e mais custosa expedição para os desalojar.

Dizemos isto sem receio de errar, porque desde os primeiros anos após o descobrimento da terra de Santa Cruz, ao longo do seu litoral, entrelopas, corsários e filibusteiros franceses têm revelado uma teimosia de môsca. No Maranhão, na Paraíba, no Rio Real, no Cabo Frio, freqüentam os ancoradouros constantemente, fazendo-se amar do indígena, a quem lisonjeiam em todos os sentidos e que os chamam mãres, contrabandeadando o pau-brasil, a canafístula, o âmbar, pagaios e bugios, com pertinácia de assombrar. De nada valeram, para escorraçá-los, a guarda-costa de Cristovam Jacques ou a expedição punitiva de Pero Lopes de Sousa. Continuaram insistindo. Continuarão, estamos certos, enquanto não receberem uma lição exemplar.

Não a pôde dar o Governador-Geral, por não dispor de efetivos que permitissem perseguir os fugitivos e estabelecer uma guarnição em ponto estratégico da Guanabara. Foi pena, pois terá de voltar, de refazer a mesma campanha, a fim de salvar as paragens da grande baía do Rio de Janeiro para a coroa de Portugal. A teimosia da ambição francesa será difícil de desarmar. Todavia não cremos que leve a melhor nas lutas que se terão ainda de travar pela posse daqueles tratos da terra brasileira por eles visitados de longa data. Obedecendo à força de coesão da gente lusa, tantas vêzes afirmada na história em face de castelhanos, leoneses e árabes, as populações do Brasil saberão conjugar esforços no momento oportuno para expulsar de vez quaisquer intrusos.

## "LA GROTTÉ" FICOU PRONTO

Paris, 1560 — «La Grotte», o imenso castelo construído em Meudon, por Philibert de l'Orme, sem favor um dos maiores arquitetos da França contemporânea, ficou pronto este ano. A construção, iniciada em 1552, contou, na parte decorativa, com o concurso

de grandes artistas do país: Primaticcio, Bernard Palissy, etc., e destina-se especialmente ao cardeal de Lorena.

Philibert de l'Orme é o homem que ergueu para Diana de Poitiers, em 1548, o fabuloso castelo d'Amet, edifício de três cor-

pos distintos, como o Louvre, de Pierre Lescot. Desde 3 de abril desse mesmo ano de 1548, de l'Orme é o inspetor das construções reais, e há dois anos dirige a construção do monumento a Francisco I, na basílica de Saint-Denis.

## A MODA COMO ELA É



### "PLÉIADE" DESFALCADA



Du Bellay

Paris, 1º, julho, 1560 (Do correspondente)

O introdutor do soneto na França e um dos maiores poetas contemporâneos — Joaquim Du Bellay — morreu hoje nesta capital, mção ainda, com apenas 35 anos de idade.

Du Bellay era grande amigo de Pierre Ronsard desde os 23 anos, fazendo ambos parte da hoje já famosa «Pléiade», que agrupava sete poetas, dos maiores da literatura francesa. O caráter principal da «Pléiade» é sua tendência aristocrática, rompendo com a poesia popular e recriando a poesia francesa, com a imitação dos clássicos greco-latinos e dos italianos, tão importantes e apreciados atualmente.

É do notável poeta agora falecido o manifesto-programa da «Pléiade», obra que o consagrou nos meios literários: a sua «Defesa e Ilustração da Língua Francesa», que publicou em 1549 (época em que conheceu Ronsard), na qual ataca os humanistas que insistem em escrever em latim, estabelece a necessidade de se escrever em francês e condena os poetas preguiçosos que desdenham o trabalho.

A obra poética de Du Bellay tem sua expressão máxima no seu conjunto de sonetos que denominou «Regrets», gênero em que foi mestre incontestável.

Vamos, neste número, deixar de lado os cavalheiros e as damas, de cuja maneira de vestir tanto nos temos ocupado, para cuidarmos do mais nobre dos animais e principal companheiro do homem, na paz e na guerra: o cavalo. Reproduzimos para nossos leitores a famosa «housse», como a chamam na França, espécie de manta que cobre todo o corpo do cavalo, dando-lhe aspecto imponente e festivo. A moda de revestir os animais de montaria com a «housse» é bem antiga e já vinha sendo adotada na época medieval. Ao que se pôde apurar, é originária da Arábia, terra de famosos e habilíssimos cavaleiros, para quem o cavalo constituía, e ainda constitui, seu mais valioso bem.

Também na Índia, na Abissínia e mesmo na Hungria, o uso da «housse» é hoje generalizado, empregando-se na sua confecção tecidos caríssimos e bordados de grande beleza.

Neste século até os cavalos são bem vestidos...

## MÚSICA

É com prazer que registramos o aparecimento de um novo instrumento de sopro. Trata-se do denominado fagote que, inventado há pouco para substituir o oboé, cujo tubo já atinge quase dois metros, começa agora a ser fabricado por Scheitzer, construtor de instrumentos musicais de Nuremberg, Alemanha. Segundo informações que chegaram ao conhecimento deste colunista, Scheitzer pretende se especializar na fabricação de fagotes.

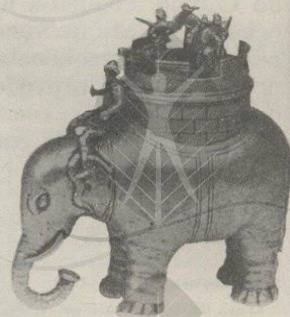
Guarda-se ainda o nome de um dos maiores tocadores de corneta do mundo. Foi Agustín de Verona que, em 1502, esteve a serviço de Carlos V como o seu mais destacado músico. Mals tarde passou-se para o serviço do rei de França, Francisco I, na corte do qual se fez célebre por suas execuções, tanto nos concertos de música de câmara como na capela real, onde tocava com os denominados «chantres».

A primeira espineta que se conheceu foi a construída por Pasi de Modena e traz a data de 1490. Sua extensão sonora varia de três oitavas e uma quinta, a quatro oitavas.

Luis Bourgeois, que regressou de Genebra por incompatibilidade com Calvino, está em Paris e apresentou este ano (1561) uma recopilação de toda sua obra huguenote, que continha 83 salmos, entre eles o «Cântico de Si-meão», o «Decálogo». E, sem dúvida, uma grande notícia para a arte do canto em França.

A guitarra espanhola, magnífico instrumento que vai ganhando adeptos em França, já tem aparecido em alguns livros de composições musicais, como do cónego Mudarra (1546) e de Miguel Fuenlhana (1554).

Registramos, no entanto, como de extraordinário valor musical e de grande sucesso nos meios especializados, as cinco coleções de obras de Adrien le Roy sobre o «instrumento de quatro cordas», coleções editadas em 1555.



## DECORAÇÃO

Hoje apresentamos uma curiosidade da arte do cinzel na Alemanha: uma linda estatueta de prata dourada, reproduzindo um elefante de guerra, trazendo em seu dorso uma torre com suas ameias, canhão e soldados combatentes. Apenas uma coisa não vamos revelar ao leitor: o nome do feliz possuidor dessa rara jóia, que perdeu sigilo, por modéstia.

## AKBAR INICIA CONQUISTA

Índia, 1561 — O jovem mogol da Índia, Akbar — «O Máximo» — que no ano passado se libertou da tutela do cruel Bairam Khan, iniciou este ano a tomada de Radjpoutana.

Sabe-se que ele constituiu uma armada muito forte, composta de 140 mil homens, com uma cavalaria brilhante e grande número de elefantes. A artilharia, entretanto, é um pouco rudimentar.

## ESDÓCIA COM PROTESTANTES

Edimburgo, julho, 1560 — Acaba de ser assinado, pelos representantes de Maria Stuart, um tratado que estipula a retirada de todas as tropas francesas e inglesas que se encontram no país. Por outro lado, o acôrdo deixa nas mãos dos protestantes a Escócia.

**O BRASIL EM JORNAL**  
 EDITORA REFORMA S/A  
 R. México, 118, 12º and.  
 grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807  
 SEDE PRÓPRIA  
 End. Teleg. REFORMA  
 RIO DE JANEIRO

Redação  
 RUBEM AZEVEDO LIMA  
 ZUENIR CARLOS VENTURA  
 MARCOS DE CASTRO  
 MANOEL RIBEIRO MORAES  
 Paginação  
 WALDYR FIGUEIREDO  
 Ilustração  
 ADAIL  
 Revisão  
 GABRIEL CHAVES DE MELO

SUCURSAL EM S. PAULO  
 Agência POLANO  
 Rua João Bricola, 32  
 ASSINATURAS (ANUAIS)  
 24 Nos. SIMPLÉS... Cr\$ 240,00  
 24 Nos. AÉREA... Cr\$ 300,00

# INFEÇÃO NO OUVIDO MATA REI FRANCISCO

Orléans, 5, dezembro, 1560

Nove meses depois de ter escapado de um atentado em Amboise, o rei Francisco II, que estava gravemente doente desde o dia 16 do mês passado, morreu hoje, vítima de uma infecção no ouvido. Também os desregramentos do jovem soberano nestes últimos anos — segundo alguns médicos — contribuíram muito para apressar sua morte, aos 17 anos.

A subida de Francisco ao trono foi provocada pela morte inesperada de seu pai. No entanto, durante esses poucos meses em que esteve de posse da coroa, não governou de fato, pois confiou o poder ao partido dos Guise, parentes de Maria Stuart, com quem se casou no dia 24 de abril de 58.



FRANCISCO II

Infecção no ouvido deu o trono francês a Carlos IX

## SEMPRE DÉBIL

Nascido em 19 de janeiro de 1543, Francisco II foi sempre muito doente e desta fraqueza física o seu reinado foi um reflexo. Quando começou a reinar, ordenou ao Parlamento que acatasse as ordens de Francisco e Carlos de Lorena, enquanto apartava da gestão dos assuntos políticos sua mãe, Catarina de Médicis, o condestável Montmorency e o príncipe Condé. Com essas providências, também ele ficava alheio aos negócios do Estado.

## CARLOS IX É REI

A morte de Francisco modificou o curso de muitas vidas,

entre elas a da agora viúva Maria Stuart. Mas quem se viu mais beneficiada com o acontecimento foi Catarina de Médicis, que passará a ser regente, pois seu filho Carlos IX, a quem caberá a coroa, não passa de um garoto de 10 anos de idade.

As previsões políticas a respeito do novo rei não são muito otimistas e acredita-se mesmo que ele tem muitos dos defeitos de seu irmão que acaba de morrer. A fraqueza de espírito, por exemplo, é um traço característico da personalidade de ambos. Isso poderá agravar a crise por que tem passado a França.

Paris, 17, março, 1560

Uma rebelião tramada desde o ano passado contra a vida dos principais responsáveis pelo reino francês fracassou hoje, pois foi contido o ataque de Bertrand de Chandieu, um dos conjurados, ao castelo de Amboise, para onde, depois de advertida do perigo, mudou-se a Córte.

O cabeça do complô é Godefroy de Barry, senhor de La Renaudie, que tem grande ódio aos Guise, porque seu cunhado foi acusado de heresia e morto pelo cardeal de Lorena. O príncipe de Condé



AMBOISE

A cidade, ao fundo, sobre o rio. Em primeiro plano o barão de La Renaudie é trespassado pela espada de um soldado

# Fracassou o complô para derrubar o rei

## ESPAÑA PERDE ESCRITOR

Piemonte, 1561 (Do correspondente)

Môco ainda (41 anos), morreu o conhecido escritor Jorge de Montemayor, autor da novela que o tornou famoso: «Diana», cuja publicação O BRASIL EM JORNAL noticiou em seu número anterior. Montemayor era português de nascimento, tendo nascido em Montemor o Velho, o que lhe deu o apelido castelhanizado de Montemayor. Há muito estava radicado em Castela, dizendo-se que serviu como soldado em Flandres.

Como homenagem ao grande escritor desaparecido, reproduzimos para nossos leitores a capa (reduzida) da edição deste ano da «Diana», obra-prima de Montemayor, e justamente considerada como paradigma da novela pastoril espanhola.

é considerado o «chefe mudo» do movimento e Calvino garantiu-nos que não participou da conjuração: «Eu sempre disse que o fato me desagradava e a pessoa de La Renaudie me repugnava mais ainda», justificou-se ele.

## RENAUDIE ASSASSINADO

Paris, 19, março, 1560 — La Renaudie, que de setembro do ano passado até fevereiro último percorreu a França, conquistando cúmplices em nome de Calvino, foi assassinado, hoje, por uma patrulha real,

na floresta de Château-Renaudie, e seu cadáver enforcado em Amboise.

Além de La Renaudie, foram executados todos os conjurados presos. Seus corpos ficaram expostos durante vários dias, como exemplo. No entanto, Maligny, o homem que poderia fornecer a prova da responsabilidade de Condé, conseguiu escapar.

Como na falta de provas formais, não se pode prender um príncipe de sangue, Condé seguiu a Córte até Chenonceaux, onde se ultima a construção do castelo.

## O protestantismo na França: 2.150 templos, 3 milhões de fiéis

Paris, dezembro, 1560 (Do correspondente)

Após ingentes esforços, conseguimos um documento que é um dos mais importantes testemunhos da atual situação religiosa na França. Trata-se de uma página, referente ao dia 29 de junho, do diário de Massarelli, o secretário do Concílio de Trento. É esse texto que, em absoluta primeira mão, reproduzimos hoje:

«Hoje, grande parte do reino da França está contaminada pela heresia luterana, a ponto de não haver nenhuma província e quase nenhuma cidade que não tenha aceitado publicamente os dogmas desses heréticos e deles não façam profissão, retirando as imagens das igrejas, abolindo a missa, rejeitando jejuns e tudo o mais, sob os olhos não somente dos magistrados, como do próprio rei.

«O tempo! O século depravado! A França, o mais nobre e mais cristão dos reinos, como a chamaram com razão nossos ancestrais, perde a religião católica!»

## DOIS TERÇOS DO REINO

Há dois anos, Macar, pastor em Paris, dizia, em carta a

Calvino, que «em todas as partes do reino a chama está acesa e toda a água do mar não será suficiente para extinguí-la». Logo depois, Alvarotti, enviado de Módena, escreveu que a córte de França fora informada de que metade da população era luterana. No ano passado, o cardeal de Lorena, enviado de Veneza a Bruxelas, declarou aos negociadores da paz de «Cateau-Cambresis» que a heresia tinha alcançado dois terços do reino.

## OS NÚMEROS REAIS

Como estes números nos parecessem exagerados, fizemos um levantamento estatístico do movimento protestante na França, com a seguinte conclusão: o país conta, neste ano de 1560, com 2.150 templos calvinistas — muitos dos quais importantíssimos, como o de Rouen, que tem 10 mil fiéis — e cerca de três milhões de adeptos da nova doutrina, em uma população de 20 milhões de pessoas.

Isto significa que 15 por cento dos franceses já aderiram ao movimento reformista, porcentagem elevada, mas em todo caso bem menor que a citada pelo cardeal de Lorena.

## Nobreza quer base nova para o reino

Orléans, 31, janeiro, 1561 (Do correspondente)

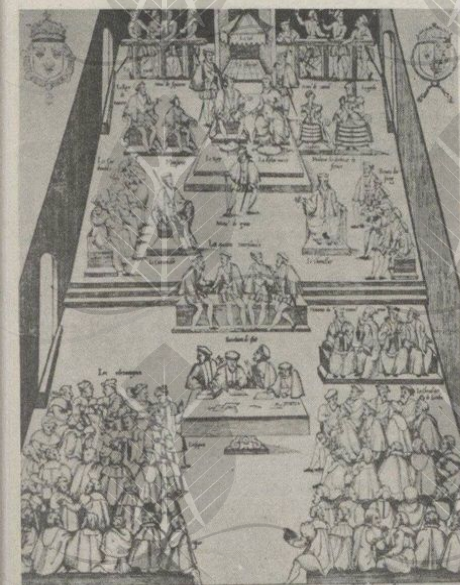
Para assentar a autoridade real sobre novas bases, um conselho de nobres, reunido em agosto, resolveu convocar desde o dia 13 de dezembro os Estados Gerais de Orléans, onde a nobreza e o Terceiro Estado pediram a reforma do clero, a conservação do galicismo e a tolerância, pelo menos provisória, para os reformados.

Nesta assembléia, o novo chanceler Michel de L'Hôpital prometeu suspender o envio de dinheiro a Roma e obter o retorno das eleições episcopais, bem como a convocação de um concílio nacional, se o Papa não reunisse o «verdadeiro concílio». No dia 28 último, foram suspensas as perseguições aos protestantes.

A morte de Francisco II não retardou a reunião, mas Catarina aí apareceu como regente, tendo afastado os Guise e decidido, com o chanceler, impor uma reconciliação de partidos, considerada até agora impossível.

Foi então que L'Hôpital pôde desenvolver suas idéias em termos que provocaram muita repercussão: «Acabemos com estas palavras diabólicas, nomes de partidos, facções, sedições, luteranos, huguenotes, papistas; não mudemos o nome dos cristãos».

Sabendo que o tesouro real está vazio, o chanceler solicitou dos Estados uma contribuição excepcional, mas sobre este ponto as três ordens foram irredutíveis e a sessão teve que ser fechada hoje.



«ESTADOS GERAIS DE ORLEANS»

Eis, com exclusividade, a disposição em que se colocaram os participantes dos «Estados Gerais». No penúltimo plano vêem-se o rei e a rainha, tendo à frente, de pé, o duque de Guise.

# SUÉCIA TEM NOVO REI

Estocolmo, 1560

Três meses depois de haver abdicado em favor de seu filho, que assumiu o poder com o nome de **Érico XIV**, morreu nesta cidade, com 64 anos, **Gustavo Vasa**, fundador e primeiro representante de sua dinastia.

Embora muito criticado no aspecto administrativo (impostos altíssimos), Gustavo deu a seu país, em 37 anos de reinado, num dos períodos mais conturbados da história da Suécia, um poderio militar jamais atingido. A grande vitória (1534) de **Cristiano III** da Dinamarca, graças ao auxílio de Vasa, e a resistência que a Suécia ofereceu à Rússia, de 1554 a 1557, são provas desse poderio.

O novo soberano, que assume o poder com a mesma idade (27 anos) em que seu pai o fez, disse a **O BRASIL EM JORNAL** que levava para o governo a nata da juventude



GUSTAVO VASA  
Suécia poderosa

nobre de seu país». Os meios políticos estão esperando mudança de orientação nas diretrizes administrativas da Suécia.

# Catarina luta para conciliar religiões

Paris, 14, outubro, 1561

Continuando sua tentativa de equilíbrio e de conciliação das duas religiões, a regente **Catarina de Médicis** e o chanceler **L'Hôpital** convocaram uma assembleia dos Estados Gerais em Pontoise e outra do clero em Poissy. A primeira foi marcada para julho e a segunda começou em setembro e acabou hoje, sem nada resolver.

Já em julho, Catarina, diante das ameaças de Coligny, de um lado, e Francisco de Guise, de outro, publicara um edito tentando uma pacificação. Por este edito ficou proibida qualquer assembleia, pública ou privada, e a administração dos santos sacramentos fora dos moldes tradicionais.

## ASSEMBLEIA DE PONTOISE

O fato principal desta assembleia foi uma certa desconfiança do Terceiro Estado, em relação ao clero, e a tentativa de lançar sobre este último o peso das dívidas do país. Catarina aproveitou a oportunidade e reclamou do clero um subsídio de 1.600.000 libras, que lhe foi concedido por seis anos.

## COLOQUIO DE POISSY

Não foi só para discutir os problemas do Estado que o clero se reuniu em Poissy. A rainha queria ver também, face a face, os teólogos das duas religiões, embora os católicos achassem uma indignidade admitir «heréticos evidentes» no mesmo pé de igualdade com bispos e cardeais.

A assembleia foi solenemente aberta na presença do rei e da regente no dia 9 de setembro e doze ministros protestantes vieram, a convite de

Catarina e Antônio de Navarra, com toda liberdade, expor suas doutrinas.

Teodoro de Bèze, enviado expressamente pelos calvinistas, provocou sensação com sua elegante palavra, mas, quando tratou da eucaristia, um murmúrio de reprovação percorreu a sala. O cardeal Tournon, indignado, virou-se para a rainha e disse: «Ah, madame, como permitis que se fale dessa maneira diante de vosso filho e de vós!» A rainha não se mexeu e Bèze, interrompido, teve dificuldade em continuar o discurso. Isso tudo se passou no dia da abertura do colóquio.

A resposta a Bèze foi dada uma semana depois, pelo cardeal de Lorena, que opôs com muita moderação a majestosa firmeza do dogma católico e a variação dos inovadores. Depois destas duas sessões solenes, o jovem rei não apareceu mais. O colóquio se prolongou em longas e obscuras discussões, ouvindo-se o Geral dos jesuítas, Laynez.



Poissy: juntos católicos e protestantes

## EM SOCIEDADE

Pessoas ligadas a Diana de Poitiers garantem que ela tremeu quando Catarina de Médicis assumiu a regência. No entanto, a Florentina afetou não dar mais nenhuma importância à ex-favorita. Quando dela fala é para deixar transparecer que a pobre desapareceu no ostracismo.

Maria Stuart ficou encerrada, segundo a etiqueta da corte francesa, durante 40 dias no seu quarto revestido de negro e iluminado por velas. Quando saiu do luto, esperava viver no Louvre, como antigamente. Mas o ódio de Catarina a fez fugir.

Alguém acaba de nos garantir que o agora rei Carlos IX dedicava a sua cunhada Maria Stuart um sentimento que ia além de simples amizade... Confirma-se mais uma vez a feliz observação de Catarina de Médicis: «Esta pequena rainha escocesa basta ser vista para virar todas as cabeças».

Uma personalidade de alta importância na Corte recordou para o cronista que o falecido rei Henrique II, apesar de seu afeto público e notório por Diana de Poitiers, não se descuidava de suas atenções com respeito a Catarina. Contou que, no torneio em que perdeu a vida, o rei teve uma tirada de genuíno galanteador, respondendo à rainha, que lhe mandara pedir para não continuar lutando, «por amor dela»:

— «Diga à rainha que é precisamente por amor dela que eu vou cruzar mais esta lança».

Ao saber da morte do rei Francisco II, da França, o pastor protestante escocês Knox disse:

— «Deus mandou-nos uma jubilosa libertação, pois o marido da nossa soberana Maria Stuart morreu de uma doença de ouvido — aquele ouvido surdo que jamais quis ouvir a verdade».

Uma das primeiras mulheres brasileiras que aprendeu a escrever, a sra. Madalena Paraguaçu, filha de Caramaru com a índia Catarina Alvares, dirigiu uma carta ao padre Manuel da Nóbrega. Segundo um nosso informante, que nada quis dizer sobre o teor da carta, a grafia de Madalena é muito bonita. «Seu tipo de letra demonstra temperamento exaltado, igual ao do pai», concluiu o informante, que é dado a estudos grafotécnicos.

O governador Men de Sá desembarcou na Bahia sob as maiores aclamações que um homem de governo já teve no Brasil. Em sua honra, foram organizados festejos populares e torneios à moda antiga. Tudo porque Men de Sá venceu inapelavelmente os franceses que ocupavam o Rio de Janeiro.

Consta em Lisboa que o governador Men de Sá, que acaba de impor grande derrota aos franceses no Brasil, dirigiu um apelo à rainha regente, d. Catarina: é preciso erigir-se no Sul do país outra cidade, para desencorajar de vez os que tentem invadi-lo.

O pastor protestante escocês João Knox é homem mordaz, muitas vezes até mesmo caustico em suas tiradas. Eis o que disse, comentando o espesso nevoeiro que cobria o porto no dia da chegada de Maria Stuart à Escócia:

— «Até mesmo a face do céu nos mostra claramente o que essa mulher traz a este país».

## COLUNA MILITAR

O exemplo dos reitores alemães, arrolados nos exércitos da Europa Ocidental, está sendo seguido pelos corpos de cavalaria, pois todos, em toda parte, marcham agora ao compasso de timbales ou atabales.

As tropas montadas do Império da Alemanha em Viena ostentam grupos de timbaleiros luxuosamente uniformizados, montados em cavalos brancos.

Em alguns regimentos, os timbaleiros são negros altos e desempenhados, mandados buscar no Oriente ou na África,



cujos turbantes alvíssimos se adornam de plumas vermelhas, azuis e amarelas.

Os timbales são tambores semi-esféricos, com a caixa de cobre ou latão, presos dum e doutro lado da sela. Os timbaleiros batem-lhes com duas vaquetas emboladas em couro, uma em cada mão. As vezes os cavalos em que montam são dirigidos com os pés, estando as rédeas presas aos estribos.

Algumas formações de cavalaria, em lugar de timbales, empregam um tambor mais modesto, de forma comum, conduzido dum lado do animal. Esse tambor, de procedência oriental como os timbales, chama-se **anacora**.

É de um timbaleiro alemão a gravura que reproduzimos.

## VAI REABRIR O CONCÍLIO DE TRENTO

Roma, 1º, dezembro, 1560

O papa Pio IV lançou hoje uma bula autorizando a reabertura do Concílio de Trento e enviou-a à Alemanha pelos

núncios Delfino e Commendone, que se apresentaram à Dieta protestante de Naumburgo, sob a proteção do rei da Boêmia.

A bula preciteia a urgente

necessidade da continuação do Concílio para destruir o cisma e as heresias, para reformar e corrigir os costumes e para firmar a paz entre os príncipes cristãos.

## Inquisição na Índia, perigo para Portugal

Lisboa, 15, abril, 1560 (Do correspondente)

A Índia, desde o começo do ano, já tem inquisidores: hoje, os nomeados pelo cardeal D. Henrique (dois licenciados em Cânones) partiram a bordo da esquadra de Jorge de Sousa para tomar posse em Goa.

A propósito, recorda-se que o ato que estabeleceu um tribunal de Inquisição naquela colônia portuguesa é consequência das gestões da regente Catarina junto ao papa Pio IV.

Uma fonte da chancelaria, contudo, assegura que por trás das intenções da regente estava a vontade poderosa do cardeal D. Henrique. Para antigos governantes da Índia, a decisão de disciplinar as relações religiosas entre colonos e colonizadores será muito maléfica do ponto de vista político, já que criará mais obstáculos entre portugueses e indígenas, de convicções religiosas arraigadas.

# VICE-REI QUEIMA RELÍQUIA E PERDE 300 MIL DUCADOS

Goa, 1561 (Do correspondente)

Queimando um dente de Buda ou de macaco branco — não conseguimos saber ao certo — mas de qualquer forma uma valiosíssima relíquia (ambos são objetos sagrados para os cultos orientais), o vice-rei D. Constantino de Bragança acaba de desperdiçar 300.000 ducados, quantia oferecida pelo rei de Pegu, como resgate da relíquia

D. Constantino trouxera a relíquia como trunfo de sua vitoriosa campanha do ano passado, na cidade de Jafanapatão, uma das muitas conquistas da brilhante trajetória de expansão do reino.

Já em 1558, ano em que tomou posse do cargo, D. Cons-

tantino apoderou-se da praça de Damão e da ilha de Bulsar. No ano seguinte, estava de volta a Goa, para, em 1560, pretextando perseguições religiosas, partir sobre Jafanapatão e, com 1200 homens de armas e mais de cem navios, conquistá-la para Portugal. A cidade está situada às margens do canal em que se encontram as ilhas de Cellão e Manaar, famosas pelas pescarias de aljófar e de pérolas.

O vice-rei conquistou ambas as ilhas, além da cidade, que é ponto estratégico de primeira ordem, pois por aquele canal é que passam as navegações clandestinas da rota oriente-ocidente, desde a construção da fortaleza de Colombo. Estes foram os principais motivos da conquista de D. Constantino, e

não a alegada perseguição do rei de Jafanapatão aos cristãos.

Ao saber da fabulosa proposta de 300.000 ducados pela relíquia, D. Constantino mandou reunir um conselho de cavaleiros e eclesiásticos para opinar. A maioria optou pela venda, mas o vice-rei, inclinando-se pela opinião de um religioso que protestou invocando as razões de Fé, mandou queimá-la solenemente.

A atitude não foi muito bem recebida por numerosos cavaleiros, pois aquela soma poderia servir de remédio às muitas penúrias por que passam os povos da Índia.

De seu vice-reinado cheio de conquistas, foi o único ato que causou algum descontentamento. Segundo as últimas notícias de Lisboa, seu substituto deve estar a caminho, para dar início a mais um período de três anos.

## GUERRA ECONÔMICA

Sabe-se agora que Emanuel-Philibert instigou a tomada de Lyon, a cidade dos banqueiros, com o seguinte argumento: «Tira-se com isso ao rei da França quase todos os meios de conseguir dinheiro», e, ocupando-se o vale do Rhône, «tapa-se a passagem às tropas francesas que vão para a Itália». De seu refúgio de Yuste, Carlos V aconselhou que se ouvisse Philibert. Mas a falta de dinheiro em Bruxelas e o medo de Filipe serviram de obstáculo.

## JUROS

A paz de abril de 1559 foi, principalmente, uma imposição financeira. As duas monarquias não podiam mais nem sonhar em arranjar dinheiro emprestado, pois a dupla bancarota abalara profundamente os bancos europeus. A crise financeira que começou nos primeiros trinta anos do século chegou ao auge e provocou uma verdadeira «débauche».

Desde o início de 1557, em Anvers, os pagamentos foram prorrogados e a cidade recorria à moratória. Os Fugger, desde o meado do século, viam baixar a produtividade de seus capitais: em lugar dos 15% que recebiam em média entre 1540 e 1546, se contentaram com 5 5/8, de 1547 a 1553. Desde então entraram na fase dos prejuízos. Também em 57 Anton tentou liquidar sua posição em Anvers, mas foi obrigado a pedir emprestado a 8% e 10%.

## DÍVIDA

A dívida deixada pelo penúltimo rei da França, Henrique II, está avaliada entre 36 e 44 milhões de libras, dos quais 7 milhões representam o capital das rendas, 16 a 17 a dívida flutuante e 15 milhões de consignações.



*J. de Cos...*

D. CONSTANTINO

Em pose autografada especial para O BRASIL EM JORNAL

## LIVROS E AUTORES

### HISTÓRIA

Embora ainda incompleta, foi editada este ano (1561) a primeira edição da «História da Itália», de Francisco Guichardin. A obra é póstuma, pois o famoso historiador morreu em 1540, em Florença, sua terra natal. O novo livro de Guichardin é de grande valia nos estudos históricos, por se tratar de autor de atitude independente em suas apreciações e críticas, se bem se torne parcial, às vezes, quando fala de si mesmo.

### AINDA «O GAGO»

Novo livro de Nicolau Fontana, apelidado Tartaglia (O Gago): «Sommatio des séries, méthodes par recurrence». Trata-se de obra póstuma do grande matemático italiano, falecido em Veneza, no ano de 1557, morte que O BRASIL EM JORNAL noticiou em seu número 18.

### BOTÂNICA

Velo à luz este ano (1561), revisto e publicado por Conrado Gesner, conhecido naturalista, a «Historia Plantarum», obra póstuma de Valerius Cordus, botânico alemão falecido em 1544, considerado como a maior autoridade em botânica deste século. Cordus, como já se afirmou, «o primeiro que ensinou os homens a abandonar as mediocres descrições dos antigos e fazer novas descrições diretamente da natureza», terminara sua obra antes de morrer de febre em Roma. Sua «Historia Plantarum» é excelente trabalho, com inestimáveis contribuições à morfologia vegetal, obtidas através de observações e pesquisas diretamente feitas na planta ou no fruto.

### ANTÍMAIS

Somente agora tivemos notícia da publicação, no ano passado (1559), de diversos tomados dos estudos sobre história natural (quadrúpedes, peixes, aves) de autoria do notável naturalista Ulisses Aldrovandi, professor universitário. Ao que dizem, é intenção do cientista italiano escrever uma enciclopédia dos seres vivos.

### RETROSPECTO

Num rápido retrospecto, apuramos que, nestes últimos anos, várias obras têm sido publicadas na França sobre o Brasil, devido à presença de franceses na baía do Rio de Janeiro. Vejamos:

1. O editor parisiense Martin Jeune deu à estampa (1557) o livro de Nicolau Barré: «Copie de quelques lettres sur la navigation du chevalier de Villegagnon es terres de l'Amérique», primeiro documento escrito sobre a expedição do dito Villegagnon.

2. No ano seguinte (1558), imprimiram os herdeiros de Maurice de la Porte um volume in-4º, com gravuras de madeira, do franciscano André Thevet, cosmógrafo do Rei, sob o título: «Les singularitez de la France Antarctique, autrement nomée Amérique, et de plusieurs Terres et Isles decouvertes de notre temps».

3. O próprio cavaleiro de Villegagnon estampou, no mesmo ano de 1558, sua «Histoire des choses mémorables advenues en la terre du Brésil, partie de l'Amérique Australe sous le gouvernement de M. de Villegagnon depuis l'an 1555 jusque à l'an 1558».

### JUSTIÇA

Teodoro de Bèze, o mais ilustre dos discípulos de Calvino, autor de várias obras de grande importância para a doutrina calvinista e para a literatura (é também poeta), publicou este ano (1560) mais um livro importante: «Tratado da autoridade do magistrado». A nova obra do grande pensador e humanista terá certamente vasta repercussão nos meios reformistas, onde Bèze ocupa papel de indiscutível relevo.

### KNOX

John Knox, o reformador escocês, combatido por alguns e bem recebido em sua pátria, no ano passado, publicou nova obra doutrinária: «Livro de disciplina». Espera-se boa aceitação da obra, pelo renome do autor como filósofo e homem de ação.

## FAMÍLIA CÉLEBRE ACABA NA FÔRÇA

Roma, 5, março, 1561

«Eu devo morrer, já que o Papa quer que eu morra». Estas palavras foram ditas por Carlo Carafa, quando foi acordado, esta manhã, pelo homem que levava a ordem de conduzi-lo à execução. Em seguida passou uma hora confessando-se e partiu para o patíbulo, onde foi enforcado na terceira tentativa, pois a corda rebentou duas vezes.

Os outros três condenados pelo Papa — Jean Carafa, o conde D'Alife e Lionardo di Cardine — serão executados amanhã e seus corpos, expostos perto da ponte de Saint-Ange.

Carlo Carafa é sobrinho do falecido papa Paulo IV, e foi seu homem de confiança, não chegando entretanto a corresponder inteiramente ao que dele esperava seu tio. Naquela época Carlo foi elemento de grande influência, não só na política italiana como também na

de toda a Europa. Alguns fatos, entretanto, o comprometeram e o enredaram de tal forma até chegar à condenação de hoje. Ei-los: em 1559 a mulher de Jean Carafa, irmão de Carlo, foi acusada de adultério. Ela e o cúmplice desse crime foram submetidos a um julgamento sumário, por um tribunal secreto (de parentes), que o próprio marido organizou, e que os levou à morte.

Nessa época o trono do Vaticano estava vago. Quando Pio IV foi eleito, e isso se deu graças ao trabalho da família Carafa, a opinião pública voltou-se para o novo Papa, como que para saber do desfecho de tal escândalo. Além do mais, um dos Carafas tinha sido acusado de se ter apossado de bens da Santa Sé. Alexandre Palatiere, procurador oficial da cúria, começou por obter do Papa uma bula contra os usurpadores desses bens. Nesse

mesmo momento, os credores da família habilitaram-se para receber seus empréstimos. O Papa convidou os Carafas a satisfazer tais compromissos. A intriga caminhava. Carlo Carafa não se perturbou, mesmo sabendo que um outro cardeal já fora preso por homicídio.

Em junho, 1560, quando compareceram ao Vaticano os dois irmãos foram presos. Um tribunal os acusou de terem aprovado e mesmo provocado a execução da duquesa de Palatino, mulher de Jean Carafa.

Durante o julgamento (3 meses), Carlo manteve atitude arrogante, confiando em Filipe II, seu particular amigo. Houve, na realidade, algumas tentativas do rei de Espanha, no sentido de salvá-lo. Infrutíferas: os Carafas foram condenados. O primeiro deles acaba de morrer. Jean e os demais condenados só viverão até a madrugada de amanhã.

# Índios dizimaram caçadores de ouro

Salvador, dezembro, 1561 (Urgente)

Em caminhos que mal conheciam e entre índios ferozes da região, os componentes de uma expedição de conquista e exploração de ouro foram quase totalmente dizimados pelos selvagens.

A expedição era chefiada por Antônio Ribeiro e dela participavam marinheiros de uma nau que faz a ligação Portugal-Índia, a «São Paulo».

Em meados deste ano, os expedicionários partiram desta cidade, sob gritos e aclamações populares.

Depois de 400 quilômetros de marchas forçadas, em pleno sertão, a expedição foi atacada pelos índios, inesperadamente. As armas e munições dos soldados foram apreendidas pelos atacantes, enquanto os expedicionários procuraram abrir caminho através dos selvagens. Um sobrevivente contou-nos que, diante da arca onde se erguia um crucifixo para a missa campal dos soldados, duas índias encontraram morte estranhíssima. As índias (duas velhotas) tentaram abrir a fechadura da arca e o conseguiram. Quando, entretanto, pegaram no crucifixo, caíram fulminadas.

Alguns expedicionários que romperam o cerco informaram-nos que outra expedição, a de Vasco Rodrigues Caldas, prossegue rumo ao sertão, sem contratempos.

## ACONTECEU

★ ENQUANTO os turcos autorizam os franceses a instalar feitorias em La Calle, a guarnição espanhola de Djerba é fragorosamente esmagada.

★ HOVE em 1560 um incidente de muita repercussão na Saxônia: a expulsão dos criptocalvinistas pelos luteranos ortodoxos. Nessa mesma ocasião, o jesuíta Viléla cria uma comunidade cristã no Japão.

★ ERICO XIV tenta conquistar a Estônia e Ivan IV, o Terrível, aniquila a Liga Teutônica e, ainda em 1561, a Dinamarca e a Suécia entram em guerra.

★ GASPAR de Schwenckfeld, fundador da seita espiritualista de seu nome, acaba de morrer.

★ FERNANDO I obriga seu filho Maximiliano a renunciar a suas tendências protestantes.

★ VASQUEZ de Coronado, capitão espanhol, funda mais uma cidade na América: Cartago. Outra cidade fundada por espanhóis no Novo Mundo: Caracas, por Francisco Fajardo.

★ MAIS NOTÍCIAS da América: a Nicarágua foi incluída como unidade municipal da capitania-geral da Guatemala, e o Chile passou a ficar sob a jurisdição do Vice-reinado do Peru.



REGRESSO

Sensacional flagrante da partida de Maria Stuart da França para a Escócia, de onde ela saiu há cerca de 13 anos, praticamente raptada por seu tio, o duque de Guise, num navio comandado por Villegagnon

## ESCÓCIA TEM OUTRA MARIA

Edimburgo, agosto, 1561

Com grandes manifestações, aparentemente de regozijo, mas na verdade feitas para assustá-la, a jovem Maria Stuart foi recebida pelos seus súditos, treze anos depois de ter saído do país, raptada por seu tio para casar-se com o então delfim Francisco.

A viúva do rei da França volta para substituir sua mãe, a regente Maria de Lorena, que morreu no ano passado em meio à anarquia provocada pelos conflitos religiosos. Não encontrará ela condições muito favoráveis para governar, pois o verdadeiro senhor da Escócia é agora seu cordial inimigo, o pastor John Knox, temível pela força e estreiteza de sua fé.

Na sua primeira noite aqui, Maria Stuart teve

## MAIS PODÊRES PARA O BISPO DO BRASIL

Roma, 28, janeiro, 1561

O embaixador português nesta cidade entregou ao papa Paulo IV um importante documento do governo luso. Nêle, pede-se a Sua Santidade que se concedam aos futuros bispos do Brasil maiores poderes para dar licenças matrimoniais entre índios e negros africanos ou entre alguns destes e os colonos.

Simultaneamente, fala-se em Lisboa que, em breve, serão nomeados no Brasil, para postos de fiscalização de bens de órfãos e ausentes, vários funcionários portugueses especializados.

que ouvir os salmos que foram cantados debaixo de sua janela. Em todo o caminho do cortejo foram erguidos tablados, onde alegres quadros representavam ídólatras queimadas, como castigo aos seus pecados. No primeiro do-

## Ilhéus foi vendida por 5 mil cruzados

Ilhéus, 20, fevereiro, 1561

Por menos de 5 mil cruzados (exatamente 4.825) o proprietário desta capitania vendeu-a a Lucas Giraldes e, agora, o governo acaba de homologar a transação.

Ilhéus pertence a Jorge Figueiredo Correia. Por sua morte, herdou-a o filho mais velho, Jorge de Figueiredo, que a cedeu ao irmão Jerônimo de Alarcão.

Jerônimo, por alvará de outubro do ano passado, conseguiu suplementação de idade para vender a capitania e, um mês depois, em novembro, negociou-a com Giraldes.

Hoje, a venda de Ilhéus (com aproximadamente 36 mil quilômetros quadrados) foi homologada pela coroa portuguesa. O quilômetro quadrado custou, portanto, cerca de um oitavo de cruzado. Segundo os entendidos em operações imobiliárias, não houve venda, e sim presente.

mingo, quando a rainha mandou rezar missa em palácio, o padre por pouco não foi assassinado.

A situação para Maria Stuart é muito delicada e só mesmo a surpreendente habilidade e paciência desta adolescente de pouco mais de 18 anos poderá evitar graves distúrbios. A nova religião está exercendo grande atração sobre o povo e os nobres, principalmente depois da vitória do partido protestante "Consagração do Senhor", nas revoluções e contra-revoluções que abalaram o país.

## DANÇA

### SUCESSO: A «COURANTE»

Está começando a aparecer em Paris, Roma, Veneza, Nápoles etc., uma nova dança que se destina certamente a fazer um sucesso extraordinário na Europa inteira. Trata-se da «courante». Este colunista observou em diversos saraus e nas recepções mais elegantes, os primeiros passos da nova dança.

Sem a menor sombra de dúvida, prognosticamos para a «courante» um futuro extraordinário nos salões mais elegantes da Europa.

### «CANARIA»

O cronista vem notando, neste ano de 1561, a moda de uma nova dança, que chamam de «canária». Há quem explique que o nome é tomado de uma mascarada cujos dançarinos mascaravam vestidos à maneira dos índios das ilhas Canárias e executavam passos de «forte sabor selvagem».



# Comeram carne humana para não morrer

Na página 5 divulgamos um impressionante despacho recebido de Londres no qual se narra a odisséia de um grupo de franceses sobreviventes da tentativa de colonização da Flórida, na América.

Chamamos a sua atenção para essa sensacional reportagem.

## PIRATA VENDE NEGROS

Londres, 1562 (Exclusivo de O BRASIL EM JORNAL)

Um capitão pirata, John Hawkins — inglês — teria desembarcado em alguma parte da América, provavelmente as Antilhas ou, até mesmo o Brasil, um carregamento regular de escravos que comprou pelo sistema de trocas com os chefes de tribos da África Ocidental.

Os comandantes de navios espanhóis preferem encontrar o diabo a ter que enfrentar o temível Hawkins em suas viagens pelo Atlântico.

O comércio de negros para a América se destina à revenda dos escravos para as fazendas e engenhos de açúcar e é reputado um bom negócio por parte dos piratas e traficantes dos mares.

## o Brasil em Jornal

N.º 21

"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"

1.562/63.

Director:

AMARAL NETTO

Assessores:

GUSTAVO BARROSO  
JAYME COELHO

Redator-chefe:

CLAUDIO SOARES

ORDEM DO REINO A ESTÁCIO :

## FUNDAR CIDADE NO RIO

Bahia, dezembro, 1563 (Exclusivo)

Com o fim de aniquilar os franceses do Rio e fundar uma cidade na baía de Guanabara, o jovem sobrinho do governador, capitão Estácio de Sá, estaria pronto para zarpar com uma poderosa esquadra.

Estácio voltou há pouco de Portugal com um forte contingente que, segundo nossos informantes, se destinaria à ação imediata.

Sabe-se que, na metrópole, a simples destruição do forte Coligny repercutiu mal. O governo quer mais. Por isso, algo como a expulsão definitiva dos invasores e a fundação de uma cidade na maravilhosa Guanabara seriam determinações taxativas transmitidas ao capitão Estácio por ordem da rainha-regente, Catarina.

## O maior quadro do mundo

Veneza, 8, setembro, 1563

Magnífico, Francisco I, Elizabeth da Inglaterra, Carlos V e outros.

— «O pagamento foi mesqui-

no, embora a tela e as tintas tenham sido fornecidas pelo convento. Mas valeu a pena executar a obra pela liberdade

que me deram e que representou para mim mais do que qualquer pagamento», disse à reportagem o pintor Veronese.

Por 324 ducados e um tonel de vinho, Veronese, depois de 15 meses de trabalho, terminou hoje o quadro «As bodas de Caná», que mede 15 metros de largura por 8 de altura e contém 120 personagens, entre as quais é próprio e seu não menos famoso colega Ticiano, na média de uma figura por metro quadrado.

A gigantesca tela foi encomendada em 15 de junho do ano passado pelo prior do convento de São Jorge, o Maior, onde se encontra.

A extraordinária originalidade do trabalho é que, ao lado dos personagens evangélicos, Veronese colocou uma centena de homens e mulheres célebres, mortos ou vivos. Além dele e de Ticiano — ambos em primeiro plano com um violino e um contrabaixo — vêem-se em torno da mesa figuras como as de Solimão o



Há 30 anos fundou-se S. Vicente. A gravura é um flagrante do ato solene. Ela cresce de importância porque, ao fundo se vêem os chefes índios Tibiriçá e Caiubi, confraternizando com Martin Afonso e seus oficiais. Em primeiro plano Piquerobi rejeita a flecha quebrada, penhor de cordialidade que lhe envia Tibiriçá, convidando-o a confraternizar com os portugueses. No entanto, atendendo ao apelo do chefe guaianás, Piquerobi desarmou sua tribo e retirou-se para o sertão.

Agora, 30 anos depois, os dois chefes voltaram a encontrar-se, mas de armas nas mãos: um defendendo e outro atacando a vila de S. Paulo.

## TIBIRIÇÁ SALVOU S. PAULO

S. Paulo, julho, 1562

Pondo em fuga seu irmão Piquerobi, e matando um sobrinho, Jagoanharó, o leal chefe índio Martin Afonso Tibiriçá, que ajudou a construir esta cidade, salvou-a das ferozes mãos do grupo tupi que chegou a sitiá-la durante os dias 9 e 10.

Uma moça índia, casada com colono português, havia sido raptada pelos atacantes, quando iniciaram as hostilidades. Ela preferiu a morte a ter de entregar-se aos raptadores.

As autoridades supõem que os tupis agiram sob instigação de franceses sobreviventes da batalha do Rio de Janeiro, vencida por Men de Sá.

Falando ao representante de O BRASIL EM JORNAL, o jesuíta José Anchieta disse: — «Mulheres e crianças se recolheram à nossa igreja. Muitos homens foram feridos, mas nenhum morreu. Jagoanharó foi morto a flechadas junto à paliçada da nossa horta. Quando Tibiriçá, o fiel Martin Afonso, resolveu expulsar os sitiantes comandados por seu irmão, os tupis se puseram em fuga.

S. Paulo estava salva.»

## Brasil



É assim que ele é neste ano de 1563. Pelo menos assim o vê o cartógrafo Lázaro Luis (português). Poucas aldeias na orla marítima e, ao centro, uma gigantesca árvore como a simbolizar a mata virgem, impedindo o caminho para o vasto interior.

# Com a morte à espreita escrevia poemas

São Vicente, 1º, outubro, 1563 (Do correspondente) —

Depois de seis meses entre os ferozes tamoios de Iperoig (região litorânea entre esta cidade e o Rio de Janeiro), durante os quais viveu momentos dramáticos em que sua morte parecia inevitável, regressou a São Vicente, são e salvo, o jovem jesuíta José de Anchieta, que ali esteve como refém para a assinatura de um tratado de paz entre portugueses, tupis cristãos e os tamoios.

Anchieta partiu daqui a 1º de maio deste ano, em companhia do padre Manuel da Nóbrega, a fim de obter uma trégua com os tamoios, que hostilizavam os lusos. Em junho, Nóbrega, bastante enfermo, regressou a São Vicente, deixando Anchieta só entre os índios.

## SALVOS PELA COROA

O padre Anchieta conta-nos sua odisséia, em Iperoig:

«Fui, entre os selvagens, desde médico e sacerdote até conselheiro para os problemas domésticos dos índios. Mal desembarcamos nas praias dominadas pelos tamoios, Nóbrega e eu, os índios nos cercaram com desconfiança. Seríamos, realmente, «abarés» (padres)?, indagavam eles.»

Segundo o jesuíta, o que os salvou, inicialmente, da morte foi o reconhecimento feito por uma índia, que já estivera cativa em São Vicente. Depois de examinar a tonsura de ambos, a mulher gritou para os selvagens que os dois eram sim, «abarés».

Anchieta, que fala e entende perfeitamente o idioma dos índios, continua:

«Os tamoios manifestaram interesse pelas propostas que lhes fizemos, embora frisassem que não recebavam os brancos. Souberam por nosso intermédio do levante de uma parte dos tupis e quiseram, com o auxílio dos portugueses, combatê-los. Sua intenção era vingar-se de velhos inimigos.»

No que se refere aos portugueses, esclarece ainda Anchieta, os tamoios mostraram mesmo o desejo de apagar as mútuas ofensas havidas no passado. Em consequência da ida de Anchieta e Nóbrega a Iperoig, os tamoios enviaram uma delegação a São Vicente. Caquirá, um chefe de tamoios, tomou os padres sob sua proteção. A mulher de Caquirá já fora escrava em Salvador e devia sua liberdade aos jesuítas. Marido e mulher esvaziaram uma choça abandonada e providenciaram instalações para os sacerdotes.

«Os selvagens, acentua Anchieta, são caprichosos e inconstantes. Mais de uma vez sentimos a morte de perto. Logo ao início de nossa estada entre os tamoios, os caciques nos ofereceram mulheres. Quando as recusamos, ficamos espantadíssimos. Tive de ler as nossas regras disciplinares, para não os ofender.»

Anchieta e Nóbrega aspergiram a choça, para apagar toda a contaminação de pecados anteriores. Nela, levantaram um altar e disseram missa diária, «anunciando, segundo Anchieta, Nosso Senhor Jesus Cristo àqueles que dele nunca tinham ouvido falar».

«Soubemos, continua, que os tamoios da Guanabara, com o auxílio dos franceses, que haviam fugido às tropas de Men de Sá, pretendiam construir 200 canoas para 120 índios cada, a fim de atacar as populações dos litorais. Este plano já estava mesmo em andamento e achamos, portanto, oportuno o tratado de pacificação de que estávamos incumbidos.»

## PRIMEIRO PERIGO

«Quando o dono da choça

## AMEAÇA DE VASTO MAR

«Após a traição dos moradores de São Vicente, nossas dificuldades em Iperoig aumentaram como que por castigo.»

«Um belo dia, Nóbrega e eu passeávamos na praia, durante a ausência dos principais chefes tamoios, quando sentimos a aproximação de um grupo suspeito de índios. Entre eles, estava o filho de Pindobucu, Paraná-pucu («Vasto Mar»), nosso inimigo. Ao percebermos que a situação nos era desfavorável, resolvemos tentar uma corrida até a cabana de Pindobucu, no alto de um monte íngreme, atrás de um curso d'água.»

Anchieta faz uma pausa e em seguida volta à narrativa dos acontecimentos que ele considera dos mais dramáticos de sua vida:

«Nóbrega, muito doente, mal podia correr. Eu mesmo tive de levá-lo às costas. A meio do caminho, encontramos um índio amigo a quem pedimos auxílio. Ele concordou em carregar Nóbrega, mas isso pouco nos adiantou. Logo os perseguidores nos alcançaram e Paraná-pucu, sem dizer palavra, pôs-se a brandir diante de nós uma enorme espada. Nesse momento, eu e Nóbrega, de joelhos, apenas rezamos. Um companheiro de Paraná-pucu adiantou-se e falou-nos:

«O francês assegurou-nos que vossas promessas de paz são fingidas. O que desejais é nossa ida a vossas terras para matar-nos.»

Para Anchieta, o rápido instante de hesitação dos atacantes foi decisivo para que ele e Nóbrega se salvassem. Após ligeira troca de explicações, o próprio Paraná-pucu pediu-lhes desculpas, dizendo:

«Eu vinha matar-vos, mas ao vê-los, o coração compadeceu-se. Não sei o que se apouso de mim.»

«Afinal, diz-nos Anchieta, sorrindo, o perigo que eu inimigo nos causa não é nada ao lado do que os próprios amigos nos fazem correr. Em consequência de sairmos com vida deste encontro, quase morremos pouco depois.»

## PIOR A EMENDA

Anchieta conta-nos o que houve a seguir, quando os índios amigos regressaram a Iperoig. Cunhambeba, diante dos atacantes, fez uma advertência:

«Ninguém faça mal aos «abarés», senão terá de haver-se comigo». Voltando-se para Paraná-pucu, frisou: «Você não me aborrece, porque já matei um dos seus e o comi.»

As cenas que se seguiram, segundo Anchieta, são indescritíveis. Cunhambeba (o jesuíta abre um parêntese para informar que não se trata do índio de mesmo nome e amigo dos franceses) ordenou a uma velha que fosse buscar a prova do que afirmara: uma perna humana, semidevorada. O que parecia mau começo teve desfecho surpreendente. Os índios se embriagaram e, juntos, devoraram o resto da perna.

## NÓBREGA VOLTA

Em junho deste ano, as autoridades mandaram que os reféns voltassem a São Vicente. Os tamoios, contudo, se negaram a aceitar tal imposição. Ao menos um branco deveria continuar entre eles, como garantia de paz.

Anchieta conta-nos o que foi



## BRASIL SELVAGEM

Anchieta e Nóbrega penetraram estas matas. A Fé, que era sua arma, venceu os incontáveis perigos que enfrentaram.

sua luta para fazer que Nóbrega aceitasse ter de regressar. Os dois se despediram entre lágrimas. No navio que levou Nóbrega de volta, chegou a Iperoig o motivo de sérias preocupações: Antônio Dias, pedreiro em São Vicente, viera com um escravo e carregado de mercadorias para resgate, em busca da mulher e dos filhos que os tamoios haviam raptado, meses antes.

«A mim, explica-nos o jesuíta, os índios respeitavam. Mas, quanto a Dias, era difi-

cil, senão impossível, obter que o não atacassem.»

A princípio os tamoios se satisfizeram com suas mercadorias. Depois, quando nada mais podiam tirar-lhe, resolveram matar-lhe o escravo e devorá-lo. Para isso, embriagaram-se e à noitinha o abateram.

O jovem jesuíta descreve-nos a cena dantesca de canibalismo a que assistiu: à luz de archotes, bêbados, os índios devoraram o cadáver do pobre escravo em poucos instantes.

«Quando estiveram em condições de refletir, após a bebedeira», prossegue, «raciocinaram do seguinte modo: se tinham assassinado um escravo, a trégua com os portugueses provavelmente estaria interrompida. O risco que correriam por um, correriam por dois ou três. Minha vida e a de Antônio Dias estavam por um fio.»

O jesuíta dedicou-se exclusivamente às orações, preparando-se para morrer. Dez dias após a viagem de Nóbrega, chegou do Rio um contingente de tamoios disposto a liquidá-los. Um dos recém-vindos foi destacado para o golpe de graça, mas, na hora decisiva, faltou-lhe o ânimo. Anchieta e o índio ficaram a sós. O selvagem, armado de tacape, rodeou-o e o jesuíta disse-lhe: «sei muito bem que você não me matará». Com estas incisivas palavras, o selvagem se desarmou.

## MÉDICO E CONSELHEIRO

Ao lado das recordações dolorosas de sua permanência entre os tamoios, Anchieta guarda também a dos momentos pitorescos que ali viveu. Por exemplo: um marido que suspeitava da fidelidade conjugal da esposa perguntou-lhe se devia matá-la. Outro caso: um índio sofrera ferimento num braço e valeu-se de sua experiência de enfermeiro e médico para curá-lo. Mas Anchieta lembra outra passagem, com amargura:

«Uma índia tinha dado à luz um menino e a sogra enterrara o bebê, sob terrível acusação: a criança era «marabá» (filho de dois pais). A mãe do bebê fora abandonada pelo marido e, já grávida, casara-se com outro homem. Quando soube do fato, instantes após, desenterrou a criança, que ainda vivia. Durante um mês, tratei dela, mas como as índias se recusavam a aleitá-la, o bebê acabou morrendo de fome.»

## POEMA A VIRGEM

Esses e outros fatos desagradáveis levaram Anchieta a procurar derivativo para suas preocupações noutro terreno. E ele nos conta:

«Para desafogar-me um pouco de tantas preocupações, às vezes ia para a praia e, na areia, escrevia um poema à Virgem. O próprio mar apagava o que eu compunha, mas, de qualquer forma, a idéia-máter da poesia ficou em minha memória e eu pretendo reescrevê-la mais tarde.»

## ÚLTIMO PERIGO

Para Anchieta, o último grande risco por que passou ocorreu em julho. O grupo que levava Nóbrega de volta a São Vicente informou, no regresso a Iperoig, que os portugueses daquela cidade estavam reunindo forças para atacar os tamoios. Um dos ta-

(conclui na página 6)



ANCHIETA

O bem do próximo acima da própria vida.

# Cada português matou 25 mouros

A epopéia de Mazagão em reportagem exclusiva de O BRASIL EM JORNAL

Mazagão, maio, 1562 (Do correspondente de guerra)

Até mulheres com crianças ao colo ajudaram as poucas centenas de soldados portugueses desta praça, a repelir durante 65 dias as investidas ferozes de 150 mil mouros que tinham a comandá-los um general de 20 anos, Mulei Mohamed.

Este correspondente, do alto das muralhas que caem aos pedaços, contemplou a retirada dos sitiados, enquanto calculava em cerca de 25 mil o número de cadáveres deixados por eles em torno da cidade.

As perdas portuguesas não passaram de 117 mortos e 270 feridos, segundo o capitão interino de Mazagão, sr. Rui de Sousa Carvalho.

Durante mais de dois meses vivemos num verdadeiro inferno de fogo e sangue, cercados por todos os lados pelas tropas mouros que tentavam vencer as muralhas, usando moderníssimas armas de bombardeio.

Sob o comando do general Alvaro de Carvalho os soldados, auxiliados pelas mulheres, crianças e velhos que aqui residem, além de guerrear, faziam as vezes de pedreiros e britadores, desloçando pedras e massa para as rachaduras produzidas nas muralhas.

Os mouros tentaram entrar na cidade por meio de subterrâneos. Os que conseguiram, mal a terra se deslocava, se viam cobertos por um banho infernal de breu derretido.

O jovem general derrotado é o filho primogênito do Xerife que, agora, com exceção de três cidades (Tanger, Ceuta e Mazagão) domina todo o Marrocos.



MAZAGÃO

Por trás das muralhas fendidas, 1 português para 150 sitiados mouros

## REPERCUSSÃO EM LISBOA

Lisboa, junho, 1562 — Tradicionais e irreconciliáveis inimigos se abraçam chorando nas ruas desta cidade ao chegarem as notícias da epopéia lusa em Mazagão. Os sinos de todas as igrejas repicam festivamente e o povo dá vazão à sua alegria pela magnífica vitória.

## CRISTANDADE

Trento, junho, 1562 — Os membros do Concílio que aqui se realiza festejaram como uma espetacular vitória da própria cristandade a epopéia dos portugueses de Mazagão.

## NA GUERRA NÃO SE BRINCA...

Andelys, 17, novembro, 1562

Não resistindo aos ferimentos de arcabuz recebidos no cerco de Rouen, quando com uma atitude de desprezo ao inimigo tentou encorajar seus soldados, morreu hoje Antônio de Bourbon, rei de Navarra.

A atitude do rei teve tanto de irreverência quanto de coragem, pois foi sob fogo cerrado que se acorcorou dando as costas à artilharia inimiga.

Antônio de Bourbon nasceu em 1518 e no ano passado foi nomeado general do reino, após a morte de Francisco II, quando renunciou à regência, forçado por Catarina de Médicis. Tornou-se católico por influência dos espanhóis.

Era casado com Jeanne d'Albret, rainha de Navarra, desde 1548.

## DUQUE EXPULSA PROTESTANTES

Munich, dezembro, 1563

«Quem não crê comigo não pode comer comigo» exclamou o duque Alberto V da Baviera, ao expulsar da corte de Munich os nobres que aderiram à nova fé. Propalou-se agora que os nobres estão articulando uma conjuração contra o duque.

Podemos informar, no entanto, que o complot não existe e que o movimento dos nobres visa apenas a preservar suas convicções religiosas. Não há nenhuma preocupação política de sua parte.

## Rapto

Sumatra, 1, janeiro, 1562 (Do correspondente)

No acampamento português tudo era silêncio. Guardada por uma centena de marinheiros, uma mulher de extraordinária beleza dormia.

De repente foi um pandemônio. Gritos e sons guturais quebraram a monotonia da noite. Ruído de armas que se chocam, lanças que se cravam e espadas que se enterram nos corpos.

Na escuridão os indígenas eram ainda mais escuros. Mas seus olhos brilhavam quando se adivinhavam sobre as sentinelas descuidadas. Eram os «manancabos» que desejavam para o seu rei aquela mulher tão alva e tão linda.

Ao amanhecer contaram-se os corpos de 60 marinheiros bizarramente estendidos pelo acampamento. Diogo Pereira, o comandante, em soluços, arrancava os cabelos.

\*\*\*

Antes viajavam todos, cerca de 700 homens, sob o comando de Rui Mello no navio «São Paulo» que vinha do Brasil e há um ano se aproximara deste porto. Depois foi a tempestade. E do majestoso barco só restaram destroços atirados sobre os penhascos da costa.

Salvos, construíram então 3 embarcações. 500 viajaram nelas ao longo da costa. Os outros seguiram a pé pela orla das praias. Depois de 4 meses dessa marcha amfíbia atingiram um ponto a 3 graus de latitude Sul.

E foi ali, quando acampados para descansar, numa noite de dezembro, que se deu a terrível tragédia agora relatada ao repórter pelo capitão Pero Barreto que encontrou alguns sobreviventes em Sunda e Pata onde carregava pimenta.

\*\*\*

A bela mulher raptada para o rei «manancabo» chamava-se Francisca Sardinha. Era a doce esposa de Diogo Pereira. Restou-lhe apenas, a consolar-lhe o desespero, sua pequena filha, a filha de Francisca.

## Mão de Ferro morre em paz

Hornberg (Alemanha), 1562

Sua mão de ferro — substituindo a de carne, que amputou — era tão perfeita que empunhava a espada e desferrava certos golpes nos inimigos.

Gotz de Berlichingen contava 42 anos quando teve a mão direita esmagada na batalha de Landshut em 1504. Um hábil armeiro fez-lhe uma de ferro que ele passou a usar com tanto desembaraço como se fosse a perdida.

Um dos últimos representantes do espírito do feudalismo e da cavalaria, tomou parte em uma centena de batalhas. Estêve prisioneiro diversas vezes e desenvolveu papel saliente na revolta camponesa alemã de 1525.

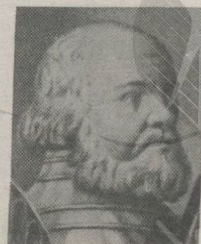
A extrema violência dos revoltosos, como noticiamos na época, fez com que ele abandonasse o movimento e se rendesse às tropas dos príncipes.

A última batalha em que Gotz (conhecido pelos soldados e nobres de toda a Europa como o «Mão de Ferro») tomou parte, foi a de Chateau-

Tiery, sob o comando de Carlos V contra Francisco I, em 1544.

Agora, 18 anos depois, com 82 de idade o «Mão de Ferro» acaba de morrer pacificamente nesta cidade.

Sobre seu peito, duas mãos se cruzaram. Uma de carne, uma de ferro.



«MÃO DE FERRO» Pulso de aço



BOURBON  
Brincadeira de morte

## EDITORIAL

# A paz e a Igreja

Hoje, mais do que nunca, o Brasil pode considerar-se no caminho do progresso interno. O esforço de jesuítas, especialmente Manuel da Nóbrega e José de Anchieta, acaba de realizar o prodígio de trazer os ferozes tamoios ao convívio da Igreja e da administração portuguesa.

Não despreveremos, aqui, o que foi a batalha pró-paz de Iperoig, narrada noutra local. Apenas queremos consignar a vitória de uma idéia fundamental para os destinos do país.

Nóbrega, inabalável em sua fé religiosa, idealizou e executou, com o jovem Anchieta, o arrojado plano diplomático de buscar os inimigos, em vez de combatê-los apenas.

São Vicente, onde, segundo Anchieta, a preocupação de todos era como se esconder para não morrer às mãos dos tamoios, mostra os primeiros frutos da grande vitória da diplomacia religiosa. Hoje, a cidade já pode respirar: a Igreja conteve os selvagens de Iperoig. Amanhã, São Vicente estará crescendo no único clima em que uma coletividade é capaz de desenvolver-se: o de paz.

A que devemos êste milagre, afinal? Não diríamos que foi somente a mera habilidade diplomática. Seria exagerado simplismo supor que o maior ou menor talento colheria melhor ou pior fruto. Não. O segredo de Iperoig é o de todos os feitos jesuítas pelo mundo. A Fé, só a Fé, explica que o Brasil não tenha perecido antes, à mão dos franceses ou dos desacertos administrativos, como agora, diante da animosidade dos selvagens tamoios. A Igreja salvou o país, unindo-lhe os filhos.

## MEDICINA

Pádua, 1562 (Do correspondente)

Os conhecimentos e o saber sobre o corpo humano de nada adiantaram ao cientista e professor Gabriel Fallopius que acaba de morrer.

Ele substituiu Vesálio na cadeira de anatomia e cirurgia desta cidade, devendo-se ao seu gênio pesquisador diversos trabalhos de extraordinária importância para a medicina.

Fallopius se interessou vivamente pelo desenvolvimento do feto humano; pelo estudo dos ossos do crânio e dos músculos em geral; estudou o trajeto dos vasos sanguíneos e os órgãos genitais da mulher, tendo dissecado com rara precisão a composição do ouvido interno.

Não lhe foram estranhos os estudos a respeito dos nervos cranianos e do sistema nervoso em geral.

Fallopius, que nasceu em Módena em 23, exerceu o ma-



FALLOPIUS

gistério de anatomia em Ferrara e Pisa, morrendo quase que desconhecido, apesar de seus importantes trabalhos de pesquisa, antes mesmo de completar os 40 anos.

## A MODA COMO ELA É



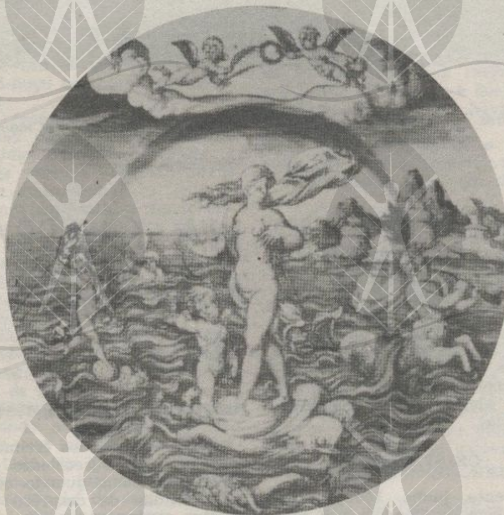
Paris, 1563

Neste início de reinado do jovem Carlos IX, sob a regência de sua mãe Catarina de

Médicis, o luxo e o requinte da moda parecem continuar num crescendo. Els as principais características dos novos modelos masculinos: gibão de gola alta, pendida para a frente; casaca e punhos freqüentemente bordados de pele branca. As calças são de formas extremamente variadas: 1º) longas e amplas, cobrindo quase toda a perna; 2º) estofadas na cintura e colantes nas coxas e nos joelhos (v. modelo que estampamos); 3º) abertas em baixo e soltas; 4º) curtas e em balão (v. o outro modelo). Estas calças bufantes fizeram reaparecer os bolsos.

A capa, que nunca cai da moda, também apresenta diversas variantes: sem colête, revestindo todo o busto, chamada «capa espanhola»; com colêtes pequenos; com capuz (reputada como a mais confortável); e ainda as duas que apresentamos: 1) com o colête normal; 2) a «casaca», espécie de capa com fendas, por onde passam os braços.

## DECORAÇÃO



As louças e a cerâmica francesas muito devem à arte italiana. Vejam os leitores a beleza da execução deste prato em faiança lionesa, de motivo mitológico, com paisagem marinha, de fundo azul, ondulado. Esta magnífica obra foi realizada por italianos residentes em Lião.

## OURO E ESMERALDAS ACHADOS NO BRASIL

Santos, 25, abril, 1562 (Urgente)

A fundação de uma cidade no Rio de Janeiro é recomendada como uma das condições taxativas para a defesa do ouro que o sr. Brás Cubas informou, hoje, ter descoberto a 180 quilômetros de S. Vicente.

Tão bom como o de Mina, na África, o ouro brasileiro foi localizado em seis pontos diferentes, graças a uma expedição iniciada no ano passado pelo próprio provedor de S. Vicente, sr. Brás Cubas e pelo sr. Luis Martins.

Em carta à regente de Portugal, d. Catarina, o mesmo sr. Brás Cubas afirma que encontrou em suas próprias terras «umas pedras verdes» que acredita serem esmeraldas.

## MÚSICA

Veneza, 1562 (Do correspondente)

Deixando nada menos de 8 testamentos, um para cada dez anos de vida, morreu hoje nesta cidade um dos grandes clássicos da música moderna, Adrien Willaert.

Admite-se que Adrien tenha deixado grande fortuna produto de suas inúmeras obras — missas, hinos e madrigais. Destacou-se não só como artista, mas, também, como hu-

manista, tendo sido a êle atribuído o título de fundador da escola veneziana de música. Há mais de 30 anos era maestro da capela da Basílica de S. Marcos.



ADRIEN

80 anos — 8 testamentos

## CUBAS CONTADOR

A carreira do sr. Brás Cubas, provedor em São Vicente, tem dado o que falar em Lisboa. O fundador da cidade de Santos, depois de mandar a Portugal amostras de ouro e esmeraldas, foi feito contador de resíduos e capelas, hospitais e confrarias nas capitâncias de São Vicente e Santo Amaro.

## O BRASIL EM JORNAL

«PRÊMIO PAULA BRITO»

DO

ESTADO DA GUANABARA

Rua 1ª de Março, 22, 2ª and.

Tel.: 31-2297 — Rio — GB

Secretários:

RUBEM DE AZEVEDO LIMA

e

ZUENIR CARLOS VENTURA

Paginação

WALDYR FIGUEIREDO

Ilustração

HILDE E ADAIL

Revisão

GABRIEL CHAVES DE MELO

Promoção

TITO S. CAVALCANTI

EDITORA GB — RIO LTDA.

Rua 1ª de Março, 22 - 2ª and.

RIO - GB

## LIVROS E AUTORES



Paris, 1563

O sábio Bernar d Palissy «papa» dos ceramistas franceses e, além disso, escritor e homem de ciência, acaba de lançar uma importante obra, através das edições «La Rochelle»: «Receita Verdadeira Pela Qual Todos os Homens da França Poderão Aprender a Multiplicar e Aumentar Seus Tesouros».

Paris, 1562

Sob o título de «Ilha Sonante» (L'Isle Sonante), acabam de aparecer os dezesseis primeiros capítulos do 5º livro de François Rabelais, o cético e sarcástico incomparável que a França perdeu há nove anos. Aguarda-se para muito breve a publicação completa desta sua última obra. «Sorbonistas», reformistas e ronsardianos, seus críticos acerbos, devem estar ansiosos para pronunciar-se...

«Tratado de Geometria» é o título de importante obra publicada pelo conhecido arquiteto e gravador francês Jean Bullant.

Existe realmente interesse e curiosidade pelo livro de Bullant, por ter sido ele autor de várias obras de arquitetura em Ecouen e Chantilly, quando a serviço do Condestável de Montmorency. O apoio do grande valido de Henrique II proporcionou-lhe, mesmo, o cargo de controlador das construções reais. A morte de Henrique fez com que caísse em desgraça. Seu tratado agora vindo à luz foi escrito nos bons tempos em que gozava de largo prestígio, sob a proteção de Montmorency.

Espanha, 1562 (Do correspondente)

Teresa de Jesus, religiosa carmelita, fundou este ano o primeiro convento de uma nova ordem, a das Carmelitas Descalças. Teresa de Jesus vem dedicando sua vida ao serviço da Fé, misto de visões de êxtase, de práticas religiosas e de repetidas viagens para reforma dos mosteiros de sua ordem.

Teresa publicou uma de suas mais importantes obras: O «Livro de minha vida», autobiografia espiritual, de grande valor místico e religioso.

Berlichingen, que faleceu neste ano de 1562, deixou pronta uma autobiografia, cujo título adiataríamos, em primeira mão: «Vida de Gotz de Berlichingen, o Mão-de-Ferro». Quem nos deu a no-

tícia, amigo do falecido, está fazendo força para publicá-la muito breve. Se o conseguir, os amantes dos romances de aventuras terão um excelente prato para saborear.

Lisboa, 1562

Revistas pela censura e amputadas de todas as críticas que fizeram a alegria dos frequentadores de teatro, acabam de aparecer nesta cidade as obras completas de Gil Vicente, editadas e prefaciadas por seu filho, sr. Luis Vicente.

Sobre a demora no aparecimento de tão importante coletânea (22 anos após a morte de seu autor), o editor explicou-nos, reservadamente, que não se tratou de desinteresse. «Pelo contrário, disse-nos. Meu pai, em seus últimos 4 anos de vida, ordenou o que escreveu e se não publicamos, antes, toda sua obra foi devido a um sem número de exigências dos Índices Expurgatórios».

Goa, 10, abril, 1563 (Do correspondente)

Médico e botânico português (dr. Garcia d'Orta) acaba de lançar, nesta cidade, livro de grande importância: «Colóquios dos simples e drogas».

Garcia é um estudioso de botânica e grande amigo do Nisamaluco, autoridade indiana nestas partes. Seu livro desvenda segredos botânicos e descreve mesmo algumas enfermidades, como é o caso da cólera-asiática. Pena que a impressão de Goa (oficina de João de Endem) tenha deixado passar várias incorreções tipográficas.



Paris, 1563

Pierre Ronsard, «príncipe dos poetas franceses», acaba de lançar mais uma produção. São os «Discursos sobre os miseráveis», em versos, escritos em diferentes épocas, e que constituem uma coletânea de poemas vigorosos e coloridos, de inspiração católica e nacional. Nêles o que mais chama a atenção é o profundo toque sentimental com que o autor mostra as misérias que as guerras religiosas desencadeiam sobre a França.

A crítica tem saudado a nova obra como a mais pessoal do autor, ao lado da anterior, «Os amôres», já que suas «Odes» são visivelmente inspiradas ora em Píndaro, ora em Horácio. Apesar das dificuldades do gênero — discursos patrióticos — ela há de ficar para a posteridade, pela beleza do estilo, sinceridade dos sentimentos e feliz escolha dos ritmos.

# Comeram carne humana para não morrer

Fim do sonho francês de conquista da Flórida

Londres, 1563 (Urgente)

*Alimentando-se da carne dos seus companheiros mortos, tripulantes de uma pequena jangada escaparam à fome, tendo sido encontrados por um navio inglês.*

*Trata-se dos remanescentes de uma expedição francesa que tentou a conquista e a colonização da Flórida, na América.*

Organizada pelo almirante Coligny — o mesmo que ordenou a ocupação do Rio de Janeiro — a expedição teve a chefia-la dois cavalheiros protestantes, Jean Ribault e Goulaine de Laudonnière, marinheiros de tarimba.

Com 3 embarcações artilhadas e 150 homens, ela partiu do Havre a 18 de fevereiro do ano passado. Chegou à Flórida a 30 de abril, onde, à beira de um rio que denominaram «de Maio», plantaram no dia 1º um marco com as armas gaulesas.

O regresso à França se deu a 11 de junho. Nessa data os dois chefes, Ribault e Laudonnière, partiram deixando alguns colonos na Flórida, em local denominado Charlesfort.

Ribault não chegou a alcançar Paris por causa da deflagração da guerra religiosa. Vindo para esta cidade, ele se prepara para publicar um livro intitulado «Completa e verdadeira descoberta da terra da Flórida», no qual dá sua impressão sobre a América assim como sobre as possibilidades de colonização e as riquezas que possui.

Apuramos que os naufragos antropófagos recolhidos em

pleno oceano constituem o núcleo dos sobreviventes franceses de Charlesfort. De um deles recolhemos as seguintes declarações:

«Albert de la Pierria, chefe da colônia, foi assassinado num motim. A fome e a miséria implantaram o caos.

Os índios timucuas, antes aliados, tornaram-se hostis. A entrega da chefia a Nicolau Barré, decano dos colonos, resolveu a situação a princípio.

Depois, restou a fuga por mar em frágil jangada numa viagem que nos transformou até em antropófagos.»

## VILLEGAGNON

### QUER INDENIZAÇÃO

Lisboa, 10, janeiro, 1563 (Do correspondente)

Villegagnon quer 30 mil ducados de Portugal, «em troca de benfeitorias realizadas no Rio.»

O assunto está sendo tratado em sigilo para não causar indignação popular. Acredita-se que Portugal acabará pagando mesmo os 30 mil ducados ao invasor do Rio.

## CINQUENTENÁRIO DA MORTE DE VESPÚCIO

Há precisamente 50 anos, na data de hoje — 22 de fevereiro — morria em Sevilha, na Espanha, uma das mais destacadas figuras dos fins do século passado e princípios do presente: o navegador florentino Américo Vespúcio, figura discutida de aventureiro e geógrafo, de atuação relevante no mundo científico de sua época e de papel importante na própria história do Brasil.

Sua morte, a 22 de fevereiro de 1512, foi noticiada pelo O BRASIL EM JORNAL, com o destaque que bem merece o navegador. Dedicado inteiramente ao mar e às coisas da geografia, o que o tornou famoso e que certamente o consagrará para a posteridade, é o fato de ter sido aceito imerecidamente o seu nome para denominar o Novo Mundo: América.

Esse fato, que imortalizou Vespúcio, deve-se ao geógrafo Martin Waltzemüller que em sua «Cosmographiae introductio» (editada em 25 de abril de 1507) escreveu as seguintes palavras: «Existe outra quarta parte do mundo, que foi descoberta por Américo Vespúcio e não vejo que nenhum homem discreto possa opor-se legitimamente a que seja chamada América, isto é, Terra de Américo, segundo o nome do descobridor.»



VESPÚCIO  
Glória merecida?...

# Com a morte à espreita...

(conclusão da página 2)

meios da expedição foi dado, pelos índios, como tendo sido morto pelos portugueses e a versão dos índios fez que Iperoig se levantasse contra os brancos. A súbita reaparição do índio desaparecido é que salvou Anchieta e Antônio Dias da morte. Pindobucu, zangado com o boato que quase motivara o assassinio

dos dois, pôs-se a bater com a tacape no chão e disse, diante dos tamoiis descontentes do Rio:

«Ninguém mais cause preocupação em minha aldeia. Concordo com a paz e hei de respeitá-la. Se fizerem algum mal aos brancos, hão de aborrecer-se muito».

A paz já estava firmada.

Cunhambeba, que fôra a São Vicente, voltou logo com a promessa de libertar Anchieta. «Os selvagens, lembra o nosso entrevistado, ficaram tristes quando me viram partir. Só concordaram com minha viagem depois de dois dias de conferências entre Cunhambeba e outros homens. Dei à mulher de Pindobucu um cofre com pertences meus, à guisa de lembranças».

O jesuíta faz questão de afirmar, concluindo, que acredita piamente no cumprimento da paz por parte dos tamoiis de Iperoig.

«Quanto aos da Guanabara, que sempre nos foram hostis, esperemos», finalizou.



TAMOIIS

Agora — graças a Nóbrega — amigos dos portugueses

## SÓ QUEM JURAR FIDELIDADE PODE TER CARGO PÚBLICO NA INGLATERRA

Londres, 1563 (Do correspondente)

Quem não assinar o juramento da supremacia não poderá, mais, exercer qualquer função pública na Inglaterra, foi o que se decidiu, agora, nesta capital, com a publicação de um estatuto em 39 artigos que veio substituir um outro de 42 artigos, escrito por Cranmer.

O novo ato da rainha Elizabeth é considerado pelos especialistas em assuntos ingleses como sumamente prejudicial aos interesses de católicos e calvinistas puros, contrários ambos ao estatismo da Igreja no país.

O estatuto dos «39», como o chamam, completa o estabelecimento da Igreja anglicana. Muitos de seus artigos, na opinião de críticos, são ambíguos.

Entre as modificações agora feitas figuram, principalmente, a da hierarquia eclesiástica (a nova é quase igual à da Igreja católica) e a da parte litúrgica. Pelo estatuto, toda a liturgia religiosa será cópia fiel da romana, mas com o uso obrigatório do inglês em lugar do latim.

Ao que se informa, vários grupos religiosos da Inglaterra estariam descontentes com a vigência dos 39 artigos. Determinado grupo que se intitula de «puritano», porque pretende fazer a Igreja cada vez mais protestante através da purificação do ritual existente e com a volta dos primeiros princípios do cristianismo, condenou-nos as modificações da rainha.

«De qualquer modo, disse-nos um líder «puritano», somos contra as discriminações religiosas exageradas.»

dos dois, pôs-se a bater com a tacape no chão e disse, diante dos tamoiis descontentes do Rio:

«Ninguém mais cause preocupação em minha aldeia. Concordo com a paz e hei de respeitá-la. Se fizerem algum mal aos brancos, hão de aborrecer-se muito».

A paz já estava firmada.

Cunhambeba, que fôra a São Vicente, voltou logo com a promessa de libertar Anchieta. «Os selvagens, lembra o nosso entrevistado, ficaram tristes quando me viram partir. Só concordaram com minha viagem depois de dois dias de conferências entre Cunhambeba e outros homens. Dei à mulher de Pindobucu um cofre com pertences meus, à guisa de lembranças».

O jesuíta faz questão de afirmar, concluindo, que acredita piamente no cumprimento da paz por parte dos tamoiis de Iperoig.

«Quanto aos da Guanabara, que sempre nos foram hostis, esperemos», finalizou.

## “COLÉGIOS NO BRASIL OBRAS DE PIEDADE”

Trento, 1563 (Do correspondente)

Colégios para meninos mestiços e casas para meninas, governadas por mulheres de muita honestidade, são obra de piedade, quando não, um dos objetivos da Companhia de Jesus — esta, em síntese, a resposta do Geral dos Jesuítas, frei Diogo de Lainez, a uma consulta do padre Manuel da Nóbrega, ora no Brasil.

Frei Lainez, continuando, explica que procura de meios para manter tais escolas são lícitos, já que é importante para o Brasil a educação dos jovens na boa doutrina.

Outro tópico da carta-resposta que Frei Lainez enviou ao padre Nóbrega diz respeito ao problema dos escravos, que tem gerado sérios atritos no Brasil.

«Escravos para tratar da fazenda de gado ou pescar, diz o Geral dos Jesuítas, não os tenho por inconvenientes, desde que sejam justamente possuídos».

Concluindo, frisa Frei Lainez que a ida dos índios já com primeiras letras, a Portugal, é iniciativa que se deve incrementar, bem como a remessa de açúcar e outros produtos em troca de outros bens necessários no Brasil.

## AGENTE DA INQUISIÇÃO EMPRÉGO DE CLASSE

Lisboa, 14, dezembro, 1562

Os agentes da Inquisição foram hoje autorizados a usar armas ofensivas e suas mulheres e filhos poderão usar seda em seus vestuários, coisa que é proibida aos plebeus.

O cargo, que já era muito cobiçado, avantajou-se agora com a série de regalias e vantagens concedidas por decreto real: isenção de trabalhos difíceis; isenção de impostos; não obrigatoriedade de acompanhar presos e isenção de ceder suas casas para alojamento de autoridades, assim como ficam os agentes desobrigados de contribuir com pão, vinho, roupa, galinhas e ovos nos casos de necessidade pública.

Se a nomeação de agentes — chamados «familiares do Santo Ofício» — já era coisa difícil, com o decreto de hoje, então, só será conseguida com proteção muito forte.

## PINTURA

### Retrato

O pintor (talvez o melhor retratista da arte francesa de nossos dias) Francisco Clouet, filho de Jean Clouet, a quem sucedeu no importante cargo de pintor ordinário do rei, apresentou este ano (1562) um bellissimo retrato do médico Pedro Guthe. Nesta obra, Clouet (filho) demonstra mais uma vez sua arte plena de encanto, de espírito e, sobretudo, de



profunda penetração psicológica.

## Palácio-castelo terá forma de grelha

Madri, 1562 (Do correspondente)

Um palácio-castelo em forma de grelha, de proporções gigantescas, está sendo iniciada em local denominado «Escorial», a cerca de 50 quilômetros desta cidade de mil metros de altitude.

A obra tem a dirigida o famoso arquiteto João Batista de Toledo e foi projetada no ano passado por Felipe II, como pagamento de uma promessa feita a S. Lourenço por causa da destruição pela artilharia espanhola da igreja que levava o nome desse santo, na batalha de Saint-Quentin, há 5 anos passados.

A forma de grelha escolhida para a audaciosa obra arquitetônica tem o sentido de recordar o suplicio de S. Lou-

renço, queimado sobre um instrumento de tortura desse tipo.

O local da construção foi escolhido por uma comissão designada por Felipe II e tem o nome de «Escorial» por causa de antigas forjas abandonadas ali e cujas lascas de metal — «escórias» — lhe dão um selvagem aspecto.

## MORREU ÍNDIO QUE SALVOU SÃO PAULO

São Paulo, 25, dezembro, 1562 (Do correspondente)

O homem que edificou as primeiras casas de São Paulo e lutou contra o próprio irmão para salvar a cidade, morreu hoje em paz com sua consciência e fiel à doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Trata-se de Tibiriçá, Martim Afonso Tibiriçá, a quem os jesuítas de São Paulo resolveram prestar homenagens póstumas dignas de um rei.

Logo que se soube de sua morte, hoje, em pleno dia de Natal, os jesuítas declararam-no benfeitor e fundador da cidade. Seu corpo foi trasladado para a capela do Colégio, onde será sepultado.

## Cinzas de Cortez

Tezcuco, México, 1562 (Do correspondente)

As cinzas de Cortez, o conquistador do México, estão depositadas no mosteiro de São Francisco, nesta cidade. A trasladação foi providenciada por Dom Martin Cortez, filho natural de Cortez com Dona Marina, sua companheira na conquista.

As derradeiras vontades do famoso conquistador revelaram profundo interesse pela sorte dos escravos índios, cuja educação e bem-estar recomendou ao filho. Pedia ainda Cortez que fosse sepultado no lugar onde morresse e que, após dez anos, fossem seus restos mortais trasladados para o México.

## COLUNA MILITAR



### CORSELETE

Guerra mais cômoda

Uma armadura mais leve (a chapa é mais fina que as antigas, porém não menos resistente) está ganhando terreno em todos os exércitos da Europa.

Os entendidos em assuntos bélicos dizem que a nova armadura, conhecida como corselete, atende a dois objetivos fundamentais: defende melhor e dá mais comodidade aos combatentes.

O corselete protege apenas o busto e é feito de finas chapas desenhadas, soldadas no dorso.

# DOMINGO DE SANGUE COMEÇOU A GUERRA

Wassy, 1, março, 1562

Domingo sangrento foi o que teve hoje a população desta cidade, com o massacre de dezenas de protestantes pelas tropas de Francisco de Lorena, duque de Guise.

Um desentendimento surgido entre huguenotes que realizavam reunião religiosa e alguns soldados do duque, degenerou em verdadeira guerra que, segundo declaração do escritor Pasquier a este repórter, «é o começo de uma tragédia que se desenvolverá entre nós e às nossas custas».

Trazendo lanternas, vultos chorosos perambulam pelas ruas ensanguentadas à procura de parentes e amigos que podem estar entre os cadáveres.

## AGITAÇÃO

Paris, 15, março, 1562 — O duque de Guise chegou a esta cidade em companhia do condestável de Montmorency e do marechal de Saint-André, à frente de suas tropas. Teve uma recepção extraordinária. Sabe-se que o príncipe Condé, líder protestante, deixou esta

Sabe-se que, chamadas pelos protestantes, forças inglesas teriam desembarcado no continente. Foi essa notícia que apressou a invasão de Rouen. Os huguenotes teriam oferecido à rainha Elizabeth o porto do Havre, em troca do apoio inglês à campanha protestante.

## CONFUSÃO

Dreux, 19, dezembro, 1562

Os protestantes aprisionaram Montmorency, enquanto as tropas católicas prendiam o príncipe de Condé.

Ambas as facções em luta se proclamam vencedoras desta que foi a primeira batalha de exércitos regulares da guerra religiosa.

## ASSINADA A PAZ

Amboise, 19, março, 1563 — Uma paz na qual não se acredita muito foi hoje assinada entre católicos e protestantes. Sob os auspícios de Catarina, os dois partidos concordaram em retomar juntos o Havre cedido aos ingleses pelos protestantes.

Ficou assentado o seguinte: 1) anistia geral para os huguenotes; 2) devolução ao rei das cidades ocupadas pelos protestantes; 3) uma cidade em cada província será indicada para exercício do culto protestante; 4) os nobres protestantes poderão praticar sua religião dentro de casa e 5) proibição aos luteranos de ultrajar a religião e os padres católicos.

## FRANÇA DESCOBRE REDE DE ESPÍOES DO REI ESPANHOL

Paris, dezembro, 1563

As autoridades francesas descobriram, aqui, vasta rede de espionagem a serviço da Espanha. Apesar de todo o sigilo, conseguimos apurar que estariam envolvidas figuras da maior projeção na sociedade espanhola e até um irmão do próprio embaixador da Espanha na França, cardeal de Granvela.

As autoridades, no momento, reúnem o «dossier» das atividades do grupo a fim de expulsá-lo de França. O irmão do cardeal, sr. Tomás Perrenot de Chantonnay, é homem de confiança do duque de Alba.

Apurou-se, ainda, que a rede de espíões espanhóis na França mantém contato com um grupo que age na Inglaterra e é chefiado pelo sr. Álvaro de la Quadra.

— Com 8 mil soldados fora de combate, mortos, feridos ou prisioneiros, os protestantes deixaram o campo de batalha perto desta cidade, depois de encarniçados combates que penderam ora para um ora para outro lado.



## QUEM VENCEU ?

Sensacional flagrante, tomado do alto, do choque principal das tropas na batalha de Dreux. Cavalaria e infantaria se misturaram numa balbúrdia infernal pouco depois da reconstituição que apresentamos com exclusividade. No primeiro plano vemos um batalhão alemão — «lansquenets» — quando começava a bater em retirada.

cidade, e se dirigiu para Meaux: A agitação é crescente. Paris tem sido invadida por pequenos grupos que chegam às dezenas e que se afirmam serem compostos de protestantes da província que aguardam a hora de atacar.

De todas as partes chegam notícias de revoltas contra o rei e a Igreja. Grammont, na Guiana; Montgomery (desaparecido desde a morte acidental de Henrique II) na Normandia, assim como os senhores d'Andelot e de La Rochefoucauld, procuram sublevar os protestantes.

## É A GUERRA

Paris, 2, abril, 1562 — A França está conflagrada! Condé lançou-se sobre Orléans com o objetivo de ali estabelecer o quartel-general protestante. Em Paris sabe-se que cerca de 30 mil huguenotes estão prontos a vir para a rua a qualquer momento. Notícias procedentes de todas as províncias dão conta de assassinios em massa, combates sangrentos, massacres, incêndios, pilhagem e desordem total.

É a guerra civil que explode!

## ROUEN OCUPADA

Rouen, 25, outubro, 1562 — Tropas católicas enviadas por Catarina de Médicis cercaram e ocuparam esta cidade. O rei de Navarra — comandante protestante — foi ferido gravemente.



## ROUEN EM RUÍNAS

Católicos entram na cidade



## MASSACRE DE WASSY

Ao som de trombetas os soldados de Guise massacraram os protestantes reunidos numa granja. Os que tentam fugir pelo telhado são caçados a tiros de arcabuz. Numa coincidência ironicamente trágica, tudo se passou ao lado do cemitério da cidade... E apoiado ao muro do terreno dos mortos que o duque assiste ao «espetáculo». Dali, a morte se espalhou pela cidade inteira.

## EM SOCIEDADE

Comenta-se muito a paz assinada entre Catarina de Médicis e o príncipe protestante Condé, que a princípio recusara qualquer acordo com estas palavras: «Tratado de paz só com outros chefes protestantes».

No entanto, concordou em conferenciar com a regente e, então, sua intransigência enfraqueceu. Razões da mudança: Catarina levou consigo uma das mais belas jovens de seu «Esquadrão», Mlle. Isabelle da Limeuil, cujos olhos azuis fascinaram Condé mais que quaisquer condições de paz...

D. Sebastião, o jovem rei de Portugal (no momento sob a regência de sua avó) completou o ano passado (1561) sete anos. Até então, conta-se, o menino-rei comia e dormia nos aposentos de D. Catarina. Agora, seu tio-avô, o cardeal D. Henrique, obrigou-o a separar-se da vovó e deu-lhe aposentos separados. Mas, na corte, diz-se, a medida não teve os efeitos esperados. Diariamente, vovó e netinho se reúnem no quarto do último.

O Dia de Reis deste ano de 1562 foi muito comemorado na Faculdade de Direito de Londres. O jantar de dois pratos foi servido na grande sala e, após o primeiro prato, vieram os mestres de jogos vestidos de veludo verde.

O ponto alto da festa foi a entrada de um caçador com uma raposa e um gato, presos na ponta de um bastão, e parelhas de cães. Ao som de uma trombeta, o gato e a raposa foram atacados pelos cachorros, que acabaram matando-os.

Quando o segundo prato terminou, o mestre de jogos cantou uma canção, com a assistência de pé.

O cerco de Mazagão, na África, gerou séria crise de governo em Portugal. Quando o comandante daquela praça mandou pedir auxílio em Lisboa, a rainha D. Catarina custou a atender. Alegou, primeiramente, dificuldades financeiras. Mas, agora, mur-

mura-se que a luxuosa instalação de sua camareira-mor, D. Joana de Eça, no convento da Esperança, daria para suprir as necessidades de vários regimentos...

A grande arma secreta de Catarina de Médicis desde que assumiu a regência da França é, segundo as más línguas, o seu «Esquadrão volante de moças galantes». O número destas «demoiselles d'honneur» já atinge a duas centenas e sua missão principal é tirar a lucidez dos homens que Catarina lhes indica.

Um confrade nosso informa que as garotas já têm sob seu hábil controle ilustres ministros, embaixadores e até soldados...

Chegou a Pernambuco, vindo de Portugal, o sogro de Jerônimo de Albuquerque, sr. Cristovão de Melo, descendente de alta nobreza em sua terra. Saudades da filha...

Em Lisboa, o assunto nas rodas sociais ainda é o cerco de Mazagão. Um rico moedeiro desta cidade declarou, outro dia, numa reunião elegante, que sua corporação, apesar de isenta de impostos, armou 80 homens e, se os mouros não tivessem levantado cerco, armaria mais 80.

Das que se contam entre cortesãos portugueses, a respeito do menino-rei, D. Sebastião, que acaba de completar nove anos agora, em 1563.

O soberano, apesar da pouca idade, quis jejuar na Quaresma e só a custo conseguiram dissuadi-lo. Um nosso informante garantiu que D. Sebastião detesta o Paço da Ribeira, sua residência, porque nas proximidades não existe igreja onde possa ir às tardes.

Num missal que o rei-zinho acaba de oferecer aos jesuítas, estão escritas, de seu próprio punho, as seguintes palavras: «Padres, rogai a Deus que me faça muito casto e muito zeloso de dilatar a fé por todas as partes do mundo».

# Igreja mais forte

## Religião mais pura

### Católicos unidos

Trento, 4, dezembro, 1563 (De Antônio Melledone, enviado especial de O BRASIL EM JORNAL)

1) — O purgatório existe; 2) — o casamento é um dos sete sacramentos cristãos e não uma invenção da Igreja, assim como 3) — o Papa é o Chefe Sagrado de todos os bispos e intérprete da Lei da Igreja — constituem algumas das mais importantes decisões hoje proclamadas por ocasião do encerramento do 19º concílio ecumênico, que nesta terceira e última fase durou dois anos.

As outras principais decisões (entre as numerosas e transcendentes resoluções do Concílio de Trento, cuja íntegra publicaremos oportunamente) são as seguintes: Roma possui autoridade espiritual sobre todos os católicos; o sacramento da Eucaristia, pela presença de Cristo, prepondera sobre os demais; o pecado original é a morte da alma; a diferença entre os batismos de João e de Jesus e a necessidade da água como matéria deste sacramento, sob a autoridade da Igreja romana.

A Igreja sai deste Concílio mais purificada e mais unida; mais forte e mais organizada; enfim, mais consciente de seus sagrados deveres.

Falando na sessão de encerramento — a 25ª — o bispo veneziano Jerôme Ragazzoni, disse: «Vós proscrevetes toda a superstição, toda avareza, toda irreverência na celebração da missa; vós expulsastes dos altares os padres relapsos; vós trouxestes outra vez para os santuários a celebração dos Santos Mistérios; vós tirastes dos Templos do Senhor os cantos profanos e a preocupação comercial.»

## Ivan tomou Polock

Polock, 15, fevereiro, 1563

As tropas de Ivan, o Terrível, tomaram hoje esta cidade, dando assim mais um passo na política de expansão russa e conseguindo brilhante vitória na encarniçada guerra que trava com Sigismundo-Augusto, rei da Polônia.

### MUDANÇA

Polónia, 1, março, 1563 — Afilgado pela derrota de Polock, Sigismundo rompeu a linha de conduta que vinha mantendo em relação à poderosa família dos Hozenzollern: barrar sistematicamente o caminho da Livônia.

O bispo Caetane releu os decretos dogmáticos e disciplinares estabelecidos sob o papado de Paulo III e Júlio III. O legado Morone propôs:

«Apraz-vos, muito ilustres senhores e reverendos Padres, que seja pôsto fim ao Sacro Sinodo Universal e que seja pedida, pelos legados Pontífice romano, a confirmação de todos os decretos estabele-

cidos por Paulo III e Júlio III (de feliz memória), bem como os adotados por Nosso Muito Santo Padre Pio IV?»

Depois da resposta afirmativa, Morone exclamou: — «Cantate Domino, ite in pace!» e abençoou o Sinodo, dando por encerrados os trabalhos.

### EMOÇÃO

Os 185 participantes desta reunião final do Concílio que durante tantos anos sofreu marchas e contramarchas e foi duas vezes desfeito, abraçaram-se muitos deles em lágrimas. Adversários da véspera confraternizaram, dando a certeza de que o concílio terá uma profunda repercussão em favor da concórdia universal dos católicos.

### 250 ASSINATURAS

Trento, 5, dezembro, 1563 (De Antônio Melledone) — 250 membros do Concílio apuseram hoje suas assinaturas aos decretos aprovados. São 4 legados; 2 cardeais; 3 patriarcas; 25 arcebispos; 169 bispos; 7 abades e 7 gerais de ordens. As restantes são de procuradores de bispos ausentes.

Dentre as assinaturas destacamos as dos legados Morone, Hosius, Simonetta e Navagero; as dos cardeais de Lorena e Madruzo; a do arcebispo Guerreo, de Granada, uma das maiores autoridades em direito divino; a de Bartolomeu dos Mártires, arcebispo de Braga e as dos jesuítas Laynez (geral), Salmeron e Polanco.

## Três tiros acabaram com o maior general da França

### COMER, BEBER E DANÇAR PODE DAR CADEIA

Alemanha, 1563 (Do correspondente)

A gula e o alcoolismo podem levar os glutões e os bêbados à cadeia. Da mesma forma aqueles que dançam tomam banho e dão passeios ao ar livre sem obedecer a regras agora estabelecidas em várias cidades.

Funcionários públicos que não se ajoelham à passagem das processões ou não tiverem um salutar cuidado com a sua vida privada estão sujeitos a sofrer penas desde a advertência até a prisão.

Providências como estas foram tomadas pelos jesuítas que são agora os chefes das Universidades de Dilligen e Ingolstadt, com o fim de moralizar rigorosamente a vida germânica. A frente dos membros da Companhia de Jesus neste país está o famoso pregador Canisius.

Homem de rara energia e de severo puritanismo, mesmo correndo o risco de transformar as cidades alemãs em verdadeiras Genebras católicas, Canisius não recua e promete modificar os costumes germânicos dentro de pouco tempo.

Por isso éle cuidou, inclusive, de baixar normas para que os enterros obedeam a uma formulação geral, tanto quanto a dança e os passeios.

Saint-Mesmin, 24, fevereiro, 1563

Três tiros de pistola, disparados por um huguenote, cortaram a carreira do mais brilhante general francês deste século. Francisco de Lorena, «El gran capitán de Guisa» — como era chamado pelos seus inimigos espanhóis — morreu hoje, oito dias após ter sido ferido nas costas, quando se preparava para atacar Orléans.

O assassino, fanático protestante, Poltrot de Méré, em seguida ao crime fugiu a cavalo, mas foi logo preso, confessando ter agido instigado pelo almirante de Coligny.

O segundo duque de Guise, que desapareceu aos 44 anos, foi um dos «donos» da França durante o reinado de Francisco II. Com a regência de Catarina de Médicis, caíra em desgraça.

### 24 ANOS DE LUTA

Herdeiro das brilhantes qualidades da família, Francisco era impetuoso na ação, enérgico na condução do combate

e magnânimo com o vencido. Mostrou sempre menos ambição do que seu irmão Carlos, cardeal de Lorena. Na luta contra a sedição huguenote, revelou-se tão firme católico, que soube sacrificar seus antagonismos pessoais em benefício da Igreja e dos supremos interesses do Estado.

Graças aos seus feitos de grande general e à proteção de Diana de Poitiers, ocupou posição de destaque na corte de Henrique II, que, contrariando a orientação de Montmorency, aceitou a sugestão de Francisco para uma política autoritária no interior e belicista no exterior.



GUISE  
Tiros pelas costas. Fim.

## INTRIGA FEZ NOVO REGENTE



D. HENRIQUE  
Intriga leva à regência

Lisboa, 23, dezembro, 1562 (Urgente)

Desde hoje, como resultado de laboriosa intriga conduzida por um cortesão em grande evidência, Lourenço de Távora, Portugal e seus domínios de ultramar têm novo regente: o cardeal D. Henrique, irmão do ex-rei D. João III.

Lourenço levantou a opinião pública contra a rainha, em virtude da demora no envio de socorros a Mazagão. Foram convocadas as cortes e D. Catarina apresentou sua renúncia em caráter irrevogável.

Um porta-voz na chancelaria assegurou-nos que Lourenço de Távora tinha como certa a eleição de D. Henrique para a regência, na reunião de hoje.

## JORNAL ECONÔMICO

### PAGAMENTOS NO BRASIL

Filipe de Guilhén, nomeado pelo ex-governador Tomé de Sousa para a província de Porto Seguro, há seis anos, acaba de obter a concessão real que dirime suas dívidas e as de todos os funcionários no Brasil. Os pagamentos a Guilhén serão feitos no almoxarifado de Porto Seguro e não mais no tesouro de Salvador.

Os funcionários passam a receber em seus locais de trabalho.

### JUROS

Atendendo a apelo que lhe fizeram as cortes, a rainha regente, D. Catarina, determinou a conversão dos títulos de 8%, do reinado de D. João III, em novos títulos, aos juros de 6,25%.

O apelo à rainha foi feito no ano passado e agora, em 1563, as novas percentagens estão em vigor. Um perito em assuntos econômicos assegurou-nos que há, em Portugal, excesso de capitais disponíveis, porquanto, além da conversão, novos padroões foram postos à venda, com sucesso.

### CÓDIGO DE TRABALHO

Londres, 1563 (Do correspondente)

A rainha Elizabeth promulgou este ano uma nova lei — o Estatuto dos Artífices — código de trabalho que confia aos juizes de paz a missão de escalonar os salários regularizando a política tradicional inglesa de intervenção econômica do Estado, nesse setor.

O Estatuto não se aplica às indústrias surgidas a partir deste ano de 1563. A alta dos preços, que, logicamente, acarretou a diminuição do poder aquisitivo dos assalariados, foi a principal causa da medida agora tomada pelo governo inglês.



# Epidemia de varíola (30 mil mortos) no litoral do Brasil



## O MAIS PODEROSO HOMEM DO MUNDO

Com 38 anos, Filipe II é o mais poderoso monarca da Terra. Monarca de um império onde o Sol nunca se deita. Sua incontestável liderança internacional só tem uma sombra a toldar-lhe, embora ainda ligeiramente, o horizonte do Poder.

É uma sombra frágil de uma frágil mulher. Uma mulher que reina sobre um povo ilhéu, do outro lado da Mancha. Uma mulher de 30 anos que tem a correr-lhe nas veias o tempestuoso sangue de seus pais: Henrique VIII e Ana Bolena. Essa sombra, essa mulher, chama-se Elizabeth I de Inglaterra.



## Monstro do mar apavora Santos

S. Vicente, 1564 (Exclusivo de O BRASIL EM JORNAL)

Um monstro de 3 metros de altura saiu do mar e travou luta de morte com o jovem Baltazar Ferreira, filho do capitão Jorge Ferreira.

Segundo a descrição de uma testemunha de vista «era de 15 palmos de comprimento e semeado de cabelos pelo corpo, e no focinho tinha umas cerdas muito grandes, como bigodes.»

Outra testemunha contou-nos horrorizada que, passeando na praia, Baltazar viu o monstro sair d'água «e se foi a êle com uma espada». Acrescentou que o «peixe» levantou-se «como um homem, sobre as barbatanas do rabo».

De espada em punho, o filho do capitão de S. Vicente atirou-se corajosamente à «coisa» e conseguiu enfiar-lhe a espada na barriga, derrubando-o.

Contam outras testemunhas que o monstro «tornou a se levantar com a boca aberta para tragar Baltazar, mas êste, muito ligeiro e bravo, lhe deu uma estocada na cabeça, atordando-o.»

### HIPUPIARA

Foi então que, sob a claridade da lua, alguns escravos se animaram a auxiliar o filho do capitão, correndo para a praia e desferindo seguidas pancadas de lanças e espadas sobre o monstruoso ser, que, jogado na areia, grunhia lançando sangue pelos dois grandes ferimentos recebidos.



De Salvador chega a terrível notícia de que uma epidemia de varíola está grassando no litoral do Brasil. Cerca de 30 mil mortos já foram computados ali e no Espírito Santo. Sobre o assunto publicamos a íntegra dos despachos das nossas sucursais, na página 2.

## O Brasil em Jornal

N.º 22	"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"	1564
--------	-------------------------	------

NÓBREGA EXIGE GUERRA:

## "A Deus eu respondo Ao Rei irei se preciso"

S. Vicente, 30, dezembro, 1564  
(Da sucursal — Urgente)

— «Padre Nóbrega, que conta darei ao rei se deitar a perder esta armada?»

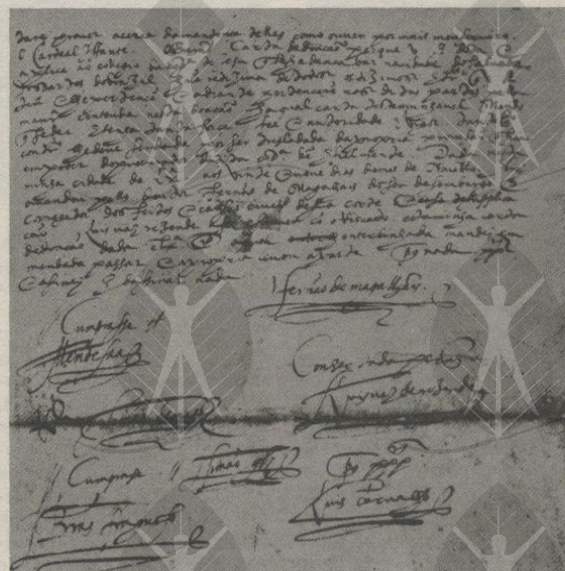
— «Eu darei contas a Deus de tudo e, se fôr preciso, irei diante do rei para responder pelo senhor!»

Estas foram as palavras trocadas há dias na presença do repórter, entre o comandante Estácio de Sá e o jesuíta Manuel da Nóbrega, quando discutiam sobre a eliminação dos franceses do Rio de Janeiro.

O «Faraó», como os índios apelidaram Nóbrega, sempre gaguejante, mas enérgico e sereno, não transige um milímetro no seu objetivo.

Sua determinação inabalável acabou por convencer Estácio, que, neste momento, juntamente com êle, mobiliza homens e apresta a esquadra para uma ação imediata.

(Na página 2 publicamos novos despachos de nossa sucursal em S. Vicente.)



Morreu um homem chamado Miguel Ângelo Buonarroti. Êle próprio se esculpiu como vemos na gravura. Ia completar os 90 anos. Seu corpo foi raptado do Vaticano em espetacular incursão de um sobrinho seu de Florença.

Um homem? Apenas um homem? Não. A humanidade perdeu um gênio. Um gênio tão grande ou maior que Leonardo da Vinci. Por isso, é merecido o destaque que O BRASIL EM JORNAL empresta a Miguel Ângelo, dedicando à sua vida e à sua obra toda a 7.ª página desta edição.

**DINHEIRO PARA CULTURA** — A partir de 1.º de janeiro próximo, parte dos impostos no Brasil será aplicada na manutenção do colégio dos jesuítas da Bahia. A data de hoje, 7 de novembro, em que o importante decreto foi assinado pelo rei D. Sebastião, é, portanto, de grande importância para a cultura. Na foto, em fac-símile, mostramos o final do ato real, parte que diz: «vendo queo apropriado é o instituto dos padres da Companhia de Jesus para a conversão dos infiéis e gentios daquelas partes e instrução dos novamente convertidos, determino mandar fazer e fundar colégios à custa de minha fazenda». O decreto se destina a concluir as obras do colégio agora existente na Bahia.

# Epidemia de varíola (30 mil mortos) está grassando no litoral do Brasil

Salvador, janeiro, 1564 (Especial para O BRASIL EM JORNAL)

Cerca de 30 mil índios brasileiros morreram em consequência de uma epidemia de varíola que começou a lavar no interior da Bahia em novembro do ano passado.

A situação é considerada gravíssima, já que não há medicamentos e os indígenas oferecem pouca resistência às enfermidades.

O governador Men de Sá determinou que os índios

sãos fossem isolados e que cessassem tôdas as comunicações entre as aldeias vizinhas a esta capital.

Na aldeia de Santa Cruz, a pouco mais de 30 quilômetros daqui, o número de vítimas sobe a 5 mil. Os índios ainda não contaminados abandonaram-na e as casas estão desertas. A capela da aldeia da Conceição foi fechada em virtude da epidemia.

Também, em Vitória, no Espírito Santo, a varíola começa a grassar com violência. Morreram centenas de indígenas, por falta de medicamentos.

## NOBREGA EXIGE GUERRA:

### "A Deus eu respondo Ao Rei irei, se preciso"

São Vicente, 30, dezembro, 1564 (Da sucursal)

Nóbrega avistou-se com chefes de tribos amigas, percorreu lugarejos perdidos e levantou importantes adesões para a campanha. O estado-maior de Estácio marcou o início das operações para janeiro próximo.

Brás Fragoso, ouvidor-geral, veio da Bahia em fevereiro, com as tropas de Estácio de Sá. A nosso pedido, fez-nos um relato dos principais acontecimentos e revelou os planos do estado-maior português.

"O povo", começou, "não permitiu que o governador Men de Sá saísse da Bahia, de modo que Estácio de Sá foi nomeado comandante-chefe das tropas. Em princípios do ano, partimos para o Rio, com instruções de observar o inimigo e, se tivéssemos oportunidade, atraí-lo para o alto-mar.

Entre outras ordens de Men de Sá, figurava, também, a de respeitar o tratado de paz (Iperoig) com os tamoios e acatar os conselhos de padre Nóbrega.

Na passagem pelo Espírito Santo, o capitão Belchior de Azeredo e o chefe temiminó Araribóia juntaram-se a nossas forças.

Em fevereiro, estávamos já na região das operações. O capitão mandou um emissário a São Vicente, a fim de entender-se com Nóbrega".

## NAVIO APRISIONADO

Fragoso prossegue em seu retrospecto:

"Logo à nossa chegada ao Rio, aprisionamos um navio francês, pondo em fuga seus tripulantes. Na antiga fortaleza de Villegagnon estabelecemos nossa base de operações. A ilha (ex-Coligny) estava abandonada e tínhamos de mandar buscar água no continente. Numa madrugada, quando nos abastecíamos, fomos atacados pelos indígenas que, assim, romperam o tratado de paz. De onde estávamos, ouvimos os seus gritos de guerra. A situa-

ção era crítica e o capitão Estácio resolveu aguardar a chegada dos reforços paulistas de Nóbrega para desfechar o contra-ataque em massa."

Para Fragoso, a decisão do capitão Estácio, de retirar-se do Rio para recolher-se a São Vicente, foi acertada, apesar do desastre que "ia causando"

"Na madrugada do dia 30 de março último", continua, "resolvemos abandonar o Rio, já que o reforço pedido a Nóbrega em fevereiro não nos tinha sido enviado".

Fragoso faz questão de dizer que foram horas dramáticas as que viveu durante a retirada.

"Mais de cem canoas, com índios e franceses disfarçados de índios, atacaram um de nossos navios. Quando o abordaram, o barco virou ao péso dos atacantes e seu comandante, Domingos Fernandes, teve de nadar até a nau capitânia, o "Santa Maria". Em seguida, tamoios e franceses atacaram o navio de Estácio, onde me encontrava. O que nos salvou foi o sangue-frio de um escravo meu, que atirou à queima-roupa sobre o chefe dos atacantes. Os tamoios se assustaram e nos deixaram sair da baía. Eram mais de 5 mil."

O ouvidor, neste ponto, procura as palavras exatas para contar o que considera verdadeiro milagre:

"Deus", diz êle, "deve ter armado a tempestade que encontramos à saída do Rio. Naquele exato ins-

tante, o padre Nóbrega e os voluntários de São Vicente cruzaram por nós sem que os víssemos e foram desembarcar na ilha de Coligny. A morte de todos seria certa se o mau tempo não nos obrigasse a voltar ao Rio. Encontramo-los cercados e à nossa vista, índios e franceses puseram-se em fuga apressada. No dia 2 de abril, após missa que Nóbrega rezou na ilha, decidimos o abandono da Guanabara, até conseguirmos mais recursos em São Vicente."

## EMBAIXADA

O padre Manuel da Nóbrega foi o artífice do tratado de paz de Iperoig. A reação dos índios do Rio de Janeiro aos portugueses causou-lhe amarga decepção. Falando sobre o assunto, o sacerdote destacou as observações de Anchieta quanto aos tamoios cariocas. "Havia mesmo poucas possibilidades de respeitarem a paz", disse-nos.

Mas o que passou, passou, e Nóbrega, agora, só tem uma preocupação: expulsar os franceses, a quem responsabiliza pela guerra que acredita inevitável. Neste sentido, já enviou, por sua livre iniciativa, embaixada à Bahia e Espírito Santo, pedindo reforços. A todos tenta convencer da necessidade de guerrear pela justiça e, por isso, os colonos o chamam, agora, "Faraó". Fêz que se construíssem navios para os expedicionários e conseguiu mesmo que os que tinham de responder a processos fossem liberados para a guerra.

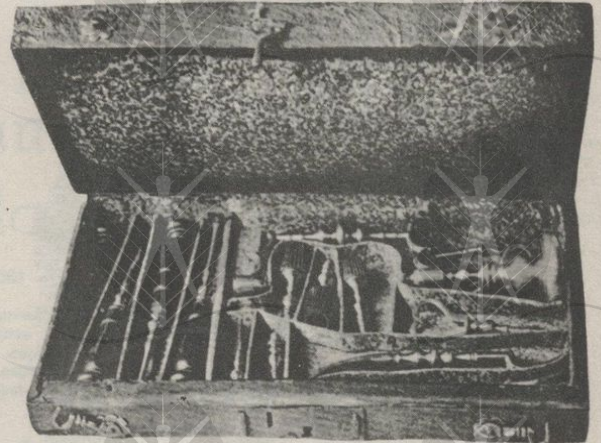
Estácio de Sá mantém sigilo sobre a data da partida dos expedicionários, mas podemos informar que, em menos de um mês, a Guanabara será teatro de nova guerra.

## MEDICINA

### PROGRIDE

### A TÉCNICA

### OPERATÓRIA



Ambroise Paré, médico que assistiu os últimos momentos de Henrique II, acaba de lançar importante livro sobre cirurgia e seu instrumental indispensável: «Dez livros de cirurgia e seus instrumentos». Seu outro livro («Técnica de trepanação»), lançado há dois anos, ainda faz sucesso nos grandes centros médicos da Europa. O BRASIL EM JORNAL, com exclusividade, apresenta (gravura) o que o próprio Paré usa em cirurgia. Trata-se da maleta do grande cirurgião particular do rei Carlos IX, da França.

## Morre (afogado) descobridor do corpo humano

Ilha de Zante (Grécia), 1564

Um cadáver dado à prala desta ilha foi identificado como sendo do anatomista André Vesálio, que pereceu num naufrágio, quando de volta de uma viagem de peregrinação à Palestina. O corpo estava em adiantado estado de putrefação.

Vesálio fêz-se universalmente conhecido pelo seus estudos de anatomia, de que era a maior autoridade em nossos dias. «De humana corporis fabrica» (1543) é o nome de seu livro que revolucionou a ciência no campo de sua especialidade. Alcançou, pelo seu mérito, os mais altos postos uni-

versitários e muitos governantes chamaram-no às suas côrtes.

O BRASIL EM JORNAL noticiou todos os acontecimentos ligados à vida do grande cientista.

Pelo seu valor e pelas suas repetidas e brilhantes conquistas científicas, Vesálio adquiriu vasto número de inimizades, que culminaram com sua condenação à morte por heresia, sob a acusação de haver dissecado um corpo cujo coração ainda batia. Sua pena foi comutada em viagem (obrigatória) de peregrinação à Palestina, o que, afinal, também lhe causou a morte.

# Cientista assassinado no "Bois de Bologne"

Paris, 1564 (Do correspondente)

O zoólogo Pedro Belon, conhecido autor de importantes obras científicas, foi assassinado no Bois de Boulogne, em circunstâncias misteriosas. Não se conseguiu descobrir nem a identidade do criminoso, nem os motivos que teriam provocado o assassinato.

Môço ainda (tinha 47 anos), Belon deixa uma obra de alto valor científico, baseada principalmente em várias observações de viagens que o autor fez à Grécia, ilhas do Mediterrâneo, Turquia, Ásia Menor, Egito, Palestina e Roma, de 1546 a 1549. São conhecidos seus livros sobre anatomia comparada dos homens e das aves, sobre peixes, animais marinhos e árvores coníferas. O BRASIL EM JORNAL noticiou o aparecimento de suas principais obras.

## Religião livre na Índia

Índia, 1564 (Do correspondente)

Todos os indianos poderão professar a religião que desejarem, segundo decisão do rei mongol Acbar, que acaba de abolir a jizya, marca infamante de inferioridade religiosa dos não muçulmanos.

A nova lei foi acolhida com geral agrado pela população mais modesta do país, quase toda não muçulmana, e significa continuação de sua linha política. No ano passado, o rei aboliu as taxas de peregrinações religiosas.

Por outro lado, Acbar resolveu, também, traduzir para o persa a velha literatura em sânscrito. Um porta-voz do governo informou-nos que o jovem monarca (22 anos) pretende aproximar-se dos hindus, nacionalizando de alguma forma seu Estado.

### MATOU MINISTRO

Com reservas, transmitimos a informação que nos prestou um muçulmano: Acbar teria morto, há dois anos, seu primeiro ministro a sócos, a fim de se livrar de sua influência, que considerava perniciosas. Nesse mesmo ano, Acbar casou-se com a filha do rajá de Amber, o que para muitos traduzia, já, desejo de governar sobre hindus e muçulmanos.

## INQUISIÇÃO GARANTE DELADORES

Lisboa, 1564

Mantendo o segredo da denúncia, a tortura e a equiparação dos acusados a réus sem prerrogativas, o cardeal regente, D. Henrique, acaba de assinar decreto introduzindo 23 artigos no regimento sobre inquisição, que ele mesmo promulgou há 12 anos.

Ao que se informa, o novo decreto se destina a salvaguardar os denunciantes, dando-lhes maiores prerrogativas, e os próprios inquisidores, constantemente expostos à vindita popular.

## EM SOCIEDADE

Granvella, cardeal e ex-auxiliar de Margarida d'Áustria, no governo dos Países Baixos, teve de deixar a Espanha apressadamente. Motivo: discordou da política de Filipe II. Granvella era grande amigo de Filipe, noutros tempos. Foi ele, inclusive, que tratou do casamento do soberano com a rainha Maria, da Inglaterra.

Da Bahia manda-nos dizer nosso correspondente que o padre Antônio Pires, no momento mestre dos noviços em Salvador, é o vice-província da Companhia de Jesus. Sempre que o padre Luis da Grã se ausentar de Salvador, seu substituto será padre Pires, que também é carpinteiro.

O conhecido musicista Vincenzo Galilei, de Pisa, comunicou aos amigos, que nos transmitiram a notícia, o nascimento de seu filho Galileu, em 15 de fevereiro último. Val daí, talvez surjam madrigais, inspirados no choro do menino.

O embaixador espanhol em Portugal, sr. Alonso de Tovar, revelou-nos que não se habituou, ainda, às constantes movimentações da corte portuguesa. No momento, S. Sa. sente os achaques causados pelo rigoroso inverno de Almeirim.



Um nosso informante na corte inglesa manda dizer-nos que, se a rainha Elizabeth está alheia à luta entre Knox e Maria Stuart, na Escócia, não é por falta de vontade, mas por falta de dinheiro... Na gravura, uma das mais recentes poses da rainha inglesa.

A rainha Maria Stuart da Escócia, admitiu como secretário particular o cantor e músico, David Rizzio, trazido em 1561 pelo conde de Moret, embaixador da Savóia. Apesar de feio e corcunda, Rizzio ganhou a simpatia da rainha pelos seus dotes artísticos.

Filipe II, o rei católico, parece estar profundamente impressionado com o desastre naval de Djerba e procurando tirar dele uma lição: já há algum tempo dá o máximo de esforços em prol da construção naval. Seu sucesso, agora, na tomada de Peñon de Velez, ninho de piratas marroquinos, abre-lhe novas perspectivas.

Almeirim, onde no momento se encontra a corte portuguesa, vive momentos de grandes preocupações. O frio na cidade é intenso e o jovem rei D. Sebastião tem passado muito mal.

Hubert Languet, protestante convicto e uma espécie de agente secreto do duque de Saxe, está em França não se sabe ao certo porque motivo. Diariamente, quase, Hubert escreve cartas ao eleitor do Saxe.

Outro dia conversamos com o sr. François de la Noue, conhecido em certas rodas como «Braço de Ferro». La Noue é pessoa geralmente bem informada, já que é secretário do almirante Gaspar de Coligny. Particularmente, disse-nos que o que todas as religiões deviam fazer era unir-se para nova cruzada contra os turcos, que ele considera o único grande perigo para a Europa.

Comenta-se muito nas rodas de sociedade que o rei Filipe II, já chamado de Prudente por suas atitudes sempre cautelosas, está em choque com os interesses particularistas dos príncipes e povo dos Países Baixos. Por isso, teve de transigir e tirar do poder o cardeal Granvella. Mas o rei não vê com bons olhos a infiltração calvinista ali.

Um amigo nosso de Lyon manda dizer-nos que a entrada de Carlos IX naquela cidade foi um belo espetáculo: bailarinas e cantoras em cortejo alegórico proporcionaram ao príncipe bons momentos de música e ballet. Um acompanhante do príncipe assegurou, todavia, que tal espetáculo para ele já não era inédito: há tempos, quando de uma chegada de Catarina de Médicis e Henrique II a Paris, um grupo de bailarinas e cantoras parisienses desenvolveu diante dos reis um tema mitológico. Embora os reis aplaudissem música e fantasias então exibidas, o público não manifestou grande contentamento. Poucos entenderam o que viram.

## ONDE FAZER SUAS LUVAS

Stratford-on-Avon, 26, abril  
1564 (Do correspondente)

«O patrão está na Igreja». Essa informação foi dada ao repórter quando um rapazinho atendeu-o na mais conceituada luvaria de toda a Inglaterra. De partida para Londres tínhamos urgência em encontrar o luveiro e atrás dele corremos à Igreja da Santíssima Trindade.

Lá o encontramos, eufórico e em traje de gala batizando seu terceiro filho, nascido há pouco. Depois das palavras sacramentais do sacerdote, que procuravam encobrir o choro da criança que ressoava por toda a nave da Igreja, papal luveiro concordou em atender este apressado repórter.

Desejávamos um par de luvas cujas medidas foram tomadas por ele logo após o encerramento da solenidade do batismo, quando o padre consignou no livro de registro: «Foi batizado nesta Igreja o menino William, filho de John Shakespeare.»

A publicidade é gratuita: indo à Inglaterra não deixem de encomendar um par de luvas sob medida a John Shakespeare. Ele as sabe fazer como ninguém.

## SAÚDE PÚBLICA

### CONTADORES

Santarém, 24, novembro,  
1564 (Correspondente)

Além das visitas obrigatórias por prelados e vigários, todos os hospitais de Portugal serão providos de suas necessidades por contadores especializados. A nova instrução, todavia, só vigorará a partir de janeiro próximo. A portaria hoje baixada é da própria chancelaria desta cidade.

### HOSPITAL

O grande hospital de Todos os Santos, em Portugal, passou, agora, a ser administrado pela Misericórdia de Lisboa. O jovem rei D. Sebastião acaba de assinar dois decretos em que transfere a direção de tal hospital.

Até então, sua administração cabia aos padres seculares de São João Evangelista, que gozaram de grande prestígio, mas ao tempo de D. João III.

# O preço do abandono da Guanabara

Notícias do Reino comunicam o falecimento, em Lisboa, do ilustre Capitão-mor Martim Afonso de Sousa, que se finou em morte natural e na fé cristã, sendo sepultado no convento de S. Francisco. Não poderíamos deixar passar sem um comentário adequado o desaparecimento dentre os vivos de tão grande figura da incipiente história da terra de Santa Cruz.

General da Armada que veio para este lado do Atlântico em 1531 e daqui regressou em 1533, ajudado de seu denodado irmão Pero Lopes de Sousa, foi, na verdade, o primeiro governador e o primeiro estadista da colônia nascente. Limpou os litorais de piratas franceses, explorou a costa até o Rio da Prata, enviou expedições ao interior, traçou de certo modo a configuração política da nova terra e nela fundou a primeira vila: S. Vicente. Ao retirar-se daqui, apesar dos grandes interesses que deixava sem timoneiro seguro, nunca mais pôde voltar. A coroa aproveitou-lhe a experiência no Oriente, mandando-o em 1534 para a Índia, onde foi, até 1546, Capitão-mor do Mar e Governador das Possessões Portuguesas. Havia, pois, 18 anos que vivia no Reino, quando a idade e os gastos da saúde o levaram ao túmulo.

Lamentando o fim de tão prestante homem de guerra e de Estado, que teve papel primordial no início da colonização do Brasil, também lamentamos que, tendo estado na baía do Rio de Janeiro bastante tempo, com suas naveas ancoradas no porto que tomou até o seu nome, não tivesse sentido a importância estratégica e econômica do local para o desenvolvimento futuro do país. Não procurando guarnecê-lo ou povoá-lo, parece que lhe não deu a atenção merecida. É possível que seu exemplo tenha tido alguma influência nos anos que se seguiram, de modo que se não apressaram os colonizadores a tomar conta das regiões da Guanabara, de inconfundíveis belezas naturais e de magno valor para manutenção da unidade territorial brasileira.

O resultado de tal descaso foi que esses mesmos franceses que o Capitão-mor de 1532 andou perseguindo, que seu irmão enforcava nas vergas da capitânia, lançaram para ali os olhos cobiçosos, tomaram pé nas suas ilhas e, aliados ao gentio tamoió, estão resistindo até hoje às nossas investidas. Desde fevereiro do corrente ano que o intemerato sobrinho do Governador Geral, Estácio de Sá, comandando forças da Bahia e do Espírito Santo, ajudado dos índios fiéis do grande chefe Araribóia, que conserva nos nomes com que foi batizado, a memória sem par de Martim Afonso anda pelas paragens guanabaranas em som de guerra, a fim de expulsar os intrusos.

Desde 1560, quando Men de Sá obteve imorredoura vitória contra estes, que os seus remanescentes, refugiados no seio da índia, estiveram refazendo estabelecimentos e fortificações nos mesmos locais do passado, sediados numa ilha, cobertos por paliçadas na aguada e litorais próximos, defendidos à retaguarda por outras cercas em outras ilhas. Não será muito fácil aos expedicionários de Estácio de Sá a destruição desse conjunto de obras militares, embora sejam de emergência, sem a qual não será completa e definitiva a expulsão dos franceses do Rio de Janeiro.

Fazemos votos para que a obtenção desse resultado não custe às nossas hostes grandes sacrifícios. Sobretudo que não tombe nenhuma vítima ilustre em holocausto à decisão do pleito. Os triunfos custam muitas vezes os olhos da cara. As vitórias de Pirro são menos raras do que geralmente se pensa. Não estaríamos nessa situação se, há mais de 30 anos, o Capitão-mor Martim Afonso de Sousa tivesse fundado um estabelecimento qualquer na Guanabara.

Nem sempre os capitães podem cuidar de tudo. Só os estadistas verdadeiramente grandes têm uma certa visão do futuro. Essa mesma, limitada. Nada mais raro e difícil do que prever. Não se pode, por conseguinte, lançar este erro à conta do general do mar e governador da terra, que acaba de partir para a viagem do eterno silêncio. Lastimamos somente que não tivesse se entusiasmado, como os franceses de Villegagnon, pelos esplendores da Guanabara. Pagaremos caro esse pouco caso.



## MÚSICA

O músico protestante francês Guillaume Franc prometeu-nos entregar ao público no próximo ano a música de igreja de Lausane, para ser cantada na cidade de sua origem.

Franc há muito tempo está em Genebra, ensinando o canto dos salmos. Em 1541 abriu uma escola de música.

O músico italiano Giovanni Animuccia, amigo de Filipe Néri, além do grande sucesso que obteve no ano passado com seu livro de «Espirituais» (composições para a congregação da capela Júlia) pretende lançar, breve, uma coletânea de motetos e madrigais que todo o povo está cantando no momento.

Giuseppe Guami, compositor italiano de pouco mais de 20 anos, já tem pronto, restando a corrigir pequenas incorreções gráficas, partitura de seu «Madrigal a 5 vozes», que será lançado no próximo ano.

De Roma chega-nos curiosa notícia: o cardeal Vitelli convidou músicos para executarem alguns números de missas na capela pontifical a fim de dar seu veredito quanto ao caráter profano ou não de tais composições. Vitelli quer que a polifonia sacra seja isenta de complicações e tão clara quanto o possível. As missas, depois da sessão musical, passaram no teste.

## A MODA COMO ELA É

Há poucos números atrás, nossa seção de modas deu nota sobre a pompa e a ornamentação que acompanham o arreamento de um cavalo. Sobre a importância desse animal, que ressaltamos na ocasião, eis mais uma prova: até pelos conselheiros do parlamento de França ele é utilizado. A gravura apresenta um conselheiro, quando transitava pelas ruas de Paris. É um dos que acompanham mais estritamente a moda atual. Vejam sua imponência e altivez, sob o grande manto, que o cobre até os pés. O original gorro que leva, também é característica do traje de conselheiro. Segue vagarosamente, tal como lhe impõe a dignidade do cargo.

Músicas de mais sucesso, no momento, em Estrasburgo: «lieder», canções e músicas para danças e fantasias de Wolfgang Heckel. Algumas das canções de Heckel estão alcançando tal êxito que já as estão executando em Hamburgo, Viena e Breslau.

Lion repetiu este ano o que fez quando Henrique II aí esteve. Um espetáculo musical, com câro a quatro vozes e cortejo alegórico, foi oferecido ao rei Carlos IX, por ocasião de sua passagem pela cidade.

## PENTECOSTES LEVOU ÍNDIOS EM PROCISSÃO

Aldeia do Espírito Santo (Bahia), 22, maio, 1564

Milhares de devotos, vindos de várias localidades, festejaram, ontem, nesta cidadezinha, o Pentecostes ao som de órgãos e Salve Rainha cantado pelo câro de meninozinhos índios.

Entre Salvador e esta cidade, os caminhos, desde anteontem, estavam praticamente intransitáveis e havia de todos os veículos, do cavalo à rede carregada por escravos. A igreja dos jesuítas, toda engalanada, não chegou para o número de fiéis que a procuraram. À noite, o padre Baltazar Álvares chegou da aldeia São João, acompanhando dezenas de meninos em procissão. A festa durou até alta madrugada.

## EDUCAÇÃO

A Companhia de Jesus continua crescendo e no próximo ano deverá ter cerca de dois mil membros e dezenas de Províncias. Estes cálculos foram feitos pelos próprios Jesuítas e não são muito otimistas.

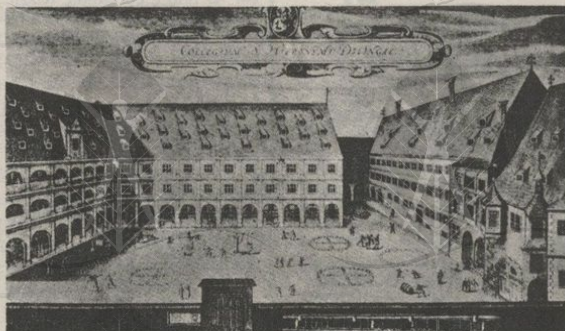
O colégio dos jesuítas na Bahia tem, este ano, novo reitor. Em virtude da designação de João Melo para Superior de Pernambuco, a reitoria de Salvador passou ao padre Gregório Serrão, que vem imprimindo um ritmo de grande animação ao estudo dos indiozinhos, para alegria de toda a capitania.

Para que as crianças índias do Brasil aprendam doutrina católica com mais facilidade, o provincial Luis da Grã acaba de solicitar a Portugal que lhe enviem uma cartilha cristã, escrita em diálogos.

Aos sábados, o exercício escolar no colégio dos jesuítas na Bahia visa a selecionar os alunos mais aptos em cada matéria. Assim, cada sabatina é um concurso. O bispo Pedro Leitão, que há pouco assistiu a um destes concursos, louvou o modo como os alunos se portam.

Ainda na Bahia, informa-se que o sacerdote Luis de Carvalho, ali chegado no ano passado, criou a «hora da poesia». Padre Luis lê para os alunos trechos escolhidos da «Eneida», fazendo comentários.

## ENSINO



Esta é a famosa Universidade de Dillingen, que está agora sob a direção dos jesuítas. Pelo que já foi feito em outros lugares, espera-se que a Companhia de Jesus dê novo impulso à Universidade, que, por sinal, possui ótimas instalações, como se vê na gravura.

Por trás dos altos muros e no centro dos edifícios que compõem o imponente conjunto, vê-se o largo pátio de recreio para os alunos.

«O BRASIL EM JORNAL»  
«Prêmio Paula Brito» do Estado da Guanabara

Rua 1º de Março, nº 22 — 2º andar. Tel. 31-2297 - RIO — GB

Direção

AMARAL NETTO  
Assessoria

LUIZ PIETSCH JUNIOR  
TITO CAVALCANTI

Assessoria Histórica

GUSTAVO BARROSO

JAYME COELHO

Redação

RUBEN AZEVEDO LIMA

ZUENIR CARLOS VENTURA

MARCOS DE CASTRO

WALTER CUNTO

Paginação

WALDIR FIGUEIREDO

Ilustração

ADAIL

Distribuição exclusiva

EDITORA GB RIO LTDA.

Rua 1º de Março, 22-2º and.

RIO — GB

# É ÊLE, AGORA, QUE PRESTA CONTAS...

Genebra, 27, maio, 1564  
(Urgente)

Dois meses antes de completar 55 anos, acaba de morrer nesta cidade o segundo grande líder reformista deste século: João Calvino.

Revolucionário acima de tudo — eis a marca distintiva de Calvino, que

guiou as massas burguesas norte-alfinas até a consecução de um ideal de vida não simplesmente religioso — como o de Lutero — mas também social, político e cultural.

Educado na crítica racionalista do humanismo, Calvino era absolutamente infenso à nota emocional que palpita na obra de

Lutero, orientando-se apenas pela frieza de sua lógica; quis refazer a crítica religiosa desprezando por completo quinze séculos de tradição histórica.

Sua doutrina foi arrancada diretamente da cristandade primitiva e da comunidade bíblica anterior, ao contrário da doutrina de Lutero, que se inspirou sobretudo no cristianismo medieval.

O "calvinismo" tem sido motivo de escândalo e temor para católicos e luteranos, reis e príncipes de qualquer credo.

A maior parte de sua vida éle a viveu em Basileia (Suíça), onde publicou sua grande obra — "Christianae Religionis Instituto" — e mais tarde em Genebra (1536), de onde foi expulso (1538), para voltar três anos depois, com o fracasso do partido burguês. Nunca mais deixou esta cidade, que converteu em sede da religião reformada e em centro da conversão espiritual da Europa. Aqui Calvino aplicou sua idéia de organização teocrática do Estado e submissão da vida e dos costumes sociais a uma rigidez bíblica. No momento de sua morte, as células de sua doutrina, espalhadas por toda a Europa (França, Países Baixos, Alemanha, Inglaterra, Escócia, Polônia, Hungria e Transilvânia), são centros fervilhantes, onde se agravam os conflitos políticos e religiosos.

O homem que, em vida, tantas contas tomou dos outros é agora quem presta as suas ao Poder Supremo.

## MENINOS MÚSICOS VÃO DAR RETRETA

Salvador, 31, dezembro, 1564

Meninos músicos, alunos do padre Antônio Rodrigues, amanhã, nesta cidade, concerto público, com canto de órgão, cravo e flautas.

O espetáculo, segundo seu organizador, está programado de modo que, ao término do recital de cada instrumentista, não haja grandes intervalos.

Padre Antônio, que em 25 de julho último celebrou a festa do padroeiro da aldeia de Santiago, com o mesmo côro de indiozinhos, espera que o povo aprecie o espetáculo.

«Os meninos estão muito bem adestrados e o próprio governador Men de Sá, admirador do grupo musical, há de ouvi-los, amanhã», disse-nos.

### AÇÚCAR

Um grande importador português do açúcar do Brasil e da Madeira esclareceu que, neste ano, os 30 engenhos do Brasil já exportaram para Portugal, 20 mil arrôbas do produto.

Segundo esta fonte, o valor da importação sobe a 1\$400 a arrôba, ou, aproximadamente, 11 gramas-ouro.

### ALFANDEGA

Por ordem do rei Carlos IX, tôdas as mercadorias procedentes da Itália e com destino à França ficarão, agora, sob a jurisdição da Alfândega de Lion.

### SUPERINTENDÊNCIA

Com o objetivo de melhorar o panorama financeiro do país, foi criada este ano na França, em caráter permanente, a Superintendência de Finanças. Ao novo órgão estarão subordinados os intendentes das Finanças.

A medida foi recebida com muito otimismo em todo o país.

### IMPOSTOS

Foram solicitados às Côrtes espanholas novos impostos, principalmente para os gêneros de primeira necessidade, como a carne, o vinho, o vinagre, o óleo e o sal.

# Vago o trono austro-germânico

Viena, 25, julho, 1564

Político hábil, consciente de sua responsabilidade, prudente e moderado em suas resoluções e muito trabalhador — seu avô, o rei católico Fernando I, rei da Áustria e imperador da Alemanha, que acaba de morrer com 63 anos.

Fernando foi uma das principais figuras da política alemã da primeira metade deste século, tanto no conflito religioso provocado pelo luteranismo, como pela centralização do poder dos domínios dos Habsburgos, na Áustria, e pela constante luta contra os turcos.

Educado em Castela, pois seu avô o rei católico, Fernando V, que o tinha como seu preferido, pretendia dar-lhe a

coroa desse reino, acabou sendo o regente da Áustria, em 1521, apesar de não falar alemão. Com isso criou uma situação paradoxal, já que seu irmão Carlos, de formação flamenga, governava, desde 1517, Castela e Aragão. Em 1526, tornou-se rei da Boêmia e da Hungria (reconhecido apenas por uma minoria). Cada vez mais tolerante, negociou a paz religiosa de Augsburg, em 1555. Em 1556, com a abdicação de seu irmão Carlos, governou a Alemanha como rei dos romanos, tendo sido eleito imperador em 14 de março de 1558. Nestes últimos anos de sua vida, tentou intervir frequentemente na política do Concílio de Trento.

Com a morte de Fernando, o sucessor deverá ser seu primogênito Maximiliano.



FERNANDO II  
Quando mais mogo



CALVINO  
Sua doutrina sobreviverá?

# Chacina de mil mouros matou conde de desgosto

Goa, abril, 1564

A chacina desnecessária de mais de mil mouros, que viajavam sob a proteção da coroa portuguesa, causou a morte, por desgosto, do governador da Índia, Francisco Coutinho, conde de Redondo.

Coutinho, que sucedera ao duque de Bragança no governo, ordenara a Domingos Mesquita, capitão de marinha, que desse caça aos piratas malabares. Mesquita postou-se com sua esquadra de frente ao rio Carapatão, à espera dos navios vindos da Cambaia. Cada embarcação moura que aparecia, era detida e seus tripulantes e passageiros, mesmo viajando com o visto das autoridades portuguesas, eram mortos ime-

diatamente. O próprio Mesquita atirou a cabeça de muitos deles ao mar.

Ao saber de tais ocorrências, o conde de Redondo adoeceu, não deixando mais o leito.

Seu substituto legal será João de Mendonça.

Um soldado de sua escolta contou-nos a seguinte passagem, para ilustrar a rigidez de costumes do morto:

«O conde veio para a Índia com ordens expressas da rainha D. Catarina para pagar aos soldados só após 6 meses de permanência no país. O conde, para mostrar à rainha o exagêro da ordem, fez-lhe a seguinte pergunta: «a senhora esqueceu-se, contudo, de me dizer o que fazer no caso de os encontrar roubando.»

# Os índios da Flórida



1 — O feiticeiro da tribo, em transe, faz profecias para os franceses



2 — Cobertos com as peles de veados, caçadores índios matam esses animais à beira de um riacho



3 — Toda mãe "timucua" é obrigada a sacrificar seu primeiro filho ao cacique da tribo. Em meio a um círculo de virgens, uma criança é conduzida pela mãe ao sacrifício. Ao lado do cacique um comandante francês assiste à cena



4 — Sentinela índia acusada de negligência é executada a golpes de tacape

O BRASIL EM JORNAL apresenta, com exclusividade absoluta, o extraordinário trabalho de um soldado da segunda expedição colonizadora dos franceses à Flórida, na América do Norte.

Esse soldado — Jacques Le Moyne de Morgues — é, sem dúvida, um grande artista. Ele reconstituiu para a posteridade uma série de momentos da vida e dos hábitos da tribo de índios Timucua, da Flórida.

Com seu traço particularíssimo, Jacques reproduz, em quase todas as suas gravuras, os companheiros de viagem. Entre estes, alguns já estiveram no Brasil, há tempos.

E são alguns dos flagrantes desse magnífico trabalho que apresentamos nesta reportagem.



5 — Eis um hospital de guerra dos timucuas. Eles aplicam o fumo (estranho vício também encontrado no Brasil) como elemento de cura



6 — No curso de água dos Apalaches, os índios timucuas garimpam ouro com bastões ocos

## Três vezes morto, enterrado e ressuscitado

Rouen, dezembro, 1564 (Exclusivo)

A inacreditável história do capitão François de Civile chegou ao conhecimento do repórter quando este leu numa ata do Parlamento duas estranhas linhas: «ass. François de Civile, três vezes morto, três vezes enterrado e três vezes, pela graça de Deus, ressuscitado.»

Tudo começou numa ensolarada tarde de outubro de 1562. Uma detonação de arcabuz quebrou o silêncio, enquanto o capitão, em serviço de patrulha tombava com o maxilar partido, um rombo na nuca e o pescoço dilacerado.

Os soldados examinaram o corpo e diagnosticaram: morto. E de uma amurada de 20 metros Civile foi jogado numa fossa infecta, onde ficou até a noite.

Quando os coveiros chegaram já os saqueadores haviam despojado o cadáver. Cavaram uma grande sepultura e junto com o capitão enterraram democraticamente um soldado.

A operação chegava ao fim quando apareceu um homem a correr. Era Nicole Delabarre, criado do falecido capitão: «Desentrem-no. Quero dar-lhe uma sepultura decente.»

Impossível. Exumados os corpos, a escuridão da noite, a lama, a terra e o sangue não permitiram uma identificação.

E os enterraram novamente... Quando já se retiravam, o fiel Nicole verificou que o trabalho fôra mal feito: um braço estava descoberto. Ia enterrá-lo quando, num dos dedos da mão sangrenta, o brilho de um anel esquecido pelos saqueadores fez com que ele reconhecesse o patrão.

E a macabra exumação se repetiu. Desenterrado o capitão pela segunda vez Nicole levou-o nos ombros. Mas alguma coisa, uma secreta intuição, talvez, segredava-lhe que o patrão ainda poderia estar vivo. Chegou às ruas tortuosas de Rouen. Um hospital. Entrou.

O enfermeiro examinou o corpo: — «Não adianta. Está bem morto.»

Nicole era teimoso. O fardo sangrento e enlameado voltou-lhe às costas e ele foi bater à porta de um experimentado cirurgião, Claude Faubuisson.

— «É uma forma atípica de morte violenta. Será um grande material para uma brilhante comunicação aos meus colegas e...» Enquanto o médico falava, Nicole recolocou a fúnebre carga nos ombros e saiu.

Na rua encontrou um grande amigo do morto: o sr. de Coquereumont. Ele concordou com Nicole e juntos levaram o corpo para sua casa.

Lavado, com os ferimentos tratados, o «cadáver» permaneceu estático sobre a cama alva. Durante cinco dias, nada. Nem um tremer de pálpebras. No sexto dia uma das mechas colocadas na nuca começou a purgar: havia vida, então!

E enquanto nas ruas a luta religiosa atingia as raízes da violência, sucederam-se operações e curativos feitos pelo médico Richard le Gras. No dia seguinte François saiu do estado de coma.

De repente, soldados invadiram o quarto. Era o saque e a pilhagem. Junto com camas, armários e cofres, o pobre Civile foi lançado pela janela e voltou a ser sepultado na lama de uma fossa de estêrco.

O fiel Nicole não podia mais socorrê-lo: fôra massacrado.

Três dias e três noites o «morto» permaneceu semi-enterrado na fossa. Na ante-véspera de Todos-os-Santos, encontraram-no. Começava a cheirar mal. Feliz, o dr. le Gras rêtomou o seu «cadáver».

Durante semanas dedicou-se a curá-lo. As feridas cicatrizaram. O capitão François Civile ficou vivo novamente.

O que foi «morto» e enterrado três vezes, «ressuscitou» também pela terceira vez. E espera, segundo nos disse, que só voltará a ser sepultado quando estiver morto mesmo...

# A humanidade perdeu um gênio: MIGUEL ÂNGELO

Roma, 18, fevereiro, 1564 (Urgente)

Entregando a alma a Deus, o corpo à terra e sua fortuna à família, como afirmou em testamento, morreu hoje nesta cidade, às 5 horas da tarde, Miguel Angelo Buonarroti, o que conheceu em vida aquilo que talvez nenhum outro homem haja conseguido: a consagração como um dos maiores gênios da humanidade.

Miguel Angelo desaparece às vésperas de completar 90 anos, uma vez que nasceu em Florença em 6 de março de 1475, sob o que se considera a feliz conjunção de Marte e Vênus.

Seu último desejo, morrer em Florença, sua pátria querida, foi frustrado pela morte. O homem que conseguiu a extraordinária façanha de ser amigo de cinco Papas e de se fazer respeitar pelos mais poderosos monarcas da terra, deixou 8 mil escudos conseguidos com seus maravilhosos trabalhos de escultura e pintura.

## RAPTADO!

Florença, 11, março, 1564 (Urgente)

Os restos mortais de Miguel Angelo acabam de chegar a esta cidade, depois de sensacional rapto praticado por um grupo de florentinos chefiados por um sobrinho do artista. Eles penetraram na basílica romana e de lá retiraram o cadáver, saindo com ele por uma das portas de Roma num caixão que declararam conter mercadorias.

O corpo foi levado imediatamente para a igreja de São Pedro Maior para onde, numa demonstração de interesse nunca visto aqui em Florença, o povo ocorre em massa, desejando ver ainda uma vez o extraordinário gênio florentino.

## ENTERRADO

Florença, 12, março, 1564

Jovens artistas, seguidos de outros mais famosos e mais velhos, carregaram sobre os ombros o corpo de Miguel Angelo que foi depositado na sacristia do cemitério de Santa Cruz. Foi impossível enterrá-lo hoje, tendo em vista a massa popular que se concentra em todas as ruas próximas e que impede o ato final, pois deseja desfilar diante do corpo.

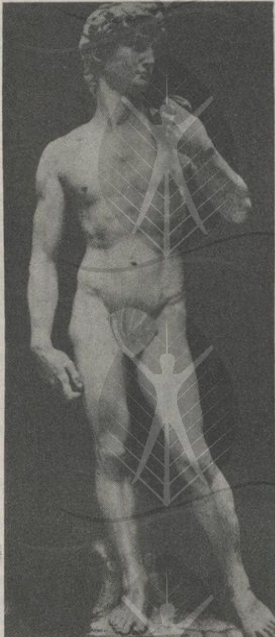
Apesar de decorridas mais de três semanas de sua morte,

## "O GIGANTE"

Miguel Ângelo tinha 29 anos quando terminou sua primeira e uma de suas maiores obras-primas: "David". Colocada na Praça da Senhoria, em Florença, a gigantesca estátua reunia em torno dela gente de todas as condições sociais e de todas as idades. Como aconteceu na antiguidade, com a Vênus de Praxiteles, moças sentimentais se jogavam apaixonadas aos pés de "David".

Livros e livros poderiam ser escritos reproduzindo as expressões de pasmo e entusiasmo que encheram a praça durante os trinta anos em que nela "O Gigante" — como o apelidaram os florentinos — permaneceu.

Foi a primeira consagração universal do gênio de Miguel, consagração que levou a Florença verdadeiras peregrinações dos que queriam ver o maravilhoso David.



Nestes seus últimos dias de vida descansava de dia e trabalhava à noite, não dispensando até há bem pouco tempo os passeios a cavalo.

Sabemos que todos os seus bens, inclusive os trabalhos que se encontram em seu atelier deverão ser levados para Florença, estando o embaixador florentino devidamente instruído para isto.

É ainda do conhecimento geral a exigência dos conterrâneos de Miguel, no sentido de que, depois de sua morte, seu corpo seja transportado para aquela cidade, onde deverá dormir seu último sono.

O Papa assim como os altos dignitários de Roma são contrários a isso e desejam enterrar Miguel Angelo na Basílica do Santo Apóstolo para onde seu corpo está sendo transportado.

e embora não tenha sofrido qualquer processo de embalsamamento, o corpo de Miguel Angelo não apresenta nenhum sinal de decomposição. Seu rosto demonstra uma placidez tão grande, que ele parece dormir.

Apuramos que logo mais à noite se fará (em sigilo) a descida do corpo à sepultura.

## QUEM ERA MIGUEL

Florença, julho, 1564

Não será com um simples despacho ou com as palavras de uma reportagem que poderemos levar ao mundo toda a longa, dramática e luminosa existência de Miguel Angelo Buonarroti, cujos funerais só agora tiveram lugar na igreja de S. Lourenço, tendo como orador fúnebre o artista Varchi.

A inveja, o ciúme, o despeito e o ódio não conseguiram vencer jamais a auréola de genialidade que levou Miguel ao ponto mais alto na consideração dos povos e dos poderosos.

Ele forma com Dante, Rafael e da Vinci os quatro cantos do retângulo da genialidade italiana.

Se pecados teve — e os teve muitos — seu gênio sempre os ofuscou. Generoso e afetuoso com os amigos, brigava muito com eles mas sempre voltava à paz. Mórbidamente solitário, teve uma só grande paixão:

Vitória Colona, viúva do marquês de Pescara, mulher que amou platônica e religiosamente.

Desde a sua meninice entusiasmou os mestres dos quais o primeiro foi Domenico Ghirlandaio em 1488, que disse a seu pai depois de alguns meses de permanência de Miguel em seu atelier: — «O discípulo sabe mais que o mestre.»

Desde os idos tempos de 1494, quando, ainda aos 20 anos, começava a conhecer os primeiros sucessos, sua atividade foi incessante. Naquele ano, aqui mesmo em Florença, sua terra natal, na noite de 22 de janeiro, ele foi incumbido de executar uma estátua na neve que caía abundantemente. Pedro de Médicis, o duque, embebeceu-se com o trabalho e tomou Miguel Angelo a seu serviço.

## DESFIGURADO

Afirma-se que um dos motivos que levaram Miguel Angelo a um pessimismo exagerado e a uma angústia terrível em relação à humanidade foi um fato que se deu com ele em sua juventude.

Um escultor chamado Pietro d'Antonio, «o Torrigiano», também florentino e pouco mais velho que Miguel, teve um desentendimento com ele, desferindo-lhe violentíssimo soco no rosto. O artista ficou desacordado largo tempo e, ao recobrar os sentidos, verificou que «Torrighiano» o havia desfigurado para sempre.

O nariz de Miguel Angelo achatou-se sobre o rosto, emprestando-lhe à fisionomia um aspecto até mesmo rude. Esse Pietro d'Antonio, escultor mediocre, jamais imaginou que deixaria seu nome na história por ter modificado com um soco o rosto de um homem genial e incomparável.

A reportagem apurou que o agressor de Miguel Angelo, depois de uma série de peripécias na Espanha e na Inglaterra, veio a ser condenado por sacrilégio, em Valadolid, onde foi deixado a morrer de fome numa estreita cela.

## O PAPA

Cinco papas permitiram que Miguel Angelo se sentasse ao seu lado e os tratasse até com familiaridade. Júlio II, um dos que mais prestigiaram o artista, teve um sério desentendimento com ele em 1506.

Miguel deixou-o e partiu para Bolonha. O Papa, esgotados os recursos para fazê-lo voltar, foi à sua procura! Acompanhava-o o cardeal Soderini. Travou-se então na casa onde se encontrava Miguel Angelo o seguinte diálogo que bem expressa até que ponto chegava o prestígio desse fabuloso homem.

— «Assim, tu esperavas que o Papa viesse buscar-te...»  
— «Peço perdão a Vossa



É ELE MESMO...

Detalhe da "Deposição de Cristo", uma das últimas obras de Miguel Ângelo. Reproduzimo-lo pelo que ele apresenta de mais interessante. É que o velho que sustenta o Cristo foi esculpido tendo como modelo de seu rosto o próprio rosto do escultor, com algum embelezamento do nariz deformado.

Santidade, mas não pude tolerar os insultos de que fui vítima.»

Foi então que interveio o cardeal: — «Vossa Santidade não deve exagerar a falta de Miguel Angelo. Ele é um homem sem educação. Quando não se trata de sua arte, os artistas não sabem como se comportar, são todos iguais.»

Diante das testemunhas estupefatas, Júlio II voltou-se furioso para o cardeal e bradou: — «Tu ousas dizer deste homem coisas que eu jamais ousaria dizer-lhe? Tu é que és um homem sem educação, um miserável indivíduo e não ele. Fora! Fora da minha vista com teu atrevimento!»

Nenhum fato, tanto quanto este, poderia dar uma exata medida do que foi Miguel Angelo, sabendo-se que, na ocasião, ele tinha apenas 31 anos!

## OPINIÕES

Roma, julho, 1564

Nossos correspondentes colheram algumas opiniões sobre Miguel Angelo. Catarina de Médicis, rainha-mãe da Corte de França disse: «Nada há no mundo como ele que foi superior a todos do seu século.»

O grande Vasari que nos afirmou pretender escrever a biografia do ilustre morto, entre outras coisas nos disse: — «Além de outras artes e profissões, o céu o dotou do sentido da filosofia moral, que manifestou praticamente, para que o mundo o escolhesse e admirasse como espelho de vida, obras, costumes e ações humanas. Sobre a arte de Miguel julgo que quem vê o seu «David» não precisa ver mais nada do presente ou do passado: já viu o que há de mais genial em escultura.»

Vignere, artista de renome, afirma emocionado: — «Quando esculpia uma estátua, mesmo velho e enfermo, fazia sal-

tar os pedaços de mármore mais depressa do que não o fariam três jovens escultores em três vezes mais tempo. Era algo incrível para quem não viu com os próprios olhos. Ele se atirava contra o mármore com tal impetuosidade que se esperava que todo o bloco estalasse em pedaços. Sacava enormes pedaços com precisão tal que, se tirasse um milímetro mais, estragaria todo o trabalho.»

## RESUMO IMPOSSÍVEL

É praticamente impossível resumir mesmo numa grande reportagem, o que foi a obra de Miguel Angelo. Aconselhamos os leitores a consultarem a coleção de O BRASIL EM JORNAL que, na medida do possível, registrou as principais obras do gênio florentino.

Como pintor, devemos ressaltar mais uma vez sua obra verdadeiramente divina, «O Juízo Final», decorando a Capela Sistina e sobre a qual, quando terminada, publicamos detalhada reportagem.

Escultor, poeta, pintor e mesmo excelente músico, sua obra artística se inspirou sempre em tendências neoplatonistas que ele, ainda jovem, bebeu na fina flor do humanismo florentino.

As estátuas de «David» e de «Moisés», assim como o túmulo dos Médicis, podem ser enfileirados como das muitas maravilhas de seu genial trabalho.

Falando ao repórter, Vasari mostrou-lhe uma carta muito antiga que lhe escrevera Miguel Angelo e na qual deixava transparecer, já então, toda a amargura que marcou sua vida, principalmente depois da morte do pai, do seu irmão preferido e de sua religiosamente amada Vitória Colona:

— «Não há nenhum dos meus pensamentos em que a morte não esteja esculpida.»

# CARAVANA REAL DÁ VOLTA À FRANÇA

Com 8 mil cavalos, centenas de carruagens, cofre com o tesouro, farmácia e confeitaria, passou o carnaval em Fontainebleau e encontrou a peste em Lion

Paris, 24, janeiro, 1564 (Da sucursal)

A mais estranha e pitoresca caravana real de que se tem notícia partiu hoje desta cidade para uma viagem de cerca de três mil quilômetros: com oito mil cavalos, centenas de carruagens e todos os pertences da Côte — Catarina de Médicis, acompanhada de sua família e dos principais cortesãos, saiu para mostrar ao filho Carlos IX todo o reino.

A caravana saiu do Palácio do Louvre comboiada pelo luxuoso coche real, puxado por seis garbosos cavalos. Além da idealizadora da viagem (a idéia foi de Catarina, mas a organização, de Mont-

morency) vão no carro todos os seus filhos, menos Carlos IX, que preferiu cavalgar à parte da "barulhenta caravana".

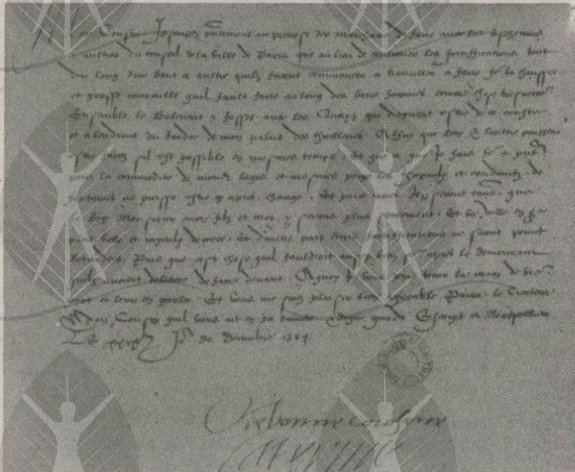
Seguindo o coche, 16 animais gigantescos carregam um imenso cofre

cidade descansamos vinte dias e passamos a Páscoa.

Em seguida, continuamos em marcha forçada, percorrendo 20, 30 e até 40 quilômetros por dia: Châlons, Bar-le-Duc, Langres, Dijon, Mâcon nos receberam em festa. Em Mâcon, a rainha de Navarra, Joana de Albret, veio com grande pompa ao encontro da caravana, escoltada por 300 cavaleiros em armas e acompanhada por ministros, todos huguenotes.

Embarcamos, então, numa suntuosa galera para chegar a Lion. Ai, houve um incidente entre Catarina e Joana, obrigando esta a abandonar a "Volta à França".

A peste que se declarou em Lion nos forçou a fugir em pânico. A partir de então, todos os recordes de velocidade foram batidos. Corremos a Romans, precipitamo-nos sobre Valence. Chegamos a Avignon, onde não encontramos nenhum habitante: a caravana real para eles não passava de portadora da peste.



Este bilhete foi escrito por Catarina em Montpellier e enviado à corte juntamente com o despacho de nosso enviado especial. Um e outro trazem a data de 26 de dezembro. Ela quer saber notícias de Paris

contendo o tesouro, registros e arquivos do reino. Em seguida, numa interminável fila de carros pesados, seguem as mobílias da corte: camas, mesas, armários, tapetes, peças de seda, chapéus, utensílios de cozinha etc.

Sobre um outro carro, foi instalada a famosa farmácia de campanha de Catarina, repleta de unguentos, pomadas, elixires e toda sorte de remédios. Em grandes malas de couro negro, ornadas com pregos de ouro, vai o material para os torneios e festas: lanças, espadas, adagas, vestimenta para bailes e instrumentos musicais. Um animal de baixo porte, com freios de ouro, leva as caixas de doces, frutas e outros petiscos para a rainha-mãe.

A caravana seguiu para o castelo particular de Catarina, em Saint-Maur, de

onde partirá para Fontainebleau. Ai ficará 43 dias, aproveitando para passar o carnaval.

## ENCONTRO COM NOSTRADAMUS

Montpellier, 26, dezembro, 1564 (Do enviado especial)

Após um ano de exaustiva viagem cheia de peripécias, chegamos a esta pequena cidade, onde passamos o Natal. Depois que deixamos Saint-Maur, percorremos as seguintes etapas: 1ª Fontainebleau-Montereau (20 quilômetros); 2ª Montereau-Sens (36 quilômetros); 3ª Sens - Villeneuve-l'Archevêque (24 quilômetros); 4ª Villeneuve-l'Archevêque-Troyes (44 quilômetros). Nesta última



HENRIQUE (de Navarra)  
Nostradamus prevê para ele uma outra coroa: a de França



LOUVRE

Ao fundo, tal como é, o palácio de onde partiu a fantástica caravana

Finalmente, atingimos Salon-de-Provence e encontramos o adivinho Nostradamus. Catarina procurou-o logo para uma consulta e o médico pediu que lhe mosterrassem o pequeno príncipe de Navarra, que acompanha a caravana. Quando o menino Henrique entrou (nu) na sala, Nostradamus contemplou-o demoradamente e disse ao governador de La Gaucherie: "Este príncipe terá toda a herança e se

Deus lhe der a graça (a La Gaucherie) de viver muito tempo, terá por mestre um rei da França e de Navarra".

Depois deste acontecimento, passamos por Aix-en-Provence, Hyères, Toulon, Arles, Nimes e finalmente Montpellier, que pretendemos deixar em breve, se a neve permitir, pois no momento em que enviamos este despacho uma forte tempestade se faz anunciar.

## NINGUÉM PODE MAIS CASAR SEM LICENÇA

Roma, 1564

Todos os casamentos clandestinos, até então reconhecidos pela Igreja católica, serão, de agora em diante, anulados de plano.

Esta é uma das consequências do que ficou assentado no Concílio de Trento. Tais casamentos vinham causando sérios embaraços à boa formação da família, além das péssimas repercussões em sociedade.

Um padre desta cidade explicou-nos o alcance da medida: «a falta de codificação dificultava sobremodo a fiscalização que poderíamos exercer eventualmente. Os que se casavam em clandestinidade usavam de mil artifícios para enganar-nos. Mais tarde, tais casamentos se revelavam como fatores de desagregação na família, o que era o princípio de decomposição social. Agora, o concílio deu-nos armas para exigir dos que se casam provas de consentimento paterno. A família poderá defender-se e a sociedade será preservada.»

## Ivan, o terrível, "fugiu" de Moscou

Moscou, 3, dezembro, 1564  
(Urgente)

O pânico e a incerteza tomaram conta dos habitantes desta cidade. Inesperadamente, Ivan, o Terrível, deixou hoje a capital, acompanhado de sua mulher e de alguns servidores, levando o tesouro da coroa e as imagens sacras da família. Uma força armada protegeu os retirantes.

O temor do povo e dos que cercam o czar é motivado pela nostalgia que se apossou de Ivan, desde a morte de sua primeira mulher. Nostalgia e mau-humor que se agravaram com a recente traição do seu confidente preferido, o príncipe Kurbisky.

Duas versões oficiais explicam a «fuga» do czar: perda de confiança nos seus auxiliares e desgosto pela perseguição dos boiardos aos cristãos. No entanto, um terceiro motivo (a que o noticiário oficial não faz referência) parece ser o mais provável: Ivan quer, antes de implantar a ditadura que tanto deseja, sondar o in-

teresse do povo na sua pessoa provocando apelos para que volte.

Inquirido pelo repórter sobre que destino tomaria, o czar respondeu que não sabia. Mas podemos adiantar, com segurança, que o lugar escolhido para refúgio foi Alexandrov, a alguns quilômetros desta capital.

## PADRE BRÁS TRAZ A PAZ

Pôrto Seguro, dezembro, 1564  
(Do correspondente)

Sem blasfêmias e sem inimizades, esta capitania atravessa período administrativo de grande tranquilidade. No momento, graças à ação serena do padre Brás Lourenço, Pôrto Seguro não tem criado problemas ao poder central.

O sacerdote é amigo de todos e as antigas dissensões, habitualíssimas aqui, cessaram como que por encanto à sua chegada.



# O BRASIL TEM NOVA CIDADE S. SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO



Em mapa especial para os leitores de O BRASIL EM JORNAL, nosso correspondente fixou a rota final do capitão Estácio, assim como o local exato da fundação de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

São Sebastião do Rio de Janeiro, 1º, março, 1565 (Do correspondente de guerra)

Para levantar o moral de suas tropas, o capitão Estácio de Sá fundou, hoje, esta povoação na entrada da barra do Rio de Janeiro, entre os morros Cara de Cão e Pão de Açúcar.

Diante de nós estão as posições ocupadas pelos franceses e seus aliados, os tamoios. Ontem, sob violento temporal, os expedicionários chegaram à Guanabara, resolvendo o capitão desembarcar com seus soldados e dormir em terra.

Logo após o desembarque, todos os homens válidos trabalharam arduamente no preparo do acampamento. Entre os soldados, o próprio Estácio de Sá dava ordens para o corte de lenha e roçado do terreno.

Que Deus nos proteja e à nova cidade que surge nesta maravilhosa baía de Guanabara. Sabemos que, de longe, franceses e tamoios nos espreitam e aguardam um momento oportuno para atacar nossas forças.

O capitão está disposto a levar adiante seu intento, qual seja o de deixar aqui plantada, mesmo à custa de sangue, a semente de uma grande cidade que hoje é lançada a esta generosa terra e à qual, em homenagem ao rei-menino de Portugal, se deu o nome de São Sebastião: São Sebastião do Rio de Janeiro.

## OS QUE FUNDARAM S. SEBASTIÃO

S. Sebastião do Rio de Janeiro, 1º, março, 1565

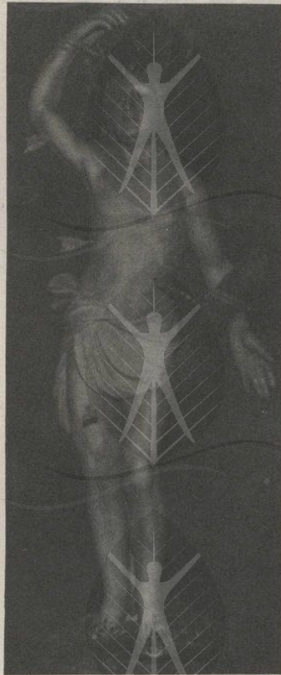
Soldados portugueses, índios de S. Vicente e Cananéia; temiminós do Espírito Santo; tupiniquins e alguns discípulos cristãos de Piratininga, além de reforços vindos de Ilhéus e mais os padres jesuítas José de Anchieta e Gonçalo de Oliveira, compõem a expedição que hoje, sob o comando do capitão Estácio de Sá, acaba de plantar num dos recantos da Guanabara a semente de uma cidade cujo nome figura pela primeira vez em O BRASIL EM JORNAL.

## A ESQUADRA

S. Sebastião do Rio de Janeiro, 1º março, 1565 (Do correspondente de guerra)

A esquadra que aqui chegou ontem partiu de S. Vicente a 22 de janeiro, sob o comando do capitão Estácio de Sá.

Incidentes sem conta atrasaram a marcha dos cinco pequenos navios e das oito canoas de índios que a compunham. Desgarramentos, encaixes, temporais, indisciplina, precipitação, sede e fome foram alguns dos tremendos obstáculos enfrentados pelo capitão até cruzar a barra desta baía de Guanabara.



Esta é a imagem de S. Sebastião, desembarcada juntamente com os expedicionários de Estácio de Sá no local onde foi fundada a povoação.

Símbolo do feito que agora noticiamos, a imagem terá no futuro um significado e um valor quase tão transcendentes quanto os da Virgem padroeira da esquadra de Cabral, cuja gravura foi por nós reproduzida no número 1 de O BRASIL EM JORNAL.

Completo, detalhado e minucioso noticiário sobre a fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, de acordo com os despachos recebidos de nosso correspondente de guerra a bordo da nau capitânia de Estácio de Sá — Dia a dia a marcha dos acontecimentos desde 1º de janeiro até 31 de dezembro deste ano de 1565 — Solidificada a povoação que se situa entre os morros Cara de Cão e Pão de Açúcar — Nóbrega, Estácio e Anchieta, os nomes a destacar nesse importante cometimento.

Leia na página 2 o texto integral da reportagem enviada pelo nosso correspondente de guerra.

## o Brasil em Jornal

N.º 23

"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"

1565

### Aos nossos leitores

Esta edição de O BRASIL EM JORNAL — a 23a. — fugindo à nossa já tradicional paginação que empresta igual destaque aos acontecimentos do mundo inteiro, se dedica em grande parte à fundação da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, ocorrida a 1º de março deste ano da graça de 1565.

Os leitores, estamos certos, bem compreenderão os objetivos da direção de O BRASIL EM JORNAL quando, sacrificando o noticiário internacional de primeira página, empresta o máximo destaque aos despachos de nosso esforçado correspondente de guerra junto à expedição do capitão Estácio de Sá.

Já no próximo número as notícias de interesse internacional retornarão à primeira página com o costumeiro destaque.



Esta é o capitão Estácio de Sá, sobrinho do governador Men de Sá, fundador de S. Sebastião. Mço ainda, Estácio veio para o Brasil em 1557. Em novembro de 59, foi nomeado capitão da galé «Conceição», com ordenado mensal de 2 mil réis e ajuda de custo de 500 réis. Participou da expedição de seu tio ao Rio. Em 1560 estava de volta à Bahia, conduzindo Jean Cointa, em cujo processo depôs em janeiro de 61. Assegura-se que Estácio recebeu uma sesmaria no ano passado.

O melhor juízo sobre o capitão é de Anchieta: «Estácio é o primeiro nos trabalhos».

Antes de embarcar para o Rio, Nóbrega venceu-lhe todas as hesitações, assumindo inteiro risco da empresa a que o capitão se lançou.

# O BRASIL TEM NOVA CIDADE

## S. SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO

São Sebastião do Rio de Janeiro, 1º, março, 1565 (Do correspondente de guerra)

Após uma estada de aproximadamente 9 meses em São Vicente — aonde fôra em busca de reforços — o capitão Estácio de Sá partiu para o Rio (22 de janeiro último) na capitania Santa Maria, com cinco navios pequenos (três déles de remos) e 8 canoas, conduzindo índios de São Vicente e Cananéia, temiminós do Espírito Santo, alguns tupiniquins e discípulos cristãos de Piratininga. Em sua companhia embarcaram também dois jesuítas: o padre Gonçalo de Oliveira e o irmão José de Anchieta.

### LIÇÃO DE HUMILDADE

Este repórter presenciou, momentos antes do embarque dos expedicionários para o Rio, a entrevista do padre Manuel da Nóbrega com o irmão José de Anchieta. Nóbrega indicava Anchieta como superior religioso das tropas expedicionárias e este se negou a aceitar o posto, lembrando que havia em São Vicente outros sacerdotes mais credenciados.

Ouvindo as ponderações de Anchieta, Nóbrega mudou de opinião e nomeou Gonçalo de Oliveira, antigo discípulo de Anchieta, como superior.

«O padre, disse-lhe Nóbrega, por ser sacerdote, será o superior. Mas lembrar-se-á, pois que você foi seu mestre, do respeito e reverência que lhe deve, e de tomar seus conselhos.»

A partida para o Rio atrasou-se algumas semanas, em consequência dos demorados entendimentos com os tupiniquins do sertão de São Paulo. As autoridades portuguesas enviaram dois emissários às aldeias dos índios, sem resultados.

Quando os tupiniquins chegaram a São Vicente, e tudo parecia acertado para sua incorporação à tropa, a maioria déles desertou, voltando outra vez para o sertão.

A viagem dos expedicionários foi tranqüila até a ilha de São Sebastião, onde a esquadra estacionou algum tempo. Daí para a frente, como se navegaria em regiões ocupadas pelos tamoios, as precauções foram redobradas.

A maioria da esquadra seguiu para o Rio, chegando à ilha Grande, na Angra dos Reis, sem novidade. A capitania, todavia, por dificuldades de manobra, teve de regressar à ilha de São Sebastião, onde permaneceu vários dias.

O desencontro causou os primeiros atos de indisciplina. Cansados de esperar por Estácio de Sá, os índios e mamelucos atacaram os tamoios de frente à ilha, matando muitos déles e recolhendo viveres. Ai, Anchieta e padre Gonçalo rezaram missas para os expedicionários.

### VENTOS CONTRÁRIOS

Por esse tempo, a capitania já saíra de São Sebastião, segundo nos foi informado mais tarde. Mas os ventos contrários não permitiram que Estácio alcançasse os navios pequenos.

A ordem do comandante, no sentido de que não se intentasse ação militar alguma sem sua presença, foi desobedecida. Após seis dias de espera, os índios expedicionários desem-

barcaram na restinga da Marabaua e decidiram atacar lateralmente os franceses e tamoios do Rio. Anchieta e os comandantes dos navios não conseguiram contê-los.



NÓBREGA  
"Vai, Estácio."

A marcha, através da restinga, ocorreu sem dificuldades, já que não se encontrou o inimigo no caminho. Os selvagens, afinal, aceitaram a ponderação de Anchieta, e como eram poucos para um ataque decisivo, resolveram aguardar numa ilha à entrada da baía da Guanabara a vinda de Estácio de Sá.

Enquanto isso, na ilha Grande, o grosso da esquadra prosseguia esperando Estácio. Quando os navios se preparavam para levantar ferros a fim de ajudar os índios já à entrada do Rio, verificaram que a capitania chegara à ilha

### CORRENTEZA ATRASA

Quando tôda a esquadra, incorporada, se pôs ao largo para juntar-se aos índios, sobreveio nova dificuldade. Os navios chegaram quase à vista dos selvagens, mas tiveram de voltar à ilha Grande, em consequência da forte correnteza. A capitania, com grande risco de se perder, atolou num baixio da ilha. Os outros navios desgarraram, vogando dois ou três dias, ora a vela ora a remos.

Na entrada da baía onde se encontrava este correspondente, as dificuldades de abastecimento e a demora na chegada da esquadra tinham tirado aos índios a vontade de guerrear. Muitos temiminós do Espírito Santo e mamelucos e tupiniquins de São Vicente decidiram voltar às suas terras. Quando se votava esta resolução, avistaram um navio que navegava à força de remos. A alegria dominou os expedicionários e a resolução foi adiada. Antontem, 27 de fevereiro, outros navios foram avistados. Os selvagens atraíram-nos com sinais e os efetivos que se ajuntaram na pequena ilha ficaram em condições de permitir um ataque decisivo contra as posições francesas e tamoias do Rio.

Na base improvisada da ilha, não havia mais gêneros e a água que restava era a de um pequeno poço aberto pelos selvagens. No dia 27 de fevereiro, contudo, o temporal que desabou sobre a base dos expedicionários eliminou o perigo de sede iminente.

### FOME E TRABALHO

Este correspondente viveu horas dramáticas na base à entrada do Rio, ontem. Pela manhã, feito o balanço do que restava de gêneros, verificou-se o total esgotamento de nossas reservas. Os capitães dos navios recém-chegados passaram a apoiar a pretensão

dos índios: morte por morte, preferiram à que a guerra lhes trouxesse, à causada pela inação. Além do mais, caso atacassem os tamoios, argumentavam, poderiam tomar-lhes alimentos ou roçar a terra que ocupassem ao desembarcar.

Nesta emergência, foi notável o papel desempenhado por Anchieta para preservar a disciplina das tropas. Com muito custo, conseguiu dilatar o prazo de espera por mais um dia, apesar de os navios, sem breu, estarem fazendo água e os seus tripulantes, em consequência, não poderem dormir à noite, manobrando as bombas.

### CHEGA REFORÇO

A situação estava nesse ponto quando, ainda ontem, chegaram da Bahia três navios de reforço para os expedicionários. Seu comandante é João Andrade, da capitania de Ilhéus, que tinha sido enviado por Estácio à Bahia a fim de reunir mais soldados.

Os alimentos que Andrade trazia foram desembarcados imediatamente, para alívio da soldadesca. Tal foi a satisfação da vinda dos reforços baianos que se decidiu tocar imediatamente para o Rio à noite, aproveitando a maré favorável. Pela manhã, quando os navios largavam, apareceram a capitania e um outro navio desgarrado. Todos juntos afinal, navegamos sob violento temporal. Após tantas peripécias, Estácio de Sá resolveu desembarcar neste mesmo dia, na terra ocupada pelos inimigos.

### CHUVA DA AGUA

Sob o temporal, após o desembarque, a soldadesca pôs-se a trabalhar ativamente, pouca importância dando à proximidade dos franceses e tamoios.

Estácio comandou o desembarque e agora, entre seus expedicionários, dirige a construção de uma cerca no local em que estacionamos.

Há, aqui, uma lagoa formada talvez pelas águas da chuva. Devido ao temporal, formaram-se várias fontes e um grupo de soldados descobriu um filete de água bastante pura, junto a um penedo.

Além disso, iniciou-se, como medida de precaução, a perfuração de um poço dentro do cercado.

Tais obras, levadas a efeito hoje mesmo, são o início da construção de uma verdadeira cidade, objetivo das tropas de Estácio.

## LIVROS E AUTORES



Basileia (Suíça), 1565

Mais uma tentativa no sentido de aprofundar o trabalho pela unidade do protestantismo e pela conservação e dilatação da doutrina, a exemplo do que tem sido feito em larga escala, na Alemanha: o livro de Jacobo Acontio, lançado este ano, «Estratagemas de Satã». São oito volumes, que procuram principalmente defender a unidade da religião reformista. Apresentamos, na gravura, a portada do último volume.

Paris, 1565

Henri Estienne, da tradicional família de editores franceses, acaba de lançar o primeiro livro de sua própria autoria: «Traité de la conformité du français avec le grec». Sua casa editora, fundada em 1557, independente da de seu pai, foi unida a esta, quando da morte de Robert Estienne, em 1559.

Henri, de grande tino administrativo e grande sapiência (desde a juventude é autorizada em língua grega), tem dado grande expansão às atividades da casa, sem abandonar as atividades intelectuais. Além do «Traité de la conformité», sabemos que está preparando, para lançamento no próximo ano, uma «Apologia de Heródoto» («Apologie pour Hérodote»).

Toulouse, 1565

O jovem bacharel em Direito, Robert Garnier, acaba de estrear nas letras com uma coletânea de versos: «Plantas Amorasas».

Lisboa, 1565

O sr. Lázaro de Velasco está traduzindo para o português os «Dez livros de arquitetura», de Vitruvius.

Ferrara, 1565

Depois de ter sido «corrido» da Universidade de Bolonha, por ter feito uma sátira contra professores e alunos, o escritor Torquato Tasso passou ao serviço do cardeal Luigi d'Este e partiu para esta cidade, onde já é o favorito da corte.

## ARTE

Tintoretto começou este ano a execução do quadro, cujo tema será Cristo diante de Pilatos. Prometeu-nos prioridade para publicar a reprodução da obra, assim que aprontá-la. Informou-nos também que está quase terminando a execução do seu quadro «Encontro do corpo de S. Marcos».



MAIS UM DE TICIANO — Após a pintura de «Toilette de Vénus» e o «Pecado Original», Ticiano, em grande atividade, acaba de dar os últimos retoques em a «Educação do Amor», que hoje reproduzimos em primeira mão.

# TAMOIOS INICIAM GUERRA NO RIO

Rio de Janeiro, 6, março, 1565 (Urgente)

Enquanto se construía o baluarte desta cidade, os tamoiões, que de longe observavam os trabalhos dos expedicionários, atacaram hoje a cerca e aprisionaram um índio que ali trabalhava.

Quando se retiravam em suas canoas (quatro) foram percebidos pelos soldados. Imediatamente, lançamos ao mar nossos barcos, na tentativa de recapturar o índio amigo e dar lição ao atrevimento dos tamoiões.

A perseguição, todavia, resultou infrutífera. Os índios desembarcaram num ponto desconhecido do litoral, abandonando suas canoas e armas de guerra (arcos, flechas e espadas). Junto a tais apetrechos, estava o índio raptado, já morto pelos inimigos.

Reunindo o que os tamoiões abandonaram, os soldados perseguidores voltaram a este arraial.

## CILADA

Rio de Janeiro, 11, março, 1565  
(Do correspondente)

Um cilada bem arquitetada ia causando, hoje, a destruição da mais nova cidade da América. Ontem, quando se levantavam os baluartes para a construção da tranqueira da cerca, apareceu ao largo um navio em que tremulava a bandeira francesa e o capitão Estácio de Sá prontamente armou uma expedição para lhe dar combate.

Alguns oficiais com que falamos mostraram ceticismo quanto à procedência do navio.

Acharam eles que seria difícil que os franceses tivessem chegado à Guanabara depois da nossa entrada. A maioria opinou que tal navio já ali se encontrava antes do dia 1º, possivelmente entregue ao comércio com os tamoiões.

Hoje, com quatro navios de sua esquadra, e deixando o pequeno grupo para defender o arraial recém-fundado, Estácio partiu contra os invasores. Ao serem trocados os primeiros tiros, surgiram detrás de uma ponta de morro 48 barcos cheios de tamoiões, que investiram contra a cidade. Estácio percebeu a manobra e recuou para a proteção da retaguarda. Os navios que o acompanhavam ficaram de guarda contra a nau inimiga.

Na cidadela, soldados e civis da expedição fecharam as prováveis entradas dos invasores.

Uma chuva de flechas caiu contra o arraial, e a luta, corpo a corpo, durou até o anoitecer, quando os tamoiões se puseram em fuga, com fortes baixas.

## NOVO COMBATE

Rio de Janeiro, 12, março, 1565 (Do correspondente)

Mal a cidade respira, livre do ataque desfechado pelos tamoiões, o rumo inesperado dos acontecimentos volta a agitar o pequeno povoado.

Durante o assédio de ontem, como já revelamos, alguns navios da esquadra de Estácio ficaram de guarda junto ao barco que preparou a emboscada contra a cidade. À noite, os franceses procuraram um capitão português e parlamentararam sua rendição.

Antes de embarcar, todavia, o irmão jesuíta repetiu para nós seu juízo sobre Estácio.

«O capitão é muito amigo de Deus e afável. Nunca descansa de noite e de dia, sendo o primeiro nos trabalhos».

Sobre o que deixa no Rio, frisou: «Já se fizeram muitas roças ao redor do cercado, plantando-se nelas legumes e inhames. Concluiu-se, também, o baluarte forte de taipa de pilão, com alguma artilharia dentro e quatro ou cinco guaritas de madeira e taipa, todas cobertas de telhas trazidas de São Vicente. Ao mesmo tempo, estão se construindo novos baluartes. Os índios e mamelucos já edificaram casas de madeira e barro, cobertas com palmas que oferecem muita defesa contra o fogo. Há paz e concórdia. O padre Gonçalo de Oliveira aqui ficará, para dizer missa diariamente. O grande inconveniente do Rio, além da dificuldade de abastecimento, é que aqui estão homens de todas as capitânias, há mais de um ano fora de suas casas. Querem voltar para junto de suas famílias. Se os deixam seguir, perde-se o Rio. Se não os deixam embarcar, perde-se o que eles possuem em suas terras.»

E, mais:

«A cerca que se fez não é mais que um pé a tomar posse da terra. Não podemos dilatá-la nem sair dela, sem socorro do rei. Basta à cidade chamar-se de São Sebastião para ser favorecida do Senhor e ter merecimentos do glorioso mártir. Deus há de ter memória dos que nela residem e, no futuro, residirão. Daqui snirá muito fruto para a glória do Senhor e salvação das almas», concluiu o jesuíta que já viu serem fundadas duas cidades no Brasil: São Paulo e Rio de Janeiro.

Disseram-se simples mercadores, que ganhavam a vida no mar, e iam de volta a seu país, levando alguns compatriotas radicados na terra. Pediram salvo-conduto para deixar a Guanabara. Se sassem tranqüilamente, e o m p r ometiam-se a fazer com que os que estavam no Rio confiassem nos portugueses. Caso contrário, ateariam fogo aos paióis do navio, incendiando-o.

Sem tempo para consultar Estácio, os capitães dos navios portugueses, reunidos em conselho, permitiram a retirada pacífica dos invasores. Aconteceu, contudo, um imprevisto: os tamoiões fizeram pressão junto a seus aliados contra nossas tropas. Um membro da tripulação de um dos navios disse-nos que chegou a ouvir a entrevista de chefes índios com os franceses. Quando nossos emissários se aproximavam da embarcação francesa, os tamoiões disseram que se estava tramando uma traição e abriram fogo contra eles.

Os franceses de bordo, em sua maioria, lançaram-se ao mar. Os que continuaram a bordo, contudo, descarregaram suas baterias sobre os tamoiões, que ficaram, assim, entre dois fogos.

O numero de baixas entre os índios deve ter sido elevado. Depois do combate, a embarcação francesa, mesmo sem esperar pelos que fugiram para a terra, seguiu viagem tranqüilamente.

Falando com Estácio, este correspondente ouviu, após o rápido combate, palavras favoráveis ao que fora decidido pelo conselho de comandantes. «Pessoalmente», declarou-nos Estácio, aprovo o convênio».

## PARTE ANCHIETA

Rio de Janeiro 31, março, 1565 (Do correspondente)

No navio de João de Andrade, que agora volta à Bahia com instruções para agenciar mantimentos e trazer socorros a esta cidade, seguiu, hoje, o irmão José de Anchieta, que vai ordenar-se em Salvador.

Anchieta foi, aqui, o braço direito do capitão Estácio de Sá e sua viagem deixou desolado o comandante-chefe dos expedicionários. Nos momentos de maior perigo, Anchieta e o padre Gonçalo de Oliveira estimulavam a soldadesca, prometendo-lhes recompensas espirituais após os combates.

## EM SOCIEDADE

Pierre de Bourdeille, senhor de Brantôme, fez uma visita a Diana de Poitiers e a achou «tão bela — apesar dos 65 anos — que mesmo um coração de rocha teria se comovido».

«Eu creio — continua ele — que, se esta mulher vivesse cem anos, jamais envelheceria, nem de rosto, tão bem feito ele é, nem de corpo, de tão tèmpera é. É pena que a terra cubra corpos belos assim.»

Os protestantes, neste princípio de 1565, estão trabalhando ativamente para reconquistar Condé, que, como noticiamos, foi dominado pelos encantos de Isabel, um dos mais sedutores elementos do já famoso «esquadrão volante».

Catarina, no entanto, está disposta a lançar mão de todos os recursos para conservar Condé do seu lado.

\*\*\*

O poeta e músico italiano David Rizzio, que chegou à Escócia no séquito do embaixador Marquês de Marena, era um dos concorrentes à mão de Maria Stuart, de quem já era mentor.

Político hábil, entretanto, acabou achando que o grande partido para a rainha seria mesmo Darnley.

\*\*\*

Toulouse, 1565

Os poetas Guy de Faur de Pibrac e Robert Garnier (que acaba de publicar um livro), entre outros, foram os promotores de uma grande recepção oferecida ao rei Carlos IX e a Catarina de Médicis. Os soberanos tiveram, assim, nesta cidade, uma acolhida muito «literária».

\*\*\*

As damas da sociedade portuguesa têm se destacado muito, também sob o aspecto cultural: este ano, D. Púbia Hortense de Castro (cuja idade, muito indiscretamente, tomamos a liberdade de revelar: 26 anos) está, com grande brilhantismo, submetendo-se a concurso, na Universidade de Evora, na defesa de tese, todo o corpo de examinadores ficou impressionado com a segurança, o desembaraço e a precisão com que se houve a ilustre dama.

\*\*\*

Lisboa, 1565

O jovem rei D. Sebastião, adestrado desde cedo nas artes de bom caçador e cavaleiro, tem a mania de correr canas (brincadeira semelhante às justas) e andar, pelos montes, à caça de animais. Este ano obteve seu primeiro troféu: um belo espécime de porco bravo, morto na tapada de Almeirim. Para uma criança de 11 anos, não deixa de ser uma grande façanha.

\*\*\*

Da França nos informam que se casou o deputado Michel de Montaigne, com Françoise de La Chassagne. O noivo recebeu um dote de £ 7.000 libras.



GARNIER

Recepção de poetas a reis

Toulouse, 1565

O bacharel Guy de Faur senhor de Pibrac, figura destacada nos meios literários desta cidade, acaba de ser nomeado advogado geral ao Parlamento de Paris. Seu grande amigo (e também poeta) Robert Garnier, embora contente com a ascensão do companheiro, não esconde de ninguém a falta que vai sentir de Guy, nas reuniões literárias. Aliás, todas as rodas da sociedade também estão lamentando o afastamento dessa figura a que já se tinham acostumado.



RIO DE JANEIRO

Assim o viu André Thevet, com ilhas muito grandes à entrada de sua barra

# Façam do Rio uma cidade de bons frutos

*Sob a proteção do santo mártir (São Sebastião) e invocação do jovem rei de Portugal, brasileiros e portugueses decidiram, afinal, enfrentar a coíça de franceses no sul do Brasil. O jovem capitão Estácio de Sá, cumprindo a vontade do tio governador, acaba de lançar os fundamentos da cidade (por enquanto apenas entrincheirada) de São Sebastião do Rio de Janeiro.*

*"Levantesmos — disse êle — a cidade, que ficará por memória do nosso heroísmo e do exemplo de valor às vindouras gerações, para ser a rainha das províncias e o empório das riquezas do mundo."*

*Há dez anos, apesar de alertadas, as autoridades portuguesas foram impotentes para evitar o esbulho que Villegagnon executou em nome de seu govêrno e de pseudoprincípios de liberdade religiosa. A luta para a expulsão dos herejes findou inglôriamente. O fortim Coligny, dentro da Guanabara, foi arrasado e a heresia recuou, mas não expirou. O Rio de Janeiro, que Pero Lopes de Sousa chamou de a "região de excelentes águas e gentis habitantes", caiu no olvido outra vez.*

*Os franceses, cativos de tais excelências ou gentilezas, voltaram, com seu séquito de heresias, a ameaçar a unidade do país. A luta teria de recomeçar, como recomeçou, a exigir novos sacrifícios, em consequência da inércia que se seguiu à vitória nas armas.*

*Hoje, não podemos ainda dizer que portugueses e brasileiros conseguirão firmar pé no Rio. A cidade que fundaram é apenas uma trincheira onde soldados e povoadores vivem momentos dramáticos para levar a cabo sua missão da mais alta importância: colonizar a região, levando aos tamoios a Igreja de Cristo.*

*Anchieta, um dos heróis da fundação, teve palavras esperançosas sobre o futuro da cidade e nós fazemos votos para que elas se concretizem. Se Deus conceder a portugueses e brasileiros a vitória na guerra, que os vitoriosos aproveitem a paz e façam do Rio uma cidade de bons frutos, agora e no futuro.*

## ACONTECEU

Shane O'Neill, que desde a morte de Henrique VIII vem lutando contra Brian Dunganon, criando neste país uma guerra civil de clãs, tornou-se uma espécie de rei de sua ilha, pelo menos de Ulster.

Shane está rompido com Elizabeth desde 1560 e espera-se a qualquer momento que ela hostilize a família inimiga. (Irlanda)

O agora cardeal Santa-Croce escreveu a Borromeu, dizendo que do chanceler Hospital «cada dia nascem frutos venenosos».

Catarina de Médicis encontrou-se este ano em Bayonne com sua filha Elisabete e o duque de Alba que, entre outros, representavam o rei Filipe II. Catarina não saiu muito satisfeita das conversações.

Motivo: alguns dos seus projetos foram contrariados.

Os muçulmanos destruíram este ano o império de Vidjaynagar, na batalha de Talkota.

O cardeal italiano René de Birague, que se encontra refugiado na França há muito tempo, solicitou (e foi atendido) sua naturalização ao govêrno.

O govêrno espanhol conseguiu conter uma revolta dos turcos nesta cidade e imediatamente, para destruir as últimas resistências, deportou os mouros das planícies de Granada, abastecedores dos bandos que se mantêm nas montanhas.

## A MODA COMO ELA É

Está diferente a nossa seção de modas, hoje. Tratamos da moda campesina, em todo o seu pitoresco e com toda a sua simplicidade: um músico do campo, na Espanha. Essa figura é popularríssima, em toda a região agrícola espanhola. Vejam seus trajes, rudimentares, é claro, mas originais: sapatos grosseiros, a calça colada ao corpo, com ligas à altura dos joelhos e o camião com dois cortes laterais. Por cima de tudo ainda há um casaco vermelho, grosso e pesado. Mas o mais interessante mesmo parece ser o seu chapéu, redondo, quase em forma de capacete, e com uma fitinha atravessada ao meio. Quanto ao instrumento musical que carrega, é o mais comum em toda essa região espanhola: uma espécie de gaita de fole.



# Morto o 2.º comandante da Companhia de Jesus

Roma, 19, janeiro, 1565

A Igreja perdeu hoje um dos seus maiores chefes: Diego Láinez, Geral da Companhia de Jesus.

## A CARREIRA DE LAINEZ

Os últimos anos de vida de Láinez foram de excepcional atividade. Além das naturais preocupações do cargo, desempenhou várias missões de confiança do Papado. Em 1561 passou à França, como legado de Pio IV, para combater os erros do calvinismo. Em Poissy celebrou um colóquio com Teodoro de Beza, campeão do huguenotismo, do qual saiu robustecida a fé católica da Córte. Em 62 assistiu à última reunião do Concílio de Trento.

Nascido em Almazán em 1512, filho de Juan Láinez e de Isabel Gómez de León, Láinez fez os seus estudos médios nas escolas de Sória e Sigüenza. Ingressou logo na Universidade de Alcalá para estudar filosofia e se graduou mestre de artes a 26 de outubro de 1532. Nesta época, conheceu Salmerón, com quem decidiu ir para Paris a fim de completar seus estudos teológicos.

Ao chegar à capital da França, entraram em contato com Lolola, de cujas virtudes tinham ouvido falar em Alcalá. Catequizados pelos «Exercícios Espirituais», Láinez e Salmerón acabaram participando do

famoso voto de Montmartre, em 15 de agosto de 1534. Com seus companheiros, Láinez foi para Veneza, com o propósito de ir a Jerusalém, mas não conseguiram o objetivo.

Ordenado sacerdote em 1537, Láinez foi com Lolola para Roma, onde ensinou teologia na «Sapienza». Até 1540, pregou em Parma e Placência.

Depois de aprovada a Companhia de Jesus, atuou como pregador apostólico em Veneza, Pádua, Brécia, Vicenza e Bassano.

Em 1545 foi nomeado teólogo pontifício para a primeira



## LAINEZ

O Espírito Santo iluminou-lhe os passos.

## NOVAS PERSEGUIÇÕES AOS "MUDÉJARES"

Madri, 1565

O sr. Pedro de Deza, presidente da chancelaria de Granada, foi encarregado de recomeçar as perseguições aos «mudéjares» (muçulmanos não convertidos, mas vassallos do rei), apesar dos conselhos pacíficos do capitão-general Íñigo Lopez de Mendoza, marqués de Mondejar.

Uma das providências a serem tomadas pelo sr. Deza será mandar todos os filhos de mudéjares para as escolas, onde receberão educação cristã.

Os meios governamentais temem reação e até agitações em consequência do ato.

sessão do Concílio de Trento, onde se destacou, logo, por sua sábia doutrina sobre a Justificação e contra os erros dos protestantes. Ao interromper-se o Concílio em 47, Láinez prosseguiu sua missão evangélica na Itália meridional. Pregou em Nápoles e em Palermo e seguiu para o costa africana com a expedição a Túnez.

Participou novamente do Concílio tridentino em 1551 e desta vez afirmou a verdade católica sobre a Eucaristia e a Missa. Nomeado provincial da Companhia para a Itália do norte, desempenhou com

## MÚSICA

Tem sido muito cantada a canção anônima que leva o título «Chanson des papaux et huguenotes». São dezenas de estrofes em forma dialogada e num tom de debate. Como não seria possível reproduzir toda a canção, recolhemos as duas primeiras estrofes para os leitores:

**PAPISTAS** — A sorte virou, Apesar dos huguenotes A missa voltou, Vivam os cardeais.

**HUGUENOTES** — Vocês não fomentarão mais guerras, O senhores papistas, Vocês serão tão insignificantes Quanto os velhos sapos.

tanto zelo o elevado cargo, que, ao morrer Lolola, foi eleito Geral da Ordem.

## EDUCAÇÃO E ENSINO

Coimbra, 1565

D. António Pinheiro, bispo de Miranda, em visita oficial que acaba de fazer à Universidade de Coimbra, ordenou que nova reforma de ensino se realizasse lá. Consiste ela, na criação dos chamados «Quintos estatutos».

Duraram pouco os «Quintos estatutos», em vigência durante apenas seis anos. A universidade, aliás, está necessitando de uma reforma radical, da qual se tem cogitado desde sua trasladação de Lisboa para cá (1537).

Esperemos que estes estatutos estejam satisfatórios e fiquem em definitivo.

## JURAMENTO DE RELIGIO

Os candidatos a doutorado em qualquer Universidade italiana terão, agora, que fazer um juramento de religião. Esta decisão foi tomada pela Igreja, este ano, para afastar das escolas superiores os mal encaminhados na fé.

«O BRASIL EM JORNAL» «Prêmio Patrlá Brito» do Estado da Guanabara

Rua 1º de Março, nº 22 — 2º andar. Tel. 31-2297 - RIO—GB

Direção

AMARAL NETTO

Assessoria

LUIZ PIETSCHE JUNIOR

TITO CAVALCANTI

Assessoria Histórica

GUSTAVO BARROSO

JAYME COELHO

Redação

RUBEN AZEVEDO LIMA

ZUENIR CARLOS VENTURA

MARCOS DE CASTRO

WALTER CUNTO

Paginação

WALDIR FIGUEIREDO

Ilustração

ADAIL

Distribuição exclusiva

EDITORA GB RIO LTDA.

Rua 1º de Março, 22-2º and.

RIO — GB

# ESQUADRA FRANCESA DERROTADA POR ESTÁCIO

Rio de Janeiro, 30, maio, 1565 (Do correspondente)

Já com uma capela dedicada a São Sebastião, construída por Francisco Velho, e missas diárias, a cidade nem parece o centro de grandes operações militares.

Os tamoios observam, de longe, os expedicionários, mas não se atrevem a atacá-los. Na enseada fronteira ao baluarte, os navios descansam, enquanto a marujada pesca ou se distrai jogando cartas e dados. Apesar de toda a aparência de calma, o capitão mantém a guarda sempre vigilante, junto às peças de artilharia.

O único desassossegado no arraial, por incrível que pareça, provém do padre Gonçalo de Oliveira, que a soldadesca considera de gênio diferente do de Anchieta. Circulam os boatos mais disparatados. Fala-se que o sobrinho de Villegagnon, sr. Bois-le-Comte, estaria prestes a chegar ao Rio com reforços para os invasores.

A par de tais rumores, constatamos apenas um movimento exagerado de tropas tamoias defronte de nossas posições. Centenas de canoas têm chegado diariamente de vários pontos. Por outro lado, apurou-se, também, que a base francesa em Cabo Frio está concentrando efetivos, mas não se sabe com que objetivo.

## GUERRA OUTRA VEZ

Rio de Janeiro, 2, junho, 1565 (Urgente)

A tentativa de 3 navios inimigos, para romper a barreira

da guarnição brasileiro-portuguesa, ontem, voltou a interromper o período de relativa tranquilidade nesta cidade.

A pequena esquadra francesa vinha de Cabo Frio e, ao querer passar pela barra, abriu fogo contra São Sebastião. Imediatamente, o capitão Estácio de Sá ordenou que seus navios se lançassem à ação. Fugindo ao fogo da nossa fortaleza, a capitânia inimiga foi de encontro a uma laje na barra e adernou.

Estácio dividiu seus homens, determinando que parte deles defendesse o cercado, enquanto os outros pelejassem nos navios. Franceses e tamoios desfecharam ataques simultâneos em terra e no mar. Um marujo da capitânia portuguesa informou-nos que o comandante francês da invasão fôra morto. Em terra, os defensores da cidade rechaçaram os tamoios, infligindo-lhes pesadas baixas.

Após a luta, que durou até a noitinha de ontem, os inimigos se retiraram da Guanabara, com os navios danificados, e os tamoios suspenderam o cerco ao Rio. A coragem de índios e portugueses salvou a cidade.

Dentre os prejuízos que sofremos, conta-se a morte de alguns aliados (poucos) e as avarias sofridas pela capitânia da esquadra. Em conversa conosco, o capitão Estácio de Sá adiantou que enviará o navio à Bahia, para que o reparem.



Nossa coluna militar hoje está diferente. Numa homenagem à armada portuguesa e para maior difusão dos conhecimentos náuticos de nossos leitores, apresentamos uma das mais modernas caravelas de Portugal, mostrada, pormenorizadamente, em todas as suas partes: Cv. — cevadeira; e. — escotas; E. — escovém; G. g. — gávea grande; G. p. — gávea de proa; T. — traquete; V. G. — vela grande.

## Doou o corpo para matar fome de náufragos

Lisboa, 4, outubro, 1565 (Do correspondente)

Um homem que ofereceu o próprio corpo para alimentar dezenas de companheiros famintos, evitando, assim, a profanação de cadáveres, chegou ontem a esta cidade pelo navio «Santo Antônio», depois de três meses de viagem cheia de peripécias incríveis através do Oceano Atlântico.

Ontem, quando Rodrigo Álvares de Atouguia juntou a família e uns amigos para um passeio marítimo em sua barca, tudo indicava que teriam belo piquenique. Dali a horas, porém, o alegre passeio acabou diante de uma visão macabra: do «Santo Antônio», com as velas desfeitas e sem leme, partiam gritos de socorro. Eram 30 restos de homens esqueléticos, que, de joelhos no tombadilho, pediam que os salvassem.

Um vulto apareceu na amurada do «Santo Antônio» e em poucas palavras explicou a situação: chamava-se Jorge de Albuquerque Coelho, vinha do Brasil com quarenta companheiros e estava, depois de mil dificuldades, à beira da morte, já que o navio não tinha governo e ameaçava arrebentar-se nas pedras. Atouguia deu-lhes alimento e os rebocou até a entrada do Tejo.

### IRRECONHECIVEL

Após o desembarque em Belém, Jorge de Albuquerque foi em procissão, com seus companheiros, à igreja de Nossa Senhora da Luz. No caminho, enquanto conversava conosco, deu-se um incidente entre ele e seu primo Jerônimo de Moura, que o estava procurando.

Moura aproximou-se de nós e perguntou-lhe:

— Por favor, onde está Jorge de Albuquerque? Vai adiante ou tomou outro caminho?

— Jorge de Albuquerque não vai adiante nem tomou outro caminho, respondeu-lhe Albuquerque.

Jerônimo supôs que estivessem a brincar com ele e repetiu a pergunta.

— Se visseis Albuquerque conhecê-lo-íeis?, perguntou-lhe Jorge.

— Certamente!

— Pois eu sou Jorge de Albuquerque e vós sois meu primo Jerônimo de Moura.

Jerônimo quase desmaiou de surpresa. Enquanto socorria o primo, Jorge explicou-nos que sofrera tantas vicissitudes que seu aspecto físico estava inteiramente mudado.

### PRISIONEIRO DE FRANCESES

Albuquerque é filho de Duarte Coelho, ex-donatário de Pernambuco. Com seu irmão Duarte, acabara de pacificar a terra pernambucana e resolvera, então, passar algum tempo em Portugal. Partiu de Olinda, com 40 companheiros, em 16 de maio último. Mal saíram da barra, quando o vento os fez voltar. Em Olinda, houve quem lhe dissesse que aquilo era mau sinal. Mas resolveu embarcar, outra vez, em 29 de junho.

Cinco dias depois, tiveram as primeiras dificuldades. O casco do navio abriu-se e os marujos trabalharam nas bombas noite e dia. Decidiram ir à ilha de Cabo Verde. A caminho dali, encontraram um navio francês que os perseguiu, sem nada conseguir. Daí por diante, enfrentaram calmarias, quando

a comida estava quase acabada. No dia 3 de setembro, um corsário francês alcançou a «Santo Antônio».

A marujada quis render-se de pronto, mas Albuquerque não o permitiu. Com seis voluntários, armou a defesa do navio e enfrentou os corsários durante três dias. Os que se negaram a lutar, como já sentissem fome, resolveram entregar-se.

Albuquerque conta-nos o que se passou:

— O piloto e o mestre do «Santo Antônio» prepararam a traição sem que eu de nada soubesse. Quando dei por ela, já dezessete franceses estavam diante de nós.

Nesse ponto, um dos que combateram a seu lado narra-nos o que o capitão, por modéstia, ia ocultando.

— O pirata, disse-nos, dirigiu-se a Albuquerque, quando soube que fôra ele quem chefiara o «Santo Antônio» e observou:

«Que coração temerário é o teu, homem, que tentaste a defesa desta nau, tendo tão poucos petrechos de guerra, contra a nossa, que vem bem armada?»

«Nisso, respondeu-lhe Albuquerque, podes ver que fui infeliz, em embarcar tão despreparado para a guerra. Aliás, a boa fortuna que tive, agradece-a à traição de meus companheiros. Se me houvessem ajudado, não estaria aqui como vencedor nem eu como vencido.»

Albuquerque interrompe o companheiro e prossegue em seu relato.

«Os franceses decidiram poupar-me e levar-nos para França. Planejamos, então, eliminar os inimigos em nosso navio e romper as amarras que nos ligavam ao navio pirata. Houve uma tempestade

e o plano não pôde ser executado, mas a guarda francesa passou para o próprio navio, deixando-nos sós. Não tínhamos velas, alimentos, nada. Isto foi a 17 de setembro. Daí para a frente houve-nos como pudemos. O navio fazia água e com nossas roupas improvisamos o velame. O leme estava quebrado e nós o reparamos de modo precário. Em 27 de setembro, alguns companheiros tinham morrido de fome. Alguns sobreviventes, famintos, tentaram devorá-los quando os atirávamos ao mar.

Não o permiti. Esperassem que eu morresse e poderiam banquetear-se em meu cadáver.

Enquanto visse, ninguém seria devorado. O resto, foi o que todos sabem. Os homens comportaram-se e a sorte trouxe nosso barco, sem controle, até Portugal, onde o sr. Rodrigo Álvares nos salvou.»

## RIO TIROU CIRURGIÕES BARBEIROS DE S. VICENTE

São Vicente, 23, junho, 1565

Por causa da luta no Rio de Janeiro, São Vicente está sem cirurgiões-barbeiros — foi o que informou, hoje, o padre Leonardo Nunes à reportagem.

Todas as pessoas habilitadas, segundo o padre, se inscreveram na armada de reconquista. Sobre o possível resultado da batalha contra os franceses, frisou que é Deus quem luta pelos brasileiros e portugueses. «Nós não temos ali armas para enfrentar os inimigos».

### APELO

Bahia, 13, julho, 1565

«Não se perca com negligência o que com tanto sacrifício se conseguiu no Rio». Com estas palavras o padre Quirício Caxa dirigiu veemente apelo à rainha-mãe de Portugal, D. Catarina, e ao cardeal-regente D. Henrique.

Mais adiante, diz Caxa: «Se os merecimentos dos capitães fazem alguma coisa para serem ajudados e favorecidos nas coisas árduas e grandes que empreendem em serviço de seu rei e senhor, os de Estácio são tais quais convêm a um capitão afamado por sua prudência e siso para determinar.»



No flagrante, exclusivo para o BRASIL EM JORNAL, colhido no «Santo Antônio», os poucos artilheiros de Jorge de Albuquerque enfrentam a nau pirata dos franceses

# Sangue tamoio tinge a Baía de Guanabara

Rio de Janeiro, junho, 1565 (Do correspondente)

*Cansados de olhar, apenas olhar, o interior da Guanabara, sem mais conhecimentos sobre ela, uma expedição portuguesa-brasileira, em 6 canoas, foi mandada em exploração pelo interior da baía.*

*Este correspondente, infelizmente, não pôde seguir os exploradores, que se demoraram dois dias correndo as águas sempre azuis da baía.*

*Assistimos, contudo, à entrevista dos exploradores com Estácio e percebemos que o capitão não revelou grande contentamento com o que eles lhe contaram.*

Aproveitando a tranquilidade reinante, informamos que desde os primeiros dias da fundação, a cidade tem seu juiz ordinário. Trata-se de Pedro Martins Namorado, que há pouco mais de 20 anos ocupou a magistratura pedânea de Santos.

A função de Estácio, lembramos, não se limita a guerrear os inimigos. Seu objetivo, aqui, é colonizar. Cumprindo-o, Estácio deu à cidade um escudo: um feixe de setas, que simbolizam o martírio de São Sebastião, padroeiro do arraial. Para a soldadesca jamais um escudo traduziu tão bem as dificuldades para a fundação de uma cidade. Naturalmente, lembram-se ainda dos ataques desfechados pelos tamoios.

Entre outras autoridades já nomeadas por Estácio, figuram: João Prosse (procurador municipal), Antônio Martins (oficial de justiça) e Pedro da Costa, tabelião do público e judicial.

## TERRAS PARA COLÉGIO

Rio de Janeiro, 1º, julho, 1565

"Dou para o colégio dos jesuítas no Rio de Janeiro as terras que me pede o padre Gonçalo de Oliveira". Com este despacho, hoje, o capitão Estácio de Sá dá mais um passo importante no cumprimento de sua missão aqui.

Há dias, o padre Oliveira encaminhou-lhe um requerimento, solicitando-lhe terras num lugar chamado de Iguagu, cerca de 9 quilômetros daqui, até Inhaúma.

Justificando-se, diz o padre que tal colégio seria uma porta aberta à recuperação de tantas almas perdidas do gentio da terra.

## GUERRA E TERRAS

Rio de Janeiro, 14, julho, 1565

Mais uma vez a guerra tingiu de sangue as águas

azuis da Guanabara. Num encontro, ontem, entre tamoios e tropas comandadas por Belchior de Azeve-

defronte de Merisgitiba; o segundo, três quilômetros de testada e de lado, ao longo da costa de Pina Sape.

Explicou-nos Pedro Rodrigues que é casado e tem filhos, que pretende aproveitar seus quinhões para roças de mantimentos.

"A ilha de Merisgitiba, disse, é onde se ia buscar a madeira necessária às construções na ilha de Vergalhão. Pina Sape fica

no fundo da baía, lado nordeste, e confronta com as terras também pedidas por João Rodrigues, de São Vicente, e expedicionário como eu."

Sobre o teor das concessões, explicou-nos êle que o capitão as condicionou a seu efetivo aproveitamento, em três anos.

Na ilha terá de permitir que se construam estradas, pontes etc. Por ela, pagará mil réis que se destinarão às obras da cidade. Outro tanto lhe custarão as terras em Pina Sape, com a mesma finalidade.

"Falta apenas, concluiu, que o escrivão Pedro da Costa me dê o traslado das concessões."



### RIO E SUA BAÍA

Jean de Léry, que aqui esteve, viu, em 1558, o Rio de Janeiro e sua baía com este formato

do, os expedicionários mataram dois chefes índios, abateram dezenas de tamoios e aprisionaram vários inimigos.

O combate se deu próximo à ilha de Paquetá, no fundo da baía. Anteontem, de madrugada, Belchior fôra incumbido pelo capitão de fazer novo exame das regiões mal conhecidas da Guanabara.

Hoje, quando êle aqui chegou, trazendo seus prisioneiros e contando as façanhas que realizara, Estácio decidiu elogiá-lo em ordem do dia, fazendo com que se assinalassem seus feitos de guerra, para futura recompensa.

"O mar, declarou-nos um soldado que participou da expedição, ficou vermelho do sangue dos tamoios".

Ao lado de tais acontecimentos, o capitão determinou, no dia 11, que Pedro Rodrigues recebesse dois quinhões de terra para nêles fazer plantações. O primeiro, a ilha

## SOLIMÃO E MAXIMILIANO EM GUERRA

Constantinopla, 1º, maio, 1565

Porque o sultão Solimão exigiu o pagamento do tributo (30 mil ducados) estabelecido pela paz assinada com Fernando, no ano passado, Maximiliano iniciou uma guerra para retomar a Transilvânia e diversas praças húngaras.

Hoje, Solimão deixou esta cidade para se colocar à frente das tropas que estão em guerra. Maximiliano dispõe de suas próprias tropas, dos contingentes de vários príncipes alemães, italianos e franceses.

## FOGUETES NA FESTA DE S. PEDRO

Pôrto Seguro, 29, junho, 1565

*Com foguetes e rodas de fogo, missas, procissões e cantos, a cidade festejou, hoje, o dia de São Pedro.*

*Um padre com quem falamos, satisfeito com a alegria popular a que não faltou a colaboração dos indiozinhos, frisou a situação difícil da Igreja, no lugar.*

"São Pedro, disse-nos, teve sua festa. Mas, para que a organizássemos, lutamos com inúmeros problemas. Assim, os ornamentos do altar tiveram de ser improvisados. Na falta de tecidos apropriados, usamos papel".

## ASSASSINADO O XOGUM

Kyoto, Japão, 1565

Acaba de ser assassinado nesta cidade o «xogum» Achikaga Yochitêsou. Ocupará o posto seu irmão, um monge de Nara.

Nobounaga, um dos poderosos do país, entrou na capital como mandatário do «bakoufou». Ele recebeu o título de «vice-xogum».

# "Vassoura para varrer a traição da terra russa"

Moscou, 3, janeiro, 1565

Ainda profundamente impressionados com a «fuga» do czar Ivan, somente hoje os moscovitas tiveram a primeira notícia dêle, diretamente do burgo de Alexandrovsk, confirmando «furo» de O BRASIL EM JORNAL.

Foi através do metropolita Anastásio, que recebeu uma carta de Ivan, onde o czar lamenta amargamente as desonestas manobras dos boiardos «contra êle e contra a pátria comum», denuncia a complacência do clero para com os delitos dos grandes e fala de sua firme decisão de abandonar as rédeas do governo para viver longe das intrigas palacianas e das traições da nobreza, «em lugar que o Senhor me indicará».

### REGRESSOU IVAN

Moscou, dezembro, 1565

«Prontos a morder os inimigos do czar e varrer a traição da terra russa», êsse o significado de uma cabeça de cão e uma vassoura, insignia que usa a nova guarda de Ivan, o Terrível, presa à sela de seu cavalo. Essa guarda é composta de 1.000 homens.

### A «OPRITCHNINA»

Ivan, quando regressou de Alexandrovsk, reassumiu o poder em circunstâncias muito especiais. Só consentiu em voltar ao governo tendo plena e inteira liberdade de castigar todo aquêle

que considerasse inimigo da pátria e nefasto ao bom funcionamento dos negócios públicos e, ainda mais: ao czar seria permitido apropriar-se de uma certa parte do patrimônio nacional, tanto mobiliário como imobiliário: «opritchnina».

Em resumo: o Estado foi dividido em duas partes: a «opritchnina», administrada com exclusividade pelo czar, compreendendo um certo número de distritos em diferentes províncias e ainda alguns bairros de Moscú. Nessa parte de Moscú é que os novos habitantes tomaram o nome de «opritchnikis»; gente da mais absoluta confiança do czar.

A outra — «zemetchnina» — continuará a ser governada por um conselho de boiardos (Dou-

ma), mas mesmo nela o czar reserva para si uma grande lista civil e ainda o direito de «punir a traição». A partilha entre os dois Estados foi executada rigorosamente e a Rússia toma assim uma nova feição, a partir de agora.

## IMPORTANTE

A Editora GB Rio

Ltda. não vende núme-

ros avulsos de "O BRA-

SIL EM JORNAL". Só

os tem em coleção, for-

mando o livro "A HIS-

TÓRIA EM NOTÍCIA".

A revolta deste ano nos Países-Baixos não teve apenas causas religiosas. Influência importante para a situação de tumulto tiveram os problemas econômicos, entre eles a taxa alta e a restrição do comércio em benefício dos mercadores espanhóis.

A invasão dos metais americanos na Europa, principalmente do metal branco, ultrapassou, nestes últimos cinco anos, a um bilhão de maravedis, somente na Espanha.

O aumento na importação desses metais deve-se à aplicação do processo de amálgama à prata, a partir de 1554.

O primeiro secretário de Estado inglês, lord William Cecil, prosseguindo com sua política econômica, baixou um ato proibindo a venda de «diversas mercadorias estrangeiras feitas por artesãos de além-mar».

Igreja  
de Ilhéus  
é pobre  
e bonita

Ilhéus, 15, agosto, 1565 (de Jorge Rodrigues, especial para O BRASIL EM JORNAL)

Na igreja fresca e nova desta cidade, o povo festejou, hoje, solenemente, o dia de Nossa Senhora da Assunção. Houve naturalmente missas e procissões, mas o que atraiu a atenção de nossa reportagem foi o apuro, apesar da pobreza, do templo em que o povo se reuniu para orar.

Os ornamentos da igreja são poucos, mas bonitos. Como quase não há tecidos na terra, os padres resolveram o problema dando maior relevo às obras de carpintaria no interior do templo.

Tôdas as grades são de madeira vermelha e os balaústres torneados. Os entrelagos contêm a Ave-Maria até a palavra "Jesus", de letras grandes, com laçarias.

# Quem construiu casa de pedra no Rio?

Rio de Janeiro, 16, julho, 1565 (Do correspondente)

*Apondo sua rubrica no verso de uma petição que lhe dirigiram os moradores do Rio, o capitão Estácio de Sá concedeu, hoje, para terras públicas, principalmente para pastagem do gado, quatro quilômetros e meio de terras, a partir de uma casa de pedra existente na Carioca, seguindo ao longo da baía até onde esta se acabar e daí para o sertão, na mesma extensão.*

*Tais terras são do patrimônio coletivo e um perito em direito público assegurou-nos que o ato de Estácio legitima a posse da região guanabarina. Dentro de breves dias, haverá a solenidade da ocupação.*

## TERRA NA MÃO

Rio de Janeiro, 24, julho, 1565 (Do correspondente)

Com terra, pedra, água e gravetos que o oficial de Justiça lhe pôs nas mãos, o procurador João Prose recebeu, hoje, em nome do povo, as terras doadas por Estácio de Sá.

Simbolicamente, Prose deu alguns passos na região de que se empossava e assim se constituiu o patrimônio territorial da cidade.

Hoje, o capitão, saindo com quase todos os moradores do arraial fortificado, em solene procissão, foi até à casa de pedra na Carioca, onde tiveram lugar os atos simbólicos da tomada de posse.

O povo repetiu, oralmente, o que já fôra solicitado em requerimento e o capitão acedeu. Em seguida, o escrivão Martins apanhou do chão um punhado de terra e o depositou nas mãos de Prose. A partir deste momento, repetindo cerimonial que data de muitos anos, a terra passou a pertencer à população.

Alegremente, soldados, marujos e povo voltaram, depois, para o estreito arraial de São Sebastião.

Sobre a casa de pedra onde hoje estivemos a fim de tomar posse solene da terra, procuramos ouvir alguns elementos radicados no Brasil há muito tempo. As informações foram as mais desencontradas.

Disse-nos um soldado de São Vicente que em 1558 ela já existia e o governador Men de Sá, em informes ao governo português, dava até sua localização: junto de uma aguada, à distância de um tiro de canhão da laje. Seus cons-

trutores, disse-nos êle, foram os próprios franceses.

Outra fonte pretende que a casa de pedra seja construção mais antiga do que se supõe.

"Construiu-a o capitão Martim Afonso de Sousa, quando aqui estêve", disse-nos um velho radicado em Pernambuco.

"Nada disso, retrucou outro antigo morador. A construção data da primeira época do descobrimento do país."

## ESCÓCIA TEM REIS CATÓLICOS

# Casou-se Maria com um primo

Edinburgo, 29, julho, 1565

Sem esperar nem mesmo a autorização papal, casou-se ontem nesta cidade, repentinamente e para surpresa de toda a Escócia, a rainha Maria Stuart com seu primo católico Henrique Stuart, duque de Darnley. O casamento realizou-se na capela de Holyrood, seguindo os ritos da Igreja romana. Henrique (21 anos), que é dois anos mais moço que sua prima, descende dos Tudor, pelo lado de sua mãe, sobrinha de Henrique VIII.

Depois da cerimônia, Maria publicou uma proclamação que confere a seu esposo o título de rei da Escócia e ordena que, no futuro, as leis sejam promulgadas em nome da rainha e do rei.

Em lugar de recolher-se aos aposentos reais com seu marido, logo depois do casamento, como é de praxe, Maria entregou-se às mãos de suas damas, mudou de roupa e presidiu às festividades até à noite.

A surpresa, no caso, não está propriamente no casamento, planejado por Maria há muito tempo, pelo menos desde a chegada de seu primo à Corte, há sete meses. Está no inesperado do acontecimento, que ainda não estava marcado, sequer programado.

Sabe-se, entretanto, que o que o precipitou foi a recente conspiração de Murray e dos demais chefes da Congregação protestante: Argyll, Glencairn Boyd, Ochiltrie e o duque de Chatellerauld, no sentido de executar Henrique e aprisionar Maria. Quando, convocados por Maria para uma reunião em Edinburgo, recusaram-se a comparecer e, ainda por cima, levaram suas queixas a Elizabeth, fizeram pingar a gôta d'água com a qual a taça transbordou.

Sobre a temperamental Maria, o nome de Elizabeth, sua grande rival, age de maneira singular. O ódio subiu-lhe à cabeça e ela, sentindo-se profundamente insultada, resolveu mostrar-se, enfim, uma rainha independente. Daí, parece, nasceu a idéia de realizar-se imediatamente o casamento a que o país assistiu hoje.

A Escócia tem agora dois soberanos católicos.



DARNLEY  
Marido de Maria e rei da Escócia.

40 MIL  
TURCOS.  
EXPULSOS  
DE MALTA

Malta, setembro, 1565

Depois de quatro meses resistindo ao cerco de 40 mil turcos, os cavaleiros de São João de Jerusalém, comandados pelo grão-mestre Jean de la Valette, conseguiram repelir o ataque a esta ilha.

O êxito das tropas cristãs deve-se não só às poderosas fortificações, como ao reforço de Garcia de Toledo. Só o forte Saint-Elme foi assaltado. Os soldados de Solimão fugiram logo.

# NOMEADO POR MEN DE SÁ O PRIMEIRO ALCAIDE DO RIO

Rio de Janeiro, 23, setembro, 1565 (Do correspondente)

Soube-se, agora, que o governador-geral do Brasil, sr. Men de Sá, nomeou dia 18 o primeiro alcaide desta cidade: sr. Francisco Dias Pinto. No dia 20, o sr. Pedro da Costa foi nomeado escrivão das sesmarias e tabelião de notas.

A solenidade da posse dos dois nomeados ainda não foi marcada.

## INDIOS VOLTAM A ATACAR

Rio de Janeiro, 15, outubro, 1565

Hoje, quando sete canoas portuguesas saíram do arraial, em busca de prêsas, uma multidão de tamoios, em 64 embarcações, atacou-os inesperadamente.

Percebido o que se passava no mar, saíram imediatamente mais sete canoas da fortaleza em ajuda de nossos companheiros. O combate estendeu-se por algumas horas e, afinal, conseguimos aprisionar quatro barcos tamoios. O resto se pôs em fuga.

## GANHOU A CASA

Rio de Janeiro, 5, novembro, 1565 (Do correspondente)

A casa de pedra da Carioca, que tanta discussão causou entre os expedicionários, foi hoje concedida a Pedro Martins Namorado pelo capitão Estácio de Sá.

A doação se destinaria à morada de Pedro Martins mas, pessoalmente, duvidamos que ele tão cedo possa usá-la. Fora da cerca do Rio, a vida está sempre por um fio, tais as manhas dos tamoios. As emboscadas que os inimigos preparam não permitem que nos consideremos em segurança longe das tropas.

De qualquer modo, a doação está feita. Ao que nos infor-

## Portugueses abandonaram Cota (Ceilão)

Cota, novembro, 1565 (Urgente)

Sem homens e sem recursos materiais, os portugueses abandonaram a fortaleza que haviam construído aqui, em plena ilha de Ceilão.

Os cingaleses vinham atacando a guarnição portuguesa a miúdo, criando sérios embarços à defesa do forte. Agora, depois de falhados, perante o governador da Índia, sr. Antão de Noronha, os esforços no sentido de se fortificarem as posições de Cota, o comando português ordenou a retirada das tropas, com a destruição dos postos artilhados.

mou uma fonte ligada a Estácio, outros a desejavam.



MEN DE SÁ  
Governo para o Rio

## FIM DE ANO NO RIO

Rio de Janeiro, 3 dezembro, 1565 (Do correspondente)

O ano está prestes a acabar-se e, do nosso último despacho até hoje, houve, naturalmente, acontecimentos dignos de nota, ao lado de outros que não são mais que a repetição já cansativa de nossas dificuldades na terra.

## REI PERDE COROA E PARTE DO REINO

Buda, 1565

João Sigismundo terá que renunciar ao título de rei e a uma parte do reino da Hungria, tendo para governar apenas a Transilvânia — foi o que ficou decidido na trégua de Szatmar, assinada este ano.

Estas condições foram impostas por Maximiliano II, filho e sucessor de Fernando, que, logo que tomou o governo, recomeçou a luta contra os separatistas da Transilvânia, mostrando-se mais feliz que seu pai.

Por ordem, mencionamos, em primeiro lugar, a nomeação, como tabelião do público e do judicial, do sr. Miguel Ferrão.

Da Bahia, onde já chegara o irmão José Anchieta, soube-se que este, em entrevista com o governador, encarecera a necessidade de Men de Sá enviar urgentes reforços para a luta contra franceses e tamoios no Rio.

Até o momento, aqui, o capitão Estácio de Sá fez 33 concessões de sesmarias. A vida no arraial, sob a imagem protetora de São Sebastião, ainda é difícil. As horas de ócio são dedicadas à jogatina (cartas e dados) o que tem desagrado bastante ao capitão. Fala-se que Estácio estaria propenso a legislar seriamente a fim de coibir tal abuso. Vamos esperar.

No fundo da baía, há grandes agrupamentos de franceses, vivendo em aldeias tamoias. Este correspondente, no momento em que envia este despacho, volta o seu pensamento para Deus e Lhe pede que nos ajude a salvar o Rio, para, como nos declarou Anchieta, «daqui sair muito fruto para a glória do Senhor».

## Novo chefe para a Igreja: morreu Pio IV

Roma, dezembro, 9, 1565

Morreu hoje nesta cidade o papa Pio IV, cuja ascensão ao posto máximo do catolicismo foi prevista por um jovem (Silvio Antônio), muito antes de sua eleição, ainda em vida de Paulo IV. Silvio Antônio, que improvisava ao som da lira num banquete de cardeais, recebeu de Alexandre Farnésio uma coroa para ser entregue, entre os presentes, ao que primeiro fôsse papa. O jovem dirigiu-se a Giovanni de Médicis e, cantando, dedicou-lhe a coroa.

Giovanni foi eleito sucessor de Paulo IV, a 26 de dezembro de 1559, e em seu papado reabriu-se o Concílio de Trento. Já no trono da Igreja, era visto freqüentemente em Roma, a pé ou a cavalo, quase sem acompanhamento, falando com todo o mundo.

Pio IV lutou pela reconstrução da Igreja, gerando insatisfações.

Em princípio, seu papado significou total oposição ao de Paulo IV, já que representava personalidade radicalmente distinta: Paulo IV manteve sempre um porte altivo e pretendia mostrar majestade nas menores ações. Pio IV era adventício milanês, unido estreitamente à casa da Áustria, através de seu irmão e de parentes alemães, jurista e amante da vida, num sentido mundano.

Com este ânimo, seria Pio IV o Papa adequado para dirigir a Igreja em sua difícil situação atual?

A Inquisição, por exemplo, era um organismo que, pessoalmente, Giovanni Angelo desprezava solenemente como desprezava a dureza monacal do procedimento dos tribunais. Muito poucas vezes visitou a

Congregação do Santo Ofício e jamais se atreveu a intervir em suas decisões. Alegava não entender do assunto, não ser teólogo, e, assim manteve pa-



PIO IV  
Quem o substituirá?

ra a Congregação todo o poder que ela havia recebido de Paulo IV.

Condenou à força os sobrinhos de Paulo IV, Carlo Carafa, Jean Carafa (duque de Paliano) e mais Lionardo di

Cardine e o conde D'Alife. De temperamento pacífico, Pio IV viu com indiferença essa execução, já que os Carafas e seus comparsas eram acusados de crimes escabrosos: um deles (Jean) assassinou a própria esposa.

Na política internacional é que se mostrou bem acentuada a diferença de personalidade entre Pio IV e seu antecessor.

Pio IV considerava erro de tática política um Papa tratar de submeter imperadores e reis, o que, para Paulo IV, era obrigação de qualquer ocupante do trono de Pedro.

Desejava a paz acima de tudo. Certa vez afirmou: «Por isto perdemos a Inglaterra, que podíamos ter conservado, se tivéssemos apoiado melhor o cardeal Pole. Por isto, ainda, também a Escócia se perdeu e, durante a guerra, as doutrinas alemãs penetraram na França».

Nem contra os protestantes esteve disposto a fazer guerra e, ao embaixador da Sabóia que tentava conseguir seu apoio para um ataque contra Genebra, dizia: «Mas que tempos são estes para que só se façam propostas de guerra?»

Não partilhamos absolutamente deste modo de pensar, e somos de opinião que de nada se tem tanta necessidade como da paz!»

Pio IV acreditou que com o êxito do concílio cumprira a grande missão de sua vida.

Mas seu papado deixa margem a queixas por parte dos rigoristas: Giovanni comprazia-se demasiado com o fausto da corte.



# O RIO É DOS PORTUGUÊSES

## O DIABO EXISTE

Paris, 1567

«O diabo existe, é inseparável do dogma teológico, mas mesmo com a ajuda dele os feiticeiros só conseguem cometer delitos e mistificações» — esta, a tese defendida pelo médico belga John Wier, grande estudioso de assuntos diabólicos, já tendo mesmo uma obra publicada. O dr. Wier admite, ainda, que os bruxos, ao tratarem com o diabo, são absolutamente ineficazes em seus processos, fundamentados apenas na fantasia.

«Os feiticeiros — adiantou-nos o demonólogo — tornaram suas operações inteiramente sem razão de ser, à força de pretender executar as ordens do diabo. E essas operações tornaram-se tão estranhas quanto ridículas, acreditando causar perturbações atmosféricas e outras».

Sobre a punição aos adeptos da feitiçaria, que vem ocorrendo em massa e pelos processos mais primitivos, o médico

— que está de passagem por esta cidade — declarou a O BRASIL EM JORNAL: «Todos os que se arrependem e reconhecerem sua loucura devem ser perdoados. Em caso de obstinação, uma retratação pública, como ordena o Papa, representaria uma sanção suficiente, nunca, porém, matá-los cruelmente».

## PROIBIDO JOGO

Rio de Janeiro, dezembro, 1566

Para restabelecer a disciplina e acabar algumas contendas que ameaçavam a sobrevivência da própria cidade, o capitão Estácio de Sá decidiu proibir as cartas e os dados.

Diante do fracasso da proibição, Estácio de Sá baixou, agora, novas ordens: quem quiser, jogue; mas, quem o fizer e for surpreendido pelas autoridades, terá de pagar multa de 100 réis, que reverterá para a confraria de São Sebastião.



Em flagrante exclusivo de O BRASIL EM JORNAL reproduzimos os primeiros momentos do ataque às posições tamoio-francesas de Uruçumirim na Guanabara. Em primeiro plano, de costas, vemos o capitão Estácio de Sá de espada na mão, cercado por um índio e por um soldado que carrega seu arcabuz. No barco que os nativos empurram para a praia, está o governador Men de Sá ostentando seu pavilhão de comandante-em-chefe. Ao fundo o combate se desenvolve em torno do forte artilhado.

Pouco depois de fixado esse flagrante, o capitão Estácio foi ferido no rosto por uma

flecha. O ferimento, considerado sem importância, se degenerou, talvez por descuido, em ferida infectada, cuja triste consequência foi levar ao túmulo o grande comandante de S. Sebastião.

Neste número divulgamos os despachos de nossos correspondentes sobre o acontecimento que culminaram com a expulsão total dos franceses da baía de Guanabara, assim como as notícias detalhadas do que sucedeu no Rio de Janeiro nestes anos de graça de 1566 e 1567. Na página 2 os leitores encontrarão a primeira da série de reportagens publicadas nesta edição.

## NO RIO NINGUÉM QUER SER TABELIÃO

Rio de Janeiro, 11, março, 1567

Em menos de seis meses, desde setembro do ano passado até hoje, quando foi nomeado Baltazar Fernandes, quatro pessoas serviram como tabelião público e do judicial e três delas abandonaram o posto, pretextando excesso de trabalho.

# o Brasil em Jornal

N.º 24	"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"	1566/67
--------	-------------------------	---------

## Bordoadas

por causa de bordão

Rio de Janeiro, 30, outubro, 1566

Ninguém está proibido de usar bordão ou vara, para escalar os íngremes caminhos desta cidade, mas, quem o fizer, terá de respeitar determinadas regras, sob pena de perder vara ou bordão, pagar multa e, se acaso se exceder, responder a um processo penal.

Este último caso foi o que aconteceu, por exemplo, a Gaspar Rodrigues de Moura, agora às voltas com a justiça.

Há dias, Gaspar passeava no recinto do fortim de São Sebastião, orgulhosamente apoiado em seu bordão de tamanho e qualidade que não condiziam com sua modesta origem, quando cruzou com o bastão legal e zeloso do alcaide-pequeno (vice-alcaide) Francisco Fernandes.

O cuidadoso agente da lei interrompeu o passeio de Gaspar, tomou-lhe o bordão e comparou-o com o que levava. «Maior que o meu !», disse. Pois o senhor está multado em dois tostões pela ousadia». Ato contínuo, tomou do serrote e aparou o bordão de Gaspar a uma altura que não afrontasse o seu bordão-símbolo.

Houve trocas de palavras, Gaspar prometeu vingança e o incidente encerrou-se para a tranqüilidade do bastão restabelecido em sua autoridade.

Mas Gaspar, se bem prometeu, melhor cumpriu. Na segunda-feira da semana passada, dia 21, quando Fernandes fazia com seu bordão o serviço de ronda noturna, Gaspar Rodrigues deu-lhe uma tremenda surra de pau. Em consequência, teve de fugir, enquanto o vice-alcaide, atendido pelos médicos, apresentava queixa ao capitão Estácio de Sá.

Hoje, ainda fugido, Gaspar solicitou do capitão, por intermédio de amigos, o arbitramento de sua fiança, a fim de voltar à fortaleza e defender-se sóto. Despacho de Estácio: «Sim, desde que pague 100 cruzados, enquanto aguardar, dentro de seis meses, julgamento».



## Sangue mancha o trono da Escócia

«Senhora ! Matam-me ! Justiça !...» Com estas palavras desesperadas e agarrando-se à saia da rainha Maria Stuart, David Rizzio vê chegar o fim dos seus grandiosos sonhos de domínio, enquanto Maria, apavorada, não tem forças para reagir. Logo após a trágica cena colhida especialmente para O BRASIL EM JORNAL, teve início o massacre. A primeira punhalada foi desferida

por Jorge Douglas, com o próprio punhal do príncipe consorte, Darnley, que se vê ao lado de espada na mão. Chamou-a o autor de «punhalada real». O sangue de Rizzio empapou a saia da rainha, enquanto Maria Stuart, em meio às punhaladas que se sucediam, desferidas por dezenas de mãos, bradava horrorizada, apontando o marido: «Traidor ! Traidor ! Filho de um

traidor !»

Esse foi o drama que abriu a série que agora se encerra, depois do assassinio do próprio rei, com a abdicação de Maria Stuart que deixa no trono escocês um menino de 1 ano, um mês e 10 dias.

Os dramáticos acontecimentos sucedidos na Escócia estão narrados em despachos de nosso correspondente, publicados na página 7 desta edição.



# Rio é dos portugueses

Rio de Janeiro, 20, janeiro, 1567 (Do enviado especial)

Cinco franceses pendurados em fôrças, à frente do fortim de Urucumirim, que eles ajudaram a defender obstinadamente, até hoje à tarde, balançam ao vento e assinalam a vitória das armas luso-brasileiras na primeira grande tentativa de libertar esta cidade.

No momento em que redigimos este despacho, a luta pela posse do Rio continua. No fundo da baía, brasileiros e portugueses atacam a ilha de Parnapocu e o estrondo dos canhões chega até onde estamos, nas ruínas de Urucumirim, ao lado do valente capitão Estácio de Sá, ferido no rosto por uma flechada.

A poucos passos de nós, entre os índios aliados mortos em combate, está o cadáver de Gaspar Barbosa, que ainda hoje de manhã se lançou ao ataque com o entusiasmo de uma criança. A morte de Barbosa e o ferimento, embora leve, de Estácio, deixaram o governador Men de Sá abatido, mas não lhe tiraram a decisão de expulsar franceses e tamoios do Rio de Janeiro.

O governador Men de Sá chegou ao Rio anteontem. Estávamos a poucos passos do local em que Estácio, seu sobrinho, o esperava para os abraços e cumprimentos. Explicou-lhe o governador que viera para, obedecendo a ordens do reino, assumir o comando geral do combate contra os franceses.

Estácio deu-lhe conta das dificuldades por que passávamos. Disse-lhe como nomeara autoridades e doara terras para o estabelecimento da cidade. Tudo como notificamos em nosso último despacho.

Francisco Velho adiantou-se e contou ao governador o que se passou em julho do ano passado, durante um dos inúmeros combates contra os tamoios.

«Sob o comando de um chefe tamoio de Cabo Frio, Guaixará, 180 canoas decidiram combater nossos marujos. Algumas canoas indígenas se adiantaram até menos de uma légua do arraial. Eu, explica Francisco, pressenti o golpe e lancei-me à ofensiva. Era uma cilada. Logo, 180 canoas nos cercaram e tentaram dizimar-nos. Da aldeia, o capitão Estácio percebeu a manobra e veio ajudar-nos. Ele também se viu de repente cercado e a situação ficou preta para nós. Nesse momento, quando um de nossos homens disparava sua arma, o depósito de pólvora de uma embarcação explodiu e a mulher de Guaixará, em sua canoa, apontou aos gritos para o céu: o santo padroeiro da cidade, São Sebastião, pairava sobre nossas canoas como a ajudar-nos. Os gritos de espanto da índia levaram o pânico aos inimigos que, apesar de bastante superiores em número, puseram-se em fuga.»

## MEN DE SA DOENTE

Da conversa a que presenciamos, entre Estácio e seu tio, destacamos:

— o governador está bastante enfêrmo. No Espírito Santo, caiu doente e teve de ficar em repouso alguns dias. Ainda não está bem, mas acha que sua tarefa tem de ser executada sem medir sacrifícios;

— partiu de Salvador em novembro do ano passado, com o capitão Cristóvão de Barros, que ali chegara vindo de Lisboa em 26 de agosto, com uma armada de três galeões;

— em sua companhia vieram: o bispo do Brasil, D. Pedro Leitão, o visitador recém-chegado Inácio de Azevedo, o provincial dos jesuítas brasileiros Luis da Grã, o padre (ordenou-se na Bahia) José de Anchieta e Salvador de Sá, sobrinho de Men de Sá;

— de Pernambuco veio-lhe um auxílio de 100 homens armados; e

— em Pôrto Seguro recebeu a adesão do capitão Gaspar Barbosa, que agora morreu.

Outra medida tomada por Men de Sá, em Ilhéus, foi a assinatura de novo decreto de nomeação para o provedor da fazenda real, sr. Estêvão Peres. O provedor esquecera em Salvador seu decreto e estaria impedido de trabalhar no sul.

Ao crepúsculo, anteontem, dia 18, a esquadra de Men de Sá, composta dos 3 galeões portugueses de Cristóvão, dois navios e 6 caravelões, entrou na baía da Guanabara.

Na praia onde estávamos, quando avistamos a primeira vela em alto-mar, por instantes nos assustamos: receávamos que se tratasse da frota de Boisle-Comté, esperada a qualquer momen-

to. Ao divisarmos a Cruz de Cristo, vermelha, nas velas, suspiramos aliviados.

Após o desembarque das tropas, houve reunião de conselho de guerra na fortaleza. O governador, diante do parecer de todos os capitães, decidiu dar descanso às tropas ontem e realizar o ataque aos franceses hoje.

Ao amanhecer, a soldadesca foi dividida em batalhões comandados por Estácio de Sá, Cristóvão de Barros e Gaspar Barbosa.

Anchieta, o bispo Leitão e os demais sacerdotes rezaram missa e batizaram alguns selvagens, antes do ataque.

O assalto à posição francesa começou ainda pela manhã. Os inimigos estavam numa posição elevada, entre a aguada da Carioca, onde há a casa de pedra, e a nossa aldeia. Seu chefe era o tamoio Biroaçu-mirim, que ajudou a defesa estimulado por artilheiros franceses. Depois de algumas horas, a fortaleza rendeu-se. Os franceses que não conseguiram fugir foram enforcados, para exemplo dos demais. Eram cinco. Do nosso lado, além da morte de vários índios, tivemos a perda de Gaspar Barbosa e o ferimento sem importância de Estácio de Sá.

## PARNAPOCU RENDEU-SE

Rio de Janeiro, 4, janeiro, 1567

Cessou em Parnapocu tôda a resistência de tamoios e franceses, após três dias e três noites de combate. Araribóia e seus comandados dançam de alegria na praça hoje ocupada, diante de uma multidão de cadáveres.

Perto de mil índios inimigos, que resistiram com obstinação e coragem que nos espantaram, foram reduzidos ao completo silêncio. Cada lance da cerca ocupada custou-nos sacrifícios sem conta. Ontem, quando abrimos uma brecha na defesa tamoia, penetramos no fortim e aniquilamos uma infinidade de índios. O combate parecia decidido. Mas um grupo de inimigos refugiou-se numa casa forte e resistiu-nos até a morte.

Alguns tamoios, durante o combate, entregaram-se a nossos soldados, pedindo clemência.

Parnapocu fica à beira da grande ilha de Maracaiá e sua ocupação, na opinião de Men de Sá, permite-nos a posse definitiva da cidade. De um outro ponto fortificado no interior desta região, os inimigos vieram, logo que souberam da tomada de Parnapocu, pedir-nos pazes. O Rio, hoje, é inteiramente nosso!

## ESTÁCIO MUITO MAL

Rio de Janeiro, 31, janeiro, 1567

Depois da vitória completa sobre os inimigos, só um acontecimento entristece os vencedores. Estácio de Sá, ferido no ataque a Biroaçu-mirim, está cada vez pior do ferimento que recebeu. O rosto, na parte atingida pela flechada, apresenta-se inchado e o capitão começa a ter febres altas. A flecha foi retirada, mas os cirurgiões que o assistem receiam que se trate de uma infecção.

A par deste triste acontecimento, o governador Men de Sá nomeou, ontem, para tesoureiro dos defuntos o sr. Pedro da Costa. O ato do governador visa a acautelar os interesses de muitas famílias de companheiros que pagaram com a vida a conquista desta cidade.

## É dominicano

## novo papa: Pio V

Roma, 8 de janeiro, 1566

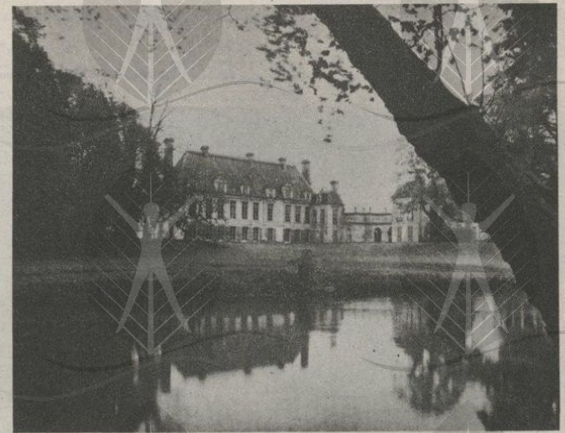
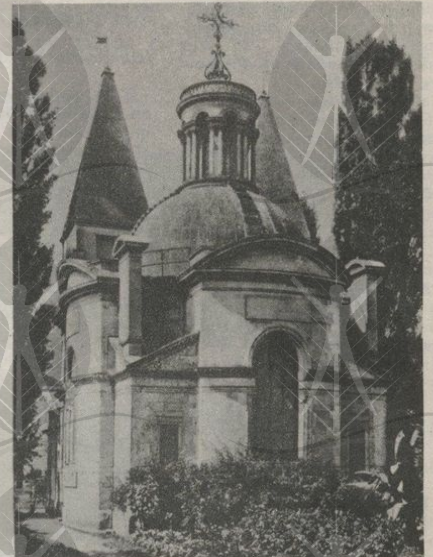


Os partidários do rigorismo religioso, que tiveram queixas do papado de Pio IV, conseguiram um grande êxito com a eleição do novo Papa. O cardeal Michele Ghisleri, dominicano, que acaba de ser eleito — tomando o nome de Pio V, adiantamos em primeira mão — era o candidato dessa corrente.

Ghisleri é um lombardo de 61 anos, que entrou para a ordem de S. Domingos em 1544, entregando-se inteiramente à dureza monacal e à pobreza exigidas por sua ordem.

Foi inquisidor na Lombardia, bispo de Sutri (nomeado por Paulo IV, em 1556), cardeal no ano seguinte, grande inquisidor em 1558. Serve desde 1560 na Sé de Mondovi, para onde foi transferido por seu antecessor. De lá saiu agora para as eleições no Vaticano, em que seu nome foi vitorioso.

## ARQUITETURA



Já apresentamos, em nossa coluna social, a fachada do castelo d'Anet, de Diana de Poitiers, construído por Philibert De L'Orme, de 1545 a 1555. Neste ano da morte de sua proprietária, a grande favorita de Henrique II, achamos oportuno apresentar pela primeira vez aspectos internos do palácio, nesta seção de arquitetura. O «Anet», aliás, é não só um dos mais suntuosos castelos de França, como, sob o ponto de vista arquitetônico, um dos mais belos.

Apresentamos um maravilhoso aspecto da ala esquerda do castelo, vista do lago, e uma visão dos fundos de sua capela, com o pequeno detalhe de um jardim, em primeiro plano. A capela está situada em um dos recantos mais pitorescos do palácio: tôda cercada de árvores e diante de um chafariz.

## IMPORTANTE

A Editora GB Rio Ltda. não vende números avulsos de «O BRASIL EM JORNAL». Só os tem em coleção, formando o livro «A HISTÓRIA EM NOTICIA».

Assim, como os primeiros 14 números formaram o 1º volume de «A HISTÓRIA EM NOTICIA» estes quatorze números formam o segundo volume, e assim por diante.

Com o passar do tempo o leitor terá, dessa maneira, a mais interessante e original enciclopédia de história do Brasil e do Mundo, contada a maneira de um noticioso órgão da mais moderna imprensa.

A REDAÇÃO

# "Volta à França:" 3.600 quilômetros durante 830 dias

Paris, 1º maio, 1566 (Do enviado especial à caravana da «Volta à França»)

Depois de 830 dias de viagem por 3.600 quilômetros de estradas, chegou hoje a esta cidade a caravana real que completou a primeira «Volta à França», expedição sugerida a Catarina de Médicis por Montmorency para «apresentar o reino a Carlos IX».

No último despacho que enviamos, informamos que uma forte tempestade ameaçava cair sobre Montpellier. Realmente, no dia seguinte, a cidade amanheceu cercada por uma muralha de neve e durante dez longos dias, a corte esteve encerrada na cidade.

Só no dia 1º de fevereiro de 1565, se atingiu Toulouse, onde uma fabulosa festa nos esperava. Quatro mil militares formavam alas à entrada da cidade.

Os membros do Parlamento vieram ao nosso encontro, vestidos com suas longas capas vermelhas. Nesse instante, o canhão de Castres — com a sua inscrição: «A palavra de Deus fica eternamente» — iniciou a salva de honra.

«NÃO SOU PAPISTA»

No dia seguinte, 2 de fevereiro, dia da Purificação, foi celebrada uma grande missa na catedral Saint-Etienne. Quando Carlos IX entrava na igreja, acompanhado de seus irmãos e de seu primo Henrique, rei de Navarra, houve um desagradável incidente. O pequeno bearnês, huguenote que é, parou na porta, mãos na cintura, e disse: «Eu não entro. Eu não sou papista». Súplicas e exortações foram em vão. Henrique de Navarra permanecia impertubável diante da porta.

Foi então que, impaciente e irritado, Carlos IX fez valer sua autoridade de rei e de mais velho (três anos): «Eu te forcerei a entrar». E arrancando o chapéu do primo, empurrou-o para dentro da cate-

dral. Mas Henrique não se abalou e rindo respondeu em bearnês: «Beth chapeü, Moussu, si ere boste !», («culda tua vida, que eu cuido da minha»). E durante todo o santo ofício ficou imóvel sob o pórtico da igreja.

FILIFE NÃO FOI

Em Toulouse passou-se o carnaval (com mascarada e tudo) e a Quaresma e depois, por Montauban e Agen, ganhámos Bordeaux e em seguida Bayonne. Nesta cidade, Catarina achou que era o momento para fazer o seu jogo casamenteiro com a bonita e insuperável Margot, a quem ela queria dar como marido o filho de Filipe, o príncipe Carlos.

Filipe não se dignou a vir comparecer ao encontro marcado e mandou em seu lugar a esposa Isabel e o duque de Alba. Grande foi o prazer de Catarina em abraçar Isabel, mas maior foi a decepção, pois ela queria conversar com o rei «de comadre para comadre». O seu projeto fracassou.

Mas a viagem continuou, um pouco ensombrecida pelos

fracassos da rainha-mãe. Em pouco tempo a caravana ganhou Dax, Mont-de-Marsan, e finalmente Nérac, a capital de Jeanne d'Albret. Ai, houve um torneio de arco e flecha entre os meninos reais. E desta vez, Henrique de Navarra recusou-se terminantemente a conceder a vitória ao seu primo rei. Em Nérac ele tem a sua platéia e por isso queria brilhar. De Nérac a Paris viajou-se sem incidentes completando esta maratona real que circundou todo o território francês pela primeira vez na história.

## LAPIDADORES QUEREM PROVAS DE LAPIDAÇÃO

Lisboa, 1566 (Do correspondente)

«Lapidar três diamantes (um de um quilate, outro de mais de um quilate e com facetas e o último delgado) e um rubi e uma safira, diante de juizes especialistas no ofício» — este o pedido agora encaminhado à Câmara desta cidade pelos lapidadores portugueses.

Ditas lapidações, quando aceitas pelos juizes, confeririam grau de lapidador profissional ao examinando.

A petição é assinada entre outros por Filipe Holbein (pai-rente do pintor Hans Holbein), Jorge Alberto, Valentim Teobim, Damião Pinheiro e Simão Pires.

## PINTURA



### «Cristo diante de Pilatos»

Mais uma vez Tintoretto! Mas como é espantosa a facilidade com que produz o italiano...

E eis o cumprimento de nossa promessa do número anterior. Tintoretto, mal terminou seu «Cristo diante de Pilatos», recordou-se da prioridade que nos prometera quando iniciou o quadro, há dois anos (1565). E os leitores que se deliciem com a perfeição deste novo trabalho: harmonia de linhas e de movimentos. Ocupará sem dúvida alguma um lugar importante na já extensa galeria de Jacó Robusti.

## LEI PARA ÍNDIOS VALORIZA NEGROS

Salvador, 30, julho, 1566  
(Urgente)

A partir de hoje, por ordens do governador do Brasil, sr. Men de Sá, diante de recomendações expressas do reino, não é mais permitido:

- 1) saírem os índios das missões jesuíticas do Brasil sem mandato especial das autoridades ou sem que os que se julgarem seus possuidores provem a legitimidade da posse;
- 2) deixar o oúvidor de correr as missões e aldeias, para administrar justiça;
- 3) deixarem os índios de ter curador;
- 4) casar as índias com os escravos;
- 5) resgatar índios sem licença das autoridades;
- 6) manterem os jesuítas índios que se confessarem escravos e queiram ser livres, e
- 7) tomarem os colonos índios próprios acolitados nas missões. Nesse caso, a pena para os infratores é a perda de todos os direitos sobre o selvagem, passando este a agregado da Companhia de Jesus.

### PARA ACABAR ABUSOS

Após a assinatura de tal ato, que foi ratificado pelos jesuítas Gregório Serrão e Antônio Pires, procuramos ouvir a palavra do governador.

Men de Sá limitou-se a ler-nos tópicos de uma carta que lhe enviara o rei, a fim de justificar-se. Nela diz o rei que se sabe, em Portugal, de quantos cativos injustos são feitos no Brasil e de como até os pais vendem os filhos, e termina pedindo energias providências contra tais abusos.

O governador mostrou-nos a primeira nomeação feita em virtude dos novos dispositivos: o espanhol Diogo Zorrilla, radicado em Salvador há 10 anos.

Antecipou-nos ainda Men de Sá que a corte nomeou outro ouvidor para o Brasil, em substituição a Brás Fragoso: Fernão da Silva.

### COLONOS DESCONTENTES

Para os proprietários de escravos índios, a nova lei teve péssima repercussão. Todos são unânimes em afirmar que, na realidade, os mais beneficiados com ela serão os jesuítas, dados os privilégios que agora alcançaram.

«Será, disse-nos um plantador de açúcar de Salvador, muito difícil a nós particulares provar a legitimidade da posse dos escravos. Acredito que, com a nova lei, os que tiverem tirocinio, darão preferência ao escravo africano, cuja cor valerá como garantia de nossos direitos.»

## MORREU DEFENSOR DOS ÍNDIOS

Espanha, 1566

Com 92 anos, 55 dos quais dedicados à defesa dos selvagens, morreu o «Apóstolo dos Índios». Trata-se de frei Bartolomeu de las Casas, autor de uma «História das Índias», verdadeiro libelo contra os escravagistas europeus.

Las Casas nasceu em Sevilha em 1474. Aos 28 anos partiu para a América, como simples colono. Em 1511 ordenou-se. Com suas palavras e através de sua pena sempre cáustica, obteve, em 1542, que o governo de seu país baixasse medidas mais humanas em defesa dos índios. É verdade que a pressão dos interessados pôs a perder tal concessão, mas Las Casas continuou em sua campanha antiescravagista, apesar de tudo.

Próximo do convento de Atocha, onde ele morreu, os índios americanos choraram ao saber de sua morte.



# Rio e o ouro dos poetas

Para Ronsard, poeta e francês, o século, visto de Paris, onde ele faz seus versos, é de ouro. A poesia, afinal, é um modo de fuga e lá onde ele e outros poetas se refugiam é natural que tudo seja dourado. Para nós, jornalistas, que temos de presenciar os fatos e devemos relatá-los com isenção, o século é de sangue, fome e lágrimas.

Sangue na Europa, onde católicos e protestantes lutam em nome de Deus. Sangue e lágrimas na Ásia, onde a cobiça e a vingança aumentam ou esfalçam impérios diariamente. Sangue nas Américas, ao lado de cada pedra com que se edificam novas cidades. Sangue na ilha da Madeira, nos Países Baixos, em todos os cantos do mundo. Sangue, fome e lágrimas, sob o ouro da poesia.

Quando se escrever a história do século XVI, o espaço destinado ao ouro dos poetas não ofuscará, no observador cauteloso, a visão dos gestos injustos, pois toda a poesia do século não terá bastado para ressuscitar os que morreram de fome ou estancar a lágrima dos afrontados.

O ouro e a prata, das Américas, realmente, deram cunho metálico ao século mas não o douraram ainda.

Nesta ordem de idéias, onde a esperança? Não queremos profetizar (Nostradamus acaba de morrer) mas nos permitimos, ante a seqüência implacável dos fatos, expor um conceito lógico. A velha sociedade européia e asiática está morrendo. Que homens, no futuro, farão a História, sem fome, sem lágrimas e sem injustiças? Os novos povos, caldeando-se em novas raças ante os conquistadores, têm tudo para responder a nossa indagação. A esperança está no Brasil moço, nos países americanos ainda verdes.

Por isso, a notícia de que no Brasil (Rio de Janeiro) foram os indígenas, embora em luta fratricida, os que mais se destacaram na determinação de certos resultados bélicos, nos enche de júbilo. Não júbilo guerreiro, que somos pacifistas. Mas júbilo de verificarmos que o futuro do mundo começa a pertencer aos povos moços, ainda incorruptos. Portanto, Rio de Janeiro, salvo por selvagens, é um sinal de nova idade. Deus o abençoe e inspire os poetas, como Ronsard — que em tudo vê ouro, a encontrar o ouro verdadeiro em todas as coisas.

Depois de terem aderido às plumas, os elegantes europeus começam a tirar proveito de adereços quase que exclusivamente femininos.

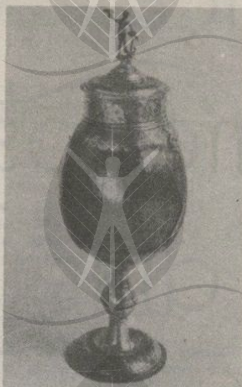
## A MODA COMO ELA É

PÉROLAS  
PARA  
OS  
HOMENS

nos. Veja o leitor, o resultado de uma mistura de pérolas, plumas, veludo e gargantilha. Uma touca (côr viva) e uma fita voltada de pérolas e plumas cobrem, hoje, a cabeça de quem é elegante na Europa. Sob o queixo, uma impecável gargantilha.



## DECORAÇÃO



O côco, fruto originário da Ásia — de grande sabor, dizem os que o conhecem — está passando da cozinha, agora, e ganhando as prateleiras decorativas das grandes mansões. Ele, sobre um pedestal de cobre, gravado e dourado. A tampa, em estilo moderno, trabalhada no mesmo material, tem, no alto, uma pequenina e artística estatuetta de homem. Altura total: 25 cm.



MICHEL DE NOSTRADAMUS

Por sua sobriedade, seriedade e sapiência, foi tido em alta conta por toda a França. Catarina de Médicis, que sempre gostou de rodear-se de videntes, tinha por ele especial predileção. A gravura nos mostra o momento em que a rainha, há alguns anos atrás, procurou-o em seu «Salon-de-Provence», para saber do futuro de seus filhos. Catarina vem chegando à presença de Nostradamus, pela mão de um de seus conselheiros. Seus filhos já o rodeiam curiosos e, entre eles, pode-se ver Carlos IX, atual rei, e que viria a tornar-se também grande admirador do sábio, dando-lhe inclusive o título de «Conselheiro e Médico de Sua Majestade».

# A morte chegou como o morto previu

Paris, 1º de julho, 1566

«De volta da embaixada, presente do rei, já em seu lugar Nada mais fará, será enviado a Deus, Parentes próximos, amigos, irmãos de sangue, Encontram-no morto ao lado da cama e da cadeira.»

Referindo-se a si próprio, Michel de Nostradamus escreveu estes versos, em uma de suas «Centúrias», publicada há mais de dez anos. Hoje, pela manhã, depois de alguns dias preso por uma hidropisia em seu quarto de trabalho, onde vem vivendo, ultimamente, «entre a cama e a cadeira», foi encontrado morto, na mesa em que escrevia.

Há algum tempo atrás, antes de cair doente, Nostradamus teve uma entrevista com Carlos IX, recebendo do rei o título de «Conselheiro e Médico de Sua Majestade».

Nostradamus desaparece aos 62 anos de idade, com a glória de ser considerado, unanimemente, o maior de todos os videntes e astrólogos. Nasceu em Saint-Rémy-de-Provence, em 14 de dezembro de 1503. Nostradamus não era só vidente. Deixou, entre outros trabalhos, um tratado sobre a arte de fazer confeitos, mel e vinho. Versado também, como seu pai, Jacques de Nostre-Dame (médico da corte do rei René, da Provença), na ciência das ervas e dos minerais, Michel foi, sobretudo, um dos maiores médicos destes tempos, tendo publicado duas obras sobre medicina: «Singulares receitas para a saúde do corpo humano», e mais tarde, «O remédio mais útil contra a peste».

Quando estudava medicina em Montpellier (onde se formou aos 26 anos, tornando-se professor aos 27, mas logo em seguida abandonando a cátedra), interrompeu seu curso para ajudar a combater uma epidemia de peste que apareceu simultaneamente em várias províncias. Aparelmente imunizado contra o mal, ia de cidade em cidade realizando curas maravilhosas. Muito tempo depois, em 1546, em Aix, ainda por curas julgadas milagrosas, os cidadãos ofereceram-lhe uma pensão que ele distribuiu entre órfãos e viúvas. Logo após, tendo tido ainda uma

jornada muito benéfica em Lyon, estabeleceu-se no seu famoso «Salon-de-Provence», segundo alguns, desgostoso com a inveja de certos colegas. Lá, foi procurado por Catarina de Médicis. A pequena cidade tornou-se célebre, principalmente depois de publicadas as suas «Centúrias» em 1555. Essas predições causaram enorme movimentação entre pessoas de todas as classes, que viajavam para o «Salon», a fim de ouvir os oráculos e conselhos do vidente.

### AS PREVISÕES

As principais dessas previsões já se tornaram famosas por sua absoluta precisão de datas, locais e desenrolar dos acontecimentos. Sobre a de maior repercussão, sem dúvida a que tratava da morte de Henrique II, O BRASIL EM JORNAL deu amplo noticiário em seu número 19.

Também sobre o destino de três filhos desse rei e Catarina de Médicis, o vidente fez uma previsão que vem mantendo toda a França apreensiva: os três subiriam a «um» trono. Foi por ocasião da visita que Catarina lhe fez no «Salon», quando seus filhos ainda eram muito crianças. Os acontecimentos vêm se desenrolando absolutamente dentro das previsões: primeiro foi Francisco II, que subiu ao trono com a morte do pai. Quando Francisco morreu toda a França começou a dar crédito à sua profecia. Com a ascensão do atual Carlos IX, a pró-

pria Catarina começou a ficar preocupada com a sorte do filho, interpretando aquela «um», como referente ao trono de França e não a «um» trono qualquer.

«O terceiro reinará sobre a França?», é a pergunta que ela mesma se faz, temerosa de assistir à morte de mais um filho.

### INSTRUMENTO DE DEUS

Michel casou-se aos 28 anos quando em Agen, onde trabalhava em medicina com seu amigo Scaliger. Mas enviuvou pouco mais de três anos depois, em 1534, abandonando então aquela cidade.

Deixa seu nome a dois filhos, embora não tenha tido nenhum daquele primeiro casamento: César, nascido na época do «Salon», em 1555, e outro, mais velho, Michel de Nostradamus, filho.

Nostradamus acreditava, como a maioria dos magos, ter vindo à terra para ajudar seus semelhantes e, sobre suas previsões, dizia ser sua boca apenas um instrumento de Deus:

«Deus se serve de minha [boca, na terra, Para te anunciar a verdade Se minha previsão te toca Dá graças à Sua divindade».

«O BRASIL EM JORNAL»  
«Prêmio Paula Brito» do  
Estado da Guanabara

Rua 1º de Marco, nº 22 — 2º andar. Tel. 31-2297 - RIO — GB

Direção

AMARAL NETTO  
Assessoria

LUIZ PIETSCH JUNIOR  
TITO CAVALCANTI

Assessoria Histórica  
GUSTAVO BARROSO  
JAYME COELHO

Redação

RUBEN AZEVEDO LIMA  
ZUENIR CARLOS VENTURA  
MARCOS DE CASTRO  
WALTER CUNTO

Paginação

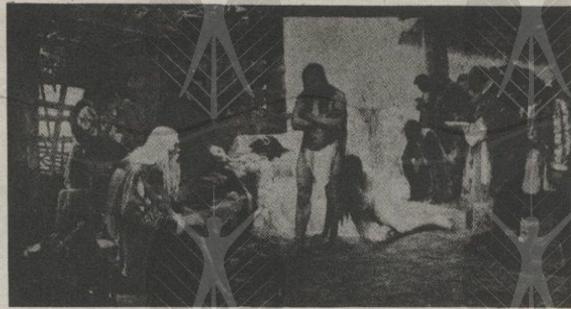
WALDIR FIGUEIREDO

Ilustração

ADAIL

Distribuição exclusiva  
EDITORA GB RIO LTDA.  
Rua 1º de Marco, 22-2º and.  
RIO — GB

# Flechada no rosto matou Estácio de Sá



VAI, ESTÁCIO...

E desta vez, para a eternidade. Foi assim que o grande capitão deixou a terra libertada. No flagrante, exclusivo de O BRASIL EM JORNAL, o momento em que Estácio de Sá exalava o último suspiro.

Rio de Janeiro, 20, fevereiro, 1567

Em sua casa modesta, quase no mesmo lugar em que desembarcou há dois anos aproximadamente, morreu hoje o jovem capitão Estácio de Sá, fundador desta cidade.

Estácio vinha sendo assistido com todo o desvelo pelos cirurgiões da força expedicionária luso-brasileira mas não pôde resistir aos padecimentos.

Médicos que cuidavam do bravo soldado informaram-nos

que o ferimento que o vitimou, normalmente não teria consequências funestas.

«O que houve, infelizmente, explicou-nos um deles, foi que a ferida se infeccionou. Tomamos todos os cuidados que o caso requeria. A ferida foi cauterizada e tratada com azeite quente, como é a praxe. Nada adiantou porém.»

Outro médico disse-nos, quanto à possibilidade de a seta que ferira o capitão estar envenenada:

«Não acredito. Conheço bem

os costumes tamoios e eles não usam venenos em suas flechas.»

Nos seus últimos instantes, Estácio, que estava inconsciente e febril, foi assistido por seu tio Men de Sá, seu primo Salvador, o padre Anchieta, grande amigo seu e outras personalidades.

## SEPULTADO ESTÁCIO

Rio de Janeiro, 20, fevereiro, 1567 (Do enviado especial)

Na capelinha de palha à sombra do Pão de Açúcar, que ele mesmo defendeu com tanta bravura, foi sepultado hoje o fundador da cidade, o capitão Estácio de Sá, morto em consequência dos ferimentos que recebeu em Biraçuárim, há um mês.

Este correspondente acompanhou a pé o enterro do jovem capitão. Seu tio Men de Sá era dos mais tristes quando o corpo de Estácio foi colocado em sua cova, diante da entrada da Guanabara, onde ele desembarcara cheio de entusiasmo, há dois anos.

Foi uma solenidade simples, sem discursos. Em torno da sepultura, soldados e marujos, caalejados de guerras nos quatro cantos do mundo, mantive-

ram-se em respeitoso silêncio na última homenagem ao bravo capitão.

A brisa morna da Guanabara secou rapidamente as lágrimas dos que, como nós, não resistiram à emoção de assistir ao fim prematuro de uma carreira que mal se iniciava. Men de Sá, após a solenidade, pediu que, mais tarde, quando a cidade crescesse e tivesse outros templos, dessem ao sobrinho sepultura em melhor local.

## PIRATA HAWKINS FEITO ALMIRANTE

Londres, 1567 (Do correspondente)

Com dois grandes navios reais, quatro particulares e o título de almirante de Sua Majestade, o navegador inglês John Hawkins partiu para sua segunda viagem a serviço da rainha Elizabeth, com a pretensão — segundo ele — de conquistar o direito de livre comércio sobre o mar, apesar da proibição espanhola.

Outro objetivo, no entanto — se não o único — está levando também Hawkins a esta

empresa: ele quer traficar na Índia escravos negros recolhidos na África ou tomados dos traficantes portugueses, trazendo de volta toda espécie de mercadorias.

No ano passado, Hawkins realizou uma expedição com a ajuda não só da rainha, como de outros nobres. O conselheiro real Cecil, no entanto, condenou o plano como contrário ao direito das gentes. Nessa viagem, Hawkins comerciou com as Antilhas, pilhou Havana, tocou a Terra Firme e conseguiu 60% dos benefícios.

## PROTESTANTES MATAM CONDESTÁVEL

Paris, 27, setembro, 1567 (Da sucursal)

Uma tropa com cerca de 600 cavaleiros armados e comandados por Condé, Coligny, Andelot e La Rochefoucauld, foi vista hoje em movimento nos arredores da cidade. O alarma foi dado por Castelnau e a Côte, em pânico, refugiou-se em Meaux. As pressas, foi feito apelo às tropas suíças, que têm guarnição em Chateau-Thierry. Catarina tentou, em vão, parlamentar com Condé.

## CATARINA EM CÓLERA

Paris, novembro, 1567 — Desde que recebeu a notícia de que se preparava uma rebelião, Catarina de Médicis passou a viver em cólera. Ela não fala em outra coisa a não ser trucidar, sem poupar um só, «os que se movimentam para vir ajudar os da nova rebelião». Furiosa, ela ordenou ao rei: «Quanto mais mortos, menos inimigos», pois ela atribui aos protestantes «a maior maldade do mundo».

## PARIS CERCADA

Paris, novembro, 1567 — O que Catarina julgou ser uma rebelião, fácil de ser debelada, é na verdade uma revolução que poderá ter incalculáveis consequências. Paris já está cercada pelos «reformados», que já pilharam as cidades vizinhas e estão apreendendo todos os comboios.

O pão que vem de Gonesse para abastecer a cidade não chega mais; os vivandeiros só se aventuram a chegar até Saint-Cloud. Os mercados estão vazios e a escassez já se faz sentir.

O condestável de Montmorency, em vista da situação, está organizando a resistência dos católicos.

## VITÓRIA PROTESTANTE

Paris, 10, dezembro, 1567 — Finalmente, travou-se hoje a tão esperada batalha entre católicos e protestantes. O choque foi violento e a vitória pendeu para o lado protestante. Coligny pôs em fuga um regimento de voluntários parisienses, enquanto Condé partiu direto contra Montmorency, que se viu, de repente, abandonado pelos seus.

Um dos companheiros de Condé mandou que ele se rendesse, mas o condestável respondeu com um golpe do punho da espada que arrancou três dentes do adversário. Nesse instante, recebeu um tiro nos rins e caiu gravemente ferido.

Com esta notícia, a armada real debandou e os huguenotes aproveitaram para romper o contato que a inferioridade de forças tornava impossível.

## MORTO MONTMORENCY

Paris, 12, dezembro, 1567 — O homem que, apesar de general sem brilho e político inábil, entrou na história de quatro reinados da França, morreu hoje, dois dias depois de ter sido ferido na batalha de Saint-Denis. Era ele o condestável Anne de Montmorency, o nobre por dinheiro que exerceu enorme influência nas guerras e na política francesa, durante as monarquias de Luís XII, Francisco I, Henrique II e Carlos IX.

Dois atuações situam plenamente a personalidade de Montmorency na História francesa deste século: sua tendência pacifista para os negócios do exterior e a luta contra a reforma protestante no interior da França.

Em 1531, ano da morte de seu pai Guilherme, foi quando Anne de Montmorency tornou-se o homem mais poderoso da França, mas seu nome começou a adquirir certa projeção durante os primeiros anos do reinado de Francisco I, de cuja mãe, Luisa de Sabóia, seu pai Guilherme era cavaleiro de honra.

Sua carreira militar começou aos 19 anos nas guerras da Itália, depois de uma educação incompleta. Distinguiu-

se na batalha de Ravena (1512) e em seguida na de Marignan (1515). Com Bayard teve atuação destacada na defesa de Mezières (1521). Depois da jornada de Bicoca (1522), foi nomeado marechal da França. Feito prisioneiro na batalha de Pavia (1525), recobrou logo a liberdade e interveio nas negociações do tratado de Madri (1526), que levou a cabo sem preocupar-se com as humilhantes cláusulas. Francisco I o distinguiu, quando de sua volta à França, com o cargo de lugar-tenente-general do Languedoc e de Grão Mestre da casa real, com participação em numerosos assuntos de Estado.

Montmorency induziu Francisco I à Liga de Cognac, foi o responsável pela fuga de Andrea Dória e do fracasso da intervenção armada em Nápoles. Apesar destes reverses e da paz pouco favorável de Cambrai (1529), Montmorency continuou gozando do favor de Francisco I.

Em 1536, derrotou os espanhóis em Narbona e reconquistou o Piemonte (1537), feito que lhe valeu a espada de condestável da França em 1538. Apesar destes êxitos bélicos, manteve desde então a política de colaboração com Carlos V. O fracasso das negociações de 1541 com o imperador, a propósito do ducado de Milão, acarretaram sua desgraça definitiva ante Francisco I.

Recolhido a suas possessões de Chantilly, o condestável passou a trabalhar para conquistar a preferência de Henrique II, e quando este subiu ao trono, Montmorency foi reintegrado no poder. Reprimiu brutalmente a revolta de Bordéus em 1548. Três anos depois, Henrique lhe concedia a dignidade de par de França e o título de duque. Ocupou Metz em 1552, mas uma série de derrotas, que culminaram com o fracasso de Saint-Quentin, demonstram sua real imperícia como supremo general dos exércitos franceses. A morte de Henrique II completou o rápido declínio de seu prestígio.

## CAMÕES EM MOÇAMBIQUE

Lisboa 1567

O poeta-soldado Luís de Camões, cuja vida, cheia de peripécias interessantes, vimos acompanhado, está em vias de regressar para Lisboa. Abandonou a Índia há algum tempo, com destino a esta capital, mas, pelas últimas notícias que recebemos, deteve-se em Moçambique, por falta de recursos para prosseguir na jornada. Lá encontrou-o o ilustre cronista Diogo do Couto, de cujas publicações também temos informado nossos leitores, e que nos disse ter encontrado Luís de Camões, na cidade de Sofala, naquela região da África.

Ele afirma que Camões estava tão pobre «que comia de amigos».

## "MENDIGOS" AGITAM OS PAÍSES-BAIXOS

Bruxelas 5, abril, 1566 (Do correspondente)

Vestidos de mendigos, carregando sacolas e pratos, os nobres protestantes que estavam reunidos na casa do conde de Calenburg, para firmar o «Compromisso de Breda», marcharam sobre o palácio de Margarida, exigindo a supressão da Inquisição e a suavização das leis contra a heresia.

Quando a regente, atemorizada, perguntou ao conselheiro Berlaymont quem era aquela gente, ele respondeu: «Senhora, são apenas uns pobres mendigos». Na mesma noite, «aquela gente», reunida em banquete, adotou o «slogan», bradando «vivam os mendigos» («Viven les gueux»). Os «gueux» resolveram também usar roupa simples de cor cinzenta, carregando um alforje e uma medalha com a efigie do monarca com este lema no verso: «Em tudo fiéis ao rei»; e no reverso: «até levar a alforja». Os revoltosos querem também a convocação dos Estados-Gerais.

## O DUQUE CHEGOU

Bruxelas, 22, agosto, 1567

Investidos de plenos poderes e com um poderoso exército, chegou hoje o duque de Alba, enviado por Filipe II para debelar a crise nos Países-Baixos e substituir a regente Margarida de Parma. Apuramos que a primeira medida do duque será a criação de um tribunal que se chamará «Conselho dos Tumultos» ou «Tribunal do Sangue».

## MARIA DEMITIU-SE

A redação de O BRASIL EM JORNAL recebeu um despacho do seu correspondente nos Países-Baixos informando que a regente Margarida de Parma, considerando-se desautorada com a chegada do duque de Alba, apresentou sua demissão. O nosso correspondente assegura, também, que Margarida partirá em dezembro para a Itália.

# S. Sebastião do Rio de Janeiro está de mudança

Rio de Janeiro, fevereiro, 1567

Ainda bastante acabrunhado com a morte do sobrinho, o governador decidiu, agora, levar a sede da cidade do Rio de Janeiro para local mais propício.

Men de Sá ouviu os pareceres do bispo D. Pedro Leitão, dos capitães e demais personalidades e resolveu transferir o assento da cidade para um morro meia légua ao norte do arraial, onde há um pórtico abrigado e um outeiro apropriado à sua defesa.

## OBRAS DE MUDANÇA

Rio de Janeiro, 1º março, 1567

Machados e enxadas derrubaram hoje a primeira árvore no alto do morro do Descanso, para onde Men de Sá resolveu transferir a cidade.

A região escolhida é um matagal no alto do morro e o governador pretende, em breve, inaugurar ali outra cidade em contraposição à que existe na base do morro Cara-de-Cão. A primeira tarefa dos construtores é o levantamento de uma muralha de 20 palmos de largura e outro tanto de altura em volta do recinto da cidade.

Nos planos de obras figuram: uma igreja de três naves, para os jesuítas; armazéns sobradados para repartições fazendeiras; casa para a Câmara cidadã e residências para os povoadores, terreiro abaixo.

Enquanto os desbravadores abrem clareiras na mata, os padres jesuítas, o bispo Leitão, o visitador Inácio de Azevedo e o provincial Luis da Grã prepararam-se para seguir rumo ao sul do país. Passarão em São Vicente, onde se avistarão com o padre Nóbrega.

## ALCAIDE RENOMEADO

Rio de Janeiro, 15, agosto, 1567

Preparando-se para a instalação na nova cidade, cujas obras estão bastante adiantadas, o governador renomeou, hoje, para alcaide do Rio, o sr. Francisco Dias Pinto.

Pinto já exercia a função para a qual agora é investido, por indicação do próprio governador. Em seu ato de hoje, Men de Sá concede a Pinto a Prefeitura do Rio a título vitalício e com o ordenado anual de 20 mil réis.

## TERRAS PARA GADO

Rio de Janeiro, 16, agosto, 1567

Despachando, hoje, uma petição dos cidadãos cariocas, o governador Men de Sá concedeu-lhes para rossia da cidade seis léguas de quadra. O governador mandou consultar a concessão já feita por seu sobrinho Estácio e ampliou-a consideravelmente. Os mora-

dores haviam pedido 3 léguas para o sertão e Men de Sá deu-lhes duas. Estácio concedera-lhes apenas légua e meia.

Ainda em julho chegaram ao Rio, de volta de São Vicente, o bispo D. Pedro Leitão, Anchieta, Grã, Azevedo e o padre Nóbrega, a fim de assentar com o governador a mudança do colégio de jesuítas daquela cidade para cá.

Padre Anchieta contou-nos que, ao saírem da Bertoga, uma baleia quase virou a embarcação em que viajavam. Todos se puseram a rezar e a baleia como que se acalmou e os deixou em paz.

Sobre a mudança do colégio informou-nos ainda que o governador já concedeu aos jesuítas um ótimo terreno no centro da nova cidade para sua edificação. Concluindo, declarou-nos que o bispo D. Pedro Leitão já nomeou vigário da paróquia do Rio o padre Mateus Nunes.

Rio de Janeiro, 11, novembro, 1567

Desde setembro último, por ordens do governador ou a pedido dos próprios interessados, as autoridades estão revendo e ratificando as doações já feitas pelo falecido capitão Estácio.

Por outro lado, sabe-se que devem chegar, breve, de Portugal, ordens do cardeal D. Henrique, mandando ratificar as doações de Estácio. Os jesuítas estão à espera de tal ato para promover o registro dos bens que receberam no Brasil.

Nesse intervalo, o governador Men de Sá procurou estimular a construção dos edifícios necessários ao funcionamento do governo no Rio e, assegura-se, quando embarcar para a Bahia (só para o próximo ano), deixará na chefia do governo do Rio seu sobrinho Salvador de Sá.

## COLUNA MILITAR



# Solimão não viu sua última vitória

Sziget, (Hungria), 9, setembro, 1566

Para não enfraquecer o ardor das tropas turcas, que acabam de tomar esta praça, só hoje foi revelado que Solimão, o Magnífico, morreu há três dias, vitimado, segundo uns, por uma disenteria, e, segundo outros, pela expectativa angustiada de ver se prolongar por muito tempo a resistência do inimigo.

O segredo em que foi mantida a morte do soberano turco tem também outro motivo: dar tempo a que Selim, o único filho vivo, dos cinco e sucessor natural de Solimão, pudesse chegar a Constantinopla. Quando o cortejo fúnebre

chegou à capital turca, o corpo do sultão encontrou o novo soberano sobre as margens do Danúbio.

O episódio principal da guerra entre turcos e húngaros, que começou no ano passado, foi o cerco a Sziget, defendida pelo valente magnata croata Nicolas Zrinski.

Como os subúrbios tivessem sido destruídos, Zrinski refugiou-se no castelo desta cidade, onde permaneceu durante quatro meses, apesar das ameaças dos turcos, de matar seu filho, que eles tinham prisioneiro. Quando a cidadela tornou-se insustentável, o governador, vestido em roupa de gala, pôs-se à frente dos poucos defensores que estavam ainda de pé e se precipitou contra os turcos, tendo morte gloriosa.

Antes, no entanto, ele havia preparado sua vingança: mi-



## EM SOCIEDADE

### DIANA MORREU SEDUTORA E SÓ

Castelo de Anet, 22, abril, 1566

A mulher mais invejada de França, desde 1547 até 1559, reinado de Henrique II, acaba de morrer em seu castelo, longe das rodas sociais de que tanto gostava e seu corpo repousa no catafalco com os mesmos traços de beleza que fizeram sua fortuna.

Trata-se de Diana de Poitiers, duquesa de Valentinois, a toda poderosa favorita de Henrique II e mais velha que ele exatamente 20 anos.

Diana nasceu em 1499. Sua ligação com Henrique II começou quando o então herdeiro do trono de França era um rapazola. O mundo deu voltas, Henrique casou-se com Catarina de Médicis e o romance entre o príncipe e depois monarca escandalizou a corte francesa.

Por causa de Diana, o rei ordenou que todas as suas roupas fossem bordadas com as iniciais H e D, enquanto o «crescente», símbolo de Diana, passava a ser emblema da realeza de França. A par de tais fatos, a rainha Catarina era apenas tratada como a «Banqueirinha», alusão pouco lisonjeira à riqueza de seu pai Lourenço de Médicis.

Ao morrer Henrique II, Diana retirou-se para seu castelo de Anet, construído sob encomenda por De L'Orme. Ali esperou a hora da vingança de Catarina, feita rainha.

Hoje Diana está morta. E sua beleza é a mesma de quando ela brilhava nos salões e fazia notícias, com seu sorriso sempre falso (como diziam seus inimigos) e sua indistarcável cupidez.

Um boato que teve origem na própria Corte escocesa vem abalando a Escócia e provocando os mais desencontrados comentários: o herdeiro do trono, anunciado oficialmente como tendo nascido de Maria Stuart, no dia 19 de junho de 1566, não seria filho da rainha. O filho mesmo teria nascido morto ou morrido logo depois do parto e em seu lugar teria sido colocado o bebê da condessa de Mar, mulher do lord Erskine.



De Paris chegamos a notícia deste ano de 1567, de que o ex-chanceler de França, Michel de l'Hospital, perdeu todo seu prestígio junto à rainha Catarina de Médicis. Michel, católico sincero, queria mais tolerância em vez de fanatismo religioso. A rainha não gostou e o destituiu. O ex-chanceler retirou-se de Paris. Foi para suas propriedades de Vignay.

Uma das figuras mais interessantes da vida social no Recife presentemente é o fidalgo florentino Filipe Cavalcanti. Filipe diz a todos que é descendente de Guido, o grande amigo do poeta italiano Dante.

Ordenado sacerdote neste ano (1567), o carmelita Juan de la Cruz (Juan de Ypes y Alvarez), celebrou missa pela primeira vez em presença de sua piedosa mãe, numa cerimônia tocante.

Órfão de pai desde muito pequeno, sua educação esteve inteiramente a cargo da pobre senhora, que não escondia, durante a missa, toda a sua emoção.

De origem humilde (seu pai era um simples tecedor), frei Juan de la Cruz é hoje motivo de orgulho para sua pequenina aldeia de Fontiveros (Avila), pois estudou em Salamanca e segue os passos de Teresa de Jesus em suas idéias de reforma da ordem dos carmelitas.

nou a torre que formava o reduto de defesa e quando os turcos aí penetraram, as minas explodiram e sob os escombros da fortaleza morreram três mil sítiantes.

Solimão, o homem que levou o império turco aos máximos limites de esplendor, morreu como sempre desejou: combatendo à frente de suas tropas, apesar dos seus 72 anos.

Ao morrer, Solimão lutava com a mesma disposição com que conquistou sua primeira vitória no famoso cerco de Rodas, com 28 anos de idade e dois de governo. Daí por diante foi uma seqüência de vitórias e conquistas: Mohacz, Temesvar, Bagdá, Diu, Tripoli etc. O fracasso do ano passado, no cerco de Malta, não impe-

Nasceu em Madri, em agosto de 1566, a princesinha Isabel Clara Eugênia, filha do imperador Filipe II e Isabel, a filha de Catarina de Médicis. Alegria na Espanha e França.

O embaixador espanhol em Lisboa, sr. Alonso de Tovar, é a pessoa mais atribulada com a doença do príncipe Sebastião. Como o futuro rei volta e meia está em excursões, Alonso tem de acompanhá-lo para não faltar com informes a Filipe II.

Frei Luis de Montoia pediu, e obteve, dispensa de ser confessor do príncipe Sebastião de Portugal. Seu substituto será o padre Leão Henriques, diretor espiritual do cardeal regente D. Henrique. Fala-se que o cardeal quer cercar o futuro rei de pessoas de sua confiança.

dirá que seu nome fique como marco de glória na história da Turquia.

## SELIM II, O SULTÃO

O novo sultão será Selim II, filho de Khurrem, segunda mulher de o «Magnífico», e à qual os ocidentais chamavam de Roxelana. Esta mulher conseguiu, com seus encantos e astúcias, tornar-se a grande favorita de Solimão, que com ela teve vida quase monogâmica. E graças a ela também, que Selim assume o trono, pois Roxelana induziu o marido a mandar matar os quatro filhos da outra mulher, inclusive o herdeiro Mustafá, estrangulado em 1553.

# Abdicou Maria Stuart: menino de 1 ano é o novo rei

Edimburgo, (Escócia) 9, março, 1566

Com 60 punhaladas, dadas por ordem e na presença do rei Darnley e a alguns passos da rainha aterrorizada, morreu hoje David Rizzio, o poeta mediocre, mas músico exímio, que conseguiu ser promovido por Maria Stuart a seu mentor e quase ministro.

A cena se passou na sala de refeições do palácio, quando a rainha jantava em companhia de sua meio-irmã, condessa de Argyll, seu meio-irmão, o prior de Holyrood, e Rizzio. De repente, o rei entrou sem ser esperado e beijou a rainha. Em seguida entraram o conde de Ruthven, armado dos pés à cabeça, o conde de Morton, Fandouside, Jorge Douglas e outros cúmplices igualmente armados.

Ruthven, que os assassinos tiraram da cama, ardoendo em febre, disse a Rizzio que queria falar-lhe; este, pressentindo que lhe queriam tirar a vida, lançou-se aos pés da rainha, implorando a sua interfe-rencia. Maria, entre a cólera e o medo, mandava e pedia ao mesmo tempo. Darnley gozava desta humilhação e, seguro de ser o árbitro entre a vítima e seus carrascos, mantinha-se impassível. A mesa foi revirada, as cadeiras jogadas ao chão, e na desordem que se seguiu os assassinos se apoderaram de Rizzio, que, esperando, se agarra à saia da rainha. 60 punhaladas acabaram com ele. Depois de morto, Rizzio foi lançado da janela do aposento contíguo, para um pátio interno.

## ASSASSINADO O REI ?

Edimburgo, 10, fevereiro, 1567 (Urgente)

Darnley, rei da Escócia, foi encontrado morto na casa de Kirk O'Field, onde se restabelecia de varíola, depois de uma violenta explosão que sacudiu todo o quarteirão às duas da madrugada.

A população agitada considera a explosão criminosa e aponta dois responsáveis: a rainha Maria Stuart e seu favorito Botwell. Ambos apresentam álbis que não são aceitos pela maioria.

A reportagem de O BRASIL EM JORNAL conseguiu localizar importantes cartas dirigidas por Maria Stuart ao seu favorito quando se encontrava em Glasgow com seu marido. No próximo número publicaremos os trechos essenciais que destroem os álbis dos dois.

## SEM PROVIDÊNCIAS

Edimburgo, fevereiro, 1567 — Nenhuma providência foi tomada pela rainha para descobrir os assassinos de seu marido ou evitar-lhes a fuga. Fontes diplomáticas disseram a este jornal que «nunca na Europa uma corte, uma nobreza e uma capital receberam com tanta calma a notícia do assassinio de um rei.»

Nenhum processo, nenhuma investigação no local, nenhuma pericia no cadáver. Nada. Absolutamente nada foi feito. Foi sem as honras que lhe eram devidas que o corpo de Darnley foi atirado durante a noite a uma fossa como se se tratasse de um criminoso.

## ORDENADAS «INVESTIGAÇÕES»

Edimburgo, março, 1567 — Botwell que parece dominar definitivamente a rainha, para dar satisfações aos diplomatas estrangeiros e principalmente aos observadores de Elizabeth da Inglaterra, ordenou «investigações» tardias sobre a morte de Darnley. Ofereceu 2 mil libras para quem descobrisse os assassinos. Esta manhã a cidade amanhe-

dos nobres que pedia em altos brados que «queimassem a assassina do marido».

Não fôsse a energia e a coragem do comandante da cavalaria, Kircaldy, e a rainha teria sido massacrada pelos soldados rebeldes.

Enquanto o cortejo atravessa vilas, povoados e cidades, o povo acorre para ver a rainha presa. Ela, raivosa e altaneira, não cessa de ameaçar seus vencedores. A lord Lindsay que cavalga a seu lado disse: «Juro que terei vossa cabeça.»

## RAINHA PRESA

Edimburgo, 17, junho, 1567

— Recusando-se com desprezo a atender à imposição dos lordes de se separar oficialmente de seu terceiro marido, Botwell, Maria Stuart foi praticamente condenada à prisão no castelo de Lochleven, situado no meio de um lago. Para evitar o termo «cativeiro» os lordes explicam o «isolamento»

ceu cheia de cartazes que apontam o próprio Botwell e seu companheiro Balfour como os culpados. Dizem os cartazes sensacionais que contém a figura do favorito: «Eis o assassino do rei.»

## UMA VOZ SE ERGUE

Edimburgo, 12, abril, 1567

— «Não há nenhuma acusação», foi a conclusão a que chegaram juizes subornados depois que o pai do rei assassinado, Lenoux, se furtou a comparecer ao tribunal fantoche para confirmar acusação que lançara publicamente contra Botwell.

Depois do «julgamento» o favorito saiu à rua armado até os dentes e, brandindo sua espada, ameaçou os que porventura, venham a acusá-lo.

## «RAPTO» ENCENADO

Edimburgo, 21, abril, 1567

— Quando retornava de Stirling de uma visita a seu filho, Maria Stuart foi «raptada» por seu favorito Botwell que a transportou para o seu castelo de Dumbar. Objetivo da farsa: só o casamento dos dois poderá clavar a honra da rainha. Botwell é casado.

## CONSUMADO 3º CASA-MENTO

Edimburgo, 15, maio, 1567

— Em meio ao sepulcral silêncio da capela do palácio real, casaram-se às 4 da madrugada de hoje Maria Stuart e Botwell. Este conseguiu arrancar a autorização do Parlamento e o divórcio de sua jovem esposa.

O 3º e o mais dramático dos casamentos de Maria não contou com a presença de nenhum nobre importante, notando-se a total ausência do corpo diplomático. Instado a comparecer, o embaixador de França declarou: — «Não. Poder-se-ia crer que meu rei aprova este negócio.»

Nenhuma festa teve lugar. Nas ruas um silêncio pesado esconde a revolta do povo que pode explodir a qualquer momento.

## PRINCIPIO DO FIM

Carberry Hill, 15, junho, 1567

— Botwell e Maria foram separados hoje pela força das armas. Em meio à trágica lua de mel o novo rei soube que os lordes se haviam armado em guerra e se precipitavam sobre ele e suas tropas. Depois de uma parlamentação que teve a dirigi-la o embaixador francês Corc, nada se conseguiu e Maria Stuart deu ordem às suas tropas para que atacassem os lordes.

Os soldados não se moveram recusando-se a combater e o casal real teve de se submeter às imposições dos nobres. Botwell teve liberdade para partir sem ser molestado. Maria Stuart seguiu, praticamente prisioneira, o exército



BOTWELL

Paixão, crime, ambição

da rainha como destinado a impedir a pessoa de Sua Majestade de manter qualquer contacto com o conde de Botwell e de se entender com as pessoas que querem salvá-lo do castigo do seu crime.»

Ao despontar do sol, hoje, Maria, a bordo de um pequeno barco, era transportada para seu «isolamento».

## ABDICOU A RAINHA !

Edimburgo, 23, junho, 1567

— Ameaçando Maria Stuart de dar publicidade às cartas a que nos referimos e que foram por ela dirigidas a Botwell, quando ainda vivo seu marido Darnley, lord Melville conseguiu, afinal, a abdicación da rainha que vinha sendo tentada noite e dia sem sucesso.

Só a possibilidade de ver seus mais íntimos e pecaminosos segredos revelados de público levaram a bela Stuart a abdicar.

## MORREU E QUIS SER LAVADO: FÊZ ESCÂNDALO

Salvador, 1567

Jorge Fernandes era batizado e tido como católico. Agora, Fernandes acaba de morrer e esta cidade se escandaliza com as exigências que ele deixou em seu testamento: «que lavem e sepultem seu cadáver segundo os ritos da sinagoga».

Não se sabe se esta sua última vontade será atendida, mas muitos de seus ex-amigos estão embaraçados para explicar às autoridades porque não denunciaram que Fernandes era «cristão novo» (judeu).

Jorge Fernandes estava na Bahia desde a vinda do ex-governador Duarte da Costa.



A "REAL CHANTAGEM"

Lord Melville apresenta a pena à bela Maria: "Ou assina a abdicación ou serão revelados de público seus pecados". Só assim a temperamental rainha da Escócia cedeu à imposição dos nobres protestantes.

## NOVO REI

Stirling, 29, julho, 1567 (Urgente) — De hoje em diante a Escócia tem novo rei: Jaques VI, filho de Maria e Darnley que sobe ao trono com exatamente 1 ano, um mês e dez dias de nascido. A regência está inteiramente entregue aos nobres calvinistas.

O povo dança na porta deste castelo. A cerimônia da coroação contou com lord Atholl que levou a coroa, Morton, com o cetro; Glencairn, com a espada e, finalmente o conde de Mart, que levava o soberano ao colar.

A bênção foi dada pelo célebre John Knox que quis deixar bem claro que o novo rei está sob o domínio protestante.

## JORNAL ECONÔMICO

### COMERCIO

Neste começo de 1566, nada menos de 30 mil comerciantes passaram à Inglaterra e se estabeleceram em cidades como Sandwich, Canterbury, Colchester e Norwich.

São em geral de origem flamenga e comerciam com lã, linho e outras mercadorias.

### BANCO

Houve neste ano de 1566 mais uma tentativa para a criação de um Banco do Estado, em Paris. Recordar-se que em 1538 a mesma experiência foi tentada em Lion. Ambas as tentativas fracassaram.

### IMPOSTOS

Os chamados impostos de origem eclesiástica (bulas, gáleras) e as tarifas alfandegárias tiveram, neste ano de 1566, os preços duplicados.

### IMPORTAÇÃO

Madri, 1566

Segundo dados de fontes importadoras, entraram na Espanha, de 1556 até agora, cerca de 300 toneladas de prata e 44 toneladas de ouro. Mas os produtores do Peru acham que os filões estão em fase de esgotamento.

## PADRE BORJA QUER

## SABER DE TUDO

Roma, 30, janeiro, 1567 (Do correspondente)

Como está o Brasil e de que modo vivem seus padres — estas as suas perguntas, entre muitas outras, que o padre Francisco de Borja faz, hoje, ao visitador Inácio de Azevedo, ora no Brasil.

Padre Borja dirige ao visitador um veemente apelo: não escreva cartas apenas a Portugal, mas também a Roma.

A curiosidade de Borja é de objetivos altruísticos. Precisa saber qual a verdadeira situação no Brasil, para ajudar nos casos de necessidade. Sua carta, que começa por perguntas, também acaba numa interrogação:

«Os padres aí vivem de esmolas ou de rendas do rei de Portugal?»

## TOMOU POSSE

Rio de Janeiro, 3, setembro, 1566

«Quem está lá?»  
«É Estácio de Sá, capitão da cidade de São Sebastião, em nome do rei, que deseja entrar».

Este diálogo, diante da porta principal da fortaleza de São Sebastião, entre Estácio de Sá e o alcaide Francisco Dias Pinto, foi o desfecho da solenidade de posse deste último.

Estácio, com as demais autoridades já constituídas, deixou a fortaleza, ficando Francisco Pinto atrás do portão, com os postigos arriados. Depois do breve diálogo, o alcaide abriu a porta da fortaleza, deixando passar o capitão e sua comitiva.

«Reconheço-o, afirmou então, como legítimo capitão da fortaleza de São Sebastião, de que sou alcaide».

Com isso, a cidadela passou a constituir propriedade do rei de Portugal.

# Morte ataca na praia sem deixar vestígios

Rio de Janeiro, dezembro, 1567

As autoridades policiais estão às voltas com tenebroso enigma: junto ao rio Carioca, nas proximidades da casa de pedra ali existente, o serralheiro Francisco da Costa (português, casado e aparentemente sem inimigos) foi encontrado morto a flechadas.

## Esmeraldas na Bahia?

Pôrto Seguro, dezembro, 1567

A sede de ouro e pedras preciosas continua, nesta região. Agora, informa-se que Martim de Carvalho, aqui radicado, partiu rumo ao sertão, com 50 ou 60 portugueses e índios.

Embora tenham mantido sigilo sobre seus objetivos nesta viagem, soube-se que os exploradores estão no encalço de uma suposta serra de esmeraldas existente a alguns quilômetros daqui.

## DOENÇA DO PRÍNCIPE É CHARADA

Lisboa, dezembro, 1567

Qual é a doença do menino Sebastião, neto de rei e filho de príncipe, que dentro de um mês subirá ao trono de Portugal?

Esta é a pergunta que fazem sua avó Catarina, seu tio Henrique, mamãe Joana, o imperador Filipe II e o povo de Espanha e Portugal.

Oito médicos que se reuniram para respondê-la, em fevereiro do ano passado, não chegaram a acordo. Apesar disso, cinco deles recitaram-lhe purgações e sangrias, contra o parecer dos demais.

## Rússia concede livre comércio à Inglaterra

Moscou, 1567

Ivan IV, o Terrível, acaba de conceder aos súditos de Elizabeth, da Inglaterra, liberdade para comerciar através de suas novas conquistas do Volga e da Livônia. Ele procura, pela abertura do mar Branco, lutar contra o monopólio polonês.

Anuncia-se, também, nesta cidade, a reunião de um segundo «Zemski Sobor» (congresso da «Terra»), para ultimar providências relacionadas com a guerra contra a Polônia. A primeira vez que esta assembleia de delegados do alto-clero e dos boiárdos se reuniu foi em 1550, e procedeu a uma reforma do «Soudiebnik», código de leis de Ivan III.

Mas este segundo «Zemski Sobor» deverá tratar pouco de assuntos administrativos. O tema principal será mesmo a guerra contra a Polônia, que tem agora anexada a seu território a Livônia, que Ivan se empenha há tanto tempo em dominar.

Junto da vítima, encontraram-se todos os objetos de uso pessoal com que ele saíra de casa. O corpo não apresenta indícios de ter sido arrastado, o local do crime é ermo e o assassino ou assassinos teriam agido de madrugada.

D. Jerônimo Rodrigues (mulher de Francisco) e seu sobrinho Gaspar, submetidos a interrogatórios, nada informaram de importante para desfazer o mistério.

## PASSIONAL

A primeira luz sobre o crime proveio de uma denúncia anônima: «se querem o criminoso — afirmo o denunciante — procurem-no entre os admiradores da mulher da vítima. Entre estes, investiguem, principalmente, o passado de um Jorge da Mota».

Mota foi preso e também submetido a interrogatório. Sobre suas ligações com D. Jerônimo disse que eram ape-

nas bons amigos. Com a vítima também mantinha as melhores relações.

Noutra parte da denúncia anônima dizia-se que Mota fora visto nas imediações do local do crime, com arco e flechas. O acusado desmentiu cabalmente tais fatos, concluindo:

«Algum inimigo meu denunciou-me para prejudicar-me.»

# Governador (Rio) faz baixar preço de vinho

Rio de Janeiro, dezembro, 1567

O vinho com que soldados e marinheiros saudaram a vitória sobre os franceses, as conquistas de amor ou o encontro de velhos amigos foi, agora, nesta cidade, motivo de sério atrito do governador Men de Sá e os comerciantes que o vendem.

A população estava impossibilitada de consumir o bom e generoso vinho português, em virtude de seu alto custo.

# “PADRE DE OURO” DIZ QUE FALA COM O DIABO

Olinda, dezembro, 1567 (Do correspondente)

Um padre que veio para cá exilado de Portugal e logo se fez amigo inseparável do donatário de Pernambuco, sr. Duarte de Albuquerque Coelho, diz que conversa com o diabo, é alquimista e localiza minas de ouro e prata por insinuações do próprio demônio.

O padre é Antônio de Gouveia, mas o povo o trata aqui de «Padre de Ouro». É verdade que ninguém o viu ainda em conversa com o diabo, mas sabe-se que o sacerdote foi exilado por entregar-se à necromância em Portugal e ali a Inquisição o processou.

Gouveia insinuou-se de tal modo junto ao donatário, que este o considera elemento de grande utilidade.

«Isso, disse-nos uma pessoa ligada a ambos, se deve a que Duarte de Albuquerque vive seduzido pela miragem das minas de prata e o padre se propõe a descobri-las dentro de pouco tempo.»

Men de Sá reuniu os comerciantes e os intimou a vender vinho a retalho.

— Quanto querem por uma canada?, indagou deles.

— Naturalmente, responderam os negociantes, um preço alto, porque o vinho é coisa rara no Brasil, e, como tal, tem de ser bem remunerado.

O governador, indignado, tirou o capacete e retrucou:

— Pois bem. A canada será vendida ao preço que

os senhores desejarem, mas a medida do vinho será a que meu capacete puder conter.

Ao que nos informou um dos comerciantes, o capacete de Men de Sá é um pouco avantajado e, como os negociantes já tinham fixado preço ao quartilho, a margem de lucro no negócio de bebidas não ficou sendo das maiores. Os apreciadores, contudo, ficaram satisfeitos com a decisão do governador.

# Capitão de Málaca acabou partida de damas para guerrear

Málaca, outubro, 1567

O governador desta cidade, capitão Leoniz Pereira, estava jogando damas na fortaleza, quando um de seus ordenanças veio comunicar-lhe: «Málaca está cercada por tropas e navios do sultão de Achém». Leoniz fez-lhe um gesto para que esperasse, liquidou de um golpe três pedras do seu contendor, ganhou a partida. E, voltando-se para o ordenança, depois de levantar-se da mesa-tabuleiro: — Pois que cada pessoa, cada soldado esteja em seu lugar!

Os soldados (apenas duzentos) repeliram, com a

ajuda de uns poucos sacerdotes e indígenas simpáticos à causa portuguesa, a poderosa força do sultão, depois de alguns dias.

«Málaca, afirmou um oficial, salvou-se por milagre. Ou não era chegada ainda a ocasião de ela perder-se»

## IMPÉRIO SE DESFAZ

Goa, dezembro, 1567

Enquanto o governador da Índia, sr. Antão de Noronha, cerca esta cidade para torná-la invulnerável aos ataques, o domínio português no Oriente como se desfaz diante da

tempestade que se aproxima.

Este ano, Noronha, em pessoa, com pouquíssimos recursos, ocupou Mangalor e ali construiu uma fortaleza. Mas nem isso parece ter infundido temor aos príncipes orientais.

Agora mesmo chegam notícias de que estaria iminente um ataque em massa à sede do governo português nas Molucas. O capitão do grupo destas ilhas, atualmente em Ternate, é o sr. Diogo Lopes de Mesquita. Pois depois de destronar o rei títere das Molucas, Diogo perseguirá-o, causando mal-estar entre os indígenas. Espe-

ra-se ali o momento da vindita com terrível ansiedade.



*Antão de Noronha*

ANTAO DE NORONHA





Na oportunidade da catástrofe que abalou Évora, reproduzimos para os nossos leitores detalhe de um trabalho do grande pintor Rafael, justamente aquele que ele denominou: «Personificação do terremoto sacudindo a Terra.»

## TERREMOTO E PESTE EM PORTUGAL

Évora, 1568 (Urgente)

A terra tremeu violentamente nesta cidade, desmoronando pequenas casas e causando pânico entre a população, que saiu para as ruas rezando e gritando.

O número de vítimas é desconhecido ainda, mas sabe-se que não é pequeno. A bela igreja de Santo Antão teve sua

abóboda derribada pela violência do sismo.

Suas colunas da fachada ficaram de pé e, diante do templo consagrado há apenas cinco anos, a multidão veio fazer preces para que o tremor de terras cessasse.

As condições de higiene na cidade são precárias e as autoridades receiam que sobrevenha uma violenta epidemia.

### A PESTE EM LISBOA

Lisboa, 1569 (Urgente)

Toda a cidade se desloca apressadamente para o campo, fugindo da peste que de repente se abateu sobre ela. Milhares de pessoas morrem à mingua de assistência e entre as grandes vítimas a lamentar figura o poeta, autor dramático e professor universitário António Ferreira.

Seu enterro foi feito quase sem acompanhante, pois a maior preocupação dos lisboetas é fugir à peste. Ferreira deixa uma enorme quantidade de obras inéditas, entre elas uma comédia («Cioso»).

A morte do poeta, que normalmente enlutaria a corte, passou quase despercebida, pois o rei D. Sebastião, a rainha Catarina e os demais nobres estão também fugindo da calamidade.

Ao que sabemos, a cada vila que chega D. Sebastião, seus serviços são postos em campo para saber se nela se revelou algum caso de peste. Os médicos receiam pela saúde do monarca, de frágil constituição. Assim, D. Sebastião não tem ficado muito tempo em cada cidade, pois a epidemia misteriosa está se espalhando com terrível velocidade por todo o país.

Aqui em Lisboa, as mortes são tantas que os cadáveres são sepultados em cova rasa ou esquecidos em seus leitos de morte.

### CIRURGIÃO BARBEIRO JÁ TEM ESCUDO



Um dragão sobre o elmo dourado acima de um escudo, tudo isso sustentado por dois leões agrihoados, significa, na Inglaterra, a partir deste ano de 1569, que quem usa tal emblema é cirurgião e barbeiro. Assim, leitor, se algum dia estiver na Inglaterra e necessitar de socorros médicos, mesmo uma simples sangria, exija que quem o socorrer mostre seu emblema, para se certificar de que não se trata de algum charlatão.

# ASSASSINADO BISPO DE MOSCOU

## MOEDA FALSA NO BRASIL

Salvador, dezembro, 1569 (Urgente)

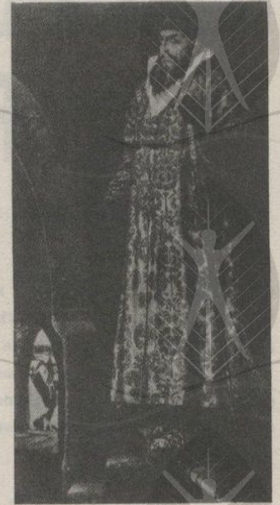
A invasão de moedas falsas de cobre começa a gerar descontentamento em todo o país em consequência das medidas defensivas determinadas pelo governo: redução no valor de tais moedas para desencorajar os falsários.

A mudança tem ocasionado sérios atritos. Uma pessoa qualquer desconhecendo a lei de novo valor, ao fazer compras é que verifica que seu dinheiro não vale o que marca.

Recorda-se que em 1551 o valor de tais moedas fora elevado. Em 1556 e 1560, esse valor foi modificado, mas a mudança foi de pequena monta.

Este é Ivan IV, «O Terrível», czar de todas as Rússias que, para silenciar a voz da Igreja, acaba de mandar assassinar o metropolitano de Moscou. Num dos últimos encontros que teve com Ivan, Filipe, o chefe da cristandade naquela metrópole, disse-lhe na Igreja de Assunção: — «Aqui, diante do altar, nós sacrificamos para a salvação do homem. Lá fora, nas ruas, derrama-se sangue e os inocentes morrem. Na Rússia não há mais misericórdia.»

O terrível drama do chefe cristão de Moscou vai relatado na página 2, em detalhado despacho de nosso correspondente naquela cidade.



## UMA VISÃO DO PRÓPRIO INFERNO

«Seminus, alguns leprosos ou sofrendo de outras terríveis moléstias, sedentos, famintos e em meio a um mau cheiro insuportável, constituem, nos porões dos navios uma visão do próprio inferno.» Esta declaração é parte de uma entrevista concedida em Salamanca, Espanha, ao repórter de O BRASIL EM JORNAL, por frei Tomás de Mer-

cado, resumindo um livro que acaba de lançar sobre o tráfico de negros da África para a América.

O flagrante que ilustra esta notícia foi colhido num desses «negreiros» — dos melhores, aliás — e comprova o que vai divulgado na página 2 desta edição, em entrevista detalhada de frei Mercado.



## TERRAS PARA ARARIBÓIA

Rio, 16, março, 1568 (Correspondente)

Três mil braças de terra pelo lado do mar e seis mil ao longo do sertão (aproximadamente 17 milhões de metros quadrados), este o régio presente de António Mariz e sua mulher Isabel Velha ao chefe índio que tanto se destacou na luta contra os franceses, Martim Afonso Araribóia.

A terra hoje doada oficialmente a Araribóia fica diante do Rio de Janeiro, às margens da baía de Guanabara.

O chefe índio, logo que lhe seja possível, passará com sua gente para a terra que lhe foi doada.

## GUERRA NAVAL NO MEDITERRÂNEO

Em nosso «Editorial» deste número divulgamos sensacionais informações das melhores fontes, segundo as quais estaria iminente uma guerra naval entre cristãos e maometanos. Nesse editorial o leitor encontrará um espelho exato do que está sucedendo no Mediterrâneo e das mais comédidas previsões em torno de um choque de grandes proporções entre a Cruz e o Crescente.

## Degrêdo para mulheres pecadoras

Évora, setembro, 1568 (Correspondente)

Esta cidade, que tem uma casa-asilo para as mulheres de vida irregular, talvez seja a primeira do país a aplicar a nova legislação para as convertidas.

Assim, as que deixarem a instituição para voltarem ao modo de vida anterior serão, doravante, degredadas a bem da moral.

A nova lei, recém-assinada pelo rei D. Sebastião, foi ditada a pedido da população de Évora, às voltas com maus exemplos das ex-internas.

# ASSASSINADO CHEFE DA IGREJA RUSSA!

Moscou, 23, dezembro, 1568 (Urgente)

Filipe, metropolitano desta cidade, não criticará mais os desatinos do senhor de todas as Rússias, o czar Ivan, o Terrible; mãos assassinas o asfixiaram com uma almofada, hoje, no convento de Tver, onde ele estava preso por ordem de Ivã.

Filipe, cujo nome era Teodoro Kolytchov, foi feito metropolitano pelo próprio Ivã, há dois anos. Seu assassino foi um esbirro do czar, Mallouta Skouratov.

## LIÇÃO DO TZAR

Em fins do ano passado, ao regressar da Livônia sem obter os sucessos esperados, Ivã e seus *soprichnikis* viraram seu ódio contra príncipes e nobres russos. Moscovo afogou-se em sangue. O metropolitano procurou Ivã e lavrou seu protesto contra tal estado de coisas.

— Poderoso Tzar, vós sois revestido de alta dignidade, de uma dignidade quase divina. Mas o cetro terrestre não é senão um reflexo do cetro celeste: éle vos obriga a ensinar aos homens apenas a verdade. Sede fiel à lei divina e governal em paz. Ouvistes dizer, por acaso, que algum piedoso czar tenha feito o que fizestes?

Ivã esperou-se com a lição do metropolitano:

— Não te metas com meus negócios, disse-lhe. Não tens senão que me abençoar e aprovar meus atos.

— Eu sou o pastor da Igreja de Cristo e tenho, como vós, a obrigação de velar pela paz no meu rebanho. Não posso calar-me: meu silêncio significaria a aprovação de vossos pecados. Se me curvar diante de todos as vontades humanas, como responderei a Cristo na hora do Juízo? — retrucou o metropolitano.

Ivã, ameaçador, cortou a entrevista:

— Não te oponhas a meu po-

der, se não queres atrair minha cólera.

## CORAGEM DA FÉ

Pessoas que assistiram à entrevista entre Ivã e Filipe passaram a temer pela segurança do metropolitano.

— Ivã, diziam-lhe, não é homem de admitir que lhe dêem lições.

Apesar de forcarem o sacerdote a uma reconciliação, nada conseguiram. Em 22 de março último, a crise atingiu ao cume.

Ivã e seu séquito de *soprichnikis* apareceram inesperadamente na Igreja da Assunção, onde o metropolitano dizia missa. Ivã, vestido com uma roupa negra, de monge, e seus acompanhantes encapuçados. Por três vezes o rei se aproximou de Filipe à espera da bênção. No meio do silêncio geral, o metropolitano lançou seu desafio:

— Senhor, ninguém reconhece mais em vós o czar. A beleza de vosso rosto está envolta em sombras. Nunca se viu um rei ofuscar de tal modo a majestade do poder. Os cristãos sofrem. Aqui, diante do altar, nós sacrificamos para a salvação do homem. Lá fora, nas ruas, derrama-se sangue e os inocentes morrem. Na Rússia não há mais misericórdia.

Ivã bateu no chão com seu bastão:

— Queres levantar-te contra mim, Filipe? Até agora tenho tido clemência para contigo e com teus seguidores. Mas te mostrarei quem sou.

## MARTÍRIO

Em julho, Ivã e Filipe se encontraram pela última vez, quando se verificou de novo troca de palavras ásperas entre ambos. O rei decidiu processar Filipe. Fêz reunir um concílio e, à custa de ameaças, obteve depoimentos contrários ao sacerdote.

Em 8 de novembro último, Filipe dizia missa enquanto o concílio o destituiu e o condenava a reclusão num convento.

Imediatamente, um auxiliar da guarda de Ivã, Alexis Bassmanov foi prendê-lo em meio à missa. Em virtude do clamor popular, Ivã teve de mudar, até hoje, constantemente o local da prisão de Filipe. Hoje, Mallouta Skouratov veio ver o ex-metropolitano, da parte do czar. As autoridades do convento de Tver deixaram-no entrar. Um padre o acompanhou até a cela de Filipe e o ouviu falar:

— A hora de meu sacrifício se aproxima. Meu amigo, cumpre o ato para o qual me veio ver.

Depois, a cela ficou em silêncio e Mallouta saiu de lá aos gritos, com todo o clamor.

— Mataram Filipe, mataram-no. O ex-metropolitano jazia morto, asfixiado por uma almofada.

## COMEDIA

Moscou, 1569

Para dar cunho de veracidade à versão de Mallouta (assassino do ex-metropolitano mas que se diz inocente), o czar Ivã resolveu promover a reabilitação de Filipe.

Como primeiras medidas, mandou punir os que prestaram falso testemunho no processo que culminou com a destituição do metropolitano e sua prisão.



## ÔLHO POR ÔLHO...

# Espanhol degola franceses Francês enforca espanhóis

São Mateus, Flórida, 1568 (Urgente)

«Não como espanhóis, mas como assassinos, ladrões e perjurios», esta a inscrição que o capitão protestante francês Dominique de Gourgues deixou ao lado dos corpos de trinta espanhóis enforcados em árvores próximas a este forte.

O ato de Dominique foi repellido ao do capitão espanhol Pedro de Menendez, há três anos. Naquela época, os franceses aqui se encontravam no forte a que deram o nome de Carolina. Seu comandante era Jean Ribaut. Em 28 de agosto de 1565, Menendez, com sua esquadra, aproximou-se do forte e exigiu a rendição dos franceses. Para aguardar a resposta dos inimigos, o espanhol abrigou-se no fortim de Santo Agostinho, 30 leguas mais adiante.

Nessa mesma noite, Ribaut, em vez de esperar o ataque espanhol, lançou-se à ofensiva, deixando em São Mateus pouco mais de 150 pessoas, entre homens e mulheres. O temporal, contudo, destruiu a esquadra francesa. Menendez antecipou o ataque a Carolina. Um grupo de soldados (28) fugiu com Laudonnière, mas 122 pessoas (homens e mulheres) foram de-

golados pelos soldados de Menendez e em seguida pendurados em árvores — as mesmas onde agora estão os espanhóis — com uma tableta: «Mortos não como franceses, mas como hereges».

Depois, atacou os naufragos da expedição de Ribaut e aprisionou 140 sobreviventes. Como dez deles abjuraram suas crenças protestantes, os outros 130 foram decapitados na praia, sumariamente.

Numa ilha próxima, havia outros duzentos naufragos, entre eles o próprio Ribaut. Menendez exigiu que se rendessem incondicionalmente e prometeu poupá-los a vida. Os franceses se entregaram e pouco depois o capitão espanhol fê-los degolar.

Agora, depois de sua vingança, o capitão Gourgues tentou atacar o forte de Santo Agostinho, mas, com poucos recursos, decidiu voltar à França.

# MEN DE SÁ DEIXOU RIO COM VEREADORES

Rio de Janeiro, junho, 1568 (Correspondente)

Deixando em ordem a cidade, com as primeiras edificações a descer do alto do morro para onde a mudou, partiu para o Espírito Santo, a fim de reprimir um levante de índios, o governador do Brasil, sr. Men de Sá.

Na chefia do governo fica seu sobrinho Salvador de Sá, nomeado para o cargo em 4 de março último.

## CONSELHO ORGANIZADO

Além das obras adiantadas na cidade (fortins, cerca, igreja para jesuítas e casa para a Câmara), o governador deixa a administração quase totalmente constituída.

Assim, desde janeiro já está funcionando o Conselho da cidade, constituído por Aires Fernandes, Francisco Dias Pinto, Cristovão Monteiro e Diogo de Braga. O primeiro, juiz ordinário; os outros, vereadores. Como procurador do Conselho foi nomeado o sr. Gomes Enes. A Câmara, enquanto aguarda a conclusão de sua sede sobrada, se reúne na casa do juiz ordinário.

Por outro lado, Men de Sá nomeou como mediador oficial de terras concedidas de sesmaria o sr. Baltazar Lourenço, Vencimentos: 32 réis por dia de medição.

A escolha do substituto de Men de Sá foi feita em reunião a que compareceram as pessoas notáveis ora no Rio.

## OUTROS ATOS

Entre outras indicações feitas por Men de Sá figuram: a 9 de

março, Cristovão Monteiro foi escolhido ouvidor da cidade e de toda a capitania pelo prazo de três anos; Manuel Freire substituiu-o no cargo de vereador do Conselho. A 7 de abril, João da Silveira foi nomeado meirinho e Mestre Vasco, porteiro e pregoeiro dos auditórios. Finalmente, em maio, dia 24, Clemente Peres Ferreira foi provido como escrivão vitalício da Câmara e, no dia seguinte, Manuel Gomes foi indicado para substituir Baltazar Fernandes, que morrera, como tabelião do público e do judicial.

## TERRAS PARA BOMBARDEIRO

Gaspar Figueiredo, bombardeiro, encaminhou e obteve de Men de Sá a inscrição de dois pedaços de terras, em fevereiro último.

O interessante é que em sua petição, Gaspar se refere à «banda d'além da cidade velha», isto é, adiante do Morro Cara de Cão. O escrivão que conferiu a inscrição do pedido salientou-nos que esta é a primeira petição a distinguir o Rio em cidade velha (morro Cara de Cão) e cidade nova.

# “Uma visão do próprio inferno...”

Entrevista exclusiva de frei Tomás de Mercado a O BRASIL EM JORNAL

Salamanca, dezembro, 1569 (Especial para O BRASIL EM JORNAL)

“Quatrocentos ou quinhentos escravos seminus, alguns deles leprosos, todos sedentos e famintos em meio ao fedor insuportável”, esta a visão do próprio inferno que frei Tomás de Mercado viu nos porões de navios que fazem a linha África-América e agora descreve, alarmado, em seu livro “Tratos e contratos de mercadores”, recém-lançado nesta cidade.

Falando a «O BRASIL EM JORNAL» frei Tomás faz questão de frisar que seu depoimento é imparcialíssimo, pois considera lícito o negócio e de acordo com o direito das gentes a compra e venda de escravos.

— Mas, mesmo lícito, gera abusos inacreditáveis. Por meio da compra, muita gente estimula novos pretextos para fazer escravos. As carregações e transporte de cativos são anticristãos e crudelíssimos.

## NUDISMO E FOME

O sacerdote diz-nos que teve oportunidade de assistir ao

embarque de muitos navios de negros.

— A par do erro inicial (muitos foram escravizados tiranicamente ou mediante fraude e violência), o tratamento que dão aos escravos é mais que bárbaro, quanto à alimentação e vestimentas.

Segundo frei Tomás, os compradores pensam apenas em economizar e cometem sério engano.

«Depois de terem sido batizados apressadamente, na praia mesmo, os negros viajam nus, sem ter o que beber e comer. Nos porões de navios, seguem às vezes até 500 pobres diabos, alguns cobertos de chagas. A

catina ambiente é tanta que muitos deles morrem durante a viagem.»

## PORCOS EM CHIQUEIROS

— Curioso, disse-nos ainda frei Tomás, é que nos espanhóis com o tratamento que os turcos dão aos cristãos, e ninguém se move com o que fazem aos negros. Nesse caso, a gravidade ainda é maior porque se trata de comerciantes que se dizem cristãos.

Para frei Tomás, a legislação protecionista aos índios americanos tem contribuído para incrementar o tráfico de escravos.

— Em resumo, é uma selva. Os escravos são tratados como porcos em chiqueiros. Muitos deles chegam ao destino mortos e podres. Para não dizerem que exagero, cito o caso de dois mercadores de Nova Espanha que carregaram no Cabo Verde 500 africanos e chegaram ao fim da linha, no México, com apenas 200 sobreviventes. E houvesse sido justo castigo de Deus que morressem juntamente com eles aqueles homens bestiais que os levavam.

# MORREU LOUCO FILHO DE FILIPE

Madri, 25, julho, 1568

Morreu hoje o príncipe D. Carlos, filho de Filipe II e de sua primeira mulher, D. Maria Manuela, de Portugal. Carlos, que contava exatamente 23 anos e 17 dias, vinha sendo presa de gravíssimas crises nervosas nos últimos tempos e estava detido por seu pai há seis meses, desde o dia 18 de janeiro deste ano.

Nada, absolutamente nada, foi ventilado pelas fontes oficiais, acerca da «causa mortis». E, embora, por causa disso, muita gente já comece a sussurrar que seu próprio pai o tivesse mandado matar, é difícil acreditar que Filipe chegasse a tal ponto. O mais provável é que a morte se tenha dado no agravamento de mais uma das crises nervosas de que Carlos tem sido acometido.

## HERDEIRO DA COROA

Parece certo que o rei se arrependeu de, em 1560, depois de longa indecisão, ter proclamado a Carlos como «príncipe de Astúrias pelas côrtes de Toledo», e como tal, herdeiro da coroa de Espanha.

Seu estado de alienação mental atingiu a um tal ponto, que seria fácil a seu pai deserdá-lo, sem precisar recorrer a quaisquer processos violentos.

## VIDA ROMANESCA

A vida de Carlos, desde pequeno enfermigo, pálido e fraco, é pontilhada de lances românticos. Já não dando muitas mostras de perfeita sanidade mental, foi enviado a estudar na Universidade de Alcalá, em 1561, com seu tio, D. Juan de Austria e seu primo Alexandre Farnésio. Lá entre-

Mas foi com base nessa fuga que Filipe, reunindo uma comissão de teólogos e juristas, decidiu-se a chegar ao extremo de prendê-lo.

## PRISÃO E MORTE

Com essa prisão, e por causa dela mesmo, é que o estado de Carlos piorou consideravelmente. Suas atitudes de desespero o levaram a cometer disparates que afetavam diretamente sua saúde: bebia água de uma fonte de neve, estriava a cama em que dormia, ficava três dias sem comer, e sempre prostrado por uma profunda melancolia.

O rei visitou-o e confortou-o, nesse período.

Conta-se que por uma dessas visitas de Filipe, à meia-noite e com todo o Conselho de Estado no quarto de Carlos, o príncipe interpelou-o:

— Que quer por aqui a esta hora o Conselho de Estado?

Tendo descerrado a cortina de seu leito, o rei retirou-lhe a espada, e o príncipe continuou:

— Não sou louco, mas um desesperado. Quer Vossa Majestade matar-me?

Filipe, como sempre, respondeu-lhe com palavras brandas, e retirou-se.

A prisão apressou sua morte. Sempre taciturno, foi atacado nos últimos dias por uma gravíssima terrá maligna. Um padre esteve à sua cabeceira até os últimos momentos. Morreu cristamente, fez testamento e recebeu a bênção de seu pai.

# PIRATA ATACOU FROTA QUE IA PARA ESPANHA

São João de Ulhoa, 20, setembro, 1568

Contrariando pela terceira vez a proibição de Filipe II, que não quer saber de navios ingleses em portos da América, John Hawkins, pirata semi-oficializado pelo governo de Elizabeth, atacou hoje, perto do pôrto de Vera Cruz, uma frota do vice-rei do México que se dirigia para a Espanha. Hawkins perdeu no combate parte de sua frota, mas fez ir pelos ares o navio capitânia inimigo.

## AMEAÇA DE ROMPIMENTO

Madri, dezembro, 1569 — As relações diplomáticas entre Inglaterra e Espanha estão seriamente abaladas. O principal motivo disso são as manobras marítimas dos piratas inspirados por Elizabeth.

Agora, para agravar a situação, Filipe II proibiu ao embaixador inglês de realizar o culto protestante dentro de sua própria embaixada. Este, em vista disso, partiu para Londres e relatou tudo à sua rainha. Sabe-se que Elizabeth está disposta a não enviar nenhum representante da Inglaterra para Madri.

# Sucessor de Miguel Ângelo constrói mais uma igreja

Roma, 1568

O homem que sucedeu a Miguel Ângelo como arquiteto oficial da igreja de São Pedro, e que é naturalmente considerado o primeiro arquiteto de toda a região itálica, iniciou este ano a construção de mais uma igreja, dentre as muitas que já construiu nesta cidade: a igreja de Jesus.

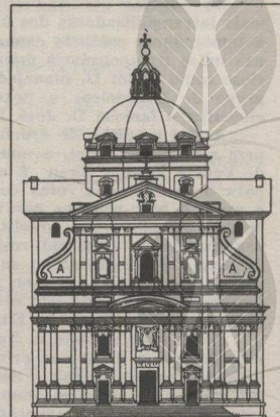
É ele Giacomo Barozio, mais conhecido como Vignole (apelido que se refere à sua cidade natal, Vignola, ducado de Módena), tem 61 anos, e desde que aqui se radicou vem-se dedicando quase que inteiramente à arquitetura sacra.

Vignole, é antes de tudo, um grande estudioso e depois de dedicar-se, na mocidade, ao estudo atento da pintura, fixou-se definitivamente na arquitetura, influenciado pela leitura das obras de Vitruvius. Entre uma coisa e outra, foi desenhista, na casa de Jacques Meleghini, em Ferrara.

Como arquiteto, já trabalhou no Vaticano, ao tempo de Paulo III, muito jovem ainda, mas desde aquela época tido como um dos maiores teóricos da arquitetura romana. De 1541 a 1543 viveu na França, trabalhando com o fundidor

Francisque Ribon para executar, em metal, figuras moldadas na Itália e que serviram, em bronze, para a decoração dos jardins de Fontainebleau.

Seus estudos teóricos já frutificaram na obra «Tratado das cinco ordens de arquitetura», publicada há cinco anos e que começa, segundo notícias que nos chegam, a exercer influência no exterior, sobretudo na França.



PROJETO

Com exclusividade, divulgamos hoje o projeto da construção da igreja de Jesus

# Portugal tem rei de 14 anos

Lisboa, janeiro, 1568 (Correspondente)

Negando-se a ver os ossos do rei Pedro I — que pôs as razões de Estado sob as de seus sentimentos — e extasiando-se diante dos restos dos reis Afonso II, Afonso III e João II («Príncipe perfeito»), assumiu o comando do país e de seu vasto império colonial o jovem rei de 14 anos, Sebastião de Portugal.

Fogos de artifício, danças nas ruas e missas em quase todas as igrejas desta cidade festejaram, durante três dias, a sua posse no trono.

No dia 20, conforme solene promessa feita pelo cardeal regente, D. Henrique, Sebastião, que completava 14 anos, foi declarado rei de Portugal, Brasil, domínios africanos e asiáticos.

A solenidade teve lugar no Paço dos Estaus, ao lado da igreja de São Domingos, onde residem o rei e sua avó, D. Catarina. O cardeal entregou-lhe os Selos de Estado e disse que passava o governo num momento de tranqüilidade geral.

No dia seguinte, D. Sebastião foi ouvir missa na igreja da Sé e agradecer a Deus por ter chegado à idade de 14 anos. Adiantou o monarca que, na primeira reunião do Conselho de Estado, pretende ter a seu lado a avó e o tio-avó, como leais conselheiros.



D. SEBASTIÃO

Nos bastidores do paço dizia-se que D. Henrique, apesar do juramento, não pretendia entregar o poder ao rei D. Sebastião e que a rainha Catarina foi que o forçou a dar por finda sua regência.

Por outro lado, soubemos do embaixador espanhol que o rei continua sofrendo de «estranhos fluxos».

## ÍNDIOS NÃO ACEITAM MAIS SER ESCRAVOS

Salvador, 1568 (Urgente)

Índios semicivilizados de Japacé, Paranarim e outras fazendas se amotinaram inesperadamente, incendiaram engenhos, mataram alguns portugueses e puseram a saque as propriedades onde trabalhavam.

Muitos de tais índios sublevados alegaram que estavam escravizados irregularmente, o que, agora, a própria lei proíbe.

Ao que se informa, alguns desses selvagens declaram estar agindo sob a inspiração de um santo que os aconselha. Como, dizem, a escravidão é irremediável nas proximidades dos grandes centros, a solução é fugirem para o sertão, onde os brancos não os irão buscar.

Os sublevados foram juntar-se a índios ainda indomesticados do rio Real. Ignora-se que providências tomará o governo para repellar o motim. Um senhor de engenho, ora nesta cidade, declarou-nos que tais ocorrências se devem à lei que concede direitos exagerados aos índios e jesuítas em detrimento dos outros possuidores de escravos.

«Nós, concluiu ele, estamos tolhidos agora em nossos movimentos. Qualquer represália poderá significar severas sanções do governo. O jeito é incrementar a importação de escravos africanos.»



gou-se a atitudes de amoroso aventureiro e de absoluta insensatez, liberdade e desordens, em todas as coisas.

Numa dessas aventuras, caiu rolando de uma escada, permanecendo vários dias entre a vida e a morte, com lesões na espinha dorsal e no cérebro. Foi salvo milagrosamente por uma intervenção-cirúrgica do grande Vesálio, que lhe operou a cabeça.

## PIORANDO PROGRESSIVAMENTE

Daí para a frente, seu cérebro, que já era débil, passou a piorar. Sua pressa em casar-se com a prima, a princesa Ana de Austria, veio tornar cada vez mais tensas suas relações com Filipe, que vinha protelando o casamento há tempos. Em fins de 1567, encolerizado por esse retardamento, resolveu fugir da Espanha e dirigir-se aos Países-Baixos. Esperava, para o sucesso dessa fuga, ganhar as graças de seu tio e confidante, D. Juan de Austria, e casar-se.

# A Cruz contra o Crescente

As notícias que vão chegando do Levante são as mais intranquillizadoras dos últimos tempos, pois há tudo a temer duma potência como o Império Otomano, caído nas mãos irresponsáveis dum monarca corrupto e luxurioso como Selim II, manejado, segundo se sabe, por um grupo de banqueiros e negociantes, a cuja frente se encontra o famoso D. José Nasi, duque de Naxos.

Acaba o sultão de ordenar às suas tropas que ocupem a ilha de Chipre, o mais belo florão das possessões de Veneza no mar Egeu. É uma posição importantíssima para o domínio das rotas comerciais naquelas paragens e corre à boca-pequena que o duque de Naxos pretende fundar ali um reino israelita. As pequenas guarnições venezianas não puderam resistir à investida das forças de mar e de desembarque do Grão-Turco. O Governo do Doge, porém, não se deixou abater e declarou guerra à Sublime Porta. Tudo isto se está a refletir em grandes prejuízos no comércio da Europa com o Oriente.

Nas fontes oficiais e diplomáticas europeias, a opinião geral é a de que as principais potências da cristandade não podem deixar a Sereníssima República enfrentar sôzinha as armadas otomanas. Ela é uma espécie de sentinela ou guarda avançada cristã no Mediterrâneo, cujo domínio total cairá nas mãos dos muçulmanos no momento em que Veneza desaparecer. Parece que Sua Santidade o Papa já prometeu à Rainha do Adriático o apoio dos Estados da Igreja. O da Espanha é mais do que provável por uma questão de salvação própria, desde que ultimamente os Sultões de Constantinopla tornaram seus satélites as regências de Túnis e de Argel, e procuram exercer influência no Império Cherifiano de Marrocos. Da França, que ainda recentemente recebeu graves injúrias dos turcos, não se espera nenhuma atitude firme, visto como a sua política antiespanhola a leva sempre a se aproximar dos inimigos da Espanha. O mais que fará será conservar-se neutra.

Para arcar com as responsabilidades de uma guerra naval ao lado de Veneza contra a Turquia, a Espanha enfrentará pesadas responsabilidades. Desde 1556, suas forças de terra e de marinha estão sendo lentamente desgastadas e consumidas contra os rebeldes «Farrapos» de Guilherme de Orange. Acaba também de sofrer a ameaça duma comção intestina provocada pela conjura dos mouros, remanescentes da antiga população do vencido Reino de Granada, que permaneceram no seu seio. Conforme o parecer de alguns entendidos, as intrigas e o ouro do Sultão não têm sido estranhos à conspiração interna e à revolta dos Países Baixos.

É natural que os dirigentes da política otomana entendam diante disso que chegou a ocasião de abater Veneza, desafiar o Papado e derrotar a Espanha, conseguindo, assim, o completo domínio do Mediterrâneo, etapa do domínio do mundo. Leva a essa crença o saber-se que em Constantinopla, como noutras cidades marítimas do Império, se verifica uma grande atividade nos arsenais, fundições e estaleiros. As grandes galeras estão sendo artilhadas com canhões de grosso calibre. O Sultão ordenou que fossem decapitadas as centenas de estátuas de mármore que outrora coroavam as cimalthas do Circo junto ao palácio imperial, as quais, desde o tempo da conquista da cidade por Maomé II, foram apeadas e amontoadas, a fim de servirem as mesmas cabeças para pelouros dessas grandes peças. Este ato vandálico está bem de acôrdo com a mentalidade dum povo regido pelo Corão, que, no recelo da idolatria, proíbe a reprodução de qualquer ser vivo.

Transpiram novas de que o governo veneziano arma uma poderosa frota: em Ostia e sobretudo em Ancona, trabalha-se dia e noite nos estaleiros papalinos. Não é menor a fama nos de Barcelona, Valência, Málaga e Alicante. Estamos, por conseguinte, às portas duma guerra que se poderá considerar santa pela grandiosidade dos seus objetivos. Desde que o Islão surgiu e desencadeou suas terríveis invasões, a ameaça turca foi talvez a maior contra a civilização cristã. Detida em terra à vista dos muros de Viena, renasce sôbre as ondas do mar. Chipre não passa dum pretexto para o desenvolvimento da nova fase da luta secular entre a Cruz e o Crescente. Dizem os maometanos que Deus é um só e Maomé é o seu profeta. Acreditam os cristãos que Cristo é Deus e que, estando com eles, ninguém os vencerá. Esta é a fé que conduzirá as armas da nova coligação católica — Veneza, a Espanha e a Igreja — contra a Turquia. Esperemos, portanto, tranqüillamente, a vitória. Ela está nas mãos de Deus. A Ele ergamos as nossas preces, a fim de que a conceda aos que se batem pela Religião.

## JORNAL ECONÔMICO

Grandes protestos tem provocado o sistema de impostos chamado «Alcabala», instituído pelo duque de Alba nos Países-Baixos, e considerado uma verdadeira ruína.

Segundo o novo sistema, cada habitante deve pagar, ao vender sua terra ou sua casa, 5% de seu valor, e ao vender sua mercadoria, 10%.

Os especialistas prevêem o êxodo dos comerciantes e indus-

trials e o conseqüente desemprego e fome.

Trecho de uma carta do duque de Alba a Filipe II: «Atualmente detenho os criminosos riquíssimos e terríveis e os submeto a multas em dinheiro; em seguida me ocuparei das cidades criminosas. Deste modo, às avessas de V. M. afluirão somas consideráveis.

## A MODA COMO ELA É

Londres, junho, 1568

Um casaco justo, com botões de cima a baixo, bordado a ouro e lentejoulas, o calção também justo, atado no joelho por duas fitas, a goliha pregueada e rosas nos sapatos, além do chapéuzinho mole com pena de avestruz, eis o máximo de elegância para homens na atual estação.

Sôbre o conjunto, mal escondendo a espada, uma larga capa de cetim. Com tais trajes e um colar trançado sôbre o peito, qualquer súdito de sua majestade Elizabeth da Inglaterra está em condições de brilhar nas rodas mais exigentes. A combinação de côres dos tecidos naturalmente depende do bom gosto de cada um. O cavalheiro que nos serviu de modelo pôs vermelho na capa e casaco, rosa nos calções sa-



patos e fitinha, e preto no chapéu. Gôsto não se discute.

## ENSINO

Dentre as inovações introduzidas por Inácio de Lolola no sistema de ensino dos colégios jesuítas, destacamos:

- autores menos numerosos e melhores na utilização de livros para as crianças;
- necessidade dos deveres escritos, composições em prosa e verso;
- importância da emulação para ajudar o aluno a melhorar seus esforços na competição com os colegas; os que não se mostram à altura devem ser postos fora da sala;
- redução dos horários, criação de recreios com jogos sadios e suspensão das aulas às quintas-feiras para descanso semanal.

\*\*\*

O duque de Alba, que lançou o regime do terror nos Países Baixos, proibiu a leitura da Bíblia e dos livros de Erasmo e de outros humanistas. Os únicos textos permitidos são o do Breviário e os vários volumes das «Décretais», onde o Papa proclama que fora da Igreja Católica, não há salvação.

\*\*\*

O colégio dos jesuítas de Salvador tem, agora, nova e moderníssima sala de aula para os cursos de casos e latimidade. Próximo ao colégio, construiu-se um pequeno pátio para o recreio dos estudantes. Obras do governador Men de Sá, recém-chegado do Rio.

\*\*\*

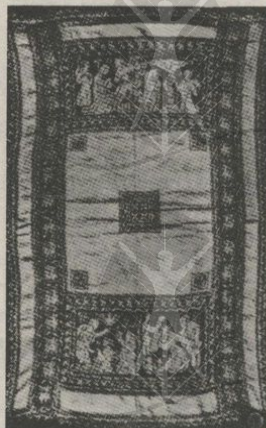
A congregação provincial da Bahia solicitou às autoridades licença para inaugurar no colégio local o curso de Dialética e Teologia, logo que haja número suficiente de alunos.

## DECORAÇÃO

O bordado, ao que sabemos, é quase tão velho quanto as civilizações. Pelo menos a Bíblia já se refere a ele, correntemente. Que os egípcios já o conheciam, é ponto pacífico: foram encontrados fragmentos de bordados nas roupagens de suas múmias. Os gregos antigos atribuíam ao bordado uma origem frígia, remotíssima.

O fato é que seu uso cresce consideravelmente nos períodos de luxo, ostentação e riqueza das civilizações. Agora, por exemplo, o comércio do bordado tomou grande impulso, já havendo até mesmo uma indústria de bordados, em Veneza, instalada recentemente, e que vem obtendo grande sucesso, pelo que nos informaram.

Esta é, portanto, a ocasião exata de apresentarmos aos nossos leitores um maravilhoso bordado italiano, adquirido



neste ano por uma igreja de França. Trata-se de uma toalha de altar, cuidadosamente trabalhada, com motivos da caminhada de Cristo, no Calvário.

## COLUNA MILITAR

### MESTRES-DE-ARMAS

Constituindo hoje em dia o conhecimento da esgrima a melhor defesa de qualquer pessoa de qualidade, a profissão de mestre-de-armas é uma das mais nobres e rendosas. A arte de esgrimir se pauta por uma notável disciplina e rigorosas regras de lealdade. Seus mestres se agrupam em corporações fechadas, tendo como patrono o arcanjo S. Miguel, que, com sua espada de fogo, venceu o demônio.

Fora dessas corporações, floresce a arte bastarda e perigosa dos golpes secretos e traiçoeiros que fazem a fortuna dos chamados mestres de espada preta. E nas suas escolas que os sicários e rufiões aprendem os artifícios duma esgrima falsa e desleal, a esgrima dos assassinos. Justamente as corporações fechadas dos verdadeiros mestres-de-armas têm, entre outras, a finalidade de excluir de vez esses esgrimistas sem honra.

# "Carmelitas descalços"

Duruelo (Espanha), 28, novembro, 1568

Juan de la Cruz, o carmelita que celebrou sua primeira missa no ano passado, como noticiamos, fundou aqui uma nova ramificação na ordem do Carmelo: os Carmelitas Descalços. Há cerca de um ano ele conheceu Teresa de Jesus, que se vem distinguindo por um grande trabalho de remodelação em sua ordem (carmelita também), tentando aproximá-la das regras primitivas; as idéias de ambos aproximam-se muito e Frei Juan conseguiu, assim, um novo impulso em suas determinações.

Tudo o que prega Juan, espírito de grande humildade, é a maior vivência espiritual junto de Deus, através de um caminho místico.

## MÚSICA

### CONJUNTOS

Nas festas em Munique, por ocasião do casamento de Guilherme da Baviera com Renata de Lorena, o maestro Orlando de Lassus valeu-se dos seguintes instrumentos para a execução dos seguintes números: moteto de 5 vozes (5 cornetas e 2 trombones), madrigal para vozes masculinas (autoria de Striggio) — 6 grandes trombones, um deles baixo; moteto de Cipriano de Rose, em 6 violas; uma batalha de Paduano — trombones e cornetas agudas e um intermezzo, em que o solo foi acompanhado por alaúde e côro de 5 violas.

Da orquestra participavam outros instrumentistas, além dos acima citados.

### BERGAMASCA

Uma bela música para dança é a bergamasca, de autoria de Azzaiolo. A bergamasca é uma peça originária de Bergamca na Itália.

Os apreciadores do gênero podem encontrá-la no terceiro livro dos «Villote», de Azzaiolo, recém-aparecido.

«O BRASIL EM JORNAL»  
«Prêmio Paula Brito» do  
Estado da Guanabara

Rua 1ª de Março, nº 22 — 2º  
andar. Tel. 31-2297 - RIO — GB

Direção

AMARAL NETTO

Assessoria

LUIZ PIETSCH JUNIOR

TITO CALVANTINI

Assessoria Histórica

GUSTAVO BARROSO

JAYME COELHO

Redação

RUBEN AZEVEDO LIMA

ZUENIR CARLOS VENTURA

MARCOS DE CASTRO

WALTER CUNTO

Paginação

WALDIR FIGUEIREDO

Ilustração

ADAIL

Distribuição exclusiva

EDITORIA GB RIO LTDA.

Rua 1ª de Março, 22-2º and.

RIO — GB

# Guerra religiosa ensangüenta a França

CADÁVER DE UM PRÍNCIPE PÓSTO A PASSEAR DIANTE DAS TROPAS MONTADO NUM ASNO

Longjumeau, 24, março, 1568  
(Do correspondente)

Foi assinado ontem um tratado para pôr fim — pelo menos temporariamente — à segunda guerra de religião na França. O acórdio pretende restabelecer a paz de Amboise e, como esta, deverá durar pouco.

O que torna este tratado mais precário do que os anteriores, é a gravidade da situação a oeste e ao sul do reino e a determinação de Catarina de renunciar aos esforços de reconciliação que até então desenvolveu. Depois de um atentado contra o rei, ela se revoltou e está profundamente inquietada.

Hoje mesmo ela demitiu o chanceler Michel de l'Hospital, sob a acusação de cumplicidade. L'Hospital, sem aparente amargura, retirou-se da Corte e pretende seguir para suas terras de Vignay.

## RECOMEÇOU

Paris, setembro, 1568

Como previmos no último despacho, a paz de Longjumeau foi apenas uma tomada de fôlego para novas lutas. Os



## BATALHA DE JARNAC

Com a de Montcontour reuniu o maior número de combatentes regulares nestas sangrentas guerras religiosas francesas.

Ambas, pode afirmar o repórter de O BRASIL EM JORNAL, foram vencidas pelo marechal de Tavannes, chefe católico.

Mas Catarina fizera comandante nominal seu delicado filho Henrique de Anjou que ficou com as glórias.

## HENRIQUE COMANDA

Paris, setembro, 1568

Resolvida a agir às pressas, Catarina de Médicis confiou o comando das armas reais a seu filho Henrique, duque de Anjou. Para ela isto tem muita significação: trata-se de dar a seu filho querido a oportunidade de se distinguir.

A regente confessou que quer agora tratar os protestantes como o duque de Alba tem tratado os dos Países-Baixos. Fensa até em instituir um «Tribunal de Sangue». As violências redobram. Sentindo-se sem segurança em Orleans, Condé e Coligny transferiram para o oeste o centro de suas atividades, fazendo de La Rochelle o seu quartel-general, com o apoio de Saintonge, Aunis e Poitou.

Em cada cidade por que passam, as tropas protestantes roubam e matam, alegando vingança dos assassínios cometidos pelos católicos.

No dia 18 deste mês, Joana de Albret e seu filho Henrique se encontraram com as tropas protestantes. Carlos IX, quando soube disso, imediatamente ordenou a confiscação dos bens da rainha de Navarra.

Sem demora, eles se esforçam para alargar o cerco em torno de La Rochelle, que oferece a vantagem de poder facilmente receber, por mar, socorros da Inglaterra. Mas eles procurarão também unir-se com as forças de que dispõem em Languedoc, enquanto esperam a chegada de uma nova armada de auxílio recrutada na Alemanha, sob os ordens de Wolfgang de Baviera, duque de Deux-Points.

## DERROTA DE JARNAC

Jarnac, 13, março, 1569

Durante todo o inverno os protestantes se fortaleceram para a batalha inevitável, enquanto a armada real era reforçada por contingentes espanhóis, suíços e alemães comandados por Ludwig Pfyffer.

O primeiro e brutal encontro deu-se aqui em Jarnac. Os protestantes perderam a batalha e seu chefe Condé foi morto. O jovem duque de Anjou, não satisfeito com a vitória, fez amarrar o corpo de Condé sobre um asno e obrigou-o a desfilar diante das tropas. Coligny assumiu o comando das tropas protestantes.

## PROTESTANTES PERDEM

Montcontour, 3, outubro, 1569

Depois que receberam o reforço dos alemães, os protestantes se equilibraram e resolveram sitiar Poitiers. Os sitiados, num golpe

## POLÔNIA ANEXOU LITUÂNIA SEM TIROS

Lublin, Polônia, 1º, julho, 1569  
(Do Correspondente)

Desde hoje, Polônia e Lituânia são um país só, sob o governo do rei polonês Sigismundo Augusto, um môço de 21 anos.

A decisão foi tomada em reunião de deputados lituanos e poloneses, nesta cidade, e gerou reações desencontradas. Ao se anunciar o resultado final da votação, os deputados lituanos choraram e imprecaaram contra a fatalidade que lhes tirava a nacionalidade. Os poloneses riam e abraçavam-se no recinto da Câmara.

Entre as conseqüências da União hoje decretada figuram:

1 — Polônia e Lituânia formam um corpo único e indivisível;

2 — Os dois países terão uma Câmara comum que elegerá, em comum, um rei em Cracóvia;

3 — Para os dois países, o sistema monetário é idêntico, e

4 — Volquímia, Kiev e Polésia passam a pertencer à Polónia.

Por outro lado, a União acertou ainda que a Lituânia terá autonomia administrativa e financeira e continuará com seu exército próprio.

## Deposto o rei louco da Suécia

Estocolmo, Suécia, 1569 (Correspondente)

«O rei está louco, é necessário depô-lo» — com este grito de revolta, nobres, povo e até um irmão do rei se levantaram na Suécia contra os desatinos de Erico XIV.

O país estava em pé de guerra contra a Dinamarca e Erico, descontente com os resultados de alguns encontros, começara a dar sinais de insanidade. Sua maior preocupação, em meio ao tumulto geral no país, eram as consultas aos astros.

Há pouco, num acesso de loucura, fizera assassinar na prisão para onde o mandara, Nils Sture, descendente de uma família de grande tradição na Suécia. Em seguida, coroou rainha sua favorita Karin Mansdotter.

Seu irmão João chefiou a revolta e exigiu sua abdicación. Erico, no momento, se encontra preso e o país está sendo governado por João III.



## NAO !...

Erico, aos pés de sua favorita, Karin Mansdotter, quando se negava a assinar sua abdicación.

## Morreu Brueghel



Bruxelas, 1569

Com cerca de 40 anos de idade e 20 de pintura, Pierre Brueghel, o grande pintor flamengo, morreu este ano, nesta cidade. Brueghel foi a própria expressão da inquietude deste século, inteiramente tratada na procura constante da conciliação entre as tendências de seu espírito gótico e da moda atual, que vem da Itália. Passou pela França, Itália e, nos Países-Baixos, por Antuérpia, para depois dedicar-se definitivamente em Bruxelas. Pintava, numa variedade bem característica de seu espírito, quadros da vida camponesa, assuntos fantásticos e cenas religiosas. Seu colorido é raro, vigoroso e pessoal, em um desenho cheio de expressão.

Nossa coluna de arte sempre deu o maior destaque a Pierre Brueghel, com o que ganhou beleza e movimento. E tanto lidamos com seus quadros, que certa vez chegamos até a trocar seu nome, num momento de confusão. Os leitores reclamaram, é claro, por se tratar de pintor tão conhecido. Mas o nome que nosso redator lhe dera, por acaso, é, agora, o nome de seu filho mais velho, Pierre, que desaparece tão môço, deixa dois filhos pequenos: Jan, de 1 ano, e Pierre Brueghel, filho, de apenas meses.

Numa última homenagem ao pintor, publicamos hoje um de seus quadros mais expressivos: «Um Laboratório de Alquímia»

# Araribóia, de caça passou a caçador...



Rio de Janeiro, dezembro, 1569 (Urgente)

Franceses e tamoiois voltaram a esta cidade, queriam Araribóia vivo ou morto e chegaram a desembarcar no subúrbio do Rio, mas a decisão e o espírito cívico do homem a quem eles procuravam os puseram em fuga, com pesadas perdas.

Araribóia tinha recebido em março do ano passado um grande lote de terra no outro lado da baía. Mas, ainda na expectativa de mudar-se, estava com os seus num alagadão pela banda norte da cidade. A súbita invasão francesa e as condições que estes impuseram para levantar o cerco à cidade não chegaram a preocupar o chefe índio.

Ao receber pessoalmente o ultimato para render-se e sabendo que, em caso contrário, os franceses atacariam no dia seguinte, Araribóia decidiu antecipar-se a eles. Com seus índios, caiu sobre os invasores, aos gritos de guerra. Os franceses se assustaram e puseram-se em fuga. Seus navios estavam presos nas terras alagadas e, na maior confusão da retirada, suportaram o fogo e as flechas dos temimlões de Araribóia. Só no dia seguinte — o marcado para seu ataque — puderam, graças à maré alta, sair dos baixios. No campo de batalha, ficaram muitos franceses mortos.

## Morreu o homem que fazia rir

Córdova, 1568

Por sua condição de grande autor e ator cômico, Lope de Rueda — um dos mais agudos e realistas cômicos deste século — foi enterrado em 1565 na catedral desta cidade; o que raramente acontece com um leigo, principalmente artista.

Rueda começou sua vida como funileiro, mas, levado pela vocação, inscreveu-se em uma das companhias cômicas de então. De ator passou logo a autor, alterando peças conhecidas ou compondo novas. Assim, ganhou renome e percorreu, entre outras, as cidades de Segóvia, Valladolid, Sevilha, Toledo, Madri.

Os 10 «passos», sem contar os intercalados nas comédias, são o verdadeiro título de glória do escritor sevillano. De elemento essencialmente popular, os «passos» são amenas pinturas do mais exato realismo, em que tipos vulgares (lacaio, criados, valentões, ciganos, mouros) vivem com rara força cômica.

Deixou Rueda cinco comédias, três colóquios, um diálogo em verso «Sobre la invención de las calzas», e o «Auto de Naval y Abigail», baseado na Bíblia. Suas comédias são:

### ATAQUE A CABO FRIO

O novo governador do Rio, capitão Salvador de Sá, para acabar de vez com a incômoda vizinhança francesa, decidiu atacá-los em sua nova base, em Cabo Frio.

Com Araribóia, um estrangeiro radicado no sul do país, Helloodoro Euban, surpreendeu um navio francês diante do cabo. Salvador, com sua armadura, tentou em pessoa a abordagem do navio inimigo. Por três vezes, contudo, caiu ao mar e foi salvo, em todas as tentativas, pela presença de espírito de Araribóia, que o pescou quando afundava ao péso da roupa de guerra.

Depois de alguma resistência, os invasores foram completamente batidos e Salvador resolveu trazer para o Rio os canhões de seu navio para colocá-los nos fortes da cidade.

Araribóia, em virtude dos seus atos de bravura, foi armado cavaleiro no próprio campo de batalha.

«Armellina», «Eufemia», «Los engañados», «Medora», «Discordia y cuestión de amor».

Devido a uma série de fatores este despacho segue com bastante atraso.



## EM SOCIEDADE

### Casamento, casamento, casamento, casamento, casamento e... casamento

O imperador da Austria, Maximiliano II, quer casar suas duas filhas (Ana e Isabel) respectivamente na França e em Portugal. Para isso chegou a mandar seu irmão, o arquiduque Carlos, à Espanha. O que atrapalhou foi a morte, em outubro deste ano de 68, de Isabel de Valois. Mas, em consequência da viuvez de Filipe II, surgiu uma proposta concreta de Catarina de Médicis para que o imperador espanhol torne a casar-se. A noiva seria a princesa Margarida de Valois.

Podemos informar que Margô, a mais desejada princesa do momento, vai acabar mesmo nos braços de um herege: Henrique, o «Bearnez».

A Espanha fervilha de boatos neste fevereiro de 69. O imperador Filipe II não aceitou a proposta de Catarina de Médicis. Diz-se que Filipe não quer se casar com Margô, irmã de sua falecida mulher e optou por Ana, filha de Maximiliano, já que não tem herdeiro masculino.

Quando o conselho português discutia a remessa dos poderes e condições para o casamento de D. Sebastião com a princesa Margarida, de França (casamento arranjado por Filipe II), o próprio rei mandou entregar aos conselheiros um bilhete em que dizia que não aceitava sacrifício do reino para sua felicidade. Não queria o casamento, pois. Isto se deu na reunião de domingo, 18 de setembro de 69. Ao mesmo tempo, enviou carta a Filipe, desfazendo o compromisso que este assumira.

Soubemos de uma carta (para não dizer que exageramos, aqui vai inclusive sua data: 24 de outubro de 1569) em que o rei português D. Sebastião prega uma piedosa mentira a Sua Santidade, o Papa Pio V. Nela, o monarca, que está interessado em obter auxílio de Roma para uma cruzada contra os mouros, diz que seu casamento com Margarida de Valois está quase acertado. Mentira, pois D. Sebastião, que o não deseja, rompeu, por causa disso, relações com Filipe II.

O ataque de Montluc (francês) à ilha da Madeira, interrompeu as negociações para o casamento do rei D. Sebastião de Portugal com a princesa Margarida de Valois. Informa-se também que o almirante Coligny defendeu em conselho, na França, a expedição de Montluc às terras portuguesas.

Nossa coluna hoje se preocupa muito com os casamentos reais e principescos. Sobre este de Sebastião e Margô a opinião do colonista é de que ele não se realizará. Além do motivo citado, é preciso dizer que Filipe II é absolutamente contra.

E quando Filipe é contra nem o rei de Portugal consegue se casar...

Falhando os entendimentos para o casamento Margarida de Valois com D. Sebastião, o mais sério pretendente à

mão da filha de Catarina de Médicis com Henrique II é o jovem Henrique de Navarra, que acaba de completar 16 anos.

O casamento, se se realizar, terá mais de político que de outra qualquer coisa. Henrique é o mais graduado príncipe huguenote, enquanto Margarida é filha da rainha intransigentemente católica.

Conseguirá o enlace, pelo menos, diminuir a intensidade da luta religiosa francesa?...

Chi lo sà?...

Não será surpresa para este colonista, se Carlos IX de França vier a casar com Elizabeth, da Austria, em breve. Alguns príncipes alemães estão encarregados de pedir a mão para o rei.

Já que falamos em casamento, eis outros projetos matrimoniais de Catarina: Henrique d'Anjou, seu filho mais moço-Elizabeth da Inglaterra; Margarida (Margot)-Henrique de Navarra.



É conhecida na Córte a disputa entre Carlos IX e seu irmão Henrique pela preferência de sua mãe, Catarina. A regente não esconde sua simpatia por Henrique e quando lhe entregou a chefia das tropas católicas, Carlos, em tom choroso, disse para a mãe: «apesar de jovem, eu me sinto bastante forte para carregar minha espada». Catarina sorriu para não dizer que não acreditava.

O secretário do duque de Alba endereçou uma carta a Madri e é dela o seguinte trecho: «O povo deste país despreza nossa nação mais

Gabriel Soares de Sousa, um homem muito curioso, chegou a Salvador recentemente. Seu objetivo era Monotopia, mas Gabriel gostou dos costumes da terra e parece que vai ficar nela. Inclusive pretende estabelecer-se com um engenho de açúcar.

do que o diabo; e com referência ao duque de Alba, a espuma lhes vem à boca, quando eles ouvem pronunciar o seu nome».

O diplomata veneziano Corro traçou com cores sombrias o quadro do que ele considera a França de hoje. Ei-lo: «Eu só saberia comparar o estado deste reino ao de uma perna, de um braço ou de qualquer membro atacado de gangrena. Quando o médico, cicatrizando uma chaga, pensa que tudo acabou, vê que outra chaga se abre ao lado. Assim é a França».

Como anunciamos em furo internacional na última edição, publicamos hoje trechos de cartas que Maria Stuart escreveu a Bothwell quando ainda vivo seu marido. A ameaça de leitura destes documentos no Parlamento fez Maria abdicar. Eis por exemplo, um trecho da carta escrita em Glasgow, à cabeceira do marido doente:

«Para vos agradar eu não poupo nem minha honra, nem minha consciência e nem me e o minha grandeza, qualquer que ela seja. Por minha própria vingança eu não faria. Vós me constrangeis de tal maneira a dissimular que tenho horror. Que vós vos lembreis que, se a afeição de vos agradar não me forçasse, eu preferiria morrer a cometer essas coisas. O coração me ordena».

E mais: «Ah! jamais enganei ninguém; mas me submeto, em todas as coisas, à vossa vontade. Dizei o que devo fazer e o que poderá acontecer e eu vos obedecerei. E pensei em vós mesmo; se puderdes encontrar um meio mais seguro...»

Como recompensa a esse sacrifício, Maria pede humildemente a Bothwell o seu amor: «Não deis ouvido a ela (mulher de Bothwell) cujas fingidas lágrimas não devem pesar mais do que os tormentos que sofro a fim de poder merecer ocupar o seu lugar, para obtenção do qual traí, contra o meu natural, o que me poderiam impedir isso. Que Deus me perdoe.»

Depois de contar a Bothwell sua resistência às súplicas do marido, a ex-rainha continua: «Jamais o ouvi falar tão bem e docemente, e se eu não tivesse aprendido pela experiência que ele tem o coração mole como cera e o meu é duro como diamante, o qual nada comove nem pode penetrar — a não ser vossa mão — é possível que eu tivesse piedade dele».

E suplica ao amante de «não ter em relação a ela uma sinistra opinião, porque vós haveis querido assim».

# GOVERNADOR DO BRASIL FAZ TESTAMENTO

Salvador, 6, setembro, 1569 (Correspondente)

O governador-geral do Brasil, sr. Men de Sá, está enfermo e quer voltar para Portugal, mas, como acha isso difícil, resolveu, hoje, concluir seu testamento, iniciado há 10 dias.

O governador teria feito pedido às autoridades portuguesas, mas até agora não obteve resposta.

«Se morrer no Brasil, diz ele no documento que ora publicamos em primeira mão, quero ser sepultado no mosteiro de Jesus, da cidade do Salvador, sob uma pedra de seis palmos de largura e 8 de comprimento, com uma inscrição que diga que sob ela eu estou sepultado. Mas meu filho Francisco, ou quem herdar meus bens, que leve depois meus ossos para Lisboa e os ajunte aos de minha mulher.»

## ULTIMA VONTADE

Para o governador, seus herdeiros devem, imediatamente

após sua morte, tratar de telhar e madeirar a igreja do mosteiro de Jesus, que ele mandou construir nesta cidade e que está por acabar.

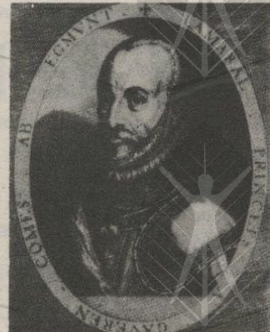
Em seguida, Men de Sá enumera os filhos que teve: João Ruiz de Sá (morto em Ceuta), Fernão de Sá (morto em ação no Espírito Santo) e Beatriz de Sá, morta aos 12 anos. Os que ainda vivem são: Francisco e Filipa. O primeiro é herdeiro de todos seus bens no Brasil.

Entre os bens de que se declara possuidor estão: dois engenhos de açúcar no Brasil, com escravos índios e da

Guiné (um dos engenhos fica em Ilhéus), três léguas e meia de terras de testada e quatro para o sertão em Sergipe, com duas ilhas no litoral.

## SÓ PARA HOMENS

Em seguida, dispondo de seus bens, estabelece Men de



HORN E EGMONT

Pela traição Alba prendeu-os. Eles perderam a cabeça para que seus homens tenham coragem de conquistar a liberdade



Com os sinos das igrejas repicando lugubrememente e a praça cercada por 19 companhias de soldados espanhóis, Bruxelas assistiu hoje à execução dos condes de Egmont e de Horn, as primeiras vítimas do «Tribunal de Sangue».

Egmont, que pediu para morrer primeiro, subiu o cadafalso lendo o Salmo LXI. Estava vestido com um costume vermelho, as costas cobertas por um manto negro bordado de ouro. Sobre a cabeça um chapéu guarnecido com penas brancas e negras. Em uma das mãos levava um lenço e na outra o livro de rezas. Quis morrer com a espada na mão, o que lhe foi negado.

Coberto o cadáver de Egmont, Horn chegou ao patíbulo. Perguntou se era o corpo do amigo que estava sob o lençol, ajoelhou-se e recebeu o golpe fatal. A gravura foi feita momentos antes da execução de Horn.

de Orange, outro condenado, conseguiu fugir, mas suas propriedades foram confiscadas. A execução desses dois nobres expôs os «mendigos», que juraram só fazer a barba e o cabelo quando puderem vingar-lhes a morte. Vários desses tipos «barbudos» são vistos pela cidade...

## ALBA MAIS FORTE

Guilherme de Orange, seu irmão Luís de Nassau, Hoogstraten e Van den Berg, todos banidos

dos Países-Baixos, conseguiram recrutar uma armada na Alemanha e tentaram invadir o país, mas foram rechaçados pelas tropas espanholas. Luís de Nassau foi batido em Groningue e Orange teve que recuar até Limburg. Com isso, o duque se sentiu mais forte, organizou logo os bispados e se aplicou a enfraquecer as instituições nacionais. Não convocou mais o Conselho de Estado e encheu os outros conselhos de espanhóis.

## REFERCUSSÃO

Notícias procedentes da França e da Inglaterra informam que há um grande interesse pela situação dos Países-Baixos. As simpatias por Orange e seus amigos se manifestam abertamente, mas são neutralizadas pelo medo que a força espanhola inspira aos governantes.

Elizabeth, por exemplo, já confiou que em muitos adversários internos, para arriscar complicações no exterior. Quaisquer que sejam os interesses de seus súditos nos Países-Baixos, especialmente em Antuérpia — mercado privilegiado — ela jamais os será encorajar os revoltosos. No entanto, a pirataria inglesa tem contribuído para agravar as dificuldades financeiras dos espanhóis, e isso enfraqueceu as relações entre os dois países.

Na França há também uma grande tendência pró-revoltosos, a qual aumentou este ano, desde que Guilherme de Orange entrou no país. Sabe-se, com segurança, que Carlos IX é mesmo favorável a uma intervenção armada nos Países-Baixos, mas Catarina de Médicis tem pavor das tropas espanholas. Uma das últimas coisas que faria — garantem pessoas ligadas à corte francesa — é lutar contra o duque de Alba.

que sua mãe tenha sido mulher branca e não escrava.»

Noutro item de seu testamento, esclarece o governador que, não havendo herdeiro algum, seus bens serão divididos da seguinte forma: os do Brasil — um terço para a Misericórdia da Bahia, outro terço para a igreja dos jesuítas de Salvador e o restante para os pobres e órfãos da cidade. Um terço de seus bens em Portugal ficará para a Misericórdia de Lisboa.

Aos herdeiros, Men de Sá impõe a condição de que sempre cuidem de seu engenho de Sergipe, mantendo-o com duzentos e cinquenta empregados.

Os bens móveis de Men de Sá serão divididos irremovivelmente entre Francisco e Filipa. Quanto ao gado que nasceu após sua morte, diz ainda o governador que ele será todo do felter Vicente Monteiro. Mais adiante, Men de Sá alude a doações que fez e estabelece que seus herdeiros devem pagar todas as dívidas que possui, inclusive o empréstimo de duas vacas que lhe fez um criador do Espírito Santo. Concluindo, diz ainda que deixa 20 mil réis para ajudar o casamento de uma sua escrava de nome Guilomar, além de enumerar outras doações a seus fiéis servidores.

## LIVROS E AUTORES

O livro de Ramus, sobre a necessidade da reforma no ensino, aparecido há algum tempo, está fazendo grande furor. Nêle, o autor faz votos para que apareça um ilustre filósofo alemão, capaz de edificar uma nova astronomia, por meio da lógica e da matemática, desfazendo-se de todas as idéias antigas.

Ramus é contra a simplificação da astronomia, consequente às idéias de Copérnico.

Pico de Mirândola, já morto, era um adepto incondicional da cabala e dos textos cabalísticos. Agora, em Veneza, os editores publicaram uma coletânea sua, «Cabalisticarum selectiones». Pico tinha uma teoria «sui generis» para explicar os sete dias da criação do mundo por processo cabalístico. Leiam-no.

O pintor e escritor Giorgio Vasari lançou em Florença, onde se encontra a serviço e como intérprete artístico da família ducal no lugar, a segunda edição, revista e aumentada, de sua «Vidas de arquitetos, pintores e escultores italianos». O volume contém, agora, a biografia de vários artistas ainda vivos e até a do próprio autor. É provável que Vasari repita o sucesso de há 18 anos, quando a obra apareceu.

O BRASIL EM JORNAL já manteve estreito contato com Vasari, quando ele em muito auxiliou nossos correspondentes em Roma e Florença por ocasião do levantamento de dados sobre a vida de Miguel Angelo.

# TERROR NOS PAÍSES-BAIXOS

Os Países-Baixos, os mais ricos domínios do rei de Espanha, estão divididos em duas grandes regiões: a do norte, Holanda, e a do sul, denominada Flandres. A região do norte, dividida em sete províncias, vive principalmente da indústria pesqueira e do comércio marítimo, cujos centros são os portos de Amsterdam e Rotterdam.

O sul está dividido em dez províncias e conta com cidades industriais e comerciais como Bruxelas, sede do governador espanhol, e Antuérpia, grande empório de lã da Espanha e Inglaterra; de trigo dos países bálticos; de especiarias do Extremo Oriente e de metais preciosos do Novo Mundo.

Enquanto viveu, Carlos V conseguiu, apesar das medidas rigorosas para impedir o protestantismo, a fidelidade dos Países-Baixos. Isto por uma razão muito simples: o imperador se orgulhava de sua origem flamenga.

Filipe II, ao contrário, além de ser estranho aos Países-Baixos, hostiliza-os agora, entregando o governo a funcionários espanhóis, substituindo as tropas nativas por exércitos peninsulares e instituindo a Inquisição e os implacáveis «plaeards».

Bruxelas, dezembro, 1569

Todas as províncias dos Países-Baixos estão vivendo, desde que o duque de Alba aqui chegou, uma época de terror e de sangue. Cerca de quatro mil revoltosos — «mendigos» — já foram torturados e executados. Nenhuma tendência há para diminuir as execuções, pois o duque diz que não descansará enquanto não conseguir esses dois objetivos: reprimir a heresia e implantar nos Países-Baixos o regime espanhol.

As primeiras importantes vítimas do «Tribunal» foram os condes de Egmont e de Horn, que tiveram a cabeça cortada a 5 de junho do ano passado. Guilherme



## MARGARDA DE PARMA

Sua beleza cedeu lugar à violência do duque de Alba



Don Fernando Alvarez de Toledo Eis o duque de Alba, o mais famoso general espanhol destes tempos. Objetivo: liquidação a ferro e fogo da rebelião (dos «mendigos») nos Países-Baixos.



OS ICONOCLASTAS

Mais de 400 igrejas foram saqueadas e queimadas na insurreição calvinista de 1566.

Antes de destruir os templos, os iconoclastas, como foram chamados, mutilavam as imagens e profanavam os objetos sagrados. A gravura que publicamos fixa o momento que precedeu à destruição de uma igreja. Pode-se ver perfeitamente as escadas, as cordas, e até dois cachorros.

# CONQUISTOU BRACELOR AO SOM DE MÚSICA E METRALHA

Goa, dezembro, 1569 (Urgente)

Comodamente sentado em sua cadeira de brocado, de chapéu alto guarnecido de plumas e com um tocador de harpa à sua frente, entoando velhas canções de Castela, o governador da Índia, sr. Luís de Ataíde, entrou em Bracelor, defendida por milhares de indianos.

Enquanto as balas assoviavam sobre seu chapéu, o cantor Veiga, célebre voz portuguesa na Índia, entoava alegremente:

«Entran los moros en Troya  
Trez a trez y quatro a quatro...»

Uma descarga mais violenta calou o cantor e o governador o repreendeu:

«Continue, continue. Não vos estorve nada!»

O Veiga recomeçou seu canto e um dos acompanhantes de

Bracelor é um ponto de grande importância para a dominação da Índia. Agora, está definitivamente ocupada. O governador pensa, no momento, em descarregar todo o poderio português contra as po-

## Sonho de Acbar: Império mongol

Índia, dezembro, 1569 (Do correspondente)

Um novo vento sopra no norte da Índia há 13 anos, destruindo as velhas tradições do país e levantando alicerces completamente revolucionários. Trata-se de Acbar, um imperador de apenas 27 anos e sétimo descendente de Tamerlão, mas já no governo quase metade de sua vida.

A preocupação do imperador é restaurar todos os domínios mongóis. Recentemente, Acbar derrotou os «uzbeks» que se rebelaram contra seu poder. Agora, está voltado de corpo e alma à reconquista do Afã. Seu alvo seguinte — anuncia-se — será o Decão.



### LUÍS DE ATAÍDE

Música para a conquista

Luís de Ataíde, o sr. Luís de Melo e Silva, voltou-se para os fidalgos que reclamavam de o governador se expor ao fogo inimigo:

«Deixai-o ir, senhores. Se o matarem, aqui estou eu que governarei a Índia. Se me matarem igualmente, aqui estão vossas mercês.»

Luís de Ataíde ouviu uma repreensão de seu companheiro, sem saber do que se tratava. Quando este lhe contou o que houvera, riu-se e celebrou o dito com muita alegria.

Bracelor foi tomada, pois, com toda a tranqüilidade, apesar da tenaz resistência indiana.

### MARES LIMPOS

Este correspondente, que assistiu à conquista de Bracelor e se espantou com a impossibilidade mais que espartana de Luís de Ataíde, pode, agora, informar que os mares asiáticos são outra vez de Portugal.

Ataíde, que aqui chegou no ano passado, em substituição a Antão de Noronha, resolveu restabelecer o domínio marítimo como condição indispensável para manutenção das conquistas portuguesas na Ásia. Inicialmente, mandou construir navios em Goa e distribuir sua armada em pontos estratégicos do Pacífico. Com isso, varreu os piratas asiáticos que tanto ameaçavam o intercâmbio comercial.

pulações rebeldes das pequenas ilhas.

### MORREU NO MAR

Quando voltava a Portugal, o ex-governador da Índia, sr. Antão de Noronha, morreu inesperadamente.

O comandante do navio em que ele viajava, atendendo a recomendações constantes em testamento, jogou seu corpo ao mar, depois de cortar-lhe o antebraço direito, que Noronha pediu levassem para Portugal e fosse sepultado no túmulo de sua família.

O braço direito do imperador é seu ministro Abu Fazl. Acbar é liberal em religião (mas sonha com a unificação religiosa dos mongóis). Assim, estaria disposto a ouvir emis-



### ACBAR

Tamerlão revive?...

sários jesuítas que pretendem convertê-lo ao catolicismo.

Príncipe de cultura incógnita, interessa-se bastante pelas letras e ciências ocidentais, de que mandou traduzir para o persa grandes obras.

Para os portugueses, seus vizinhos mais próximos na Índia, Acbar é o Grão-Mogol, isto é, senhor máximo de toda a Mongólia. E nada mais exato. Seu nome é pronunciado com carinho, por todos, e mesmo os inimigos (raros) o respeitam como a um grande predestinado.



### LANGSIDE

Quarenta e cinco minutos depois, a rainha fugia a galope em seu belo corcel branco

# Maria Stuart "hóspede" de Elizabeth I

Edimburgo, 2, maio, 1568 (Do correspondente)

Com ajuda de um jovem — Georges Douglas — a quem seduziu com seus encantos, Maria Stuart fugiu hoje, de canoa, do castelo de Lochleven, onde estava presa desde o ano passado. Na outra margem do lago estava lord Seton, com 50 cavaleiros. Sem hesitar, a ex-rainha saltou sobre um cavalo e cavalgou até o castelo dos Hamilton.

### 6 MIL HOMENS

Edimburgo, 9, maio, 1568

Maria Stuart já conseguiu reunir um exército de seis mil homens. Não só os Huntly, os Seton, seus companheiros antigos, como o clã dos Hamilton, e, surpreendentemente, grande parte da nobreza escocesa, aderiu a Maria: oito condes, nove bispos e mais de 100 lordes. O prestígio de Maria Stuart cresceu durante este ano em que esteve prisioneira, mas mesmo assim ela não deseja lutar contra seu irmão Murray, o homem que domina agora o país.

### STUART CONTRA STUART

Langside, 13, maio, 1568

«Para pôr fim à insubordinação dos lordes», Murray organizou em uma noite um exército numericamente inferior ao da irmã, mas melhor comandado e mais disciplinado. Sem esperar a chegada de outros reforços, deixou Glasgow para a luta de irmão contra irmão, Stuart contra Stuart, rainha contra regente.

A batalha foi travada em Langside e durou apenas 45 minutos. As tropas de Maria se lançaram ao ataque, mas Murray estava bem colocado e rechaçou, dispersando os assaltantes com um cerrado contra-ataque. O último pelotão da rainha se retirou em desordem, abandonando canhões e 300 mortos.

Quando Maria viu que tudo estava perdido, montou a cavalo e disparou às carreiras acompanhada de alguns cavaleiros.

### 3 DIAS A CAVALO

Kirkcudbright, 16, maio, 1568

Dominada por um terror pânico, Maria Stuart cavalgou durante três dias até que hoje atingiu a abadia de Dundrennan. Como uma assassina, está sendo procurada em todas as fronteiras mais recuadas do país. Escreveu uma carta dramática a Elizabeth, a quem confessa: «só me resta uma esperança: vocês». E num barco de pesca atravessou o golfo de Solway.

### ELIZABETH SURPRESA

Londres, junho, 1568

Elizabeth recebeu com estupeficação a notícia da chegada de sua rival à Inglaterra, apesar de no ano passado ter escrito várias cartas dizendo que «em

qualquer tempo pode contar com a rainha da Inglaterra como uma amiga devotada».

Esses oferecimentos eram apenas cortesia. Elizabeth não desejava a presença de Maria na Inglaterra, mas, ao mesmo tempo, não quer expulsá-la do país, pois isso seria contrariar o direito de asilo e a repercussão no estrangeiro, seria a pior possível.

Começa agora um jogo de bastidores para levar Maria a um tribunal, pois assim — alegam os conselheiros de Elizabeth — a ex-rainha desistiria das acusações de assassinato de Darnley e Elizabeth poderia abrigar a sua «inocente amiga».

### «TRIBUNAL IMPARCIAL»

Londres, 25, novembro, 1568

Pressionada e enganada pelos amigos de Elizabeth, e pela própria rainha, Maria concordou na instituição de um tribunal imparcial, que, segundo lhe disseram, era apenas para provar sua inocência e dar uma satisfação ao mundo.

Elizabeth, dizendo-se convencida da inocência de Maria, declarou que só havia um meio para salvar a honra de sua querida irmã: a revelação de todos os documentos sobre os quais se apóiam os «aculadores». Ela quer que sejam mostrados no tribunal os sonetos e as cartas confidenciais cujos trechos principais revelamos hoje em outro local.

Mas Maria negou-se a reconhecer a autenticidade dos documentos.

### PROVAS INSUFICIENTES

Londres, 10, janeiro, 1569

Elizabeth não ousou condenar abertamente Maria Stuart e hoje o tribunal proclamou solenemente que nada havia contra a rebelião dos lordes escoceses, mas que estes não tinham «suficientemente» provado suas acusações contra sua ex-soberana.

A primeira vista, pode parecer que este veredito é a reabilitação de Maria Stuart, mas na verdade a palavra «suficientemente» val permitir mantê-la «in honourable custody», eufemismo que o governo inglês encontrou para a prisão em que se encontra Maria Stuart.

### «HONOURABLE CUSTODY»

Londres, dezembro, 1569

Como previmos, o julgamento de Maria Stuart foi prefetório para mantê-la presa. É uma prisão com muitas regalias, pequenas comodidades e toda sorte de liberdades, exceto uma: a liberdade total.

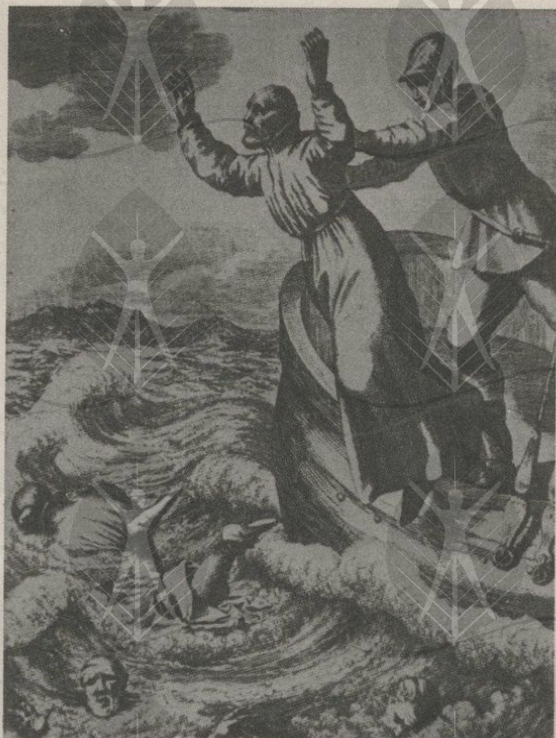
## PADRE FEITICEIRO SERÁ PROCESSADO

Recife, 1, outubro, 1569 (Correspondente)

As voltas com motins de índios no interior, a cidade acordou, hoje, com uma notícia surpreendente: o epadre de ouro, Antão de Gouveia vai ser processado, apesar de amigo do governador de Pernambuco, sr. Duarte Coelho de Albuquerque, por seu procedimento escandaloso.

O processo foi solicitado pelo provedor e vigário-geral de Pernambuco, d. Silvestre Lourenço. O curioso é que, ao saber do processo, o padre de ouro exibiu uma carta do próprio bispo do Brasil, D. Pedro Leitão, em que este, usando grau de intimidade muito grande, pede que Antão de Gouveia lhe arranje alguns escravos em Pernambuco.





### SENSACIONAL FLAGRANTE

Momento exato em que um soldado-pirata francês atirava ao mar o piedoso jesuíta Pedro Dias. Sôbre as águas seus 4 companheiros que o precederam se debatem numa tentativa inútil para sobreviver.

Isto se deu a 13 de setembro de 1571. Antes, em 15 de julho de 70, mais de meia centena de jesuítas e o homem que vinha assumir o governo brasileiro, foram vítimas de outros piratas também franceses. Dêsse primeiro massacre estampamos doloroso flagrante juntamente com os despachos recebidos dos Açores na página 2 desta edição, sob o título "Piratas franceses massacraram 50 jesuítas em alto mar"

*Nóbrega*

Rio de Janeiro, 17, outubro, 1570

Depois de despedir-se de todos os amigos, morreu hoje, no colégio dos jesuítas o padre Manuel da Nóbrega.

As pessoas a quem procurara para apresentar despedidas estranhavam que ele fôsse fazer alguma viagem, quando não havia embarcações na cidade. Mas Nóbrega dizia que a viagem para a qual se preparava «não tinha mesmo necessidade de navios.»

Sua morte entristeceu a cidade. Ele foi o responsável pelo empreendimento que resultou na fundação do Rio.

Nóbrega aqui estava há três anos e com seus conselhos ajudou a salvação de muita gente. Na Companhia de Jesus assinalou-se por seu zelo apostólico. Tinha 53 anos de idade e fora, recentemente, reconduzido a Provincial dos Jesuítas. Durante 20 anos sacrificou sua saúde pelo bem do país.

Seu sepultamento será no pátio do colégio dos jesuítas no alto do morro do Castelo.

Na gravura reproduzimos fac-símile de uma das últimas assinaturas de Nóbrega.

### CRIME NO RIO NÃO DÁ CADEIA

Rio de Janeiro, 30, dezembro, 1571 (Exclusivo)

Um porque faz telhas, outro porque é criado do tesoureiro e vários outros porque vivem numa terra «que é como é», os acusados de crimes vêm obtendo os favores da fiança e respondendo soltos aos processos policiais.

Já publicamos um levantamento estatístico do número de delitos praticados no Rio. Os índices foram elevados, tendo-se em vista que a cidade mal completara 4 anos de sua fundação.

Hoje asseguramos: o Rio é uma cidade onde o crime compensa. Nestes dois anos, 14 delitos foram apurados, envolvendo 18 acusados. Entre eles figuram altas personalidades.

O alcaide Francisco Fernandes viu-se às voltas com a justiça duas vezes. O tabelião Manuel Gomes, uma vez.

Eis alguns despachos do governador Salvador de Sá: Domingos Alemão (reincidente) como é criado do tesoureiro e almoxarife Rui Gonçalves, teve sua fiança concedida nos seguintes termos — «conceda-se, por ser a cidade como é». Duarte Martins Mourão é fazedor de telhas, profissão de grande utilidade. Solicitando fiança, obteve-a «já que sua profissão é de grande interesse para a povoação do Rio».

Entre os 18 acusados, há uma mulher — Ana Dias. Seu crime não foi revelado. Mas sabe-se que mexerico é delito previsto em lei e Ana é mulher.

# EXCOMUNGADA ELIZABETH RAINHA DA INGLATERRA

Drástica medida do Papa em bula denominada «Regnans in Excelsis» — Reação sangrenta da mulher que rege os destinos britânicos, contra os católicos e a autoridade papal

(SENSACIONAIS NOTÍCIAS NA PÁGINA 2)

## o Brasil em Jornal

N.º 26

"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"

1570/71

### Prêso "Padre de Ouro"

Olinda, 25, abril, 1571 (Correspondente)

Foi prêso hoje o padre Antônio Gouveia, acusado de magia negra.

O acusado, mais conhecido como «Padre de Ouro», será enviado a Lisboa, onde responderá a processo por crime contra a fé religiosa.

## Rússia banhada em sangue

Moscou, 1571

Uma horda de 130 mil tártaros da Crimeia incendiou esta cidade e massacraram mais de 300 mil pessoas, levando nada menos de 130 mil prisioneiros escravizados.

O saque de Moscou sucede a um outro massacre que ensanguentou a Rússia no ano passado, quando o czar Ivan, o Terrível, inva-

diu Novgorod e, sob o pretexto de que ali se escondiam simpatizantes da Polônia e traidores do governo, chacinou a população durante cinco semanas consecutivas.

Houve dias em que o número de executados nas ruas pelos «opritchnikis» de Ivan subiu a 1.500.

Para não perder tempo, afogava-se gente aos punhados nos rios da cidade.



### LEPANTO, MARCO DA CRISTANDADE

Um jovem de 26 anos, d. João da Áustria, alcançou a maior vitória naval de todos os tempos, comandando uma frota de mais de 200 galeras espanholas, venezianas, papais, genovesas, maltenses etc. Os derrotados (fragorosamente) foram os otomanos que, no golfo de Lepanto, experimentaram o maior desastre marítimo da sua história. Os mortos subiram a cerca de 30 mil cristãos e turcos, sendo as perdas destes últimos quase que totais. A batalha durou pouco mais de 5 horas. O BRASIL EM JORNAL dedica duas páginas desta edição ao noticiário recebido do nosso enviado especial Hans Noll, soldado do Vaticano, assim como aos inúmeros despachos de outros correspondentes que destacamos para acompanhar os preparativos, o desenrolar e as consequências da batalha naval entre cristãos e otomanos.

Na gravura, exclusiva de O BRASIL EM JORNAL, um extraordinário flagrante da terrível batalha no momento mais confuso do choque das galeras cristãs com as fustas otomanas. O extenso noticiário sobre os acontecimentos do Mediterrâneo vai publicado nas páginas 6 e 7 desta edição.

**PADRES  
VÃO RECEBER  
20 MIL RÉIS**

Salvador, maio, 1570 (Correspondente)

Por lei, e a título de ajuda, cada religioso nesta cidade teria a receber, anualmente, dos cofres públicos, 20 mil réis. Mas, como não há dinheiro, cada padre está recebendo menos da metade a que tem direito.

Foi o que nos revelou o reitor do colégio de Jesuítas desta capital, padre Gregório Serrão.

— O que não recebemos em dinheiro, fica-nos creditado por letras, que não sabemos quando serão resgatadas, frisou Serrão.

Agora, em virtude das dificuldades por que estão passando, o rei D. Sebastião decidiu que os padres sejam pagos de qualquer maneira.

O reitor Serrão acredita que, com isso, talvez acabem os problemas dos religiosos.

# Excomungada Elizabeth

Roma, 25, fevereiro, 1570

O Papa Pio V publicou hoje a bula «*Regnans in Excelsis*», excomungando a rainha Elizabeth, da Inglaterra, e destituindo-a do poder divino atribuído aos reis.

O motivo principal do ato de Sua Santidade foram as providências excessivamente violentas tomadas por Elizabeth para esmagar a revolta católica do seu país. Assim que Pio V tomou conhecimento dessas providências, preparou a bula.

**REPRESALIA**

Londres, março, 1570 — Logo que a notícia da excomunhão chegou a esta cidade, o Parlamento inglês tomou energéticas medidas de represália e promulgou uma legislação anti-

católica severíssima que pune como traição todos os atos que reconhecem a autoridade pontifical do Papa.

**A REVOLTA DOS «EARLS»**

Londres, dezembro, 1571 — Cerca de 800 partidários da revolta que estourou em novembro de 1569 para destituir Elizabeth já foram executadas. A rebelião teve caráter muito sério no princípio, pois os clãs irlandeses revoltados chegaram a invadir templos protestantes e pisar o «*Prayer Book*».

Os líderes dessa rebelião — os «*earls*» — são na maioria condes do norte da Inglaterra, ligados aos católicos da Espanha, da França e com apoio do Papa. O principal objetivo da revolta era colocar Maria Stuart no poder. Os cabeças dessa corrente foram os con-

des de Northumberland e Westmoreland, que acabaram tendo que fugir para a Escócia.

Maria Stuart também sofreu as consequências das perseguições. Foi transferida da prisão suave em que estava para uma outra mais próxima do poder de Elizabeth.

**NORFOLK AMEAÇADO**

Londres, dezembro, 1571 — Elizabeth não resolveu ainda mandar decapitar o duque de Norfolk, o último dos grandes nobres de sangue azul. No entanto, a participação dele no plano para matar a rainha foi comprovada pelo próprio Cecil.

Sabe-se que Elizabeth é contra a execução de pessoas de sangue azul.

## Piratas franceses massacraram 50 jesuítas em alto mar

Açores, 14, setembro, 1571 (Urgente)

Aos gritos de «mata, porque vão semear doutrinas falsas no Brasil», corsários calvinistas de França liquiudaram, em alto mar, mais de 50 jesuítas e as autoridades portuguesas que tentaram defendê-los, entre estas o recém-nomeado governador Luis de Vasconcelos.

Tal morticínio ocorreu em dois encontros, um em 15 de julho do ano passado e outro ontem, próximo a estas ilhas. Os responsáveis pelo assassinio dos jesuítas são Jacques Sore e Jean Capdeville.

**FATALIDADE**

Os dois encontros são acontecimentos que se interligam. Em junho do ano passado, na nau Santiago, partiram de Lisboa os jesuítas, sob a direção de Inácio de Azevedo, antigo visitador da província jesuítica do Brasil.

Pouco mais tarde, com destino ao Brasil, aonde ia empregar-se no governo do país, embarcava D. Luis de Vasconcelos.

Quanto a Vasconcelos apuramos que o mar já deixara profundas marcas em sua vida. Há pouco mais de 10 anos, quando saía de Lisboa para a Índia, seu navio fez tanta água que quase naufragou. Os pescadores de Alfama consideram o acontecimento castigo divino, pois o pai de Vasconcelos era apontado como responsável pela extinção de tradicional festa religiosa de pescadores. Nesse mesmo ano, o navio de Vasconcelos acabou naufragando na costa africana, morrendo afogados mais de 200 tripulantes.

**SORE NO CAMINHO**

O navio dos jesuítas e o do governador chegaram à ilha da Madeira em 12 de junho do ano passado. O governador quis ficar algum tempo na ilha e, como o navio de Inácio de Azevedo tinha de carregar e descarregar mercadorias na ilha das Canárias, os jesuítas decidiram aproveitar o bom tempo e seguir viagem, contra o parecer de Vasconcelos.

A bordo viajavam Inácio de Azevedo e 39 membros da Companhia de Jesus. Ao largo das Canárias, foi avistada a frota corsária de Jacques Sore.

**«MATA, MATA!»**

Os comandados de Sore tentaram a abordagem da nau «Santiago», mas os primeiros invasores foram mortos pelos raros defensores do transporte religioso.

Padre Inácio de Azevedo, com a imagem de Nossa Senhora nas mãos, tentou enfrentá-los. Um pirata atingiu-o com uma lançada na cabeça e prostrou-o no chão, sobre a imagem da Virgem. Outro atacante desferiu-lhe mais duas lançadas, tentando tirar-lhe a imagem das mãos, sem o conseguir.

O padre Diogo de Andrade abraçou-se a Azevedo e foram ambos trucidados. Em seguida, atiraram-nos ao mar juntamente com a imagem.

A seguir, aos gritos de «mata, mata, que vão ao Brasil ensinar falsa doutrina», os piratas calvinistas passaram os jesuítas a fio de espada.

**VINGANÇA ADIADA**

Ao se saber na ilha da Madeira o que ocorrera com os jesuítas de Azevedo, os restantes, sob as ordens do Padre Pedro Dias e do próprio governador Luis Vasconcelos, organizaram uma expedição.

A esquadra chegou quase à vista do Brasil, mas não pôde dobrar o cabo de Santo Agostinho, dado o mau tempo. Os ventos contrários a arrastaram em direção das Antilhas espanholas. Daí, com muita dificuldade, conseguiu voltar aos Açores, onde encontraram o padre Francisco de Castro e três irmãos que aqui haviam chegado em outro navio.

Todos juntos, partiram, há dias, rumo ao Brasil, outra vez. Mas estava determinado que não chegariam. Após a

viagem inicial que os esgotara, contavam com poucos elementos para defender-se de qualquer ataque corsário e justamente se encontraram com os piratas (franceses e ingleses) de Jean Capdeville.

No encontro que logo se travou, os piratas abateram Luis de Vasconcelos, que tentava impedir a abordagem do navio em que viajavam. Os jesuítas (15 ao todo), foram alguns afogados e outros mortos em combate. Salvaram-se dois. Um deles para escapar à morte vestiu-se de marinheiro. Diogo Fernandes, lançado vivo ao mar, conseguiu salvar-se a nado encontrando uma nau que o recolheu.



Foi no dia 15 de julho de 1570, 40 jesuítas foram afogados em alto mar por piratas franceses. Ainda na amurada, seu chefe, padre Inácio de Azevedo, sustenta o crucifixo na mão direita. Pouco depois morria com seus companheiros.

**MÚSICA**



**ÁRIA PARA BEBER** — A «Ária para Beber» é uma pequena composição vocal, de inspiração báquica, para uma ou muitas vozes, com ou sem acompanhamento instrumental, e que pode tomar todas as formas, das mais simples às mais refinadas. Suas origens longínquas se confundem com as celebrações da bebida, desde as mais remotas eras: já era assunto no «*Daphnis et Chloé*», de Longus. Mas se revela sobretudo na Europa, a partir do século XIII, no apogeu de sua popularidade. Agora, no século XVI, está atingindo camadas mais elevadas e sendo tratada com mais dignidade.

A gravura mostra a canção para beber, em sua fase áurea entre o povo, há dois ou três séculos atrás: uma taberna européia, com seus tipos populares, numa festa regada a muito vinho e que não poderia deixar de ser acompanhada pelas canções que, na Grécia antiga, seriam em honra do deus Baco, mas que aqui são apenas partes da «Ária para Beber».

**ACADEMIA** — O poeta Baif e o músico Thibaut de Courville acabam de fundar em Paris, neste ano de 70, uma academia para poetas e músicos. Nela, os poetas da «*Pléiade*» se exercitam em versos metrificados à antiga e seus trabalhos são musicados por Claudin.

## Elizabeth venceu profecias

Londres, novembro, 1571

O povo festejou nas ruas a passagem do 13º aniversário da coroação de Elizabeth como rainha da Inglaterra. A data teve este ano comemoração excepcional porque desmente as profecias feitas quando ela subiu ao trono. Segundo os astrólogos, o reinado de Elizabeth não duraria 13 anos, pois ela morreria antes disso.

Neste mês ela entra no seu 14º ano como rainha, vencendo assim a força das profecias que têm grande valor para o povo.

# Luxo e riqueza abrigam pobres de Toledo

Toledo, junho, 1570 (Do nosso enviado especial)

A notícia correu tóda a Europa em pouco tempo: em Toledo há um asilo-hospedaria que é das coisas mais luxuosas de tóda a Espanha. Este repórter de O BRASIL EM JORNAL, que se encontrava na nova capital espanhola, Madri, resolveu prolongar seu giro pelas terras de Castela, indo a Toledo, para não deixar de dizer a nossos leitores alguma coisa sobre este monumento que tem impressionado a tantos. E eis-nos aqui. Será difícil transmitir a impressão que nos ficou. E destas coisas que não se descrevem. Mas vamos pelo menos contar, em seus mínimos detalhes, o que foi nossa visita e, mais rapidamente, o que é essa instituição e o que tem essa construção, relativamente nova, mas tão famosa, já.

«Sim, é realmente um palácio senhorial, porque foi feito para receber os pobres e os pobres representam Nosso Senhor Jesus Cristo», foi a primeira coisa que nos disse o senhor de Medinacoeli, atual proprietário do Asilo de S. João Batista e sobrinho e herdeiro de seu fundador, o cardeal Tavera. E prosseguiu: «Essa mesma frase foi dita por meu tio durante a construção do palácio, a um dos muitos que se espantaram com tanto luxo, e eu a repito frequentemente, porque com quase todos, como com esse e como senhor, acontece a mesma coisa.»

«A construção prolongou-se por vários anos e, por isso, o cardeal, que morreu em 1545, não pôde vê-la concluída, mas todos os seus desejos, graças a Deus, têm sido seguidos à risca.»

## INICIO DA CONSTRUÇÃO

«No último dia do ano de 1540 — continuou Medinacoeli — os edis de Toledo se reuniram em assembléa extraordinária, para ouvir a leitura de um requerimento do cardeal, na ocasião, arcebispo da cidade. O nobre prelado solicitava a cessão de um terreno situado fora da zona urbana, perto da zona de Visagra, para aí edificar um asilo de caridade «mui suntuoso» e que teria S. João Batista por padroeiro. Não somente a proposição foi aprovada por unanimidade, como seu autor recebeu calorosos elogios de todo o Conselho.»

«Os trabalhos iniciaram-se logo a seguir. Em 1541, donos de pedreiras e seus operários festejaram o assentamento da primeira pedra — um grande bloco de granito cinzento — o mesmo material que está sendo usado para a construção do Escorial, na nova capital, Madri.

«O plano foi desenhado por Bartolomeu de Bustamante, aluno de Bramante, que se inspirou nos modernos modelos italianos, passando-o, entretanto pelo crivo da austeridade espanhola.»

Eis, em rápidas palavras, o que é esse plano: o edifício principal está no centro de um grande pátio, cercado por duas fileiras de colunas, umas dóricas, outras jônicas. Seu saguão principal é um grande quadrilátero, com poucas janelas e, no teto, uma cúpula sextavada, terminada por uma pequena torre. Dêsse saguão, acompanhados por Medinacoeli, passamos a percorrer tódas as outras dependências.

Na sala-de-estar, imensa, entre outras preciosidades, a suntuosa mobília chamou-nos a atenção.

Depois fomos à botica, que é o que mais impressiona no Asilo: um verdadeiro laboratório de alquimia. Milhares de potes, jarras, retortas, vasos, garrafas, redomas, dispostos nas prateleiras azulejadas. Balanças, pilões, medidas diversas, tubos de ensaio e uma série de outros pequenos objetos, todos sobre capitéis de colunas romanas, completam o curioso e mágico ambiente. Num armário, ao fundo, Medinacoeli mostrou-nos os ingredientes usados para a manipulação dos diversos remédios: ervas, pós, pedras preciosas etc., e foi nos explicando: «A poeira de jaspe, por exemplo, cura qualquer hidropisia; a safira é tiro-e-queda nas dores de cabeça, como o topázio para a hemorragia e a esmeralda para o «grande mal». Sem falar nos fabulosos poderes que tem a pérola, filtro do amor, e o jade, elixir da imortalidade, com uma pedrinha do qual sempre pressionamos ligeiramente a boca dos mortos. Esta botica é a melhor prova de que o lema de Tavera — «abrigar e tratar de tódas

as misérias humanas» — continua sendo respeitado.

## HOSPEDOU OS REIS

Quando entramos no quarto mais luxuoso do palácio, nosso ilustre cicerone exclamou: «Eis o quarto em que o soberano hospedou-se!»

«— Como? O rei hospedou-se aqui?» pedimos, surpresos, a confirmação.

«Então o senhor não sabe? Em 1560, Filipe II e Isabel estiveram residindo aqui, durante a visita que fizeram a Toledo. Desta janela em que o senhor se encontra, ambos contemplaram uma das mais belas festas que Espanha já viu, e foi deste mesmo quarto que, pouco depois, o soberano armou-se para participar de um torneio.»

«Outro que tivemos a honra de receber aqui foi o virtuoso franciscano Pedro de Alcântara, que há oito anos repousa na glória do Senhor.»

De volta ao pátio, já à saída, Medinacoeli levou-nos à capela, encantadora. Sua cripta, destinada a guardar os restos de tóda a descendência da família, é, pelo menos, do mesmo tamanho que terá a do Escorial, cujo projeto conhecemos.

Não encontramos palavras para agradecer a solicitude com que o senhor de Medinacoeli nos recebeu e percorreu, conosco, todo o palácio. Muito mais difícil ainda é transmitir a impressão exata que nos fica da visita. E preciso ir ao palácio para sentirmos, em nós mesmos, tóda a atmosfera estranha que só este fabuloso país nos transmite: a Espanha.



O quadrilátero de granito, que é o palácio, leva a marca indistigável das modernas construções italianas. Da porta, que vemos no fim do corredor que divide em dois o pátio, é que se entra para o grande saguão. A ilustração, de um ângulo muito feliz, sem dúvida, mostra também a bela lanterna sextavada, sobreposta à cúpula do Palácio.

## ENSINO

### MONTPELLIER

Uma das faculdades de Medicina mais famosas e respeitadas em tóda a Europa de nossos dias é ainda a da Universidade de Montpellier. Uma outra academia está se projetando de maneira impressionante: a protestante de Saumur, que acolhe numerosos estudantes vindos do norte.

### LÍNGUA FRANCESA

A língua francesa está dominando os meios intelectuais da Inglaterra. Não há um homem de cultura, um bom estudante que não saiba a língua de Villon. Um doutor inglês atualmente que não fale francês não é olhado com o mesmo respeito.

Por outro lado, nas universidades de Orléans, Montpellier, Poitiers, existem verdadeiras colônias escocesas, pela amizade que une França e Escócia.

### SERMÃO

Continua em vigor a Bula do Vaticano de 1565 que obriga todos os candidatos a doutorado nas Universidades a fazer um longo sermão sobre religião.

### «MÁRTIRES»

Em 1568 um dos decanos da Universidade de Oxford, fugindo à política protestante de Elizabeth, chegou a Donal, nos Países Baixos e fundou uma espécie de Cidade Universitária com a colaboração de professores de Direito.

O «Colégio Inglês» ou «Seminário dos Mártires», como já está sendo chamado, destina-se à formação de padres, que poderão ser mais tarde cabeças-de-ponte para a entrada do catolicismo na Inglaterra.

## Morreu Frei Palácios

Vitória, 1570 (Correspondente)

Morreu o santo eremita Frei Pedro Palácios, que, vindo de Portugal, trouxe para esta capitania o culto de Nossa Senhora da Penha, o qual Simon Vela difundia na Espanha, depois de haver descoberto a famosa imagem da serra de França. Daí a invocação de Nossa Senhora da Penha de França.

Frei Pedro Palácios construiu no respaldo dum monte, junto à chamada Vila Velha, uma pequena ermida, rodeada de palmeiras, onde depositou a tela com a primeira imagem daquela Nossa Senhora que veio para o Brasil. Durante anos ali viveu, convertendo os pagãos e edificando a todos pela santidade de sua existência dedicada a Deus e ao próximo.



### A BOTICA

A peça mais curiosa do palácio. Um dos seus cantos, que além da curiosidade, tem beleza também. As prateleiras, coalhadas de potes com suas drogas, têm, na parte da frente, maravilhosas aplicações de azulejos.

# A Significação de Lepanto

*Este editorial vale por um canto de vitória que renda graças a Deus pelo triunfo das armas cristãs sobre os infiéis. Em nosso número passado, noticiando o ataque dos turcos às possessões venezianas na ilha de Chipre, afirmamos que a Sereníssima República não ficaria sôzinha diante da terrível ameaça que pretendia o domínio naval do Mediterrâneo. Temos o prazer de verificar que isso ocorreu. De fato, tendo o poderoso Império Otomano estendido suas garras até as Regências Barbarescas e sendo dono do Egipto, desde que esmagasse o poder naval dos Doges, se tornaria o único senhor das águas, do Egeu ao Tirreno, de vez que a Ordem de Malta se veria isolada e a Espanha teria de enfrentar sérias lutas, tanto sôbre o mar interno como sôbre o oceano, onde surgiam perigosos rivais, como a Holanda e a Inglaterra.*

Compreendeu isso Sua Santidade o Papa, compreendeu isso o Governô de Filipe II. Dessa compreensão surgiu a Santa Liga, cuja poderosa Armada acaba de destruir o poder marítimo otomano no estreito de Lepanto. Esta é uma grandiosa vitória que será cantada pelos séculos além, tal o seu significado em face da história européia. Ao Grão Turco que já fôra detido em terra depois da espetacular tomada de Constantinopla e da conquista das regiões danubianas, o generalíssimo católico D. João d'Áustria, que se coroou de louros imortais, deve agora no mar. Lepanto é o marco de onde nunca mais passará no seu anseio de expansão.

Na história da civilização, grandes batalhas terrestres decidiram a sorte da humanidade ocidental. Em Zama, Cipião impediu que o mundo se tornasse cartaginês. Em Châlons, Aécio fez recuar os hunos para sempre. Em Poitiers, Carlos Martel deteve o alude sarraceno. Em Lignícia, a cavalaria feudal germânica pôs um ponto final na invasão mongólica. As portas de Viena, Sobieski parou o avanço dos osmanlis. E agora, no mar, D. João d'Áustria mata de vez as pretensões turcas de domínio do Mediterrâneo.

Esta pelega vitoriosa tem ainda uma significação especial. Terminando com a ameaça muçulmana na retaguarda das potências cristãs, sobretudo da Península Ibérica, vai permitir que empreguem um esforço maior e mais constante na obra imortal em que estão empenhadas de alargamento da terra, de conquista material e espiritual de povos até agora ignotos, de aumento dos conhecimentos, experiências, confortos e riquezas do homem. Lepanto é a grande vitória daquilo que ousamos denominar a Ocidentalidade. É a sua afirmação de que esta assumirá o comando dos destinos dos povos até que uma outra mensagem nasça de novas condições de vida, até que outro signo se torne o denominador-comum da marcha de nossa civilização. Até esse momento futuro, a bandeira de Lepanto continuará içada e tremulando no bafejo da glória.

## Desaparece Villegagnon

Beauvais, França, 1571 (Do correspondente)

Morreu o homem que sonhou conquistar para a França as terras do Brasil, almirante Nicolau Durand de Villegagnon.

Villegagnon, sobrinho do grão-mestre da Ordem de Malta, antes de sua aventura no Brasil, foi o responsável pelo rapto de Maria Stuart.

Foi uma expedição sob seu comando que invadiu o Rio de Janeiro, onde fundou o forte de Coligny. Aborrecendo-se com os colonos, regressou à França, onde se entregou a longas discussões teológicas com Calvino.

Villegagnon nasceu em 1510, em Provins, e morreu como representante, em França, da Ordem de Malta.

## A MODA COMO ELA É

### ARAME NA ELEGANCIA

Na Inglaterra da rainha Elizabeth, ela mesmo uma elegante, as mulheres estão-se valendo de todos os recursos para acentuar suas bonitas linhas. No modelo que hoje exibimos, detalhamos: a touca, armada em arame, e enfeitada de pérolas, sôbre a peruca (grande moda). Em volta do pescoço uma bellissima gorjeira, também armada sôbre arame. Com tais adereços, as mulheres inglesãs estão fazendo enorme sucesso e impressionando suas vizinhas francesas.



## LIVROS E AUTORES

É espantosa a penetração que estão alcançando os livros do grande poeta francês Pierre Ronsard. Em todos os grandes países éle é, não só lido, como imitado pelas novas gerações. Está formando verdadeiras escolas. Dal, em vários países já apellidaram os grandes poetas de «Ronsard» nacional...

O jovem escritor francês Jean de la Taille acaba de lançar, em estilo que imita fielmente a técnica de Maquiavel, o «Príncipe necessário». Nêle, o autor exorta à paz protestantes e católicos.

Ainda a 4 anos do terceiro centenário da morte de São Tomás de Aquino, e já se prepara para festejar o acontecimento. Assim, em Roma, acaba de aparecer, em 18 volumes, «In folio», uma edição completa de tôdas as obras do grande filósofo cristão. Trata-se do «Opera Omnia».

João de Barros, um dos maiores humanistas portugueses deste século, morreu, neste ano de 1570, com 74 anos. O ex-fetor da Casa da Índia, provavelmente, passará à História como o autor de «Asia», obra dividida em décadas, de crônicas sôbre aquele continente. Mas o colunista confessa muito particularmente que prefere a «Ropica Pneuma», romance de cavalaria que já anunciamos aqui e que está proibido e tem todos os exemplares recolhidos desde 1564, pela censura inquisitorial: uma prosa tão viva que nos faz lembrar o Teatro de Gil Vicente.

Acaba de aparecer em Portugal o «Tratado das coisas da China e de Ormuz». Seu autor é frei Gaspar da Cruz.

Recém-nomeado bispo de Auxerre, na França, o escritor Jacques Amyot, tradutor de obras de Plutarco, Longus e Heliodoro, está preparando agora a tradução das «Obras morais», de Plutarco, para lançá-las no próximo ano.



Um livro de justificativa sôbre o que fez no Bearn, «Comentários», de Blaise Montluc. Explicações sôbre morticínio. Apareceu em Paris.

Teresa de Jesus escreveu, em segunda redação (modificada), o «Caminho da Perfeição».

## DECORAÇÃO

### DO BOME DO MELHOR

Eis uma rica cozinha alemã, nos preparativos de uma refeição, que será um banquete. A criada trabalha sob as vistas da senhora e da menina da casa, e em meio a uma profusão incrível de aves e animais (vivos e mortos). Mas a quantidade de legumes em uma das cestas é que deve estar causando maior inveja aos europeus que vivem nas colônias americanas e se queixam freqüentemente da dificuldade de conseguí-los. E, é claro, o luxo da casa. Não tanto as aves e o pescado, que caça e pesca são abundantes nas selvas americanas. As maravilhas do conforto: os alemães têm água dentro da própria casa. Um dos criados retira a água do poço, nos fundos da cozinha, à esquerda da gravura.



## Estava vivo Martim Afonso?

Lisboa, maio, 1571 (Urgente)

Segundo se informa, só agora teria morrido Martim Afonso, sendo sepultado na igreja do convento de São Francisco. Ao manifestarmos nossa estranheza pela notícia, um elemento ligado ao governo desculpou-se dizendo que muita coisa foi anunciada «contra os interesses do país e, portanto, a antecipação da morte de tão leal servidor não o impressionava.»

«Martim, disse ainda, estava vivíssimo, quando, em novembro passado, renunciou a favor de Sebastião de Moraes um padrão de juros a que tinha direito. Tentaremos, agora, que o rei D. Sebastião ajude seu filho Pero Lopes de Sousa, com uma pensão.»

N. da R. — A primeira notícia da morte de Martim Afonso foi-nos transmitida quando no Brasil se preparava uma expedição contra os franceses no Rio. Em Lisboa, naturalmente alheio a seus interesses, o ex-governador do Brasil e da Índia, pouca importância deu a suas doações brasileiras. A notícia foi por nós veiculada em editorial; e nerr assim tirou Martim Afonso de seu injustificável mutismo.

## “CRUZ DE GASTINES” FOI RETIRADA

Paris, 19, dezembro, 1571

Por exigência do almirante Coligny, Carlos IX mandou retirar, na noite de ontem, a cruz que estava colocada sôbre a pirâmide construída no local onde havia a casa do comerciante huguenote Filipe de Gastines.

Houve, por isso, uma reação muito grande e alguns populares chegaram a tentar invadir o «Hôtel de Ville».

A casa de Gastines foi arrasada há algum tempo, porque descobriu-se que ali era local de pregações protestantes. Na ocasião, Gastines foi enforcado na praça de Grève.

Agora, os huguenotes consideraram a «Cruz de Gastines» como uma afronta a sua causa.

«O BRASIL EM JORNAL»  
«Prêmio Paula Brites» do  
Estado da Guanabara

Rua 1º de Março, nº 22 — 2º andar. Tel. 31-2297 - RIO — GB

Direção

AMARAL NETTO

Assessoria

LUIZ PIETSCH JUNIOR

TITO CAVALCANTI

Assessoria Histórica

GUSTAVO BARROSO

JAYME COELHO

Redação

RUBEN AZEVEDO LIMA

ZUENIR CARLOS VENTURA

MARCOS DE CASTRO

WALTER CUNTO

Paginação

WALDIR FIGUEIREDO

Ilustração

ADAIL

Distribuição exclusiva

EDITORA GB RIO LTDA.

Rua 1º de Março, 22-2º and.

RIO — GB

# Arquitetura enlutada: De L'Orme e Tatti



DE L'ORME

Paris, 8, janeiro, 1570

Dois meses antes de completar 60 anos, quando ainda poderia dar à França e ao mundo muito de sua capacidade de criadora, morreu hoje nesta cidade o grande arquiteto Philibert De L'Orme.

Das cerca de quarenta obras importantes que deixou por todo o país, o Palácio de Anet, o Castelo de Fontainebleau e o Castelo das Tulherias, (em fase de acabamentos desde o ano passado), ficarão, sem dúvida, como as principais.

Ao lado de Pierre Lescot, o construtor do Louvre, De L'Orme, que foi inspetor-geral das construções reais, passará para a História como um dos principais arquitetos deste século.

## MORRE «SANSOVINO»

Veneza, 27, setembro, 1570

Jacó Tatti, o «Sansovino», morreu hoje nesta cidade a que deu um ar triunfal esplêndido e arrogante com suas esculturas e edifícios.

Sansovino, que desapareceu aos 84 anos, nasceu em Florença, em 2 de julho de 1486, e recebeu esse apelido de seu mestre Andrea Cantucci, natural da cidade com esse nome. Com seu mestre passou-se para Roma. Lá recebeu a influência de Miguel Ângelo e imitou a escola helenística, com suas colossais figuras.

A partir de 1527, estabeleceu-se em Veneza. Sua morte, no mesmo ano do que a de Philibert De L'Orme, priva a Europa de dois grandes arquitetos.



SANSOVINO

## EM SOCIEDADE

Numerosos conselheiros de Filipe II estão fazendo grande pressão para que ele envie reforços para os rebeldes na Inglaterra que no princípio do ano amehacaram o trono de Elizabeth.

A última peste em Portugal discou um rastro de miséria. Só em Lisboa, até 1569 tinham morrido perto de 13 mil pessoas. O número de famílias ao desamparo é enorme.

Os fazendeiros no Brasil dizem que o trabalho de um escravo da Guiné vale o de quatro índios brasileiros.

A França termina este ano de 1571 com as maiores esperanças de pacificação, apesar do mal-estar causado nos Estados papais, e sobretudo na Espanha, pela união de protestantes e católicos. Principalmente porque todos sabem que é plano de Coligny unir os franceses para lançá-los contra os espanhóis.

Estamos seguramente informados de que lord Cecil será nomeado lord-tesoureiro ou ministro das Finanças da Inglaterra. Para Elizabeth, só ele pode resolver o problema financeiro do país.

William Cecil é aquele mesmo homem cuja preocupação máxima são os negócios da Marinha. É ele que está dia a dia executando diversos planos para aumentar a Marinha inglesa.

Catarina de Médici fez votar uma gratificação de 150 mil libras a Coligny, ao mesmo tempo que, apesar de ser ele protestante, lhe deu os rendimentos de uma abadia, num total de 20 mil libras por ano.

Depois de assinada a paz de Saint-Germain o católico Montluc confessou-nos com indignação: «Cansamos de bater nossos inimigos; mas o que ganhamos pelas armas eles retomaram por estes diabos de escrituras».

Elizabeth conseguiu conciliar sua ambição particular com a do reino. Ao mesmo tempo que realiza um eficiente política financeira, principalmente marítima, trata com todo o carinho sua bolsa particular, procurando ganhar o máximo para sua fortuna pessoal.

Catarina de Médici, mesmo na casa dos cinqüenta, continua praticando todos os violentos exercícios que faz desde a mocidade. Mas não deixou de comer, também, da maneira como sempre comeu: de tudo e

muito, o que faz com que seus médicos assistentes estejam em constante preocupação com seu estado de saúde.

Os protestantes arranjaram apoio do povo na luta religiosa contra Catarina; estão explorando o fato de Catarina ser florentina e com isso conquistando a simpatia dos extremados nacionalistas.

Estamos seguramente informados de que o novo rei da Suécia, João III, que depois seu irmão louco Erico XIV, é absolutamente indiferente em matéria de religião.

Noticiou-se que a rainha regente de Portugal, D. Catarina, estaria disposta a voltar a seu país natal (Espanha), já que está descontente com o comportamento do neto (D. Sebastião), que a evita. O Senado da Câmara de Lisboa dirigiu ao rei apelo no sentido de que não permita a saída da rainha.

Aplausos melo brincalhões dos estudantes da universidade de Coimbra ao rei D. Sebastião, em outubro de 70, iam ocasionando sério incidente entre o rei e os acadêmicos. Ao entrar na Universidade, os estudantes começaram a bater os pés ruidosamente. O rei, surpreso, chegou a desembainhar sua espada e os mestres tiveram de lhe explicar que aquela era a maneira de aplaudir usada pelos alunos. Mas um estudante explicou-nos, reservadamente, que o verdadeiro aplauso inclui ao lado das batidas de pés, as palmas. Sem isso, estavam realmente troçando com o monarca, que dava mostras de ser inimigo do casamento.

O papa Pio V considera o rei de Portugal como seu filho dileto. Mas, ao que nos informou o bispo de Angoulême, não acredita que Sebastião esteja disposto a casar-se.

O rei português, D. Sebastião, lutou na primavera passada, em Evora, com o alferes-mor Luis de Meneses. No segundo encontro do torneio, Meneses, com um golpe de sorte, derribou a espada das mãos do rei, que teve de apanhá-la no chão. Resultado do torneio: porque D. Sebastião recolheu sua espada com muita elegância, os juizes o proclamaram vencedor.

Um dos boatos mais insistentes nestes últimos anos é o de que Ivan, o Terrível, fez o possível para se mostrar também candidato à mão da rainha virgem da Inglaterra.

Por outro lado, Margarida (Margot) negou-se terminantemente sequer a falar com D. Sebastião. Desta forma, ela deverá se casar com Henrique de Navarra.

Argumento usado pelos pregadores católicos franceses e que tem produzido resultados bons: «É possível que durante quase 16 séculos Deus tenha deixado no erro e privado de sua graça tantos reis, príncipes e o povo do mundo inteiro? Então só agora permitiria Deus que a verdade protestantes fosse revelada?»

Desde 1569, a doutrina oficialmente adotada na nova Igreja húngara, reformista, anticaltólica, é a redigida por Teodoro de Bêze, de Genebra. Foram assim abandonados os princípios essenciais de Lutero. Só na Transilvânia ainda se encontram importantes colônias de saxões que permanecem fiéis ao luteranismo.

Também na Inglaterra, depois de 1549, é o calvinismo que domina, substituindo o luteranismo. Da mesma forma na Escócia e nos Países Baixos.

Félix Peretti, nomeado bispo por Paulo IV, e vigário-geral de sua ordem (franciscana) desde 1566, foi elevado este ano à dignidade cardinalícia.

No auge da luta contra os protestantes, Catarina fez com que seu filho, o rei Carlos IX, pronunciasse a seguinte frase, diante do conselho: «Quanto mais mortos, menor o número de inimigos».

As festividades de recepção ao novo casal — Carlos IX e Margarida da Áustria — o qual está formado (por procuração) desde o dia 26 de novembro de 1570, mas que só a 26 de março entrou nesta capital, ficou a cargo de Ronsard e de Dorat.

O tema que predominou em toda a ornamentação da cidade foi a paz e a união entre a França e o Império. Sob o grande arco do triunfo armado coram o Rhone e o Danúbio simbolicamente levando o mundo. Nas duas colunas do arco estavam representadas as figuras da Piedade e da Justiça, avocando a divisa do rei: «Pietate et Justitia».

O projeto de Catarina de casar seu filho, o duque de Anjou, com Elizabeth de Inglaterra fracassou: o herdeiro do trono da França teve uma cena violenta com sua mãe, recusando o casamento porque, inclusive, considera Elizabeth uma «desclassificada».

Por outro lado, Margarida (Margot) negou-se terminantemente sequer a falar com D. Sebastião. Desta forma, ela deverá se casar com Henrique de Navarra.

# Báltico não tem dono

Stettin, dezembro, 1570

As águas do mar Báltico estão finalmente livres. Depois de sete anos de guerra marítima, Rússia, Polónia e Lituânia cessaram as hostilidades e proclamaram, com a liberdade de navegação, o início de uma nova era para aquela região. Terminou, portanto, a célebre questão do «Dominium Maris Baltici».

O acordo foi assinado depois de 90 dias de negociações em assembleia, onde se destacou o sr. Charles de Dauzay, embaixador francês em Copenhague desde 1548 e que goza de muito prestígio aqui. Atuaram como mediadores os embaixadores da Escócia, Inglaterra, Espanha, Brandemburgo e Saxe.

Os estados bálticos abriram mão de algumas de suas reivindicações e em troca receberam certas vantagens. A Estónia passará a pertencer à Suécia, e a Livónia, à Polónia. A Dinamarca, aliada russa, conseguiu manter a ilha Desio, da qual se apoderou antes da guerra. Os direitos do Império Romano Germânico foram totalmente esquecidos no acordo.

Por outro lado, se nesta guerra que desgastou todos os países participantes houvesse vitoriosos, estes seriam os suecos e poloneses, pois foram os que menos perderam.

## IVAN NAO GOSTOU

Apesar de ter assinado o tratado de Stettin, Ivan IV não ficou satisfeito com as

condições e disse que não aceitava aquele estado de coisas. Para neutralizar os prejuízos colocou no trono da Livónia o filho de Cristiano III, Magnus da Dinamarca, que é casado com uma das suas sobrinhas.

## O QUE É

O Báltico é um mar quase fechado, formado pelo Oceano Atlântico e se comunicando com ele por intermédio do mar do Norte. Está inserido em pleno coração das planícies da Europa escandinávia, central e oriental. É um mar pouco articulado, sem mares sensíveis, pouco profundo (430 metros de profundidade máxima) e pouco salgado, por causa da água doce dos rios tributários.

Os Estados banhados pelo Báltico são a Dinamarca e a Suécia, a oeste; a Finlândia, a Rússia, a Estónia, a Letónia e a Lituânia, a este; e Alemanha e Polónia ao sul.

## COLUNA MILITAR

### ASSINADO REGIMENTO DE GUERRA

Lisboa, 1570

Acaba de ser assinado e expedido por El Rei D. Sebastião, o Regimento de Guerra, desde algum tempo em estudo e discussão nos conselhos da Coroa. Esse regimento dá nova e eficaz organização às forças armadas do Reino, sobretudo na parte referente às reservas constituídas no seu território sob o nome de Ordenanças. Estende ainda às possessões ultramarinas a existência das Referidas Ordenanças, que, dotadas de armamento defensivo e ofensivo, devem estar preparadas ao primeiro alarma para acudir em defesa das autoridades e das terras ameaçadas por invasores estrangeiros ou gentios rebeldes. Esse armamento defensivo no Brasil consistirá de celadas, morriões e corpos d'armas de algodão, como se chamam os coletes ou couraças acolchoados, que, no calor tropical, aliviam os milicianos do peso dos corseletes de aço e os defendem admiravelmente das setas, geralmente ervadas dos indígenas, tendo ainda a vantagem de prendê-las pelas barbelas, evitando o seu ricochete na superfície metálica das armaduras. O armamento ofensivo compreende arcabuzes, mosquetes, pistolas, alabardas, piques e espadas, mesmo peças de artilharia e estas fornecidas pelo Estado, aquelas adquiridas pelos organizadores locais e componentes dos Corpos de Ordenanças. Para esse efeito, o Governo Real nomeia comandantes e oficiais dos mesmos as pessoas de perfil das armas, compondo-se a soldadesca da gente do povo. A esses chefes cabe a sustentação, instrução e munição da tropa posta às suas ordens. A Coroa só se encarrega de sua manutenção e pagamento, quando a convoca a seu serviço.

O erário régio somente se responsabiliza em tempo de paz pelo pagamento das forças do exército propriamente dito, — soldados profissionais ou mercenários. Daí a distinção regimental em tropas pagas ou regulares e permanentes, e as não pagas ou irregulares.

Desde o Regimento de 1548, redigido pelo conde de Castanheda e dado a Tomé de Sousa, primeiro Governador Geral, se estruturaram as Companhias de Ordenanças no Brasil, comandadas em cada Capitania pelo respectivo Capitão-mor, assessorado por um Alcaide. Tomé de Sousa trouxera de Portugal 600 homens de infantaria regular, primeira força do exército português na nova colônia. D. Duarte da Costa, seu sucessor, organizou as primeiras ordenanças na Bahia, quando teve de dar combate à revolta da cidade. O Regimento ora expedido pela chancelaria de D. Sebastião traz substancial reforma a essas antigas organizações militares, pondo-as de acordo com as necessidades do momento atual. As Ordenanças destinam-se aos serviços de ordem interna; serão, porém, empregadas de modo a servirem de reservas ao exército, quando necessário.

Aos senados das Câmaras competirá, a indicação das pessoas que deverão exercer os postos de Capitães-mores, Capitães, Comendentes e Alferes dos Corpos e Companhias de Ordenanças, que Governadores confirmarão com a respectiva patente, sujeita a aprovação do Rei.

A nova organização das Ordenanças abrange todas as cidades, vilas e termos do Brasil. O nome das ordenanças é antigo em Portugal, usado desde fins da Idade Média para designar os corpos de vassallos convocados para a guerra. Existiu também desde séculos na França com as famosas Compagnies d'Ordonnance.

## MANOBRAS

Lisboa, 1.º outubro, 1570 (Correspondente)

Cerca de vinte companhias de milicianos a pé e uma de cavaleiros fizeram, hoje, no campo de Santo Amaro, nesta cidade, exercícios militares que foram assistidos pelo rei D. Sebastião.

Ao que se informa, tal manobra se deve ao desejo que tem o monarca de iniciar rápida campanha contra exércitos protestantes de um país não revelado.

Ao final das manobras, quando a soldadesca aplaudiu o rei, D. Sebastião ficou em tal estado de excitação que o cardeal D. Henrique teve de levá-lo rapidamente para repousar.

# Lepanto, marco da cristandade



As duas frotas inimigas estavam assim dispostas: os aliados fecharam a boca do golfo e os turcos ficaram encurralados. Contavam com o vento, mas o vento mudou.

## Lepanto dia a dia

20/5/1571 — Assinado depois de 11 meses de marchas e contra-marchas, o tratado da Santa Liga, entre os Estados Pontifícios, Veneza e Espanha coligados contra os otomanos. O general em chefe é d. João d'Austria, tendo como substituto e tenente-general Marco António Colona, comandante pontifício.

29/5 — Com toda a Armada Cristã fundada em Messina, chega o bispo Odescalco para dar a bênção e as indulgências papais.

8/9 — A frota turca se encontra em águas de Valona e se dirige para Corfu e Morea.

15/9 — Zarpa de Messina a esquadra cristã em ordem de batalha.

19/9 — Fundeia a esquadra junto ao cabo Colunas. A esquadra otomana se encontra em águas da Morea com ordens de aniquilar a frota cristã.

23/9 — Zarpa d. João rumo a Corfu.

26/9 — Estamos à vista de Corfu. Há 10 dias a esquadra turca tentou conquistar este porto. A orla marítima foi incendiada e seus habitantes massacrados. Fundeamento em Gumeniza em frente de Corfu.

27/9 — Parte uma esquadriha de reconhecimento.

29/9 — As 4 horas da tarde volta um navio informando que a esquadra otomana se encontra internada no golfo de Lepanto.

30/9 — Revista geral das tropas e navios. Manobras e combates simulados excelentes.

3/10 — D. João zarpa de madrugada rumo à ilha Cefalônia.

4/10 — A esquadra chega às águas de Santa Maura. Um outro navio da esquadriha de reconhecimento informa que efetivamente o inimigo está em Lepanto.

6/10 — Sábado. Chegamos ao porto de Petela. D. João convoca o Conselho. Muito se discute a atitude dos turcos permanecendo dentro do golfo, sem nenhum sinal de hostilidade. Que armadilha estarão preparando?

7/10 — Primeiro domingo de outubro. Antes do amanhecer a frota levanta ferros em direção a Lepanto.

### 7 DE OUTUBRO — A BATALHA

6 horas — Aparece uma pequena esquadriha turca. Ao ver a frota cristã retorna às pressas para o fundo do golfo.

8 — Ao longe surge a esquadra turca. Velas enfunadas e remos em ação, vem em direção à de d. João.

8,30 — A frota em ordem de batalha. D. João, em barco especial, passa em revista os navios, e sob aclamações vai falando às tropas. Adios 10 mil forçados que remam nas galeras cristãs é prometido o perdão e a liberdade para os que se destacarem na luta.

9 — Um grande crucifixo é erguido junto ao estandarte da Liga no navio capitânia de d. João. É o sinal para que todos se prostrem de joelhos recebendo indulgência plenária dos jesuítas que se encontram nos barcos.

10 — Aproxima-se o «Turcos». Uma atividade febril toma conta de todos os navios. O vento que favorecia os turcos às primeiras horas, sopra, agora, milagrosamente à nossa pápa.

12 — Estamos a tiro de canhão uma esquadra da outra. Os turcos fazem o primeiro disparo. D. João comanda a resposta postada na proa da sua galera, coberto de reluzente armadura. A uma ordem sua começam a soar num ruído fantástico os tambores e clarins cristãos. Objetivo: abafar os gritos terríveis que partem da frota turca que podem apavorar os soldados e marinheiros na maioria novatos na luta contra otomanos.

12,15 — As galeras cristãs fazem cair seus esporões de proa previamente serrados. É uma surpresa para os turcos. Nossos canhões podem, assim, atirar mais baixo. A desvantagem de perder o esporão ou ariete de proa para abaloar o inimigo, corresponde a maior liberdade de ação para a artilharia.

12,30 — A batalha está começada. Aproxima-se cada vez mais o vooeiro semagem e ameaçador dos milhares de otomanos. Chocam-se as esquadras.

15 horas — Sobre o mar uma multidão de corpos, pernas, braços, cabeças decepadas. Estalar de remos e galeras que se partem. Fogo e sangue por todos os lados. Tiros de canhão e de arcabuz em meio à nuvem de setas dos otomanos. Gritos, gemidos, maldições, preces, como no inferno de Dante. Uma confusão demoníaca envolve as esquadras, os navios, misturados numa assombrosa desordem. As espadas e as cimitarras decapam cabeças sem cessar. Ninguém sabe ainda de quem será a vitória.

17,30 — A cabeça do almirante All-Paxá, exibida na ponta de uma lança no convés da sua galera-capitânia, decreta a rendição turca. Foi um forçado das galeras cristãs quem, ao ver All-Paxá tombado ferido na luta que travava contra as tropas de d. João em seu próprio navio, precipitou-se sobre o comandante turco e decepou-lhe a cabeça, enfiando-a. Aclamações selvagens e delirantes saudaram a aparição. O pavilhão otomano — o sagrado «Sanjac» — foi desido do topo do mastro e em seu lugar hasteada a bandeira cristã com a imagem de Jesus crucificado.

18 horas — Morre o dia. Os navios otomanos vão sendo afundados ou se entregam um a um. Só escaparam 30 galeras sob o comando do mais bravo e mais competente lobo do mar otomano, «Eudj-All» — para nós — Ilichali ou Luchali, a esquadra cristã navegava lentamente para o porto de Petela, tendo a reboque os barcos turcos aprisionados. Tempo ameaçador.

19 horas — Vencida a batalha, a esquadra cristã navegava lentamente para o porto de Petela, tendo a reboque os barcos turcos aprisionados. Tempo ameaçador.

21 horas — Desaba a tempestade. Tufão e ondas gigantescas erguem-se sobre o mar. Escapamos por pouco.

### NO DIA SEGUINTE

8/10 — D. João, Colona, Dória, Resquenses, Veniero e os demais comandantes voltaram à entrada do golfo de Lepanto, local do inferno da véspera. Um silêncio tumular pairava sobre as águas. De bordo, um panorama tétrico: de ambos os lados do golfo, em toda a extensão das praias, milhares de cadáveres cristãos e otomanos se empilhavam nas posições mais grotescas. O terrível temporal da noite passada os atirou ali, misturando cristãos e inféls que ainda ontem, cheios de vida, se guerreavam valentemente.

## Cabeça de turco na ponta da lança pôs fim à batalha

Petália, Grécia, 9, outubro, 1571 (Do enviado especial Hans Nölli, cavaleiro da Guarda Suíça de S. S. Pio V)

A cabeça de All-Paxá, o «kapudán» (generalíssimo turco), pendurada na ponta de uma lança foi o sinal de vitória das esquadras coligadas da Espanha, do Vaticano e Veneza, comandadas por D. João d'Austria, um almirante de 26 anos, na batalha que travaram contra os turcos, anteontem, à entrada do golfo de Lepanto.

Na confusão que se seguiu, alguns navios do corsário Luchali furaram o bloqueio dos aliados e rumaram para Argel, sendo perseguidos pelo almirante João Andrea Dória, de conhecida família de armadores e marinheiros.

No local da batalha, entre destroços de navios, milhares de sobreviventes turcos tentaram desesperadamente alcançar o litoral grego.

Relatórios oficiais do alto comando aliado informam que os turcos perderam 224 navios, dos quais 130 foram capturados e 94 incendiados. Cerca de 25 mil de seus soldados morreram em combate. Mais de 10 mil cristãos escravos dos turcos e empregados como remadores das suas galeras foram libertados. O número de prisioneiros feito pelos aliados sobe a 5 mil.

As forças da Espanha, Vaticano e Veneza perderam 15 navios e tiveram 8 mil homens mortos. As maiores baixas ocorreram entre os venezianos, que, combatendo numa ala da esquadra, suportaram tremenda operação de envolvimento.

O almirante D. João d'Austria revelou-nos que seu plano geral de combate obedeceu a algumas determinações do almirante Garcia de Toledo, bastante experimentado em combates com os turcos.

### ALIANÇA DIFÍCIL

No momento em que se festeja o triunfo de Lepanto, recordamos aos nossos leitores as dificuldades para estabelecimento da aliança entre espanhóis, o Vaticano e Veneza.

Deus de marchas e contra-marchas e quando se noticiava já que os turcos operavam contra Chipre, os venezianos aceitaram participar da Liga contra os turcos. Outra dificuldade a vencer foi o objetivo prático da aliança. Os espanhóis queriam que se atacasse os inimigos em Argel, Túnis e Trípoli. Os venezianos pretendiam desenvolver a campanha no Levante.

Nesses recuos e avanços se gastaram 11 meses, de junho do ano passado a, maio. O último obstáculo foi o que se referia ao comando da esquadra. Os venezianos eram contra a chefia espanhola. Mas o ponto de vista da Espanha, que entrou com três sextos da expedição, (Veneza com dois sextos e o Papado com 1 sexto) acabou prevalecendo. A escolha recaiu mesmo no filho de Carlos V e irmão de Filipe II.

### INICIO DAS OPERAÇÕES

A concentração dos navios aliados se fez em Messina, na Sicília. Eu e dois companheiros da Guarda Suíça, Alberto e José Sallis, fomos escolhidos para partir para o teatro de operações pelo próprio Confaloniero da Igreja Romana.

No dia 17 de setembro último, toda a esquadra aliada (mais de 300 navios: 100 galés e 6 galeacas venezianas, 12 galeras e fragatas do Papa e 180 embarcações espanholas, com perto de 80 mil tripulantes), partimos de Messina para Corfu, aonde chegamos no dia 26. Depois de passar por Gumeniza (dia 30), fundeamos em Cefalônia, no dia 5 de outubro.

Al, por um barco grego, soube das atrocidades de Mustafa-Paxá no ataque a Famagusta, em Chipre. A relação destes crimes foi lida em todos os navios, em vários idiomas, para que os soldados e marinheiros, inclusive os remadores (em geral condenados de direito comum, prisioneiros de guerra etc.) tivessem maior vontade de combater.

### TURCOS EM LEPANTO

Com vento favorável, partimos de Cefalônia. Cruzamos a costa à vista da Albânia e uma galera avançada veneziana veio comunicar ao almirante que os turcos estavam em Lepanto. Rumamos em direção sul. Em conselho de capitães convocados por D. João, o alto comando comunicou sua intenção de atacar imediatamente o inimigo.

O entusiasmo juvenil de D. João d'Austria arrastou os comandados e em poucos instantes a esquadra inimiga foi avistada dentro do golfo.

Eram aproximadamente 300 navios.

### FORMAÇÃO PARA COMBATE

Os turcos tomaram posição de batalha, mal amanheceu o dia 7. Seus navios se dispuseram em meia-lua, com a retaguarda garantida pelo litoral grego.

À direita, estavam as grandes galés egípcias do val de Alexandria, Maomé Siroco, a «querda», as ligeiras embarcações do bel de Argel, Luchali. O centro da meia-lua era comandado pelo paxá Pertue, com galeras de Istambul, Esmirna, Trebizonda e Salonica. Tudo isso sob um mar de flâmulas vermelhas e verdes com crescentes de ouro. O generalíssimo de Selim II, All-Paxá, colocara sua capitânia empavada no centro da linha de batalha e dispusera uma reserva de galés e fustas à sua retaguarda.

A esquadra da Liga tomou também a forma de meia-lua. Tinhamos a nossa capitânia, que nos levava ao encontro do inimigo. Na extrema esquerda ficaram as galés e esperoneros do Barbarigo de Veneza, que deviam tentar uma manobra de envolvimento. A ala direita ficou sob o comando de Dória, com navios de Veneza da Espanha. No centro a galera da Ordem de Malta de conserva, com a capitânia de D. João d'Austria, à frente das esquadras espanhola e do Papa. Cerca de 30 navios, rápidos, ficaram de reserva, sob o comando de D. Alvaro de Bazán.

### DESTRUIÇÃO

Muitos dos detalhes que aqui fornecemos foram obtidos dos próprios prisioneiros turcos, após a batalha. Um oficial inimigo confessou-me que o Kapudán-paxá só aceitara o combate por considerar o armamento cristão inferior ao seu.

Já engajara sua vanguarda na luta, quando se deu conta de seu engano. O próprio vento, disse o oficial, ao início do combate empurrava a dianteira turca contra nós. Instantes depois, mudava de direção e soprava a favor dos aliados.

Duzentos mil homens esperaram em silêncio o sinal de ataque. De repente, um cavaleiro arriou o ar e trombetas e tambores soaram para abafar os gritos de guerra dos turcos. Os navios se misturaram e as bênçãos latinas dos frades se perdiam em meio ao alarido dos piratas barbaramente sangüíneos, os mosqueteiros despejavam seus tiros nos convés ensangüentados.

Na ala esquerda, soube-se que o Barbarigo, para não ser envolvido, teve de travar série luta. Em consequência, recebeu grave ferimento no olho. À direita, Dória teve de ser socorrido pela reserva de Bazán. No centro, os turcos, tentando o rompimento, se apoderaram da galé do Prior de Malta e os bravos cavaleiros foram mortos a espada. O próprio navio do Kapudán atacou a capitânia de D. João d'Austria. Um tiro perdido atingiu o chefe turco e logo os soldados lhe cortaram a cabeça. Com ela na ponta de uma lança os inimigos se deram



ALMIRANTE COLONA

### Ação destacada em Lepanto

por perdidos. Apenas Uluch All, com suas embarcações ligeiríssimas, resistiu em movimentos ondulantes. Em seguida, conseguiu uma passagem, entre o centro e a ala direita da esquadra da Liga.

Após a vitória, teve início a cerimônia da libertação dos remadores cristãos aprisionados pelos turcos. Muitos deles, dificultando as manobras da esquadra turca, ajudaram a vitória das armas cristãs.

No consenso geral, com a derrota do dia 7, a esquadra otomana perdeu de vez a supremacia naval no Mediterrâneo. Para levar a notícia da grande vitória a seu irmão, o almirante D. João d'Austria designou o capitão Lopo de Figuerola. O generalíssimo entende que o poderio turco está aniquilado.

### POETA COMBATEU

Quando se organizou a esquadra para a batalha, meu navio ficou ao lado da galera espanhola, «La Marquesa». Durante o combate, ficamos impressionados entre ela e uma galera turca. Durante a abordagem, eu e meus companheiros Alberto e José de São Tiempos, fomos socorridos por «La Marquesa», invadida pelos turcos.

Combatemos ali ao lado de um espanhol de 24 anos, Miguel de Cervantes, que lutava, apesar de doente. Sofreu ferimentos de certa gravidade na mão esquerda e no peito.

Miguel é poeta e goza de algum prestígio entre os oficiais da esquadra. Contam que foi protegido do cardeal Acquaviva. O almirante ordenou sua imediata transferência para um hospital de Messina, onde será tratado. Pela sua bravura, seu soldo foi aumentado de mais 3 escudos-ouro por mês.

Pessoalmente, lamento também não ser poeta para fazer versos sobre os estandartes turcos que tomel. A mim, o almirante apenas me deu felicitações.

### VENEZA DANÇOU

Veneza, 19, outubro, 1571 (Ur-gente)

A chegada hoje de uma galera do general Veniero trouxe o delírio ao povo e ao governo com a notícia da vitória de Lepanto. As autoridades se reuniram na Igreja de S. Marco tendo sido cantado um Te-Deum. O povo cantava e dançava nas ruas e impudentes da galera são carregados em triunfo pela cidade.

As últimas horas da noite partiu a toda brida um correio para Roma a fim de levar a notícia ao Papa.

### ROMA SABE

Roma, 22, outubro, 1571 (Ur-gente)

Batendo todos os recordes de velocidade por terra, um cavaleiro chegou ontem à noite de Veneza trazendo a notícia da esmagadora vitória cristã.

Desde o Papa até o mais humilde servidor da Santa Sé, ninguém dormiu a noite passada. A notícia foi transmitida a toda parte do som dos sinos que replicam festivamente. Sua Santidade rezou um Te-Deum na Igreja de S. Pedro ante considerável massa popular.

A reportagem de O BRASIL EM JORNAL ouviu o Chefe Supremacia Igreja que, com alegria indistinctível, nos prestou as seguintes declarações: — «O rei Filipe II tem de que se orgulhar eternamente. Seu general, d. João d'Austria, superou em heroísmo e arrojo a quantos generais da esquadra que se conheceram desde Cristo. É preciso, no entanto, não esquecer e voltar a atacar os inféls assim que a situação o permitir.»

# Depois da batalha

1 — Terminada a batalha de Lepanto, a maior batalha naval de todos os tempos, devemos apresentar os leitores o seguinte quadro de perdas de ambos os lados, ao fim de apenas 5 horas de luta.

**OTOMANOS** — Das 300 unidades navais de que se compunha sua frota, só escaparam 30 sob o comando de Luchali. Cerca de 50 foram postas a pique ou inutilizadas. 130 galeras com 400 canhões foram apresadas em perfeito estado.

Foram libertados 3 mil escravos turcos e 15 mil cristãos que remavam nas galeras otomanas. Foram feitos prisioneiros cerca de 10 mil infelizes.

Mais ou menos 15 mil deles perderam a vida, entre os quais cerca de 200 chefes otomanos de primeira grandeza, 30 governadores de províncias, 160 capitães e os seus almirantes, com exceção de Luchali.

Entre os prisioneiros importantes contam-se os filhos de Ali-Paxá e o próprio chanceler do Império Otomano.

**CRISTÃOS** — Afundadas 14 galeras venezianas, 2 do Papa e 1 de Malta. Morreram 8 mil soldados durante a batalha e mais de 4 mil nos dias seguintes, vítimas de graves ferimentos. Outros 10 mil combatentes ficaram feridos. Menos da terça parte dos cristãos — escapou ileso.

Além de alguns capitães, o único dos grandes comandantes que perdeu a vida foi Barbarigo, de Veneza.

2 — Considerando-se a Espanha no seu todo, isto é, com seus domínios extra-fronteiras, — principados alemães, domínios italianos, etc. — sua contribuição para a esquadra cristã foi a seguinte:

81 galeras e 20 navas, no total de 101 barcos; 7.000 espanhóis; 7 mil alemães; 6 mil italianos e mais 2.000 aventureiros e voluntários por sua própria conta.

Total: 22 mil homens.

3 — Depois da batalha de João se gabava: — «Nem um só soldado inimigo conseguiu pôr os pés em galeras construídas nos estaleiros espanhóis.»

4 — Luchali utilizou, em larga escala, nas suas sortidas sobre os navios de Andréa Dória, o recurso da camuflagem. Fazendo constantes disparos para o alto com grande quantidade de pólvora, conseguia estender sobre as águas uma extensa e espessa cortina de fumaça que escondia seus navios.

Essa moderníssima tática de guerra naval foi um dos fatores que deu ao temido pirata a chance de, além de escapar com suas galeras, causar danos aos cristãos.

5 — O choque inicial da batalha foi sofrido pela frota turca, quando, ao investir furiosamente em toda a linha, encontrou pela frente, meia milha adiante dos navios cristãos, as seis galeras venezianas, verdadeiros encouraçados de mobilidade, mas de extraordinária potência de fogo com suas dezenas de canhões.

Os disparos dessas galeras sobre os navios turcos desbarataram, pelo menos por momentos, a linha de frente da esquadra otomana. De saída, duas galeras inimigas foram afundadas e muitas outras sofreram consideráveis danos, mas o que de fato valeu nessa manobra estratégica foi a desorganização provocada na formação inicial de Ali-Paxá, que se refletiu durante todo o combate.

Dal por diante terminou o papel das galeras que, não têm nenhuma capacidade de manobra.

6 — Muitos perguntam porque a frota turca se internou no golfo de Lepanto, ficando, assim, encurralada. No entanto, segundo apuramos junto a alguns capitães otomanos prisioneiros, a tática de Ali-Paxá fora estabelecida para não só abrigar a frota das tempestades, como, também, para reabastecer-se de homens, vitualhas e bebidas.

Falham os seus planos. Paxá pretendia sair pela madrugada para surpreender os cristãos fora da barra do golfo, cercá-los e esmagá-los na impossibilidade de fuga. No entanto, o João madrugou mais que Ali e quando este abriu os olhos já os cristãos ocupavam completamente a saída do golfo.

7 — D. João, o generalíssimo da esquadra cristã, foi ferido levemente num dos pés.

8 — Apuramos que o mais completo lóbo do mar otomano, Ochal ou Luchali, foi inteiramente contrário à batalha com os cristãos. Sua opinião foi vencida no conselho turco. Entre as ponderações que fez sobre a superioridade da frota de d. João

figurava a de que ambas as esquadras contavam com remadores cristãos.

Enquanto isso constituía uma extraordinária vantagem para d. João, para os turcos era um imenso risco, pois os escravos tudo fariam para sabotar os barcos em que remavam.

No final, verificou-se que Luchali tinha toda a razão. E só ele escapou da destruição total.

9 — Entre os cristãos as armas utilizadas foram mosquetes, arcabuzes, lanças e espadas afiadíssimas. Os otomanos batalharam com setas, dardos, cimitarras e relativamente muito poucos arcabuzes.

10 — Também mulheres estiveram nesta terrível batalha de Lepanto. Uma delas se destacou pela sua coragem, força e pontaria: matou dezenas de turcos a tiros de arcabuz. Recebeu, por isso o grau de «soldado no terço espanhol de Lope de Figueroa».

11 — Os dois filhos do almirante Ali-Paxá, comandante turco, foram aprisionados pelos cristãos. Um tem 17 anos; o outro, 13.

12 — Um suave vento soprado do poente e, portanto, na péra das embarcações cristãs, em muito auxiliou a esquadra de d. João, enquanto prejudicava seriamente os otomanos. Pouco tempo antes de soprar esse vento, que foi um dos fatores decisivos da batalha, a esquadra turca contava com vantagem de manobra.



MIGUEL CERVANTES  
Vitória custará mão ao poeta-soldado?

## NOMEAÇÃO PROVOCA EMBARGO

Rio de Janeiro, 26, novembro, 1571

Havia franceses em Cabo Frio (falava-se que havia) e Julião Rangel foi mandado às pressas à Bahia pedir auxílio ao governador Men de Sá.

Agora, Rangel voltou sem auxílios e com duas nomeações para cargos públicos nesta cidade. Uma delas, ao que parece, vai ocasionar acesa disputa: Rangel foi nomeado para cargo que já tinha titular e o efetivo pretende embargar sua nomeação.

### MUITO ESCRIVÃO

Em 5 de outubro último, já em Salvador, Rangel obteve de Men de Sá sua indicação para escrivão da Câmara do Rio. No dia 11 do mesmo mês, a pretensão de que se sacrificara nas lutas pela fundação da cidade, voltou ao governador e pediu que o nomeasse para escrivão de orfãos no Rio. Men de Sá tornou a atender a seu pedido.

Chegado ao Rio, Rangel apresentou suas nomeações e se empossou no melhor posto (escrivão de orfãos). Aconteceu que Pedro da Costa, já escrivão de orfãos, e embargou a nomeação.

Despacho de Salvador de Sá ao protestado de Costa: «quem já é tesoureiro dos defuntos (Pedro da Costa) não pode ser escrivão de orfãos. Dê-se posse a Rangel, que já prestou fiança para assumir o cargo.»

Em declarações que nos fez, Pedro da Costa disse que nos levar seu protesto a diante, pois se sente com direitos adquiridos a ambos os cargos. Por outro lado, disse-nos, Rangel, conforme o próprio O BRASIL EM JORNAL noticiou, está envolvido no assassinato da prala e é pessoa contraindicada para responder pelos interesses dos orfãos.



JOAO D'ÁUSTRIA  
Mocidade comandou vitória sobre turcos

## GRANDE VENCEDOR

O grande comandante da frota cristã que obteve sobre a armada turca o formidável triunfo de Lepanto — João de Áustria — já é figura da História. Eis, em rápidos traços, o que são os 26 anos deste jovem predestinado:

Filho natural do «césar» Carlos V, numa aventura amorosa do imperador em Ratisbona, com Bárbara Blomberg, filha de um dos mais abastados comerciantes da cidade, foi enviado para Espanha, ainda pequeno. Lá cresceu, humildemente, sob o nome de Jerônimo, em Leganés, nas cercanias de Madri.

Aos nove anos foi confiado à custódia de D. Madalena de Ulloa, mulher de D. Luis de Quijada, passando a morar perto de Valadolid.

Depois de reconhecido como filho natural de Carlos V, e portanto príncipe, Filipe também o reconheceu como irmão — em setembro de 1559 — admitindo-o à corte. Filipe logo vislumbrou as qualidades de comando em seu meio-irmão e em 1568 nomeou-o capitão-geral da frota espanhola no Mediterrâneo, onde ele combateu com êxito os corsários argelinos. Daí para a frente sua carreira foi uma seqüência de sucessos militares. Submetendo os mouros insurrectos, de Granada, distinguiu-se pessoalmente como comandante de tropas nas ações de Guejar, em 1569, e do forte de Galera, em 1570.

Lepanto, a 7 de outubro deste ano, é sua consagração definitiva. Lá, foi ele o principal vitorioso.

## NOVO GOVERNO PARA O RIO

Lisboa, 31, outubro, 1571 (Correspondente)

A cidade do Rio de Janeiro, fundada por um Sá (Estácio), salva dos invasores franceses por outro Sá (Men) e governada até agora também por Sá (Salvador) terá, a partir de hoje, na chefa de seu governo, o capitão Cristóvão de Barros, que há quatro anos ali esteve, comandando um reforço expedicionário para expulsar os invasores calvinistas.

O ato foi hoje sancionado por D. Sebastião e o novo governador partirá breve para o Rio.

Cristóvão de Barros é filho do antigo donatário Antonio Cardoso de Barros, que foi assassinado pelos índios.

# Europa não gostou

(Condensado de nossos correspondentes em Paris, Londres, Gênova e Países Baixos)

A vitória de Lepanto não agradou à própria França católica, por motivos políticos e religiosos, em parte.

A repercussão foi diversa da que se esperava.

França, Inglaterra e Alemanha, já insuflando a rebelião contra a Espanha nos Países Baixos, receiam que os espanhóis preponderem em toda a Europa. Por outro lado, alguns Estados italianos temem que a Espanha sacrifique a relativa independência de que gozava.

Do ponto de vista religioso, os huguenotes franceses consideram a Espanha como o principal obstáculo para a constituição de um estado calvinista na França. A propaganda reformista na Inglaterra também é da mesma opinião e na Suíça pensava-se em espalhar o calvinismo através da Lom-

bardia e por aí por toda a Itália.

Receia-se também que Filipe II se apodere da Grécia, Albânia e costas do Adriático para aí estabelecer um reino dependente da coroa espanhola.

A Inglaterra tem como certa a declaração de guerra por parte de Filipe, agora que ele se considera desembaraçado dos turcos. Sabe-se que existe um plano para romper a Liga antiturca. O primeiro passo é intrigar Veneza com a Espanha. O duque da Toscana, apesar de amigo de Filipe II, estaria nesses conluios.

## Tempo que passou depois de Lepanto

Madri, 30, dezembro, 1571

O tempo não parou depois da batalha de Lepanto e os acontecimentos se atropelaram de tal forma que, hoje, para dar a nossos leitores uma idéia aproximada do que se passou após a batalha, reproduzimos em resumo e cronologicamente as principais notícias vindas dos nossos vários correspondentes.

28/10 — Deu-se por finda a expedição aliada. A esquadra foi dissolvida temporariamente. Os venezianos ficam em Corfu, isoladamente.

31/10 — A cidade recebe a notícia da vitória em Lepanto, por intermédio de um agente de Veneza. O cardeal Alexandre, legado do Papa, foi à igreja de Santa Maria rezar missa pela vitória. Nesse mesmo dia D. João chega ao seculo de Messina e comunga com seu séquito.

18/11 — Mensagem oficial

da vitória chega a Madri. Figueiroa traz cartas de D. João contando o que foi a batalha.

4/12 — Colona entra em Roma solenemente, como triunfador de Lepanto.

O ano termina com dois boatos: a Turquia e Veneza fariam pazes em separado e a frota espanhola de D. João atacaria Constantinopla. A população muçulmana desta cidade viveu momentos de pânico e de expectativa, mas ataque mesmo não houve pelo menos até o dia de hoje.

### JORNAL ECONÔMICO

O preço do trigo na Europa central, depois de estacionário durante quase 50 anos (de 1500 a 1550), sofreu aumento de quase 100% nos últimos vinte anos como bem demonstra o gráfico.

últimos dois anos, quase a duplicar de preço.

★  
PREÇOS

O meio hectolitro de feijão custava na Espanha 272 maravedis, em 1555. Hoje custa cerca de 450 maravedis.

★  
GREVE

Paris, 1571

Terminou nesta cidade e em Lion a grande greve dos impressores, que lutavam por melhores salários e por menos horas de trabalho. Diante do que pletavam, os grevistas conseguiram muito pouco, mas se contentaram.

★  
DINHEIRO

Os países que negociam com a Espanha, principalmente os portos de La Rochelle, Bayona, Bordeaux, estão abarrotados de moedas espanholas em ouro e prata. Como o dinheiro espanhol tem valor quase universal, é fácil ver a situação dos fornecedores.

# PORTUGUÊSES DERROTAM COLIGAÇÃO DE REIS

Goa, dezembro, 1571 (Correspondente)

Pouco mais de 4 mil portugueses e aliados derrotaram uma coligação de reis asiáticos — sob a proteção de Selim II da Turquia — que pôs em ação cerca de 300 mil soldados, contra três praças: esta cidade, Chaul e Chalé.

Há dois anos, houve ataques esporádicos contra algumas cidadelas portuguesas, fazendo prever uma operação em larga escala. Apurou-se que o Haidalcão Aleidaxá, o Nizamalucco Xaoxém e o Samorim haviam estabelecido uma aliança ofensiva contra o governo português. O Nizamalucco atacaria Chaul, Damão e Baçaim. O Haidalcão reservava-se para a conquista da ilha de Goa, Onor e Bracelor, enquanto o Samorim desferia uma ofensiva contra Cananor, Mangalor, Cochim e Chalé. Paralelamente, o rei de Achém renovaria seus ataques a Málaca.

Os golpes foram realmente desfechados quase ao mesmo tempo, com ligeiras modificações no plano inicial.

## OFENSIVA EM CHALÉ

Em meados do ano passado, o Nizamalucco atacou Chalé. Nesta cidade, quando se soube do ataque, temeu-se pela sorte do império português.

O governador Luís de Ataíde destacou um contingente para ajudar os sitiados. O arcebispo de Goa e o bispo de Málaca pediram que se abandonasse Chalé e se concentrassem todos os recursos defensivos na capital do império. Ataíde respondeu-lhes que em negócios de governo não admitia a ingerência de ninguém, mesmo altas autoridades eclesiásticas.

Esta cidade passou a acumular mantimentos, febrilmente. Com a reunião de todos os homens válidos, conseguiram-se aqui, perto de mil e seiscentos portugueses.

Afinal, em dezembro, o Haidalcão cercou a cidade. Seu exército foi calculado em 100 mil homens, 35 mil cavalos, mais de 2 mil elefantes e muita artilharia.

No pôrto, havia 4 caravelas prontas a levar para Portugal carga e mantimentos. Os marujos (400) se ofereceram para ajudar na luta contra os invasores e Ataíde se recusou a aceitá-los, dizendo que não podia contribuir para agravar a situação econômica de Portugal.

Goa resistiu até agosto último, causando enormes baixas entre os atacantes.

Ao ver o Haidalcão retirar-se, o governador exclamou, junto

a nós, referindo-se aos muros que cercam a cidade e a tornaram inexpugnável:

— «Muro, não te fez Dom Antão, mas Santo Antão!»

## CONTRA O CURRAL

Simultaneamente à ofensiva em Goa, tropas (perto de 100 mil soldados) do Nizamalucco fecharam o anel em torno de Chaul. Para o rei atacante, a cidade não passava de um curral e um seu auxiliar, Fratacão, dada a inutilidade do ataque, observou-lhe:

— «É um curral, mas está cheio de leões!»

Chaul resistiu como Goa, e os sitiados desistiram de ocupá-la.

Em junho deste ano, quando o Nizamalucco e o Haidalcão se preparavam para suspender o cerco àquelas cidades, o Samorim de Calicut, com 100 mil homens, sitiou a praça estratégica de Chalé.

Em seu interior, pouco mais de 80 soldados, sob o comando de um homem de 80 anos, Jorge de Castro, barraram-lhe a investida inicial. Mas a cidade parecia perdida. Chegara um auxílio sob o comando de Francisco de Sousa, que não pudera passar pelo cinturão das tropas do Samorim. O próprio Sousa resolveu a situação: com barris de pólvora abriu brecha entre o inimigo e chegou ao interior da fortaleza. Chalé manteve-se graças a seu heroísmo.

## HERÓI DEIXA GOVERNO

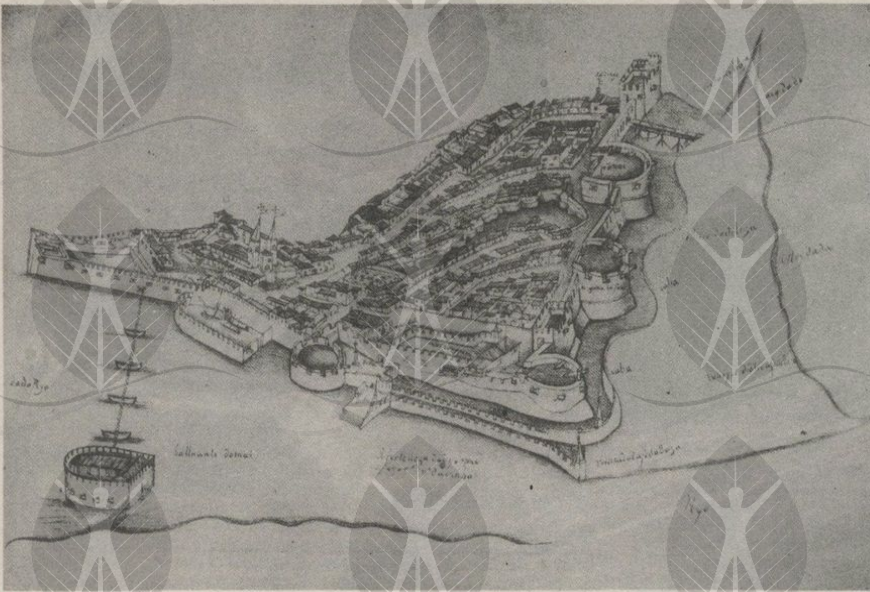
Goa, dezembro, 1571 — O governador Luís de Sousa, vencedor da coligação de reis asiáticos contra o domínio português, findo seu período governativo partiu para Portugal. Seu substituto será o sr. António de Noronha.

Antes de embarcar, um soldado mostrou-lhe uma bala que atingira, no auge do cerco de Goa, o peito do governador.

«Ficaré como lembrança», disse-lhe o soldado. Foi a que meu comandante mandou dar de presente ao arcebispo, em troca do prato de figos que êle lhe enviou e de que fui portador.»

Realmente, a troca de presentes entre o governador e o arcebispo ocorreu. Ao enviar a bala, observou Luís de Ataíde:

«Esta é a fruta com que a sorte me regala nos pomares da guerra.»



**GOA HERÓICA** — Esta é Goa, capital do império português na Índia e que acaba de dar ao mundo exemplo ímpar de heroísmo. Dentro de seus muros, pouco mais de milhar e meio de portugueses resistiram 10 meses às investidas de 100 mil soldados do Haidalcão Xaoxém. O invasor prometera, ao atacá-la, varrer os chãos da cidade com as próprias bandeiras de Portugal que por acaso encontrasse. Mas seus planos falharam redondamente. O governador da Índia, Luís de Ataíde, deu mostras de raro tino psicológico. Nosso correspondente, a seu respeito conta: Xaoxém, fanfarrão, assegurava a suas tropas que entraria em Goa num corcel branco. Para isso, mandou aterrar o passo fronteiro à ilha de João Lopes. Ataíde enviou-lhe um cavalo branco e pelo mensageiro o seguinte recado: «Fico a sua espera com as honras devidas a tão alto príncipe.»

## “Soldado-poeta” vai publicar grande poema

Lisboa, 1571

O poeta Luís de Camões, que ficou fora de sua pátria mais de vinte anos, regressando a Lisboa em 1569, trouxe consigo o manuscrito de um longo poema, em que narra, segundo declarou à reportagem de O BRASIL EM JORNAL, toda a epopéia de Vasco da Gama, e acaba de conseguir licença para publicá-lo, depois de alguma luta com a Santa Inquisição.

O poeta contou-nos que a maior parte do poema foi redigida em Macau, quando, de regresso de Goa, desfrutou da fase mais sossegada de toda sua jornada: era «Providor-mor dos defuntos e ausentes». E acrescentou:

— Mas o arcabouço já estava pronto, inclusive a redação iniciada, embora apenas uma pequena parte, quando do meu primeiro exílio, em Santarém. Deus sabe do esforço que fiz para salvar este manuscrito, quando, voltando a Goa, naufragamos nas costas da Cochinchina e dei à praia, a nado, conservando sempre o poema em uma das mãos que mantinha acima d'água. Todo este esforço, porque, no poema, pretendo perpetuar as glórias e as tradições da gente lusitana.

— É claro que andava apreensivo com a concessão ou não

da licença para publicação por parte do Santo Ofício. Agora que acabo de conseguir a licença, quero ver se o faço ainda este ano ou, no máximo, no ano que vem. Posso adiantar que já estou iniciando meus entendimentos com uma casa impressora».

A reportagem de O BRASIL EM JORNAL pode informar com segurança aos seus leitores, que o poeta está em negociações com a casa de António Gonçalves aqui mesmo, em Lisboa.

Antes de se despedir, Camões não quis deixar de agradecer, publicamente, os muitos favores que lhe prestou o seu amigo, D. Constantino de Bragança a quem deve o cargo que desempenhou em Macau, e, em grande parte, a oportunidade que teve de terminar o seu poema.

## A SITUAÇÃO NOS PAÍSES BAIXOS

Londres, 1571

O pirata Inglês John Hawkins prestou um grande serviço aos revoltosos dos Países Baixos, ao atacar uma frota espanhola que se dirigia para essa região e que conduzia todo o dinheiro para pagamento das tropas do duque de Alba.

Esse dinheiro agora servirá para liquidação das letras protestantes vendidas na França.

## ESTATUA

Países Baixos, 1571

O duque de Alba está mandando erigir em praça pública uma estátua que é um acinte à população. Será representada a figura dêle, esmagando sob os pés os rebeldes e restaurando a religião.

Soubemos, ainda sobre Alba, que o Papa Pio V declarou a amigos íntimos que o considera um novo Gedeão do cristianismo.

## AJUDA

Paris, 1571

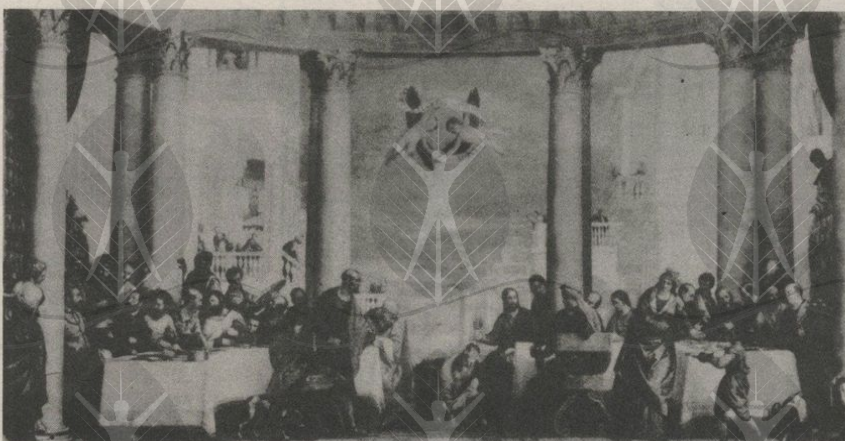
Deverá entrar em execução, breve, o plano de ajuda da França aos huguenotes dos Países Baixos. Essa ajuda consistirá no envio de tropas mercenárias mobilizadas por Coligny com o apoio do rei e de Catarina. Não se sabe até que ponto a regente levará o plano, já que é conhecido o seu temor à força militar de Filipe II.

## PINTURA

Um môço grego de nascença, de nome Domênico Theotocopoulos, mais conhecido nas rodas artísticas como o «Grego», está fazendo sucesso em Roma por seu extraordinário talento. Domênico nasceu em Cândia e dizem que em Veneza foi aluno de Ticiano.

★

Ticiano recebeu uma encomenda do govêrno espanhol: pintar uma alegoria sobre a vitória dos aliados católicos contra os turcos em Lepanto.



Veronese pintou para o refetório do convento de São Sebastião a «Refeição na Casa de Simão, o Leproso». Trata-se de um quadro com a mesma e bela marca de quem tem o dom da cenografia e é autor das «Bodas de Caná».



## Prêmio para o autor de "Os Lusíadas"

Lisboa, 23 de julho de 1572 (Urgente) — O rei d. Sebastião acaba de assinar alvará concedendo a Luis de Camões a pensão anual de 15 mil réis, por três anos, com possibilidade de vir a ser renovada após o seu término.

Este é o primeiro reconhecimento que o poeta recebe pela publicação de sua obra «Os Lusíadas», que, com justa razão, começa a ser tida como «poema da nacionalidade».

O livro foi impresso aqui mesmo em Lisboa, em casa do impressor Antônio Gonçalves, conforme adiantamos com exclusividade em nosso número anterior. E hoje, na página 2, pela primeira vez na imprensa mundial, publicamos o resumo do poema.

## Bolonhês de 70 anos é o novo papa: Gregório

Roma, dezembro de 1572 (Sucursal) — Um novo papa ocupa o trono de São Pedro: Gregório XIII, antigo cardeal Ugo Buoncompagno, eleito após a morte, em maio deste ano, de Pio V, o Papa da vitória de Lepanto.

Velho bolonhês de 70 anos, o novo Papa é em muito diferente do seu antecessor, de cuja linha, parece, não será seguidor. Gregório XIII já foi casado e teve um filho, é de natureza alegre e ama a vida, tendo prosperado, antes do sacerdócio, como jurista. As maneiras muito severas o desagradam — ele não é um rigorista.

Espera-se que siga a mesma linha de Paulo IV.

Roma, dezembro (Urgente) — As últimas informações do Vaticano dão conta de que foram demitidos todos os auxiliares do antecessor de Gregório XIII e repostos em seus lugares os ministros do antigo Papa Paulo IV. (Leia, na página 3, detalhadas informações sobre a vida de Pio V).

## Sardinha não lê nem escreve, mas é hábil vereador

São Paulo, 1572 (Correspondente) — Afonso Sardinha vende marmelada, empresta dinheiro a juros, tem fazendas de gado e trapiches de açúcar e é vereador desta cidade.

Seus companheiros da Câmara o consideram muito jeitoso, pois, havendo aqui dois grupos — o dos jesuítas e o dos colonos — Sardinha não pertence a nenhum. Antigo morador da região, está sempre com quem triunfa e disposto a bandejar-se para os que podem triunfar no futuro.

Recentemente, ao assinar um termo na Câmara, ganhou um novo qualificativo: despistador.

Motivo: ao pegar a pena para assinar o nome, ele o fez com toda solenidade — e riscou no papel uma cruz.

Sardinha é também analfabeto.

# Noite sangrenta em Paris: S. Bartolomeu



Paris, 24 de agosto de 1572 (Sucursal) — Com o repicar dos sinos de Saint Germain l'Auxerrois, à 1,30 da madrugada de hoje, teve início uma caçada humana que conflagrou Paris. Mata-se em nome do rei. E as vítimas são os representantes do Partido Huguenote, poderosa agremiação chefiada pelo almirante Coligny, cujo cadáver, decapitado, está sendo arrastado pelas ruas. O almirante foi morto em seu quarto de dormir,

por soldados comandados pelo Senhor de Besme (a serviço do Duque de Guise). Henrique de Navarra, cunhado do rei e casado com a princesa Margarida, está são e salvo no Louvre, apesar de ser um dos principais chefes huguenotes. Na gravura acima, uma montagem de nosso correspondente François Dubosi, vemos cenas de ruas e o instante em que o corpo de Coligny, em primeiro plano, era atirado pela janela de sua casa. (Completo noticiário na página 8)



40 mil florins por um trono

## Rei francês no trono polonês: Henrique Valois

Varsóvia, dezembro, 1573 — Henrique de Valois, irmão do rei de França, será coroado em breve rei da Polônia, para cujo trono — vago há mais de um ano com a morte de Segismundo Augusto — foi eleito recentemente.

Sabe-se aqui que Henrique já partiu de Paris. Sua eleição foi condicionada aos seguintes compromissos: aliança perpétua entre Polônia e França; contribuição de 40 mil florins para saldar as dívidas de Segismundo e atender às necessidades do país; respeito às liberdades e privilégios do povo.

Na Polônia a coroa é atribuída por eleição — e os Jagellons ultimamente eram candidatos natos, tendo sempre um deles no trono. Mas Segismundo, que morreu no ano passado com 24 anos, não deixou herdeiros.

## Jesuítas têm novo chefe

Roma, dezembro, 1573 (Sucursal) — O belga Everardo Mercuriano, candidato do papa Gregório XIII, foi eleito responsável pela Companhia de Jesus, contrariando as previsões feitas após a morte de Francisco de Borja, a 30 de setembro do ano passado, que tinham como certa a eleição do espanhol Polanco. O Papa justificou sua indicação com a seguinte frase: «é justo que escolhais agora um religioso de outra nação». A gravura que reproduzimos ao lado mostra uma das mais importantes cenas da vida de Francisco de Borja: a sua conversão diante do cadáver da imperatriz Isabel, mulher de Carlos V. (Leia na página 2)



## o Brasil em Jornal

1572/73 N.º 27

"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"

Preço único Cr\$ 15,00

## Brasil tem agora dois governos: Norte e Sul

Evora, 10 de dezembro de 1572 (Urgente) — A partir de hoje, por decisão do rei d. Sebastião, o Brasil está dividido em dois Estados, com dois governos distintos:

1. Norte — capital Salvador — de Ilhéus para cima;
2. Sul — capital Rio de Janeiro — do Espírito Santo até Santa Catarina.

No mesmo ato de divisão territorial, o monarca nomeou governador para a região Norte o sr. Luis de Brito (Leia, na página 3, detalhes sobre o assunto).

# Poeta-soldado canta glória de Portugal: "Os Lusíadas"

Com um poema de dez cantos, 1102 estrofes e 8816 decassílabos, Luís Vaz de Camões, o poeta-soldado, deixa, a partir deste ano, gravados para a eternidade os feitos e glórias daqueles portugueses «que por obras valerosas/Se vão da lei da morte libertando».

Camões escolheu para sua epopéia o título de «Os Lusíadas» (descendentes de Luso: portugueses), por analogia com a «Eneida» de Virgílio e a «Íliada» e a «Odisséia» de Homero, obras que influenciaram o poeta português.

O argumento principal dos Lusíadas é a viagem de Vasco da Gama à Índia — a primeira feita pelo Cabo da Boa Esperança, e que deu aos reis de Portugal o vasto Império do Oriente. A epopéia conta, também, por intermédio do Gama, a história de Portugal, desde sua origem até nossos dias.

## SANTO OFÍCIO SURPREENDEU

A decisão do Santo Ofício de permitir a publicação do poema completo causou surpresa, já que a presença de divindades pagãs no poema é constante, dominando os cantos V (episódio do Adamastor) e IX (a Ilha dos Amores). Este redator ousa, no entanto, dar uma explicação: como os mitos entram no poema como ornato literário, como recurso artístico, não faltou ao Santo Ofício sensibilidade para compreender que a Arte e a Beleza tudo superam.

## A D. SEBASTIÃO

Camões começa seu poema por uma proposição, onde diz que «Cantando espalharei por toda parte, / Se a tanto me ajudar engenho e arte», todos os feitos dos portugueses. Em seguida invoca as musas do Tejo (as Tágides) e depois dedica o livro a D. Sebastião: «E vós, ó bem nascida segurança/ Da lusitana antiga liberdade».

Só depois disto, já na estrofe 19, começa a narrativa da viagem. A armada de Vasco da Gama está depois do Cabo da Boa Esperança e durante este canto atravessa o Oceano Índico e chega a Mombaca. O canto termina com uma das mais belas estrofes do livro.

## VASCO CONTA HISTÓRIA

No canto II a armada parte de Mombaca e viaja até Melinde, onde o rei pede a Vasco da Gama para lhe contar a história de seu povo. Gama começa a contar, no canto III, a história de Portugal, desde D. Henrique, que recebeu o condado como dote da mulher, e seu filho D. Afonso Henriques, indo até D. Fernando, o grande amoroso.

A história dos portugueses continua a ser contada no canto IV, que começa mostrando a delicada situação em que ficou o reino, «depois que o rei Fernando faleceu». A história chega até D. Manuel, com a partida da armada de Vasco da Gama para o caminho das Índias.

O canto termina com a aparição de um velho na praia do Restelo, o qual «Cum saber só de experiências feito», que advertiu os que vão partir contra «vã cobiça desta validade a quem chamamos fama!»

## O ADAMASTOR

O episódio do gigante Adamastor, que ocupa quase todo o canto V, é, na opinião deste redator, o mais impressionante do poema. A armada parte da foz do Tejo e passa pela Ilha da Madeira, costa de Barbaria, Azenegues, Senegal, Cabo Verde, Ilha de São Tiago, Jalofo, Mandinga, Dorcaes, Serra Leoa, Cabo das Palmas, São Tomé e Congo e Rio Zaire, atingindo finalmente o Cabo das Tormentas, onde aparece o Adamastor.

Este gigante, que ameaça o capitão e sua armada com a tempestade, é o símbolo dos grandes perigos que ameaçaram durante toda a História os navegantes que ousaram atravessar aquele cabo. O gigante é descrito com grande realismo e em certo momento de suas ameaças é ousadamente interrompido por Vasco da Gama, que com uma pergunta mostra toda a sua excepcional coragem: «Quem és tu?»

## A IRA DE BACO

Acabada a narrativa do Gama, os portugueses se despedem de Melinde, em meio a grandes festejos que o rei lhes prepara. Recomeça a viagem e vem o episódio da ira de Baco, a descrição dos palácios de Netuno. Baco vem de visita a Netuno e o excita contra a armada. Um corcillo dos deuses é então convocado e nele Baco faz um dos melhores discursos do poema, pois teme o perigo que representa para ele e outros deuses, a coragem dos portugueses. Enquanto o corcillo se reúne, surge Fernão Veloso, personagem histórico que se jactava de valente, para contar o episódio dos Doze de Inglaterra. Novamente tempestade e tormenta. Oração de Vasco da Gama. Continua tempestade. Vênus intervém.

Vênus prepara uma ilha encantada para a armada, em alto mar, com auxílio das ninfas. Os navegantes avistam a ilha, que é descrita nas estrofes 54 a 63; é a Ilha dos Amores. Os navegadores desembarcam. Tétis fala com Vasco da Gama e o canto termina com a alegoria da ilha, que é a terra da promessa, dada como recompensa apenas aqueles que tomaram parte em proezas individuais.

## QUEIXAS DO POETA

Ainda na Ilha dos Amores, Tétis oferece um banquete ao Gama. Uma ninfa, com canto melancólico, faz um vaticínio. Nos cantos 8 e 9, há uma invocação do poeta, pedindo para que a inclita soberana da inspiração não o deixe, antes que realize o engrandecimento que deseja para a Pátria. A ninfa continua seu vaticínio: elogia heróis da Índia, depois de censurar uma crueldade de Afonso de Albuquerque. Tétis também faz uma previsão, dirigindo-se ao Gama. Terminadas suas descrições, Tétis despe-se do Gama, que volta com sua armada para Portugal. Queixas do poeta. O poema termina com exortações a D. Sebastião.

## O ROTEIRO GEOGRÁFICO

Pelo resumo do poema, os leitores podem ver a rota de Vasco da Gama. A reprodução, em carta geográfica, mostra, em visão panorâmica, os caminhos marítimos desbravados pelo grande capitão. No poema, utilizando-se de uma forma de narrativa típica das epopéias, Camões já começa a narrativa com a armada em Mombaca, na África Oriental, perto de Melinde (canto I).

No canto II, Vasco da Gama vai de Mombaca a Melinde. No III e IV cantos o capitão ainda está em Melinde, narrando a História portuguesa ao rei do lugar. Canto V continua em Me-

Amanhece. Chegam a Calecute e o Gama agradece a Deus. O canto termina com o poeta celebrando o valor do esforço e condenação dos deleites.

## EM CALECUTE

A armada chega, no canto VII, a Calecute, a cujo rei o Gama manda uma mensagem. O mensageiro encontra Moncaide, que vai até às naus. Descreve o Malabar. Vasco da Gama visita o rei e depois a narração de Paulo e apela para as musas, expondo o desalento que lhe vai naima. É uma das mais belas passagens líricas, neste poema épico.

## GAMA PRESO

No canto VIII, Paulo retoma a narrativa ao Catural e, terminada esta, o visitante se retira. Há então os vaticínios dos Arspúries, as intrigas de Baco e a reunião dos sectários de Maomé. O poeta dá conselhos aos chefes. Vasco da Gama ouve a fala desabrada



V el Rey faço saber aos que este Aluara viem que eu ey por bem & me praz dar licença a Luis de Camoés pera que possa fazer imprimir nesta cidade de Lisboa, lida obra em Oitava rima chamada Os Lusíadas, que contém dez cantos perfeitos, na qual por ordem poetica em versos fe declaram os principais feitos dos Portugueses nas partes da India depois que se descobrio a nauagação pera ellas por mádad del Rey dom Manoel meu visão que he tanta gloria aja, & isto com privilegio pera que em tempo de dez anos que se começaro dia que fe a dita obra acabar de empremir em diate, fe não possa imprimir ne vender em meus reinos & fenhorios nem trazer a elles de fora, nem leuar as ditas partes da India pera fe vender sem licença do dito Luis de Camoés ou da pessoa que pera isso seu poder tiver, sob pena de que o contrario fizer pagar cinquenta cruzados & perder os volumes que imprimir, ou vender, a metade pera o dito Luis de Camoés, & a outra metade pera quem os acular. E antes de fe a dita obra vender lhe fera posto o preço na mesa do despacho dos meus Desembargadores do paço, o qual fe declarará & porá impresso na primeira folha da dita obra perzer a todos notorio, & antes de se imprimir sera vista & examinada na mesa do conselho geral do fante officio da Inquição pera có sua licença fe auer de imprimir, & fe o dito Luis de Camoés tiver acrescentados mais alguns Cantos, tambem fe imprimirão auendo pera isso licença do fante officio, como acima he dito. E este meu Aluara fe imprimirá outrofo no principio da dita obra, o qual ey por bem que valha & tenha força & vigor, como fe folle carta feita em meu nome por mim assignada & passada por minha Chancellaria sem embargo da Ordeção do segundo liuro, rit.xx. que diz que as coulas cujo effeito ouuer de durar mais que hum ano palem per cartas, & passando por aluaras não valhão. Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa, a .xxiiij. de Setembro, de M.D. LXXI. Jorge da Costa o fiz escrever.

**ORDEM DO REI** — O fac-símile da ordem dada por El-Rei para a publicação do monumental poema de Luís de Camões. A ordem é datada de 24 de setembro do ano passado, quando, num grande furo, nós já havíamos adiantado que ela estava em andamento.

do rei dos mulçumanos, responde-lhes e é preso.

O capitão escreve, então, a Paulo pedindo-lhe para mandar fazendas para o resgate. Dois felleiros trazem o pedido e o poeta termina o canto falando dos terríveis efeitos da sede do ouro.

## A ILHA DOS AMORES

Os dois felleiros são presos. Há projetos tenebrosos dos mulçumanos, que querem destruir a armada lusitana. O Moncaide, entretanto, inspirado por Deus, alerta o Gama e a armada levanta ferros. O soberano envia satisfações ao Capitão, em desagravo das ciladas. Vasco acolhe com mais alegria os felleiros do que as satisfações do rei.

linda e começa a narrar a viagem desde seu início, na praia do Restelo, na foz do Tejo, em Lisboa, até o ponto em que se encontra. Ai tomamos conhecimento dos pontos tocados pelo navegante, com importância maior para o Cabo das Tormentas, onde há o episódio do gigante Adamastor.

No canto VI, a viagem prossegue e vai de Melinde a Calecute. No VII e VIII cantos continua em Calecute. Começa a regressar no canto IX, e pára na Ilha dos Amores, ponto imaginário, mas que podemos localizar já na parte ocidental da África, pouco acima do Cabo das Tormentas. No canto X, é o regresso, da Ilha dos Amores até Lisboa.



IMAGENS DE PORTUGAL — Deste modo os pintores viram (imaginaram) o que Camões escreveu sobre Inês de Castro

## Borja morreu depois de organizar Cruzada

Roma, 30, setembro, 1572 (Sucursal) — Depois da viagem que empreendeu no ano passado à Espanha para organizar uma cruzada contra os turcos (e em parte por causa dela), morreu hoje nesta cidade o terceiro Geral da Companhia de Jesus, Francisco de Borja.

Borja era de ilustre ascendência aragonesa, filho de d. Juan de Borja e de dona Juana de Aragón. Nasceu em Gândia, a 28 de outubro de 1510. Em 1530 casou-se com D. Leonor de Castro, nobre dama portuguesa e no mesmo ano, Carlos V nomeou-o marquês de Lombay. Nos cargos públicos que desempenhou, como na vida privada, foi sempre exemplo de dedicação e zelo.

Como Geral, Borja seguiu as diretrizes da Inácio de Loyola e do segundo Geral Diego Lainez. Nos primeiros anos de Companhia esteve em Guipúzcoa, Lisboa e Valência. Em 1555, Loyola o nomeou Comissário da Companhia na Espanha e nas Índias. Em 1560, apesar dos duros ataques que sofreu, chegando a ser acusado até de heresia, empenhou-se a fundo na propagação da Ordem pelas possessões espanholas, conseguindo grande êxito nesta tarefa.

## CONVERSÃO INESPERADA

A vocação de Francisco de Borja se revelou de maneira

inesperada, quando era vice-rei da Catalunha e tinha 28 anos. Fora, então, por sua condição, designado delegado real para acompanhar o corpo da imperatriz Isabel até Granada. Mas só 17 dias depois da morte, que ocorreu a 16 de maio de 1539, o corpo da mulher de Carlos V chegou aquela cidade. No momento em que era aberto o caixão, diante dos representantes do clero, Francisco olhou o corpo, abraçou-se com um amigo e recostou a cabeça sobre o seu ombro. Uma profunda crise de espírito tomou, então, conta dele.

Mas só em 1546, ano da morte de sua mulher, foi que ele se decidiu a entrar para a vida monacal. No dia 2 de junho do mesmo ano prestou votos na Companhia de Jesus e a 16 de fevereiro de 1548 fez solene profissão religiosa, ainda que com a faculdade de permanecer na vida secular até resolver seus assuntos pessoais.

A 11 de maio de 1551, depois de um período de profundos estudos de teologia, renunciou seus títulos temporais e no dia 23 do mesmo mês, o ex-duque de Gândia recebia as ordens sagradas.

## Morte da rainha provoca boatos na Côte: França

Paris, maio de 1572 (Correspondente) — Exalando mais perfume do que no comum das vezes, a mão da rainha de Navarra, Joana d'Albret, não mais fará gestos de respeito, carinho ou de simpatia.

Crime ou não, o fato é que a rainha de Navarra usou luvas perfumadas e o perfume foi adquirido na perfumaria de Renato, amigo da rainha Catarina e morador na ponte de São Miguel. Joana d'Albret viera a Paris para assistir ao casamento de seu filho Henrique (huguenote) com a princesa Margot (filha de Catarina de Médicis e irmã do rei Carlos IX, católico).

A morte da rainha de Navarra não impedirá nem adiará o casamento.



JOANA D'ALBRET

★ O redator especializado de O BRASIL EM JORNAL, o primeiro jornalista do mundo a ler «Os Lusíadas», durante mais de um mês foi dispensado de suas funções aqui no jornal para estudar o poema de Camões.

Entre as observações feitas, duas merecem destaque pela curiosidade: ele constatou que há na epopéia dois versos integralmente repetidos: «Mas não lhe sucedeu como cuidava» (que aparece no canto I, estrofe 44, verso 8; e no canto II, estrofe 70, verso 4) e «Segundo estava mal apercebido» (Canto III, estrofe 35, verso 8, e canto IX, estrofe 7, verso 8).

A outra curiosidade: o verso 8, da estrofe 78, do canto IX — «Tra la spiga e la man, qual muro messo — é do soneto 43 de Petrarca e é uma espécie de provérbio para indicar uma dificuldade que surge quando está prestes a realizar-se o que se pretende e se espera.

★ Jacques Amyot, o religioso que adquiriu erudição imensa na juventude, quando fez seus estudos no Colégio do cardeal Lemoine, e depois foi professor na Universidade de Bourges, lançou em 1572 mais um livro: «As obras morais». O grande tradutor dos clássicos gregos e latinos deverá obter outro sucesso com esta publicação.

★ Ferrara, 1572 — Novamente nesta cidade, onde se encontra a serviço do duque Afonso II, o poeta Torquato Tasso, acaba de lançar «Amin-ta», uma espécie de moralidade pastoral, em sonetos, cânticos e madrigais.

★ Teresa de Jesus, priora do monastério da Encarnação, está escrevendo, por ordem de seu confessor, a narrativa de suas «Fundações».



★ Ferrara, 1573 — As letras estão de luto. Morreu nesta cidade o filósofo, médico e escritor italiano Cinzio Giambattista, autor de novelas cheias de imaginação, onde ele conciliou o seu espírito de classicismo com as regras morais. Por outro lado escreveu algumas tragédias, imitando Sêneca, que chegaram a suscitar espanto. No poema «Hércules» deu um papel moralizador ao herói grego. Cintio tinha 69 anos.

★ Gênova, 1573 — Depois da noite de São Bartolomeu, o primeiro escritor que trata do assunto perseguição religiosa é o professor François Hotman, refugiado francês que leciona Direito Romano nesta cidade. O seu livro («Franco-Gallia») é uma diatribe contra o espírito dos legisladores que favorecem os extravasamentos do poder real e a repressão despótica às heresias.

★ Heidelberg, 1572 — Apesar de incrédulo em matéria de alquimia, o autor de um livro recém-aparecido nesta cidade, sr. Tomás Erastus, confessa acreditar firmemente em feitiçaria. O título do livro é «Explicação» e nele há uma severa crítica ao doutor João Wier, que havia escrito que as feitiçadeiras são mulheres de cérebro desarranjado.

★ O humanista impressor e filólogo francês Henri Estienne continua em intenso trabalho. Publicou em 1572 as obras completas de Plutarco e, neste ano de 1573, um «Tesouro da Língua Grega», calcado sobre o «Tesouro da Língua Latina» que seu pai publicara.

Além disso, colocou em versão, num trabalho muito interessante, «As Máximas Gregas e Latinas Sobre a Moral».

# Brasil tem agora dois governos: Norte e Sul

## Morreu Men de Sá

Évora, 10 de dezembro de 1572 (Urgente) — Os motivos que levaram o rei d. Sebastião a dividir o Brasil em dois Estados são, entre outros:

1. Tamanho da Colônia;
2. Necessidade de povoamento;
3. Facilidade de conversão dos índios;
4. Justiça mais rápida.

No ato de divisão territorial, o monarca nomeou governador para a região Norte o sr. Luís de Brito. Não se revelou ainda quem será designado para a capitania sulina.

Na chancelaria real deu-se ao decreto de divisão do Brasil extraordinária importância. Logo após sua assinatura um funcionário credenciado declarou que agora ia ser mais fácil administrar o país, ainda tão mal povoado e fazê-lo progredir rapidamente.

### GOVERNARA O NORTE

Évora, 11 de dezembro de 1572 (Urgente) — O governador da província Norte do Brasil, ontem nomeado pelo rei d. Sebastião, é Luís de Brito Almeida, antigo escrivão da Misericórdia de Lisboa.

Ao que se informa, Brito deveu sua nomeação à maneira eficiente com que agiu na Misericórdia, durante a última grande epidemia de Lisboa: como os provedores e irmãos desampararam os enfermos, por meio de contágio, Brito pessoalmente assistiu a muita gente em péssimo estado de saúde.

O novo governador informou extra-oficialmente que embarcará para o Brasil no princípio do próximo ano.

### GOVERNADOR PARA O SUL

Olinda, 30 de abril de 1573 (Urgente) — A província Sul do Brasil já tem governador: Antônio Salema, desembargador, que recebeu a notícia de sua nomeação nesta cidade, onde se encontra a serviço.

Salama é português de nascimento. Veio nomeado há três anos, com o ordenado de 300 mil réis.

Procurado pela reportagem, negou-se a fazer qualquer pronunciamento com referência à sua nomeação, limitando-se a informar que embarcará imediatamente com destino à Bahia, aonde deve chegar, em breve, o governador da província Norte, sr. Luís de Brito.

Ambos conferenciarão ali sobre os assuntos ligados à administração das províncias brasileiras, depois do que Sa-

lema embarcará para o Rio de Janeiro, a fim de assumir o seu cargo.

### IMPORTANTE CONFERENCIA

Salvador, dezembro de 1573 (Correspondente) — Para tratar de importantes assuntos li-

Última esmola de Pio V foi para a Liga

Roma, 1º de maio, 1572 (Sucursal) — O Papa responsável pela vitória de Lepanto e um dos maiores que a Igreja Católica teve neste século, morreu hoje, preocupado com a Liga de países que formou para vencer os turcos. A ela Pio V deu de esmola seu último dinheiro.

«Toma. Será bom para a Liga», disse, entregando ao camareiro uma pequena quantia de que dispunha.

Pio V morreu dentro do mais puro espírito de cristandade. Pressentindo a morte, visitou as sete igrejas, «para despedir-se de tão santos lugares» e beijou três vezes os últimos degraus da Escada Santa.

Entre as realizações de Pio V estão: a submissão — como nunca fora feita — das penínsulas ibérica e itálica à Igreja; o cumprimento das disposições do Concílio de Trento (todos os bispos tiveram que jurar a «profissão fidei»: resumo dos princípios dogmáticos do Concílio); e a divulgação do Catecismo Romano.

Pio V anulou, também, todos os brevírios que não emanavam diretamente da Santa Sé e que tinham uma tradição de 200 anos, e deu a conhecer um novo, concebido segundo os mais antigos preceitos da Igreja. Também não se esqueceu da publicação, para uso geral, de um missal novo, «segundo as normas e os ritos dos Santos Padres».

Durante o seu papado, os seminários se encheram, os conventos foram reformados e a Inquisição zelou com rigor implacável pela unidade e intangibilidade da Fé.

Por ocasião do ataque turco a Chipre, Pio V teve a idéia de trabalhar por uma aliança que incluía venezianos e espanhóis. Quando esta aliança se consumou, ele levantou as mãos para o céu e prometeu, como o fez, dedicar todos os seus momentos à empresa, para acabar com o poderio dos turcos.

gados à administração pública, acham-se reunidos nesta cidade os dois governadores do Brasil, Luís de Brito e Antônio Salema.

Do encontro participa também o novo ouvidor-geral do país, sr. Fernão da Silva.

Embora não se tenha informado com precisão o objetivo da entrevista, conseguimos apurar que se trata de legalizar a questão da escravidão negra e de índios no Brasil.

Extra-oficialmente soube-se também que os governadores estariam dispostos a aplicar, muito atenuada, a legislação real sobre escravos.

Assigura-se também que irão encetar em conjunto ação militar contra os índios suble-vados.

## Nova estrela assusta e provoca revolução

Knudstrop (Dinamarca) 12 de novembro de 1572 (Urgente) — Provocando uma revolução na astronomia e fazendo um astrônomo perder o sono, apareceu ontem sobre esta cidade, em meio às milhões que já existem, uma nova estrela.

Batizada imediatamente de «Nova Stella» pelo astrônomo Tycho Brahe — que a descobriu a olho nu e acabou perdendo o sono — a nova estrela tornou ultrapassada a teoria de Aristóteles de que o universo é imutável.

O astrônomo viu a estrela pela primeira vez de local próximo ao seu observatório: ele acabava de sair e caminhava — como invariavelmente faz às noites — olhando para o céu, quando uma estrela o impressionou pelo seu brilho incomum e por estar localizada em local onde o astrônomo jamais havia observado qualquer outra.

### NAO É METEORO

Knudstrop, 15 de março de 1573 (Correspondente) — «Continuo observando diariamente e estudando com o maior interesse a estrela que surgiu há quatro meses e ainda não cessou de brilhar como nenhuma outra» — afirmou-nos esta manhã, em seu observatório, o astrônomo Tycho Brahe.

«Hoje posso concluir com segurança que a «Nova Estrela» não se encontra nem na região do Elemento, abaixo da Lua, nem entre as órbitas das sete estrelas errantes; está na oitava esfera, entre as outras estrelas fixas — e isto é o que nos cumpria observar.

«Segue-se daí que ela não é uma espécie particular de cometa, nem outra espécie de meteoro ígneo que se houvesse tornado visível» — acrescentou o astrônomo.

Salvador, 2, março, 1572 (Urgente) — Morreu o governador-geral do Brasil, sr. Men de Sá, que governou este país por 14 anos. A morte ocorreu às 10 horas, no paço da Câmara desta cidade.

Men de Sá estava bastante doente e aguardava, a qualquer momento, com grande ansiedade, a vinda impossível do sr. Luís de Vasconcelos, seu sucessor, nomeado há dois anos. Sem que o governador Men de Sá soubesse, Vasconcelos estava morto, vitimado pelos corsários franceses.

Seus íntimos contaram-nos hoje, quando toda a cidade chora sua morte, que Men de Sá, nos últimos tempos, não tirava os olhos do mar, por onde, dizia ele, havia de chegar seu substituto.

O ambiente na cidade é de consternação. O ilustre soldado deixa dois filhos em Portugal: Francisco e Filipa, a quem lega seus bens.

Seu sepultamento será no cruzeiro da igreja dos jesuítas de Salvador. Provisoriamente, assumirá o governo o ouvidor-geral Fernão da Silva.

### TEMOR E PREVISÕES

A estrela descoberta por Tycho Brahe tem causado pavor ao povo, que começou a fazer previsões; uma delas diz que, assim como os Reis Magos foram avisados por uma estrela do nascimento de Cristo, a «Nova» anuncia sua última vinda ao mundo e o seu próximo fim.

Enquanto isto, Brahe continua incansavelmente a estudar a estrela que poderá levá-lo a reformar a astronomia em todas as suas ramificações.

Essa reforma — e daí a grande importância da nova estrela, cujo aparecimento veio provar o erro de Aristóteles a respeito da imutabilidade do Universo — decorre do fato de Tycho ter demonstrado cabalmente que a estrela é mais distante do que a Lua e não participa dos movimentos planetários.

### UM LIVRO

O astrônomo Tycho Brahe, de espantosa sabedoria apesar de seus 26 anos de idade, contou-nos que tem quase pronto um estudo completo a respeito das observações que fez da «Nova Estrela».

O trabalho será publicado ainda este ano e expressa sua adesão às idéias de Copérnico, sobre as esferas cristalinas para os diferentes corpos celestes e sobre os cometas atmosféricos — tudo combinado com reflexões e inferências astrológicas.

Seu título: «De Nova Stella, anni 1572».

# Brasil: dois governos

O ato do governo da metrópole, dividindo o Brasil em dois governos, um no norte, o Estado do Maranhão, outro no sul, o Estado do Brasil propriamente dito, não nos parece que possa produzir úteis resultados. Apesar da vastidão do território compreendido entre o Grão Pará e o cabo da Santa Maria, com uma profundidade de sertão ainda ignorada, estamos convencidos de que um só comando melhor conservará a sua integridade, combaterá as ambições estrangeiras e imprimirá o cunho civilizador luso à sua colonização. Já tivemos amarga experiência do que seja a divisão dos poderes de governo no extinto regime das donatárias e vimos como a centralização das mesmas em um governo geral, desde o tempo de Tomé de Sousa, mudou completamente o rumo da administração e impôs obediência e ordem a toda a colônia.

O maior argumento dos que aconselharam a El Rei o novo plano é o das comunicações com a capital do Reino. De fato, as correntes marinhas e os ventos facilitam a vinda dos navios na rota de sul-sudeste, aprofundando-se sobre o cabo de São Roque ou o de Santo Agostinho e descendo a costa até o cabo Frio, com a volta facilitada pelo mar largo e as correntes africanas. Enquanto isso, muito difíceis se tornam as comunicações e transportes da Bahia para o norte, a contrário do mar e do vento, bem como do norte para a Bahia, levando nessa viagem uma embarcação o duplo do tempo tomado pela travessia de Lisboa ao Brasil. Todavia, ir da costa septentrional brasileira a Portugal e de Portugal vir para a mesma oferece facilidade idêntica à que se encontra nas viagens para o sul do cabo de São Roque.

Este alegado é, na verdade, de peso, se a manutenção do Brasil se cifrasse tão-somente numa questão de transportes; porém ela se apresenta muito complexa, dependendo de fatores e circunstâncias os mais diversos. Ademais, não poderá prevalecer essa questão das comunicações, quando sabemos que a posse da terra pelos lusos, ao norte da Bahia, tem como limite de fato a capitania de Pernambuco, que malograram as tentativas de colonização do Maranhão e, por conseguinte, não há ainda núcleos de população nossa entre a foz do Grão Pará e a embocadura do Paraíba. Que vai fazer nesse deserto, pergunta-se, o governo do Estado do Maranhão? Onde se estabelecerá a sua sede? Que vila ou cidade se fundará para isso, como se fez com a cidade do Salvador?

Os defensores da idéia têm de replicar que por isso mesmo é que se deve ali colocar um governo, subtraindo aquela vastidão ao da Bahia, a fim de acudir-lhe com povoamento e cristianização. Responderemos que não nos parece ainda chegada a oportunidade para se atender dessa maneira o problema, onerando a fazenda real com a armação dum novo quadro governamental, quando melhor seria empregar essas quantias na exploração daquelas terras devolutas por onde andam os franceses à cata de formar um quisto, como o que foi extirpado da Guanabara. São quase desconhecidas e já vão gozar as prerrogativas de Estado!

Temos certeza de que semelhante medida soçobrará em pouco tempo. As razões de ordem prática sobrelevam ao caso as de ordem teórica. Diante da inutilidade da criação do novo governo, a Metrópole voltará ao regime anterior do Governo Geral, o único aconselhável nesta fase da colonização portuguesa deste lado do Atlântico.

Veremos a quem o futuro dará razão. Todo reino dividido, rezam as Santas Escrituras, está destinado a perecer. Daí o preconizarmos sempre a união sob uma chefia só, no desejo que nos anima de que se forme nesta parte da América um grande Brasil português e católico.

## A MODA COMO ELA É

### CHAPÉU NEGRO DE FITINHAS

A última moda para mulheres em Paris é o chapéu de veludo, armado, guarnecido com pérolas e duas fitinhas da mesma cor (em geral, preto). O conjunto toma destaque sobre a gargantilha branca e dá a quem o usa um ar de distinção como as leitoras podem ver pela gravura.



Paris, 18 de agosto de 1572 (Especial para O BRASIL EM JORNAL) — Num pavilhão armado à porta da igreja de Notre Dame e com o cerimonial usado no casamento dos infantes de França, o cardeal de Bourbon casou hoje Margarida de Valois, filha do rei Henrique II e irmã do rei Carlos IX, com Henrique de Bourbon, rei de Navarra.

Com apenas 20 anos de idade, cabelos pretos, olhos voluptuosos e compridas pestanas, boca rubra e fina e um corpo elegante e flexível, Margarida é chamada a «pérola dos Valois». Além de bela, é uma das princesas mais instruídas do nosso tempo, falando correntemente, além da sua língua materna, o Grego e o Latim. Henrique de Navarra é um rapaz de 19 anos, tem os cabelos pretos muito curtos, as sobrancelhas espessas, o nariz recurvado e o bigode e a barba a despontar.

Comemorando o acontecimento, o rei Carlos IX ofereceu, à noite, no Louvre, um magnífico baile, a que compareceu a principal nobreza de França, assim como os embaixadores estrangeiros acreditados na Corte.

Paralelamente, circulam rumores de que o rei Carlos IX e a rainha Catarina promoveram o casamento apenas como motivo para obter a conciliação entre os poderosos partidos Católico e Huguenote. Sabe-se que o Papa Pio V desaprovou o casamento e que o rei Carlos teria dito, ao saber da oposição papal:

— «Se o Papa se fizer de tolo eu mesmo pegarei Margot pela mão e a levarei a casar com Henrique na Igreja Protestante.»

Carlos IX teve de vencer, também, a oposição da Margarida, com quem foi severo, chegando mesmo, segundo se propala, a castigá-la fisicamente.

Informa a crônica da corte, que assim já arranhou um jéto de manchar o traje nupcial da «pérola dos Valois», que Margarida tencionava casar-se com o duque Henrique de Guise, com quem há muito mantinha relações muito estreitas.

A rainha D. Catarina, avó do rei D. Sebastião, continua não acreditando que seu neto seja contra o casamento. Assim, pediu a Madrid que lhe remetam uma relação das princesas-casadoras. Entre elas está Maximiliana, filha do duque da Baviera. Mas a rainha prefere mesmo o casamento de Sebastião com a princesa Clara Eugênia, filha de Filipe II. Resposta deste: «a esquadra espanhola está à disposição de Portugal para conduzir a eleita até Lisboa. O rei deve mesmo casar-se para assegurar a linha sucessória. Quanto a Clara Eugênia, ainda é muito moça para casamentos.»

# Portugal auxiliará jesuítas com Índia

Lisboa, 11 de janeiro de 1573 — Os colégios e casas de jesuítas espalhados pelo mundo terão a especiaria de que precisam para manter-se.

Hoje, o rei de Portugal, D. Sebastião, ordenou que fossem concedidos a cada estabelecimento daquela ordem cerca de 30 arratéis dos vários produtos do império colonial português na Ásia.

Em seu decreto, D. Sebastião discrimina os colégios existentes no exterior.

Os números dos beneficiados sobem a 26, em 23 cidades. Roma, com três colégios, detém o recorde de estabelecimentos religiosos na Europa, mas é a única cidade italiana beneficiada.

O país que receberá mais ajuda em consequência da decisão real é a Alemanha, com

treze estabelecimentos. Em seguida, a França, com seis.

Uma fonte da chancelaria real informou que tal ajuda aos colégios jesuítas há muito estava nas cogitações de D. Sebastião. A propósito, recorreu as várias facilidades que o rei deu aos jesuítas em Portugal e no Brasil, para a criação de novos estabelecimentos de ensino.

— Posso recordar a concessão feita o ano passado ao colégio de jesuítas em Coimbra: mil e duzentos réis das rendas da Universidade.

E, concluindo:

— Por mais que dê aos jesuítas, D. Sebastião sempre lhes deverá: eles estão praticamente construindo um país na América do Sul, o Brasil, e isso não tem preço.



Diana de Poitiers no banho (detalhes de um quadro de Clouet)

# MORREU FRANÇOIS CLOUET

Paris, dezembro, 1572 — Morreu, este ano, ao completar 50 anos, o pintor François Clouet, que desde 1545 sucedeu a seu pai no duplo cargo de camareiro e pintor ordinário do rei.

Clouet pintava, com especialidade, graciosas miniaturas. Como desenhista, deixou «crayons» de encantadora delicadeza. Sua obra é imensa, embora o pintor assinasse apenas um pequeno número de telas. Mas todas elas estão bem marcadas por um estilo inconfundível, o estilo dos «Clouet», do qual François era o terceiro representante. Entre suas obras, destacam-se os retratos de Francisco I a cavalo; Henrique II; Carlos IX; Elizabeth de Valois e o médico Pierre Guthe.

Iustrando nossa seção de pintura, damos hoje um detalhe de um dos mais famosos quadros do pintor desaparecido, onde se vê a bellissima cabeça de Diana de Poitiers.

O BRASIL EM JORNAL  
R. México, 119, 12º and.  
grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807  
SEDE PRÓPRIA  
End. Teleg. REFORMA - Rio

• Direção  
AMARAL NETTO  
Assessoria  
GUSTAVO BARROSO  
JAYME COELHO  
• Redação  
CLAUDIO SOARES  
MARCOS DE CASTRO  
RUBEM DE AZEVEDO LIMA  
ZUENIR CARLOS VENTURA  
WALTER CUNTO  
• Paginação  
WALDYR FIGUEIREDO  
• Ilustração  
ADAIL  
• Revisão  
GABRIEL CHAVES DE MELO

• Diretor-Superintendente  
LUIZ PIETSCH JUNIOR  
• São Paulo  
AGENCIA POLANO  
Rua João Brícola, 32

• ASSINATURAS (ANUAIS)  
24 Nos. SIMPLS. Cr\$ 300,00  
24 Nos. AEREA. Cr\$ 350,00

# Alba fracassou: teve que voltar

Bruxelas, dezembro, 1573 (Do enviado especial de O BRASIL EM JORNAL) — Repetindo que «preferiria perder os Países Baixos a mantê-los com outra religião que não a católica», Filipe II acaba de ordenar a volta à Espanha do duque de Alba, já que ele não conseguiu afogar, apesar do sangue que fez correr, a rebelião dos «mendigos».

O duque, depois de sete anos de governo, deixa aqueles países totalmente arruinados economicamente, com o poder bancário de Amsterdam quase que anulado. O seu nome trará sempre a lembrança de uma época de ódio e terror.

A insurreição já parecia dominada, quando certas medidas econômicas exasperaram o povo. No dia 1º de abril do ano passado, os «mendigos» tomaram o estratégico porto de Den Briel, perto de Rotterdam, e passaram, assim, a dominar o mar. Em seguida, as províncias do norte (Zelândia, Holanda, Gueldres, Overissel e Utrecht) aderiram aos rebeldes e proclamaram seu chefe o príncipe de Orange.

## A TOMADA DE HAARLEM

Um dos episódios mais importantes desta fase de operações foi a tomada de Haarlem, a principal cidade rebelde. Amsterdam, por ser centro comercial, quis manter neutralidade e acabou sendo base estratégica de grande valor para Alba. De 12 de dezembro do ano passado a 17 de julho deste ano, Haarlem ficou sitiada pelas tropas espanholas. Cansados de tanta resistência, os espanhóis iam levantar o cerco quando o duque de Alba mandou a seu filho a seguinte mensagem:

«Se deixares o campo sem tomar a praça, deixarás de ser meu filho; se morreres no assédio, eu irei em pessoa substituir-te, apesar de estar de cama, doente; e se faltarmos nós dois, virá da Espanha tua mãe para fazer na guerra o que seu filho não teve coragem ou valor de fazer».

Haarlem foi tomada. Mas isto custou aos espanhóis doze mil baixas, entre mortos e feridos. Em compensação, dois mil rebeldes foram executados.

Os espanhóis marcharam então para o norte e cercaram a pequena cidade de Alkmar. Os revoltosos romperam os diques e abriram as comportas que defendiam o país das inundações. Na estratégica cidade Leyden, um cerco mais terrível, que já durara vários meses, foi rompido de igual maneira. As águas do Rhin foram postas em liberdade e, depois de algumas semanas, um vento favorável fez subir a maré o bastante para libertar a cidade.

## Vereadores trataram da república

Rio de Janeiro, 27, setembro, 1572 — Em sessão ordinária, estiveram reunidos hoje os vereadores desta cidade. Assunto em pauta: interesses da república.

Compareceram os vereadores Cristóvão Monteiro e Antônio Sampaio e o procurador do Conselho, Simão Barriga. Sessão calma, apesar da importância do tema em debate.

## Pai alcaide viaja e filho o substitui

Rio de Janeiro, 21, setembro, 1572 (Urgente) — O pai é alcaide, o filho é hábil e discreto; o primeiro vai à Europa e o segundo o substituirá — eis o que decidiram hoje os vereadores desta cidade, ao dar posse ao sr. Diogo Fernandes Pinto, filho do alcaide Francisco Fernandes Pinto.

O alcaide-titular vai a Lisboa para, como representante do povo carioca, solicitar providências das autoridades portuguesas a favor dos moradores no Rio.

Francisco Fernandes solicitou e obteve da Câmara de Vereadores que o filho o substituisse durante sua ausência. Diogo prestou juramento de bem cumprir suas missões e o alcaide-representante prometeu também desincumbir-se a contento da tarefa que lhe atribuíram os cariocas.

## Inglaterra matou seu último nobre

Londres, 2, junho, 1572 — Por ter conspirado com os agentes de Filipe II, Alba e o Papa, para colocar Maria Stuart no trono da Inglaterra, foi executado hoje o duque de Norfolk, o último representante da nobreza que sobreviveu à guerra das Duas Rosas e o mais nobre personagem da corte inglesa.

Norfolk estava preso desde o ano passado, quando foi descoberto o plano de rebelião que incluía a morte da rainha e o casamento do duque com Maria, logo que esta conseguisse do Papa o seu divórcio com Bothwell.

O quarto duque de Norfolk era filho de Henrique Howard e nasceu no dia 10 de março de 1536. Seu grande desejo era desempenhar na Inglaterra o mesmo papel dos Guise na França. Foi em 1554, quando morreu o seu avô, que o jovem Tomás herdou o título e a política de sua família.

Norfolk conheceu o cárcere entre 1569 e 1570 e logo depois de libertado entrou em contato com Filipe II e se colocou à frente dos conspiradores para derrubar Elizabeth. Pagou, assim, com a cabeça a dupla ousadia: sublevar-se contra o poder da coroa e converter-se em chefe — embora protestante — do partido católico inglês.



HAARLEM.  
Força e espada espanholas liquidaram dois mil rebeldes em Haarlem

## Não gostava de ver mulheres mandar: morreu

Edimburgo, 24, novembro, 1572 — As mulheres que detêm poder estão em paz: John Knox morreu hoje nesta cidade.

Ele era o maior adversário de todos os governos exercidos por mulheres e foi a alma de duas revoluções simultâneas na Escócia — uma de caráter religioso, a introdução do calvinismo; outra de caráter político, o triunfo da nobreza dos clãs sobre a monarquia.

Apesar das perseguições que sofreu e dos obstáculos que enfrentou, Knox conseguiu ver crescer sua Igreja, que em 1567 foi proclamada única no país. Foi neste ano, também, que ele voltou da Inglaterra, onde passou um ano, disposto a conseguir dos nobres a deposição de sua grande inimiga, Maria Stuart.

Dotado de poder persuasivo pouco comum e de um espírito fanático, John Knox foi durante grande parte dos seus quase 70 anos um incansável combatente. Mesmo os seus inimigos reconhecem o seu valor e, para se ter ideia de sua importância na vida pública de seu país e mesmo da Europa, basta consultar números anteriores de O BRASIL EM JORNAL, onde apareceu com grande freqüência.



Knox morreu; mulheres podem respirar

## Inquisição condena Veronese: papagaio

Veneza, 18, julho, 1573 (Urgente) — Por causa de um papagaio e de soldados alemães, pintados no quadro em que retrata a cena bíblica de Jesus na casa do levita Simão, o autor do maior quadro do mundo, Paulo Veronese, respondeu hoje a inquirido no Tribunal da Inquisição e foi condenado a raspar, dentro de três meses, tais figuras de sua tela (“Ceia na Casa de Simão”).

Após o julgamento, Veronese recebeu consagrada homenagem de dois artistas que o esperavam do lado de fora do tribunal, Ticiano e Sansovino: ambos o abraçaram à frente de todos. Para os dois, Veronese agiu no Tribunal como legítimo defensor da liberdade artística.

O quadro que deu origem ao processo fôra encomendado para o refeitório do convento dominicano de São João. Alguns personagens anacrônicos escandalizaram os juizes. Os soldados alemães, por exemplo. Os juizes indagaram a Veronese o porquê da presença deles, bem como a de um papagaio nas mãos de um bufão, lado a lado com Jesus Cristo.

Nós, pintores, tomamos a liberdade dos poetas e dos loucos. Os soldados alemães no quadro tinham uma finalidade: dar a entender que o dono da casa é rico. Quanto ao papagaio, é mero enfeite.

Outro personagem causou a curiosidade dos inquisidores: um criado, que, no quadro, tem o nariz ensanguentado.

— Que significa isso?, perguntaram ao pintor.

Nada. Apenas um criado que, por qualquer motivo, teve hemorragia nasal.

Os juizes quiseram saber se o quadro fôra encomendado com tais pormenores.

Não. Mas me deixaram liberdade para realizá-lo como me parecesse melhor. Porque era grande e nele cabiam muitas figuras, pus as que me agradavam.

Finalizando, passaram um pito no artista:

— Não sabe que em outros países, infestados de hereges, zombam das coisas da Igreja Católica por causa de tais pinturas frívolas ou sensuais?!

A esta altura, Veronese já se sentia condenado. Mas, ainda assim, respondeu que imitava os grandes artistas.

— Quem, por exemplo?, indagaram dele.

Miguel Ângelo. Na Capela Sistina ele pintou Nosso Senhor Jesus Cristo, Sua Santíssima Mãe, São João, São Pedro e toda a corte celestial inteiramente despidos.

## PAPAGAIO FICA

Veneza, 20, outubro, 1573 — Apesar de condenado em julho último a retirar de seu quadro «Ceia na Casa de Simão» o desenho de um papagaio e outras figuras que escandalizaram os juizes inquisidores, o pintor Veronese até agora não cumpriu a sentença.

Um amigo do grande artista informou-nos que Veronese seguirá a técnica de dar tempo ao tempo para ver como é que fica.

— Assim, disse-nos, o papagaio continuará. Até agora Veronese não foi incomodado pelos inquisidores, para mostrar que cumpriu a sentença.

## Morreu bispo do Brasil

Salvador, outubro, 1573 — Morreu o bispo D. Pedro Leitão. A suprema autoridade religiosa no Brasil, ao sentir-se mal, pediu que o deixassem morrer entre os jesuítas do colégio desta cidade.

Sua morte chocou profundamente todos os círculos sociais, dado o prestígio que desfrutava. Aos jesuítas deixou toda a sua biblioteca.

# Veneza perde Chipre e faz paz com turcos

Veneza, 4, abril, 1573 (Urgente) — *Veneza e Turquia acabam de assinar um tratado de paz. O doge anunciou, hoje, em audiência pública, que, ante a impossibilidade de continuar lutando contra Selim II, põe fim às hostilidades entre os dois países, embora deva pagar pela paz um preço muito elevado.*

*Em consequência do tratado, a República abandona a aliança contra os turcos. Nesse sentido foi dirigido um comunicado lacônico a seus antigos aliados, o rei Filipe II, da Espanha, e o papa Gregório XIII.*

Veneza, que combateu com tanto empenho em Lepanto, por causa da ilha de Chipre, e dali saiu vitoriosa, perde, a contar de hoje, todos os direitos à ilha e terá de pagar a Selim II 300 mil cequins de ouro.

O tratado vinha sendo negociado secretamente há 4 meses. Inicialmente, levado à Câmara de deputados, foi rejeitado. O Conselho dos Dez o aprovou, contudo, face às desinteligências entre venezianos e espanhóis.

## NUMISMÁTICA



Este medalhão admirável é obra de Germain Pilon, o grande escultor que também se vem notabilizando pelos trabalhos de cunharia e ourivesaria. Pilon já é considerado por muitos como superior ao seu próprio mestre, Jean Goujon, morto há dez anos. O trabalho traz a data da morte do ex-rei de França, mas foi executado algum tempo depois. Henrique está representado de semiperfil, segundo um desenho feito ainda durante sua vida. Fisionomia fina, aristocrática, enérgica. Note-se a elegância procurada na atitude e a fina pérola que pende da orelha do soberano.

## Anjos, galo e sino marcarão hora: Catedral

Estrasburgo, 1573 — Dois anjos tocando trombeta, o toque de um sino e o bater de asas de um galo que canta marcarão, de agora em diante, a hora certa nesta cidade.

Tais engrenagens fazem parte do relógio que acaba de ser montado na catedral de Estrasburgo. Todo o relógio é uma obra-prima de mecânica e consta de uma esfera móvel sobre a qual estão representados planetas e as constelações. O engenho completa sua rotação em 365 dias.

De ambos os lados e abaixo do mostrador estão várias figuras alegóricas que simbolizam as principais festas do ano e as solenidades da Igreja.

Outros mostradores distribuídos simetricamente na torre da igreja marcam os dias da semana, a data do mês, os signos do zodíaco, as fases da lua, o nascer e o pôr do sol. A cada hora, dois anjos tocam trombeta, o sino se faz ouvir e um galo bate asas e canta.

Guarda-se sigilo sobre o autor ou autores de tão impressionante trabalho. Já circulam inclusive algumas lendas sobre o relógio da catedral. Diz-se que foi o próprio Copérnico quem o planejou ou que o relojoeiro que o confeccionou foi cegado, após terminá-lo, para não poder fazer outra obra igual.

## MOTIVOS

Um porta-voz revelou-nos que a cessação de hostilidades teria sido decidida em meados de 1572. Naquela época, enquanto os venezianos, pretendendo tirar mais proveito da vitória em Lepanto, queriam perseguir os turcos em seus redutos, os espanhóis, alegando dificuldades e ameaças por parte da França e Inglaterra, mantiveram sua marinha em Messina.

Em setembro, os almirantes Colona e Foscarini, do Papado e de Veneza, tentaram uma ação de envolvimento contra a marinha turca, sob o comando de Luchali. Em outubro, afinal, a marinha espanhola juntou-se a seus aliados e tentou a repetição de Lepanto contra a base turca de Modon, aonde Luchali se abrigara.

No dia 8, face às dificuldades da luta, os sitiados abandonaram Modon. Os venezianos culpavam D. João de Áustria pelo insucesso do cerco.

Para a República, a falta de resultados concretos na luta teve consequências políticas desastrosas. Significava nada menos que os turcos não tinham perdido seu poderio no Mediterrâneo e estavam em condições de reivindicar a ilha de Chipre, o que de fato acaba de acontecer.

## BARBA CRESCEU

Um oficial do almirantado veneziano revelou-nos ainda que a esquadra turca está inteiramente recuperada do desastre de Lepanto.

Segundo ele, 5 meses depois daquela batalha, a marinha de Selim II já contava com 200 galeras novas e era outra vez temível.

O mesmo informante assegurou que Selim, mal soube do resultado de Lepanto, exclamou:

«Os cristãos raspam a barba do sultão, mas ela brotará outra vez e com mais força».

## JORNAL ECONÔMICO

William Cecil é o novo Lord Tesoureiro da Inglaterra. Podemos revelar em absoluta primeira mão os três principais pontos do seu programa: 1 — colocar as finanças do país em dia; 2 — fixar as indústrias novas, concedendo, se preciso, monopólio a particulares; 3 — importar artesãos e operários em geral dos países onde há perseguição religiosa.

A cidade de Manila, fundada há apenas dois anos nas Filipinas, pelos espanhóis, está se tornando importante ponto de intercâmbio entre as cidades orientais e o Ocidente. Ao que se informa, anualmente, perto de 50 juncos chineses ali chegam transportando sedas, porcelana, farinha de trigo e artigos da indústria metalúrgica.

Segundo os economistas, deu resultado a legislação inglesa que transforma em obrigatória a contribuição voluntária que os paroquianos dão para ajudar os mendigos e para acabar com a vadiagem.

Os próprios juizes foram encarregados da aplicação desse sistema de assistência pública de que não se conhece igual na Europa.

## ENSINO

Rio de Janeiro, 1573 — O padre José de Anchieta foi eleito reitor do colégio de jesuítas desta cidade, mas não será empossado. A informação é do provincial Inácio de Tolosa, que nos explicou:

“Anchieta é mais importante em São Vicente, onde no momento se encontra. Para o Rio virá o padre Brás Lourenço”.

Ordenou-se agora na Bahia que as férias escolares comecem no dia de Santa Luzia (13 de dezembro) acabando na festa da Purificação (2 de fevereiro). A reabertura das aulas ocorrerá a 4 de fevereiro, pois os dias 2 e 3 desse mês serão aproveitados para a distribuição de prêmios escolares.

Por falar nos cursos da Bahia, consta que estuda no colégio dos jesuítas de Salvador um indiozinho que foi salvo de ser morto por índios inimigos. Resgatado pelos padres, ele foi trazido para o colégio e assegura-se que seu aproveitamento é excepcional.

Começou na Bahia um curso de Artes, sob a direção do pa-

## Rei caminhou lado a lado com Governador

Lisboa, 1572 (Correspondente) — Através desta cidade embandeirada, lado a lado com o rei D. Sebastião e sob o mesmo pálio, caminhou o vencedor da Índia, D. Luis de Ataíde.

Ao saber da chegada do governador, o rei veio em pessoa recebê-lo no cais e fez questão de caminhar a seu lado, pelas ruas embandeiradas.

Lisboa toda aplaudiu D. Luis, que desfilou precedido de uma banda de clarins.

dre Gonçalo Leite. Os alunos são poucos. Simultaneamente, o curso de Teologia Especulativa iniciou-se com a leitura do Tratado de Incarnatione, pelo Provincial Inácio Tolosa.

Última fundação jesuíta neste ano de 1572: colégio em Gratz, na Europa central.

Frei Juan de la Cruz, o jovem carmelita espanhol que se vem dedicando a uma reforma em sua ordem, seguindo mais ou menos os passos de madre Teresa de Jesus e que já fundou uma nova ramificação, os Carmelitas Descalços, passou a ser, este ano, mestre de noviços, em Mancera.

## Esfarrapados portugueses salvam cidade

Málaga, novembro, 1572 (Correspondente) — Esta cidade ainda queima em alguns pontos. Tropas numerosíssimas do sultão de Achém cercaram-na, queimaram os bairros fora dos muros e quase a ocuparam.

Um lance de sorte salvou Málaga: o português Tristão Vaz da Veiga, que ia de viagem comercial para Sunda e aqui chegou inesperadamente, reuniu alguns esfarrapados soldados portugueses e defendeu a cidade heroicamente. Depois, com os barcos que conseguiu juntar, atacou a frota de Achém e a pôs em fuga.

## TAMBEM AMBOINO

Amboino, Molucas, 1573 — A cidade está cercada por guerreiros indígenas de Ternate. Sancho de Vasconcelos comanda a resistência aos invasores e não se sabe quanto tempo poderá manter-se sem socorros.

A importância estratégica de Amboino é extraordinária. Trata-se de um dos últimos pontos das Molucas ainda em poder dos portugueses.

## Com anarquia Ashikagas não existem mais

Japão, 1573 — Acabou-se na maior anarquia que varre todo o país a dinastia outrora poderosa da família Ashikaga.

O poder central do imperador era constantemente desobedecido e se exercia através de uma espécie de regente, o xogun. Ultimamente, os imperadores japoneses eram títeres nas mãos dos chefes das famílias Ashikagas. Agora, um levante liquidou a poderosa família. Não se têm dados. Ignora-se a situação no interior do país. Ao que parece, o imperador resolveu tomar em suas mãos a rédea do poder central.

# Mil e uma noites: um rei e 5 mil mulheres

*Índia, dezembro, 1573 (Correspondente)* — Do Gujate a Bengala, da costa do Mar de Omã ao delta do Rio Ganges, desta linha para cima até a longínqua Cachemira, a Índia só tem um chefe: um mçõ de 30 anos que possui 5 mil mulheres, não sabe ler, mas protege as letras e conhece de cor as mais belas poesias da literatura persa.

Seu nome é Acbar. Na Índia misteriosa, em qualquer idioma — desde o português adventício aos velhos dialetos malabares, não existe palavra de maior força persuasiva.

Se perguntarem ao homem da rua, na Índia, aonde ele vive, poderão não obter resposta. Carachi, Laari-Bandã, Patna, Cabul e Laore já terão visto a côr de suas tendas. Acbar é um rei bem mongólico, irrequieto, incansável.

Sua fama como administrador e homem de visão ampla já atravessou fronteiras. A lado de extraordinárias virtudes, tem uma dezena de pequenos e grandes vícios que o fazem humano.



## ACBAR VAI À CAÇA

As bandalheiras na Índia eram tantas, antes de Acbar, que até cavalos de funcionários do governo desapareciam como por encanto, após as diligências oficiais. Para evitar a continuação do abuso, o jovem rei Acbar (33 anos) determinou que todos os animais a serviço real tenham marcas apropriadas. No flagrante, exclusivo para O BRASIL EM JORNAL, o soberano aparece num desses cavalos à prova de roubo, seguindo para uma caçada.

Aonde quer que vá, acompanha-o um harém de 5 mil mulheres vindas de tôdas as partes do mundo e guardadas por uma verdadeira legião de eunucos. Além disso, é um espírito angustiado. Não dispensa o vinho e o ópio em ocasiões solenes, como quando deve atender a um diplomata ou um chefe de governo.

Acbar tem-se na mais alta conta, mas nem por isso deixa de ouvir conselhos de seus ministros, embora nunca os siga.

Seu lema de governo parece ser «movimento, sempre movimentos». Assim, um de seus sustentáculos, o Exército, tem de estar sempre em correrias por toda a Índia. Este ano, conquistou Surata. O ano passado, o Gujate. Agora, olha com grande interesse para Bengala e é provável que este reino já no próximo ano não exista mais.

O rei tem seus médicos, seus artistas, seus poetas particulares. Aonde estiver, os súditos têm de levar-lhe água do Ganges, gêlo das montanhas, frutas da Cachemira e Samarcande. Tem especial predileção pela construção, embora seus governados vivam em casas miseráveis. Desde 1570, outra preocupação o domina: a Cidade de Fatpur-Sicri, que ele mandou edificar para comemorar o nascimento de um filho.

Nessa situação, o leitor há de querer saber como vive o povo na Índia. Bem, o povo não vive bem, mas gosta de Acbar, que encarna o espírito do indiano comum. Qualquer cidadão que trabalhe para sustentar o luxo das várias côrtes reais se sente disposto a agir exatamente como Acbar, caso chegasse ao trono. O povo vive mal, não sabe ler, trabalha para manter uma elite (zamindars) dona de terras e os caprichos de Acbar, mas talvez não fosse tão feliz se lhe tirassem o rei que lhe recita poemas de cor.



## Morreu Vignole

O homem que ajudou a fundir na Itália as figuras metálicas que enfeitam o palácio de Fontainebleau, na França e construiu, mais tarde igrejas, pórticos e palácios, acaba de morrer. Trata-se do arquiteto Giacomo Barozio, mais conhecido como Vignole, o autor do «Tratado das cinco ordens de arquitetura.»

Vignole tinha 66 anos e estudou pintura no começo de sua carreira. A leitura das obras de Vitrúvio fê-lo arquiteto. Apesar de sua obra não agradar ao gosto italiano (ela é considerada pesada, pomposa e fria) nunca lhe faltaram bons fregueses. Entre os trabalhos que executou figuram: fachada da igreja São Petrónio, em Bolonha; Palácio Isolani, em Minerbio e Vila do Papa Júlio III, próximo à porta do povo, em Roma.

## Leitores querem saber onde anda Cabeça de Vaca

A redação de O BRASIL EM JORNAL recebeu este ano, quase uma dezena de cartas contendo uma mesma pergunta. Leitores de vários lugares querem saber que fim levou Cabeça de Vaca, o homem que explorou o Mississippi, a Flórida e, por último, andou à procura de Manoá, capital imaginária de um país riquíssimo em plena floresta americana.

Para esses leitores a quem tanto agradecemos os elogios e as sugestões, damos a seguinte informação:

Cabeça de Vaca foi acompanhado por um enviado especial de O BRASIL EM JORNAL até Assunção, no Paraguai, em março de 1542. Daí por diante, embora nosso repórter enviasse periodicamente notícias de Cabeça de Vaca, as dificuldades de comunicação fizeram com que elas nos chegassem com grande atraso e perdessem a atualidade jornalística.

Hoje, resumimos os despachos que nos chegaram depois de 1542.

Cabeça de Vaca encontrou Assunção em grande desordem. A colônia em grande governada por Domingo de Irala, soldado cruel e dominador. Imediatamente ordenou a libertação dos índios escravizados e armou uma expedição em busca de Manoá, a cidade de Deus, que ele imaginava existir ao norte e a noroeste de Assunção. Para isso, subiu o Rio Paraguai, enfrentou grandes dificuldades, no meio da selva. Nada encontrou. No regresso da expedição fracassada, Cabeça de Vaca foi acusado de imprevidente e mandado para a Espanha, em março de 1545. Foi removido do governo da colônia do Rio da Prata, em 1551, e, por sentença, mandado servir na Barbária. Ele obteve a modificação da sentença e, segundo nosso correspondente, foi visto constantemente na côrte a solicitar novas comissões na América. Em 1556 caiu doente e sumiu da circulação. Seus amigos nunca mais o viram. O último despacho de nosso correspondente, nesse ano — e que não foi publicado por absoluta falta de espaço — dizia que ele estava à beira da morte. É provável que tenha morrido pouco depois.

## COLUNA MILITAR

Como se tem observado que os flancos das tropas de infantaria armadas de piques são muito vulneráveis, visto que, quando atacadas pelas alas, dificilmente podem passar da formação em linha para a de quadrado ou poligonal, os táticos estão remediando de duas formas essa inferioridade: com a organização de pe-

lotões de arcabuzeiros nos extremos das formações ou com a cobertura lateral da cavalaria.

Segundo os peritos, os melhores piqueiros ou lanceiros a pé da Europa, no momento, são os flamengos, os alemães, os suíços e os espanhóis dos famosos tercios. Em seguida, vêm os franceses.

## Cronista social gostava de usar palavra difícil

Devemos aos leitores uma explicação: nosso cronista social de 30 ou 40 anos atrás usou, inadvertidamente, uma terminologia pessoal e ininteligível para os que a lêem hoje. Pouca gente sabe, agora, o que quer dizer «kar» etc. Amanhã, quantos poderão dizer que o sabem? Para evitar isso, eliminamos de nossa coluna o jargão. Quanto ao que não tem remédio, remediado está. Basta que digamos: «kar» significa elegante; «shangay», deselegante; «niver», aniversário. A expressão inglesa «international set» significa «notícia internacional». Sobre «in love», também inglês, parece não haver dificuldades: é amando.

Tais palavras e expressões morreram para O BRASIL EM JORNAL há tempos. Se as exumamos foi para nos penitenciar diante dos leitores, de uma vez por tôdas.

## Antes tarde...

No nosso primeiro número, cometemos uma injustiça com o rei D. Manuel de Portugal e um pequeno êrro. É verdade que já se passaram quase 60 anos, mas nunca será tarde para repararmos uma e outro. Sob o título «Vera Cruz, Santa Cruz» anunciamos, com despacho de 9 de julho de 1501 — o que é o êrro — que D. Manuel, em carta dêsse dia aos reis católicos mudara o nome dado à terra descoberta por Cabral.

Primeiramente, a data da carta não é essa. Ela foi escrita em 28 de agosto. O lapso corre por conta de nosso correspondente dos anos de 1500 a 1515.

A injustiça talvez seja consequência da pressa com que o repórter quis informar. Na mesma notícia dissemos, como palavras de D. Manuel, que o Brasil era uma ilha. Não é verdade. Vimos agora o original desta carta e constatamos: o rei dos descobrimentos não disse tal. Lá está bastante claro: «terra... conveniente e necessária à navegação da Índia».



## O MAR E OS MONSTROS

Um livro de Magnus, com cartas de Lafréri, editado em 1572, acaba de chegar em nossas mãos. É um livro de viagens, essencialmente sobre o mar e as rotas marítimas. Por ele ficamos sabendo que o mar — tão bonito quase sempre — é uma enorme morada de monstros. Veja o leitor a gravura que tomamos a liberdade de reproduzir e diga se não concorda conosco. São cobras marinhas, elefantes, rinocerontes, dragões, peixes alados, emplumados, o diabo. A gravura fixa a região entre a Noruega (direita), Islândia (ao alto) e as ilhas Orcadas (em baixo).

# Ordem do Rei: "matem todos"

## Primeiro morto foi decapitado: Coligny

Paris, 24, Urgente (Sucursal) — Novos detalhes conseguimos apurar a respeito do assassinio do almirante Gaspar de Coligny, cuja morte desencadeou a matança da "Noite de São Bartolomeu".

Testemunha que conseguiu escapar através de um telhado vizinho à casa do Almirante, afirmou-nos que ele foi assassinado em seu quarto de dormir.

— «Já passava de meia noite quando bateram à porta da casa do Almirante, que já estava recolhido ao leito, acordado, conversando com um pastor protestante e com o seu médico, Ambroise Paré.»

Falavam em nome do Rei. Um dos gentilezhomens da casa foi abrir a porta e caiu imediatamente apunhalado. Com o barulho, levantou-se Coligny, dizendo para o pastor:

— «Reze por mim» — acrescentando mais baixo:

— «Eu envio minha alma ao Salvador.»

Prosseguiu o nosso informante dizendo que, ao ver o seu companheiro morrer, entrou no quarto do Almirante e lhe disse:

— «Senhor, é Deus quem nos chama.»

Não se alterou Coligny e exclamou, sem demonstrar na voz ou nos gestos o menor temor:

— «Há muito tempo que eu estou disposto a morrer.»

Em seguida mandou que todos os seus procurassem fugir e ficou só no quarto. O que se passou então ouvimos da própria boca do autor do assassinio, o senhor de Besme, um alemão a serviço dos Guise. Disse-nos ele:

— «Com os súcos que me acompanhavam, invadi o quarto do Almirante e vi, à minha frente, um homem de idade a quem perguntei:

— «É você o Almirante?»

— «Sim» — respondeu-me ele, acrescentando depois de um pequeno silêncio em que nos fitávamos mutuamente:

— «Jovem, deverias levar em consideração a minha velhice e a minha enfermidade. Mas tu não abreviarás nada. É lamentável apenas que sejas tu, um grosseirão, e não um gentilezhomem, o autor de minha morte.»

«Reagi imediatamente ao insulto torpe e, sem nada mais dizer, enfiei-lhe a espada no corpo. Como se eu tivesse dado um sinal, todos os que se encontravam comigo fizeram o mesmo com suas espadas e o Almirante caiu sem nada mais dizer.»

«Logo a seguir ouvi uma voz que me chamava impaciente, perguntando-me se tudo estava acabado.»

«Era o duque de Guise que esperava lá embaixo, no jardim. Cheguei à janela e respondi-lhe que nada mais havia a fazer. Então o duque ordenou-me que a tirasse o corpo, o que fiz sem mais delongas.»

O que aconteceu depois já é do domínio público e foi visto por dezenas de pessoas que acompanhavam o duque de Guise e seu auxiliar Besme à caçada terrível:

O senhor de Besme abaixou-se, levantou o corpo, balançou no ar e o atirou pela janela. No jardim, o corpo do Almirante foi seiviado. Os soldados lançaram-se sobre o cadáver que foi estripado, decapitado, arrastado na lama, lançado ao Sena e depois retirado.

Pouco depois aproximou-se do cadáver o duque de Guise, limpou-lhe o rosto sujo de sangue e de lama com o seu próprio lenço. Depois de se certificar que Coligny estava realmente morto, afastou-se sem qualquer comentário.

O cadáver decapitado do Almirante foi arrastado pelas ruas e levado para Montfaucon, onde foi dependurado pelo pé, na forca.

## MARGOT, EM ENTREVISTA EXCLUSIVA:

# "Caí pensando que ia morrer"

Paris, 26 de agosto de 1572 (Exclusivo para O BRASIL EM JORNAL) — Ouvindo os tiros que ainda ecoam pela cidade, na caçada que continua, conseguimos entrevistar, no Louvre, com exclusividade, a rainha de Navarra.

Margarida de Valois, irmã do rei e mulher de Henrique de Navarra, recebeu o repórter em seu quarto de dormir, levantando ela própria o reposteiro de veludo violeta com flores de lis de ouro que separa o quarto da antecâmara, onde o repórter fôra introduzido graças aos bons ofícios da aia e confidente da rainha.

### OS TEMORES DA IRMÃ

Sentada em sua cama ainda desfeita, vestindo um toucador branco que lhe deixava à mostra os braços bem torneados, disse-nos Margarida:

— «A noite, ao entrar no quarto de minha mãe (Catarina de Médicis), vi minha irmã de Lorena com a fisionomia muito triste. Sentei-me ao seu lado mas minha mãe, notando minha presença, disse que eu fosse dormir. Levantei-me imediatamente e, ao fazer uma reverência para me retirar, minha irmã, chorando, disse-me:

— «Por Deus, minha irmã, não vá.»

Assustei-me, mas minha mãe, irritada, proibiu minha irmã de me dizer mais alguma coisa. Minha irmã respondeu que não era justo que eu soubesse, pois, se me descobrissem, poderiam vingar-se de mim. Minha mãe não lhe deu ouvidos e ordenou-me com rudeza que eu fosse dormir.»

### NINGUEM DORMIU

— «Minha irmã, chorando, despediu-se de mim e eu fui, te-

Paris, 24 de agosto de 1572, Urgente (Sucursal) — A morte do almirante Gaspar de Coligny, na noite terrível que já se começa a chamar de São Bartolomeu, deu início a um verdadeiro e indiscriminado massacre da população huguenote desta capital, para onde tinham vindo centenas de protestantes, atraídos pelas festas do casamento de Margarida de Valois, irmã do rei, com Henrique de Navarra.

Os mortos se espalham, insepultos, pelas ruas. Cadáveres mutilados descem o Sena. Bandos armados, gritando «morte aos huguenotes», percorrem a cidade, espalhando a morte e o terror. Mata-se nas ruas e nas casas. E das janelas, cidadãos armados de arcabuzes alvejam os transeuntes.

Paris está conflagrada e a matança se estende pelas províncias, ceifando a vida de centenas de huguenotes anônimos e de vários chefes eminentes. Circulos ligados à Côte temem a deflagração da guerra civil.

### QUE SE MATEM TODOS

Paris, 24, Urgente — Fala-se que a morte de Coligny foi premeditada, pois o almirante incorrerá nas iras da rainha-mãe, Catarina, ao tentar levar o rei a declarar guerra à Espanha. Além disso chefiava o poderoso Partido Huguenote, que disputava, com o Partido Católico, dos Guise e da rainha-mãe, a supremacia política.

Conseguindo sair com vida de dois atentados — o último no dia 22, quando foi arcabuzado por Maurevert — o almirante não escapou ao terceiro e último, desta madrugada.

Em Paris, agora conflagrada, há vários dias corriam boatos inquietadores. No dia 23, por exemplo, circularam notícias de que os huguenotes, ressentidos com o atentado ao seu chefe, no dia anterior, iam atacar o Louvre e massacrar a família real.

Podemos informar com absoluta segurança que nesse dia a guarda palaciana foi dobrada e que a rainha Catarina e o duque Henrique de Guise procuraram o rei Carlos IX e disseram-lhe que o seu dever era o de abater cinco ou seis cabeças de chefes huguenotes. O rei ofereceu resistência mas, depois de duas horas de conferência com sua mãe e com o cunhado, acabou vencido e disse exaltado:

— «Então que se matem todos, para que não fique nenhum para me censurar ou acusar.»

### MORRERAM DORMINDO

Paris, 24, Urgente — Confirmando despacho anterior, informamos que muitos dos chefes huguenotes mortos foram surpreendidos dormindo em seu próprio leito.

Entre os mortos estão La Rochefoucault, Teligny — genro do Almirante e que conseguiu escapar a primeira vez, sendo porém recapturado e morto — o barão Soubise, o marquês de Renel, Quercy — que se defendeu bravamente de espada na mão — e vários outros cujos corpos foram arrastados pelas ruas como animais mortos.

### HENRIQUE VIVO

Paris, 24 (Urgente) — Informamos com absoluta segurança que o rei Henrique de Navarra, marido da princesa Margarida, está vivo. Ele passou grande parte da noite no quarto do rei Carlos IX e nada lhe aconteceu.

Afirmou-se que, para salvar a vida, Henrique teve de abjurar a sua religião, concordando em ser, doravante, católico.

## Embaixador nega a premeditação

Paris, 26 (Exclusivo para O BRASIL EM JORNAL) — «O sangue e a morte correm de tal maneira pelas ruas, que Suas Majestades, apesar de serem os reis de França, não puderam conter o medo, ficando trancados no Louvre» — afirmou, em entrevista exclusiva a O BRASIL EM JORNAL o embaixador da Espanha na França.

O embaixador falou ao repórter em sua própria casa e a entrevista era interrompida a cada instante por emissários que entravam trazendo novos informes sobre a situação.

Perguntado sobre se acreditava ter sido o «São Bartolomeu» uma matança premeditada, afirmou o embaixador:

«A morte do Almirante foi um fato refletido; a dos huguenotes, o fruto de uma resolução repentina.»

### NUNCIO DUVIDA

Paris, 26 (Especial para O BRASIL EM JORNAL) — Podemos informar com a maior segurança que o Nuncio Apostólico Solivatti escreveu hoje uma carta ao Secretário de Estado do Papa, no Vaticano.

Afirmou, na carta, o embaixador papal:

— «Se o Almirante foi morto por um tiro de arcabuz, eu não estou inclinado a acreditar que houve uma tão grande carnificina.»

### AGRADECIDA A PROVIDENCIA

Madri, 27 (Sucursal) — O rei Filipe II recebeu hoje uma carta da rainha Catarina de Médicis, da França.

Na carta, que é longa, afirma a rainha que está muito grata a Deus por ter dado ao rei (Carlos IX) seu filho «a enérgica resolução de se desfazer de seus súditos rebeldes à Providência e ao mestre soberano.»

O rei leu a carta e ficou tão alegre que chegou a fazer o que raramente faz: rir. A seguir, comentando a carta da rainha Catarina, ele elogiou o filho «por ter uma tal mãe» e a mãe «por ter um tal filho.»

A carta da rainha Catarina termina em tom humilde: — «Sou assim tão má cristã, como pretendia dom Frances Alava?»

dormir. Assustada, pois não sabia se era um amigo ou inimigo, gritou e procurou correr.

### SALVOU O FIDALGO

O fidalgo, que era M. de Trejan, a quem eu não conhecia, agarrou-se a mim e também gritou. Felizmente, quis Deus que aparecesse o senhor de Nancey, capitão dos guardas, que, embora se compadecendo de mim, por me ver naquele estado, quase não pôde deixar de rir.

Nancey afugentou os perseguidores de M. de Trejan e concedeu-me a vida daquele pobre homem, a quem eu fiz levar para o gabinete de meu quarto de dormir — aquele cuja porta o senhor pode ver daqui — e de quem tratei até que pudesse ir-se.

### NOVOS SUSTOS

Prossegue a rainha Margarida: — «Depois que mudei a camisa de dormir, toda suja de sangue, contou-me o capitão o que se passara até então, informando-me ainda que meu marido estava no quarto do rei e que nada lhe tinha acontecido.»

Depois, fazendo-me vestir um roupão, levou-me para o quarto de minha irmã, aonde cheguei mais morta do que viva.

Logo ao entrar na antecâmara, encontrei um fidalgo desconhecido fugindo dos arqueiros que o perseguiam. Ele foi ferido a três passos de mim e eu caí quase desfalecida nos braços do senhor de Nancey, pensando que os últimos golpes tivessem nos atingido aos dois.



## Araribóia estrilou com Salema

Rio de Janeiro, 1574 — Um pequeno incidente assinalou a chegada a esta cidade, do governador da região sul do Brasil, sr. Antônio Salema.

O chefe índio Araribóia, na visita que fez à nova autoridade, provocou ligeiro corre-corre e mal-estar entre os auxiliares de Salema.

Quando o governador ofereceu uma cadeira a Araribóia, este a aceitou incontinenti e sentou-se, cruzando as pernas. Salema, por intermédio do intérprete, observou-lhe que aquela não era a maneira correta de alguém se sentar diante de um representante do rei.

“Ora”, respondeu Araribóia, “se tu soubesses como minhas pernas estão cansadas das guerras em que servi ao rei, não estranharias de eu as descansar deste modo. Mas já que me achas tão pouco cortês, voltarei para minha aldeia aonde não se dá importância a tais coisas, e não venho mais aqui”.

# Governador do Sul mata dois mil índios

Cabo Frio, 2, outubro, 1575 (Urgente) — Dois mil índios mortos, quatro mil aprisionados e três hereges enforcados — este o balanço da ação devastadora, em menos de um mês, do governador do sul do Brasil, sr. Antônio de Salema.

Salema partiu do Rio de Janeiro em 27 de agosto último, com tropas de São Vicente e Espírito Santo (400 portugueses e 700 índios) para eliminar um foco de invasores em Cabo Frio. O padre Luís de Fonseca, que acompanhou os expedicionários em todos os momentos, deu-nos uma entrevista exclusiva, que vai publicada na página 2. A sua impressão sobre os acontecimentos pode ser resumida na seguinte frase: «Não houve coração de bronze que não se enternecesse ouvindo as queixas e lamentos dos pobres índios».

Procurado pelo O BRASIL EM JORNAL, o governador Salema não quis falar sobre a vitória: «Reservo-me para contar tudo num livro sobre a campanha», disse-nos sêcamente.



Carlos IX e Catarina de Médicis

## o Brasil em Jornal

1574/75  
N.º 28

“A HISTÓRIA EM NOTÍCIA”

Preço único  
Cr\$ 15,00

### MÉDICO DESCOBRE

## Veias possuem válvulas

Pádua, 1574 (Correspondente) — Uma grande descoberta no campo da anatomia foi feita pelo médico italiano Fabricio d'Acquapendente: as veias possuem válvulas que se abrem para o coração e que só permitem ao sangue circular em direção àquele órgão.

(Reportagem na pág. 3)

## Índio fujão agora já pode ser escravizado

Salvador, 6, janeiro, 1574 (Urgente) — Os governadores Luís de Brito e Antônio Salema e o ouvidor-geral Fernão da Silva tomaram hoje importantes medidas a respeito da vida dos índios. (Leia reportagem na página 2).



## VEREADOR CARREGOU E VENDEU O PORTÃO

São Paulo, 1575 (Correspondente) — Antônio Fernandes, ex-vereador desta cidade, arrancou um portão da Câmara dos Vereadores, levou para casa e o vendeu a um amigo, André de Burgos, por 250 réis. O incidente causou risos em toda a cidade, mas o austero procurador do Município, sr. Domingos Luis, agiu com energia e exigiu que o portão roubado fosse devolvido sob pena de apreensão e multa de 200 réis. — «Trata-se — frisou ele com azedume — de bem do Conselho e não do sr. ex-vereador. Sua senhoria que mo devolva, sob as penas da lei». Fernandes falou a Burgos e este teve de arrancar, às pressas, o portão do portal de sua casa.

São Paulo, 1575 (Correspondente) — Antônio Fernandes, ex-vereador desta cidade, arrancou um portão da Câmara dos Vereadores, levou para casa e o vendeu a um amigo, André de Burgos, por 250 réis. O incidente causou risos em toda a cidade, mas o austero procurador do Município, sr. Domingos Luis, agiu com energia e exigiu que o portão roubado fosse devolvido sob pena de apreensão e multa de 200 réis. — «Trata-se — frisou ele com azedume — de bem do Conselho e não do sr. ex-vereador. Sua senhoria que mo devolva, sob as penas da lei». Fernandes falou a Burgos e este teve de arrancar, às pressas, o portão do portal de sua casa.

## Rei da França morreu Viva o rei seu irmão

Vincennes, 30, maio, 1574 (Urgente) — Minado pela febre, consumido pela violência dos exercícios corporais e dos desregramentos de sua vida amorosa, morreu hoje, aos 24 anos incompletos, o rei Carlos IX, terceiro filho de Henrique II e Catarina de Médicis e que subira ao trono por morte de seu irmão, Francisco II.

### RAZÕES DA MORTE

Vincennes, 31, maio, 1574 (Urgente) — Conseguimos obter parte do laudo cadavérico do rei Carlos IX. A autópsia, feita por vários médicos, sob as ordens de Ambroise Paré, cirurgião da corte, tem conclusões importantes. Diz ela:

— «O pulmão esquerdo está de tal forma aderente às paredes torácicas, em toda a sua extensão, que não se pode pegar o tecido, que está podre, sem que se rompa. Encontra-se aí um depósito de onde se escapa um humor purulento, podre e de mau cheiro e em tal quantidade que refluíu para a traquéia-artéria, causando

morte rápida e imprevista, por sufocamento.»

### NOVO REI

Paris, 19, junho, 1574 (Urgente) — Recebemos comunicado da Polónia informando que o rei Henrique fugiu, fluindo a vigilância dos seus súditos e carregando todos os diamantes da Coroa.

Paris, dezembro, 1574 (Especial para O BRASIL EM JORNAL) — Henrique de Valois, duque Anjou, já está ocupando o trono de França, sob o nome de Henrique III. (Leia, na página 2, completa reportagem sobre os reis Carlos IX e Henrique III).

# Padre viu massacre de dois mil índios

O Padre Luís da Fonseca foi um das mais importantes testemunhas visuais dos acontecimentos de Cabo Frio, a 2 de outubro último. Ele assistiu à morte de dois mil índios, o aprisionamento de quatro mil outros e viu três hereges irem "direitinho para o céu". É o seu relato pormenorizado dos principais momentos da luta, que damos hoje para os leitores de O BRASIL EM JORNAL, com absoluta exclusividade: "Pouco antes de Cabo Frio — começa ele — encontramos os tamoiros num campo entrincheirado. Entre eles havia dois franceses e um inglês. Nos muitos ataques de lado a lado houve várias baixas. O governador Salema, para não sacrificar seus homens, decidiu cercar a posição inimiga".

## FOME E FEITIÇO

«A estratégia de Salema surtiria efeito em pouco tempo. Os inimigos, cercados, não podiam receber alimentos nem água. Em breve, toda a água que possuía se esgotou e notamos movimentos de desespero entre eles».

O padre se persigna antes de prosseguir:

«Pois bem, nesse transe, um feiticeiro dos índios conseguiu salvá-los. Atritando para o ar ossos de porco, fez chover torrencialmente. Não sei se isso aconteceu porque era noite de lua cheia ou se foi porque Deus assim o quis. A verdade é que choveu e eles não se renderam. Em poucos dias, no entanto, a água se poluiu e a situação voltou a piorar para eles».

## CILADA

«Os tamoiros estavam numa ratoeira sem saída» — continua padre Luís. «Nessas ocasiões eles se tornam mais perigosos, pois, não vendo salvação, são capazes de atos mais desesperados. Assim, como o governador notasse que estavam muito silenciosos em suas trincheiras, enviou um emissário — o jesuíta Baltasar Álvares — para parlamentar com eles. Baltasar conhece a língua dos inimigos e era a pessoa mais indicada para missão de extremo perigo, devido a seu espírito de sacrifício e devotamento».

A 21 de setembro, o padre aproximou-se do campo inimigo, gritando que desejava falar com o chefe tamoiro. No dia seguinte, trouxe um tal de Japuguaçu ao encontro de Salema. O governador exigiu-lhe a entrega dos estrangeiros e foi atendido. Eram dois franceses e um inglês».

Nesse ponto o padre Luís pede que o repórter repita textualmente as suas palavras. E ditou então, pausadamente, o seguinte:

«Tiveram os três uma das mais belas mortes que era possível, isto é, confessaram-se, cumungaram, deram as provas de arrependimento e foram direitinho para o céu».

## EXIGÊNCIAS DE CÉSAR

Segundo o padre Luís, a guerra poderia terminar com o encarceramento dos estrangeiros. Japuguaçu solicitou, em troca da entrega dos hereges, que lhe fosse concedido morar em Cabo Frio com todos os seus. Seria, na opinião geral, a pacificação mais fácil de se conseguir. Mas Salema impôs novas condições: a entrega de todos os tamoiros que tivessem vindo socorrer Japuguaçu.

Cerca de 500 índios foram sacrificados em ato que pareceu selvagem aos próprios soldados. Os outros tamoiros, ao verem a sorte que os aguardava, resolveram fugir. O gover-

nador perseguiu-os por algum tempo, matando cerca de dois mil índios e aprisionando quatro mil.

O padre Luís assim resumiu o que se passou:

«A mãe foi separada do filho, o marido da mulher. Uns serão levados para São Vicente, outros para o Espírito Santo. Não houve coração de bronze que não se enternecesse ouvindo as queixas e lamentos dos pobres índios», concluiu.

# Índios agora já podem ser escravizados

Salvador, 6, janeiro, 1574 (Urgente) — Os dois governadores do Brasil, sr. Luís de Brito (Norte) e sr. Antônio Salema (Sul), e o ouvidor-geral do país, sr. Fernão da Silva, revogaram, hoje, vários artigos da legislação que protegia os índios brasileiros.

Uma fonte extra-oficial revelou-nos que os três atenderam a uma carta do próprio rei D. Sebastião, que nos foi inostrada, após o encontro de governadores. O trecho que trata do problema da escravidão no Brasil diz o seguinte: «No que toca ao resgate (compra) de escravos, se deve ter tal moderação que não se impeça de todo o dito resgate, pela necessidade que as fazendas deles têm, nem se permitam resgates manifestamente injustos e a devassidão que até agora nisso houve».

## NOVAS DISPOSIÇÕES

No encontro dos governadores com o ouvidor acertou-se o seguinte programa em 10 itens:

1 — Proibidos os resgates entre índios mansos e pacíficos;

2 — Podem ser escravizados os índios mesmo mansos que depois de um ano de vida em aldeias, fujam para o mato ou se ausentem por um ano;

3 — Escravidão só por guerra lícita ou índios que, escravos de outras tribos, preferirem a escravidão entre os brancos;

4 — Resgate só com licença dos governadores ou dos capitães;

5 — Pessoas que acompanharem os índios resgatados terão de passar pela alfândega;

6 — Escravos fugidos serão devolvidos a seus legítimos donos mediante a paga de mil réis e a indenização de todas as despesas para sua recaptura;

7 — Índios escravos sem registro serão postos em liberdade;

8 — São consideradas justas as guerras que os governadores fizerem de acordo com seus regimentos ou as que ocasionalmente se virem obrigados a fazer, com o voto dos oficiais da Câmara, do vigário da terra e do provedor da Fazenda;

9 — Desobediência a estas cláusulas, os índios feitos cativos em outras guerras são considerados livres.

10 — Penas para os que desobedecerem a esta capitulação:

a) pessoa de condição inferior — será chicoteada em público e pagará 40 cruzados de multa;

b) de condição superior, além da multa, degrêdo.

# Rei da França é prendado: faz até tricô

Paris, dezembro, 1574 (Succursal) — A subida de Henrique de Valois ao trono da França é, talvez, depois da Noite de São Bartolomeu, a maior alegria que Catarina de Médicis teve nestes últimos anos. Para ela não tem a menor importância os hábitos pouco reais do novo rei: fazer tricô, costurar, bordar etc. É o seu filho predileto e não importa que seja a pessoa menos indicada para governar a França nestes nossos dias, pois levá-lo ao trono foi sempre o seu sonho.

Na verdade, Henrique é o mais bem dotado dos filhos de Catarina: tem uma inteligência viva e cultivada, uma eloquência atrativa e grandes qualidades de simpatia pessoal. Mas não possui nenhuma firmeza de caráter. É efeminado, fraco, de moral duvidosa. De temperamento delicado, cresceu em ambiente pouco propício para despertar nele qualidades de governante.

Apesar de sua debilidade moral, Henrique teve sempre grandes ambições, entre elas a de ser e se sentir rei. Nasceu em Fontainebleau no dia 19 de setembro de 1551, aos 18 anos, durante o reinado de seu irmão Carlos IX, teve que abandonar as delícias da corte, para chefiar o exército real na terceira guerra de religião.

Sob a tutela dos duques de Nemours e de Montpensier, obteve sobre os huguenotes as brilhantes vitórias de Jarnac (março de 1560) e Montcontour (outubro), vitórias que a paz de Saint-Germain anulou logo (1570). Sob o predomínio de Coligny e dos calvinistas, Catarina de Médicis tentou casar o então duque de Anjou com Elizabeth, da Inglaterra.

Mas esse projeto dirigido contra a Espanha não pôde ser realizado por oposição da rainha inglesa. Mais tarde, quando a hegemonia na corte se fez intolerável, Henrique participou ativamente na preparação da noite de São Bartolomeu, arrancando a Carlos IX a permissão para acabar com os huguenotes. Pouco depois atacava La Rochelle.

# Historiador morre prêso no Mosteiro

Lisboa, 30, janeiro, 1574 — O historiador Damião de Góis acaba de morrer, no Mosteiro da Batalha, às vésperas de completar 72 anos. Espírito aberto às novas conquistas da inteligência neste século, foi um dos maiores representantes das idéias universais em nosso país.

Góis nasceu em fevereiro de 1502, em Alenquer. Entrou para o palácio em 1511, na qualidade de pagem do rei D. Manuel. O sucessor deste, D. João III, encarregou-o de diversas missões no estrangeiro, a fim de manter contacto com «todos os reis, príncipes, nobres e povos da cristandade». Em Wittenberg conheceu Lutero e Melancthon, Erasmo em Friburgo, Bembo e Sadoletto na Itália. Em 1542 defendeu Louvain contra os franceses. Prisioneiro de guerra, foi solto mediante fiança de 6 mil ducados.

Em 1545 radicou-se definitivamente em Portugal e escreveu, sob as ordens do cardeal-infante D. Henrique, a «Crôni-

# Com o pulmão podre morre o rei Carlos

Vincennes, maio, 30, 1574 (Exclusivo para O BRASIL EM JORNAL) — Suando sangue e com o corpo franzino reduzido a pele e ossos, morreu hoje, às 15 horas, o rei Carlos IX.

Sua doença foi demorada e sua agonia lenta: ele adoeceu em outubro do ano passado, logo depois do embarque de seu irmão Henrique para a Polônia e neste último mês sua fraqueza era tal que quase não se podia sustentar de pé.

Carlos Maximiliano era o terceiro filho de Henrique II e Catarina de Médicis. Nasceu em Saint-Germain-en-Lacy, a 27 de julho de 1550 e subiu ao trono com a idade de 10 anos, sucedendo a seu irmão Francisco II. Reinou, portanto, quase 13 anos e meio e morreu com 24 anos incompletos.

Duque de Angoulême, primeiro, depois duque de Orléans, por morte de seu pai, Carlos IX era casado com a rainha Elizabeth e não deixa descendentes varões.

O rei era de aparência simpática. Seus olhos, rasgados, muito se assemelhavam aos do pai. Ele dançava bem, era artista, pintor e escritor, deixando um livro incompleto sobre a caça sua grande paixão e responsável, talvez, pela ruína de seu caráter. Franzino de corpo, gostava dos exercícios violentos e tocava a trompa com ferocidade, passando, às vezes, noites inteiras a galopar, alucinadamente, quase sem dormir e comer.

Segundo Ambrósio Paré, médico que o assistiu nos últimos momentos, o rei «gastou seu pobre corpo de tanto soar a trompa na caçada ao veado».

## DE SEVERO A CRUEL

Depois do massacre do São Bartolomeu, que autorizou, Carlos IX mudou completamente de humor. Ele tinha visões noturnas e alucinações que demonstravam o seu arrependimento. Ficou triste e quase não falava, recebendo com desconfiança os que com ele iam tratar de negócios.

Logo após uma visita ao soberano, o embaixador veneziano afirmou ao repórter de O BRASIL EM JORNAL, credenciado no Louvre: «Temo que de severo ele se transforme em cruel».

## GOLFADAS DE SANGUE

Vincennes, 30, maio (Urgente) — A doença que vitimou o rei começou a princípio com uma febre errática que, com o tempo, se tornou constante. Suores sangüíneos e golfadas de sangue o incomodavam e impressionavam vivamente a todos quantos o viam.

Sua ama, que era huguenote e a quem o rei tanto queria, afirmou a este correspondente que o sangue que saía do seu corpo era o chamamento do sangue de tantos inocentes sacrificados durante o São Bartolomeu.

Quando bem de saúde, Carlos IX costumava, em sua oficina, no Louvre, forjar suas próprias armas. Ao cair doente, desesperado de curar-se e quase desenganado pelos médicos, entregou-se nova-

mente a exercícios físicos excessivos que, segundo os médicos, abreviaram sua morte.

Ele mudou várias vezes de ares, indo de Vitry a Saint-Germain, de Saint-Honoré a Vincennes.

## CRUELMENTE ATORMENTADO

Vincennes, 30 (Urgente) — Falando hoje a O BRASIL EM JORNAL, Jean Mazille, médico do rei, afirmou que Carlos IX o mandara chamar sexta-feira.

«Queixando-se de grandes dores — disse Mazille — perguntou-me Sua Magestade se não lhe poderia dar um pouco de alívio, já que estava «terrível e cruelmente atormentado».

«Respondi-lhe que o que dependia de mim e de todos os meus colegas da Faculdade já estava feito e para falar a verdade, Deus era o grande médico a quem no momento era preciso recorrer. — «Eu acredito que o que me dizes é verdade» respondeu o rei.

## MELHORARA ONTEM

Vincennes, 30 (Urgente) — A ama do rei Carlos IX não cessa de lamentar a morte do «meu Carlinhos».

Ela nos informou que logo após a saída de Mazille, sexta-feira, o rei implorara a Deus por misericórdia, dizendo:

«Que de sangue, que de mortes. Deus misericordioso, perdoe-me. Que farei eu? Que será de mim? Eu estou perdido?»

## FEBRE MA

Vincennes, 30 (Urgente) — Jean Mazille, o médico de Carlos IX, não informou o nome da doença que matou o rei.

«Foi uma febre má» — disse-nos ele, acrescentando: «Amanhã será feita a autópsia e poderemos saber com exatidão».

A ignorância do nome da doença do rei Carlos IX veio aumentar a onda de boatos que já circulavam na corte há muitos dias: Afirma-se que ele foi envenenado.

Já se disse também que a doença do rei se devia a artes diabólicas. Por causa disso a rainha Catarina fez prender, julgar e decapitar, a 30 de abril, os condes La Mole e Anibal de Coconas.

A morte dos dois condes em nada adiantou e o estado de saúde de Carlos IX continuou a piorar. O que se fala, agora, é que a rainha Catarina mandou decapitar o rei, depois de lhe seccionar o pulmão, pois seria ela a verdadeira autora do envenenamento.

## PULMÃO APODRECIDO

Vincennes, 31 (Urgente) — Num furo de reportagem, conseguimos apurar os resultados da necropsia, que provou ter sido a morte de Carlos IX causada por inflamação dos pulmões.

Diz a autópsia: «O pulmão esquerdo aderece de tal forma às paredes torácicas, em toda a sua extensão que não se pode levantar sem que o tecido, apodrecido, se rompa. Acha-se um vômito de onde se escapa um humor purulento, podre e de mau cheiro».

«O pulmão direito não apresenta aderência, embora seja mais volumoso do que o normal. A parte superior está podre e cheia de um humor pituitoso espumante, parecido com pus».

«O estômago e o piloro, os rins, uréteres e bexiga, o baco e cérebro apresentam-se normais. A vesícula biliar está vazia, curvada sobre si mesma, enegrecida; o colo está amarelado e as outras partes do intestino não apresentam anormalidade; o coração está flácido e mole, como dissecado tendo desaparecido todo o líquido que normalmente, se encontra no pericárdio; o epilón apresenta-se com uma cor anormal rompido em alguns lugares, inteiramente desprovido de gordura».

Estas informações nos foram prestadas pelo médico do rei, Jean Mazille. Com ele, assistiram à autópsia os seguintes médicos: Vaterre, Alexis Gaudinus, Vigor, Lefèvre, Saint-Pons e mais os médicos parisienses Piètre, Brigrard, Lafilé e Duret. A equipe dirigida por Ambrósio Paré era composta dos seguintes cirurgiões: d'Amboise, Dubois, Portail, Eustache, Dionneau, Lambert, Coindet e Guillemeau.

# Médico descobre que veias possuem válvulas

Pádua, 1574 (Correspondente) — A descoberta de Jerônimo Fabricio revolucionou o que até então se pensava a respeito no terreno da anatomia.

Explicando sua descoberta a O BRASIL EM JORNAL, disse Fabricio :

— «Quando o sangue entra nas bolsas elas se dilatam, suas extremidades se tocam e o sangue fica impedido de passar. A conclusão é clara e indiscutível : se as válvulas se abrem

A anatomia das veias, antes de Fabricio, foi bem estudada pelo menos duas vezes : no século I depois de Cristo, por Galeno, e no princípio deste nosso século por André Vesale, que foi durante algum tempo professor em Pádua. Mas nem um nem outro deram grande atenção às válvulas. Fabricio não se contentou em fazer minuciosa descrição das válvulas; êle compreendeu toda sua importância fisiológica.

A existência do sangue foi constatada pelos primeiros homens da Terra, por ocasião dos ferimentos de guerra ou de caça. Os antigos, principalmente os gregos, embora não tivessem uma idéia exata de seu papel no organismo, deixaram noções interessantes neste domínio.

Eles sabiam, por exemplo, que circulam através do corpo numerosos vasos que se ramificam em vasos menores; uns,

para o coração, o sangue circula nas veias também em direção ao coração, vindo dos diversos músculos e órgãos.

Por outro lado, Fabricio conhece bem esta observação feita pelos cirurgiões : quando se enfaixa um membro, as veias se dilatam debaixo da atadura, mas nunca pela parte superior do garrote. É uma experiência simples que indica que o sangue vem da extremidade do membro para o coração e não em sentido inverso como se pensava até então.

parecendo cheios de ar, relativamente rígidos, correm sempre a uma certa profundidade sob a pele : são as artérias; outros, cheios de sangue, de paredes flácidas, correm à flor da pele e são visíveis, sob a forma de pequenos cordões azuis : são as veias. Todos esses vasos partem do coração e dos pulmões.

Sabiam ainda que os pulmões eram uma espécie de sacola, onde o ar entra e sai alternativamente. Colocado entre os dois pulmões, o coração é também uma grande sacola, dividida em quatro cavidades aurículas — as duas pequenas sacolas superiores de paredes finas e flácidas — e ventrículos — as duas sacolas inferiores de paredes musculosas e espessas.

Com estes conhecimentos, Galeno, que também foi médico de Marco Aurélio, elaborou uma engenhosa teoria sobre o papel do coração e do sangue. Para êle, o ar é levado ao coração pelos pulmões e os ali-



Jerônimo Fabricio: as veias possuem válvulas

mentos levam ao intestino substâncias nutritivas, as quais formam o líquido alimentar que é transmitido ao coração pelo fígado.

No coração, se forma uma mistura de ar e de substâncias nutritivas que provoca o nascimento dos fluidos vitais que são então distribuídos a todo o organismo por intermédio dos vasos, veias e artérias.

Esta concepção é tida nos nossos dias como fantástica, sem apoio da experiência. Mas ela merece ser assinalada para permitir compreender a importância da descoberta que d'Acquapendente acaba de fazer.

## Nova estrêla sumiu

Knudstrop (Dinamarca), março, 1574 (Urgente) — Desapareceu dos céus, depois de brilhar durante 17 meses, a nova estrêla observada pela primeira vez pelo astrônomo Ticho Brahe, quando saía do observatório desta cidade, numa madrugada de novembro de 1572.

### NEM RASTRO

A «Nova» — que é como chamam os astrônomos a esses corpos que aparecem nos céus — surgiu na constelação de Cassiopéa e some, agora, sem deixar um rastro sequer.

### PUBLICOU

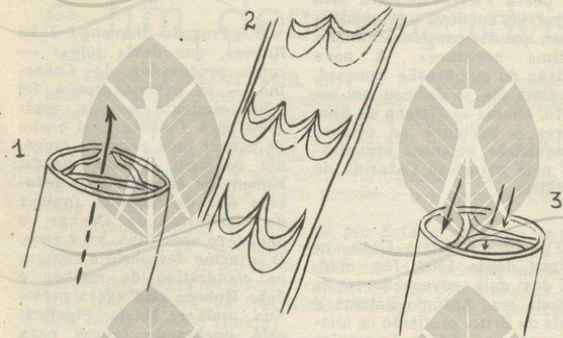
O astrônomo Ticho Brahe publicou uma notícia sobre o aparecimento da estrêla, como O BRASIL EM JORNAL havia adiantado, na ocasião. Essa notícia, demonstrando cabalmente que a estrêla nova era mais distante que a Lua e não participava dos movimentos planetários, contraria a doutrina aristotélica da imutabilidade do espaço.

## Casamento fêz o novo rei da Polônia: Estêvão

Cracóvia, 14, dezembro, 1575 — A dieta polonesa acaba de eleger hoje para sucessor de Henrique, que fugiu para a França, Estêvão Bathory.

Ao que se informa, o novo rei foi eleito à custa do apoio turco. Os poloneses haviam dado prazo a Henrique para que

êste voltasse ao trono. O partido senatorial, a Lituânia e a Prússia elegeram o imperador Maximiliano II para o trono, mas o partido contrário indicou a irmã do ex-imperador Sigismundo Augusto, Ana, e a obrigou a casar-se com Bathory. Êste, hoje, foi reconhecido rei da Polônia pela dieta.



Três fases da descoberta de Fabricio : 1 — o sangue passa imprensando as válvulas contra a parede venosa; 2 — As válvulas em «ninho de pombo», em uma veia aberta; 3 — O sangue enche as válvulas, que lhe impõem um trajeto em sentido único.

## Executado o conde Montgomery: traição

Paris, dezembro, 1574 (Da sucursal) — Condenado por apostasia, heresia e alta traição, foi executado nesta cidade o conde Gabriel de Montgomery, antigo capitão da guarda escocesa, que, nas festivas justas de 1559, feriu, com a lança, através da viseira do elmo, o rei Henrique II, causando-lhe a morte.

Montgomery, depois deste acidente, passou três anos em sua propriedade particular, onde acabou convertendo-se à religião reformada, pela qual passou a lutar. Comandando tropas do exército rebelde do príncipe Condé, defendeu Bourges e Ruão do ataque das forças reais. Em 1563, tentou, sem resultado, tomar a fortaleza do Monte de São Miguel, o que daria aos protestantes o domínio do litoral bretão. Em 1569, conquistou Navarra. Após doze anos de guerra, foi

aprisionado no combate de Dronfont e trazido para Paris, onde morreu.

Sobre os boatos de que a morte de Henrique II teria influenciado no julgamento, procuramos ouvir os juizes que o condenaram à morte. Nenhum deles quis falar a O BRASIL EM JORNAL.

Montgomery deixa um filho, também convertido ao protestantismo, servindo sob as ordens do príncipe de Condé, contra o rei da França.

## Moda de Paris para o mundo

Paris, junho de 1574 (Especial para O BRASIL EM JORNAL) — Paris mais uma vez dita a moda para o mundo — e O BRASIL EM JORNAL publica com exclusividade para suas leitoras a linha mais típica da moda feminina na França.

A saia é bem rodada, com ampla armação por baixo, tendo na barra dois frisos vermelhos. As mangas são praticamente um enfeite : muito compridas, mas largas e abertas, têm um botão vermelho e vistoso na altura do cotovelo.

O corpete é bastante apertado e apresenta quatro cordões presos a quatro pares de botões falsos, terminando por um bonito pendente que, segundo os entendidos, é o que dá mais vida a êste modelo. Uma gorjeira envolve o pescoço da dama, combinando sua cor com as luvas, que são brancas.

Por baixo das mangas falsas aparecem mangas muito justas, de tecido grosso e vermelho. E o decote do corpete é vedado por um corpinho interior, branco e enfeitado. Brincos vermelhos e chapéu branco com listas vermelhas completam o vestido, cuja cor é amarela — a que está mais em moda neste reinado de Henrique III.



# Ação imprescindível

Nosso propósito ao traçarmos este editorial é chamar a atenção do governo da metrópole para a situação de abandono em que se encontra toda a parte septentrional do Brasil, além da Capitania de Itamaracá, depois de malogradas as tentativas de colonização ainda ao tempo das Donatárias. Depois, o Governo Geral, preocupado com a intromissão dos franceses na Guanabara e, antes, com a guerra dos índios e a estada dos espanhóis no Iguape, não pôde, no decurso de várias administrações, se interessar pelo norte do país. Por isso, os corsários normandos têm quase que ocupado a foz do Paraíba e se encontram em boa camaradagem com a índia, nas regiões do Maranhão. Correm mesmo vozes de que aventureiros ingleses e holandeses freqüentam amudadamente as ilhas da embocadura do grande rio das Amazonas, a qual, por força da demarcação do meridiano de Tordesilhas, cabe dentro da zona das possessões portuguesas.

No ano passado, pela carta patente de Évora, assinada a 10 de dezembro, El-Rei D. Sebastião nomeou Luís de Brito e Almeida governador das capitanias septentrionais do Brasil. Nós nos manifestamos nesta coluna contrários à divisão do país em dois governos, o que tal nomeação fazia prever; mas o que está feito está e agora se deve fornecer ao novo administrador os elementos necessários ao bom desempenho de sua missão. Se essa divisão territorial foi útil ao desenvolvimento da parte esquecida da colônia, confessaremos que a condenada secessão governamental serviu ao menos para alguma coisa.

Como plano para integrar o norte no sistema colonizador luso do território brasileiro, aconselhamos ao Governo Real, data venia, um avanço duplo, processado da foz do Amazonas para o sul, e de Itamaracá para o norte. Conquista da Paraíba e, em seguida, posse do Potengi, como passo principal para as salinas do chamado Ceará-Mirim. Tomada a Paraíba, impõe-se o avanço até a foz desse rio, onde, segundo parece, há local muito conveniente para se fundar uma fortaleza. Estabelecendo-se os portugueses no Grão-Pará ou no Maranhão, dali poderão com maiores facilidades avançar até o rio Punaré. E, quando estiverem em nossas mãos essas fronteiras, de uma para a outra se fará a devida ligação com a conquista e posse da costa compreendida entre o rio das Onças, de que há vagas notícias, e o Buraco das Tartarugas, onde alguns barcos nossos parece que já tocaram. Esses lugares são denominados na língua geral Jaguaribe e Jericoacoara.

Essa é a ação de que estamos à espera para que se complete o domínio do litoral brasileiro desde Cananéia ao rio das Amazonas. Ela pode ser retardada, mas é imprescindível.



## MÚSICA

Lincoln — Inglaterra, 1575 — William Byrd, musicista e compositor católico de 33 anos, um dos mais eméritos da Inglaterra, acaba de ser nomeado organista da Capela Real. Byrd foi aluno de Tallis e, agora, depois da nomeação, ele e seu professor receberam um privilégio, como impressores e vendedores de músicas.

Udine, Itália, 1575 — O músico italiano, de origem grega, Chamateró di Negri, acaba de lançar um belo «Magnificat». No ano passado, Chamateró compôs um «Introito» que, como sua atual obra, procura obedecer a certos cânones estruturais determinados pelo Concílio de Trento.

## COLUNA MILITAR



Este é um arcabuzeiro das forças do rei Henrique III, de França. Sua indumentária obedece aos requisitos técnicos exigidos pelo regulamento real de arcabuzeiros: uma couraça leve, calças largas, capote e bolsa com pólvora etc. Em sua mão está o temível arcabuz de fogo, cano longo e cabo curto.

## PINTURA

# Papagaio ainda não saiu

Pádua, dezembro, 1575 — Veronese não tirou nem pensa tirar o papagaio, o bôbo e os soldados alemães de seu quadro «Ceia na casa do levita». Recordar-se que o pintor foi condenado pelos inquisidores a fazer modificações naquela tela, e o caso, na época, chegou a ter grande repercussão.

Seja porque os próprios juizes se esqueceram da sentença ou porque o quadro afinal agradou em cheio, a verdade é que Veronese não toca mais no assunto e este ano acaba de pintar nesta cidade, para uma igreja local, um bellissimo «Martírio de Santa Justina», de que reproduzimos um detalhe para nossos leitores.

## EM SOCIEDADE

# Noiva de reis casada com duque

Montargis, França, 1575 — Morreu nesta cidade a princesa que foi noiva de Carlos V e Henrique VIII, mas se casou com o duque de Ferrara e acabou praticamente sem marido, porque protegia em sua corte os perseguidos da religião.

A ilustre morta é Renée, a duquesa de Ferrara, filha do rei de França Luís XII. Ela, que tinha nascido em Blois, 1510, desaparece aos 65 anos. Entre outras coisas foi aluna de Lefèvre d'Étaples e amiga íntima de Calvino. Lia no original os autores gregos e latinos, conhecia matemática a fundo e se ocupava de astrologia. Em 1554, na corte de seu marido Afonso I foi processada e condenada pela inquisição por suas ligações com os protestantes, a quem protegia. Em 1560 separou-se de Afonso e regressou à França, onde continuou protegendo os protestantes, apesar dos acontecimentos.

A noiva de vários reis morreu como uma mulher comum, mas sua linhagem é das melhores da Europa.

Paris, 1574 — O nosso grande poeta Pierre Ronsard está envolvido em nova intriga amorosa, que ele considera «minha última aventura». A nova paixão do cinqüentão Ronsard, a quem ele já dedicou um soneto, chama-se Helena de Surgères e pertence ao célebre «esquadrão volante» organizado pela astuciosa Catarina de Médicis.

O padre Quirício Caxa, no Brasil desde 1563, fez, diante dos dois governadores do Brasil, srs. Antônio Salema e Luís de Brito, profissão de quatro votos no dia 1º de janeiro do corrente ano de 74.

De Cracóvia, na Polônia, manda dizer nosso correspondente que Henrique, ao saber da morte de seu irmão Carlos IX, rei da França, chorou de alegria. Mas, para não despertar suspeitas aos poloneses, jurou que continuaria no trono. Quatro dias após o juramento, abandonou o país em fuga vergonhosa, sendo perseguido por policiais.

Em um «furo» internacional conseguimos a carta que Catarina mandou a Henrique, anunciando a morte de Carlos IX.



Renée, a que foi noiva de vários reis

Eis a integra: «Vosso irmão morreu, tendo recebido Deus esta manhã; a última frase que ele pronunciou foi: «e minha mãe!». Isto me provocou uma extrema dor e só encontro consolação vendo-vos aqui, como vosso reino exige, mas com saúde, porque se vos perco, eu me farei enterrar convosco, em vida.»

O advogado flamengo João Rubens, que devia julgar — como procurador do Conselho — os protestantes e foi condescendente demais, emigrou para Colônia e aí acaba de causar uma pequena tragédia conjugal. Nessa cidade, Rubens se enamorou da princesa Ana da Saxônia, mulher de Guilherme de Orange, e dela teve uma filha, há 4 anos. O príncipe descobriu o romance clandestino da mulher e João Rubens está agora preso. Sua mulher, Maria Pipelinx, está quebrando lanças para obter a libertação do marido.

Familiares da Corte francesa garantem que foi depois da morte de sua grande paixão Maria de Clèves (mulher de Condé) que Henrique III adquiriu «esses estranhos hábitos», entre eles: costurar pérolas em vestido, fazer saias para sua irmã Margarida, vestir as componentes do «esquadrão volante», fazer pequenos bordados, tricô etc.

**O BRASIL EM JORNAL**  
R. México, 119, 12º and.  
grupos 1.202/8 — Tel. 22-6807  
SEDE PRÓPRIA  
End. Teleg. REFORMA - Rio

Direção  
AMARAL NETTO  
Assessoria  
GUSTAVO BARROSO  
JAYME COELHO  
Redação  
CLAUDIO SOARES  
MARCOS DE CASTRO  
RUBEM DE AZEVEDO LIMA  
ZUENIR CARLOS VENTURA  
WALTER CUNTO

Paginação  
WALDYR FIGUEIREDO  
Ilustração  
ADAIL  
Revisão  
GABRIEL CHAVES DE MELO

Director-Superintendente  
LUIZ PIETSCH JUNIOR

São Paulo  
AGENCIA POLANO  
Rua João Brícola, 32

ASSINATURAS (ANUAIS)  
24 Nos. SIMPLES, Cr\$ 300,00  
24 Nos. AEREA, Cr\$ 350,00

# Rei foi à guerra mas só fêz caçar: África

Evidentemente a crise econômica é geral. Também a França está lutando para conter a inflação e o governo real lançou mão de vários expedientes, como aumento dos impostos sobre as cidades, criação de ofícios, venda de cartas de nobreza, contribuição imposta aos clérigos etc.

Com isso aumentaram os protestos da burguesia, principalmente agora em dezembro de 1575, mês dos presentes.

Mais uma vez a Espanha está na bancarrota. A situação é tão grave quanto a dos anos de 1557/59. A dívida do Estado já alcança neste ano de 1574 a casa dos 37 milhões de ducados. Nenhuma das providências tomadas resolveu a crise: aumento das taxas e dos impostos (até para os eclesiásticos) e nem mesmo os empréstimos a 20% aos banqueiros usurários genoveses.

## Duque teve comêço e fim desgraçados

Castelo, Itália, 21, abril, 1574 — A Toscana, desde hoje, está sem senhor: morreu o duque Cosme de Médicis, que acabou sua vida desgraçadamente como a começou.

Cosme foi o criador do grão-ducado toscano. Nasceu em 1519, filho de João das Bandas Negras e Maria Salviatti. Aos 8 anos perdeu seu pai, e sua família foi expulsa de Florença. Aos 18 anos era de energia pouco comum e o imperador Carlos V fê-lo duque.

Cosme ampliou os limites de seu Estado, protegeu os artistas e refreou as veleidades autonomistas dos municípios sujeitos a Florença. A partir de 1562 sua vida privada começou a passar por lances altamente dramáticos: perdeu a mulher (Leonor) que adorava, as três filhas (Maria, Isabel e Lucrecia) e dois filhos (João e Garcia).

Para o povo, Cosme não passava de um envenenador vulgar e parricida repelente.



COSME DE MÉDICIS  
Criou Toscana e foi acusado de parricida

Lisboa, 20, agosto, 1574 (Urgente) — O rei de Portugal partiu hoje para guerrear contra os mouros, na África. D. Sebastião, que estava em Lagos, no sul do país, para onde seguira há 3 dias, a fim de acompanhar a distância a ação das tropas portuguesas no norte africano, escreveu carta a esta capital incumbindo da regência o cardeal D. Henrique.

Outras cartas, escritas também de Lagos, foram dirigidas às várias cidades e vilas do país, pedindo voluntários e comunicando a decisão real.

D. Sebastião viajou com escassas forças militares e com êle seguiram altas figuras da nobreza: D. Duarte, o duque de Aveiro e o conde de Vimioso.

Em Lisboa, a partida do rei ecoou como uma bomba. Várias personalidades consideraram a viagem como uma aventura sem conseqüências benéficas para o país.

### ACLAMADO

Ceuta, 24, agosto, 1574 — Chegou a esta cidade a expe-

dição portuguesa sob o comando do rei D. Sebastião, que foi recebido com toda a pompa pelo marquês de Vila Real.

Um porta-voz da chancelaria informou-nos que o rei pretende ficar aqui alguns dias, antes de partir para regiões em poder dos árabes.

### REI APENAS CAÇA

Tânger, 10, setembro, 1574 — Há dez dias se encontra nesta cidade o rei D. Sebastião. Ninguém sabe quais são os planos do monarca, que passa os dias em caçadas temerárias, arriscando-se a levar um tiro perdido.

Um dos primeiros atos do rei foi a exoneração do prior do Crato, governador da cidade, acusado de não ter procurado o combate com os árabes.

Os acompanhantes preferidos do rei, nas caçadas e correrias, são Álvaro de Castro, filho de D. João de Castro, o conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal, Cristovão de Távora e Manuel Quaresma Barreto. Os outros nobres se negam a acompanhar o rei, alegando que têm sido preteridos.

Diariamente chegam de Portugal novos voluntários para guerrear os árabes. Mas o acúmulo de tropas não tem unidade e receia-se que o rei parta assim mesmo para uma aventura em Larache ou Arzila.

Ao ser advertido pelo bispo António Pinheiro, da diocese de Miranda, sobre o risco de uma ação militar contra tropas bem treinadas, o rei teve uma violenta explosão de cólera e ordenou que o bispo renunciasse a seu posto.

Ao que se informa a rainha-avó D. Catarina enviou carta ao rei dizendo que virá à África apanhá-lo se êle não voltar imediatamente para Portugal. D. Catarina conseguiu que Fi-

## Papa defende botânico que foi ameaçado

Bolonha, 1574 — Acusado de cultivar, em prejuízo da classe farmacêutica, plantas destinadas à manipulação de um contraveneno doméstico, no Jardim Botânico desta cidade, que criou e dirige desde 1568, o botânico Aldrovandi acaba de ter sua conduta justificada legalmente pelo papa Gregório XIII.

Por causa dêsse seu procedimento de monopolizador da droga antivenenosa, os farmacêuticos da cidade — classe na qual criou inúmeros inimigos — uniram-se contra êle num protesto, declarando-se prejudicados. O botânico, êste ano, recorreu ao Papa, que tomou o seu partido. Aldrovandi é catedrático de Botânica na Universidade de Bolonha e, como registramos em nossa seção especializada, acaba de publicar um livro.



SEBASTIÃO

Guerra virou caçada

lize II, da Espanha, negasse provisões de guerra às tropas ora na África.

### TERMINA AVENTURA

Lisboa, 2, dezembro, 1574 — Terminou, afinal, a aventura africana do rei D. Sebastião. O soberano foi recebido em Lisboa aonde chegou sob aclamações populares e, depois do desfile militar, jantou com a rainha-avó Catarina, a quem não via há muito tempo.

D. Sebastião partiu de Tânger a 25 de outubro último, dada a impossibilidade de se impor às forças árabes. No meio do caminho, a esquadra em que viajava enfrentou um temporal e êle mesmo se decidiu a desembarcar em Setúbal e Alcácer antes de seguir rumo a Lisboa.

Diante do ambiente de censura que encontrou na capital do país, o rei prometeu relatar os motivos de sua viagem, num livro a ser publicado brevemente. Ao ser indagado sobre se desistia definitivamente da África, respondeu com absoluta firmeza: «Não!»

### CONSPIRAÇÃO

Lisboa, dezembro, 1574 — Fala-se abertamente nesta cidade que estaria em andamento um movimento para cortar os poderes de Martim Gonçalves da Câmara, irmão do confessor do rei e espécie de ministro sem pasta.

Martim é considerado a pessoa mais poderosa em Portugal. Ao movimento não estariam alheios o ex-escrivão de puridade, sr. Pedro de Alcáçova Carneiro, o sr. Álvaro de Castro e Cristovão de Távora.

### PILHERIA DERRUBA

Lisboa, 1575 — Estaria iminente a queda de Martim Gonçalves, quer por atos de despotismo que êle vem praticando, quer por uma brincadeira que alguns súditos fizeram com o rei.

Uma fonte informou-nos que durante uma das viagens de D. Sebastião, o sr. João de Castilho, para causar ao rei o máximo desgosto, disse-lhe que, enquanto estivesse longe de Lisboa, êle, D. Sebastião, podia despachar à vontade, porque era realmente rei.

D. Sebastião nada respondeu, mas o modo severo como encarou a brincadeira faz prever que os dias de Martim estão contados.

Em reconhecimento à heróica resistência da cidade e ao sofrimento do seu povo, o governador dos Países-Baixos fundou, neste ano de 1575, em «nome do rei», a Universidade de Leiden, primeira instituição de alto saber do país.

Leiden sofreu no ano passado um cerco de vários meses e a criação da universidade é uma tentativa espanhola de restauração do seu prestígio.

Bahia, 1575 — O colégio de jesuítas resolveu iniciar êste ano um curso de Teologia para alunos externos. O curso consta de leituras à mesa.

Aliás, outra informação do Colégio diz-nos que há, matriculados ali, na escola elementar, 70 alunos; na superior, 50. Êste ano colaram grau os alunos que iniciaram o curso em 1572.

O padre Luis da Grã voltou outra vez, neste ano de 1574, à direção do colégio jesuítico na Bahia, substituindo o padre Gregório Serrão.

## Pintava mal mas escrevia bem: Vasari

Florença, 1574 — Morreu Giorgio Vasari, pintor que foi o biógrafo dos pintores, arquitetos e escultores italianos.

Vasari, que, como pintor, segundo os críticos, não teria grande repercussão, conseguiu com seu livro um extraordinário êxito e talvez imortalidade.

Ele nasceu em Arezzo, aos 30 de julho de 1511. Aos 16 anos perdeu seu pai, um modesto corretor, e assumiu as responsabilidades da família. Adquiriu certo renome como orives por volta de 1540 e dez anos mais tarde trabalhou em Roma para o papa Júlio III, ano em que publicou seu livro. Fixou-se em Florença por volta de 1554, a serviço do duque Cosme. Em 1568 reeditou a biografia dos pintores, arquitetos e escultores, ampliada.

Manteve correspondência com Miguel Ângelo e outras célebres personalidades de sua época.



Vasari e sua mulher. Êle pintava mal e escrevia bem

# Crítica fria provoca angústia em Torquato

Ferrara, dezembro, 1575 (Urgente) — O poeta Torquato Tasso, de 31 anos, tido atualmente pela generalidade dos intelectuais italianos como o gênio da nova geração, começa a apresentar visíveis sintomas de desequilíbrio nervoso, neste fim de ano, depois de produzir febrilmente desde 1573.

As primeiras manifestações vieram com o extenuante trabalho que teve com a revisão de seu poema "Jerusalém Libertada".

## SINTOMAS

Angustiado com a acolhida discreta dada à primeira parte de seu livro, e desencantado pelas críticas recebidas de todas as partes pelo poema que considera sua obra-prima, o poeta vem tendo, pouco a pouco, todas as suas hesitações de artista e seus escrúpulos religiosos mudados em mania de perseguição. Temores místicos, escrúpulo excessivo e mania de grandeza são outros sintomas do desequilíbrio nervoso.

## NAO ESTA PRONTO

Apesar do intenso trabalho que tem tido com seu poema, Tasso diz que ainda não o terminou e que a parte dada ao público é apenas o início. Continua, não obstante, trabalhando nele.

O poeta terminou, em abril deste ano, a primeira parte do poema, a que deu o título de «Poema de Gofredo». Mas, pela amplitude que está querendo dar à obra, ainda deverá trabalhar alguns anos nele, até transformá-lo no «Gerusalemme Liberata».

## Câmara nova demorou mas está pronta

São Paulo, 14, agosto, 1575 Vereadores de São Paulo não terão mais de ir de ceca e meca para participar das sessões da Câmara: hoje foi inaugurada oficialmente a nova sede do Conselho, toda de taipa, paredes acabadas e armação de ripa.

O prédio, onde a partir de hoje os vereadores paulistas farão brilhar sua oratória, levou oito meses para ficar pronto. Seu construtor foi Alvaro Anes, que o levantou a passo de tartaruga.

Quando as paredes chegaram a regular altura, depois de 2 meses de trabalhos, as obras pararam. A Câmara intimou o construtor a acabá-la até o dia 15 de abril último, sob pena de multá-lo em 500 réis. Apesar disso, a obra não continuava. Anes exigia que lhe pagassem, logo que a pericia considerasse o prédio terminado, mais dois mil e secentos réis e pediu madeiramento. Foi assinado contrato com dois carpinteiros para a construção de portas, janelas e cadeiras para vereadores.

Hoje, afinal, a obra foi dada por concluída. O procurador do Conselho leu os gastos de sua construção: treze mil réis. A metade da despesa será paga pelo capitão-mor e a outra metade pelos municipes. Dois cobradores foram nomeados para recolher do povo os 6 mil e 500 réis.

Para os paulistas, a sede da Câmara foi uma das obras mais demoradas de São Paulo, nos últimos tempos.

## CONSULTOU A INQUISIÇÃO

Na angústia em que se debate, Torquato consultou espontaneamente o tribunal da Inquisição de Bolonha sobre seu poema, recebendo dos inquisidores uma «sentença de absolvição». Mas essa sentença não foi suficiente para tirá-lo do inquietante estado de dúvida que o sufoca.

O poeta disse a O BRASIL EM JORNAL, em seu gabinete de trabalho, cercado de uma infinidade de livros e de manuscritos, que pretende, também, consultar ainda o Tribunal da Inquisição desta cidade de Ferrara. Outra atitude que pretende tomar, e que nos revelou com exclusividade: viajar, viajar muito, para ver se espairose um pouco e descansa da vida doentia e agitada que tem levado.

## Fugitivos da "Noite de S. Bartolomeu"

Genebra, outubro, 1574 (Correspondente) — Uma verdadeira onda de franceses, fugitivos da Noite de São Bartolomeu (24 de agosto de 1572) invadiu esta e outras cidades da Suíça, numa tentativa desesperada de escapar à carnificina.

Esta a conclusão a que o repórter de O BRASIL EM JORNAL chegou ao consultar, dois anos depois, o «Livro dos Habitantes de Genebra», onde a letra apressada, quase ininteligível, mostra como o escrivão teve de escrever rapidamente para registrar os nomes de todos os franceses que para aqui vieram.



**SE PARECE, É** — Segundo o físico napolitano Giambattista della Porta, o cavalheiro da força, e come como um boi. Isto porque a sua teoria «metafísica-mágica-espiritualista» diz que os seres de forma semelhante têm caracteres comuns: os homens que se parecem com o asno são, como ele, tímidos e teimosos. Os que se assemelham ao porco são porcos e como tal vivem e agem. A teoria de della Porta tem encontrado sérios adversários.

## Último livro de Maurolico é sobre ótica

Messina (Itália), dezembro, 1575 (Do correspondente) — Com 81 anos, dos quais mais de 30 dedicados à Matemática e à Física, morreu nesta cidade, onde nasceu e lecionou durante muitos anos, Francisco Maurolico, italiano de origem grega, conhecido na França pelo nome de Marulle.

Maurolico deixa vários livros, entre eles uma enorme enciclopédia. Como físico, escreveu uma «Ótica», que acaba de ser lançada em Veneza. É a primeira escrita depois do padre Teodorico. Na verdade, ela não contém muita coisa nova.

Sobre a refração, Maurolico creê também que o ângulo de refração é proporcional ao ângulo de incidência. Sua teoria sobre a câmara escura não é superior à de Leonardo da Vinci. No entanto, no que se refere à visão, sua explicação parece estar mais próxima da verdade do que a do físico árabe que viveu no século XI, Alhazen (Ibn al-Haytham), pois Maurolico toma conhecimento da presença do cristalino e, segundo sua teoria, o olho emite raios que exploram os objetos e transmitem as sensações visuais ao espírito.

No seu «Tratado dos Cônicos», ele introduziu as secantes nos cálculos trigonométricos e deu as primeiras regras do cálculo algébrico.

## Baianos festejam mártires

Salvador, 15, julho, 1574 — Com epigramas e sermões, esta cidade homenageou, hoje, os jesuítas sacrificados pelo pirata francês Jacques Sore, há quatro anos.

Foi esta a primeira solenidade em que se enalteceu o espírito de sacrifício dos religiosos e a população lhes deu o nome de padroeiros do Brasil.

Apuramos que, entre os mortos, um pelo menos não era jesuíta: João Adauto.

Adauto era sobrinho do capitão da nau Santiago e se ofereceu voluntariamente para morrer com os jesuítas.

Autoridades eclesiásticas informam que a festa dos mártires deverá repetir-se em todos os 15 de julho.

# Duque de Guise salva os católicos da França

Paris, 10, outubro, 1575 (Sucursal) — Henrique de Guise salvou hoje, em Dormans, o catolicismo na França, ao bater o exército huguenote, comandado por Condé e pelo duque Jean-Casimir e do qual fazia parte Francisco, duque de Alençon e irmão do rei, que no dia 15 de setembro fugira da corte para esse fim.

A vitória, que custou a Henrique um profundo ferimento no rosto, evitou o que, na entrevista de Chambord, Catarina não conseguiu do seu filho Francisco: impedir a invasão do país pelas tropas huguenotes. Francisco não aceitou a proposta de passar para o lado da mãe, porque sabia que estava havendo a junção das tropas protestantes de Jean-Casimir e de Damville.

## AMEAÇA AO REI

Paris, dezembro, 1575 — Notícias procedentes de Montargis informam que parte da tropa derrotada por Henrique conseguiu fugir e avançar até aquela localidade e está agora ameaçando diretamente o rei.

Em consequência, já se fala na corte na possibilidade da assinatura de um édito de pacificação.

## 2 ALIANÇAS

Se se confirmar esta notícia agora, este será o segundo acordo que protestantes e católicos assinam em menos de dois anos, pois, em agosto do ano passado, foi assinada aliança em Millau.

Estes acordos, que evidentemente pressupõem guerra, são um indicio de que a ascensão de Henrique III ao trono foi muito próxima do massacre da

Noite de São Bartolomeu, para dar a paz decisiva de que o reino precisa.

Se os católicos viram com satisfação seu antigo chefe subir ao trono, os huguenotes sabem que Catarina, através dele, imporá a sua lei. E a discórdia continua.



O duque de Guise

## Índio se diz irmão de Cristo

Salvador, abril, 1574 (Correspondente) — Com pedras verdes e azuladas, que diz serem turmalinas, e uma notícia que encheu de espanto os católicos da cidade (encontrou pelo caminho um irmão de Jesus Cristo), acaba de regressar a Salvador o explorador Antônio Dias Adorno.

Em Pôrto Seguro, disse ele enquanto exibia o fruto de suas descobertas, encontramos seis ídolos de madeira, mas de forma e tamanho de homens, que serviam de alvo aos índios. Os que erravam no tiro ao arco eram considerados fracos e andavam sempre de cabeça baixa. Além disso, o chefe dos selvagens se intitulava filho de Deus e da Virgem Maria, vindo de Portugal para evitar que o crucificassem.

Em seu terreiro havia dois mastros da altura de 6 metros. Num deles o cacique subia quando queria pregar aos companheiros; noutro, garantiu-nos, subia ao céu quando desejava.

Adorno partiu daqui em fevereiro do ano passado, com 150 homens brancos e mais 400 índios e escravos. Subiu o rio Caravelas e prosseguiu pelo interior em marcha a pé, chegando a uma serra que denominou das Esmeraldas. Para regresso dividiu sua gente: parte veio por mar e parte por terra (inclusive ele, que encontrou perto de Jequiricá o fazendeiro Gabriel Soares de Sousa).

Sobre os frutos de sua expedição, que fôra ordenada pelo próprio governador do Norte, sr. Luis de Brito, disse serem os melhores possíveis.

## Morreu médico que descobriu "trompa"

Roma, dezembro, 1574 (Sucursal) — O médico que descobriu uma espécie de trompa, que estabelece a comunicação entre o ouvido-médio e a faringe, morreu este ano, segundo notícias chegadas a nossa sucursal. Seu nome é Bartolomeu Eustáquio, que deixa também outra importante descoberta: uma válvula na embocadura da veia cava inferior.

Eustáquio fez do método de observação a base de suas pesquisas científicas. Por isso, suas descrições são tão precisas. Ele deixa também várias obras importantes e belas pranchas destinadas a uma grande obra de anatomia, que não pôde realizar.

A «trompa» descoberta por Eustáquio é composta de um canal, em parte ósseo, em parte fibro-cartilaginosa e membranosa, do qual uma das extremidades se prolonga até a cavidade do tímpano, e a outra à parte lateral e superior da faringe. Este canal, de cerca de 5 centímetros, faz comunicar o ar exterior com a caixa do tímpano, o que é uma condição da audição.

Bartolomeu Eustáquio, que nasceu em São Severino, Itália, se popularizou, também, pelos ataques que dirigiu ao seu colega Vesale e fez outra descoberta importante: a estrutura anômica dos dentes.

# Pai empenhou filho Garcia foi para salvar cidade conquistar os sertões

Goa, 1575 — A situação do tesouro português na Índia é tão grave que o vice-rei, sr. Antônio Moniz Barreto, teve de empenhar um filho, menino de 8 anos, para conseguir o dinheiro com que armou as tropas contra os invasores de Málaca.

Moniz Barreto ocupava o governo do Extremo Oriente e foi indicado no ano passado para substituir Antônio de Noronha na Índia.

O primeiro passo do novo governador foi defender Málaca, sitiada por soldados da rainha Japara e do rei de Achém. Para isso, precisava de dinheiro e pediu um empréstimo de 20 mil pardaus ao Senado de Goa, que lhe negou auxílio. Barreto empenhou o filho e os senadores concederam-lhe afinal o que ele desejava. Graças a isso, Málaca salvou-se.

Este ano, novo fato gravíssimo veio a ocorrer. O filho do rei de Ternate (que o capitão Diogo de Mesquita mandou assassinar em 1568, como noticiamos) cercou a fortaleza ali existente e a ocupou.

Despacho vindo daquela cidade assegurou-nos que o príncipe declarou, ao ocupá-la, que ficaria como depositário do rei de Portugal. Quería vingar-se do assassínio de seu pai. A exceção do português que matou o velho rei, todos foram poupados em Ternate.



Barreto: um filho pela fortaleza

Bahia, 28, fevereiro, 1575 — Um rico e poderoso criador de gado no norte desta capitania chegou hoje às margens do rio Real. Trata-se do sr. Garcia d'Ávila, que, na companhia de dois jesuítas (padres Gaspar Lourenço e João Solóquio), tenta conquistar aos índios territórios ainda muito mal conhecidos, entre a Bahia e Pernambuco.

Garcia estabeleceu, ao que se informa, um pequeno povoado nas terras que acaba de percorrer. Seus companheiros jesuítas deixam-no rumo ao sertão desconhecido, onde se diz viverem milhares de índios que há sete anos agitaram o interior da capitania.

Uma fonte de Salvador, ligada ao governador Luís de Brito, informou-nos por outro lado que também ele aprova a empresa de Garcia, mas não do modo como ela foi conduzida, com poucas tropas.

— O governador, disse-nos o informante, pretende no próximo ano ir em pessoa além do Rio Real para fundar uma cidade naquelas paragens.

# Capitão fujão ficou zangado: roca e fuso

Pernambuco, 1575 — Uma roca e um fuso de fiar postos no caminho das tropas do ouvidor Fernão da Silva, que aqui vieram para combater índios da Paraíba, provocaram sério atrito entre o ouvidor e algumas pessoas importantes da capitania.

No começo deste ano, os índios atacaram o engenho que Diogo Dias levantara em Tracunhaém. O governador do Norte do Brasil, sr. Luís de Brito, mandou que o ouvidor castigasse os selvagens.

Fernão da Silva ocupou o rio da Paraíba e correu atrás dos índios, mas a verdade é que jamais os alcançou. A situação todavia se transformou quando os índios se cansaram de fugir e atacaram os homens brancos. A caça passou a caçador e Fernão da Silva e seus soldados se homizaram em Itamaracá. Próximo desta cidade, uma surpresa os esperava: eram o fuso e a roca. Para o ouvidor isso era como se lhe tivessem dito que ele e suas tropas não eram de grandes realizações.

Houve inquérito policial-militar e descobriu-se o culpado: um mção de família distinta, que compareceu perante Fernão da Silva com uma vara na mão e a ofereceu ao ouvidor,

dizendo que merecia ser castigado com ela. Só assim o incidente se encerrou.

## EXPEDIÇÃO PUNITIVA

Salvador, setembro, 1575 — A fim de colher uma vitória expressiva sobre os índios paraibanos que puseram em fuga os soldados do ouvidor Fernão da Silva, o governador do Norte do Brasil, sr. Luís de Brito, acaba de mobilizar novos soldados.

Uma frota de 12 navios seguirá para Pernambuco, sob o comando do sobrinho do governador, Bernardo Pimentel d'Almeida. O próprio governador será o comandante-chefe da expedição vingadora.

## VENTO CONTRA

Recife, dezembro, 1575 — O vento conspirou contra a vingança! Os navios que para cá vinham, sob o comando de Bernardo Pimentel, ou não chegaram ou chegaram em péssimas condições de combate.

A expedição se desfez em alto-mar e o sobrinho do governador nordestino, comandante Bernardo Pimentel, informou-nos que seu tio, pegando ventos desfavoráveis, voltou à Bahia sem o gosto de ter castigado os índios que puseram os brancos em fuga.

Ele, pessoalmente está cansado de esperar que seu tio regresse e vai também voltar à Bahia.

# Prêso quer processo

Lisboa, 30, dezembro, 1575 (Urgente) — O padre Antônio de Gouveia, que foi prêso em Pernambuco, conforme na época anunciámos, solicitou hoje audiência aos membros do Tribunal da Inquisição a fim de ser despachado ou ser acusado dos crimes que lhe imputam.

Gouveia pretende, com o recurso, defender-se livre.

# Rei doou Angola

Angola (África), 1575 — Com os mesmos poderes dados aos primeiros donatários do Brasil, desembarcou aqui Paulo Dias de Novais, vindo de Portugal disposto a colonizar a região.

No ano passado, Novais recebeu do rei D. Sebastião ampla doação, desde o rio Dande até o rio Quanza. Ao lado dos vastos poderes recebidos, Novais, que desembarcou com 800 homens, será obrigado a construir três castelos de pedra e cal.

Ainda por imposição legal, ele foi obrigado a trazer na sua expedição 8 nedreiros, 4 cavouqueiros, 6 taípeiros, um médico e um barbeiro.

# Avarento em cena: rico dá até jóia

Olinda, 1575 — Por causa de uma peça representada nesta cidade, os ricos quiseram, senão ser, pelo menos aparentar que eram menos ricos. Título da peça que fez este milagre: «O rico avarento e o lázaro pobre».

Os artistas, na maioria alunos dos jesuítas, tiraram tantos e tão belos efeitos dramáticos da peça, que os espectadores ficaram edificadas. A figura sórdida do avarento e o aspecto miserável do pobre lázaro fizeram com que, no final da peça, os ricos do auditório sentissem vergonha de mostrar tanta riqueza. Muitos espectadores se despojaram de suas jóias e adereços para dá-los aos jesuítas.

Carlos IX não pôde terminar o livro que estava escrevendo sobre o seu divertimento preferido: a caça ao veado. Quando adoeceu tinha prontos 29 capítulos, sobre os quais este colonista só conhece a opinião do embaixador italiano Cavalli: «é a melhor coisa que já li sobre o assunto», disse ele em uma roda de diplomatas, logo após a morte do rei.

Paris, 1575 — O jovem François de Malherbe, de 20 anos, que parece disposto a seguir para a Provença, radiando-se na corte de Henri d'Angoulême, bastardo de Henrique II, anunciou muito particularmente a este colonista que tem pronto um livro, com o título de «As lágrimas na morte de Geneviève Rouxel».

Lyon, 1575 — Jean Nostradamus, irmão do famoso adivinho morto há nove anos, acaba de publicar um livro, nesta cidade. Seu longo título: «Vidas dos mais célebres e antigos poetas provençais que floresceram ao tempo dos condes de Provença». Jean é poeta e procurador junto ao Parlamento de Provença.

O economista, magistrado e filósofo francês Jean Bodin adjuntou a este colonista que espera lançar no próximo ano os seus «Seis Livros da República», onde procura justificar, no plano jurídico, o poder absoluto do rei. Bodin já ganhou as simpatias de Henrique III.

\*\*\*

Por coincidência, várias publicações surgiram agora em 1575, apresentando tese oposta à que vai ser defendida por Bodin. Temos em mão dois trabalhos de autoria de F. Hotman: «O Discurso maravilhoso da vida» e «Atos e deportamentos da rainha Catarina de Médicis». Tese defendida em ambos: o rei deve ser contido pelos Estados-Gerais e pelos oficiais da coroa.

Ulisses Aldrovandi, médico e naturalista bolonhês de 52 anos, também advogado, acaba de publicar um livro: «Epítome de antidotos bononienses», que, a partir deste ano de 1574, poderá servir de protótipo a todas as farmacopéias. Aldrovandi ocupa a cátedra de Botânica na Universidade de Bolonha desde 1560.

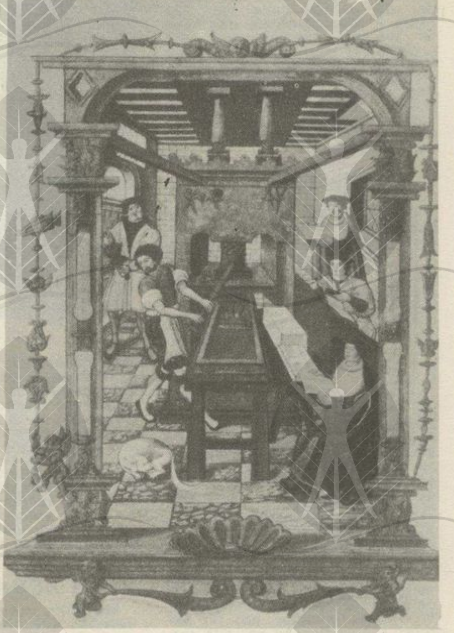
tes que se formaram entre seus partidários: a rigorista, em oposição à moderada, que era liderada por Melanchton. Deixa diversas obras de exegese, sendo a mais interessante, «A chave das Santas Escrituras» (1567), pela originalidade. Deixou também obras históricas, como o célebre «Catálogo das Testemunhas da Verdade», no qual enumera todos os precursores da Reforma, e foi um dos principais autores das «Centúrias de Magdeburgo». Publicou ainda um repositório de poesias goliárdicas: «Varia doctorum piorumque virorum de corrupto ecclesiae statu poemata».

## POVO

### LÊ

### MAIS

Com o aumento crescente do consumidor, a impressão de livros é hoje uma grande indústria. Há sempre lançamentos novos (veja nossa seção) e as tipografias não dão conta das encomendas. A oficina que aparece na gravura está localizada em Paris e é uma das mais procuradas. Seu proprietário disse ao colonista que val ter que aumentar o número (atualmente cinco, sem contar o cachorro) de empregados.



# Marido perde cabeça

Goa, 1574 — Quando mulheres se intrometem nos negócios de seus maridos pode acontecer o que se deu agora com o capitão de Chalé, sr. Jorge de Castro, que perdeu a cabeça em praça pública.

Chalé estava sitiada por grandes forças inimigas e o capitão Jorge, seguindo um conselho da esposa, que lhe pareceu prudente, entregou a praça ao invasor. Foi a primeira vez que portugueses abandonaram uma praça militar no Extremo Oriente.

O rei D. Sebastião, ao saber do ocorrido, determinou que D. Jorge fôsse degolado publicamente, como castigo.

# As vezes resoluções do Concílio de Trento

Roma, 17, fevereiro, 1575 (Da sucursal) — Apesar de passados mais de dez anos que o Concílio de Trento terminou, nenhum jornal do mundo conseguiu recolher para publicar os resultados a que chegaram os legados naquela ocasião. Pelo interesse que eles contém e para comemorar os dez anos de lançamento da bula de Paulo IV, é que publicamos os dez itens principais aprovados no 19º Concílio Ecumênico. Este extraordinário trabalho devemos ao nosso companheiro Antônio Melledone, que durante tanto tempo foi o correspondente de O BRASIL EM JORNAL em Trento.

## AS FONTES DA FÉ

O primeiro ponto em litígio era o das Fontes da Fé, pois os protestantes só reconheciam autoridade na Bíblia. O Concílio precisou então que a verdade e a disciplina estão contidas nos livros da Escritura e nas tradições não escritas. Estas tradições, ele ensina, são as transmitidas por Cristo até nossos dias, através dos apóstolos e sob a inspiração do Espírito Santo.

Há, portanto, duas fontes igualmente autorizadas para o dogma e a disciplina católica: as Sagradas Escrituras e as tradições. A palavra Tradição compreende os decretos dos concílios reconhecidos, as decisões e o consentimento da Igreja Universal, contanto que tudo isso caia sob a promessa de assistência do Espírito Santo.

## O PECADO ORIGINAL

O Concílio atribuiu a existência deste pecado a Adão, desde que ele violou, no Paraíso, a ordem de Deus. Por isto, o primeiro homem perdeu imediatamente a santidade e a justiça, nas quais havia sido criado e, com ele, toda sua descendência. Este pecado, que está em nós todos, só pode ser remido pela aplicação dos méritos do único mediador, Jesus Cristo, que com seu Sangue nos reconciliou com Deus. Esta aplicação se faz pelo Batismo, tanto das crianças como dos adultos, que apaga em nós todo o pecado original.

É verdade que a concupiscência não desaparece com o Batismo, mas só permanece para ser combatida. Ela é o primeiro passo para uma luta, pela qual o fiel soldado de Cristo será coroado. O Concílio adverte que a classificação de pecado dada por São Paulo a concupiscência não deve ser tomada rigorosamente. Ele assim o fez porque ela inclina ao pecado. Finalmente, o decreto proclama que tudo quanto ele ensina sobre a universalidade do pecado original, não atinge a Virgem Maria — sem declarar ainda que ela foi imaculada em sua concepção.

## A JUSTIFICAÇÃO

O dogma da Justificação se liga estreitamente ao pecado. Por este, o homem não fica privado do livre arbítrio que, no entanto, é enfraquecido. Foi para vir em ajuda do homem caído que Deus enviou seu divino Filho. Só por ele é possível renascer para a vida da graça, renascimento que se chama Justificação e que não pode ocorrer sem o Batismo ou o desejo de ser batizado.

A Justificação consiste não só na remissão dos pecados anteriores, mas numa santificação e renovação interior do homem por uma livre recepção da graça e dos dons. Por ela, o homem torna-se justo, amigo de Deus, herdeiro, em esperança, da vida eterna. As causas da Justificação são as seguintes: 1 — causa final: a glória de Deus e de Cristo e a vida eterna para nós; 2 — causa eficiente: a gratuita misericórdia de Deus; 3 — causa meritória: Cristo, que em razão de seu excesso de caridade, quando éramos inimigos, nos fez merecer a Justificação por sua santa Paixão sobre a cruz; 4 — causa instrumental: o sacramento do Batismo; 5 — causa formal: A justiça de Deus mesma, não aquela pela qual ele é justo, mas a que nos torna justos.

O pecado venial não arrebatou a Justificação e Deus não abandona ninguém, a não ser que seja abandonado por ele. O Concílio repete com veemência a doutrina da certeza da predestinação e da justiça inamissível, que Calvino propagava. Houve sempre aqui a preocupação de insistir sobre a necessidade de operar a nossa salvação com temor e tremor, contanto firmemente com a bondade de Deus, que assegura a perseverança final. Até o fim o cristão sabe que vai lutar contra a carne, contra o mundo, o demônio, e que só pode sair vencedor desses combates com a graça de Deus.

## BATISMO

Abordando em seguida a questão dos sacramentos, o Concílio impôs a fé ao septenário sacramental, sob pena de anátema. Mostrou a diferença de natureza entre os sacramentos da nova Lei e os da antiga, que eram exteriores. Os sacramentos da nova Lei ao contrário, são sinais sensíveis, eficazes, produzindo a graça. Eles não são todos iguais em dignidade, nem necessários a todos, mas nenhum é ineficaz ou superfluo. Sua eficácia não consiste só em alimentar a Fé, como queria Lutero, pois eles conferem graça a quem os recebe.

Três desses sacramentos imprimem um caráter e, por esta razão, não podem ser reiterados: o Batismo, a Confirmação e a Ordem. É heresia atribuir a todos os cristãos o poder de administrar todos os sacramentos.

Depois de reconhecer a autoridade da Igreja romana no Batismo, o concílio admite a validade do Batismo conferido por hereges, contanto que eles tenham a intenção de fazer o que faz a Igreja. Ele mostra, ainda, a abso-

luta necessidade do Batismo para a salvação e condena a heresia dos anabatistas que proíbe o Batismo das crianças ou exige sua reiteração na idade adulta.

Três cânones sobre a Confirmação afirmam o caráter sacramental deste rito, replem a idéia de que ele é injurioso ao Espírito Santo, e ensinam que a administração do sacramento é reservada ao bispo, como ministro ordinário, deixando entender que o padre pode ser o ministro extraordinário.

## A EUCHARISTIA

Mais importante ainda que os decretos que acabamos de analisar é este sobre o sacramento da Eucaristia. Após um solene preâmbulo, como para marcar a gravidade do assunto a ser tratado, o Concílio ensina: 1 — a realidade verdadeira e substancial presença de Jesus Cristo neste sacramento, após a consagração; 2 — a instituição da Eucaristia, por Jesus Cristo, como alimento das almas, antídoto contra as faltas cotidianas, penho da vida eterna e da união dos cristãos a Cristo e entre eles; 3 — A excelência deste sacramento sobre todos os outros, em virtude da presença de Cristo, como homem e como Deus; 4 — o mistério da transubstanciação, que quer dizer a conversão de toda a substância do pão na substância do vinho na do sangue de Cristo; 5 — a adoração devida a este sacramento, na medida em que ele contém o Homem-Deus, que merece nossas

adorações em toda a parte em que estiver; 6 — a legitimidade do uso de conservar o santíssimo-sacramento e de o levar aos doentes; 7 — a necessidade de se preparar para a comunhão pela confissão prévia de todo pecado mortal de que se tenha consciência; 8 — a maneira tradicional de receber este divino sacramento, não ao modo dos pecadores, que o recebem para sua condenação, mas como justos que recebem os frutos.

Na sessão XXI, do dia 16 de julho de 1562, foram estabelecidos os decretos de comunhão sob única espécie e a não obrigação de comunhão para as crianças de pouca idade.

## A MISSA

A Eucaristia, na doutrina católica, não é somente um sacramento oferecido aos homens. É antes de tudo um sacrifício oferecido a Deus. Este era um dos pontos que os protestantes, com unanimidade e virulência, rejeitavam. Na XXII sessão, de 17 de setembro de 1562, o Concílio promulgou a fé católica sobre esta questão de importância capital:

1 — A antiga Lei não pode conduzir o sacerdócio à sua perfeição. O Sacerdote perfeito foi Jesus Cristo, cujo sacrifício essencial foi da cruz. Mas como Ele só podia ser oferecido uma única vez, devia oferecer a seu Pai o sacrifício puro do qual falou o profeta Malaquias. E por isso que, na véspera de sua morte, na Ceia, ele instituiu o sacrifício de seu corpo e de seu sangue, para ser a memória e a re-

cepção da graça no sacramento da penitência.

## PENITÊNCIA

Nos decretos sobre a Justificação, foi muito discutido o problema da Penitência, mas os numerosos erros dos protestantes sobre o assunto obrigaram o Concílio a estabelecer com autoridade o verdadeiro ensinamento da Igreja neste domínio. O ensinamento resume-se nos seguintes pontos:

1 — Para todos os pecados cometidos depois do Batismo, há um sacramento diferente do Batismo, que se chama Penitência e que é «uma segunda tábua de salvação após os naufrágios».

2 — Este sacramento foi instituído por Cristo quando ele disse aos apóstolos: «Recebei o Espírito Santo: a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados — a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos».

3 — Para a perfeita remissão dos pecados, não basta ter fé no Evangelho, mas três atos são exigidos do penitente: a contrição, a confissão e a satisfação, que são como a matéria do sacramento, enquanto que a absolvição do padre é a forma.

4 — A contrição é um sentimento muito útil de detestação dos pecados cometidos com o firme propósito de não mais os cometer. Ao contrário de tornar o homem hipócrita ou mais criminoso, como sustentam os protestantes, ela prepara diretamente a

«ligar», como o fazem os padres ao impor as penitências.

## A EXTREMA-UNÇÃO

A respeito da Extrema-Unção, que muitos protestantes rejeitaram como sendo invenção humana, o Concílio ensina: 1 — Ela é um sacramento verdadeiro e propriamente dito, instituído por Cristo e promulgado por São Tiago; 2 — Este sacramento confere a graça, perdoa os pecados e conforta os enfermos; 3 — O rito deste sacramento não deve ser alterado nem desprezado pelos cristãos, porque ele não difere em nada do texto de São Tiago; 4 — O ministro deste sacramento só pode ser o padre.

## ORDENAÇÃO

Uma consequência imediata do dogma do sacrifício da missa é que há na nova Lei um sacerdócio autêntico e visível. O Concílio põe em relevo o laço entre um e outro dogma, e promulga os seguintes decretos:

1 — Existe no Novo Testamento um sacerdócio vivo e eterno que consiste no poder de consagrar e oferecer o verdadeiro corpo e sangue de Cristo e perdoar os pecados e não só pregar o Evangelho.

2 — Além do sacerdócio, existem na Igreja outras ordens, maiores e menores, pelas quais ascende-se ao sacerdócio.

3 — A ordem ou rito da ordenação é conferida por um sacramento verdadeiro, instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo e não uma invenção devida à ignorância dos séculos.

4 — Pela santa ordenação, o Espírito Santo é realmente dado e não é em vão que o bispo pronuncia estas palavras, dando um caráter indelevel: «Recebei o Espírito Santo».

5 — No ritual da ordenação, a unção sagrada usada na Igreja e as outras cerimônias tradicionais não podem nem ser desprezadas nem ser consideradas perniciosas, mas devem ser observadas estritamente.

6 — Há na Igreja, em virtude da ordenação divina, uma hierarquia constituída pelos bispos, padres e ministros inferiores.

Na hierarquia, os bispos são superiores aos padres e têm o poder de confirmar e ordenar. O consentimento do poder civil ou do povo não é requerido para a validade da ordenação. Toda ordenação feita fora da autoridade eclesial e canônica não tem valor.

## MATRIMÔNIO

Restava finalmente o sacramento do Matrimônio. No dia 11 de novembro de 1563, a assembléia promulgou, na sua XXIV sessão, os seguintes decretos: 1 — Este sacramento é verdadeiramente e no sentido próprio um dos sete sacramentos instituídos por Nosso Senhor Jesus Cristo e não uma invenção humana da Igreja.

A lei divina proíbe aos cristãos ter de uma vez várias esposas;

2 — Cabe à Igreja estabelecer a lista de impedimentos dirimentes ou proibitivos;

3 — O laço matrimonial não é desfeito pela heresia, nem por uma coabitação desagradável, nem por uma ausência sistemática;

4 — Ao contrário, o matrimônio efetivo, mas não consumado, é desfeito pela profissão solene religiosa-dos dois cônjuges;

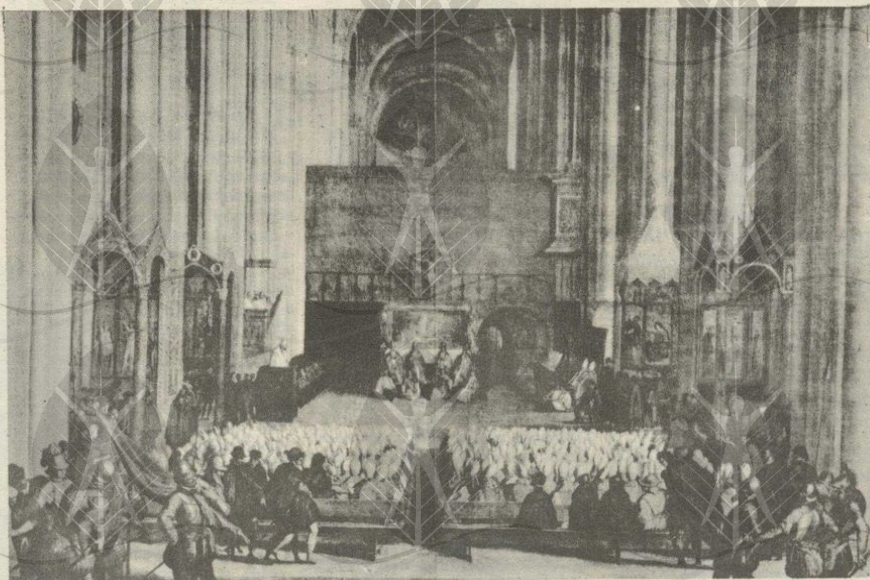
5 — É heresia sustentar que a Igreja não ensina o que o que o adultério não anula o casamento, que nem o cônjuge inocente pode casar-se enquanto o outro viver, e que tal casamento é considerado adultério. Heresia semelhante é afirmar que a Igreja está errada quando decreta a separação de corpos em alguns casos;

6 — Nem os clérigos nas Ordens sacras, nem os religiosos de votos solenes podem contrair casamento, mesmo que não se sintam feitos para observar o voto de castidade que eles emitiram, porque Deus não recusa este dom a quem lhe pedem convenientemente e não admira que eles sejam tentados além de suas forças.

7 — O estado conjugal não pode ser colocado acima do estado de virgindade ou de celibato, mas, ao contrário, é melhor e mais feliz ficar na virgindade e no celibato que entrar no estado de casamento.

8 — Não é supersticiosa pagá ou tirânica proibir a solenidade do casamento em certa época do ano;

9 — As causas matrimoniais são de competência exclusiva dos juizes eclesialísticos.



Aqui desta sala, a Igreja Católica saiu mais forte e a religião mais pura

petição simbólica de seu sacrifício; Apesar do nome de Eucaristia que prevaleceu para designar este sacrifício, a missa não é apenas uma oferta de ação-de-graças. Ela é um sacrifício propiciador, que reproduz o sacrifício da cruz. E o mesmo sacerdote (ou pontífice), a mesma vítima, é portanto a mesma vítima;

3 — Quando na missa é pedida a intervenção de um santo, é heresia dizer que se comete uma «impostura», pois não é ao santo que o sacrifício é oferecido. Já mais a Igreja diz: «Nós oferecemos este sacrifício a vós, Pedro, ou a vós, Paulo». Mas o sacrifício é oferecido a Deus;

4 — O Concílio repele formalmente, e sob pena de anátema, as críticas dos hereges contra o Cânon da missa, que ele declara «puro de todo erro»;

5 — Ele mantém a perfeita legitimidade e utilidade das cerimônias tradicionais da missa, fórmulas, luminare, incenso, paramentos sacerdotais, para fomentar psicologicamente, a piedade dos fiéis;

6 — Embora seja desejável que os cristãos participem de cada sacrifício pela santa comunhão, o Concílio aprova e confirma o uso de celebrar missa, mesmo no caso em que só o padre comunga. «Se alguém pretende que as missas, nas quais só o padre comunga, são ilícitas, seja anátema»;

7 — O concílio confirma, finalmente, o emprego da língua latina, o uso de recitar o Cânon

recepção da graça no sacramento da penitência.

5 — A confissão das faltas graves, mesmo sob forma auricular e secreta, que é praticada na Igreja, é necessário de direito divino e não pode ser chamada de invenção humana.

6 — De direito divino igualmente, esta confissão deve compreender todos os pecados graves de que o penitente se lembra após um exame de consciência diligente, com todas as circunstâncias que poderão mudar a espécie do pecado. A confissão dos pecados, mesmo os mais secretos, não é portanto facultativa. A Igreja a tornou obrigatória pelo menos uma vez por ano. A confissão dos pecados veniais é, por outro lado, inteiramente lícita.

7 — A absolvição do padre não é somente uma declaração de que os pecados são remidos. Ela é um ato judicial, que só o padre tem o poder de cumprir, poder que ele não perde jamais, mesmo que caia em pecado mortal.

8 — Os bispos têm o direito de chamar a si a absolvição de alguns pecados mais graves e, nesses casos, os padres não podem absolver, exceto em caso de morte.

9 — A absolvição deixa uma pena temporal a cargo do penitente. É por esta pena temporal que ele deve uma satisfação e cujas formas são: o jejum, a prece, a esmola e as outras obras de piedade.

10 — É heresia negar que o poder das chaves comporte, além do poder de absolver, o de











## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA